



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**MULHERES CATADORAS FOTOGRAFANDO O MUNDO-VIDA,
REVELANDO PROCESSOS EDUCATIVOS.**

Conrado Marques da Silva de Checchi

São Carlos – SP
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**MULHERES CATADORAS FOTOGRAFANDO O MUNDO-VIDA,
REVELANDO PROCESSOS EDUCATIVOS.**

Conrado Marques da Silva de Checchi

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos – SP
2018

Marques da Silva de Checchi, Conrado

Mulheres catadoras fotografando o mundo-vida,
revelando processos educativos / Conrado Marques da
Silva de Checchi. -- 2018.

344 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Luiz Gonçalves Junior

Banca examinadora: Ilza Zenker Leme Joly, Paulo
César Antonini de Souza

Bibliografia

1. Processos educativos. 2. Fotografia. 3. Mulheres
catadoras. I. Orientador. II. Universidade Federal de São
Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de
Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Conrado Marques da Silva de Checchi, realizada em 23/02/2018:

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar

Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly
UFSCar

Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza
UFMS

*Dedico este trabalho às mulheres
catadoras de recicláveis da cooperativa
Acácia de Araraquara.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade em poder compartilhar com o grupo de mulheres Catadoras. Estar com vocês foi para mim muito significativo, um tempo de aprender sobre mim, olhar e rever por diferentes vistas. Meu profundo respeito à luta e perseverança que vocês realizam no dia a dia e que acabam por pintar um mundo com mais cores, vivido de sonhos.

Agradeço à minha família, minha mãe Inês, irmã Vitória e irmão Anselmo, tio Júlio e tia Assunta que sempre auxiliando nos diferentes rumos do trilho da vida, me ensinam os valores da atenção e generosidade. Agradeço especialmente à minha mãe Inês que com tanto carinho me incentivou desde pequeno a ver a graça do amor, dos significados simples e que desenham o traçado de uma vida toda.

Agradeço à Natália pelo companheirismo e força sempre presente compartilhando de todo o processo de construção desta dissertação e ajudando a olhar além, para a graça da partilha.

Ao meu orientador “Vin Diesel”, Luiz Gonçalves Junior, agradeço pela força e estima que me fizeram nestes tempos ultrapassar ideias velhas, de hierarquização sem sentido e que acabam por deixar a vida sem a beleza da autenticidade, muito obrigado amigo, orientador e parça.

Agradeço à professora Waldenez de Oliveira que pode contribuir com a qualificação desta dissertação e agradeço também à professora Ilza Zenker Leme Joly que com muita solicitude aceitou compor minha banca de defesa, obrigado pela oportunidade.

Ao professor e amigo Paulo Antonini de Souza pelo incentivo e auxílio nos diferentes momentos da composição deste trabalho, ajudando no sonho de pesquisar vendo na arte um potencial libertador.

Agradeço aos amigos/as de muitos anos e que compõem em diferentes momentos minha trajetória: Fábio, Gustavo, Leonardo, Thiago, Jonathan, Renato Almeida, Nelson Viga, Beto e Ruan.

Aos/às irmãos/ãs do PEDAL, Edson, Sueli, Denise, Ernesto, Milena, Lívia, Spina, Claudinha, Murilo, Gabi, Gorpo, Déia e Silmara, que tanto me ensinam o que é o cuidado.

Aos companheiros/as do Núcleo de Estudos em Fenomenologia e Educação Física, o NEFEF, que nestes anos todos me acolheram de maneira muito significativa, me auxiliando e ajudando a construir as ideias.

À minha segunda família em Araraquara, Hernane, Helida, Lucinéia, Edson, Douglas, Anderson, Glauce, Wilma, Waldecir, Dani e Levy, que sempre presentes, me ensinam a satisfação dos vínculos.

Gratidão à Vida. Àquele que tudo criou e soprou em mim o fôlego. Obrigado pelo carinho em me presentear com tantos irmãos e irmãs e concretizar esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa buscou identificar, descrever e compreender quais processos educativos emergem da fotografia como linguagem que possibilita a comunicação e leitura crítica do mundo-vida de onze mulheres catadoras de materiais recicláveis, que participam da cooperativa Acácia, do município de Araraquara. Tendo como partida a convivência metodológica nas atividades realizadas pelo grupo durante a catação porta a porta de residências foi realizada a intervenção de distribuir câmeras fotográficas digitais para que levassem onde quisessem e fossem criadas fotografias com o seguinte questionamento: O que é isto, coleta seletiva solidária para você? A partir das fotografias foram realizadas entrevistas individuais e três rodas de conversa sobre os retratos criados por cada participante, buscando desvelar processos educativos que emergem do diálogo de cada catadora sobre suas fotografias e em seguida como grupo de catadoras. A metodologia utilizada para esta pesquisa qualitativa foi pautada em método fenomenológico com enfoque no fenômeno situado. A análise dos dados desvelou diferentes processos educativos que permeiam a prática da coleta seletiva realizada pelas mulheres, os quais apresentam os sentidos cultivados no interior da prática social e que estão presentes na vida das diferentes catadoras, anunciando, com isto, as densas tramas em que estão inseridas e que revelam olhares transformadores, de superação de obstáculos e adversidades presentes na cadeia da reciclagem e que recaem principalmente nas catadoras. A apreensão dos significados elaborados por catadoras através do ato fotográfico, envolve compreendê-las em exterioridade ao sistema hegemônico, posicionando-se junto com elas para que a percepção da imagem não se limite à sua superfície, requerendo, assim, outra epistemologia, pautada na alteridade e no reconhecimento das lutas de libertação frente à modernidade ocidental. Como janelas, as imagens procuram iluminar a visão, provocando reflexões sobre os tempos vividos e abrindo brechas nas representações que a cidade imprime à vida das mulheres catadoras. Através desta intervenção procuramos auxiliar este grupo na constante prática de construção coletiva que realizam tendo na autogestão e solidariedade, os princípios de sua organização.

Palavras Chaves: Processos Educativos. Fotografia. Mulheres Catadoras.

ABSTRACT

This research sought to identify, describe and understand which educative processes emerge from photography as a language that enables the communication and critical reading of the lifeworld of eleven women waste pickers, who participate in the Acácia Cooperative, in Araraquara city. Taking as a starting point the methodological coexistence in the activities carried out by the group during the door-to-door allocation of residences, an intervention was made to distribute digital cameras to take wherever they wanted and to create photographs with the following question: What is it for you, pick waste solidary? From the photographs were conducted individual interviews and three dialogue circle about the photographs created by each participant, seeking to reveal educational processes that emerge from the dialogue of each collector about his photographs, and then with they all like a group of womans waste pickers. The methodology used for this qualitative research was based on a phenomenological method focusing on the situated phenomenon. The analysis of the data revealed different educative processes that permeate the practice of picking recyclable waste materials, which present the senses cultivated within the social practice and that are present in the life of the different womans waste pickers, announcing, with this, the dense plots in which are inserted and that reveal transforming looks, of overcoming obstacles and adversities present in the chain of recycling and that fall mainly on the womens recyclable pickers. The comprehension of the meanings elaborated by collectors through the photographic act, involves understanding them in exteriority to the hegemonic system, positioning with them, so that the perception of the image is not limited to its surface, thus requiring another epistemology, based on the otherness and the recognition of liberation struggles in the face of Western modernity. Like windows, the images seeks to illuminate the vision, provoking reflections on the lived times and opening a gap in the representations that the city gives to the lives of these womens. Through this intervention we seek to help the group of women pickers in the constant practice of collective construction that they carry out in the self-management and solidarity, the principles of their organization.

Key-words: Educative processes. Photograph. Women waste pickers.

Lista de Quadros

Quadro 1: Perfil das Catadoras.....	89
Quadro 2: Matriz Nomotética - Entrevistas.....	95
Quadro 3: Matriz Nomotética - Rodas de Conversa.....	96

Lista de Figuras

Figura 1: Divisão dos setores da coleta seletiva na cidade de Araraquara.....	30
Figura 2: Representação da correlação Noesis – Noema – Noesis.....	74

Lista de Tabelas

Tabela 1: Conquistas do Movimento Nacional dos Catadores/as de Recicláveis.....	58
Tabela 2: Obstáculos e soluções à inclusão social de catadores/as nos sistemas de gestão dos resíduos sólidos.....	68

Lista de Gráfico

Gráfico 1 -Distribuição regional dos empreendimentos de economia solidária no setor de reciclagem (em %).....	p.64
--	-------------

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS .33	
1.1. Práticas sociais	33
1.2. Processos educativos.....	42
CAPÍTULO II – O CONTEXTO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS	48
2.1. Desenvolvimento e consumo	48
2.2. Direitos da Natureza	54
2.3. Lixo ou resíduo?	59
CAPÍTULO III – O CONTEXTO DA CATAÇÃO	66
3.1. A coleta seletiva e as/os Catadoras/es.....	66
3.2. Os/as Catadores/as e a Economia Solidária.....	76
3.3. A cadeia da reciclagem e as cooperativas de Catadores/as.....	79
3.4. Cooperativa Acácia.....	87
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	91
4.1. O mundo vida como tema	91
4.2. Criação e diálogo sobre fotografias	96
4.2.1. Observações sobre a criatividade e a ideologia na fotografia	102
CAPÍTULO V – PERCURSO METODOLÓGICO	108
5.1. Procedimentos de Intervenção	108
5.2. Procedimentos de Coleta de Dados.....	113
5.3. Procedimento de Análise de Dados	116
CAPÍTULO VI - CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS	120
6.1. Categoria A - Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe.	120
6.2. Categoria B - A coleta seletiva solidária ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa.....	137
6.3. Categoria C - Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta.....	156
CONSIDERAÇÕES	176
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICES	194
A. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	194
B. Transcrição das entrevistas	198
Entrevista I Nádila - 29 de março de 2017.....	198
Entrevista II Cíntia – 29de março de 2017.....	199

Entrevista III Aurora – 29 de março de 2017.....	200
Entrevista IV Samantha Gerra – 03 de abril de 2017.....	201
Entrevista V Paulina - 10 de Abril de 2017	208
Entrevista VI Raquel – 17 de abril de 2017	212
Entrevista VII Laila – 26 de abril de 2017	215
Entrevista VIII Jasmim – 09 de maio de 2017	224
Entrevista IX Laís - 15 de maio de 2017.....	228
Entrevista X Margarida – 15 de maio de 2017.....	230
Entrevista XI Raissa - 24 de maio de 2017	234
C. Transcrição das rodas de conversa.....	237
Roda de Conversa I - 27/03/2017.....	237
Roda de Conversa II - 26/04/2017	247
Roda de Conversa III – 17-05-2017	248
D. Análise ideográfica - Entrevistas	254
Entrevista Nádila – Análise Ideográfica.....	254
Entrevista Cíntia – Análise Ideográfica	255
Entrevista Aurora – Análise Ideográfica.....	257
Entrevista Samantha Guerra – Análise ideográfica.....	260
Entrevista Paulina – Análise Ideográfica	273
Entrevista Raquel – Análise Ideográfica.....	279
Entrevista Laila – Análise Ideográfica	285
Entrevista Jasmim - Análise Ideográfica.....	295
Entrevista Laís – Análise Ideográfica	303
Entrevista Margarida - Análise Ideográfica	305
Entrevista Raissa – Análise Ideográfica.....	313
E. Análise ideográfica - Rodas de Conversa.....	322
Roda de Conversa I – Análise ideográfica.....	322
Roda de Conversa II - Análise Ideográfica	334
Roda de Conversa III – Análise Ideográfica	336
 ANEXO I - Parecer consubstanciado do CEP.....	 343
 ANEXO II – Exposições fotográficas	 347

APRESENTAÇÃO

*Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar.
Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.*
(FREIRE, 2005, p.95)

Para apresentar as motivações que me levaram a composição desta dissertação, apresento brevemente os caminhos até esta temática de pesquisa, realizada junto com mulheres catadoras organizadas em cooperativa de coleta seletiva.

Sou formado no curso de licenciatura em Educação Artística/ Habilitação em Artes plásticas, pela Faculdade de Artes Arquitetura e Comunicação da UNESP, campus de Bauru, curso que atualmente é conhecido por Artes Visuais licenciatura, e através de minha atuação na educação formal e não formal, pude refletir como professor acerca das questões que permeiam o ato educativo, tanto em ambientes de educação formal em escolas, através da disciplina de arte junto com crianças, adolescentes, jovens e adultos, quanto nos diferentes espaços-tempos experimentados na cidade e no campo, lugares em que se dão processos educativos, onde pessoas e grupos se encontram constituindo práticas sociais¹.

Por esta motivação, vim a compreender que a Educação se dá na constante ação e reflexão das pessoas sobre o mundo que, ao agirem em intencionalidade, acabam por superar obstáculos e passam não apenas a conhecer ou saber mais acerca de determinado assuntos, mas criam a oportunidade de serem mais esperançosos com o contexto da própria existência, humildes por saberem que o conhecimento é um processo constante e atrelado a muitos não saberes, já que quem sabe, não sabe tudo. A partir desta concepção, pude enxergar que mulheres e homens estão sendo no mundo em um processo contínuo de criação histórica, e que ao estarem em intersubjetividade tornam possível a construção de diferentes realidades para autonomia e valoração de suas próprias dinâmicas de vida.

Nesta construção histórica, que faz da construção do conhecimento uma atividade fundada na coerência do diálogo entre aqueles/as que convivem, atrelada aos sentidos e significados elaborados no dia a dia, a aprendizagem solicita que a palavra seja amparada na verdade e, com isto, não se distinga ou distancie das ações práticas vivenciadas. Para tanto, encontrei nas declarações de Freire (2005) amparo quando descreve que a “[...] esperança está na própria essência da imperfeição dos homens [e mulheres]”², levando-os a uma eterna busca.

¹ Práticas sociais segundo Oliveira et al. (2014), “decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem” (p. 33).

² Ao longo desta dissertação, por meu posicionamento político, procurei adicionar o gênero feminino nas citações quando utilizados, pelos/as autores/as, apenas o substantivo “homem”.

Uma tal busca, como já vimos, não se faz no isolamento, mas na comunicação” (FREIRE, 2005, p.95).

Com isto, na esteira destas experiências e reflexões com a Educação, me vieram ainda outras questões como: Por que Educação se reduziria somente à escola ou a ambientes institucionalizados/formalizados? Qual projeto de mundo foi capaz de tolher toda sua amplitude e potencialidade para (trans)formação cultural, de modo a ganhar destaque a dimensão instrumental e tarefa do ato educativo? Em minha trajetória/experiência pessoal, percebi que ao entregar sua dinâmica e agenda desde uma ótica instrumental/mercadológica encerrada no consumo e reprodução de conceitos, a intencionalidade pedagógica pode cair no embuste da ideologização da educação, condicionando os pensamentos não para a produção de si, em meio a diálogos frutíferos em co-responsabilidade com outrem e com o mundo, mas como estratégia de dominação do povo para manutenção dos interesses das elites mundiais.

Almejando a construção de contextos em que a educação se relacionasse com o fortalecimento de propostas combativas ao atual sistema econômico competitivo, e que pudessem evidenciar outras bases de um viver mais colaborativo e solidário, conheci outras organizações econômicas, e me achei à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), gerida pelo Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol). Dentre os objetivos da incubadora está a busca pela constituição de empreendimentos e iniciativas econômicas coletivas autogestionárias, em conformidade com os princípios e diretrizes da Economia Solidária.

Durante os anos de 2013-2014, compus a equipe do NuMI-EcoSol por meio da atuação como coordenador técnico em assuntos de consultoria em Economia Solidária, período que vivenciei uma intensa troca de saberes, me engajando junto a um grupo de pessoas que compartilhavam o desejo e a luta por um projeto político de transformação da realidade, buscando a construção de alternativas frente à massificação que a ordem econômica apregoa. Junto com estes amigos/os que assessoravam os empreendimentos solidários para geração de renda, sobrevinha-nos o pulsar constante da necessidade do engajamento político na forma de diálogo junto com os grupos populares para construção de trabalho em autogestão em seus territórios, desde uma perspectiva de colaboração e solidariedade entre os/as participantes e destes/as com outrem.

A partir dessas reflexões e buscando aliar minha prática docente junto às localidades das escolas que atuei, tematizei a questão do cuidado ao meio ambiente, procurando romper, em meu trabalho docente, com a prática centrada apenas em teorias, mas que, partindo do

conhecimento de mundo dos estudantes, pudéssemos ir além do olhar único, centrado no consumo de teorias e na aquisição de informações, mostrando iniciativas pautadas em maneiras diferenciadas de produzir e que tenham nos vínculos e na cooperação a finalidade de um processo de aprendizagem.

Com isto, procurei conhecer os contextos dos estudantes com quais convivi aprendendo e ensinando, e por ter passado por diferentes escolas públicas municipais e estaduais de áreas periféricas da cidade de Araraquara/SP, pude notar que muitos pais e mães retiravam o sustento financeiro da prática da “catação”³ de materiais recicláveis nas ruas e, até mesmo, de forma cooperativa. Durante diálogo com uma mãe de estudante e catadora cooperada, perguntei sobre seu trabalho e disse que gostaria de aprender mais sobre a prática que realizavam, por saber que a Economia Solidária se constitui como estratégia de inclusão social e econômica de catadores e catadoras de materiais reutilizáveis e recicláveis, me aproximei do grupo que ela participava e conheci ainda outras mães de estudantes para os quais lecionava.

Junto com o grupo, inúmeras reflexões e questionamentos me vieram, pois vi muitas mulheres realizando um trabalho em dinâmica coletiva e compartilhando de suas vidas, seus enfrentamentos diários como mães predominantemente solteiras com diferentes idades, algumas no início da juventude e outras já idosas. Momentos em que minha concepção acerca da educação tomava formato distinto daquele que eu possuía até então, pois passei a relacioná-la com a existência. Compreensão que encontrou eco e respaldo em Fiori (1991), mostrando que não há condições definitivas à vida humana e que a educação é intrínseca ao processo criativo da cultura no qual se dialetizam e formam nós em redes que se entrecruzam. Virtude das relações dos seres humanos com o mundo que possibilitam a construção das bases materiais da existência e que inviabilizam qualquer pragmatismo ou determinismos históricos, já que o “[...] perfeito acabamento parece exceder as possibilidades da história” (FIORI, 1991, p.87), pois vai além das circunstâncias para abarcar os planos e sonhos, onde o imediato toca o próprio futuro.

Com isto, cada vez mais relacionada com a vida, a educação se estendeu como um trajeto a ser percorrido no *con-viver* e no *estar com*⁴ outrem, que durante o decorrer de minhas

³ A catação é realizada por pessoas e grupos que encontram nos materiais recicláveis descartados fonte de remuneração e manutenção da vida, ela pode ocorrer de diferentes modos: catando autonomamente nas ruas e casas, solidariamente, ao fazer parte de uma cooperativa de coleta seletiva, ou com vínculos formais, prestando serviços a terceiros.

⁴Parto do entendimento compartilhado com a linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, de que “eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um[e cada uma], ao fazê-lo, contribui para a construção de “um” nós em que todos estão implicados” (SILVA et al., 2014, p.29).

atividades como educando-educador, fizeram pulsar em mim maiores inquietações acerca da necessária dialogicidade nos diferentes espaços de convivência e luta para transformação da realidade. Almejando reconhecer a escola como participante dos contextos em que está, se tornando dia após dia um ambiente criativo por dinamizar o conhecimento a partir da reflexão sobre suas próprias práticas educativas em um movimento de “práxis”, como “reflexão e ação dos homens [e mulheres] sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p.42), e assim ansiar o encontro possível da educação com a premissa de que estamos *sendo-com-os-outros-ao-mundo* (RODRIGUES; GONÇALVES JUNIOR, 2009, p.998). Movimento contínuo de convivência em que a leitura da realidade propicia não só a emersão de denúncias sobre as desigualdades que podemos estar imersos, mas também o anúncio de horizontes de justiça sociais, e nisto, condições de forjar “espaços de sobrevivência, resistência, espaços de educação, de construção coletiva ou individual de conhecimentos e projetos” (OLIVEIRA, 2009, p.2).

INTRODUÇÃO

A grande dor do homem [e da mulher], que começa desde a infância e vai até a morte, é que olhar e comer são duas operações diferentes. A beatitude eterna é um estado no qual olhar é comer (WEIL, 1996, p. 448).

Na atualidade a questão da vida em sociedade e sua relação com a natureza é pauta frequente de diálogos, nada tão comum como ouvir falar em noticiários impressos ou telejornais, informações sobre diferentes degradações como a poluição do ar, dos rios, do desmatamento, dos alimentos com aditivos agrícolas, enchentes, e etc., anúncios que buscando compreender os problemas enfrentados, acabam não indo além do que reportagens jornalísticas e quando muito, se tornam matéria de destaque, com diferentes índices que denunciam a progressiva deterioração que o planeta terra tem enfrentado, sugerindo um aviso alarmante sobre os rumos a que estamos sujeitos. O alarde sobre os impactos ambientais tem gerado a constatação de uma crise que beirando o espetáculo, torna superficial sua caracterização, promovendo muito mais consensos do que mobilizações a respeito de atitudes necessárias para transformação das expectativas de um desastre ecológico. Nesta inércia a mudança deste cenário se mantém distanciada, e ignora-se a pergunta/proposta sobre qual sociedade queremos para superação de tais problemas (CARVALHO, 2007).

Na esfera desta discussão, indo mais afundo da temática ambiental, refletir sobre a concepção de natureza que permeia os discursos sobre o meio ambiente torna-se relevante para transformação de entendimentos que a minimizam, pois, sendo compreendida a partir de uma racionalidade teórica e instrumental tende a se tornar distante e sem vinculações ao presente. Tida apenas como algo a ser dominada e dissecada, no tocante à lógica ocidental do pensamento moderno e em conformidade ao que Bacon (2003) indica, que “[...] a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece” (p. 7), tornamo-nos suscetíveis a conceber que o plano do conhecimento excede o da natureza, traduzindo esta relação em uma forma de dominação onde ciência e poder coincidem. Posicionamento que, distante de uma integralidade do viver com o mundo que se habita, exclui toda a complexidade ambiental na qual todos/as estamos envolvidos/as. Não impressiona que nesta abordagem a natureza seja vista apenas em aspectos descritivos e classificatórios, ignorando-se a inteireza dos processos e fenômenos naturais.

Este enorme distanciamento da natureza, tem (des) organizado o viver à finalidade de um padrão hegemônico de compreensão científicista de todas as coisas, destituindo o Ser de outras dimensões, como da constituição da própria cultura, de modo que quando rompe seu compromisso com a vida, se aliena, “[...] e não se aliena só, separadamente, para depois,

alienar a cultura toda. Sua separação já é reflexo mistificado e mistificador da alienação cultural, como processo total de desumanização do mundo” (FIORI, 1991, p.77).

Ao destituir o ser humano do ato de conhecer, sua constituição plena é reduzida e desviada da reflexividade e da atenção à criticidade, tomando sobre si o não comprometimento. Ao reduzir o sujeito a mero objeto nos diferentes planos estruturais, econômicos ou outros, e pela radicalidade com que é atravessado pela desvalorização, é desumanizado. Neste sentido, a libertação da alienação cultural, não se encontra diretamente nas superestruturas científicas, artísticas, ideológicas e religiosas, mas na dimensão axiológica de todas as atividades, ou seja, expressam as raízes da participação de homens e mulheres na constituição dos valores que sustentam um viver em cooperação e solidariedade, fundado no constante cultivo de suas próprias histórias em respeito à diversidade, às individualidades, e à fonte essencial de todo viver, a natureza (FIORI, 1991; FREIRE, 2005; DUSSEL, 2003, ACOSTA, 2016).

Neste panorama, o desenvolvimento da maneira como estabelecido pelo capitalismo globalizado, é promotor de diferentes mazelas sobre o planeta terra, dentre as quais podemos destacar as provenientes da emissão de dióxido de carbono (CO₂) decorrente da queima de combustíveis fósseis como o petróleo, principal fonte energética utilizada por países denominados desenvolvidos, como Estados Unidos, Japão, Alemanha e Canadá, bem como, aqueles denominados em desenvolvimento, como China, Índia, Rússia e Brasil (BRASIL, 2015).

O CO₂, apesar de compor a atmosfera junto com outros gases, conforme sua intensificação torna-se responsável pelo efeito estufa, um aquecimento gerador de mudanças climáticas globais que se agravou com o aumento da industrialização (PINGUELLI, 2005). Esta corrida pelo crescimento econômico é amparada pelo paradigma do desenvolvimento da modernidade ocidental, que cria um imenso fosso social entre países ricos e pobres (SANTOS, 2010a; QUIJANO, 2010; DUSSEL, 2003). O agravamento da emissão de poluentes resulta, principalmente, do alto nível de industrialização e da utilização de transportes movidos por derivados do petróleo, o que tem configurado problemas ambientais novos, que o ser humano ainda não sabe lidar ou compreender, tais como:

[...] efeito estufa, degelo das camadas polares, aquecimento global, desertificação, chuvas ácidas, devastação das matas, contaminação da água das costas e mares, erosão do solo, destruição da camada de ozônio, perda da diversidade agrícola (MAGERA, 2003, p. 80).

Deste diagnóstico, pode-se ressaltar a lógica imposta pelo capitalismo de um desenvolvimento constante a qualquer custo, ainda que o preço implique na destruição do planeta. O impacto sobre as cidades decorrente do acelerado processo de industrialização tem desencadeado, desde a segunda metade do século XX, intensa migração do campo para as cidades, resultando em ampla padronização do consumo “[...] que afeta a produção camponesa local e mina significativamente a diversidade e a variabilidade do que se come e se bebe” (IBÁÑES, 2016, p. 327). A constante inovação dos produtos tem provocado a devastação de diferentes biomas do planeta, fazendo jus a um extrativismo⁵ assolador, que sob o prisma da ótica racionalista do avanço tecnológico, cria novas necessidades humanas cada vez mais descartáveis.

Decorrente o crescimento das cidades, a noção de progresso tem criado uma conjuntura de compra e venda sobre as mais diferentes instâncias do viver que vão desde a saúde à educação, de modo que a ideologia de “Consumir mais, para ter mais e ostentar mais, (LOGAREZZI, 2007, p. 126), tem feito da palavra ostentação um próprio jargão. Neste enredo, com a explosão urbana associada à aceleração dos processos de consumo, as cidades têm concentrado suas atenções nas consumidoras e consumidores, deixando a categoria cidadã de lado para centrar-se em modos de vida relacionados ao descartável e efêmero. A noção de comunicação acaba por se deslocar da ideia de espaço e adquire outras prerrogativas, tendenciosas aos fluxos de informações, que propiciam apenas o consumo sem reflexão, e sugerem com isto uma concepção fugaz e transitória do tempo. Não é de se espantar que os veículos automotores, principalmente os carros, por propiciarem a aceleração do deslocamento, concentrem neles a atenção das últimas inovações tecnológicas, excluindo das ruas a noção de ambiente próprio aos encontros, lugares de comunicação e compartilhamento, de convivência pública (IBÁÑES, 2016, LOGAREZZI, 2007).

Conforme há o aumento da necessidade do consumo decorrente da constante evolução dos recursos tecnológicos no mercado, os cenários urbanos têm se modificado e cada vez mais resíduos têm sido jogados na biosfera e se diversificado. Como exemplo, vale considerar a quantidade de rejeitos e desperdício de bens naturais utilizados na produção de 1 quilo de plástico PET⁶, que requer 17,5 kg de água e resulta em emissões atmosféricas de 40 gramas e hidrocarbonos, 25 gramas de óxidos sulfúricos, 18 gramas de monóxido de carbono, 20

⁵ O extrativismo segundo Gudynas (2016), é referente às atividades de remoção de recursos naturais em grande volume, que em sua maioria são exportados sem processamento, “Apesar das restrições e dos alertas, os países sul-americanos seguem aprofundando um estilo de desenvolvimento baseado em uma intensa apropriação de recursos naturais, para posteriormente derramá-los nos mercados globais (p. 175).

⁶ A resina PET, de nomenclatura Polietileno Tereftalato, é encontrada na fabricação de “garrafas de refrigerante, água, óleos comestíveis, isotônicos, etc” (ZANIN; MANCINI, 2004, p.29).

gramas de óxido de nitrogênio e 2,3 kg de dióxido de carbono. Só em termos de uso de água, a quantidade gasta na fabricação das garrafas é muitas vezes maior do que a quantidade a ser engarrafada (HALWEIL; NIEREMBERG, 2004), o que tem gerado mudanças bruscas nos tratamentos com os resíduos, tendo em vista que o plástico é um material que até cinco décadas atrás não era amplamente utilizado e comercializado como atualmente tem sido.

Neste cenário, temos já a previsão de um grande impacto⁷ sobre o planeta caso não seja reduzido o consumo e dado o descarte correto aos resíduos, visto que a negligência a tais fatores poderão incidir negativamente sobre a existência humana e a biodiversidade da terra. A geração de resíduos provenientes das atividades humanas no mundo atual é uma questão atrelada a diferentes desafios, por detrás desta condição destrutiva ao meio ambiente podemos ressaltar os esforços do desenvolvimento tecnológico em sustentar uma perspectiva fundada no anseio por um futuro não imaginado, mas ideologicamente representado pela figura de diferentes países que desde o colonialismo imprimem no mundo sua superioridade econômica, jurídica, política e epistemológica (SANTOS, 2011).

Este movimento de dominação e exploração que podemos categorizar como um padrão a ser ansiado, é amparado na colonialidade do poder, do ser e do saber (QUIJANO, 2010), por expressarem a expectativa da concretização da modernidade ocidental sobre todo o planeta terra, tendo através da expansão do capitalismo a Europa como centro de um único sistema-mundo (GROSFOGUEL, 2010). Dentre as estratégias para concretização desta perspectiva única, está o neoliberalismo, onde a premissa da busca pelo desenvolvimento dá lugar às pretenciosas forças do mercado, que tem reduzido o estado ao mínimo para manutenção e sustento de seu progresso, reproduzindo assim “[...] uma visão rejuvenescida das velhas perspectivas hegemônicas do Norte global” (ACOSTA, 2016, p.63). Nesta esteira, a ilusão de melhorias tem resultado na espoliação pela pobreza e destruição de pessoas, povos, culturas e tradições, principalmente dos mais despojados: indígenas, negros e as mulheres destes, que pelo entrelaçamento dos fatores são duplamente oprimidas (LUGONES, 2008; SAFFIOTI, 2011).

A marginalidade que os poderosos procuram incutir, reprimindo toda e qualquer mudança social, tem criado uma situação de expropriação da dignidade do viver, fazendo da terra hostil aos seres humanos, que, por perderem as condições de significá-la, tornam-se estranhos ao próprio ambiente vivido. Este alheamento sobre a terra decorrente do mundo

⁷ Segundo Ripka (2018), 87 mil toneladas de lixo flutuam o pacífico, e devido as correntezas marítimas, formam uma área de aproximadamente três vezes o tamanho do estado da Bahia, estes resíduos ao se desintegrarem em partículas minúsculas, por serem em grande parte plásticos, podem vir a ser comidos por peixes e até mesmo ingressar em nossa cadeia alimentar.

invertido imposto pelo colonizador europeu (GALEANO, 2010; GUTIÉRREZ, 1987), atribuiu aos diferentes países a categorização em centro e periferia (DUSSEL, 2016), títulos distribuídos para colocar à margem todos os que não são reconhecidos como desenvolvidos pelas nações do centro da totalidade dominante, as quais, sendo invisibilizadas, tem tido suas experiências desperdiçadas ao não serem reconhecidas e negadas (SANTOS, 2004).

A colonialidade, como padrão de poder estabelecido no período colonial e perpetuado aos dias de hoje, sobrevém sobre as sociedades com o desprezo pelas condições do presente, por propagar a linearidade do tempo a partir da percepção histórica dos dominadores. Esta percepção torna inoportuno o futuro almejado de diferentes grupos, anulando as diferentes epistemologias pela discriminação por conceber o saber científico como o único viés mediador da realidade, já que a “[...] negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar como universal” (SANTOS, 2010a, p. 39).

Aos povos submetidos a este patamar de sub-desenvolvimento cabe a aquisição de todos os programas próprios à sua ascensão, dentre as estratégias está a submissão às grandes corporações transnacionais, criadoras mundiais de concentração de riqueza pela monopolização e aplicação do capital através de potências industriais. Tática que envolve como um engodo os acordos de uma pretensa economia de bem-estar mundial, mas que na prática, exerce a dominação de grande maioria da população, a qual não tem partilhado das benesses e sido acometida com o desemprego e subemprego, tendo sua força de trabalho vulnerabilizada pela conjuntura organizada pela pretendida tecnologia, propulsora de um sonhado progresso que vem extinguindo cada vez mais cargos de trabalho, e tornado os ambientes fabris um terreno árido de mão humana (BAUMAN, 2010; SANTOS 2010a).

Nestas circunstâncias, podemos nos deparar com mulheres e homens que, impactados pela falta de recursos dos mais variados tem lutado pela superação de diferentes obstáculos que acompanham a modernidade ocidental, e minimizam a graça do viver, como o escasso acesso ao universo do mundo do trabalho e os benefícios de uma renda, como a alimentação e até mesmo de um teto. Dentre os grupos, que tornam desnudos os princípios que regem esta lógica destrutiva e globalizante, podemos encontrar aqueles e aquelas que retiram do resíduo e sua revenda, o ganho para o suprimento das necessidades mais intrínsecas, como a fome.

A estas pessoas catadoras, ficou relegado a carga da sociedade de consumo, cabendo a elas/es a atividade bruta do processo produtivo da reciclagem, que é a reinserção do material em seu ciclo produtivo junto às indústrias, estando vinculados a todos os riscos que este labor

envolve, como a contração de doenças, exposição a gases, materiais tóxicos e cortantes, bem como o carregamento de peso em excesso (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Perante toda exposição a que enfrentam, catadoras/es têm expresso a vulnerabilidade que o capitalismo imprime nos contextos, por terem sua mão de obra explorada e inteiramente vinculada à geração de lucro para as indústrias que se utilizam deste material, estruturando uma nefasta cadeia da reciclagem (BOSI, 2010).

Atualmente, muitos destes grupos têm se organizado e constituído associações e cooperativas de catadores e catadoras de materiais recicláveis, contando com a colaboração da população na separação e entrega dos materiais recicláveis de suas residenciais, e até mesmo indústrias e prefeituras, através de contratos de prestações de serviços de coleta de recicláveis. Na cidade de Araraquara, interior do Estado de São Paulo, com aproximadamente 230 mil habitantes, a Cooperativa Acácia de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis, vem realizando a catação sob todo o território municipal contando com o auxílio financeiro da prefeitura para a realização das atividades. Entre as/os 160 cooperadas/os participantes, 80% dos/as cooperados/as são mulheres que em grande parte realizam a catação porta a porta de residências da cidade.

Tendo em vista que o capitalismo está entrelaçado ao patriarcado, de modo que a interseccionalidade dos fatores tem gerado uma maior incidência de subordinação nos contextos sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2011; LUGONES, 2008), Dias e Fernandez (2013) ressaltam que uma melhor compreensão e estudo deste cenário deve abordar as dimensões de gênero dentro e fora de suas organizações de trabalho, de modo a prover ferramentas que reforcem seus papéis como agentes econômicos e políticos, fortalecendo suas capacidades e voz na sociedade.

No Brasil, aproximadamente 70% dos/as integrantes do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2018) são mulheres e negras, o que revela a necessidade de se pensar atividades de pesquisa nesta área que levem em consideração o reconhecimento destas mulheres trabalhadoras em diversos aspectos, econômico, político, simbólico e subjetivo (DIAS; FERNANDEZ, 2013). Tendo em vista os diferentes enfrentamentos que trabalhadoras realizam no trato com resíduos e a grande quantidade de mulheres que participam das atividades de catação de recicláveis, diferentes pesquisas têm traçado estudos sobre gênero e a questão étnico racial sobre estes contextos (WIRTH, 2013; VALIM, 2016; CHERFEM, 2015; GOULART DE OLIVEIRA; LIMA, 2012; DIAS et al., 2012; PAIVA, 2017).

A partir deste panorama, buscando lançar luz sobre os diferentes processos vivenciados por mulheres catadoras e também aqueles que as levaram à esta prática, considerando a falta de pesquisas que abordem suas diferentes trajetórias de vida, busquei empreender ações para o fortalecimento de um grupo de catadoras cooperadas de minha cidade, valorizando seus próprios conhecimentos e processos educativos no interior da catação cooperada, ou também conhecida como catação solidária, fortalecendo suas diferentes experiências de superação frente às adversidades.

Com isto, me aproximei de um dos grupos de catação porta a porta de residências de Araraquara/SP, formado por 11 mulheres da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva, e após a aceitação de minha inserção e participação na realização das atividades desta prática social, estando solícito em ajudar no que fora preciso, fui aos poucos me integrando ao coletivo e sendo solicitado muitas vezes em decorrência da prontidão em colaborar. Junto com o grupo de mulheres procurei referências que pudessem apresentar formas de fortalecimento em sentido de aprimoramento de aspectos coletivos como a cooperação, solidariedade e respeito tendo em vista que estas premissas compõe também as pautas do cooperativismo com base na economia solidária, a qual tem estruturado grande quantidade de cooperativas no Brasil a partir da autogestão⁸ e colaboração de seus participantes (MOURA FÉ; FARIA, 2011; SINGER, 2002).

Neste anseio pelo olhar do grupo, tal como Bosi (1988) o relaciona, como não sendo atrelado apenas a perceber o real fora de nós, mas como sinônimo de “[...] ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto” (p. 78), encontrei na fotografia a possibilidade de diálogo com o grupo de mulheres catadoras sobre a realidade vivida, reconhecendo nas imagens fotográficas criadas pelo coletivo as complexas tramas de relações com o contexto cultural, social e político que participam.

Para tanto, procurando estar junto com catadoras almejando perspectivas coerentes e compromissadas com mudanças possíveis e esperançosas por um porvir mais amoroso e atento às carências que atualmente são pulverizadas com tanta ênfase aos cuidados do individualismo, surgiu para mim a inquietação necessária para a proposição da presente pesquisa, a qual se organizou conforme a seguinte **questão direcionadora**:

⁸ Singer (2002), para melhor compreensão da autogestão, diz que na empresa solidária “os sócios tem a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. Ninguém manda em ninguém” (p. 9).

Quais processos educativos emergem da fotografia como possível linguagem para leitura e comunicação do mundo-vida de mulheres catadoras cooperadas de materiais recicláveis?

A fotografia assim, neste estudo, se encontra como recurso metodológico, ao ser tomada no momento mesmo de sua produção, como parte constituinte das complexas relações em que mulheres catadoras se encontram com o contexto em que vivem, de modo que ao compartilharem das imagens criadas e dialogarem, encontram no mundo-vida⁹ desvelado pelas imagens, a possibilidade de refletir sobre ele, tomando suas histórias como uma constante prática reflexiva (DAMKE, 1995). Ou seja, procurou-se neste estudo, integrar a criação de fotografias ao exercício crítico e colaborativo na construção da liberdade de catadoras, que ao dialogarem em grupo ou individualmente sobre as imagens, podem cultivar as representações do coletivo, inaugurando na análise da realidade vivida, formas de engajamento na transformação de situações controversas e opressivas (FREIRE, 2014).

Vivemos no mundo e estamos entrelaçados a ele de modo que não o contemplamos à distância, mas estamos nele encarnados. Nesta condição, o mundo não se revela acabado, completo por uma consciência que a tudo envolve, mas é desvelado por suas muitas facetas. Fragmentos que emanam do mundo mesmo, e não se consomem em trivialidades de um domínio sobre ele, já que a existência não delimita aquilo que é próprio da atividade dos seres humanos ou que provém da solicitação do mundo (MERLEAU-PONTY, 1994; HUSSERL, 1996).

Neste sentido, Merleau-Ponty (1994), ao traçar caminhos de uma filosofia fenomenológica, pautada na existência, nos diz que “O espaço corporal só pode tornar-se verdadeiramente um fragmento do espaço objetivo se, em sua singularidade de espaço corporal, ele contém o fermento dialético que o transformará em espaço universal” (p.148). O autor nos chama a atenção com isto, à busca do equilíbrio entre os horizontes interior e exterior à nós mesmos, em que o desafio do conhecimento do mundo está no par coisa-consciência, sem que nesta relação caiamos “[...] na imanência da coisa inerte, sem horizonte, e nem na transcendência de uma coisa pura, sem obstáculos” (CARMO, 2000, p.44).

Ao tomarmos o movimento criativo como exemplo deste encontro entre nossa interioridade e mundo exterior, podemos melhor compreender esta relação existencial, pois quando criarmos objetos artísticos, como um texto em que contamos uma história, uma

⁹ Para melhor compreensão do termo, Martins e Bicudo (1989) nos descrevem que ele se relaciona a cognição, onde se encontram diretamente a imaginação e a experiência. O mundo-vida pode ser compreendido também pela noção de mundo pré-reflexivo, que é o mundo em que se está.

fotografia, ou um movimento que faz do corpo poesia, nos deparamos com a intuição que em nós desponta como um traço de interioridade, e de impressões sobre o mundo e da vida que possuímos, ato que emana de um olhar sobre a vida e que através da criação se potencializa para admiração de si mesmo. Como objeto criativo, a obra convida o olhar a se manter fixo sobre ela, não em convite à abstração das coisas que estão ao redor, mas sim, faz com que a representação (uma fala, um gesto, uma imagem) se descole de suas aparências, para tornar-se relevo, a textura da própria realidade (MERLEAU-PONTY, 2013; MARTINS; BICUDO, 1989). Nisto, toda criação fomenta um olhar sensível ao espaço habitado, olhar que é movimento por se confrontar com a visão que eu possua e venha a ter, pois:

A visão retoma seu poder fundamental de manifestar, de mostrar mais que ela mesma. E, já que nos é dito que basta um pouco de tinta para fazer ver florestas e tempestades, cumpre que ela tenha seu imaginário. Sua transcendência não é mais delegada a um espírito leitor que decifra os impactos da luz-coisa sobre o cérebro, e que faria o mesmo se jamais houvesse habitado um corpo. Não se trata mais de falar do espaço e da luz, mas de fazer falarem o espaço e a luz que estão aí. Questão interminável, já que a visão à qual ela se dirige é ela própria questão (MERLEAU-PONTY, 2013, p.40).

Sendo o olhar ligado à imaginação, para sua compreensão é preciso reconhecer a singularidade existente entre cada ato do ser, que pode ser entendido como a particularidade existencial de cada indivíduo. Esta presença de singularidade de todo ser, irrompe em uma distância que se subtrai e amplifica em simultaneidade e pode ser compreendida como essa unidade de presença e de ausência, “[...] a qual instala o ser que experiência simultaneamente no sensorial e além dele” (MARTINS; BICUDO, 1989, p.82). A imaginação assim, é resultado das experiências de estarmos no mundo e com ele, ou seja, emaranhados aos objetos que imbuímos de significados e neles apontar possibilidades futuras, pois como assinala Merleau-Ponty (1994) “[...] a subjetividade não é a identidade imóvel consigo: para ser subjetividade, é-lhe essencial, assim como ao tempo, abrir-se a um Outro e sair de si” (p.571).

A imaginação neste sentido, surge da criação por estabelecer pactos sensíveis com o mundo. No cultivo às sensações que emanam do fazer criativo, as quais, por não possuírem a finalidade prática de manutenção da vida, mulheres e homens podem conceber muitas coisas, como a própria condição humana em incompletude histórica, aspecto que os faz reconhecer no constante processo de construção das bases inesgotáveis e abundantes da vida, suas próprias essências, aquilo que os tornam mais humanos. Nisto, o encontro com o objeto criativo e artístico não se limita a uma concepção teórica e especulativa apenas, mas se dá na

abertura à subjetividade que a obra oferece àquele que a aprecia, ao qual, retribui também com as suas.

Neste sentido, a criação e diálogo sobre fotografias em contexto, pode dinamizar a possibilidade de comprometimento que excede o particularismo de uma ação pontual entre o eu e o tu, e visar à expressividade do olhar como um ato sempre em ação, movimento que faz com que a plenitude das imagens criadas, e que circulam entre aqueles que as apreciam, se deem ao serem integrantes e integradas de uma práxis significativa, onde o cuidado entre aquelas/es que convivem e compartilham das imagens, se reconhecem em intersubjetividade (BOSI, 1988). Pela fotografia, através de sua criação e diálogo com outrem ao problematizar a compreensão da imagem, pode-se exceder a mera abstração particular da visualidade aberta e fluida que individualmente cada participante possa ter, pois como alerta Bosi (1988), um olhar que busca as essências do fenômeno interrogado, vai assim, desvelando suas muitas faces e “[...] descobrindo, perfil a perfil, os aspectos coextensivos ao olho e ao corpo, ao corpo e ao mundo vivido” (p.81).

O que nos leva a compreender nos retratos criados, não o encerramento de um acontecimento na fotografia, mas a abertura ao seu início, buscando ter na fala, ao dialogar sobre as imagens, o pensamento transcendente, o qual busca nas representações uma dimensão de futuro. Expectativa que tem nas reflexões não apenas um passado vivido, mas a possibilidade de um futuro sendo realizado em fecundidade de um pensamento verdadeiro, em que o presente seja “um esboço de eternidade” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.525).

Com isto, ter no diálogo com o grupo junto às fotografias realizadas, a busca pela liberdade de constituírem-se individualmente e como parte do coletivo, envolve o estabelecimento de vínculos e não apenas do levantamento de interesses comuns ou temáticas compartilhadas. Indo além, ao encontro transcendente dos momentos de diálogo umas com as outras, desponta-se a oportunidade de compreensão de aspectos de compromisso com suas práticas existenciais que, por serem constituintes de um processo de construção reflexiva, não se fixam em apenas um fim. Ao significarem as fotografias obtidas das muitas nuances que compõem suas vidas, conversando sobre os retratos e os compartilhando em grupo, inaugura-se a condição de um passo onde o sensível tem um sentido intrínseco ao vivido.

Convém neste sentido, ressaltar que na leitura de imagens está também a condição de “análise e conseqüente reconstituição da situação vivida: reflexo, reflexão e abertura de possibilidades concretas de ultrapassagem” (FREIRE, 2005, p.10), em sentido de significação das ações e posicionamentos sobre o viver. Ao se procurar por referências presentes em contexto que possam elucidar olhares à ação coletiva, inauguram-se oportunidades de pensar

quais procedimentos são estimáveis ao viver por expressarem a valorização da alteridade. A este respeito, vale ressaltar que na afinidade com o material criativo, os valores de vida são constante indagação para o fazer e pensar a busca pela invenção contínua com a matéria, já que provoca no criador/a permanente reflexão (OSTROWER, 2008).

Assim sendo, Boff (2014), atento com os caminhos dados à existência, ressalta a necessária reflexão sobre as representações que cultivamos no dia a dia para que sejam autênticas e provenham de um cuidado com o meio ambiente vivido e os que nele convivem. Pensar as representações que elaboramos no cotidiano, envolve buscar e produzir lacunas para que o mundo possa ser apreciado por outros olhares e a iluminação que deles provenha, emane autenticidades que não tenham receio de se fazerem presença.

A busca por uma ampliação do olhar que categorize o saber para além de noções científicas e técnicas, representam uma significativa mudança nos modos de pensar as esferas de atuação humana que rompam com as divisões entre prática e teoria. Santos (2010a), almejando uma mudança radical nos modos de conceber o conhecimento, propõe uma Ecologia dos Saberes, a partir da *co-presença* radical, a qual “implica conceber simultaneidade como contemporaneidade, o que só pode ser conseguido abandonando a concepção linear de tempo” (p.53), implicando assim, em uma contemporaneidade de conhecimentos para valorização de saberes que simultaneamente desvelam mundos e diferentes possibilidades de ser, para satisfação de homens e mulheres que ao conviver, apreciam a si mesmos e a comunidade em que habitam.

Para um pensamento que renuncie a lógica de apropriação e violência empregada na anulação da diversidade epistêmica dos conhecimentos, que hoje despontam em comportamentos discriminatórios entre conhecimentos elaborados em comunidades populares e científicas, onde a ciência é pano de fundo para todo tipo de exclusão e rejeição, adquirindo até mesmo a condição de crença, a Ecologia dos Saberes configura a “pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2010a, p.54). Aspecto que impulsiona o posicionamento político de povos e visões diferenciadas de mundo, contrárias à globalização hegemônica, pautando o conhecimento em bases pluralistas do viver e de proposição à intervenção no real:

As preocupações que suscitam os exercícios de ecologia de saberes são partilhadas por diversos grupos sociais que, em dado contexto, convergem na ideia de que as suas aspirações e os seus interesses só podem ser prosseguidos com êxito em articulação com outros grupos sociais e, portanto, com os saberes dos outros grupos sociais. A ecologia de saberes é a dimensão epistemológica de uma solidariedade de tipo novo entre atores ou

grupos sociais. É uma solidariedade internamente diversa em que cada grupo apenas se mobiliza por razões próprias e autônomas de mobilização, mas, por outro lado, entende que as ações coletivas que podem transformar essas razões em resultados práticos extravasam do que é possível levar a cabo por um só ator ou grupo social. A ecologia de saberes sinaliza a passagem de uma política de movimentos sociais para uma política de intermovimentos sociais (SANTOS, 2010b, p. 546).

A partir desta proposta podemos considerar que a diversidade epistemológica do mundo ainda está por se construir e que esvaziar a realidade das classes populares para a julgar desde fora é não acreditar em mudanças possíveis para erguer-se em torres de marfim das mais puras verdades, que nascem apenas de buscas harmoniosas a um nível da cultura material e intelectual almejados, deste modo, se descrê em todas alternativas históricas, ideias possíveis, bem como de valores metafísicos¹⁰, ontológicos, inerentes à existência.

Apesar da abrangência e corrosão que a modernidade ocidental impinge em todo ser, Dussel (2016) alerta que há um terreno ainda não consumido, o popular, “setor social de explorados e oprimidos de uma nação, mas que guardaria também certa ‘externalidade’” (p. 56) pela liberdade existente em momentos culturais e simbólicos, no qual a “poética material (fruto físico do trabalho) e o mítico (criação simbólica) são produções culturais (uma exteriorização objetiva do subjetivo, ou melhor do intersubjetivo e comunitário)” (p. 54).

Frente a repulsa das elites no interior dos próprios países, estas diferentes culturas marginalizadas têm sobrevivido em exterioridade frente à totalidade engendrada e guardam no viver uma riqueza cultural proveniente das assimetrias existentes junto aos demais grupos e povos, isto é, apresentam como reflexo do embate pela sobrevivência, condições próprias de existência, frutos originados de suas experiências em superação no sistema da colonialidade (DUSSEL, 1997; FREIRE, 2005; FIORI 1991).

Tais perspectivas emergentes, embatidas e emancipadoras (SANTOS, 2004), podem prover diferentes respostas frente ao desafio da modernidade que partam de outras localidades e de outra premissa, como a da exterioridade, entendida também como alteridade diante de um diálogo intercultural¹¹ (DUSSEL, 2016; FANON, 1968). Leff (2009) para tanto, ao relatar sobre a proposta do diálogo entre culturas, ressalta que a noção ambiental é própria a todo

¹⁰ Fiori (1987), ao falar sobre a experiência transcendental e sua origem nas profundezas da subjetividade, a descreve como o voltar da consciência sobre si mesma, e a consciência como constituinte do mundo fenomenizado; nos dizendo que “Enquanto a metafísica visa, principalmente, a determinação racional da Unidade Transcendente, a experiência religiosa é, sobretudo, comunicação vital com a origem de onde permanentemente flui a vida. Nem racionalismo em uma, nem irracionalismo em outra; [...] diríamos que a experiência primeira deve desenvolver-se através da razão vital e da vida também racional” (p.113).

¹¹ Para Dussel (2016), o “[...] diálogo intercultural deve ser transversal, ou seja, deve partir de outro lugar, para além do mero diálogo entre eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante. Deve haver um diálogo multicultural que não pressupõe a ilusão de simetria inexistente entre as culturas (p. 62-63).

saber, e que todo conhecimento reafirma o ser no tempo, e o conhecer, na história, resultando assim, em novas identidades e territórios de vida.

Neste sentido há “[...] a necessidade de historicizar as relações pedagógicas no contexto latino-americano, remetendo às suas origens, num passado anterior à colonização: histórias ameríndias, africanas e europeias” (OLIVEIRA et al., 2014b, p.116). O que nos leva a compreender que os processos educativos que emergem de diferentes práticas sociais se constituem relacionados ao fenômeno contemporâneo da modernidade, negando-o e o desafiando a tomar como referência outras condições de ensinar e aprender, bem como o de pesquisar, e que partam da realidade concreta como historicidade que está sendo, encontrada na diversidade de olhares, já que em contextos de desigualdade social, os conhecimentos posicionam-se em favor ou contra alguém e sua cultura (OLIVEIRA et al., 2014b).

Dessa forma, pesquisar junto com diferentes grupos em suas respectivas práticas sociais, como a presente pesquisa propõe, junto com mulheres catadoras de materiais recicláveis, condiz com romper barreiras que a homogeneização cultural impõe sobre o saber humano, pois a “ciência faz parte da produção cultural humana e está relacionada com a busca de respostas para as necessidades coletivas, que se apresentam no cotidiano da realidade concreta” (OLIVEIRA et al., 2014b, p.118), sendo assim, antagônicas às táticas hegemônicas e imperialistas que interferem sobre todo modo de conhecer e do viver. Práticas Sociais emergem de contextos situados em espaços-tempo compartilhados, construídos em intersubjetividade, e por isto não se constituem de modo absoluto, mas formados no constante movimento dos sentidos e significados dados ao convívio entre perspectivas de mundo.

A partir destes preceitos, buscou-se compreender os contextos da geração de resíduos na modernidade ocidental, e da catação de recicláveis, e deste panorama, esta pesquisa qualitativa amparada nos referenciais da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty (1994), procurou analisar os diferentes processos educativos que emergem do diálogo individual e coletivo sobre as fotografias criadas por cada uma das onze mulheres catadoras participantes de um dos grupos da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva de Araraquara.

Deste modo, o **objetivo central** deste estudo foi: *Identificar, descrever e compreender os processos educativos que são desvelados na intervenção realizada com catadoras da cooperativa Acácia de coleta seletiva, cuja linguagem fotográfica buscou possibilitar a comunicação e leitura crítica de seus mundos-vidas.*

Para alcançar o objetivo proposto foi realizado a convivência metodológica proposta por Oliveira (2009), durante o primeiro semestre de 2018, onde a aproximação e inserção junto com as participantes, onde a aproximação à temática de pesquisa, pode ser almejada à

altura da prática da sensibilidade do encontro com outrem, em respeito à sua história e densidade que dá formas ao viver o dia a dia. Momentos em que o próprio silêncio se deu como ato intencional, para a atenção ao tempo e subjetividade das participantes veiculadoras da pesquisa, em uma prática de pesquisar que se constituiu no próprio ato dialógico como ensejo de abertura de si à outrem, no tocante à sua realidade em movimento de amizade.

Pesquisar os processos educativos decorrentes de práticas sociais, compreende não se ater apenas sob um objeto de pesquisa, mas que se lançando à temática, pesquisador e participantes da pesquisa possam dar formas conjuntas àquilo que se pretende apreender, em sentido que, ao significar a própria prática, possam se constituir em ações do grupo e comunidade constituem, pois nelas propõem-se “[...] à transformação de realidades que identificam como injustas, discriminatórias e opressivas” (OLIVEIRA et al., 2014a, p.34). Para tanto, nos valem das palavras de Bosi (2003) ao dizer que “Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa” (p.61).

Junto com o grupo de mulheres catadoras, pude ir também, aos poucos, compreendendo o que é isto, pesquisar processos educativos, e enxergar aquilo que Oliveira (2009) expõe ao dizer que tal pretensão apenas se torna oportuna, quando o fazer pesquisa se dá em comum união entre os participantes que a idealizam, posto que “Ao se realizar trabalhos na busca do diálogo com o outro, tendo o compromisso ético e social como ponte de partida e chegada, aprende-se a convivência e, com ela, a gostar de si e da vida” (p. 318).

Partindo desta premissa, que tem na elaboração prática e reflexiva do pesquisar a busca de uma ação conjunta entre pesquisador e colaboradoras vinculados através de um compromisso ético pautado no diálogo, cujo o destino deste fazer é a própria vida (OLIVEIRA, 2009), propus ao grupo a partir de minha inserção na coleta de recicláveis junto com o coletivo – e aceitação do comitê de ética da universidade -, a intervenção de distribuir de câmeras fotográficas à cada uma das 11 mulheres catadoras para que levassem onde quisessem durante cerca de um mês. De acordo com a aceitação de todas, foram escolhidas por elas mesmas, três fotografias de preferência e criadas por elas mesmas. A partir das fotografias escolhidas, foram realizadas entrevistas individuais sobre os retratos, e três rodas de conversa em grupo (WARSCHAUER, 1997). Todas as conversas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. A análise dos dados coletados foi realizada a partir da modalidade metodológica do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1987; BICUDO, 2011).

Portanto esta pesquisa se faz relevante pela abordagem teórica que utiliza, ao articular o uso da fotografia como recurso metodológico de análise de processos educativos inerentes a uma prática social. Através deste estudo, junto com as mulheres catadoras, busca-se desvelar os diferentes processos educativos provenientes desta prática social, tendo em vista que, da literatura encontrada, poucos estudos tratam desta temática. Assim, considerando a pequena parcela de catadoras/es que atualmente se articulam em cooperativas, sobre todo o quadro nacional, e reconhecendo-se as benfeitorias realizadas pela articulação em movimento social de catadores/as de materiais recicláveis, através desta pesquisa, busca-se o anúncio das experiências dinamizadas por um grupo de mulheres catadoras, de modo que sua valorização venha a fortalecer os embates por melhorias sócio-econômicas destas/es trabalhadoras/es, tanto nas sociedades em que atuam quanto na busca por melhorias na elaboração de políticas públicas próprias à organização e ao viver de catadoras/es, fortalecendo suas lutas.

A partir deste intuito, a organização da dissertação se baseia nos seguintes capítulos: No **primeiro capítulo** discorro sobre a compreensão de se educar em práticas sociais e processos educativos, assim, pautando em um primeiro momento o que são práticas sociais e a influência da modernidade ocidental na organização de diferentes grupos, exponho assim, através do conceito de colonialidade (QUIJANO, 2010), sua incidência opressiva realizada nos diferentes grupos étnico-raciais e de gênero. Em sequência, são apresentadas possibilidades de alteração deste paradigma, em que a alteridade se torna característica angular à mudança de perspectivas colonizadoras do ser através do movimento de diferentes grupos em sentido a uma Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010a).

O **segundo capítulo** abarca o contexto de geração de resíduos e da catação de materiais recicláveis, para tanto, em um primeiro momento, apresento as bases em que o desenvolvimento da modernidade ocidental está, ao se apoderar desenfreadamente da natureza, gerando a desigualdade e pobreza em diferentes nações através da subordinação e a opressão de diversas comunidades ao redor do mundo, as invisibilizando e quando não, exterminando a existência. Assim, como resposta, é exposto no capítulo, os direitos da Natureza como uma forma de voltar à princípios de cuidado essenciais com o ser humano e o meio em que vive junto a toda a diversidade da vida, em que as práticas de cuidado geram resultados a todos/as em um princípio de Bem Viver (ACOSTA, 2016). Para desfecho, é apresentado o caminho dos resíduos sólidos em nossa sociedade e o quanto é necessário para mudanças significativas de nossa relação com o meio em que vivemos, os tratos com os resíduos, principalmente em sua redução, diminuindo a necessidade da acumulação de bens para além de os destinar corretamente à coleta seletiva, e nisto, a necessidade de mobilizar as

atenções junto aos diferentes grupos que retiram o sustento destes resíduos em sentido a uma responsabilidade socioambiental que tem no vínculo com o cuidados de todos à existência, um princípio do Bem Viver.

Em sequência, no **terceiro capítulo**, é apresentado o contexto da catação dos resíduos sólidos recicláveis e da coleta seletiva. Assim, são apresentadas as maneiras que grupos de catadores/as têm se organizado através de cooperativas e as relações que possuem com a economia solidária. Também é mostrado aqui, o quadro da atual cadeia da reciclagem na qual os/as catadores/as atuam. Ao fim, é apresentado o contexto em que é realizada a pesquisa, traçando um breve histórico da cooperativa Acácia de coleta seletiva da cidade de Araraquara/SP, e a condição atual em que está.

O **capítulo quatro** é referente à metodologia, nele primeiramente são apresentados os referenciais que a fenomenologia apresenta para uma pesquisa que se atém ao mundo vida. Em seguida, a fotografia é abordada em consonância à perspectiva do método fenomenológico, que oportuniza a busca na criação e apreensão das fotografias, a experiência daquela que fotografa. Para conclusão deste capítulo algumas considerações são feitas em torno da ideologia do ato fotográfico, e com isto, sobre a criatividade que ele implica.

O **quinto capítulo** é formado pelo percurso metodológico realizado, nele são apresentados os passo-a-passo realizados junto com o grupo de catadoras de materiais recicláveis cooperadas, enfatizando sobre todo o trajeto, a pauta da convivência metodológica junto com o grupo.

No **sexto capítulo** são feitas as análises dos dados provenientes das fotografias, e das transcrições das rodas de conversa e entrevistas individuais, que resultaram em três categorias de análise, sendo que em cada uma delas, são apresentados os processos educativos convergentes entre si elaborados no interior da prática social da catação porta a porta. Para desfecho da dissertação, teço as **considerações** acerca da experiência de pesquisar junto com o grupo de catadoras e ter nas imagens fotográficas, a abertura para a compreensão dos processos educativos que elaboram ao catar recicláveis cooperadamente.

Segue aqui, uma contribuição sobre o trabalho em torno das experiências elaboradas por um grupo de mulheres no cotidiano da catação de recicláveis, as quais enfrentando diferentes adversidades no contexto do trabalho, irrompem em diferentes estratégias para superação de opressões diversas.

O convite ao descarte seletivo dos resíduos que catadoras realizam diariamente nas ruas é já uma proposta de atitude que corresponde com o início de mudanças essenciais a um viver cada vez mais pautado em noções comunitárias, e que precisam ser aprofundadas.

Princípios que envolvem também, ao serem valorizados, a compreensão de que na redução do consumo, muitas das estratégias do mercado hegemônico são barradas, podendo até mesmo serem transformadas por outras expectativas do viver cada vez mais colaborativas. Neste ensejo, o apelo à separação dos recicláveis não se prende apenas a esta prática, mas pode cada vez mais vir a se relacionar com uma ampla noção da necessidade de nos articularmos junto com as lutas de diferentes grupos em busca pelos direitos a que todos/as nós, seres humanos, podemos conjuntamente nos mobilizar em busca.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

1.1. Práticas sociais

Vivenciar a cultura como centro de formações simbólicas, de sentidos e significados, perpassa ter sob a visão o espaço do irrefletido, daquilo que não se é possível captar e que vaza à experiência. Somos resultados de um mundo que não construímos, mas que o constituímos na medida que o criamos e recriamos (FREIRE, 2014). Como seres da natureza não nos desvinculamos de uma essência, habitamos o mundo e o adaptamos a nós mesmos, seres humanos, humanizando o mundo.

Não temos apenas um mundo físico da terra, água e ar à nossa volta, mas nele estão presentes, também, objetos que carregam a marca da criação humana como os trens, as bicicletas, utensílios, casas e meios de transportes coletivos, carros e etc., objetos que dia após dia se reinventam em tecnologias que se desenvolvem e modificam ininterruptamente. Cada um desses objetos “traz a marca da ação humana à qual ele serve” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 465), e nesta contínua transformação do meio em que vivemos, podemos também tornar a terra passível de desconfiguração, disforme e abjeta na medida em que a dominamos, para fins que ignoram a existência, pois, sendo conectada a tudo e todos, faz de nós mulheres e homens seres de *convívio* (BOFF, 1998). Se o bem comum não se vinculasse a nossa vida cultural, o ambiente que habitamos seria irrelevante para os sentidos que a ele damos e cairíamos, assim, em uma consciência pura, que ignora a vida e esquece que possui um corpo situado em um meio.

Neste sentido, toda sociedade é contextualizada e possui suas características, vive seus próprios temas. Em dados momentos históricos os seres humanos tendem a se deparar com *situações-limites*¹², situações contraditórias, geradoras de desesperança e de obstáculos para a liberdade, as quais se apresentam para homens e mulheres como sendo “[...] determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se” (FREIRE, 2005, p.108). Diante de tais situações concretas, o inconformismo e a negação de serem para si, livres, os distanciam de possibilidades de encontro com o *inédito-viável* que proporciona a apreensão de alternativas para superação das situações opressoras.

Enquanto seres ao mundo, significamos as experiências que vamos vivenciando em nossos horizontes de apropriação. No exercício da existência desafiamos e somos desafiados e

¹² Os termos que estão em itálico ressaltam conceitos elaborados pelo autor Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, 2010.

situações que por vezes se apresentam como intransponíveis, podem ser superadas desvelando novos horizontes. Neste sentido, também, o enfrentamento do abuso de uns sobre outrem, visando romper *situações-limites* que imprimem a desumanização a ambos que se relacionam, opressores e oprimidos, a consciência que gera a alternativa de mobilização frente às disparidades existentes sob os contextos, tem papel fundamental: “A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem [e a mulher] de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes” (FIORI, 1991, p.57), fazendo com que o meio envolvente seja realçado e atravessado pelo que é tocante em sentido da realização de desejos e projetos.

O ser humano, assim, em sua existência pode se adaptar como também transformar o ambiente em que vive de modo que “[...] se a consciência ficasse encerrada nas situações vividas, o homem [e a mulher] poderia olhar para as coisas, mas não poderia objetivar e transformar o mundo” (FIORI, 1987, p.47). Esta característica que possuímos é que faz da história um vir a ser, uma aventura dialética, dado que somos capazes da transcendência. “A história só se produz no encontro das duas linhas: a da transcendência e a da raiz. É deste ponto luminoso de intersecção que a experiência reflexiva nos seduz” (FIORI, 1987, p.47).

Deste modo, a produção histórica do ser humano é amparada na percepção que possui de seu tempo e contexto, que não se consome nunca por completo em um discernimento total sobre todas as coisas, mas na medida que se objetiva, se integra a ele, e nele se produz através dos sentidos e significados elaborados nas práticas sociais que vivencia (OLIVEIRA et al. 2014a). Nestas práticas mulheres e homens não estão determinados, sendo apenas o resultado adaptativo das condições em que se encontram, mas através das experiências vividas e do discernimento da temporalidade que possuem, se ligam à historicidade dos contextos que dão formas aos convívios, pois, “[...] é nos acontecimentos que emerge o sentido da existência, não de maneira simplesmente expositiva, mas dialética e crítica, isto é, pondo em questão esses mesmos acontecimentos e seu sentido” (REZENDE, 1990, p.62).

Pelas sensibilidades somos ligados ao mundo, e a partir delas conhecemos aquilo que está espacialmente a nossa volta. A ordenação destes dados sensíveis, estruturam níveis de consciência sobre a percepção daquilo que sentimos, nisto, ao apreender o mundo, seres humanos aprendem que sabem, o que permite a constatação da apreensão do próprio ato que gera a compreensão (FREIRE, 2014). Este saber sobre a vida e o mundo, é característico a nós pela possibilidade de transcendência, ou seja, de não encerrar os horizontes sobre as situações vividas, mas ir além delas para as observar e objetivar, transformando e dinamizando o mundo em atos de “criação, recriação e decisão” (FREIRE, 2014, p.60).

Inseridos nas mais diversas práticas sociais (OLIVEIRA et al., 2014a), seres humanos ao situarem os saberes produzidos entre pessoas e comunidades, dispõem de maneiras, costumes e gostos, anunciando, com isto, modos de sentir, olhar, bem como ouvir e ser escutado, tocar e ser tocado. Compartilhando com grupos e atuando neles, as pessoas provocam interações, influenciando outros grupos e, destes com a sociedade, provocando num contexto mais amplo, relações entre sociedades e nações dinamizando práticas sociais. Estas práticas podem ser compreendidas como decorrentes deste dinamismo que nós seres humanos somos portadores, que é o de se relacionar com o meio ambiente natural, social e cultural em que vivemos, se desenvolvendo assim, “no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades” (OLIVEIRA et al., 2014a, p.33).

Práticas sociais são provenientes de referencial humano socialmente constituído em contexto histórico e político e expressam temáticas significativas de uma época, com isto, não se dão de modo petrificado, mas em movimento das relações de umas práticas com as outras, juntas na própria história. Os conteúdos que as práticas sociais dinamizam expressam um “conjunto de ideias, concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude” (FREIRE, 2005, p. 107), podendo ser apreendidos quando associados, em um processo de tematização, que para Freire (2005) também podem ser reconhecidos pelo conceito de *temas geradores*. Estes temas geradores que práticas sociais dinamizam em seu interior, geram conhecimentos orientando as ações dos/as participantes em um constante processo formativo. Nesta permanente troca entre os/as que integram tais processos, ao participarem de suas críticas, envolvem e são envolvidos pelo meio em que convivem, pois não estando apenas no mundo, mas com ele, o significam, podendo, deste modo, desdobrar os *temas geradores* em outros quando as percepções sob eles empregadas não correspondem à sua integralidade, sendo percebido em termos não autênticos ou não críticos. Isto se dá, pelos *temas geradores* envolverem e serem envolvidos pelas *situações-limites* de um contexto, podendo passar a demandar outras tarefas subsequentemente (FREIRE, 2005). Isto é, os temas estão entrelaçados a demandas históricas que denotam à realidade objetiva e que provocam necessidades, por isso estão relacionados a aspectos contraditórios nas quais os indivíduos podem estar mais imersos, aderidos a estas condições geradoras de conflitos, do que emersos, para sua apreensão de modo a ampliar o horizonte do percebido buscando assim, sua transformação.

Em conjunto e interação, os *temas geradores* constituem o *universo temático* da época vivida (FREIRE, 2005). Frente a este universo de temas, mulheres e homens se relacionam e

posicionam, de modo que podem muitas vezes dialeticamente vir a se contradizer, tomando posições divergentes diante das estruturas sociais anunciadas em meio ao *universo temático* de uma época, se posicionando em favor da manutenção, ou de sua mudança. Isto se dá pela forma que a estrutura pode oferecer a uns em detrimentos de outros, cujas consequências podem estar atreladas à opressão pela falta de liberdade, chegando até mesmo aos limites da escravização de alguns, ou seja, da destituição total da autonomia.

Conforme o agravo dos antagonismos entre os posicionamentos cria-se um clima de sectarismo e irracionalismo, levando a uma mitificação pelo esgotamento das significações dos temas geradores, retirando destes a configuração dinâmica que possuem. Para mudanças de situações que tomam forma de embate, uma visão crítica da realidade e coerente com seu dinamismo, busca desvelar a mitificação para sua superação (FREIRE, 2005).

A compreensão das possibilidades de mudanças sobre o contexto se dá, deste modo, dentro de uma conjuntura concreta a partir de movimentos intencionais de ação no mundo, que através de *atos-limites*, criam oportunidades de atuação autêntica de mulheres e homens em liberdade, significando suas existências em constante práxis, já que em ação-reflexão-ação “se tornaram capazes de, transformando o mundo, dar significado a ele” (FREIRE, 2001, p.157). Neste processo de superação, transpõem obstáculos em busca de *ser mais*, que segundo Freire (2011), corresponde à vocação ontológica do ser humano em ser permanentemente liberto de opressões, o autor ao escrever, assinala: “Daí que insista também em que esta ‘vocação’, em lugar do ser algo *a priori* da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história” (p.137). O que envolve uma constante busca, amparada na dimensão dos anseios de pessoas e grupos, cujo embate em *serem mais* humanos, remete a cada conjuntura histórica, a âmbitos de assunção de uma utopia, lutando pelos meios de concretizá-la, os quais variam de acordo com cada espaço-tempo, a utopia assim, “[...] não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos” (FREIRE, 2011, p.137).

Tendo em vista que as *situações-limites* implicam em barreiras impeditivas de *ser mais* a serem transpostas, apresentando fronteiras entre o ser e o nada ser quando não enfrentadas, o paradigma da modernidade ocidental tem provocado mudanças abruptas sobre o planeta terra, impactando a todos/as em um plano de crescimento material ilimitado, de modo mundialmente integrado, sacrificando 2/3 da humanidade, extenuando os recursos da Terra e comprometendo o futuro das gerações vindouras (BOFF, 2014). Este projeto é sustentado pelo colonialismo que impacta o mundo desde o século XVI, promovendo o

desenraizamento¹³ de diferentes nações, sua estratégia está na dominação para imposição de sua lógica de conquista:

A conquista colonial causa desenraizamento e morte com a supressão das tradições. A dominação econômica de uma região sobre outra no interior de um país causa a mesma doença. Age como conquista colonial e militar ao mesmo tempo, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra (BOSI, 2003, p. 176).

Conforme apresenta Bosi (2003), os impactos gerados pelo colonialismo envolvem diferentes contextos, agindo no interior de tradições e costumes de povos inteiros a partir da conquista e opressão. Dentre as estratégias do poder colonialista está a ação de dominação pela imposição violenta com recursos militares, justificando sob diferentes retóricas suas motivações ao longo da história, que dentre elas pode-se ressaltar, como também observa Grosfoguel (2010):

A imposição do Cristianismo a fim de converter os chamados selvagens e bárbaros no século XVI, em seguida da imposição do ‘fardo do homem branco’ e da sua ‘missão civilizadora’ nos séculos XVIII e XIX, da imposição do ‘projeto desenvolvimentista’ no século XX e, mais recentemente, do projeto imperial das intervenções militares apoiadas na retórica da ‘democracia’ e dos ‘direitos humanos’ no século XXI (p.479).

Em referência a esta conjuntura e prática da colonização tomar formato de diferentes discursos sendo difundida a partir de um posicionamento de superioridade que ignora diferentes cosmologias e epistemologias do mundo não ocidental, Freire (2005) pondera que a *situação-limite* de diferentes países que no processo de mundialização do ocidente foram subjugados à colonização, é transpor o subdesenvolvimento, ao qual está ligado o problema da dependência, com isto ressalta: “A tarefa de superar tal situação, que é uma Totalidade, por outra, a do desenvolvimento, é, por sua vez, o imperativo básico do Terceiro Mundo” (FREIRE, 2005, p. 110).

¹³ A compreensão do conceito elaborado por Weil (1943), do desenraizamento, envolve entender em que se baseia o enraizamento, que segundo ela, sendo uma das necessidades mais importantes e desconhecida da alma humana, é uma das mais difíceis de definir. “O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente” (p. 411). O desenraizamento estaria na supressão de tal constituição humana, que pode se dar de diferentes formas pelo domínio de todas as tradições locais por meio da conquista militar, da dominação econômica e do conhecimento.

Com isto, trilhar caminhos de emancipação frente a lógica moderna de ocidentalização do mundo em que o paradigma do subdesenvolvimento se ampara, envolve o destaque de suas estratégias de opressão e difusão sobre diferentes localidades. Como destaca Quijano (2010), o padrão de poder mundializado pela modernidade pode ser compreendido pelo que o autor descreve como sendo organizado pela Colonialidade do poder, a qual dá origem a uma racionalidade racista, por eleger de modo incisivo e violento um determinado grupo étnico como referencial, tendo na figura do europeu a imposição de um único sistema mundo como totalidade sobre todos os demais para a centralidade do ocidente. A totalidade, neste sentido, serve para “designar um sistema político, econômico, social, cultural, pedagógico ou qualquer conjunto de sistemas cuja tendência é totalizar-se, autocentrar-se, eternizar sua estrutura vigente” (DAMKE, 1995, p.45), nesta lógica e a partir dela, a Colonialidade do poder opera em planos subjetivos e materiais da experiência cotidiana das sociedades.

Apesar da modernidade ocidental não se restringir apenas aos europeus, mas aos vitimados e educados pelo colonialismo difundido hegemonicamente a partir das invasões territoriais, sobretudo na América e na África, dá suporte para difusão de um histórico linear mundializado tendo como referência a própria Europa, destacada como central, superior e civilizada, enquanto os povos invadidos eram classificados como periféricos, inferiores e selvagens, gerando negação e invisibilidades diversas sob os diferentes territórios e nações colonizadas. Com tal construção ideológica, os participantes do planeta que não assimilam as lógicas eurocêntricas da modernidade têm sido concebidos como sendo de uma etapa anterior da história da humanidade, como primitivos (DUSSEL, 2016).

Neruda (1983), poeta e escritor chileno que viveu no século passado, foi diplomata de seu país tendo morado em muitos lugares do mundo, e conta em sua autobiografia “Confesso que vivi”, passagens marcantes de sua vida como quando estava no Ceilão, atual Sri Lanka, uma ilha asiática que teve parte colonizada pela Inglaterra. Em certo trecho do livro relata ter chegado atrasado ao encontro com os colonizadores por ter parado durante o caminho para ouvir um canto que o embriagava “[...] pelo enigma de um sentimento indecifrável, de um ritmo cujo mistério saía de toda a terra, uma terra sonora, envolta em sombra e aroma” (p.85), a ponto de tocar o céu, pelo som dos tambores e pela voz que entoava lindas melodias, ao que os Ingleses, ao ouvirem suas desculpas demonstraram espanto, não pelo atraso do diplomata, mas pela sua afirmação de existência de música nativa.

Este enorme distanciamento dos colonizadores que nega toda humanidade dos povos que oprimem, os leva ao desconhecimento e/ou negação da musicalidade, da poética, das artes, valores e epistemologias dos colonizados. Albert Memmi (1967) descreve parte desta

arquitetura da colonização pautada na exclusão de tudo que poderia ameaçar o padrão de normalidade dos colonizadores e que calcou sobre a violência da negação, o extermínio daqueles que pudessem se afirmar autonomamente. Imposição de valores que, com o tempo, foi acolhida com preconceitos favoráveis ao colonizador e sua cultura, cujas qualidades e valores imperavam e faziam do país “[...] ritmado por suas festas tradicionais, até mesmo religiosas, e não pelas do habitante; [...] O colonizador participa de um mundo superior, do qual só lhe resta recolher automaticamente os privilégios” (MEMMI, 1967, p.28).

O colonialismo, em suas bases, erigiu um padrão que se privilegiou para a dominação, sexual, racial e econômica, de modo a destituir a tal ponto a construção do ser colonizado que conceber-se, em todos os níveis de percepção de si, tornava-se um ataque à diferença branca do colonizador, “pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco” (FANON, 2008, p.104). De modo que o viver do colonizado, anunciado pelo colonizador, é atravessado pela negação, para morte das diferenças, algo jamais suprimível, ainda que inventem fórmulas de embranquecimento da pele. Frantz Fanon (2008) originário da Martinica, uma ilha na América central colonizada por franceses, de maneira enfática, destaca tais pontos dizendo da ruptura a que o ser colonizado está submetido, dizendo que no enfrentamento dos processos de apreensão de si, abaixo de sua corporalidade, elaborou um esquema histórico-racial, proveniente não mais apenas de aspectos sensíveis, mas também fornecidos pelo outro, o branco que sobre ele teceu relatos muito bem detalhados.

Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. (...). Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil, mas não opaco, transparente, ausente desaparecia. A náusea.... Eu era responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais (FANON, 2008, p. 105).

Nesta conjuntura, sendo a colonialidade do poder (QUIJANO, 2010) a manutenção das relações de poder dadas em sequência do colonialismo sofrido pelos países ao Sul¹⁴ do mundo, e perpetrada pelas ações do capitalismo mundial moderno, vale observar que esta lógica de poder se organiza, nos diferentes contextos em que se estabelece de modo relacional, específico de cada localidade, ou seja, os indivíduos são compreendidos por uma

¹⁴ O Sul é apreendido como categoria sociológica e não geográfica, Santos (2010) descreve essa linha divisória Norte-Sul como sendo metafórica, em que o Sul compreende também os países Asiáticos apesar de estarem no hemisfério Norte, mas que podem ser categorizadas como periféricas pelo processo de globalização e histórico, por terem sido por longos anos submetidos à colonização europeia, não atingindo níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao Norte Ocidental do globo (América do norte e Europa).

classificação social dadas a longo prazo na disputa do controle dos meios básicos de existência social, e “cujos resultados se configura um padrão de distribuição do poder centrado em relações de exploração/ dominação/ conflito entre a população de uma sociedade e numa história determinada” (QUIJANO, 2010, p.113).

Na colonialidade do poder, esta distribuição de poder local, se dá assim, não de modo aleatório, mas estrutura-se em linhas em que os indivíduos classificam-se e são classificados a partir de três categorias que se articulam entre si: “trabalho, raça e sexo” (QUIJANO, 2010, p. 113). As bases de cada uma destas, organizam o controle da produção material situada para sobrevivência social, assim como a própria produção da existência biológica do ser humano, em que o controle da autoridade é organizado para manutenção das relações de poder previamente configuradas pela colonialidade. Neste sentido, o controle sob a instância do trabalho, está no domínio dos recursos e produtos do trabalho, que inclui os recursos naturais, institucionalizados como propriedade. O controle da sexualidade é garantido a partir do entendimento dela como produto proveniente do prazer e da descendência, ou seja, em função da propriedade que a detêm e que a determina, sendo compreendida como um produto adquirido. A questão racial se aproxima de ambas questões (QUIJANO, 2010), discriminando a todos, entre europeus e não europeus.

Por meio desta análise, Quijano (2010) oferece um espaço conceitual para se pensar as disputas históricas para além dos âmbitos de lutas de classes propagadas por pensadores europeus, e que não dão conta de contemplar a complexidade sobre o controle do trabalho, do gênero e da autoridade coletiva e, com isto, da intersubjetividade que integra a todos os processos vividos pela relação de poder. Ao organizar a classificação social básica e universal a partir da ideia de raça, acaba por permitir o surgimento de novas possibilidades geopolíticas, culturais e sociais de organização.

Lugones (2008), procurando enfatizar que a colonialidade, além de se entrelaçar ao capitalismo e a modernidade, estabelece relações patriarcais, chama a atenção para as interseccionalidades existente entre as categorias sexo/gênero, raça e trabalho, categorias que tratadas separadamente, acabam por não desvelar a brutalidade e desumanização a que a colonialidade implica nos diferentes contextos que aflige. Deste modo, as categorias, se vistas dentro de um padrão básico da existência conforme um pensamento binário homem/mulher, branco/negro, burguês/proletário, acabam por esconder as relações internas entre elas, levando a uma compreensão “estreita e hiper-biologizada, já que pressupõe o dimorfismo sexual, a heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras pressuposições deste tipo” (LUGONES, 2008, p.82).

Com isto, Lugones (2008) ressalta o que este sistema colonial moderno tem provocado, já que a colonialidade não se abaterá da mesma forma sobre os corpos das diferentes pessoas, tendo nas mais fragilizadas a incidência de sua opressão de modo mais enfático, ou seja, nas classes subalternas e mulheres negras, transexual e homossexual a condição de resposta mais diminuída. Ou seja, este poder colonial formula hierarquias em diferentes formas de dominação a partir de um enredamento, em que as diferentes frentes de exploração sexual, política, econômica, espiritual, linguística e racial, se dão de modo vinculados, interseccionados a partir da distinção étnico-racial entre o europeu e não europeu, os quais nesta titularidade, reconfiguram todas as hierarquias transversalmente para a construção de um único sistema-mundo.

Este ponto de vista colonial moderno que se pretende universal através de sua filosofia e ciência, dá formas a um sistema mundo único, neutro e objetivo ao se pronunciar epistemologicamente, privilegia sempre um ego não situado, sem qualquer referência racial/sexual/de gênero, onde o sujeito enunciador é sempre desvinculado. Nesta artimanha a filosofia e as ciências ocidentais conseguem:

[...] gerar um mito sobre um conhecimento universal verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia (GROSFOGUEL, 2010, p. 459).

Portanto, como ressalta Grosfoguel (2010), é importante ressaltar o lugar epistêmico e social de toda enunciação. O essencial é o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala, pois situamo-nos sempre a partir de um lugar determinado nas estruturas ou do lado dominante do poder, ou marginalizado frente a ele. Assim, ao buscar uma epistemologia que rompa com os paradigmas hegemônicos eurocêntricos, pois vindo dos debaixo, criam-se oportunidades de descolonizar o sistema-mundo, originando “[...] uma perspectiva crítica do conhecimento hegemônico nas relações de poder envolvidas” (GROSFOGUEL, 2010, p. 459).

Neste sentido, a colonialidade do poder amplia os aspectos para se pensar em mudanças e transformações sociais de modo não reducionista, apresentando diferentes frentes para serem pautadas a descolonização nas práticas sociais mais diversas, demonstrando que para a libertação do sistema moderno capitalista não bastaria pensá-la apenas em mudanças de aspectos econômicos, dado que ele se entrelaça à modernidade de modo sistêmico e abrangente, hierarquizando todas as frentes que elaboram as dimensões da vida social.

1.2. Processos educativos

Buscando transcender condições desumanizantes a que o paradigma da modernidade ocidental e colonial promove sobre diferentes países do mundo através do patriarcado, do capitalismo e racismo, Dussel (2016) propõe que esta lógica seja enfrentada através de uma transmodernidade, sugerindo um diálogo transversal a partir de respostas criativas provenientes de epistemologias locais subalternas, originárias a povos colonizados de todo o mundo, ressaltando que:

Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da Modernidade (mas avaliados com critérios diferentes a partir de outras culturas antigas), terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes (DUSSEL, 2016, p.63).

Ao afirmar que o diálogo intercultural deve ser transversal, Dussel (2016) evidencia que as alternativas não devem emergir apenas no âmbito erudito, acadêmico, institucional, mas sim em âmbitos multiculturais, sem incorrer em posturas de simetria entre culturas, pois são distintas. O aspecto transversal indica que o movimento se dá da periferia para a periferia, sem incorrer no atravessamento para o centro da hegemonia, ou seja, o diálogo ocorre entre os distintos movimentos sociais de enfrentamento às desigualdades, desde o movimento feminista às lutas antirraciais, às anticoloniais, em exterioridade ao sistema ocidental totalitário.

A partir desta proposta, de renúncia à lógica de apropriação e violência empregada na anulação da diversidade epistêmica dos conhecimentos, cria-se um cenário de possibilidades em que a ciência deixa de ser pano de fundo para todo tipo de exclusão e rejeição. Grosfoguel (2010), buscando exemplificar este dinamismo transformadoras frente à modernidade eurocentrada a partir de respostas crítica e descolonial, cita o exemplo dos indígenas Zapatistas no México, que não são fundamentalistas antimodernos, pois não rejeitam a democracia, nem se remetem a um fundamentalismo indígena, mas pelo contrário, os zapatistas: “[...] aceitam a noção de democracia, mas redefinem-na partindo da prática e da cosmologia indígena local, conceptualizando-a de acordo com a máxima ‘comandar obedecendo’, ou, ‘todos diferentes, todos iguais’ (p.481).

Santos (2010b), em via de traduzir a necessidade de se evocar outros imaginários epistemológicos, traz a perspectiva da *Ecologia dos Saberes* ao propor a “pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p.54). Aspecto

que impulsiona o posicionamento político de povos e visões diferenciadas de mundo, contrárias à globalização hegemônica, pautando o conhecimento em bases pluralistas e de vínculos com os contextos e das práticas sociais da qual emanam, revelando seus potenciais emancipatórios.

A impulsão da ecologia dos saberes (SANTOS, 2010b) reside na co-presença igualitária de todo conhecimento e da incompletude de todos eles, a qual implica na dimensão testemunhal da existência do conhecimento refletidos na própria formação dos sujeitos do conhecimento. Esta co-presença envolve conceber simultaneidade como contemporaneidade – de co-existência em uma mesma época em vias igualitárias de valorização dos saberes –, o que só pode ser conseguido abandonando a concepção linear de tempo, a qual partindo de um único referencial, hegemonicamente dado a partir da ocidentalização do mundo, ignora perspectivas que possam semelhantemente constituir outras possibilidades de constituição da vida. Nisto não se incorreria na anulação da vivacidade do ser ignorando-lhe sua história, e lhe expropria a fecundidade da criação ao excluir a comunidade e seus conhecimentos.

Em vias de uma realidade voltada para a constituição totalitária de uma única cultura, de modo opressivo sobre as demais, como a empregada pelos colonizadores europeus frente aos diferentes povos colonizados, “[...] é de relevante importância encontrar caminhos democráticos para dar curso à necessidade da racionalidade do diálogo emancipador” (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p.65) e criação de realidades outras, exteriores à propagada e, contudo, tenham na valorização de Outrem sua finalidade, para humanização das relações, bem como destas e com o meio ambiente que participam. A partir deste viés, buscando um diálogo emancipador entre diferentes grupos, Munanga (2005) enfatiza que para superação de um imaginário em que as representações coletivas são tidas como negativas, faz-se preciso inventar, descobrir novas linguagens adequadas, capazes de superar os “limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações” (p.19).

Dussel (1977), neste sentido, chama a atenção para a dimensão de sociabilidade constituinte do Ser que ao visualizar outrem, tem a oportunidade de o conhecer e o reconhecer em intersubjetividade. De modo que ao sermos interpelados e nos colocarmos sensíveis a conceber a face de outrem como distinta desde a origem, seja instituída neste contato a dimensão da liberdade. Apreensão que remete o ser à exterioridade¹⁵ dos sistemas de significados dados às coisas relacionadas ao meio em que o ser possam se encontrar, para

¹⁵ A Exterioridade como sugere Dussel (1977), pode ser entendida como alteridade, pois é contra a lógica da totalidade que é “[...] a lógica da alienação da exterioridade ou da coisificação da alteridade, do outro homem [e mulher]. A lógica da exterioridade ou da alteridade, pelo contrário, estabelece seu discurso a partir do abismo da liberdade do outro” (p. 48).

sugerir outro olhar à vida e ao mundo, pois sendo outrem distinto, implica na convergência de sua pessoa frente às demais, opondo-se assim, a uma relação pautada na identidade-diferença:

O homem [e as mulheres], distinto por sua constituição real como coisa eventual ou livre, converge, se reúne, se aproxima de outros homens [e mulheres]. Sua convergência será bondade, justiça, realização, serviço, libertação. Além do ser converge-se na realidade, extra-sistemática, futura (DUSSEL, 1977, p.49).

Dessa forma, dentre as coisas que estão no mundo, os seres humanos por convergirem com outras mulheres e homens onde quer que possam se encontrar, nas ruas, indústrias, bairros, são sempre diferentes de todas as coisas. Apesar de muitas vezes estarem tão atrelados aos sistemas em que vivem, venham a adquirir máscaras que fazem do rosto não mais algo que interpela, mas sim objeto comparável a um móvel dentre os demais, tornando-se mera coisa sem transcendência nem mistério, de modo que “Passa-se junto ao outro e simplesmente se diz: ‘um operário’! ou: ‘um índio’!, ou: ‘um negro’! (DUSSEL, 1977, p. 59). Contudo, há momentos que a totalidade instrumental do sistema é quebrada, basta uma pergunta ou saudação de outrem que nos interpele para que a face do ser se revele fazendo com que apareça em toda sua exterioridade. Ainda mais quando exclama por ajuda, ou na voz de um/a empobrecido/a quando diz: “Estou com fome!” (DUSSEL, 1977, p. 46), expressando a extremidade de uma situação opressiva e injusta.

Dussel (1977), no livro “Filosofia da Libertação”, por meio da categoria de exterioridade nos propõe uma maneira para se pensar a filosofia no contexto da América-Latina, pautando-a principalmente a partir do/a empobrecido/a, o/a outrem, aquele/a que fora das totalizações do sistema ocidental, traz a oportunidade de se problematizar o contexto a partir de um pensamento autêntico, marcado pela liberdade:

Todo homem [e mulher], cada homem [e mulher], enquanto outro é livre, e enquanto é parte ou ente de um sistema é funcional, profissional ou membro de uma certa estrutura, mas não é outro. É-se outro na medida em que se é exterior à totalidade, e neste mesmo sentido se é rosto (pessoa) humano interpelante. Sem exterioridade não há liberdade nem pessoa. Somente na incondicionalidade da conduta do outro descobre-se o fato da liberdade, do livre arbítrio (p.51).

Nessa perspectiva, aceitar a palavra de outrem não requer motivo, mas apenas o critério de certeza de sua palavra, pois por meio dela, outrem se revela. De modo que aceitá-la, não condiz em tê-la como evidência de seu conteúdo, nem por sua exatidão, mas “porque

atrás de sua palavra se encontra a própria realidade de alguém” (DUSSEL, 1977, p. 53). O que nos leva a conceber que Mulheres e homens, não estão apenas inseridos no mundo como espectadores, mas, estão com o mundo e com outrem, sendo recriadores do mundo (FREIRE, 2005), deste modo não concebem sua presença de modo dicotômico entre corpo e mundo, o que faz da consciência assim, não como algo a parte, mecanicistamente compartimentada do corpo e que apenas recebe a realidade, se enchendo desta passivamente.

Ao discorrer sobre a constituição de nossa consciência, Fiori (1987) nos diz que é feita do encontro entre ela e mundo, presenças que se constituem e juntas ganham realidade, em que “o outro – uma estrela, uma flor, ou um pássaro – só é presente nessa luz da presença. A uma chamamos interioridade, e a outra exterioridade – metáforas devidas, uma vez mais às ilusões da imaginação espacializante” (p.67). Neste sentido, o acesso para a interioridade passa mutuamente pelo da exterioridade, em que todo dualismo entre consciência e mundo já prefigura a destituição de sua composição, pois: “[...] a consciência, é de um lado a outro transcendência” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.503), ou seja, não se atém em inércia, mas em-ação, em abertura à circunvizinhança sensível manifesta com o Ser, simultâneo com o Ser do mundo.

O corpo nos coloca em contato com o mundo e outrem, e nisto nos constitui de maneira ativa, deste contato que nos vivifica seria incoerente afirmar que dele apenas surgiria uma consciência abstrata de mundo e não real, Merleau-Ponty (1994), ao dizer sobre a percepção, relata que “Seria contraditório afirmar ao mesmo tempo em que o mundo é constituído por mim e que, dessa operação constitutiva, só posso apreender o esboço e as estruturas essenciais” (p.502).

A consciência, assim, não é considerada introspecção particular, mas é coincidência do ser e o vir-a-ser que o transcende, o que faz da história, aventura dada no encontro da transcendência e realidade sensível. Por isso que uma perspectiva pautada no que “deve ser”, nega toda a condição do que está sendo, do “que é” e ignora-se a vida, a faz exclusiva ao imaginário do possível. Pensar a vida a partir de sua prática, nos mecanismos e jogos simbólicos do agora, em sentido de transcendência, ou seja, de superação das disparidades e contradições vividas, é vivenciar na palavra em diálogo, a criação de condições em que o agir no mundo não se distinga do falado.

Nas mais diversas práticas que realizam, as pessoas apreendem maneiras de conduzir a vida, dinamizando processos educativos buscando cultivar suas ações no mundo através das experiências que participam (OLIVEIRA et al., 2014). Estes processos educativos, que decorrem da experiência vivida, são pautados pelo diálogo entre os/as participantes que

estabelecem comunicação por se reconhecerem mutuamente. Freire (2014), partindo desta noção, destaca que a prática educativa para ser verdadeira deve partir do diálogo horizontal, pois proporciona o reconhecimento dos que dialogam em horizontalidade, e ressalta:

Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2014, p. 141).

Em convívio as pessoas se educam, e através da solicitude, uns transmitem concepções, sentidos e significados que permitem a construção de valores frente a vida para outros, para que os indivíduos de uma comunidade se constituam não de modo individualizado, mas que cada um/a à sua própria maneira possa compor seus modos de ser e viver no mundo. A partir deste entendimento Silva (1987) descreve:

Educação é o ato de construir o nosso modo próprio de ser, juntamente com quem convivemos, ao assumirmos com eles os destinos do nosso grupo, nossa classe social, nossa comunidade. É vivência que permite tomar consciência do mundo, das coisas, das pessoas, das relações que entre eles se estabelecem, e assim tomar consciência de si próprio (SILVA, 1987, p.64).

A educação, neste sentido, se dá em diferentes lugares, momentos e, por estar atrelada ao próprio viver, não se restringe apenas a alguns ambientes. A partir desta compreensão, a educação é vista como processo social e histórico (MARTINS, 1992) que se constitui ao longo da vida através das interações entre o indivíduo e o mundo, colocando ao centro de suas questões o ser e o vir a ser de mulheres e homens, sendo que o meio ambiente que habitam e criam suas existências, não pode ser ignorado. Com isto, o lugar não toma o significado de espacialidade ocupada, “mas de projeção, a partir de um aqui e um agora” (MARTINS, 1992, p. 23), pois existindo o ser humano cria uma região para si, “regra esta que tem um diagrama como futuro, passado e presente” (MARTINS, 1992, p. 23).

Torna-se conflitante, assim, uma visão que tenha na educação apenas a função e ato de narrar e realizar comunicados, sem problematizar o mundo através da experiência vivida dos educandos. Freire (2005) descreve esta educação como sendo bancária, pois a relaciona figurativamente à realização de depósitos dos pensamentos sem qualquer postura empática entre os seres, mas feita a partir da doação de uns, os educadores, a outros, os educandos. Em outra perspectiva, dialógica da educação, a partilha se torna fundamental, e o encontro entre as mulheres e homens ao mundo como fonte geradora do conhecimento, tornando oportuna a

afirmação: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens [e mulheres] se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 79). Com isto, não se busca excluir o estudo autônomo e a prática do aprendizado para autoformação, mas afirma-se que toda fonte de conhecimento foi gerada por seres humanos em anseio de partilha, e que o destino de toda produção de conhecimento se dá no e com o mundo, ou seja, é inerente sobre seu contexto.

Para discorrer sobre a aquisição do conhecimento, Freire (1983) destaca que para a problematização do mundo, é necessária sua interrogação:

Colocar este mundo humano como problema para os homens significa propor-lhes que ‘ad-mirem’, criticamente, numa operação totalizada, sua ação e a de outros sobre o mundo. Significa ‘re-ad-mirá-lo’, através da ‘admiração’ anterior, que pode ter sido feita ou realizada de forma ingênua, não totalizada. Desta maneira, na “ad-miração do mundo “admirado” os homens tomam conhecimento da forma como estavam conhecendo, e assim reconhecem a necessidade de conhecer melhor (FREIRE, 1983, p.84).

Sendo assim, perceber-se no e com o mundo, com os outros (FREIRE, 2011, 2016), envolve se entender em presença, de modo que as alternativas de apreensão da existência, não estejam em se adaptar, mas se inserir, sendo sujeito da história e não objeto. Alternativa que, mesmo sabendo das difíceis condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos, muitas vezes geradoras de barreiras intransponíveis para a tarefa histórica de mudar o mundo, sabe também que “os obstáculos não se eternizam” (FREIRE, 2016, p. 53).

CAPÍTULO II – O CONTEXTO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS

2.1. Desenvolvimento e consumo

O século XX, artista cansado, termina pintando naturezas mortas
(GALEANO, 2010, p. 232).

Tendo em vista o constante ritmo de crescimento material baseado no uso de recursos naturais, motivados pelo progresso da ciência e da técnica como visto no século passado, a humanidade percorre a caminhos alarmantes, já que a crença em um desenvolvimento desenfreado, regido por um mercado que a tudo absorve não tem conduzido e, como atestado nos últimos anos, não conduzirá à condições plenas de bem-estar dos seres humanos. O progresso protagonizado pela revolução industrial encontrou na exploração da natureza a maneira de difundir o apelo ao consumismo desenfreado, se infiltrando e amplificando no imaginário das populações através não só da abundância de mercadorias, mas de informações.

Segundo Hobsbaw (1995), se permanecer o aumento do ritmo que a tecnologia moderna tem ofertado na capacidade de transformação do meio ambiente, o ser humano terá de tratar o tempo disponível para cuidar do problema, não podendo o medir em séculos mais do que em décadas por motivo de tamanha alteração já realizada sobre o planeta terra, extraindo dela ao máximo seus recursos naturais, sendo que:

Uma taxa de crescimento econômico como a da segunda metade do breve Século XX, se mantida indefinidamente (supondo-se isso possível), deve ter consequências irreversíveis e catastróficas para o ambiente natural deste planeta, incluindo a raça humana que é parte dele. Não vai destruir o planeta, nem torná-lo inabitável, mas certamente mudará o padrão de vida na biosfera, e pode muito bem torná-la inabitável pela espécie humana, como a conhecemos, com uma base parecida a seus números atuais (HOBSBAW, 1995, p. 547).

Com o aumento populacional, via modernidade tecnológica que dentre suas nuances abrange a produtividade da terra através do uso de defensivos e adubos agrícolas, com técnicas de plantio pautadas no uso intensivo da terra e da monocultura, contaminando solos e água, tem proporcionado o constante êxodo rural e o inchaço das grandes populações metropolitanas. Atualmente 47% da população mundial é abrigada nas grandes cidades do mundo, resultando em maior quantidade de consumo (MAGERA, 2003). Nesta condição de busca por melhores tecnologias de produção agrícolas, o capitalismo exaure os recursos naturais do planeta, neste novo cenário capitalista de produção, a ordem é:

[...] produzir mais para vender sempre, propiciando, assim, um dinamismo no sistema de produção mundial que necessita desse “combustível” para não entrar em colapso e manter a ordem universal e secular do *welfare state* (MAGERA, 2003, p. 27).

Panorama em que o consumo atinge a centralidade dos processos de composição do cotidiano e o próprio pensamento se torna algo que pode se comprar e vender, fazendo do mundo mesmo, local de domínio das visualidades, das marcas e do marketing que ignoram a produção dos conteúdos, ou seja, das experiências que dão formas ao viver. No mercado organizado pelas normas capitalistas, comerciantes e publicitários são os responsáveis que confiam no casamento entre “o poder de sedução das ofertas e o profundo impulso de seus clientes potenciais de estar sempre um passo à frente dos outros e de levar vantagem” (BAUMAN, 2010, p.36), proporcionando em todos os âmbitos de produção, consumo e distribuição a perspectiva da competição e acumulação.

Este modo de produção é aliado da técnica e se difunde pelas constantes renovações promovidas pela tecnologia, trazendo consigo uma lógica de sociabilidade semelhante ao que apregoa através dos produtos criados, como o descarte e a obsolescência programada. De modo que sua expansão, pode ser entendida como fonte de diferenciação por promover a desigualdade e a exploração através da alienação do ser, ao retirá-lo de sua tarefa cotidiana de constituir-se na história para a compreender apenas a partir do consumo. Nesta constante dimensão de desenvolvimento, diferentes trabalhadores vêm a se tornar também sem funções caso não acessem as novidades, promovidas e engendradas pelo sistema que o difunde. O capitalismo segundo Bauman (2010) é um sistema parasitário:

Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isto sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo sua sobrevivência (p.9).

Na esteira do desenvolvimento, o trabalho tem se aliado às maquinarias da revolução tecnológica, o que vem produzindo certa inversão nos papéis de seu uso, de modo que a relação do ser humano se tornou a do instrumento sobre a máquina, criando uma crise no processo industrial de produção, pois “Criado para substituir o escravo, o instrumento tecnológico acabou por escravizar o ser humano ao visar a produção em massa. Fez surgir uma sociedade de aparatos, mas sem alma” (BOFF, 2014, p.144).

Weil (1996), filósofa francesa que durante sua vida (1909-1943) se arremeteu a trabalhar como operária em fábricas, produziu sua obra pautada nas lutas operárias de seu tempo, trazendo à luz pensamentos profícuos à superação de condições opressivas que o mercado imprimia no cotidiano laboral de seus trabalhadores. Opressão que limitando o presente, erguia o capital como dependente do futuro e todo anseio sobre ele:

Quanto ao progresso científico, não se entende para que serve empilhar ainda mais conhecimentos sobre um acúmulo já tão excessivo, que nem o pensamento dos especialistas pode abarcar; e a experiência mostra que nossos avós se enganaram acreditando na difusão das luzes, já que só podemos divulgar para as massas uma miserável caricatura da cultura científica moderna, caricatura que, em vez de formar o pensamento, as acostuma à credulidade. A própria arte sofre o golpe do desnorteamento geral, que, em parte, a priva de seu público, o que detêm a inspiração. Finalmente a vida familiar é toda ansiedade desde o momento em que a sociedade se fechou para os jovens. Essa geração para a qual a espera febril do futuro é a vida integral, vegeta no mundo inteiro com a consciência de não ter nenhum futuro. Mal este que, de mais a mais, se é mais agudo para os jovens, é comum para toda a humanidade de hoje (WEIL, 1996, p.280).

Nesta condição de subordinação e crescimento material, temos visto o processo de modernização como um grande projeto pautado na ideologia das liberdades individuais com fins em interesses privados, onde palavras como descuido, descaso e abandono se apresentam com diferentes nuances, mas sempre atreladas à falta de cuidado. Dentre elas podemos ressaltar, como aponta Boff (2014): o descuido com as crianças; o descaso com os empobrecidos, aposentados e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome e tirados do processo produtivo; o abandono dos sonhos de generosidade e menosprezo da solidariedade, ignorando-se a liberdade e dignidade a todos os seres humanos; descuido da sociabilidade nas cidades abandonando os habitantes ao simulacro do entretenimento; descuido e descaso pela dimensão espiritual do ser humano, que é enternecido pela vida, sendo exposto a todo tipo de violência nos meios de comunicação; descuido e descaso pela coisa pública criando-se políticas pobres em seguridade alimentar, saúde, educação e moradia aos pobres; descuido vergonhoso pela vida moral da vida pública marcada pelo jogo e poder de grupos atrelados a interesses coporativos; abandono da reverência e do cuidado com a vida e sua fragilidade, sendo passível de serem extintas diversas espécies animais e vegetais até meados do século XXI. “Atulhados de aparatos tecnológicos vivemos tempos de impiedade e de insensatez. Sob certos aspectos regredimos à barbárie mais atroz” (BOFF, 2014, p.22).

O progresso tecnológico é assentado sob as bases de um regime neoliberal, que condiciona o estado à manutenção de um conjunto de ideias e ações políticas de acordo com o

mercado global capitalista, garantindo nesta conjuntura, a presença da política estatal para salvaguarda de sua mão massificadora e de dominação, que desde o regime colonial, permanece semelhantemente extrativista. Buscando denunciar a subordinação a que a natureza se encontra, passível de toda exploração que assola aos seres que a partir dela existem, Santos (2015) apresenta o conceito de “consumo produtivo” como proposta que tem na compreensão dos processos de “[...] aquisição das matérias-primas que movimentam e dão celeridade à circulação dos bens de consumo” (p.24), o anúncio das injustiças provocadas nos territórios onde a extração dos recursos – água, minérios, terra, florestas, biodiversidade – geram sua degradação e devastação. Neste intuito, ressalta a possibilidade da aquisição de uma posição privilegiada no mercado, podendo participar de modo mais ativo na determinação de certos bens, de modo transnacional, para superação “[...] das contradições de um discurso supostamente universal e evolutivo do desenvolvimento” (SANTOS, 2015, p. 24).

A posição de países emergentes, periféricos do sistema mundo enquanto fornecedores de produtos primários, revela assimetria entre estes, de modo geral localizados ao Sul, com os localizados ao Norte que o compõem, já que destes se dá com base na exploração daqueles. Neste sentido, Santos (2010a), comenta sobre as linhas abissais que dividem as nações em Norte e Sul e arregimentam a cartografia atual moderna, de base jurídica e epistemológica, que juntas, atuando através das linguagens da ciência e jurisprudência ocidental, produzem a sub-humanidade moderna do Sul, geográfico e epistemológico, onde: “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2010, p. 39).

Segundo a ordem capitalista mundializada, se tem forjado uma conjuntura na divisão do trabalho internacional em que países ricos em recursos naturais como o Brasil e o conjunto da América Latina, se apresentam no comércio internacional como fornecedores de *commodities* de recursos naturais diversos, em que os preços são aferidos uniformemente de acordo com a oferta e procura internacional. Os trabalhos realizados no interior dos países não condizem com uma maior distribuição interna dos recursos, por serem realizados por multinacionais, não sendo convertidos em recursos vantajosos para a totalidade das nações e acabam por agravar as disparidades sociais e a própria fragmentação do território nacional (PEREIRA, 2010), impactando ecossistemas inteiros.

Nestas condições não se torna impactante a existência em regiões periféricas do mundo, casos de “*land grabbing*” (SANTOS, 2015, p. 25) onde terras extensas são arrendadas durante anos para outros países para produção de alimento a ser importado,

garantindo aos agricultores locais parcos salários, e um largo rendimento aos poderes estatais, como no caso de uma ilha nas Filipinas, Mindanau, que arrendou 78 mil hectares, para produzir por 25 anos alimentos à Arábia Saudita. Casos como a água gerida pelo agronegócio no Brasil e exportada virtualmente através das carnes bovinas ou sementes como a soja, também se enquadram nesta condição, nela cada vez mais crescem as dúvidas sobre as devidas regulamentações dos recursos hídricos de nosso país, e o quanto estes trâmites para circulação de bens naturais ao longo do mundo, comprometem a soberania alimentar ou hídrica de uma população subjugada a esta condição produtiva de extração e serviços (SANTOS, 2015).

Há que se reatar os laços dos seres humanos e a Natureza a partir de uma nova ética, para esta transformação, é preciso desmercantilizar os recursos naturais como parte de um encontro consciente com a natureza, e nisto ela não seja mais entendida como coisa, própria à dominação, mas sim, entendida como uma organização material que emerge da vida:

É um desafio especial para quem vive nas cidades- que se encontram, no mínimo, distantes da Natureza. Os habitantes das cidades devem entender e assumir que a água, por exemplo, não vem dos supermercados ou da torneira” (ACOSTA, 2016, p. 120).

Conforme o aumento da descartabilidade dos produtos utilizados no dia a dia, maior será a necessidade de extração de suas matérias primas dos ecossistemas em que se encontram, gerando maior mobilidade destas em trâmites mundiais, resultando na necessidade de maior extração destes. Apesar das vinculações dos recursos provenientes da natureza com os objetos que utilizamos no dia a dia não serem aparentes, esta lógica tem conduzido os destinos a uma modernidade insustentável e homogeneizante, trazendo disparidades sociais sob o enriquecimento e aumento da possibilidade de consumo de uns, e a negação e silenciamento de outros pela pobreza. Santos (2001) chama atenção a este aspecto ao denomina-lo como globalismo localizado, que “Trata-se do impacto específico de práticas e imperativos transnacionais nas condições locais, as quais por essa via, são desestruturadas e reestruturadas de modo a responder a esses imperativos transnacionais” (p. 13).

Em nome do desenvolvimento da modernidade ocidental colonialista são realizadas diversas ações pelos países centrais, também conhecidos por desenvolvidos, para subordinar os países ditos periféricos, influenciando diretamente suas políticas internas. Dentre as estratégias estão o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, cujos investimentos promovem uma suposta autonomia estatal, cuja ingerência em nome do

progresso, recorre a frequentes ações militares para se proteger de potências rivais, pautando a proteção ou indução da democracia como base política para propulsionar o desenvolvimento (ACOSTA, 2016).

Nesta conjuntura, chamamos atenção ao cenário desastroso que foram as ditaduras no último século em vários países latino-americanos, como no caso Guatemalteco, relatado por Galeano (2010) ao observar o trabalho realizado pelo Bispo Juan Gerardi (1922 - 1998), assassinado após relatar a história de ditadura militar da Guatemala:

[...] 150 mil guatemaltecos mortos, 50 mil desaparecidos, um milhão de exilados e refugiados, 200 mil órfãos, 40 mil viúvas. Nove de cada dez vítimas eram civis desarmados, na maioria indígenas; e em nove de cada dez casos, a responsabilidade era do exército ou de seus bandos paramilitares. A igreja tornou público o informe numa quinta-feira de abril de 1998. Dois dias depois, o bispo Gerardi foi encontrado morto, com o crânio esfacelado a golpes de pedra (GALEANO, 2010, 214).

Por vezes engendradas pelos países de capitalismo central, as ditaduras civis-militares em países latino-americanos, foram disfarçadas sob a égide do progresso que camufla e homogeneiza diferentes contextos e territórios. Leff (2001) diz, a este respeito, que o panorama desenvolvimentista é gerador de um pensamento unidimensional em um processo de globalização econômica que se traduz em uma ampla padronização dos olhares sobre a realidade, unindo o mundo diante do signo do mercado capitalista, fazendo com que neste processo se desconheçam a diversidade e a diferença como princípios constitutivos do Ser. Nesta esteira, o consumo adquire formas muito específicas sobre o agir de diferentes grupos, que a partir da evolução do desenvolvimento acabam por levar ao esquecimento diferentes noções de sensibilidade e gostos no imaginário social, extinguindo os horizontes históricos e narrativas pessoais de diferentes povos.

Na atualidade as práticas de consumo se vinculam a necessidades muitas vezes mediadas por um imaginário motivado pelo marketing e na renovação continuada dos bens materiais que adquirem cada vez mais simbolismo. Nesta conjuntura, nos valem do alerta de Santos (2015), que para a mudança deste quadro “Falta ainda percorrer um longo caminho na reflexão crítica sobre as construções imagéticas e as hierarquias que derivam das práticas de consumo” (p. 27), e que uma mudança paradigmática implicará, também, “e essencialmente, uma intenção genuína de se fortalecerem outros mecanismos de construção identitária e de pertencimento, outras semânticas, outros modos de relação com a diferença” (p. 27).

Fanon (1968), neste aspecto, ressalta o cuidado que uma postura descolonizadora tem de ter sobre os contextos, valorizando as pessoas e meio ambiente em que vivem, para ir além de aspectos pautados apenas naquilo que a visibilidade pode demonstrar e que, se fixando apenas nela, perpetuam uma relação de estereótipos que promovem uma valoração externa e alheia, apegada apenas ao revestimento do visível e nisto, deixam de conhecer e perceber as verdadeiras mudanças possíveis e significativas que emergem de dentro de uma cultura do povo:

Esse revestimento é apenas o reflexo de uma vida subterrânea, densa em perpétua renovação. Essa objetividade que vaza os olhos e parece caracterizar o povo não é na verdade senão o resultado inerte e já negado de adaptações múltiplas e nem sempre coerentes de uma substância mais fundamental que, esta sim, está em plena renovação (FANON, 1968, p. 186).

A partir desta denúncia, Fanon (1968) nos chama atenção para a essência de uma perspectiva criativa pautada na superação das mazelas que uma modernidade ocidentalizante tenta impingir com desempregos e desigualdades, e que expressam as possibilidades de potencializar a sensibilidade buscada em um contexto de cultura em processo de libertação, para efetiva emancipação de um povo. Neste cerne está a presença daqueles e daquelas que tomam seus afazeres diários, independentemente a posses e bens individuais que trazem a garantia de suficiência nas atuais condições do capitalismo neoliberal, mas que o fazem de modo coletivo, amparados na garantia do auxílio e consciência da mútua dependência, não para o descaso, e sim para o auxílio de não estarem sós e protegidos por valores simbólicos que emergem do fazer comum para o bem viver.

2.2. Direitos da Natureza

A degradação ambiental tem expressado certos limites a que a modernidade tem chegado, sendo legitimada de modo jurídico, econômico e científico, os quais apoiados na racionalidade moderna, se estabelecem como verdades, pontos nodais de observação e indagação do mundo, dispositivos de poder que tomam a natureza como objeto a ser apropriado e explorado. Mudar esta estrutura exige uma desconstrução e reconstrução para se desvencilhar dos mecanismos do mercado, construindo uma outra racionalidade, pautada em aspectos ambientais que possam ser aliados aos econômicos, reterritorializando culturas (LEFF, 2001).

Com isto, a discussão sobre o decrescimento do Norte global tem de ser tida como pauta frequente, conjuntamente com o pós-extratativismo no Sul. O tema do crescimento é algo a ser levado com responsabilidade, para que não haja uma mobilidade ecológica desigual entre países, nem mesmo expropriação de terras dos mais empobrecidos pois, como ressalta Acosta (2016), o crescimento se define pelas correspondentes histórias naturais e e sociais que o explicam, neste sentido, é indispensável a criação de arranjos ambientais como um dever universal. Segundo ele:

Por um lado, os países empobrecidos e estruturalmente excluídos deveriam buscar opções de vida digna e sustentável, que não representem a reedição caricaturada do estilo de vida ocidental. Por outro, os países ‘desenvolvidos’ terão de resolver os crescentes problemas de iniquidade internacional que eles mesmos provocaram e, em especial, terão de incorporar critérios de suficiência em suas sociedades antes de tentar sustentar, às custas do resto da Humanidade, a lógica da eficiência compreendida como a acumulação material permanente (ACOSTA, 2016, p. 118).

Concomitante ao esgotamento dos limites naturais, o próprio modelo de organização da sociedade se coloca em cheque, sendo compreendida como nociva em sua constituição, de modo que internamente suas iniquidades são exemplificadas, reproduzindo desigualdades. As injustiças ambientais que ocorrem principalmente nas metrópoles de países ao Sul, são exemplares deste padrão de organização pautado na desigualdade, sendo expressas sobre as parcelas mais pobres da população que tendem a viver próximas a lixões, aterros sanitários, áreas inundáveis, plantas industriais, entre outros, constituindo um quadro de injustiça ambiental (CARTIER et al., 2009).

A questão ambiental desde o início de seu debate, tem sido um campo de diferentes significações, abrangendo retóricas que tem, de um lado, o meio ambiente como fonte de recursos materiais sem conteúdos socioculturais específicos e diferenciados, sendo expresso em quantidades, enquanto de outro, que interroga os fins pelos quais o ser humano se apropria dos recursos do planeta, compreendendo o meio ambiente como múltiplo em qualidades socioculturais, pois até mesmo, não há ambiente sem sujeito (ACSERALD, 2010). Nesta última vertente, entende-se que os riscos ambientais são distribuídos de maneira desigual, sendo diferenciados seus efeitos já que existe a capacidade de alguns grupos escaparem aos efeitos de tais intempéries.

Sob este segundo olhar, se ancora a noção de Justiça Ambiental, que busca identificar a desigual exposição de pessoas e grupos aos riscos ambientais gerados no processo de produção do capitalismo, o qual tem promovido em sua lógica de acumulação, consumo e

riqueza, a penalização ambiental dos que possuem menos acesso aos recursos. Sob esta perspectiva, Acserald (2010) relata que a Justiça Ambiental é uma noção emergente que integra o processo “histórico de construção subjetiva da cultura de direitos” (p. 111). Ela surge de experiências recentes em que esta noção de justiça é aplicada como estratégia por diferentes movimentos sociais, alterando a configuração de forças sociais envolvidas em lutas ambientais, e até mesmo em determinadas circunstâncias, produzindo “mudanças no aparelho estatal e regulatório pela proteção ambiental” (p. 111).

No entanto, não podemos compreender os direitos ambientais que atendem a demandas humanas – como o enfrentamento da pobreza ou de defesa por melhores condições de vida frente a um desastre ambiental –, com os Direitos da Natureza, cuja a centralidade está na Natureza, e por esta motivação, segundo Acosta (2016), inclui também o ser humano, voltando-se aos ecossistemas e às coletividades, não aos indivíduos:

A Natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isto representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo, a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida (p. 131).

A libertação da Natureza da condição de mero objeto, de propriedade dos seres humanos está ligada a uma mudança de perspectiva que remete aos primórdios da modernidade, vinculada a certos povos com localidades específicas, bem como aos princípios filosóficos e científicos construídos neste período. Os elementos substanciais desta visão que atualmente é dominante, nascem impregnadas pelo progresso civilizatório europeu, colonialista, expansionista e destrutivo.

A construção epistemológica orientada a partir da Europa como centro, remonta ao iluminismo, tendo dentre seus teóricos de grande relevância, o matemático jesuíta europeu Descartes (1596 - 1650), que compreendeu o mundo como uma grande máquina e o corpo dos seres humanos, parte deste instrumental quantitativo e mecânico (DUSSEL, 2010). A partir de seu pensamento como branco, homem e europeu, o teórico não circuncreveu a um índio, escravizado africano ou asiático, o que sob esta prerrogativa de indeterminação quantitativa sobre toda a qualidade dos seres, provocou todas as “abstrações ilusórias do ‘ponto zero’ da subjetividade filosófica moderna e da constituição do corpo como mercadoria quantificável com um preço” (DUSSEL, 2010, p. 354), acarretando na história o que foi o sistema escravagista, ou também o salarial, no capitalismo.

Nesta lógica de pensamento, a política expansionista se disseminou pelo mundo ignorando valores coletivos, exterminando povos inteiros. Ao se difundir a modernidade ocidental colonizando grande parte dos países do mundo, considerando que 85% do globo até vésperas da segunda guerra mundial eram colônias e ex-colônias (SANTOS, 2010a), os valores do progresso científico e tecnológico foram anunciados como elementos ao serviço de toda a humanidade, porém pouco se pesou que viria carregado conjuntamente com a desigualdade social, degradação ambiental, desemprego e subemprego. Não que os avanços devam ser negados e excluídos sobre toda consideração de transformações positivas de libertação de condições exploratórias do ser humano e planeta terra, mas sua superação em termos de valorização planetária, envolve ultrapassar leituras ingênuas e simplórias sobre tamanha exploração dos recursos naturais e miséria gerada neste sistema no desenvolvimento moderno ocidental.

O país Equador, através de sua Constituição de 2008, representa um passo além por nela definir os Direitos da Natureza, ou seja, estabeleceram um marco na Humanidade por reconhecimento da Natureza não mais como objeto, mas um ser de direitos, e principalmente à sua restauração integral em caso de degradação (ACOSTA, 2016). A libertação da natureza sugere como Gudynas (2009) ressalta, um rumo biocêntrico à existência, e não antropocêntrico, propondo “uma alternativa à modernidade abrindo espaços para novas formas de valoração ambiental e articulação com os saberes indígenas” (GUDYNAS, 2009, p. 34). A Natureza em seus direitos não se torna objeto intocável, que nem mesmo pode ser usufruída para alimentação, mas, ao contrário, ao ser representada por pessoas e comunidades, povos e nações, seus ciclos vitais e processos evolutivos são tidos como essenciais para seu funcionamento, onde o foco está além das reservas ambientais ou nos cuidados especiais com espécies em extinção, a responsabilidade está em assegurar a constância da sobrevivência do ecossistema com suas espécies nativas, indo além do direito ambiental (ACOSTA, 2016).

Questionar a palavra desenvolvimento perpassa visualizar em sua projeção ocidental moderna, aspectos contraditórios a toda noção comunitária que venhamos a ter. Superar esta condição de opressão para valorização do viver, nos alerta Freire (2011), decorre a necessidade de buscar coerências entre o vivido e o imaginado, entre a fala e as ações, movimento em que “nenhum colonizado, como individuo ou como nação, sela sua libertação, conquista ou reconquista sua identidade cultural sem assumir sua linguagem, seu discurso e por eles ser assumido” (p.243).

Muitas etnias indígenas presentes entre os grupos ameríndios possuem em sua cosmovisão alternativas que partem da unidade do universo e do ser humano à natureza, para

pautar perspectivas em sentido de igualdade da essência da vida entre todos/as, onde a integralidade da forma do viver é concebida em cuidados amplos e responsáveis com a satisfação de um bem comum, um Bem Viver. Este conceito já é inserido nas constituições de dois países da América Latina, o Equador e a Bolívia, sendo encontrado na tradição dos povos indígenas habitantes da América do Sul, como no mundo Quechua, onde está a ideia de “*Sumak Kawsay* (a vida em plenitude e harmonia), no mundo Kuna o *Baluwaba* (a unidade da natureza), e em Aymara, o *Suma Oamaña* (o bem estar de sua força interna)¹⁶” (MEJÍA, 2013, p.379).

O Bem Viver é algo a ser considerado em permanente construção, conforme as pessoas e grupos o vão assumindo em suas vidas, superando contradições e desequilíbrio com o ecossistema, um mundo cada vez com menos miséria e discriminação, com um mínimo de coisas necessárias, bens e serviços, sem a finalidade cumulativa (MEJÍA, 2013).

Dussel (2003), preocupado com mudanças necessárias de cuidado para que o Bem Viver seja realizado não comprometendo as vidas futuras do planeta terra, bem como a dizimação de toda a humanidade sobre ele, ressalta:

Tendo como horizonte a destruição ecológica da terra articulada concomitantemente com a miséria, a pobreza, a opressão da maioria da humanidade (levando-se em consideração os fenômenos tais como o capitalismo periférico, o racismo, o machismo etc.), devemos recuperar a referência material, uma vez que tais “fatos” só podem ser descobertos criticamente por contraste (contradição ou não cumprimento) com um critério *positivo* material enunciado previamente. Por isso necessitaremos reconstruir a verdade de uma ética material (onde a destruição ecológica e a pobreza sejam detectadas como problemas éticos em si mesmos) e articulá-la convenientemente a uma moral formal (a partir da qual se poderá proceder consensualmente) (DUSSEL, 2003, p.25).

Ao considerar a possibilidade de “recuperar a referência material”, Dussel (2003), nos remete a pensá-la em níveis ecológicos, para realização absoluta de toda sobrevivência uma vez que os recursos naturais têm se tornado escassos e a privatização destes, como a água, começam a se tornar, mais e mais evidentes, concomitante a sua escassez. Com isto, este autor nos convida a assumir uma lógica de formalização da moral, a qual não propõe à ética, a negação de um movimento ativo e criativo de condições inovadoras de Bem Viver, mas se traduz em buscar pautá-la sobre as diversas faces originárias de compreensões humanas do agir, ou seja, impregnar as ações à alteridade, na constante busca de aspectos intersubjetivos

¹⁶ Tradução livre.

(no plano privado e público, nacional ou internacional) para não resumir toda valoração humana em fundamentalismos.

A comunicação nesta lógica formal seria feita de um modo de vida “comunitário”, na constante abertura (democrática e consensual) prática aos diversos modos de Bem Viver existentes no contexto da totalidade social e histórica dos contextos, conforme os princípios de uma ética ecológica para “[...] sobre-vivência da comunidade de vida humano-cultural” (DUSSEL, 2003, p. 28) onde todos/as fossem implicados/as.

2.3. Lixo ou resíduo?

Conforme a consolidação das indústrias automobilísticas e petrolífera como motores da economia mundial, e seu crescimento a partir dos anos 50 focado na produção e consumo de massa, pudemos notar com o desenvolvimento tecnológico, o crescimento das cidades e a ampliação do uso de recursos naturais, provocando dentre outras consequências, o expressivo aumento de produtos descartáveis e menos duráveis gerando grandes quantidades de resíduos (lixo), os quais necessitam um fim adequado (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

A definição de lixo é normalmente conhecida como tudo aquilo que já não possui mais serventia e não presta para nada mais, inútil, “T tecnicamente, é composto de restos das atividades humanas considerados inúteis, indesejáveis ou descartáveis por seus geradores, apresentando-se sob o estado sólido, semissólido ou semilíquido” (LAJOLO, 2003, p. 13). Noção que varia de acordo com o espaço e o tempo em que as conceituações do termo são utilizadas. Na linguagem corrente “lixo” possui a mesma definição de “resíduo”, apesar desta diferente classificação carregar em si, a perspectiva de um trato diferenciado sobre aquilo que é descartado, a substituição da primeira pela segunda trás uma conotação distinta, pois aquilo que pode não ter “valor ou utilidade para uns, para outros corresponderá a benefícios, ou seja, com um valor de uso positivo” (ZANIN; MANCINI, 2004, p.18).

Em entrevista, Eigenheer (2015), buscando traduzir a noção histórica de significação do lixo, reflete sobre a prática da compostagem, muito comum até um passado recente em que muitas residências tratavam os resíduos orgânicos nos quintais das casas para serem usados em hortas e pomares caseiros:

Nos jardins gramados e ornamentados de hoje, não há espaço para os restos, muito menos nos edifícios que dominam os grandes centros. Ainda me lembro, no interior paulista, das mulheres utilizando o estrume das ruas, deixado pelos cavalos de charretes e de colonos, para, depois de curtidos, serem usados nas roseiras, avencas e tantas outras plantas. Às crianças,

quase sempre, era designado o trabalho de recolhimento, feito sem maiores problemas. A beleza dos jardins e vasos agradecia a superação do nojo (EIGENHEER, 2015, p.12).

O trato com o lixo nas sociedades acompanha o ser humano desde os primeiros momentos da vida sedentária, com os adventos da revolução industrial e o desenvolvimento da sociedade capitalista, o cenário de agenciamento dos resíduos sólidos tem se agravado por seu aumento vertiginoso. Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), revelou que em 2008 o total de resíduos sólidos domiciliares e/ou públicos coletados no Brasil foi de 183.488 toneladas ao dia, a comparação das PNSBs 2000 e 2008 mostra que houve um acréscimo de 58.207 toneladas coletadas ao dia, em todo o País (VILANOVA NETA, 2011).

Em decorrência do aumento da geração de resíduos, observa-se ainda a diversificação e diferenciação nas características de composição, bem como o aumento de sua periculosidade (JACOBI; BENSON, 2011). Essas mudanças são atreladas ao posicionamento ideológico do mercado capitalista, que dentre suas faces se revela no progresso tecnológico dos produtos sendo criados de antemão com o projeto de adquirirem uma obsolescência programada. Estratégia que tem como destino forjar socialmente um padrão de comportamento de consumo excessivo e supérfluo, pautado na descartabilidade de tudo que é consumível, material e simbolicamente (ACOSTA, 2016).

Em países com maior rendimento monetário no mundo, em que há uma maior quantidade de consumo de produtos industrializados e, conseqüentemente, maior geração de lixo, o manejo dos resíduos é realizado com maior capacidade de equacionamento da gestão, por um somatório de fatores que incluem o investimento de recursos econômicos, desenvolvimento tecnológico para abarcar diferentes processos de tratamento aos materiais, bem como a preocupação ambiental da população decorrente ao maior investimento em educação nestes países. Em contraposição, em cidades onde predomina maior subordinação aos tratos econômicos mundiais, principalmente aquelas em que há o aceleração no processo de urbanização, verificam-se déficits na capacidade financeira e administrativa em prover infraestrutura e serviços essenciais como a água, saneamento, coleta e destinação adequada do lixo, e, em assegurar segurança e controle da qualidade ambiental para a população (JACOBI; BENSON, 2011).

Conforme o aceleração da urbanização e a explosão demográfica, atrelados à marginalização social, contaminação dos alimentos, geração de resíduos e outras pautas, o movimento ambientalista ampliou o escopo de luta que antes se concentrava em aspectos mais voltados a preservação da espécie. O discurso ecológico, por meio dos diversos agentes

ambientais, durante a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente, a ECO-92 – evento realizado no Rio de Janeiro/RJ, que envolveu a participação de 170 países –, criou o documento denominado Agenda 21. Dentre os assuntos tratados, nele se estabelece o princípio dos “3 Rs” buscando envolver e impactar a população na redução da prática do consumo e difundir outra orientação para ela. Os Rs representam três atitudes de ação conjugadas, cujas siglas descrevem: *reduzir*, *reutilizar* e *reciclar* (LAYRARGUES, 2002), e cada um dos termos adquirem os seguintes significados: Reduzir: o ato do consumo no cotidiano, de produtos e serviços; Reutilizar: antes do descarte e geração do resíduo; Reciclar: tem para o cidadão a função de separação dos resíduos no momento do descarte, para o poder público, agentes da coleta seletiva e empresários, é a reinserção do resíduo em sua cadeia de produção, para ser transformação em novo produto.

Enquanto o discurso ecológico hegemônico, atrelado ao discurso ambientalista governamental brasileiro¹⁷, preocupa-se com a junção entre a reciclagem e tecnologias limpas, tendendo a ver o consumo muito mais em aspectos técnicos do que atrelado a uma problemática cultural vinculada à manutenção da ideologia dominante, outros grupos ambientalistas corporificados pelo movimento social organizado, tem buscado uma maior proatividade na problematização da produção de resíduos (LAYRARGUES, 2002). Estes grupos têm abordado o consumo de outro modo, enfatizando sua insustentabilidade e visando sua diminuição. Para tanto, suas críticas enfatizam de modo incisivo o primeiro R, pautando a redução ou até mesmo a recusa quando possível do consumo, ao invés da tendência à manutenção de um *status quo* que presa apenas o terceiro R, restrito a destinação do resíduo após consumo para reciclagem.

Neste sentido, o discurso ambientalista contra hegemônico tende a propagar outro estilo de vida, muito mais pautado na essencialidade humana, visando a valorização do Ser, ao invés do princípio do Ter, chamando a atenção a outras opções, dentre as quais podem ser ressaltadas de imediato, as escolhas por:

[...] mais brincadeira, menos brinquedo; mais empatia, menos maquiagem;
mais carinho, menos presentes; mais bicicletas, menos utilitários de luxo;
mais diversidade, menos intolerância; mais solidariedade, menos

¹⁷ Para exemplificar o descaso à questão ambiental do governo brasileiro nos últimos tempos, vale ressaltar dentre os casos, a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará “planejada para ser a terceira maior hidrelétrica do mundo[...], há evidências de uma estreita conexão entre a construção de Belo Monte e a exploração de recursos minerais em terras indígenas, com a exploração de ouro a céu aberto por uma mineradora canadense. São também esperados, por conta de Belo Monte, impactos significativos do desvio da volta Grande do Rio Xingu tanto na biodiversidade local como na rotina da nevegação das comunidades da região” (SANTOS, 2015, p. 17).

individualismo; mais cooperação, menos competição; mais reflexão, menos técnica; mais paz, menos guerra; mais social, menos econômico; mais sutileza, menos velocidade; mais felicidade, menos desenvolvimento... (LOGAREZZI, 2007a, p. 103)

O contínuo crescimento do volume de resíduos coletados exige a atenção das gestões municipais com planos de tratamento adequados e de destinação final com importantes estratégias, já que podem promover impactos sociais, econômicos e ambientais severos. Os serviços de coleta de resíduos sólidos domiciliares urbanos no Brasil atingem uma grande parcela da população, chegando a 97% da população em 2008, sendo que em comparação ao ano 2000 foi de grande melhoramento, pois apenas 79% eram coletados (VILANOVA NETA, 2011).

Os Lixões ou Varadouros, ainda presentes em muitos municípios brasileiros, vieram a se tornar grandes preocupações por se constituírem em terrenos para depósito do lixo sem nenhum tratamento à céu aberto, configurando grandes focos de poluição ambiental, podendo contaminar as águas subterrâneas e o ar, pela decomposição dos resíduos que podem gerar gases tóxicos de modo não controlado. Nele são desperdiçadas matérias-primas, energia e outros insumos incorporados aos resíduos, passíveis de reaproveitamento, além do alto custo para sua manutenção, dispendem um alto custo estrutural e operacional, sendo difícil encontrar locais apropriados para locação (LOGAREZZI, 2007a).

Este mecanismo de depósito do lixo tem a previsão de ser eliminado do território nacional e deveria ser extinto até o ano de 2014 de acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos de Lei número 12.305, de 2 de agosto de 2010, traz as resoluções da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010), regulamentada pelo decreto nº 7.404, de 2010, que após vinte anos de tramitação no Congresso Nacional, estabeleceu um novo marco regulatório para o país, e prevê dentre seus termos, a transformação destes lugares em Aterros Sanitários. Apesar destas indicações, até 2008, 50,8% dos municípios brasileiros ainda destinavam resíduos para lixões a céu aberto segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (VILANOVA NETA, 2011).

Atualmente os Aterros Sanitários são tidos como a melhor condição de despejo (MAGERA, 2003; VILANOVA NETA, 2011; DEMAJOROVIC; LIMA, 2013), pois possuem característica específicas de cuidado com o solo, que deve passar por um processo de impermeabilização, sendo necessária para sua instalação, uma área muito maior do que a destinada à sua função de aterrar o lixo. O Aterro Sanitário deve contemplar em seu espaço, um local para sistema de drenagem de chuva e estações para tratamento de chorume, que é o

líquido tóxico proveniente da decomposição do material orgânico presente no lixo, não podendo ser instalados próximos a rios ou córregos. Outro método conhecido, já adotado por alguns países para controle ou eliminação dos resíduos são as Usinas de Incineração (MAGERA, 2003), mas pelo alto custo envolvido e o potencial de contaminação do solo e ar, não são bem vistos e aplicáveis.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos tem como um de seus principais instrumentos o Plano Nacional de Resíduos Sólidos (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010), que busca estimular tratamentos diferenciados aos resíduos sólidos, os quais adquirem uma sequência de prioridades, tendo a não geração de resíduos como primeira instância de ação, em sequência a redução, a reutilização, a reciclagem, o tratamento dos resíduos sólidos e a disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos. Neste sentido, a diminuição dos resíduos envolve estabelecer a viabilidade ou não de certos produtos serem criados, abarcando deste modo, já o início do modo produtivo. O que perpassa como diretriz, a necessidade determinante da redução de certos materiais e prioritariamente, em vez de reciclados após o consumo, que sejam diminuídos já em sua produção. Ao fim, aquilo que não puder ser mais aproveitado pelo processo de reciclagem, poderá ser utilizado para produção de energia através de incineradores e, o que não fornecer mais nenhuma serventia, ter um fim adequado em aterros sanitários.

Dentre outros temas que a Política Nacional de Resíduos Sólidos trata, está o princípio Poluidor-Pagador (PINHEL; ZANIN; MÔNACO, 2011), que durante os trâmites de sua redação criou muitos debates, já que grandes empresas poluidoras teriam de arcar com novos impostos, sendo viabilizada apenas após ser instituído também o princípio Protetor-Recebedor, que faz com que aqueles que atingem as metas de equilíbrio sejam beneficiados. Há também, contemplada dentre os termos desta política nacional, a “logística reversa”, que é composta de um conjunto de ações que tem como finalidade viabilizar a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial para seu reaproveitamento.

Até o início do século XX, grande quantidade dos resíduos gerados se restringia a material orgânico, e uma pequena parcela de papel e papelão (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013). Segundo dados do Índice Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ainda que compondo sua maior porcentagem, até o ano de 2010 os resíduos orgânicos chegaram a apenas 51,4% (VILANOVA NETA, 2011). Dentre as condições exigidas pela PNRS para o trato aos resíduos sólidos, estão o envio obrigatório destes à reciclagem e à compostagem e como estratégias para esta realização, a gestão integrada dos resíduos.

A gestão integrada dos resíduos “[...] é, em síntese, o envolvimento de diferentes órgãos da administração pública e da sociedade civil com o propósito de realizar a limpeza urbana, a coleta, o tratamento e a disposição final do lixo” (MONTEIRO et al., 2001, p.8). Nela a administração pública municipal aparece como protagonista na gestão dos resíduos, tendo de gerenciar desde a coleta à sua destinação segura através do estabelecimento de parcerias, em que a população adquire papel fundamental para garantir a separação dos recicláveis, e os grandes geradores devem se responsabilizar para destinar corretamente seus rejeitos. Como estratégia para sua realização, abarcando aspectos socioambientais, a gestão integrada prevê a inclusão de catadores de materiais recicláveis nos sistemas municipais por meio da Coleta Seletiva. Dentre outros termos, também prevê o fortalecimento destes grupos através da criação de “redes de organização de catadores e a criação de centrais de estocagem e comercialização regionais” (JACOBI; BENSON, 2011, p. 137).

Neste contexto, surge a necessidade de pensar articulações cada vez mais profícuas em âmbitos de políticas públicas voltadas ao cenário da Coleta Seletiva desde setores municipais e regionais para a Reciclagem dos materiais, ainda que as áreas de produção e consumo sejam determinantes dentro do processo de diminuição dos resíduos e dos impactos socioambientais gerados nesta cadeia produtiva.

Com isto, vale ressaltar a diferenciação entre os termos de Reciclagem e Coleta Seletiva amplamente empregados, mas muitas vezes confundidos tendo o mesmo significado. De acordo com Cornieri e Francalanza (2010), a Reciclagem pode ser entendida como o processo de transformação dos resíduos sólidos que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas à transformação em insumos ou novos produtos. Já a Coleta Seletiva de lixo é um sistema de que recolhe os materiais recicláveis, tais como plásticos, papéis, plásticos, vidros e metais, previamente separados na fonte geradora, conforme considerado na Política Nacional de Resíduos Sólidos, para em seguida passarem por uma etapa de triagem, seguida de pré-beneficiamento “que consiste na separação por cores, tipos, tamanhos, densidade; lavagem; secagem; prensagem; moagem; enfardamento, sendo posteriormente vendidos às empresas recicladoras ou aos sucateiros” (p. 12).

A maioria dos municípios brasileiros adota a coleta dos resíduos, com todos os tipos misturados. O que dificulta a separação e impregnação de impurezas diversas, já que se misturam a restos de resíduos orgânicos, o que no processo de separação dos resíduos acabam por encarecer e desestimular todo o processo. No Plano Nacional de Resíduos Sólidos a compostagem de materiais é prevista, tendo a população como grande parceira na separação

dos resíduos, com incentivo à prática da compostagem urbana acompanhada prioritariamente pela coleta de resíduos orgânicos, através de estratégias descentralizadas e locais.

Dentre as alternativas de trato dos resíduos orgânicos pode-se ressaltar o tratamento por compostagem domiciliar através de minhocários e composteiras caseiras, além da implantação de hortas escolares e dos grandes geradores destinarem a áreas específicas para compostagem os rejeitos e, sirvam deste modo, à agricultura urbana, no entanto a criação e operação de usinas de compostagem são muito caras para manutenção por órgãos estatais (SIQUEIRA; ASSAD, 2015).

Esta perspectiva de diminuição dos impactos ambientais promove amplas mudanças no trato dos resíduos, tendo como prioridade o início do processo produtivo, utilizando menos energia e matérias primas, além de se produzirem menos resíduos (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013). Envolvendo diversas áreas, desde a criação e design de produtos reaproveitados ou recicláveis, abrangendo também com grande ênfase, o consumo da população que à primeira vista ao mudar hábitos de escolha por produtos com menos embalagens e produtos que são recicláveis, contribuem para um sistema de gerenciamento dos resíduos com maior reaproveitamento no sistema produtivo.

A partir de diferentes pontos de vista em diálogo, começa-se assim a superar a ênfase anteriormente dada apenas à destinação dos resíduos, que quando enfatizada, ignora-se toda uma diversidade de possibilidade de tratos diferenciados aos resíduos, lembrando sempre que, as tecnologias utilizadas em seu manejo em nada contribuem para a redução efetiva destes antes de seu descarte. Urge cada vez mais a necessidade da atenção voltada aos resíduos sólidos para que as constantes críticas realizadas aos problemas ambientais promovidas pelos diferentes atores envolvidos, levem ao aprimoramento do poder público sobre o cuidado com o tratamento aos resíduos e a questão ambiental.

CAPÍTULO III – O CONTEXTO DA CATAÇÃO

3.1. A coleta seletiva e as/os Catadoras/es

Em meio ao crescimento urbano e do aumento da diversidade de produtos produzidos por diferentes indústrias, onde a transformação do meio ambiente é somada à probabilidade de crises energéticas e de recursos naturais, a questão dos resíduos tem chamado cada vez mais a atenção. A política tradicional de tratar apenas da destinação do resíduo a partir de um modo linear de desenvolvimento, que tem na Natureza uma fonte inesgotável de recursos materiais e energéticos, passando em seguida pela produção e manufatura dos produtos, indo para o consumo e finalizando nos resíduos e sua disposição, tem sido substituída aos poucos por outro modelo, “com base em ciclos de vida e integração da gestão de resíduos” (ZANIN; MANCINI, 2004, p. 15).

O gerenciamento dos resíduos almejado propõe um arranjo complexo, de modo a gerar menos resíduo ao seu fim e o máximo reaproveitamento de resíduos dentro de um sistema produtivo ou de consumo. O consumo de cada produto demanda uma ou mais cadeia produtivas, referentes a cada material utilizado, como o alumínio, o papel, e outros, os quais determinam diferentes impactos sociais e ambientais em sua produção. Nesta cadeia complexa, em que os resíduos se tornam novamente matéria prima, o consumidor possui papel importante ao descartar de modo seletivo os resíduos para serem coletados (ZANIN; MANCINI, 2004).

No Brasil, a coleta seletiva de materiais recicláveis no ano de 2012 ocorreu em 994 municípios do país, concentrados principalmente nas Regiões Sul e Sudeste, onde 46,0% e 32,4%, respectivamente. Sendo que nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro, apenas 1% dos resíduos gerados foram coletados seletivamente em 2012, e no mesmo ano, em São Paulo, a capital mais industrializada e populosa, contou com apenas 2% de todo o lixo gerado pela população (CEMPRE, 2017c).

Diariamente milhares de catadores/as coletam materiais para a indústria da reciclagem, contribuindo com este mercado que soma com expressivas contabilidades que chegam a bilhões de dólares por ano (BOSI, 2010). Em 2015, as latas de alumínio no Brasil atingiram o maior índice de reciclagem do mundo, tendo sido recicladas 97,9% do total disponibilizadas no mercado brasileiro. Foram 292,5 mil toneladas, o que corresponde a 23,1 bilhões de unidades, ou 63,3 milhões por dia ou 2,6 milhões por hora (CEMPRE, 2017a). Esta produção específica da área das latas de alumínio, injetou R\$730 milhões diretamente na economia

brasileira, um montante correspondente à remuneração de 1 salário mínimo por mês para a população economicamente ativa de uma cidade com aproximadamente 78 mil pessoas. Caso fosse uma empresa, a coleta de latas estaria entre as 730 maiores do Brasil (CEMPRE, 2017a).

Com relação às garrafas PET¹⁸ recicladas no Brasil (CEMPRE, 2017b), o percentual pós consumo cresce anualmente variando de 1,5% a 2% ao ano nos últimos 10 anos, sendo que de 2003 a 2006, subiu de 43% para 51%. Já em 2011, o Brasil o reciclou 59%, perdendo apenas para o Japão nos índices de reciclagem do PET, que reciclou 77,9%. Apesar destes produtos serem específicos, como o das latas de alumínio que quase atingem 100%, no setor de embalagens em geral no ano de 2015, atingiram a média de apenas 22% (CEMPRE, 2017b).

Dentre os condicionantes que influenciam a mercantilização da reciclagem, Demajorovic e Lima (2013) ressaltam a incorporação de diferentes resíduos na cadeia da reciclagem que para além dos convencionais como o papel, vidro, garrafas e latas, foram incorporados outros: PET, embalagens longa vida e lixo eletrônico (computadores e celulares, entre outros). Processo que aliado ao crescimento das cidades, ampliou nos anos 90 o destaque de alguns materiais no mercado da reciclagem. Outro ponto foram as questões socioambientais e a assimilação de outro comportamento frente ao lixo, que através de diferentes movimentos sociais, passaram a reivindicar o desenvolvimento de modelos de gestão de resíduos sólidos, promovendo uma legislação ambiental que estimule a reciclagem como atividade econômica. Com isto, um outro motivo é a multiplicação de atores interessados em recolher os materiais, seja como forma de sobrevivência, ou oportunidade de negócio envolvendo grandes investimentos.

Muitas empresas têm incentivado ao descarte seletivo dos resíduos recicláveis, difundindo com isto a ideia de solução dos problemas ambientais enquanto que os níveis de consumo de produtos e serviços, prosseguem crescendo para níveis elevados “atendendo, sob a influência decisiva da publicidade, as expectativas dos produtores em geral” (LOGAREZZI, 2007b, p.121). Enquanto as empresas propagam uma imagem positiva, os consumidores prosseguem com as mesmas atitudes, apenas encaminhando os resíduos recicláveis à coleta seletiva, e quando muito, já o selecionando previamente, acreditando que de algum modo

¹⁸ A resina PET, de nomenclatura Polietileno Tereftalato, é encontrada na fabricação de “garrafas de refrigerante, água, óleos comestíveis, isotônicos, etc” (ZANIN; MANCINI, 2004, p.29). Por não ser biodegradável e utilizada para envase de diferentes produtos, tem se constituído em um produto visado à reciclagem pela abundância encontrada dentre os resíduos.

estão fazendo sua parte por auxiliarem na preservação de certos recursos naturais que seriam gastos na fabricação de outros novos produtos.

No entanto, a atitude de destinar corretamente para a coleta seletiva os resíduos, sem qualquer mudança nos hábitos de consumo para sua diminuição, apesar de render discursos de preservação ambiental, acaba-se redundando em práticas que não legitimam a necessidade de mudanças necessárias e palpáveis sobre responsabilidades socioambientais, que no caso da cadeia da reciclagem, influi diretamente na reprodução do capital de modo ampliado:

Basta ponderarmos o fetiche que existe em torno do lixo, pois a magnitude do estranhamento presente na sociedade em geral, tem como resultante o distanciamento da compreensão dos processos produtivos (destrutivos) e das formas pelas quais ela mesma, a sociedade (de consumo), se move diante das transformações tecnológicas que são responsáveis pela alteração da durabilidade, toxicidade, volume e descartabilidade, que influem diretamente na produção de lixo (LEAL et al., 2002, p. 180).

A reciclagem no Brasil se tornou possível a partir do momento que se mostrou viável, pelos baixos custos que o recolhimento e a separação dos resíduos ofereciam à contabilidade de diferentes empresas, cuja compensação pudesse valer o investimento em tecnologia para a criação de um setor de produção de material reciclável, já que qualquer iniciativa neste ramo, teria de competir com todo um arranjo mercantil de alto rendimento, responsável pelos derivados do petróleo (plásticos em geral), de minérios (como alumínio, bauxita e outros), bem como o da celulose (BOSI, 2002). A partir desta análise, torna-se passível a compreensão de que a cadeia da reciclagem surge, sendo promovida por um lado, pela lucratividade que estes materiais oferecem às empresas e indústrias que os utilizam, e de outro, determinante deste mercado, balizado pelos “altos índices de pobreza e desemprego” (INSTITUTO ETHOS, 2007, p.13) de diversas pessoas que encontram nos resíduos a possibilidade da geração de renda. Através desta composição, surgem diversos trabalhadores/as muitas vezes à beira do mercado de trabalho, sem atributos de formação, cujas atividades no ramo da coleta seletiva é feita sem vínculos empregatícios formais, obtendo o pagamento de acordo com a produtividade.

Para descrever a efetiva participação e contribuição de catadores de materiais recicláveis aos negócios da reciclagem, realizando boa parte do processo ao coletar, classificar, separar e preparar os recicláveis para comercialização, Zanin e Mancini (2004) citam que em uma cidade do interior paulista - São Carlos, sem o comércio de recicláveis (metais, plásticos, papéis e vidros, principalmente), o montante de resíduos sólidos urbanos

aumentaria em 39%, gerando assim, uma grande contribuição aos cofres públicos responsáveis em dar a destinação correta destes resíduos a lugares adequados. Dentre as análises que estes autores realizam, sugerem que a questão dos resíduos sólidos não pode ser resolvida aplicando apenas novas técnicas e tecnologias cada vez mais avançadas para a coleta, tratamento, reciclagem e destinação, mas que no “Brasil, essa questão deve ser abordada de forma mais integrada envolvendo, também, os fatores social, econômico, educacional, ambiental e político” (ZANIN; MANCINI, 2004, p. 25).

A catação de recicláveis é expressão de uma das formas mais atualizadas da organização capitalista do trabalho, a qual em sua estratégia se apoia nestes diversos trabalhadores/as empobrecidos/as os/as ligando a grandes empresas com oligopólio na fabricação e reciclagem de diferentes materiais como papel, plástico, PET e alumínio. A mais-valia sobre todo o processo, é extraída da mão de obra dos/as diferentes catadores/as que coletam os recicláveis, selecionam e vendem para intermediários comerciais, conhecidos também por atravessadores, os quais determinam os valores a serem pagos e as condições do material coletado. Após passarem pelas mãos dos atravessadores, o material é revendido às fábricas de reciclagem, onde também é extraído a mais-valia do processo através dos maquinários presentes e intensificadores do trabalho, transformando assim o material em nova mercadoria, a partir do material descartado e que catadores recolocam no sistema produtivo, como valor de troca (BOSI, 2010).

Apesar dos catadores/as não venderem a mão de obra diretamente às indústrias que reciclam os materiais, o trabalho que realizam é subordinado ao lucro em um amplo processo de exploração, já que os preços aplicados na comercialização pelos catadores/as, são muito inferiores aos preços pagos pelos insumos virgens, não recebendo qualquer contribuição pelas ações que realizam.

Tais catadores submetem-se a uma rotina diária de trabalho que, muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, visto as condições a que estes indivíduos se submetem com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 kilos (cerca de 4 toneladas mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia (MAGERA, 2003, p.34).

Deste modo, o circuito da coleta seletiva acaba sendo composto pelos/as catadores/as, e pelos intermediários que acumulam grandes quantidades de material para revender às indústrias de reciclagem, as quais se beneficiam com os preços de barganha, pagando valores irrisórios e insuficientes à manutenção da vida de muitos/as catadores/as. Estes,

impulsionados pela crise do desemprego e a falta de alternativas de trabalho e renda, catam e vendem recicláveis, tencionando assim, ainda mais a afirmação de que as relações desiguais presentes na cadeia da reciclagem é que assegura sua eficácia, (LEAL et al., 2002).

Tendo em vista que muitos/as catadores/as realizam suas atividades autonomamente, tendo a única opção revender a pequenos ou médios sucateiros locais, que em sua maioria atuam na informalidade, acabam por receber preços muito baixos pelos materiais coletados. Segundo Demajorovic e Lima (2013), os intermediários chegam a obter uma margem de 100%, sobre os preços pagos ao/à catador/a e o preço de venda final dos materiais.

Esse quadro implica inúmeros desafios para a estruturação de uma cadeia de reciclagem que possa ser eficiente ao mesmo tempo em que garanta a coleta de volumes crescentes de materiais recicláveis e que assegure a inclusão social, com melhor distribuição de renda e trabalho digno a todos (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013, p. 59).

Um grande marco da presença dos/as catadores na agenda política é o Decreto nº5.940/2006 da Presidência da República, nele é reconhecida a legítima participação das cooperativas de catadores/as de recicláveis, e determina que os órgãos públicos federais de todo o Brasil, implementem a coleta seletiva solidária e destinem os resíduos à catadores/as organizados/as. A partir disto, sem reduzir a amplitude de aspectos a que os resíduos sólidos estão tramados, a gestão integrada e compartilhada dos resíduos (MONTEIRO et al., 2001) expressa um grande avanço por colocar em pauta diversos componentes que estruturam as ações de gestão pública e municipal, como saúde, meio ambiente, geração de emprego e renda, participação social, educação e outros, tendo como prioridade a redução de resíduos.

Como falado em capítulo anterior, a prefeitura municipal aparece como protagonista estabelecendo parcerias reconhecendo os/as catadores/as como atores centrais, prevendo a integração destes/as ao elaborar as propostas de saneamento básico; segundo Pinhel, Zanin e Del Mônico (2011), a coleta seletiva é uma das atividades de um plano de gerenciamento integrado de lixo:

[...] definido como um conjunto articulado de ações normativas, operacionais, financeiras, e de planejamento que uma administração municipal desenvolve, baseado em critérios sanitários, ambientais e econômicos para coletar, tratar e dispor o lixo da sua cidade (PINHEL; ZANIN; DEL MÔNICO, 2011, p.82).

Dentre as ações de parceria das gestões pública e as cooperativas nos municípios, estão o incentivo e apoio muitas vezes, na própria formação do grupo e, quanto ao auxílio, pode se dar de diferentes formas, que vão desde o fornecimento de galpão, maquinário para triagem e prensagem dos materiais coletados, chegando até mesmo ao fornecimento de caminhões para transporte dos recicláveis. Lajolo (2003) descreve que a implantação de uma cooperativa requer condições básicas como “transporte, triagem, beneficiamento e comercialização dos materiais recicláveis, bem como apoio aos catadores/as” (p. 65), para a organização, capacitação e consolidação do empreendimento. Outro aspecto muitas vezes deixado de lado está na contínua formação dos agentes da coleta de recicláveis nas formas de organização cooperativa e, do diálogo recorrente com o poder público para planejamento das ações conjuntas, pois, como garantir a coleta seletiva sobre o município sem a conscientização da população?

Magera (2003), procurando analisar o quadro de cooperativas nas circunstâncias atuais, ressalta as dificuldades enfrentadas por diversas delas, e observa que ainda é precária as condições em que realizam suas ações, extrapolando aspectos que abrangem os direitos trabalhistas. Segundo ele, o panorama de ações com resíduos ainda é dominado pelas indústrias que exigem uma grande quantidade e uma alta qualidade dos resíduos e, sucateiros intermediários, cuja grande parcela dos resíduos coletados por cooperativas são destinados, pagando preços muito baixos pelo poder de barganha que possuem.

Em estudo realizado por Leal et al. (2002), tomando como exemplo a reciclagem do plástico, os autores ressaltam as dificuldades encontradas para montagem de unidades recicladoras para fornecimento direto à indústria, alegando que em pequenas e médias cidades é inviável economicamente a instalação de processadoras com o propósito de produzir material reciclado de qualidade a partir de resíduos sólidos urbanos. Somam a isto que as unidades recicladoras exigem um alto nível de limpeza dos materiais comprados, bem como um controle rigoroso na separação dos resíduos para evitar contaminação de diferentes polímeros (as diferentes composições químicas de plásticos), o que perpassa as cooperativas terem uma infraestrutura com bons equipamentos, além da alta e constante quantidade de oferta de reciclável necessária, muitas vezes inviabilizada pela falta de organização ou concorrência com agentes não cooperados como catadores autônomos e sucateiros.

Apesar de algumas organizações de catadores possuírem a infraestrutura de sucateiros, e trabalharem com galpão, caminhões, balança, esteira de triagem, prensa, trituradores, e secretaria para organização, chegando a levar vantagens nas negociações por estes motivos agregadores de valor, existem ainda outras problemáticas, que tangem a sucessiva necessidade

de organização interna e por outro lado, fatores externos ao coletivo e que influem diretamente sobre suas práticas, como:

[...] o estigma e a marginalização social que afetam os recicladores são um obstáculo importante à luta contra as condições de mercado, é indispensável que as citadas organizações econômicas assumam funções sociais, políticas e culturais diversas que contrabalancem a exclusão de que estes são vítimas (RODRIGUEZ, 2002, p.346).

Refletindo sobre a criação de políticas públicas que impulsionem a formação de cooperativas de catadores, Adametes (2006), traz apontamentos sobre as histórias de vida de pessoas que vieram a formar uma cooperativa de catadores/as no interior São Paulo, denunciando os aspectos ambíguos existentes nos interesses do poder público, que perpassam argumentos que fazem dos catadores vassallos de um “eco-capitalismo” (ADAMETES, 2006, p.11) contraditório em todo seu fundamento, pois visa primordialmente lucro a partir do trabalho dos/as catadores/as e não o que apresentamos como bem viver.

Por trás desta engrenagem está a norma moderna do ecologicamente correto, que preza a manutenção dos padrões nocivos que o consumismo apresenta, atrelado à lógica do aumento contínuo da produção capitalista, gerando como consequência uma grande quantidade de resíduos sólidos nas cidades para serem despejados sobre um complexo de articulações visando a reintrodução destes materiais na cadeia produtiva reversa como mercadoria. Neste padrão de organização de uma insustentabilidade, apenas os materiais que reúnem condições que atendem ao mercado, como o baixo custo, grande oferta de matéria prima e mercado consumidor garantido, é que se tornam alvos da indústria da reciclagem, haja visto a falta de incentivos e comunicação sobre a compostagem de resíduos orgânicos. Nesta lógica de procedimento mercantil, os impactos ambientais que os resíduos podem ou não gerar ao meio ambiente são irrelevantes, se a reciclagem não provê o lucro, o melhor seria enterrá-lo (Leal et al., 2002).

Ao conhecer o histórico de diferentes pessoas que vieram de uma longa história de catação autônoma, muitas vezes tendo passado por lixões e submetidos a décadas de descaso, a partir da mudança para condição de cooperados, em que a formação de grupo é orientada à racionalização das práticas individuais para a horizontalização e fortalecimento do coletivo, há a necessidade de um engajamento por parte do poder público para estar empenhado com mudanças sociais e éticas (ADAMETES, 2006), para que assim haja um rompimento das linhas de assistencialismo por tanto tempo operadas junto a esta parcela da população. Com isto, justifica-se a necessidade do comprometimento em atender demandas práticas dos

catadores/as, como a saúde e a educação, e para além destas, o acesso ao conhecimento que cria caminhos, alternativas de organização independente, aspectos que justificam e sustentam uma cultura de muitas superações.

Conforme Rodriguez (2002) descreve, “No caso concreto dos recicladores, o progresso econômico e a luta pela inclusão são duas faces da mesma moeda” (p. 346), ou seja, a luta por melhoria nas condições materiais de vida nestes grupos, é relacionada à luta por direitos de cidadania. O acesso a bens e serviços básicos, caminha juntamente à constituição de mecanismos básicos de representação de seus interesses como catadores/as junto ao governo e sociedade, bem como a constante necessidade de fortalecimento destes grupos com atividades de integração por parte do poder público, para o fortalecimento da ação coletiva.

Em grupo, como cooperativa e associações, catadores/as se inserem em movimentos aglutinadores das lutas por direitos sociais e trabalhistas como uma saída da situação de exploração, e buscam momento após momento, melhorias, como a obtenção de maiores galpões e maquinários eficientes para beneficiamento e para prensagem dos recicláveis coletados, para citar alguns exemplos. Dentre as diferenças entre as Associações e as Cooperativas, é que a primeira tem a finalidade da promoção da assistência social, educacional, cultural, representação política, filantrópicas dentre outros aspectos; as Cooperativas, apesar das especificidades de enquadramento nas leis do cooperativismo nacional que exigem uma quantidade mínima de participantes para se consolidar, têm finalidade essencialmente econômica e de viabilizar o negócio produtivo dos cooperados junto ao sistema de comercialização ou ao mercado (PINHEL; ZANIN; DEL MÔNACO, 2011).

Este processo de reconhecimento dos catadores se deu em um longo processo a partir da década de 80 (SANTOS et al., 2011), em que as campanhas pela coleta seletiva começaram a se multiplicar através do incentivo de diferentes setores da sociedade ao trabalho de coleta, triagem e comercialização de resíduos, dentre os grupos e movimentos sociais envolvidos podemos ressaltar a igreja católica por meio das pastorais, como a mobilizada em 1985 em São Paulo, no Centro Comunitário dos Sofredores de Rua do bairro do Glicério, quando à época, durante a gestão do prefeito Jânio Quadros “os catadores organizados pela Comunidade dos Sofredores de Rua, marcharam pelas principais ruas de São Paulo, exigindo o direito à circulação de carrinhos no centro da cidade” (SANTOS et al., 2011, p. 2012).

Esta experiência influenciou outros/as catadores/as que buscavam a subsistência nos resíduos descartados por casas, indústrias e comércio, muitos deles moradores de rua, a se

organizarem. Pode-se ressaltar dentre os eventos marcantes dessa trajetória, o Fórum Nacional Lixo e Cidadania, coordenado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que tinha como principal objetivo a erradicação do trabalho infantil com o lixo em todo país, a partir da campanha Criança no lixo nunca mais¹⁹ (OLIVEIRA, 2011), que acabou por mostrar a exclusão social em que se encontravam os catadores/as. Conforme o progresso nas condições organizativas e as primeiras experiências de grupos de catadores/as no início dos anos 90, como a Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais reaproveitáveis, (Coopmare) em São Paulo e da Associação dos Catadores de papel, Papelão e Materiais Recicláveis (Asmare) em Belo Horizonte, criaram-se a partir destes exemplos de mobilização, perspectivas de geração de renda e autonomia através da organização de trabalho destes profissionais.

Nesta articulação, os grupos organizados de catadores/as abriram diferentes portas de diálogo em relação ao poder municipal, criando a oportunidade de serem enquadrados dentro de uma política pública ambiental de coleta seletiva e inclusão social no contexto da gestão dos serviços de limpeza urbana. O amadurecimento dos catadores/as organizados/as possibilitou, no ano de 2001 a criação do Movimento Nacional dos Catadores/as de Recicláveis (MNCR) durante o 1º Encontro Nacional dos Catadores/as de Materiais Recicláveis, que reuniu mais de 1.700 catadores/as, impulsionado as lutas em todo o Brasil. O MNCR tem sido compreendido como “fator decisivo na conquista de espaços de interlocução na esfera governamental, privada e da sociedade civil” (BESEN, 2011, p. 47).

Uma das vitórias do movimento foi o reconhecimento da categoria de catador de material reciclável pelo Ministério do trabalho e emprego, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002, que possui o número 5192-05 como código (BRASIL, 2002). Outra ainda é o Plano Nacional de Saneamento Básico aprovado em 2007 pela Lei Federal nº 11.445 de 05/01/2007, que autoriza a contratação de catadores para a coleta, processamento e comercialização de recicláveis (BESEN, 2011).

O MNCR representa a participação ativa dos/as catadores/as nestes processos de reconhecimento, e se estabelece a partir do envolvimento dos participantes, quando tomam parte destas conquistas sociais em uma atitude de engajamento ativo sobre elas, resultando em um “processo de desenvolvimento humano/social e passam, assim, a querer catar mais

¹⁹ Segundo Oliveira (2011) ao relatar sobre pesquisas realizadas pela UNICEF em 1998, diz que “45 mil crianças de famílias brasileiras trabalhavam com catação de resíduos sólidos nas ruas e lixões a céu aberto, 30% delas sem frequentar a escola[...]. O enfoque do Fórum, além da erradicação do trabalho infantil nos lixões a céu aberto, é o fortalecimento e a capacitação dos catadores para atuarem no gerenciamento dos resíduos sólidos com condições seguras e dignas de trabalho, inclusão social e resgate à cidadania” (p. 69).

dignidade” (GONÇALVES, 2006, p. 85). Dispensando o discurso de partidos políticos, governos e empresários em seus nomes, o movimento social dos/as catadores/as acredita na participação dos trabalhadores em todas as dimensões de suas vidas, buscando romper com a indiferença e transformar a sociedade:

Este movimento luta pela autogestão do trabalho e o controle da cadeia produtiva da reciclagem, garantindo que o serviço que realizam não seja utilizado em benefício de alguns poucos, mas que sirva a todos. Também luta pela coleta de resíduos recicláveis realizada por catadores, pelo pagamento aos catadores pelos serviços de coleta, pela conquista de moradia, saúde, educação, creches, e demais benefícios para estes e suas famílias, além da extinção dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos (PINHEL; ZANIN; MÔNACO, 2011, p.73).

Segue abaixo, alguns marcos históricos e de conquistas do Movimento Nacional dos/as Catadores/as:

Ano	Evento
2001	1º Encontro Nacional de Catadores de Papel e Material Reaproveitável realizado em Brasília.
	07 de junho é instituído dia do catador.
	1º Festival de Lixo & Cidadania em Belo Horizonte.
2002	Reconhecimento da profissão de “catador de material reciclável” no Código Brasileiro de Ocupações.
2003	I Congresso dos Catadores organizados do MNCR (Brasil, Uruguai e Argentina), realizado em Caxias do Sul.
	Decreto presidencial cria o Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis.
	Programas federais passam a condicionar o repasse de recursos aos municípios para a erradicação dos lixões e a elaboração de Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Urbanos com o componente de inclusão dos catadores.
2005	I Congresso Latinoamericano de Catadores, realizado em São Leopoldo, RS antecedendo o Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre.
2006	O governo federal instituiu que os resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta devem ser doados para associações e cooperativas de catadores.
2007	Modificação da Política Nacional de Saneamento Básico: autorização para a contratação de associações ou cooperativas de catadores de recicláveis, sem a necessidade de licitação, para a execução das atividades de coleta de resíduos sólidos recicláveis.
2009	1º Expocatadores em São Paulo

2010	Sanção da Política Nacional de Resíduos Sólidos após 19 anos de tramitação no congresso
------	---

Tabela 1: Conquistas do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (SANTOS et al., 2011, p.2014).

Dentre as lutas atuais, a remuneração dos serviços prestados pelas cooperativas por parte das prefeituras, tem sido uma das principais bandeiras do Movimento de Catadores/as, o argumento é que, “[...] assim como as empresas que coletam os resíduos e os encaminham para aterros nas cidades brasileiras são remunerados por seus serviços, as cooperativas também deveriam sê-lo” (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013, p.75). Essa aceção tem grande lógica, já que os resíduos passam pelos catadores e retornam a um processo produtivo através da comercialização, diminuindo assim, os gastos que o poder público municipal tem com a disposição dos resíduos que seriam enviados aos aterros sanitários.

3.2. Os/as Catadores/as e a Economia Solidária

Tendo em vista a inexistência de ações estruturantes para a melhoria das condições de vida e trabalho das/os catadores até as décadas recentes, em meados da década de 80 diferentes organizações, provenientes de sindicatos, igrejas e organizações não governamentais (ONGs) deram formas de articular estes trabalhadores para a organização de grupos de coleta seletiva, pautando desde o início das primeiras articulações a forma colaborativa de trabalho visando a constituição de associações e cooperativas. Ao longo do tempo, esta forma de organização veio se constituindo como a principal maneira de organização colaborativa entre catadores/as, que através do Movimento Nacional dos/as Catadores de Materiais Recicláveis, por meio de intensas mobilizações, colocou a pauta da reciclagem na agenda pública federal através de grupos organizados em cooperativas.

Desde a fundação do Movimento, ele apresenta, a autogestão e a democracia direta como princípio organizativo a das cooperativas, remetendo-se de algum modo, ao campo estruturado a partir da economia solidária (MOURA FÉ; FARIA, 2011). Com isto, a partir da base comum da propriedade coletiva dos meios de produção, o processo de trabalho é estruturado por relações de produção coletiva e igualitária. O que faz das organizações dos catadores/as serem compreendidas tanto como empreendimentos econômicos, como também, mecanismos para inclusão social, sendo comparáveis a instituições de resistência e imobilização social.

Como descreve Magera (2003), desde a primeira cooperativa instituída na Inglaterra em 1844, os idealizadores organizaram uma plataforma de princípios e valores que ainda hoje

regem ao que o cooperativismo visa. Dentre os aspectos, firmados podemos ressaltar que como doutrina o cooperativismo procura evidenciar e assegurar:

[...] a melhoria do nível de vida do seu cooperativado; e a partir do princípio da solidariedade do bem comum, pôr fim aos interesses individuais, criando, assim, uma política de grupo que visa a realizar aspirações e objetivos comuns, promovendo a harmonia social através da participação por funções e nunca pelo capital empregado (MAGERA, 2003, p.55)

Deste modo, a proposta da coleta seletiva solidária é materializada através de uma divergente proposta de con-viver em sociedade, sobremaneira, daquela que se faz manifesta em ações de filantropismo e de caridade. Estes dois modos de intervir na realidade figuram como expressões assistencialistas, cujo projeto de intervenção não contribui angularmente para a superação da situação opressora, ao contrário, cria uma dinâmica de dependência do/a beneficiado/a reforçada pelo estabelecimento de diferentes níveis de hierarquias e poder social. Distinta ao modelo macroeconômico, como o capitalismo virtual da bolsa de valores, a Economia Solidária se vincula à produção, distribuição e circulação de produtos, serviços tangíveis/concretos/reaís, desde aquilo que come ao que se veste. Posto que a Economia Solidária:

É a economia que se estabelece a partir da associação, da cooperação, da comunhão, tanto entre indivíduos para a constituição de empreendimentos coletivos como entre empreendimentos para obter saltos de competitividade, em estruturas em rede que também podem ser compreendidas como empreendimentos coletivos (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.63).

Esta outra economia, diferentemente da economia de mercado praticada pelo capitalismo, fundada no constante apelo à equidade nos meios de produção, distribuição e consumo, cresce e toma forma na medida em que aglutina utopias possíveis de serem realizadas, expressando um “inédito viável” (FREIRE, 2001, p. 156), ou de uma “futuridade a ser construída” (FREIRE, 2001, p.156) que emergem da procura pela extasia de não estar só, mas em movimento com a vida e com outrem, criando formas ao mundo que em dialeticidade criamos e somos por ele criados/as, no movimento de estar sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo, emanando alternativas pautadas no gosto da partilha, com grande potência para transformação das opressões vividas. Neste sentido, Singer (2002), nos diz que a lógica da Economia Solidária se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas opostas ao modo de produção

dominante, e deste modo mobiliza diferentes instâncias e entidades da sociedade em colaboração:

Cumpra observar, no entanto, que a reinvenção da economia solidária não se deve apenas aos próprios desempregados e marginalizados. Ela é obra também de inúmeras entidades ligadas, ao menos no Brasil, principalmente à Igreja Católica e outras igrejas, sindicatos e universidades. São entidades de apoio à economia solidária, que difundem, entre trabalhadores sem trabalho e micro-produtores sem clientes, os princípios do cooperativismo e conhecimento básico necessário à criação de empreendimentos solidários (SINGER, 2002, p.112).

A economia solidária é outra economia, baseada na alteridade, no cuidado com outrem e, bem como na corresponsabilidade por todos processos da cadeia produtiva, tem na autogestão e distribuição justa dos ganhos os seus princípios mais marcantes. Damke (1995) traduz a libertação como processo coletivo e individual ao mesmo tempo, apontando que tal processo está “ (...) intimamente ligado ao trabalho, através do qual o ser humano produz a cultura, a história e a si próprio” (DAMKE, 1995, p.53). Caminho em que a valorização da diversidade de formas de ver e viver com o mundo e com outrem, postas em diálogo, faz-se indispensável e que, de igual modo, a educação estética, fundamental, para a “sensibilidade, abrindo-se para o novo, para o outro” (GADOTTI, 2009, p.45).

Economia popular e solidária é aquela que acrescenta o desafio de, também como fator de desenvolvimento, ser germinada, brotada de dentro para fora, de baixo para cima, aberta para o mundo, mas com identidade própria, que possa estabelecer um diálogo em que o eixo é o equilíbrio, a distribuição, a justiça (...). Então, começa a se fundir, a se misturar com outros valores com os quais a economia atual não dialoga. A economia popular e solidária, para ser sustentável, tem também que se propor a ser avaliada pelos indicadores sociais. Não se pode avaliar o sucesso da economia apenas pelo PIB ou pelo saldo da balança comercial, é necessário avaliá-la também pelo número de meninos na rua, pelo grau de escolaridade da população, pela expectativa de vida etc. (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.63).

Os vínculos e incentivos de políticas públicas ao fortalecimento de iniciativas em economia solidária são estratégicos para sua promoção, pois se realizam atreladas aos processos de desenvolvimento local e territorial, envolvendo muitas vezes amplas margens da sociedade que se encontram em situações de risco e ausência de oportunidades de emprego (ARROYO; SCHUCH, 2006).

Os equívocos existentes que dão formas a maneiras de se relacionar que fogem à solidariedade que buscamos no interior de diferentes grupos articulados aos moldes da

economia solidária, como as cooperativas de catadores/as, surgem das disparidades amplamente sistematizadas pelo capital hegemônico, e que imprimem no agir, ainda que no dos/as mais vulneráveis, o risco da manutenção das necessidades mais intrínsecas, como a fome – por exemplo. Pois, como Vincent Valla (2014) nos aponta, a forma do/a trabalhador/a exprimir sua visão de mundo, seu agir e sua “concepção de história e da sociedade em que vive, está estreitamente relacionada com a maneira com que se relaciona com o capital: de uma forma dinâmica ou de uma forma indireta e oscilante” (p.43).

Para se pensar as relações entre a economia solidária e o segmento da coleta seletiva (MOURA FÉ; FARIA, 2011), as cooperativas de catadores/as vem a assumir um papel estratégico pela potencialidade que possuem para inclusão social com base no trabalho associado, constituindo assim, uma ampla rede de organizações econômicas que vem enfrentando o desafio da autonomia e da autogestão nos empreendimentos.

3.3. A cadeia da reciclagem e as cooperativas de Catadores/as

A cadeia produtiva da reciclagem pós consumo, também conhecida por cadeia produtiva reversa (AQUINO; CASTILHO JR; PIRES, 2009), é composta por especificamente por três grupos já anteriormente citados, os/as catadores/as, os intermediários e recicladoras. Para melhor especificação, ressaltamos cada um dos integrantes: (i) O/a Catador/a, que segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é aquele/a trabalhador/a que cata, seleciona e vende materiais recicláveis, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. Dentre eles/as estão os/as catadores/as autônomos/as, que catam de maneira independente pelas ruas ou casas, há também aqueles que possuem contratos formais com intermediários, e também aqueles/as que participam de associações ou cooperativas, os/as catadores/as solidários/as. (ii) O intermediário são organizações formais e informais que compram e vendem materiais recicláveis, apesar de algumas não comprarem recicláveis; são classificadas em pequenas, médias e grandes. Os intermediários são formados por empresas com fins lucrativos. Dentre as atividades que realizam estão a coleta, pesagem, triagem, beneficiamento e o transporte dos materiais, algumas cooperativas tem se tornado intermediárias. (iii) A indústria recicladora é uma organização que realiza a transformação de material reciclável. Estas são as grandes beneficiadas de todo processo de reciclagem, justamente por estarem concentradas, sendo que um “reduzido número de empresas consome os materiais recicláveis e impõe as condições e os preços aos catadores e cooperativas,

tornando-os reféns da exploração da economia formal sobre a informal” (MAGERA, 2003, p.108)

Segundo informações de 2012, do Cempre (2017c), 776 municípios brasileiros realizam a coleta seletiva e a quantidade de catadores/as em todo o país chega a 800 mil, sendo apenas 30 mil organizados em cooperativas ou associações, uma proporção que não chega a 5% de todo o grupo. Segundo a mesma fonte, o faturamento total neste ano com a coleta e venda de recicláveis em todo o país, chegou a R\$712 milhões. Os modelos de serviço ofertado de coleta seletiva nas cidades variam, o mais predominante é o de coleta porta a porta, caracterizado pela coleta nas portas das residências semanalmente, o outro é organizado pelos Postos de Entrega Voluntários (PEVs). Apesar da coleta por meio de cooperativas ser a que mais cresce, sendo responsável por 62% dos grupos executores da coleta seletiva, também aparecem neste cenário, as prefeituras, com 52% da coleta municipal, e as empresas privadas correspondendo com 26% de todo material catado, vindo a ampliar esta margem rapidamente nos últimos anos pela viabilidade econômica ofertada pelos recicláveis.

A falta de mobilização de muitos catadores/as autônomos para a atuação coletiva na coleta de recicláveis são diversas e abrangem a ausência de informação sobre o trabalho associado ou cooperado, o que os/as leva à interpretação da organização como sendo gerida por agentes externos e não pelos próprios participantes, donos/as do empreendimento. Bem como a atuação em grupo exige dos catadores/as muitas vezes, conhecimentos técnicos e especializados, o que requer que o/a catador/a estabeleça parcerias para assessoramento, aspecto diferenciado do trabalho associado, pois enquanto na rua as atividades ocorrem de modo independente, gerando certa autonomia na gestão do próprio tempo e resultado do trabalho (IPEA, 2013). Nesta atual conjuntura, compreender as razões de não participação destes catadores autônomos em cooperativas em cada localidade, possibilita a articulação de melhores maneiras de abordagem pelo poder público para incentivo da integração destes agentes.

Através da organização cooperativa, torna-se possível o combate ao desemprego, e em convívio com os demais cooperados, catadores/as criam oportunidades de rendimento produtivo a partir da venda dos materiais coletados, o que resulta em melhorias econômicas e também sociais, já que em coletivo “[...] todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões” (SINGER, 2002, p.9). O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, neste sentido, prevê o incentivo com acesso a recursos da União para a implantação da coleta seletiva através de cooperativas ou outras formas de associação de catadores/as formadas por pessoas de baixa renda. Apesar de prever por lei (nº

11.445/2007) a transferência de recursos a título de auxílio, o número de cooperativas contratadas por meio deste recurso ainda é bastante pequeno (IPEA, 2013), o que se deve à complexidade e ao custo da prestação de contas e do atendimento da burocracia face ao grau de organização das cooperativas ou associações.

Segundo o banco de dados Sistema de Informações de Economia Solidária (SIES) coordenado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), em seu último mapeamento de empreendimentos econômicos solidários e cooperativas realizado entre 2009 e 2012, registrou a existência de 692 empreendimentos no setor da reciclagem - com mais de 80% deles constituídos a partir de 2001, totalizando 21.164 mil trabalhadores envolvidos (IPEA, 2013). Apesar de ser o Sies uma plataforma de cadastro e não um censo, constitui uma boa fonte de dados:

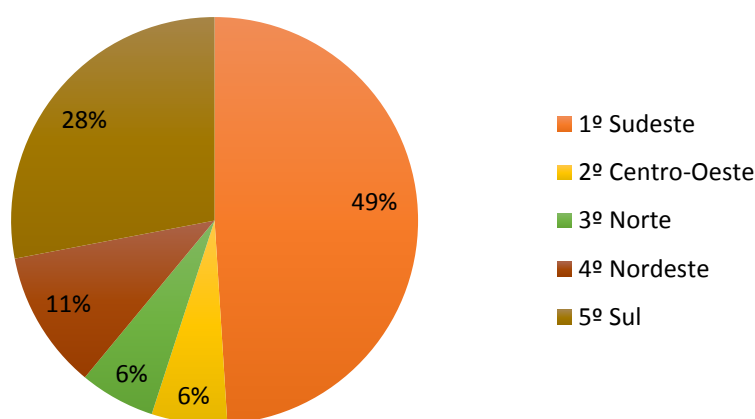


Gráfico 1: Distribuição regional dos empreendimentos de economia solidária no setor de reciclagem (em %) - (IPEA, 2013, p. 27).

Em análise podemos notar que grande parcela dos empreendimentos mapeados se encontra na região sudeste. Segundo as análises do Ipea (2013) sobre os dados coletados, informam que 38% atuam informalizados, enquanto outros 34% são formalizados como associações e apenas 28% como cooperativas, e prosseguem com outras informações:

Em termos de organização em rede, apenas 19% deles afirmaram participar de alguma, com destaque para as redes de comercialização. Quanto aos equipamentos utilizados no trabalho, 53% deles afirmaram ser donos, enquanto 39% utilizam equipamentos alugados ou cedidos. A participação de “atravessadores” no ato da comercialização do material coletado é alta, sendo o meio que 46% dos empreendimentos utilizam para escoar seu produto. Apenas 8% deles responderam ter adquirido algum tipo de financiamento nos doze meses anteriores à pesquisa (p. 23).

Segundo Damásio et al. (2006), ao estudar os levantamentos de grupos associados ao Movimento Nacional dos/as Catadores/as de Recicláveis²⁰, que na época contava com 331 cooperativas catalogadas, tomando por base as declarações das cooperativas de coleta seletiva provenientes de grandes regiões do Brasil, estruturou 3 graus de eficiência, denominadas: produtiva, econômica e estrutural, sendo que este último aspecto se difere aos demais em graus/níveis de estruturação, que para sua organização organiza-se a partir das seguintes descrições/situações abaixo, contemplando um último conjunto, formado por grupos que ainda se encontram não-organizados.

As cooperativas de Alta Eficiência:

Grupos formalmente organizados em associações ou cooperativas, com prensas, balanças, carrinhos e galpões próprios, com capacidade de ampliar suas estruturas físicas e de equipamentos, a fim de absorver novos catadores e criar condições para implantar unidades industriais de reciclagem. Detêm um conjunto apreciavelmente elevado de conhecimentos adquiridos passíveis de difusão e verticalização da produção de materiais recicláveis.

As cooperativas de Média Eficiência:

Grupos formalmente organizados em associações ou cooperativas, contando com alguns equipamentos, porém precisando de apoio financeiro para a aquisição de outros equipamentos e/ou galpões. Detêm algum conhecimento adquirido, e seriam os beneficiários imediatos da difusão de produtividade do grau anterior.

As cooperativas de Baixa Eficiência:

Grupos ainda em organização, contando com poucos equipamentos, mas precisando de apoio financeiro para a aquisição de quase todos os equipamentos necessários, além de galpões próprios. Detêm pouco capital e necessitam de forte apoio para treinamento e aprendizado de conhecimentos adicionais. Estes grupos, em geral, sequer têm conhecimento dos meios e das fontes para solicitar financiamento e apoio técnico.

As cooperativas de Baixíssima Eficiência:

²⁰ Esta pesquisa se deu entre as primeiras ações realizadas pelo Governo Federal em conjunto com o Movimento Nacional dos/as Catadores/as de Recicláveis, financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, desenvolvida pelo Centro de Estudos Ambientais – PANGEA, com a coordenação técnica da UFBA/GERI – Grupo de Estudos de Relações Intersectoriais (MOURA FÉ; FARIA, 2011, p. 28).

Grupos desorganizados – em ruas ou lixões –, sem possuírem quaisquer equipamentos, e frequentemente trabalhando em condições de extrema precariedade para atravessadores. Baixo nível de conhecimento técnico, excetuando-se aqueles mais básicos referentes à coleta e à seleção de materiais. Necessitam de apoio financeiro para a montagem completa da infraestrutura de edificações e de equipamentos, para o aperfeiçoamento técnico e na organização de suas cooperativas.

A partir desta nomenclatura percebeu que a grande maioria das cooperativas se encontram nas situações de Baixa Eficiência - 122 cooperativas, e Baixíssima Eficiência - 115 cooperativas, sendo que apenas 70 cooperativas foram reconhecidas com Média Eficiência e 24 cooperativas com Alta Eficiência (DAMÁSIO et al., 2006, p. 84). Apesar dos três conceitos, econômico, produtiva e estrutural coincidirem com os níveis de eficiência, as situações em que se encontrem das cooperativas não se sobrepõe de forma simples, direta e imediata, já que o mercado é o grande mediador das trocas e se organiza de diferentes formas e acordos sobre cada localidade.

Aos poucos as administrações municipais brasileiras têm adotado o gerenciamento integrado do lixo articulando a um conjunto de ações para normatizar grupos e operar a coleta seletiva através de investimento na área, auxiliando na organização e planejamento para coletar, separar, tratar e dispor os resíduos. Essas parcerias tendem a render diferentes benefícios, os quais podemos ressaltar a partir de Grimberg e Blauth (1998), os de aspectos ambiental/geográfico: relacionados à falta de espaço para disposição do lixo, bem como a preservação da paisagem, à economia de recursos naturais (matérias-primas, água e energia), e à diminuição do impacto ambiental de lixões e aterros; de aspecto sanitário: em locais onde a disposição inadequada do lixo, às vezes aliada à falta de qualquer sistema de coleta municipal, traz inconvenientes de limpeza e de saúde pública; de âmbito social: quando o trabalho enfoca a geração de empregos ou o equacionamento dos problemas advindos da catação em lixões ou nas ruas; de âmbito econômico: com o intuito de reduzir os gastos com a limpeza urbana e investimentos em novos aterros, ou para auferir renda com a comercialização de materiais recicláveis; na esfera da educação: por ser a coleta seletiva uma forma de contribuir para mudar, no nível individual, valores e atitudes para com o ambiente, incluindo a revisão de hábitos de consumo e, no nível político, para mobilizar a comunidade e fortalecer o espírito de cidadania.

Considerando a importante presença dos/as catadores/as no universo da coleta seletiva e as dificuldades enfrentadas para favorecer a geração de renda por meio da comercialização dos materiais recicláveis, Demajorovic e Lima (2013), argumentam que empresas diversas

podem contribuir mais efetivamente no cenário da gestão compartilhada como catalisadores do trabalho das cooperativas, “Como se trata de grandes geradores e compradores de resíduos, elas podem, ao estabelecer parcerias com as cooperativas, contribuir significativamente para o aumento da receita dessas organizações” (DEMAJORIVC; LIMA, 2013, p. 77), ressaltando com isto, aspectos positivos que a Logística Reversa prevista no Política Nacional de resíduos Sólidos, pode oferecer às cooperativas.

Contudo, há necessidade de se atentar aos efeitos de vislumbre que o cenário de resíduos pode provocar em muitos setores administrativos, públicos e privados, pois apesar da importância de todos os programas e ações recentes de apoio aos/às catadores/as e reconhecimento de seus direitos conquistados após longo período de organização, os órgãos responsáveis devem atentar para o risco de grupos empresariais se apresentarem como falsas cooperativas de catadores/as, para acessarem a recursos ou adquirirem a concessão de serviços públicos de maneira privilegiada. Neste contexto, imperativo pensar maneiras de se promover a integração dos/as trabalhadores/as nos sistemas de gestão, evitando a tutela das organizações pelo poder público municipal ou que impeça sua progressiva autonomia e expansão de suas atividades (IPEA, 2013).

De acordo com Magera (2003), sem uma mudança estratégica nacional, que abranja questões econômicas, políticas e sociais, a coleta seletiva dificilmente mudará o padrão de funcionamento:

[...] as cooperativas e seus cooperativados, estarão condenados a depender de entidades sociais, religiosas, governamentais e não governamentais, dando continuidade, assim, à matriz paternalista geradora de emprego sem qualificação e não alterando, com isso, as condições de exclusão dos recicladores em seu entorno e, muito menos, resolvendo o problema do lixo no Brasil (MAGERA, 2003, p.136).

Dentre outros dados que Magera (2003) traz como alarmantes, e que deslegitimam as perspectivas que o cooperativismo tem como princípio, colocando em risco as possibilidades de mudanças no contexto dos resíduos sólidos e que denunciam um estágio embrionário nas ações para superação de um trabalho precarizado, o autor cita os seguintes dados coletados de sua pesquisa realizada com cinco diferentes cooperativas do interior do estado de São Paulo:

- Presença de um “mentor intelectual” em quase 100% das cooperativas;
- Desconhecimento por parte dos trabalhadores de sua produção diária;
- Ausência de equipamentos de segurança em 66% das cooperativas;
- Não recolhimento do pagamento do INSS de 76% dos cooperados;

- Ignorância dos significados do sistema de cooperativismo por 78% dos cooperados, e igualmente a presença de uma hierarquia demarcada dentro das cooperativas;
- Ausência de assembleias e/ou reuniões internas periódicas;

Para evitar que a aplicação dos recursos públicos seja desvirtuada e pautada em aspectos de subordinação completa “formada por níveis sucessíveis de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima e as ordens e instruções de cima para baixo” (SINGER, 2002, p.17), uma alternativa é a exigência de certificação das cooperativas (IPEA, 2011) mediante o atendimento de alguns critérios que atestem o caráter autogestionário do empreendimento, dentre eles poderiam ser ressaltados como desejáveis de uma gestão:

[...] estar quite com as exigências legais para a formação de uma organização coletiva; a realização de eleições regulares para a escolha das lideranças das cooperativas ou associações; a alternância dos presidentes e diretoria; a realização costumeira de reuniões; a tomada de decisões em conjunto; e a autonomia decisória em relação a terceiros, comerciantes ou proprietários de capital e propriedade. A certificação das cooperativas e associações deve requerer, no mínimo, a existência e o cumprimento de regras adequadas de gestão, estabelecidas em estatuto, além da declaração da situação financeira dos catadores. A certificação caberia à Secretaria Nacional de Economia Solidária, poder público municipal, ou órgão delegado (Ipea, 2011, p. 54).

Neste panorama, muitas das cooperativas não reproduzem um modelo de cooperativa habitual, pela influência adversa proveniente de diferentes fatores para sua organização. Dentre algumas alternativas, o IPEA (2013) elaborou a seguinte tabela em que apresenta diferentes obstáculos à organização cooperativa, e algumas soluções mapeadas:

Obstáculos observados	Causas	Soluções
Fragilidade institucional da coleta	Interesses organizados. Baixa viabilidade política.	Formação de conselhos municipais de gestão com a participação dos catadores de materiais recicláveis. Reconhecimento das externalidades positivas da atuação dos catadores. Atenção para os ganhos sociais.
Baixo grau de associativismo	Altos níveis de vulnerabilidade social.	Valorização do capital social das cooperativas e redes de comercialização. Valorização das parcerias com universidades e instituições da sociedade civil.
Conscientização da população para a separação dos resíduos	Tema relativamente recente.	Campanhas educativas e adoção do princípio do poluidor pagador.
Postura das terceirizadas	Competição com os catadores pela coleta de	Contratação das terceirizadas pelo valor global. Contratação de cooperativas para a realização da

	resíduos.	coleta seletiva.
Degeneração das políticas públicas	“Falsas” cooperativas e associações e má aplicação dos recursos.	Identificação e certificação das cooperativas pelo poder público. Acompanhamento dos investimentos e aplicação dos recursos.
Geração de renda	Falta de reconhecimento do trabalho dos catadores. Condições de mercado.	Remuneração das organizações de catadores pela coleta seletiva. Formação de redes de comercialização.

Tabela 2: Obstáculos e soluções à inclusão social de catadores/as nos sistemas de gestão dos resíduos sólidos (IPEMA, 2011, p.55).

Em entrevista, Alex Antunes, integrante e articulador do Movimento Nacional dos/as Catadores/as de Recicláveis, ressalta que através dos incentivos públicos, como a Política Nacional de Resíduos Sólidos, o grupo já obteve grande reconhecimento, mas que a luta atual é pela valorização dos catadores/as, dizendo que há muito ainda a ser caminhado:

A política trouxe boas regras como acabar com o lixão e organizar o processo de reciclagem a partir dos catadores, mas as decisões ficaram nas mãos de ninguém. Empresas ganham dinheiro para coletar resíduos e levar ao lixão, os prefeitos pagam, as empresas devolvem esse dinheiro em campanha política. Ficou todo mundo certo e só a gente, os catadores, excluídos do processo. O Ministério Público não tem força de fazer essa política ser aplicada e como tem muito lucro envolvido, a lei acaba não se efetivando. Mas muita coisa avançou. Catadores se organizaram, cooperativas se estruturaram, recursos foram mobilizados para isso. Mas quando eu olho para o montante de um milhão de catadores e vejo que apenas 20% estão estruturados, vejo que essa política tem que avançar muito para ser satisfatória. Nós comemoramos muito quando se conquista algo, principalmente uma lei, achando que aí está a salvação. Só que esse é só mais um passo. A gente venceu só mais esse degrau, mas para efetivar vão ser muitos outros inimigos (DOTTA, 2016).

Os enfrentamentos a serem galgados pelos/as catadores/as de recicláveis perpassa muitas mudanças, implicando diferentes instâncias da sociedade a darem ouvidos e se mobilizarem para sua efetivação, buscando através da diminuição de resíduos e das desigualdades, a valoração dos Direitos Humanos e da Natureza. Estar atento às lutas de catadores/as condiz a encontrar no seio de seus embates a crueza a que estão submetidos, cujos movimentos de luta por direitos condizem com a superação de opressões que não apenas eles/as estão envolvidos, mas toda a conjuntura que, um sistema de uso e descarte baseado na obsolescência e exploração, está.

As rachaduras expostas desta organização apresentam nas fissuras a opressão presente no cotidiano destes grupos de trabalhadores/as e demonstram a desestruturação que abarca a todos/as, cidadãos/ãs, poder público, instituições apoiadoras e até mesmo indústrias, que

através das atitudes podem incentivar ou reduzir cada vez mais as amplitudes de injustiça. Nesta corrente, como ressaltam Pinhel, Zanin e Mônaco (2011), a indústria, é o elo mais forte, que estabelece para os materiais recicláveis “preços muito baixos, levando os catadores a trabalhar no limite da subsistência fisiológica” (p. 95).

3.4. Cooperativa Acácia

A Cooperativa Acácia de coleta seletiva, atualmente se localiza no aterro municipal de Araraquara, interior de São Paulo, em terreno destinado ao Departamento Autônomo de Água e Esgoto (DAAE) deste município, localizado na estrada que liga esta cidade com Américo Brasiliense.

O DAAE, que é o principal responsável pela política de resíduos sólidos do município e, em parceria com a Prefeitura Municipal de Araraquara e a Acácia, firmou o convênio de cobertura de toda cidade para prestação de serviço de coleta seletiva através da cooperativa desde 2008, executando a triagem do material coletado (separação dos resíduos por categorias impostas pelo mercado), o beneficiamento dos materiais (prensagem e derretimento do isopor, que agregam valor aos produtos no processo comercial) e a sua venda. Em parte de seu estatuto, disponível na internet no site da cooperativa em texto intitulado “Quem somos” está escrito que ela “fundamenta-se na liberdade de associação, na solidariedade de ganhos e perdas, na gestão democrática e representativa, na defesa dos interesses econômicos e do bem-estar dos cooperados” (COOPERATIVA ACÁCIA, 2017).

Formalizada no ano de 2005, a Acácia percorreu um longo percurso até chegar à sua institucionalidade. Neste ínterim figurou caminhos comuns percorridas por muitas cooperativas de coleta de recicláveis nos seus respectivos processos de formalização, podendo ser elencados: ausência de políticas públicas de incentivo à sua criação – na fase inicial, na qual os/as catadores/as realizavam suas atividades de modo informal, em lixões e nas ruas. Em seguida, após o impedimento de suas atividades nos espaços de despejo de resíduos sólidos (ano de 1994), houve o início de incentivos por meio de políticas públicas que induziram à formalização de empreendimentos de catadores.

Refletindo acerca desta trajetória, Adametes (2006) descreve o traçado histórico da cooperativa Acácia, desde a retirada e proibição da presença dos/as catadores/as do lixão entre 1994 e 1995, quando houve a necessidade de sua transformação em aterro sanitário, onde as pessoas que dele tiravam sustento foram proibidas de entrar no local. Conforme as pressões provocadas pelos/as catadores/as que clandestinamente entravam no local, sendo barrados/as

com muito mal tratos pela segurança terceirizada que cuidava do aterro, começaram os incentivos por parte de órgãos públicos, para a organização dos/as catadores/as.

Neste momento, a proposta de formalização de um possível empreendimento de coleta seletiva solidária chamou a atenção política partidária local, tornando o cenário favorável e disputado para sua constituição, até que em 1998, com o agravo das entradas no aterro, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, através da Coordenadoria de meio ambiente, organizou uma proposta inicial de coleta seletiva a partir de outubro de 2001, com um grupo de 35 catadores/as independentes, sendo que muitos deles/as viviam do lixão há muitos anos (MORAES, 2011). No ano seguinte, em 2002, os/as catadores/as formalizaram a Associação Acácia de Recicláveis.

Através da parceria com o DAAE (que assumiu a gestão de resíduos sólidos do município de Araraquara em 2002), a associação recebeu uma pequena infraestrutura e pouco auxílio, suscitando um período de muita oscilação na frequência dos/as catadores/as e até mesmo o retorno de alguns/algumas para a atividade de catação clandestina no aterro. Segundo Adametes (2006), um dos problemas da formação associativa diz respeito à falta de experiência dos/as trabalhadores/as no sentido de organização coletiva:

Fatores alimentados por décadas de descaso e assistencialismo, agravados pela fragmentação gerada pelo despejo – e à sua consequente insistência em prosseguir com os modos de vida no universo do trabalho realizado no lixão. Tais circunstâncias sinalizam, naquele momento, a necessidade de um compromisso focado em longo prazo para a efetuação do projeto que, na cadência da urgência política, acontece pautado em ideias e protagonismos externos mais do que em vontades e iniciativas dos próprios/as trabalhadores/as, movidos pelo impulso da sobrevivência mais do que por uma imaginada ideia de ‘auto-organização espontânea (p.9).

Assim, após quatro anos e o agravo de novos conflitos no aterro, foi formalizada a Cooperativa Acácia de Catadores de Materiais Recicláveis com 60 cooperados/as, em janeiro de 2006 a partir da aprovação da lei municipal 6496 de 01 de dezembro de 2006. Contando com a parceria do DAAE tal cooperativa se instalou junto ao aterro municipal abrangendo em suas ações de coleta, inicialmente, apenas a região próxima ao bairro do Carmo, recolhendo e comercializando os materiais recicláveis, tendo como local de encontro dos/as participantes catadores/as o Eco Ponto, um pequeno barracão localizado no bairro do Carmo, com a meta de atender a 25% do município através da catação porta a porta. Logo no ano seguinte este objetivo foi gradativamente ampliado para todo o município.

O programa de coleta seletiva se constituiu a partir da entrega voluntária dos recicláveis pela população, na triagem dos materiais e no tratamento destes. Conforme demonstra a pesquisa realizada por Moraes (2011) através dos dados fornecidos pelo DAAE, em 2006, foram coletadas 206 toneladas de materiais recicláveis. Já em 2017, segundo reportagem do jornal A cidade ON (2017), a média mensal máxima atingida foi de 450 toneladas, resultando num montante médio estimado de 50.000 toneladas no ano. O grupo é formado num total de 160 cooperados, sendo cerca de 80% mulheres. O site da cooperativa, em área destinada ao texto “Nossa História”, complementa com outras informações sobre as/os participantes:

[...] quanto à escolaridade apenas 10% concluíram o ensino médio e 62% concluíram apenas o fundamental. Cerca de 60% dos/[as] catadores associados não possuem casa própria moram em casas alugadas ou cedidas. Declaram-se negros ou pardos 51% dos catadores cooperados (COOPERATIVA ACÁCIA, 2017).

Para organização da coleta seletiva no município, a cidade de Araraquara foi dividida seis regiões, que são cobertas pelas catadoras, através de uma dinâmica de divisão das participantes em grupos de 11 a 14 catadoras, as divisões dos setores podem ser vistas na figura 1, que separa por cores a distribuição. Há também, para auxílio da catação, os pontos de entrega voluntários (PEVs), alocados em locais mais distantes da cidade, de difícil acesso e com baixa densidade populacional como no caso dos distritos industriais. Neles estão dispostos com o auxílio de armações de metal, grandes sacolas de ráfia (formado por uma trama composta por material plástico), chamadas *bags*, para que a população deposite os recicláveis à cooperativa. Na presente investigação colaboramos com o “grupo A” de coleta porta a porta, no mapa da cidade que compõe a figura corresponde ao setor pintado em verde:

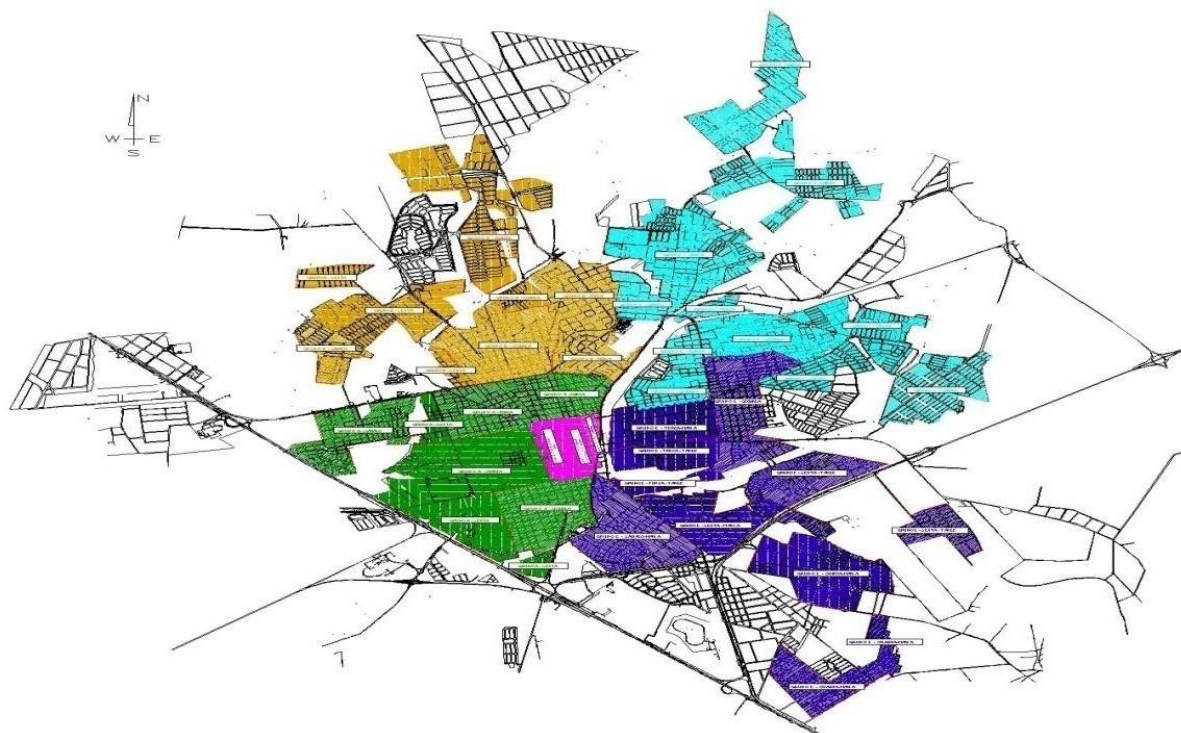


Figura 1: Mapa da cidade de Araraquara com a divisão dos setores da coleta seletiva (MORAES, 2011, p.99).

A remuneração mensal dos/as cooperados/as tem seu valor próximo ao de um salário mínimo, contado com o recolhimento do imposto de renda não descontado da retirada de cada participante. Todo o caixa da cooperativa é feito da somatória dos valores adquiridos da venda dos materiais recicláveis coletados, triados e beneficiados, somado à renda recebida pelo DAAE através de um contrato de prestação de serviços e amparado nas leis municipais 11.455/2007 e 12.305/2010, em vigor desde o ano 2008.

Segundo reportagem do jornal O Imparcial (2017), o valor do contrato é de R\$ 173.602,42 por mês e mais um bônus, que varia de R\$ 10 a R\$ 15 mil, de acordo com as metas atingidas pela cooperativa. Para realização de todo o trabalho, a cooperativa conta com 4 caminhões e 1 trator, dos quais realiza a manutenção a partir de seus próprios rendimentos, além de manter um escritório de contabilidade interno à cooperativa.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

4.1. O mundo vida como tema

A presente pesquisa qualitativa é baseada em método fenomenológico, pautado na modalidade do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989), que remete à busca da compreensão do fenômeno, e não sua explicação, “Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge de explicação [...], é ver o modo peculiar específico, do objeto existir” (MACHADO, 1997, p.35).

Compreensão, neste sentido, significa não se ater sobre a pesquisa em busca por generalidades, princípios para leis diversas. O foco de atenção é voltado ao modo específico do fenômeno existir. O significado da palavra fenômeno segundo Martins e Bicudo (1989) provém:

[...] da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo. [...], *Fainomena* ou *fenomena* são o que se situa à luz do dia ou que pode ser trazido à luz. Os gregos identificavam os *fainomena* simplesmente como *ta onta* que quer dizer entidades. Uma entidade, porém, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo em cada caso, do acesso que se tem a ela (p.22).

A ideia sobre um fenômeno, deste modo, adota ao sentido a que ele é dado contextualmente, de modo situado. Com isto, se duas pessoas percebem uma mesma paisagem do mundo, participam de valores que o mundo as fornece, mas nem por isso, o que ambas percebem pode ser semelhante. É através da comunicação, do compartilhar das percepções que se pode chegar em intersubjetividade às verdades dos significados dados por cada participante, à uma verdade entre as consciências.

Para Husserl (1996), a consciência não seria algo como uma substância a qual podemos considerar como a alma, mas ela é constituída por atos mediados por entes, pois visa a algo em todo tempo. Isto posto, a imaginação, as paixões, bem como a percepção, estão imersas nas coisas, não por mero acaso, mas em intencionalidade, pois abarcam o mundo vida, também conhecido por *lebenswelt*, que se refere a esta unidade da consciência que organiza o mundo pré-reflexivo e sustenta o agir intencional.

Neste entendimento, a experiência do pensamento não se dá em síntese acabada, mas sendo em perspectiva nos coloca em contato com nós mesmos, pois ao estar em atividade em situação do ato, se fazendo no equívoco, deixa-se de se reduzir a consciência a uma simples intuição aparente redundante sobre uma realidade incompreensível. Os pensamentos, assim,

ao se constituírem desvelam a própria compreensão daquele que realiza o ato reflexivo por se embasar na intencionalidade original, movimento distinto do conhecimento acabado. Para tanto, “É preciso que o mundo esteja em torno de nós, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nós nos projetamos” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.581). Nosso corpo é movido por sua visão de mundo, e nele é contida a possibilidade de todas expressões existentes no mundo cultural.

Foi Merleau-Ponty (1975, 1994, 2013) quem tomou as trilhas abertas por Husserl e estendeu os caminhos de uma filosofia que pensa a existência, esclarecendo que este mundo pré-reflexivo, irrefletido, não se trata de uma volta ao interior da consciência para que seja enclausurada e fechada em um subjetivismo. Nem mesmo se relaciona às teorias que encontram na ciência a única fonte do conhecimento, mas ao tomar como cerne a volta às coisas mesmas, coloca ao centro da investigação a consciência do sujeito, a qual por ter percepção da existência não é apenas sujeita ao mundo e, nem por isso, tem o mundo apenas como um objeto.

Neste sentido, ao se voltar à experiência sensível, a fenomenologia evidencia a consciência do sujeito como parte do encontro intersubjetivo entre o ser humano e o mundo:

Eu sou um campo, sou uma experiência. Certo dia e de uma vez por todas algo começou que, mesmo durante o sono, não pode mais parar de ver ou de não ver, de sentir ou de não sentir, de sofrer ou de estar feliz, de pensar ou de descansar, em suma de se “explicar” com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 545).

Merleau-Ponty (1994), deste modo, contradizendo o cogito cartesiano, pontua que é em transcendência que o ser é constituído, em sua consciência de que não é fechado em si mesmo, mas sendo apreendido na ambiguidade pelo contato simultâneo consigo e o mundo, é que vai se constituindo como pensamento de si em constante exercício. A percepção assim, ao conceber as coisas em sua essência, parte da consciência que se tem sobre as mesmas, em que toda síntese sobre as aparências se dá de modo inacabado. É na valorização das experiências, sobre aquilo que apreendo é que se desdobram os pensamentos irmanados de nosso ser em exercício, sendo-ao-mundo, em que a certeza da existência das coisas exteriores, são envolvidas pela referência de minhas próprias sensações, que se desenvolvem e articulam perante mim.

Para tanto, a fenomenologia ambiciona se constituir em uma filosofia que seja também uma ciência rigorosa (MARTINS; BICUDO, 1989; MARTINS, 1992; BICUDO, 2011), pois

busca a descrição da experiência tal como ela é. Neste sentido, a fenomenologia se atem à vida a partir das mediações em que o ser está, seu mundo vivido, pautando-se nos significados dados ao entorno e em contexto por aqueles que vivem o fenômeno, para os apreender entre aquilo que é objetivo e ideal. Ou seja, as significações como essência, podem se expressar de diferentes maneiras conforme a intencionalidade da consciência²¹ que se tenha sobre o vivido. Entre estes atos de conhecer e os objetos que são conhecidos, a fenomenologia se apresenta como uma maneira de investigação do real em busca das essências da percepção, como assinala Husserl (1996):

Objetivamente falando, dizemos que o objeto se mostra de diversos lados; aquilo que, visto de um lado, era apenas um indício em imagem, do outro, chega a ser intuído numa percepção confirmadora e plenamente satisfatória; ou ainda, aquilo que daquele lado era apenas indiretamente co-visado por adjacência, apenas antecipado, desse lado, chega a ser indicado pelo menos em imagem, aparece sombreado e em escorço, e só quando visto de um lado novo aparece “totalmente tal qual ele é. De acordo com nossa concepção, cada percepção ou afiguração é um tecido de intenções parciais fundidas na unidade de correlatos daquelas intenções parciais são partes e momentos da coisa. É só assim que podemos compreender como a consciência pode sobrepujar o que é verdadeiramente vivido. Ela pode, por assim dizer, visar mais além, e o visar pode ser preenchido (p. 56).

A fenomenologia investiga as essências, também entendida pela palavra *eidós*, a forma exterior da coisa existir em relação à sua ideia, sua forma própria. O que se faz impossível sem a definição de uma região ontológica que explicita o fenômeno em seu modo peculiar de existir, já que as essências se dão em contexto, a partir de um campo objetivo em que o próprio mundo pode ser situado diante do olhar para ser conhecido, “Não é, pois, uma relação homem-mundo, mas uma dialética sem síntese: o homem [e a mulher] que se situa ao mundo, um mundo que se oculta e se doa à sua percepção” (MARTINS, 1992, p.55). Deste modo, a fenomenologia pauta como máxima, a maneira como as coisas se apresentam à consciência, indo às coisas mesmas, suspendendo qualquer julgamento prévio sobre elas. Esta operação é denominada “*epoché*”, entendida também pelo posicionamento de “colocar entre parênteses”, em suspensão as crenças sobre a existência do fenômeno interrogado:

A fenomenologia coloca a ‘tese’ natural entre parênteses para indagar, primeiro, como a consciência funciona e como se estrutura, para, no final, justificar essa ‘tese natural’ exatamente enquanto atitude irrefletida, ingênua

²¹Segundo Bicudo (2011) a Intencionalidade é característica da consciência, “Consciência é compreendida como movimento intencional, efetuado pelo corpo-encarnado, ao ir de modo atento em direção ao ficado como figura destacada do fundo, totalidade em que sempre estamos com os outros” (p. 31).

e que precisa ser fundamentada filosoficamente, já que é o modo de viver cotidiano (CHAUÍ, 1996, p. 10)

O trabalho do fenomenólogo, assim, por buscar conhecer a objetividade da comunicação humana em que a experiência consciente se dá, volta-se às coisas mesmas, situando aquilo que procura conhecer (MARTINS; BICUDO, 1989).

A pesquisa fenomenológica parte da percepção sobre o fenômeno interrogado, descrevendo-o de forma precisa, abstraindo-se de influências que o generalizam, pressupostos ou teorias, buscando a experiência do sujeito em situação de vivenciar o fenômeno. Constitui-se, assim, a partir da percepção que dá-se no momento mesmo em que os valores e verdades são constituídos na experiência vivida pelos participantes da pesquisa. Segundo Martins e Machado (1997) a percepção:

[...] deve ser um logos nascente, ela nos ensina, fora do dogmatismo, a verdadeira condição da objetividade em si mesma, ela nos leva às tarefas do conhecimento e da ação. Não se trata de reduzir o conhecimento humano à sensação, mas de ajudar no início desse conhecimento, a torná-lo tão sensível quanto possível, a recuperar a consciência da racionalidade (p.27).

Deste modo, a interrogação que delimita a região de inquérito do pesquisador/a, como a que orienta esta dissertação, de investigar os *processos educativos que emergem da fotografia como possível linguagem para leitura e comunicação do mundo-vida de catadoras cooperadas de materiais recicláveis*; no processo de descrição do pesquisar, toda a atenção se volta à experiência vivida por estas mulheres em situação de significação de suas práticas cotidianas, buscando, em termos fenomenológicos “que o sujeito descreva suas vivências de modo noemático, ou seja dando conta dos aspectos estruturais das experiências por ele vividas” (BICUDO, 2011, p.56). Noemático se refere a Noema, e remete àquilo que é experienciado no mundo e se doa à consciência, esta palavra, no processo de formação da percepção, é diretamente relacionada a outra chamada Noésis, que tem o significado da ligação do que é vivenciado na experiência à expressão correspondente, detectada reflexivamente. Nas palavras de Husserl (1996), ao se referir sobre a classificação de um objeto qualquer, como um tinteiro esclarece que “[...] a vivência: conhecer esta coisa como meu tinteiro é constituída por um conhecer que, de maneira simples e determinada, faz a vivência da expressão fundir-se com a percepção correspondente” (p.44), discriminando assim, que o ato do conhecimento se fundamenta na percepção.

A análise fenomenológica se volta ao lado noético (noésis) que surge da reflexão, já que aquilo que se mostra ao olhar atento, de intuição, de um sujeito contextualizado, faz daquilo que percebe ser destacado em figura e fundo, e seu significado atribuído de modo intencional, conforme representado na seguinte figura:

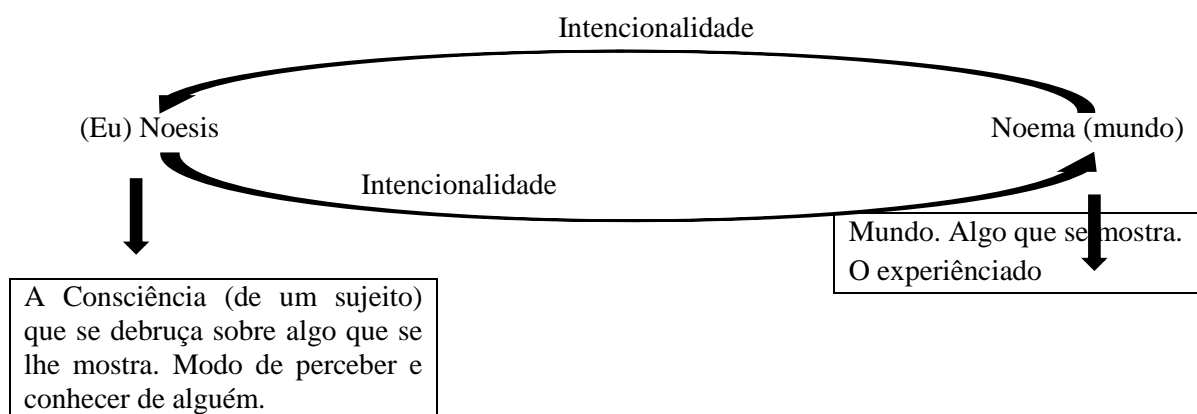


Figura 2: Representação da correlação Noesis – Noema – Noesis, adaptada de Martins (1992, p.69).

Como destacado acima, a percepção ao abarcar o percebido e seu entorno, envolve neste movimento o próprio contexto em seus aspectos materiais e imateriais, a natureza, a cultura e os sujeitos que a dinamizam, o que presume a negação sobre qualquer cisão que possa haver entre o ser humano e o mundo, já que toda subjetividade é encarnada ao mundo. Mas nem por isso o ser humano, por possuir um corpo próprio, é um ser determinado, pois como ressalta Freire (2011) ao dizer de sua satisfação em ser gente e, ter no dinamismo da temporalidade sua condição social, cultural e histórica em tensão com aquilo que também herdou geneticamente, não tem no futuro a inexorabilidade de um destino, nem muito menos a possibilidade de um não comprometer com ele, destacando que:

É por estarmos sendo este ser em permanente procura, curioso, ‘tomando distância’ de si mesmo e *da vida* que porta; é por estarmos sendo este ser dado à aventura e à ‘paixão de conhecer’, para o que se faz indispensável a liberdade que, constituindo-se na luta por ela, só é possível porque, ‘programados’, não somos, porém, determinados; é por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a humanização e que temos, na *desumanização*, fato concreto na história, a *distorção da vocação*. Jamais, porém, outra vocação humana. Nem uma nem outra, humanização e desumanização, são destino certo, dado dado, sina ou fado. Por isso mesmo é que uma é vocação e outra, *distorção da vocação* (FREIRE, 2011, p. 137)²².

²² Itálico destacado pelo autor.

Em conformidade com a colocação acima, a percepção em sua dinâmica de se constituir em movimento, proporciona ao ser humano a possibilidade da ampliação dos horizontes de ação, e com isto, das possibilidades de escolha entre aquilo que faz e que poderá ser feito, pois traz à luz o que ainda não foi percebido, abrangendo assim a um ato. Segundo Martins (1992):

A consciência resulta, pois, de um crescimento que se faz à medida que a vida se enriquece em objetividade, e o campo de escolhas humanas se amplia a partir da cultura, das heranças e memórias, que geram uma variedade de respostas possíveis (p.70).

Assim sendo, a partir da percepção que o indivíduo possui se definem suas ações com o mundo. Conforme esta compreensão, as vivências que originam a pesquisa fenomenológica são dadas a partir das percepções que o participante da pesquisa tem daquilo que está sendo pesquisado, e que podem ser registradas de diferentes modos, por gravações de voz, vídeos, cadernos de campo, fotografias e etc (BICUDO, 2011).

A pesquisa fenomenológica busca os significados da experiência realizada pelos participantes da pesquisa e que, no entanto, podem estar além das consciências destes sujeitos. Por buscar as descrições provenientes dos relatos das participantes sobre suas experiências, o pesquisador acaba por ter uma perspectiva mais ampla dos significados, por motivo de sua perspectiva de pesquisa que tem por referência a totalidade de ações envolvidas nas ações do grupo (MARTINS; BICUDO, 1989). Deste modo, uma maneira de pesquisar coerente com esta metodologia está em conhecer o contexto, a realidade experienciada, o mundo vida dos/as participantes.

Com isto, o pesquisador fenomenólogo busca as descrições da experiência que está sendo vivida pelo sujeito, o qual é concebido como atribuidor de significados àquilo que está sendo investigado; desta feita, “Os dados obtidos são as situações vividas que foram conscientemente tematizadas pelo sujeito” (MARTINS; BICUDO, 1989, p.94).

4.2. Criação e diálogo sobre fotografias

A fotografia nesta pesquisa, em conformidade com a temática de pesquisa qualitativa, foi compreendida como recurso metodológico de acesso à experiência sensível de catadoras de materiais recicláveis, o mundo vida por elas experienciado, para tanto, procurando traçar caminhos condizentes com estas intenções, realizo algumas incursões entre abordagens que

me permitem conceber a fotografia em um viés para análise conforme a abordagem fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989).

Para tanto, me aproximo da “foto-elicitación” que se baseia segundo Banks (2008) no “uso de fotografias para evocar comentários, memória e discussão no decorrer de uma entrevista” (p.89). Ao distribuir câmeras fotográficas para o grupo participante da pesquisa, através da criação de imagens, torna-se oportuno a abertura para o entendimento das representações elaboradas pelas catadoras no dia a dia, bem como aos ambientes que vivem e convivem.

A fotografia como recurso para o diálogo (BANKS, 2008), é compreendida assim, não como um pano de fundo para reflexões sobre o que se está a fotografar, mas oportuniza a evidenciação dos contextos de existência das participantes, contribuindo para uma dimensão adicional à pesquisa, especialmente nas esferas onde o conhecimento buscado fica além do alcance da linguagem. Alguns cuidados devem ser tomados em projetos colaborativos ao se entregar a câmera completamente na mão dos participantes da pesquisa, dentre eles, a oferta do auxílio pelo pesquisador na utilização da câmera fotográfica, bem como a atenção de não reduzir a fotografia a uma tarefa a ser realizada pelos participantes para ser subsequentemente analisada pelo pesquisador sem qualquer participação dos sujeitos de pesquisa, reduzindo deste modo, o fator colaborativo da criação da imagem, afinal a fotografia é uma peça de pesquisa social, e todos seus estágios - etapas de elaboração - precisam ser documentadas.

Sobre a imagem fotográfica, Kossoy (2001) destaca que olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre sua trajetória é situá-la em pelo menos em três estágios, sendo o primeiro, o da intencionalidade para que ela existisse, que pode ter partido do/a próprio fotógrafo/a ou de um terceiro que o incumbiu para realizar a tarefa, em segundo, decorrente ao primeiro estágio, o ato do registro que dá origem à materialização da fotografia. O terceiro está no percurso que a fotografia realizará, ou seja, “as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram e as mãos que a salvaram” (KOSSOY, 2001, p.45).

Assim sendo, a fotografia abarca dois momentos processuais em sua constituição (KOSSOY, 2016): (i) O primeiro é feito do instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro; o instante, pois, em que é gerada a fotografia, também reconhecido como Índice fotográfico. É o momento em que a luz incide sobre o material fotossensível. (ii) O segundo momento constituinte da fotografia é do assunto representado contido nos limites da imagem fotográfica, referência sempre presente de um passado inacessível. É o aspecto icônico da

imagem, o ícone é a prova documental da aparência do assunto em sua semelhança com aquilo à que faz referência, isto se dá em função da característica peculiar que a tecnologia fotográfica proporciona, com elevado grau de semelhança.

O índice é a prova, constatação documental que o objeto existiu, ocorreu o assunto representado. Neste sentido, toda a fotografia é um resíduo do passado, pois como Barthes (2012) já inferiu: “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela reproduz mecanicamente o que jamais poderá repetir-se existencialmente” (p.14). Sobre esta característica da fotografia, Dubois (2014) também relata que ela “afirma a nossos olhos a existência do que ela representa” (p. 52), sua constatação documental. Ainda que o referente tenha sido artificialmente produzido, este fragmento da realidade reúne informações sobre o espaço/tempo retratado e se constitui em uma fonte histórica, pelo artefato que constitui o material fotográfico - assunto, fotógrafo, tecnologia utilizada, e de sua expressão – registro visual nele contido (KOSSOY, 2001).

Entretanto, a representação fotográfica, após materializada sob o suporte que a contém, não fixa em seu registro expressivo de aparência sua verdade histórica e pode se abrir a diferentes leituras que cada receptor possa dela fazer. Esta abertura que a imagem fotográfica materializada contém, proporciona inúmeros anúncios, Ford (2015) expõe que após a experiência do ato fotográfico, a fotografia já pode ser compreendida como um extravio, pela remoção do acontecimento original e pela potência que guarda em si para fabricar outras narrativas. A fotografia cria assim, “A possibilidade de causar um novo fenômeno pelas rachaduras que provoca na pavimentação do caminho. Uma essência que é repleta de vir a ser. A silenciosa imagem carregada de voz e escrita pela luz” (p. 346).

Buscando decifrar este enigma que a imagem fotográfica contém, por conter informações implícitas e explícitas, Kossoy (2016) apresenta dois procedimentos para sua interpretação ou, como ele se refere, a desmontagem do signo fotográfico, a primeira consiste na análise iconográfica, a segunda, na interpretação iconológica.

Para a análise iconográfica (KOSSOY, 2016) ele sugere duas abordagens multidisciplinares que remontam a uma arqueologia do documento, nela são revelados os dados concretos sobre o documento fotográfico sendo decodificadas as informações de seus detalhes e materialização.

- a) A reconstituição do processo que originou o artefato, a fotografia: o fotógrafo, assunto tratado, tecnologia utilizada, a época e o lugar.
- b) Obter um minucioso inventário de informações dos detalhes icônicos que compõem seu conteúdo.

Estas informações da análise iconográfica revelam dados exteriores, implícitos e explícitos da fotografia.

A interpretação iconológica (KOSSOY, 2016) se relaciona ao chamado testemunho fotográfico, pois apesar de registrar uma dada situação do real, ele é sempre resultado de uma elaboração particular, um modo de ver e compreender especial proveniente de uma visão de mundo particular do fotógrafo, resultado final de um processo criativo. Como nos situamos além do registro fotográfico, embora o documento continue sendo nossa referência, não há que estabelecer certa regra interpretativa, com isto, sugere-se:

- a) Resgatar na medida do possível, a história do assunto no momento de seu registro.
- b) Buscar o processo das condições de sua produção, o processo criativo que resulta na representação.

Esta análise perpassa as informações interiores da fotografia, seus significados, sua face oculta.

Como enfatiza Kossoy (2016), será apenas através da sensibilidade do constante esforço de compreender o documento fotográfico e do conhecimento do momento histórico de modo multidisciplinar, que se encontram retratados apenas de modo fragmentado, é que será possível passar do plano iconográfico para o que está além do registro fotográfico. Esta investida na desmontagem da fotografia passa assim, pelo processo de construção que teve o fotógrafo ao elaborar a foto, e com isto, pelo uso ou aplicação que esta foto veio a ter por onde passou através das mãos de terceiros, e nas muitas leituras que ela pode provocar e os significados que pode suscitar nos leitores ao longo do tempo.

Nesta tentativa de descongelar o documento fotográfico pode-se intuir seus significados naquilo que possui ocultamente, evoluindo sobre os cenários e personagens que apresenta a *ânima* que motivou o registro e daqueles que estão presentes na imagem. Pois é em âmbito do imaterial que são dados os sentidos do viver e no contato com o registro fotográfico, são estes sentidos que são almejados resgatar e compreender, pois pertencem ao domínio da imaginação e dos sentimentos:

É a nossa imaginação e conhecimento operando na tarefa de reconstituição daquilo que foi. Situamo-nos, finalmente, além do registro, além do documental, no nível icológico: o iconográfico carregado de sentido. É este o ponto de chegada (KOSSOY, 2016, p. 135).

O registro fotográfico proporciona, neste sentido, a reflexão sensível sobre o vivido, pois traz em seu contorno apreensões que escapam da linearidade que um texto pode suscitar,

mas que sendo em perspectiva, pode desvelar perfis que não se esgotam em sentidos únicos para a consciência. Assim, a fotografia como “experiência capturada” (SONTAG, 2004, p. 14) não estaria como decalque da realidade, trazendo à tona as relações constituintes das coisas, mas como convite ao olhar “para que as espose, os traços da visão do dentro, à visão o que a forra exteriormente, a textura imaginária do real” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 22).

Deste modo, pensar a imagem fotográfica em seus interstícios, em que a constituição dos significados dados à imagem não a consomem em todos os sentidos possíveis, oportuniza a condição de destaque do próprio vivido. Nesta configuração, que toma a fotografia em aspecto dos sentidos, ou seja, em âmbito simbólico, oportuniza um perspectivismo que não ignora as demais verdades do fenômeno visto, pois ainda que não pertençam ao círculo do percebido, são absolutamente necessárias para a apreensão de sua existência.

Os objetos que não pertencem ao círculo do percebido existem no sentido em que verdades não deixam de ser verdadeiras quando não se pensa nelas: seu modo de ser é a necessidade lógica e não a “realidade”. Pois neles também suponho com razão um “perspectivismo” e lhes é essencial apresentarem-se a um espectador através de uma multiplicidade de “perfis”. Mas, uma vez que não os percebo, trata-se de um perspectivismo em ideia e de uma essência do espectador, a relação de um a outro é ela mesma uma relação de significações. Esses objetos pertencem então à ordem das significações e não à ordem das existências. Uma percepção que fosse coextensiva às coisas sensíveis é inconcebível, e isso não fisicamente, é logicamente que isso é impossível (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 245).

A fotografia, nestes termos, torna-se translúcida e aberta a perspectivas que possa sugerir, como um fragmento do tempo análogo ao corpo, e determinada pela sua relação entre o objeto capturado e a situação de enunciação. As memórias assim, ao serem despertadas através de objetos de sentido, simbólicos como as fotografias (KOSSOY, 2016), se apresentam em emoções, fazendo parte de nossa experiência, daquilo que imaginamos e vemos e despertam aspectos afetivos para alguns receptores que podem ir além das referências, para reassumirem presença semelhante à própria existência.

Esta apreensão sobre a fotografia se desdobra um passo além das primeiras interpretações que tinham nela a transcrição exata da realidade, pois sendo uma representação “elaborada cultural/estética/tecnicamente e que o índice e o ícone, inerentes ao registro fotográfico – embora diretamente ligados ao referente no contexto da realidade - não podem ser compreendidos isoladamente” (KOSSOY, 2016, p. 134), estando conjugados no registro fotográfico e não se desvinculam do processo de construção da representação. Ou seja, apesar da vinculação com os objetos e ambientes registrados, o testemunho que se acha gravado na

fotografia é produto do repertório pessoal do fotógrafo, seu mundo vida que, apoiado pelos recursos tecnológicos da câmera, realiza um processo de criação. As possibilidades de interferência sobre a imagem pelo fotógrafo são inúmeras, dramatizando, valorizando ou deformando as aparências daquilo que é retratado, ou ainda durante sua elaboração final, pelos procedimentos químicos ou eletrônicos. Aspectos que fazem da fotografia em seu processo de construção, dotada pela expressividade criativa e ideológica do fotógrafo, as quais influirão diretamente em sua informação.

O assunto registrado é selecionado de acordo com a finalidade do emprego da fotografia (científica, jornalística, documental, amadoras, educacional, policial etc.), a qual influirá no processo de construção e concepção da imagem, proveniente sempre de uma vontade pessoal ou induzida por outrem para sua realização. Apesar das diferentes classificações, conceituações, usos, significados e percepções dadas às fotografias, elas estão sempre relacionadas a uma certa sociedade, a uma certa cultura, bem como a uma determinada dinâmica e um determinado meio de veiculação, o que faz da fotografia inteiramente relacionada ao contexto do qual faz parte. Santaella e Noth (2001), corroborando destacam que, o fotógrafo quando fotografa:

[...] o faz em função do canal em que sua foto será distribuída, quer dizer, em função de determinada publicação científica ou não, determinado jornal, revista, determinada exposição ou, simplesmente, em função do seu álbum particular” (SANTAELLA; NOTH, 2001, p. 124).

Neste sentido, há uma finalidade sobre toda a fotografia, de modo que este envolvimento com o contexto, reflete diretamente no processo de sua construção visual. Mesmo sendo portadora de diferentes papéis, como jornalístico, documental, artístico e outros, as fotografias propriamente ditas quase não tem significação nelas mesmas: “seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação” (DUBOIS, 2012, p. 52). Presa à sua referenciação de modo pragmático, a fotografia torna-se inseparável da experiência a que faz referência, sendo que para sua compreensão, sem a devida contextualização, vem a tornar-se enigmática. A fotografia assim, está inserida no constante movimento de produção e recepção de sentidos na sociedade e, conseqüentemente, produzindo e reproduzindo aspectos significativos que organizam o viver.

4.2.1. Observações sobre a criatividade e a ideologia na fotografia

Canclini (1987), tendo em vista o importante papel social que a fotografia possui e levando em consideração o reduativismo a que leituras tem incorrido ao denotarem a ela o único viés de ser tida como cópia do real, observa que toda fotografia carece de objetividade. Sendo analisada como um modo de referir-se ao real, a fotografia pode apresentar em suas aparências simulacros impregnados de semelhanças e, neste aspecto, ser comparada a um importante instrumento na medida que denuncia os vínculos com a realidade ao desvelar as teias de relações em que a cultura é formada:

A fotografia pode cumprir um papel cognoscitivo, ou de conscientização política, precisamente se for capaz de perfurar as máscaras, aquilo que apresenta imediatamente à experiência, e propor olhares não familiares sobre o mundo. Conhecer implica também imaginar, inventar. A reprodução mais fiel do real pode ser a que consegue maior sugestão, a que supera a reprodução do visível mediante a indagação do virtual. Conhecer: abrir o presente ao pressentido (CANCLINI, 1987, p. 16).

A fotografia se coloca em conjunto às densas tramas de produção social, onde as regras e códigos que participa são provenientes de diferentes modos de se relacionar entre pessoas. Nisto repousa uma das razões que ao longo do tempo tem vinculado a fotografia ao campo das ideias, das idealizações do real, de modo a se aproximar da ideologia por um modo representacional. Para entender as tramas da ideologia sobre uma mensagem fotográfica, segundo Canclini (1987), a fotografia precisa ser compreendida no campo da verossimilhança e não no campo da verdade. Ou seja, ela não deve se distanciar dos tecidos de significação que a tornam inteligível, e com isto, sua comunicação não se desvincula da relação a que o fotógrafo quis dizer com a fotografia, nem muito menos deixa de estar atrelada aos recursos linguísticos de seu meio, o que quer dizer que é verossímil pela semelhança das significações do discurso/representação do emissor/fotógrafo e as representações prévias por parte dos receptores/leitores da imagem, ambos em conformidade sobre os modos de legibilidade.

Canclini (1987), revendo as aproximações que a ideologia teve da fotografia, ressalta a necessidade de se ampliar noções que tinham nela a de representação de mundo apenas e, assim, não fosse tida como um fenômeno separado da concretude da vida, já que ela, a ideologia “[...] é um processo de produção social que tem suas bases materiais, que supõe relações sociais e meios físicos de produção ideológica, aparelhos ou instituições” (p. 15).

Toda produção ideológica precisa de uma organização material que a torna possível, como a universidade para a ciência ou as galerias e museus para a arte, etc. Esta percepção

das instituições, é fundante na medida que oportuniza interceptá-las a partir das condições sociais que estabelecem para desenvolver produtos culturais:

Ao reconhecer a importância destas estruturas intermediárias entre a sociedade e as obras, duas deformações ideológicas podem ser evitadas: estudar os produtos culturais, por exemplo, uma coleção de fotos ou um filme, atendendo-se apenas ao sentido interno da obra, como faz a crítica idealista, ou simplesmente relacionar a estrutura da obra à sociedade em seu conjunto (CANCLINI, 1987, p.15).

Assim, cada objeto cultural possui um campo intermediário entre ele e aquilo que socialmente o determina. Com isto, uma análise acurada dos produtos culturais conforme Canclini (1987) aponta, se dará em duas frentes. Primeiramente nos aspectos de suas *representações* (i): “neste caso, a relação se efetua entre a realidade social e sua representação ideal” (p. 15), isto é, como aparecem representados os conflitos sociais, as classes e formas técnicas de uso da câmera para proporcionar uma perspectiva própria. Em sequência, a análise se moverá na *estrutura social do campo fotográfico* (ii): “entendendo-se por estrutura do campo as relações sociais que os fotógrafos mantêm com os demais elementos de seu processo produtivo e comunicacional” (p. 15), quer dizer, as relações com os meios de produção – materiais e procedimentos, bem como as relações de produção, dadas com o público e diferentes órgãos que proporcionam o financiamento.

Pensar o ideológico do processo fotográfico (CANCLINI, 1987), vai além das *imagens*, e abarcam processos sociais de criação de sentidos e significados pelas imagens fotográficas. Em uma mostra fotográfica, a ideologia integra os *textos* que acompanham as fotografias, a *organização do espaço* e as *relações sociais ou processos observáveis da ação social*- o comportamento do público diante das obras, ou a interação num grupo de fotógrafos e suas relações a públicos diferentes.

Em cada grupo social o contato com a fotografia toma diferentes formatos que abarcam um modo de pensar a representação – do fotógrafo e do espectador - e estão condicionados segundo Canclini (1987), por quatro fatores:

- a) A origem de classe: que determina a possibilidade econômica de acesso à prática fotográfica (nele estão envolvidas o acesso a diferentes máquinas e a particularidade cultural do gosto etc.).
- b) A concepção perceptiva que gerou o equipamento fotográfico: A leitura de uma imagem fotográfica exige uma aprendizagem; isto quer dizer que apesar dos diferentes equipamentos utilizados na obtenção da imagem fotográfica, esta está

atrelada ao olhar que é natural, o que perpassa um processo de aprendizagem visual para se relacionar com a aparelhagem. Portanto é preciso estar consciente dos princípios originários da concepção pictórica.

- c) Os códigos de percepção e legibilidade: Aspectos que formam o fotógrafo e o espectador. Nisto se inclui a reflexão sobre até que ponto a ocasião para a tomada de fotografia, aparentemente espontâneas, tem já estabelecido a ocasião a se fotografar.
- d) A estrutura do campo cultural ou sócio econômico: Conforme o campo que o fotógrafo atue, despontará em diferentes fotografias, artística, jornalística, publicitária e outras.

Libertar as representações dos condicionamentos ideológicos e transcender lugares-comuns para não reproduzir aquilo que a cultura hegemônica deseja dizer através da fotografia (CANCLINI, 1987), envolve reconhecer que o sentido das fotografias não estão nelas mesmas, mas que se constituem e variam segundo o processo de sua circulação social. Neste sentido, a criação fotográfica mais radical já “não é aquela que se limita a modificar o estilo das obras, mas sim as relações entre fotógrafos, obras, intermediários e público, e de todos esses elementos com a estrutura social” (CANCLINI, 1987, p.18).

Esta modificação das relações sociais da produção fotográfica, pode contribuir com o conhecimento social, indo além do que novas mostras podem proporcionar, mas criam oportunidades para se pensar junto com os públicos a democratização de saberes sobre os meios de produção cultural:

Uma das transformações mais profundas que poderia ocorrer na fotografia, um recurso-chave para libertá-la de sua utilização ideológica e burguesa, seria propagar seu uso e sua experimentação. Talvez não tenha função histórica mais importante que a de contribuir para a formação de uma nova visão e socializá-la. Uma visão que acabe com os estereótipos, com as maneiras reflexas de representar o real que as ideologias dominantes nos impõem, e suscite olhares novos, críticos, sobre esta terra tão pouco fotogênica (CANCLINI, 1987, p.18).

Subjacente à questão de se articular produtos culturais de modo vinculados à sua produção, circulação e recepção, perpassa ao que Brandão (2002) sinaliza como possibilidade de desvelar a própria cultura como dimensão simbólica, livrando-a de ser concebida apenas como coisa dentre os demais (objeto, artesanato, utensílio). Mas, sim de “Compreendê-la através da relação entre os processos sociais de sua produção e o seu próprio poder de processar, como significado, a vida social em todas as suas dimensões (p. 116).

Posicionamento que envolve entender a cultura em um sentido popular, como um complexo de objetos de uso e troca imersos em significações que abrangem um amplo aspecto de relações entre dimensões materiais e imateriais, constitutivos da vida de mulheres e homens em um poder de representação que faz de toda qualidade da vida em sociedade, se vincular ao mesmo princípio próprio do viver. Pois como aponta Brandão (2002), é na unificação da ação e representação “que a cultura desdobra, ao mesmo tempo, a sua forma de valor e de significado, o que faz com que a ideologia seja uma dimensão da cultura, sem esgotá-la” (p.118).

Pela capacidade simbólica representamos a vida vivida, buscando responder a uma necessidade que nos envolve e cria existencialmente, a transcendência. O mundo tal como experienciado não é simplesmente construído como resultado do pensamento, ao se questionar sobre a experiência de estar-no-mundo, o importante a se considerar é a presença de uma “consciência intencional operativa, que é o fundamento sobre o qual as intenções particulares se sustentam” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 82). Ou seja, o mundo pré-reflexivo, também entendido como esta unidade natural da consciência experienciando o mundo, é o que sustenta o trabalho do pensamento.

Para se falar sobre a experiência do mundo, é preciso reconhecer o significado que a imaginação possui no desempenho de todo o discurso. Ao estarmos em experiência, sentimos o vivido e pela linguagem nos relacionamos com o mundo indo além do real, pois ao se colocar na presença das coisas, diante de seu entorno, o horizonte que abarca as coisas mesmas vai além do momento presente da experiência, esta característica é compreendida como imaginação. Esta unidade que permeia o ser em experiência no sensorial e além dele, possui em essência o ser pré-reflexivo, o caracterizando de tal modo que ela, a imaginação, “pode ser significativamente relacionada a outros conceitos como o de sentimento, linguagem e pensamento. É nessa conjuntura que se encontra o fundamento básico da ‘criatividade’” (MARTINS; BICUDO, 1989, p.82).

Neste âmbito, o ato criativo emerge como um fazer de motivação poética, pois se vincula semelhantemente àquilo que o artista almeja ao criar sua obra: habitar o que constrói através da imaginação. Conforme origem grega, este fazer a que é dado o nome *poiésis*, é atrelado a atividade de construir, gerar e produzir forma à matéria bruta preexistente, ainda indeterminada. Segundo Nunes (2006), essa palavra significa “um produzir que dá forma, um fabricar que engendra, uma criação que organiza, ordena e instaura uma realidade nova, um ser” (p.20).

Ostrower (2008) nos diz que os pensamentos criativos se baseiam na imaginação, e por isto, implicam atitudes que superam a percepção do fenômeno criativo como mecânicos ou atrelados a uma superespecialização, pois:

Ainda que esta nos seja impingida pelo meio social em termos de necessidade profissional, não precisamos vê-la como virtude, como algum ideal aspirável em termos de realização humana. Do modo como está sendo colocada e com a falta de abertura, não passa de um reducionismo que exclui do viver toda experiência valorativa. Exclui do viver o vivenciar. Já por essa indiferença pelo real da vida, a atitude básica da superespecialização carece de qualificações criativas (OSTROWER, 2008, p. 39)

Com isto, parte-se do princípio que a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias, e pela capacidade de se relacionar com elas, pois é a partir das indagações que se “[...] constituem formas de relacionamento afetivo, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno” (OSTROWER, 2008, p. 39). A imaginação, assim como ressalta Sérgio (2003), não estaria vinculada à formação de imagens da realidade segundo a etimologia da palavra, mas estaria antes na “[...] faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. [...], a imaginação surge inevitavelmente de qualquer ato criador” (p. 52), em direção aos afetos, aos sentimentos que emanam do ato criador.

O vício de se considerar que apenas as atividades artísticas constituem o cenário da criatividade, tornam precárias as condições criativas em outras áreas em que mulheres e homens tem atuado, como a própria comunicação, que muitas vezes pode adquirir uma função sem finalidade, tornando-se precarizada ao atrelar toda a imaginação a fins comerciais, tendendo apenas ao consumo, ignorando-se a produção e circulação de toda produção criativa.

Os processos de criação representam desde as histórias originárias do ser, tentativas de estruturação, de experimentação e controle sobre a matéria, onde o ser humano passou a se descobrir à medida que se articulou e identificou com ela (OSTROWER, 2008). Isto se dá, pela característica que possuímos nós seres humanos, em transferir características simbólicas às coisas e delas para nós mesmos:

Formando a matéria, ordenando-a, configurando-a, dominando-a, também o homem e a mulher vêm a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e a ampliar sua consciência nesse processo dinâmico em que recria suas potencialidades essenciais (OSTROWER, 2008, p.53).

Os processos de criação, neste sentido, são estados e comportamentos naturais da humanidade, e conforme sejam favorecidas as condições criativas, pode-se favorecer a plena realização do potencial humano. Para ser criativa, a imaginação precisa identificar-se com uma materialidade (OSTROWER, 2008), adquirir empatia e afinidade com a linguagem específica de cada fazer e se envolver em um aprimoramento constante, ligado a este mesmo fazer criativo. Mas, além disto colocado, vale-se frisar que toda criação conta a visão global de um indivíduo, “a perspectiva que ele tenha, do amplo fenômeno que é o humano, o seu humanismo. São seus valores de vida que dão a medida para seu pensar e fazer” (OSTROWER, 2008).

CAPÍTULO V – PERCURSO METODOLÓGICO

No capítulo anterior foram apresentados os fundamentos metodológicos que pautam esta pesquisa fenomenológica e que pela proposta desta dissertação, a compõe em todo o trilhar de sua formulação.

Neste capítulo apresento os procedimentos metodológicos utilizados para identificar, descrever e os processos educativos que são desvelados de uma intervenção realizadas com catadoras cooperadas de materiais recicláveis do município de Araraquara – São Paulo, cuja linguagem fotográfica buscou possibilitar a comunicação e leitura crítica de seus mundos-vidas através de rodas de conversa, sendo os seguintes os passos percorridos para obtenção dos dados para análise:

5.1. Procedimentos de Intervenção

Esta dissertação se baseia em minha inserção junto com um grupo de mulheres catadoras de materiais recicláveis, organizadas em uma cooperativa solidária denominada Acácia, localizada na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo.

Da cooperativa participam 180 cooperadas/os, as quais atendem todo o anteriormente citado município através do programa de catação porta a porta de residências. Esta ação ocorre de segunda à sábado, observando divisão da cidade em seis setores, para que em grupos de onze a doze catadoras/es seja realizada a coleta de recicláveis de uma a duas vezes por semana.

Para me inserir nas atividades de um dos grupos de catação porta a porta, entrei em contato com a coordenadora de um deles, pedindo sua permissão para minha visita ao grupo. Indo a campo, me aproximei de um dos seis grupos da cooperativa, no caso o denominado como “A”, que cobre 5 regiões do município, catando de um a dois dias na semana em cada um deles.

Este coletivo é formado por onze mulheres, que possuem entre 26 e 62 anos. Além das mulheres catadoras, há no grupo mais três homens, dois que são cargueiros, pois organizam as *bags* (sacolas grandes de rafia em que os recicláveis são depositados e arrastadas pelos trajetos de catação porta a porta) dentro do caminhão baú, ao serem recolhidas nas ruas após estarem cheias de recicláveis, e o motorista, não cooperado, mas contratado, que coordena o traslado das *bags* cheias nas ruas até à usina, onde o material é todo separado para a venda, o

trajeto é realizado cerca de três vezes ao longo do dia, quando muito quatro vezes, para coletar todas as *bags* cheias.

Esta formação é comum aos demais grupos que cobrem a cidade na catação porta a porta, os homens sempre permanecem no caminhão ou na usina, e as mulheres nas ruas, apesar de haverem outras mulheres que realizam trabalho na usina. Neste espaço, o horário das atividades de trabalho, tem um rigor maior sobre as horas de entrada e de saída.

A catação porta a porta apesar de ser um serviço pesado, por arrastar as *bags* cheias de material reciclável pelas ruas, tem a regalia de ter o dia de trabalho organizado a partir da demanda e não pelo relógio, ou seja, caso as tarefas do dia acabem mais cedo, o trabalho está cumprido. O que exige atenção, para conhecer os bairros atendidos e não se perder por ruas que não correspondem à tarefa do dia, deixar materiais recicláveis para trás ou *bags* em lugares de difícil acesso ao caminhão baú, erros que acabam por prolongar o dia de trabalho.

Para a realização das tarefas da catação porta a porta alguns cuidados são exigidos, como com o corpo por enfrentar o sol à pino ou de chuva e seu desgaste pelos movimentos cansativos, repetitivos e localizados, além do esforço demasiado que pode trazer problemas à estrutura óssea do corpo. Uma atenção também é com a própria voz, utilizada para anunciar a passagem das cooperadas pelas ruas para a recolha do material reciclável porta em porta das casas, pois como esta ação é feita através da exclamação em grito, dizendo “coleta”, a voz das participantes muitas vezes, se utilizadas de mal jeito, tornam-se roucas ou até mesmo se enfraquecem.

Após cerca de seis visitas para conhecer a dinâmica de trabalho, me colocando à disposição para ajudá-las, bem como pedindo que me ajudassem em meu estudo, senti que minha presença e ajuda foram aceitas, ao mesmo tempo que concederam a possibilidade de realização da pesquisa com elas. Neste processo conjunto procurei estabelecer minha relação com o grupo colocando-me disponível para realizar as ações que fossem necessárias para auxílio, bem como disponibilizar também meu conhecimento, pois como ressaltam Oliveira e Stotz (2004), o diálogo inaugura um compromisso entre os que dele participam, pois na fala encontram o próprio pensamento em ação, refletindo com o mundo em perspectivas para realização de anseios e projetos:

O diálogo e sua essência, ou como diz Paulo Freire, o diálogo mesmo – a palavra, só é verdadeira enquanto práxis – reflexão-ação. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os seres humanos. A ação de que se fala é, portanto, de transformação (p.1).

Ao compartilhar com o grupo e engajado com a pesquisa foi possível se envolver com a realidade dos participantes, buscando através da partilha dos conhecimentos, a abertura de oportunidades de ampliação do conhecimento, e conscientização sobre a realidade vivenciada em comunhão. Assim, apresentei a elas a proposta de intervenção com fotografias em um dos momentos que estavam todas reunidas no Eco Ponto do bairro do Carmo, onde se encontram diariamente para partirem ao trabalho de catação. Expliquei que as máquinas fotográficas seriam disponibilizadas por mim e que cada participante ficaria com a câmera entre duas e quatro semanas, podendo as levar para onde quisessem, sendo que para que todas participassem seria necessário o revezamento das máquinas, pois tínhamos seis câmeras digitais (Sony Cybershot, de 14 a 16 megapixels, com cartões de 4 à 8 gigas de memória, carregador de bateria e capa protetora). Esta intervenção com as câmeras ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2017, durante a entrega das máquinas, também lhes esclareci que as fotos seriam tiradas por elas, desde o olhar delas ao cotidiano de catação solidária a partir da seguinte questão: “o que é isto, coleta solidária? ”; disse também que com as fotografias realizaríamos entrevistas individuais e atividades em grupo para conversar sobre os retratos tirados.

A aceitação das catadoras foi unânime em participar da investigação, assim apresentei-lhes em detalhe o conteúdo e sentido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como informei que a pesquisa havia sido autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (Parecer no. 2.020.899 – ver anexo 1). As 11 colaboradoras da pesquisa, escolheram os seguintes pseudônimos para preservação de suas identidades: Nádila, Cíntia, Aurora, Samantha Guerra, Paulina, Raquel, Laila, Jasmin, Laís, Margarida e Raíssa. Os perfis das colaboradoras da pesquisa estão descritos na tabela seguinte (Quadro 1), sendo possível destacar algumas características das participantes, todas mulheres que encontraram na coleta seletiva solidária uma alternativa ao desemprego.

A maioria das colaboradoras desta pesquisa possui filhos/as e uma baixa escolaridade, além de grande parte delas ser solteira. Comparando a renda das catadoras, e o número de pessoas com quem residem em suas casas, sendo sozinhas à frente do sustento de suas famílias com filhos/as pequenos, ainda é possível diagnosticar um cenário de carências.

Conforme a intervenção foi ocorrendo concomitante a minha presença auxiliando nas tarefas do dia a dia da catação de recicláveis, de 2 a 3 vezes na semana, foram se estabelecendo relações de confiança recíprocas, em processo de convivência, e pouco a pouco as catadoras foram me trazendo fotos que estavam tirando em seu cotidiano.

Conviver é mais do que visitar e, não sendo algo que possa ser delegado, requer um envolvimento pessoal de observação, questionamento e diálogo. Somente olho no olho com o outro e, com ele convivendo, é que se pode detectar e compreender posições políticas e informações que nos são fornecidas sobre dada realidade (OLIVEIRA, 2009, p.315).

Ressalto que durante a criação das fotografias pelas catadoras, sempre que solicitado, auxiliei-as em eventuais dúvidas técnicas sobre o funcionamento da máquina. Conforme as participantes foram me entregando as câmeras com as fotografias, muitas delas me questionaram se realizaríamos alguma mostra das fotografias externa ao grupo, para toda a cooperativa ou para a cidade, sugerindo desta maneira, que procurássemos meios para realizar uma exposição.

Após este momento de criação de imagens fotográficas, realizamos rodas de conversa para apreciação coletiva e dialógica das imagens obtidas pelo grupo, em que cada catadora pode apresentar fotografias por elas criadas. Como o número de fotos tiradas por cada uma das onze participantes variou entre 5 e 70 fotos, solicitei que cada uma escolhesse 3 fotos, as que lhe fossem mais significativas, para expor e compartilhar com o grupo todo de catadoras em roda de conversa, de modo que fosse possível possibilitar a mostra e diálogo entre todas, bem como equalizar o número de fotografias.

Quadro 1: Perfil das Catadoras

Participantes	I Nádila	II Cíntia	III Aurora	IV Samantha Guerra	V Paulina	VI Raquel	VII Laila	VIII Jasmim	IX Laís	X Margarida	XI Raissa
Perfil											
Idade	26	33	31	58	27	49	29	48	31	46	37
Local de Nascimento	Araraquara	Araraquara	Araraquara	Tupã	Araraquara	Araraquara	Recife	Araraquara	Araraquara	Leme	Araraquara
Raça/ Cor	Branca	Negra	Negra	Branca	Negra	Parda	Negra	Branca	Branca	Branca	Negra
Estado Civil	Casada	Separada	Separada	Separada	Casada	Casada	Casada	Separada	Casada	Separada	Separada
Escolaridade	2º grau incompleto	1º grau incompleto	1º grau completo	1º grau incompleto	2º grau completo	1º grau incompleto	1º grau incompleto	1º grau incompleto	1º grau completo	1º grau completo	2º grau completo
Com quem reside	Com 3 filhos e o Marido	Com 4 filhos e a Mãe dela	Com 2 filhos; o Pai dela e a Madrasta	Com 2 filhos.	Com 2 filhos e o Marido	Com 1 enteado e o Marido	Com 4 filhos, 1 neta e o Marido	Com 2 filhos	Com 1 filha e o Marido	Com 3 filhos	Com 4 filhos
Quanto tempo mora em Araraquara	Sempre morou	Sempre morou	Sempre morou	Sempre morou	Sempre morou	Sempre morou	13 anos	Sempre morou	Sempre morou	Desde a infância	Sempre morou
Quanto tempo trabalha na Cooperativa	8 meses	4 meses	1 ano	2 anos	1 ano	8 anos	7 anos	1 ano e meio	10 anos	1 ano	13 anos
Data Entrevista	29/03/2017	29/03/2017	29/03/2017	03/04/2017	10/04/2017	17/04/2017	26/04/2017	09/05/2017	15/05/2017	15/05/2017	24/05/2017
Fotos Escolhidas	F1; F2; F3e	F4e; F5; F6	F7; F8; F9e	F10; F11e; F12	F13; F14; F15; F36e	F16; F17; F18; F37e	F19e; F20; F21;	F22; F23; F24; ñ	F25; F26; F27; F35e	F28; F29; F30e	F31; F32; F33; F34e
Roda Conversa 1; 2; 3	C; C; F	C; F; F	C; C; C	C; C; C	C; C; C	C; C; C	C; F; F	C; F; C	C; C; C	C; C; C	C; C; C

5.2. Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir das fotografias criadas pelas próprias participantes da pesquisa, entrevistas individuais e rodas de conversas coletivas acerca das fotos criadas. Para auxiliar os diferentes momentos da pesquisa, minhas dúvidas e dificuldades, registrei os dias de convívio em notas de campo que apesar de não serem tidas como dados para análise, me serviram para reflexão ao longo do pesquisar.

A partir da criação de fotografias, as participantes contribuíram com importante fonte de dados para esta pesquisa, pois além da imagem como recurso para se chegar a compreensões sobre o mundo-vida das participantes, foi possível realizar entrevistas individuais pautadas nas fotografias e rodas de conversa em que as catadoras reunidas, puderam compartilhar as fotografias e significados dados à coleta solidária de recicláveis.

As entrevistas foram realizadas a partir do discurso das participantes sobre as três fotografias elegidas por cada autora, vale ressaltar, que este momento de diálogo entre pesquisador e cada uma das catadoras é decorrente da construção de vínculos cultivados no dia a dia da catação, em que as posturas de pesquisador procuraram se dar despojadas de signos de classe e de status, haja vista que a inserção junto ao grupo se deu durante o cotidiano de trabalho do grupo, auxiliando e quando permitido, realizando as tarefas incumbidas, assim, buscando um entendimento das expressões das participantes que envolve segundo Valla (2014), a compreensão de cada depoente em suas “raízes culturais, seu local de moradia e a relação que se mantém com os grupos que acumulam capital” (p. 36). Deste modo, pude também, visitar quando oportuno cada uma das catadoras em suas casas ou em outros momentos para além da catação.

Segundo Bosi (2003), a qualidade da entrevista dependerá muito da qualidade dos vínculos gerados entre pesquisador e colaboradores/as, através das atenções sobre o cotidiano de ambos, a entrevista, segundo a autora, se faz da consistência do próprio convívio:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes (p.61).

As entrevistas individuais ocorreram em visitas minhas às casas das catadoras ou durante o intervalo de catação nas ruas, ocorrendo a partir da escolha de três fotografias elegidas por suas autoras. Para esta atividade foram realizadas as seguintes perguntas:

- Qual a sua história e como chegou até a coleta seletiva solidária?

- O que significam cada uma das três fotografias escolhidas?

As respostas de cada participante tiveram o áudio gravado e transcrito na íntegra, com manutenção das falas originais, inclusive pronúncia.

A partir das três fotografias selecionadas pelas colaboradoras do estudo para a entrevista individual, foram realizadas também rodas de conversa, em que cada participante apresentou suas interpretações e pode contar com o olhar das demais catadoras sobre suas próprias fotografias. Momento de diálogo coletivo que eram iniciados pela fala de apreciação de cada catadora sobre sua criação e, em seguida, o diálogo se abria às demais participantes. As rodas de conversa foram gravadas em audiovisual e, assim como nas entrevistas, transcritas de acordo com a fala original de cada participante.

Foram realizadas três rodas de conversa em que dez das onze colaboradoras apresentaram suas três fotos ao coletivo, uma das participantes, no entanto, no caso Aurora, apresentou somente uma de suas fotos, por decisão pessoal dela na ocasião.

Destacamos que o aspecto intersubjetivo que a roda de conversa desperta no grupo possibilita ampliar os olhares particulares e significativos de cada integrante. Em roda, as pessoas se colocam para compartilhar posicionamentos e sentimentos frente a vida, em um encontro pautado no diálogo para conhecimento de diferentes histórias que tornam o enredo de cada roda de conversa, diferente ao ser realizada. Warschauer (1997), procurando trazer amplitude que o diálogo em roda pode proporcionar, descreve que estes momentos:

São às vezes atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria (WARSCHAUER, 1997, p.46).

As rodas de conversa ocorreram logo pela manhã, durante a chegada do grupo ao local de encontro, o Eco Ponto, entre as 7:30h e 8:30h da manhã, horário de chegada do caminhão que traz as *bags* vazias da usina da cooperativa para serem distribuídas entre cada catadora para realização da catação dos materiais recicláveis porta a porta. O mesmo caminhão, depois passa em pontos estratégicos distribuídos ao longo da região da cidade onde ocorre a coleta para recolher as *bags* cheias para levar a usina da cooperativa. Concomitante ao horário de chegada do caminhão a coordenadora do grupo elabora e distribui os roteiros de coleta do dia a serem realizados por cada participante.

Como os encontros pelas manhãs, anterior à saída para catação, têm os horários contados e após a tarefa de catação de recicláveis do dia, cada catadora segue embora para sua residência, para cumprir com outras obrigações de cuidado familiar, indo a pé ou ônibus de onde tiverem terminado a catação, foi possível realizar os encontros coletivos pela manhã, único momento do dia que todas estão juntas. Conversando com o grupo, questionei se seria viável realizarmos encontros em outros horários do dia, mas como muitas delas moram em diferentes bairros, distantes até mesmo do centro da cidade, foi difícil encontrar um local com distância comum entre o grupo. Somado a isto, as catadoras não recebem auxílio transporte e teriam de arcar com a custo da tarifa de ônibus, que pelos depoimentos, são muitas vezes contadas no final do mês, sendo calculados rigorosamente, junto a este fator, as mulheres são mães e arcam com tarefas cotidianas de cuidado familiar, o que gera um desgaste físico que se somam aos da coleta seletiva realizada também aos sábados. Com estes impasses não foi possível reunir as catadoras em horários alternativos para que pudessemos sentar tranquilamente e dialogar. Portanto, as rodas ocorreram com a boa vontade do grupo em participar deste momento de comunhão, para dialogar sobre as fotografias tiradas, durante as manhãs, ainda que um tanto às pressas, pois há uma mobilização e consenso do grupo de quanto antes saírem para a catação nas manhãs, mais cedo terminam o trabalho e acabam por não terem de sofrer o risco de passar a tarde toda sob o sol (dependendo da variação climática), ou até mesmo não encontrarem os recicláveis separados pelos moradores, por comumente serem coletados também por catadores autônomos.

Deste modo, para criar um ambiente propício e convidativo para a roda de conversa, realizei durante os três encontros, cafés da manhã feitos de alimentos solicitados pelo próprio grupo, como cachorro-quente, ou o tradicional buraco quente. Junto a isto, dispus também, com os materiais disponíveis no Eco Ponto como latas, caixotes e até mesmo cadeiras reformadas, um local para nos assentarmos e conversamos sobre as fotografias, que projetei pela tela de meu computador laptop. Ressalto ainda, que uma proposta assim, pautada no diálogo e reflexão em roda de conversa, por ser uma atividade distinta às demandas cotidianas do grupo sempre voltadas a atividades relacionadas ao movimento corpóreo, não foram espontaneamente convidativas, tendo que para cada encontro, ser combinado previamente com cada participante a possibilidade do diálogo, para que viessem já preparadas e assim, até mesmo, se aproximassem tomando assento junto à roda. Do mesmo modo, as organizações dos encontros tiveram que ser tratadas junto à coordenadora do coletivo, para que as datas não fossem simultâneas às folgas das participantes.

Como estratégia de aproximação das catadoras às fotografias tiradas por cada participante, a segunda roda de conversa foi realizada de modo diferente, onde cada catadora escolheu uma única fotografia, preferencialmente entre as três anteriormente selecionadas, para elaborar um significado para esta, uma legenda como um título ou frase para que assim imaginássemos organizar uma exposição fotográfica coletiva do grupo. Após cada integrante ter escolhido uma única fotografia, apresentei em roda de conversa o conjunto de imagens selecionadas às participantes, para que julgassem o conjunto de fotografias escolhidas e caso achassem repetitivos os temas, escolhessem uma ou outra imagem diferente, ação que não foi necessária já que as representações abordavam sob diferentes perspectivas o cotidiano do grupo. Assim, em sequência, cada catadora realizou um discurso significativo sobre sua fotografia com intenção de intitulá-la, e com isto, as demais participantes da roda puderam ouvir e apreender os sentidos e significados dados por cada catadora à foto escolhida.

Durante esta prática, muitos títulos foram surgindo, e uma com a outra, se estimularam em criar slogans sobre a coleta seletiva. Já a primeira e terceira roda de conversa ocorreu com a exposição das fotografias em diálogo coletivo, como anteriormente comentado. Apenas Aurora não apresentou suas três fotografias ao coletivo pois me pediu para que não as apresentasse. Houveram também participantes que não quiseram comentar em demasia suas fotografias, como Margarida, que resumiu sua fala apenas a adjetivos como gostei, ou ficou bonito, mas que também são comentários significativos para o conjunto de trocas ao longo da roda de conversa.

5.3. Procedimento de Análise de Dados

Para análise dos dados, foram utilizados os procedimentos próprios à modalidade de pesquisa do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989). Este procedimento é baseado em duas sequencias de análise, a análise ideográfica e a nomotética.

Na **análise ideográfica**, o estudo adentra os meandros das descrições das participantes da pesquisa, sendo compreendidas cada uma em sua individualidade. Através da leitura e releitura das descrições provenientes da entrevista (Apêndice B) e da roda de conversa (Apêndice C), lendo uma por uma, o pesquisador vai buscando a compreensão da experiência vivida por cada integrante da pesquisa.

Neste movimento de pensar o todo e as partes daquilo que foi falado, busca-se o *insight*, a ideia chave que dá sentido ao todo. Para tanto, cada um dos sentidos encontrados nas descrições, são evidenciados através de um risco, que sublinha cada frase, conforme relata

um sentido de significado da experiência vivida. Conforme há uma mudança ao longo da fala, torna-se outro significado, recebendo em cada um deles a numeração em algarismo arábico, conforme a sequência da descrição.

Em sequência, é realizada a busca das essências dos discursos, denominado *redução fenomenológica*, em que o pesquisador articula as expressões da linguagem enunciadas, em outra, condizente com investigação do pesquisador (Apêndice D para as entrevistas e Apêndice E para rodas de conversa). A partir destas etapas, busca-se as convergências destas unidades de significado, sínteses que partem da experiência vivida pelas veiculadoras da pesquisa, sendo possível organizar as ideias expressas pelas catadoras em *categorias*, “formadas a partir de convergências, divergências ou idiossincrasias observadas nos discursos dos sujeitos” (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.78). As convergências estão nos aspectos comuns dos significados dados pelas colaboradoras da pesquisa ao fenômeno; já as divergências, em alguma medida, se opõem as demais asserções encontradas na categoria. As idiossincrasias são compostas de compreensões individuais.

A partir das categorias obtidas, segue-se a **análise nomotética**, ou seja, as normalidades que se encontram no fenômeno interrogado, sua estrutura geral, elaborada para melhor visualização através da *Matriz Nomotética* (Quadro 2). Neste momento a análise transcende o individual, compreendendo o fenômeno como um todo aberto para análises através da matriz nomotética, que apresenta por meio de linhas, as *categorias* originadas – acompanhadas pelas letras maiúsculas do alfabeto (neste estudo foram construídas três categorias, portanto: A, B, C), e de colunas, os *pseudônimos* – seguidos de numeração romana (I, II, III e assim por diante, conforme sequência progressiva de tomada das entrevistas). Através do cruzamento das linhas e colunas, é realizado o destaque das *unidades de significado* – representadas por numeração de algarismos arábicos (1, 2, 3 e assim por diante), conforme a sequência encontrada nos discursos, as unidades de significado *divergentes*, são representadas pela letra “d” ao lado do número arábico correspondente. Nesta distribuição pela matriz, é possível a *construção dos resultados*.

Quadro 2: Matriz Nomotética - Entrevistas

Discursos Categorias	I. Nádila	II. Cíntia	III. Aurora	IV. Samantha Guerra	V. Paulina	VI. Raquel	VII. Laila	VIII. Jasmim	IX. Laís	X. Margarid a	XI. Raissa
A) Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe	1, 3, 5, 8	1, 2, 6, 8, 9	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11d, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 27	1, 3, 4, 6, 9, 10	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16	1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31, 32, 33, 35, 36, 37	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10	1, 2, 3, 4	1, 2, 3, 4, 7, 8, 22	1, 3, 6, 7, 9, 11
B) Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa	2, 4, 9	3, 7d, 8d	8d	21, 22, 23, 24	2, 7, 12, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22	17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25		11, 12, 13, 14, 15, 16	5, 6, 10, 11	5, 6d, 9d, 13d, 14, 15d, 16, 17d, 18, 19	2, 5, 8, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 24
C) Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço e tamo aí na luta	6,7	4, 5, 9d		25, 26, 27, 28, 30, 31d, 32d, 33d	5, 8, 11, 13, 16, 17	11, 18	2, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34		7, 8, 9, 12	10, 11, 12, 20, 21	4, 10, 12, 13, 15, 18, 19, 23, 25, 26, 27, 28, 29

Quadro 3: Matriz Nomotética - Rodas de Conversa:

Discursos Categorias	Roda de Conversa I.	Roda de Conversa II.	Roda de Conversa III.
A) Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe	1, 2, 3, 4, 7, 10, 14, 16, 19, 20, 21, 24, 27, 45, 46	8	20, 22, 23
B) Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa	9, 25,26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35	1, 2, 3, 5, 6, 7	1, 4, 6, 11, 19d
C) Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço e tamo aí na luta.	5, 6, 10, 11, 13, 15, 17, 18, 22, 23, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48	4, 9, 10	2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21

CAPÍTULO VI - CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise dos dados, foram desveladas três categorias que levam título originado de frases pronunciadas pelas participantes da pesquisa:

- A) *Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe.*
- B) *A coleta seletiva solidária ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa.*
- C) *Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço e tamo aí na luta.*

6.1. Categoria A - Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe.

Esta categoria emerge dos discursos das catadoras acerca dos processos vividos que as levaram à coleta seletiva solidária, suas relações familiares e histórias pessoais que através das convergências encontradas, percebemos processos de enfrentamentos das adversidades visando a superação de situações-limites, sem, contudo, perderem a alegria de viver e a fé em dias melhores, inclusive por encontrarem na coleta seletiva solidária uma alternativa para geração de renda.

Na passagem a seguir, uma das catadoras que há mais de dez anos trabalha na coleta seletiva, fez asserções sobre o desejo de retomar os estudos, pois através da catação tem conseguido prover materialmente o cuidado de seus quatro filhos:

Mas ainda tenho esperança que eu vou volta, nem se for uma faculdade, mas fazê um curso técnico, né? Vamo vê se ano que vem eu consigo esse espaço, que aí as criança já tá maiorzinha já, vou começar a me reorganizar, né? Porque ultimamente eu tô vivendo só para os meu filhos, né? Eu tenho que pensa a começa a vivê pra mim também, né? Não ser só mãe 24 por 48, que nem falam aí, né? Começa a vive pra mim também, né? Vamo vê se consigo... Num é? O que eu queria fazê mesmo era curso técnico de enfermagem. Vamo vê se eu consigo ano que vem entra pra fazê. Nem que for por particular, reorganizar as contas, aí quem sabe eu consigo pagar meu curso com o meu trabalho, né? Com o meu trabalho (E XI, US 7).

De modo muito semelhante, a participante Paulina, que possui dois filhos, vê a possibilidade em retomar os estudos e cursar uma faculdade.

Eu fiz só até o segundo só, não fiz o terceiro. Pretendo fazê faculdade de veterinária ainda, ou pediatria. As criança daqui a pouco vão tá tudo moço, aí eu vô podê terminar os estudo e paga minha faculdade. Aí vô fazê meu curso de veterinária ou pediatria, tô indecisa, se não nós estuda pros dois, se não fô um vai ser o outro (E V, US 6).

A produção de renda, gerada pelo trabalho através do cotidiano, propicia a criação de horizontes pautados não apenas pela provisão do sustento diário, atrelado muitas vezes à subsistência das necessidades corpóreas mais essenciais como a fome e a sede, mas oportuniza a abertura para provisão. Aspecto que Valla (2014) destaca ser um outro modo de pensar, já que se liga ao dia a dia não apenas imediato, mas se vincula a um futuro possível, muito mais próximo à projeção de anseios. O autor, buscando compreender e valorizar o saber popular, sem distingui-lo em detrimento ao saber do profissional, traça caminhos para que não haja falhas de interpretação sobre as falas de diferentes grupos. Para tanto, ao se referir a grupos populares coloca a hipótese de que estes setores da população conduzem suas vidas a partir da categoria principal de provisão:

Com isso se quer dizer que a lembrança da fome e das dificuldades de sobrevivência, enfrentadas no passado, faz com que o olhar principal seja voltado para o passado e preocupado em prover o dia de hoje. Uma ideia de ‘acumulação’, portanto. Neste sentido a proposta da ‘provisão’ estaria em conflito direto com a da ‘provisão’ (VALLA, 2014, p. 179).

A oportunidade da constituição de renda traz diferentes oportunidades de cuidado com a própria família. A coleta seletiva solidária atende grande parcela da população que muitas vezes se encontra desprovida de alternativas de emprego, como Laís ressalta: “Ah... É um serviço bão. É, é o sustento de muitas família, né? Se num fosse esse servicinho né, muita gente taria desempregada às veis, né? Ah, acho que é isso” (E IX, US 6). Outra participante, Dona Samantha Rosa que possui já 58 anos, relata que era catadora autônoma, e sofria com o desemprego:

[...] eu entrei na coleta pra sobrevivê ainda mais, né? Porque num tava dando nada na rua. Cê vendia os *bag* e num dava nada chegava a chorá, até que minha fia falô, mãe, a mãe qué entra no serviço comigo, na coleta? Só que a mãe vai ganha um salário, ah então demoro, aí eu tô na coleta. Mas jamais eu pratiquei outra coisa, roubei, matei, preferi ficar nessa vida que eu tô aí, trabalhando, sofrendo, mas lutando por mim mesmo. Sem precisar mexer nas coisa dos outro, sem fazer coisa errada (E IV, US 7).

Raquel, de 49 anos, relata que passou por um período tribulado em sua vida, sendo solteira e tendo que arcar com o sustento da casa, ao perder um de seus filhos em um assassinato e o outro ser preso, chegou à depressão, encontrando na catação autônoma a possibilidade de constituir uma renda para sustentar sua nora e neto recém-nascido, após certo período, ingressou na cooperativa Acácia: “(...) catei reciclagem na rua dois ano pra eu pode mantê meu filho na cadeia, e pra mantê ela aqui fora” (E VI, US 7). Muitos são os fatores de entrada de pessoas à catação solidária de recicláveis, nesta passagem Raquel ressalta as problemáticas que a tocavam no período de ingresso à esta prática:

Porque o que eu passei, se fosse outras pessoa assim, falo uma coisa pra ocê, tava andando pra rua cara, tava andando pra rua... Porque na época que eu perdi meu filho, eu tava entrando em depressão, e minha mãe entro também, e as minhas irmãs sabe, elas se afastaram de mim... Se afastaram de mim então ficou eu e Deus, né? eu e Deus porque logo meu filho também foi preso, né? e minha nora tava grávida do meu minunu, esse que nasceu agora e vai fazê quinze ano, e eu fiquei praticamente sozinha, aí eu tive que trabalha pra cuida de minha Nora que tava grávida, pra dá conta de casa, cuida da outra menina, e eu me apeguei muito com Deus, sabe o Conrado, se não, eu vô fala pra você, eu hoje... Eu não tava aqui não, eu fui pra trinta quilo, que oiavam pra mim e pensavam que em eu tava com HIV, aqui ni mim cresceu um osso assim, nossa foi muito sofrimento, muito, muito... (E VI, US 5)

Em outras falas das participantes, a catação solidária de recicláveis é tida como uma prática de superação da condição de desemprego que podem ter se encontrado:

Ah, eu tava desempregada, meu marido também, aí a Aurora já trabalhava na coleta, e ela falou que tava precisando, aí eu peguei e fui conversar com a coordenadora, aí ela me contratou, depois de dois sábado que eu fui lá ela me contratou (E I, US 3).

“Ah, eu comecei, d’cho eu ver... Meu filho nasceu em 2011, o Enzo, eu entrei aqui em 2011... 2012, a primeira vez que eu entrei aqui, que foi o caso que eu tava te contando que ele pegou o começo de pneumonia, aí tive que saí, aí entrei em outro serviço, mas... A coleta eu acho que tá no meu sangue, então eu vortei pra coleta, agora em 2017... 2016, eu voltei pra cá. Que eu tava desempregada, daí precisando de serviço e meu marido conhece a Raissa, aí que ela tava precisando e... Uniu o útil ao agradável, né?” (E V, US 4).

Minha história... Uhm, meu nome é Raíssa, tenho 37 anos, mãe de 4 filhos, sendo a Vitória de 15 anos, Leandra de 12 anos, o Sandro de 5 anos e a Cléia de 3 anos; solteira, cuido dos meus filhos sozinha, trabalho na coleta seletiva a mais de 12 anos, trabalho com este serviço, gosto muito do que faço, e... Sou de Araraquara, minha família também é de Araraquara. Uhm, já fui casada três vezes, mas num deu certo (E XI, US 1).

A participante Jasmim chega a comparar o desemprego como um abismo e ressalta, com isto, a oportunidade de trabalhar através da coleta seletiva como algo redentor, a possibilidade de uma virada em sua vida para constituir renda e sair de um estado de sofrimento:

Significa, que foi um meio do abismo, que quando eu perdi meu serviço, que era registrada, e fiquei desempregada, e... Aí eu conheci a coleta, foi aonde eu me abriguei, né, foi uma família, entre “aspas”, e... Foi um modo de sobreviver, porque a cooperativa foi a melhor coisa que fizeram pra podê dá serviço pra aqueles que não tem. Que o sofrimento faz a gente sofrer muito, sabe? É sofrido, é, num tem serviço fácil né, mas se num fosse ele, o que seria do povo, desempregado? Pelo menos tem como pagar sua água, sua luz, seu imposto, sua despesa, num é? Porque se num tivesse ele, cê taria na rua né? (E VIII, US 10).

O desemprego e a criação de excedentes populacionais que possam ofertar mão de obra útil tem sido uma estratégia prática do capitalismo desde os tempos iniciais, sua utilidade está na “exclusão do trabalhador do processo de trabalho capitalista e sua inclusão no processo de valorização por meio de formas indiretas de subordinação do trabalho ao capital” (MARTINS, 1989, p 99), cujas sujeições ao trabalho, são dadas por meio de relações clandestinas que fazem com que o trabalhador seja expropriado, não assimilado diretamente pelo processo de produção do capital. A figura do subalterno não é uma condição a ser extinguida, mas uma própria estratégia do desenvolvimento capitalista:

Estamos diante de um processo que se atualiza e subalterniza grupos crescentes, nos países pobres, nas regiões pobres dos países ricos, mas também nos espaços ricos dos países pobres. O negro e a mulher continuam subalternizados em muitas partes do mundo. Mas há novos subalternos surgindo desse processo – os jovens de todas as partes, as crianças, os velhos (MARTINS, 1989, p. 101).

Apesar de toda discriminação gerada e enraizada no próprio desenvolvimento do sistema capitalista, as alternativas geradas por estes grupos à margem da inserção plena

neste modelo econômico, acabam por expressar alternativas através dos processos de constituição de vínculos, os afetos que geram e expressam um cotidiano.

A catação dos recicláveis através da cooperativa e a viabilidade de constituir renda, torna oportuna a consolidação e estreitamento dos laços familiares, como ao que a catadora Aurora relata na passagem seguinte, que a provisão do sustento do lar cria possibilidades de valoração subjetivas de afeto entre ela e seus filhos, mesmo que envolvam a compra de presentes.

Cansativo é, mas no fundo no fundo, é gratificante, no final do mês você tem seu dinheirinho no bolso, cê gasta no que você quise, cê compra as coisa pro seus filho, é isso. Resumindo, coleta pra mim é meus filho, tô aqui firme forte, por causa dos meus filho. Ela representa a união dos meus filho, com... Juntando o útil ao agradável, o tempo que eu não passo com eles, eu compenso na coleta, eu chego cansada mas, vendo eles brincando dano risada, passa até a cansa (E III, US 4).

Sobre uma de suas fotografias escolhidas, a participante relata da satisfação que possui em cuidar dos filhos e tê-los juntos a si:



F 7 (Aurora)

Tem a foto do meu filho, Julinho, quê que eu posso fala dele... O Julinho é meu orgulho de vida, minha razão de vivê, já passei maior bucado com ele, ele já tá com 5 ano, é um menino esperto, resumindo, ele é tudo. A base da minha vida é ele e minha filha Lilian, entendeu? Sem eles eu não posso fica, sem eles num posso vivê, se eles passa um tempo assim, longe de mim eu já fico preocupada... Num durmo direito, num se alimento também direito por causa deles. Eles são a razão da minha vida (E III, US 5).

A questão familiar e o cuidado nas ações das catadoras, que se dividem em jornadas duplas de trabalho, despontam em compromissos que levam à satisfação. Neste aspecto Raquel relata da relação com o filho do meio, que ela conta ter lhe dado muita preocupação e mal-estar, mas que atualmente se transformou. Mudança que é resultado do compromisso que teve de buscar cuidar do rapaz e de sua família. Cuidado que gerou frutos e mudança de perspectiva de vida do filho “Agradeço a Deus todos os dias sabe, quando eu passo assim, que ele tá trabalhando no Florestano, no serviço de limpeza da cidade né, [...] E, ele fala pra mim, mãe, se eu tivesse escutado a mãe, eu num tinha passado por tudo que eu passei na minha vida...” (E VI, US 14). E prossegue:

De ver meu sofrimento, de ele ver meu sofrimento ele mudou, ele chegou ni mim ajoelhou e falou, Mãe essa..., ele saiu uma vez, teve a saidinha e depois saiu de uma vez, aí ele ajoelhou abraçou minhas pernas e falou mãe, esse daqui é o último ano que a mãe vai sofre, a mãe num vai sofre nunca mais em porta de cadeia, nem a mãe nem meus filho, eu num quero mais essa vida pra mim. Aí ele falou, a mãe me ajudou muito, gastou o que a mãe não tinha, né, pra ajuda minha mulher e meus filhos aqui fora, eu hoje, agora é minha vez de retribuir. Eu falei, eu não quero nada de você, a única coisa que eu quero é que você seja uma pessoa de bem, um cidadão que você pode andar no meio de tudo mundo, mais nada, né. Aí foi, a mudança foi da água pro vinho. Se não eu já tinha... (E VI, US 14).

Através desta fotografia, a participante Nádila diz de seu amor aos seus filhos, relatando que são a razão de seu viver:



F1 (Nádila)

Esta foto é o sentido da minha vida, né? É a razão do meu viver, meus filhos, é tudo que eu tenho de mais importante na vida, por eles eu sou capaz de fazer qualquer coisa, entendeu? É o Everton, Sônia e a Olívia. Tem a Sônia que tá com 4, a Olívia com 3, e o Everton que vai fazê 2 (E I, US 5).

Os filhos são fatores de preocupação constante aos pais, independente da idade, Samantha Guerra que possui a filha já crescida e que é mãe de duas netas suas, ainda a ajuda após crescida, o que acaba gerando muitos outros percalços na manutenção de sua própria condição de viver, como nesta situação, que relata derramando lágrimas por ter de improvisar o fogão para poder cozinhar: “(...) tô sem gás, tô cozinhando na lenha, de pauzinho em pauzinho com 4 tijolinho. Porque eu não consigo o dinheiro do gás e quando eu recebo eu tenho que ajudar a Sthéfany” (E IV, US12). Mais à frente do diálogo ela prossegue dizendo das situações que enfrentou para cuidar de seus dois filhos, mas que infelizmente um dele foi vencido pelas drogas:

Eu só ajudo a Sthéfany porque eu amo muito ela, porque se não, eu não ajudava não. Mas eu sô uma mãe que eu gosto da minha fia. O meu fio eu não ajudo ele porque ele é sem vergonha, ele tinha tudo lá em casa, tinha roupa lavada, comida pronta, cama pra dormir tudo certinho, aí começo a bate ni mim porque eu num gosto de droga, de cocaína, eu odeio crack ou cocaína, aí ele começo a quere fala, bate ni mim porque eu num concordo com essas coisa, então pra mim, ele num mora na minha casa não (E IV, US 15)

Apesar de tamanhos enfrentamentos já passados para cuidar de seus filhos, tendo perdido até mesmo o contato com um deles, Samantha Guerra, apresenta através da fotografia a seguir sua filha e netas, por quem doa tudo que possui:



F12 (Samantha Rosa)

Essa foto significa pra mim, que é tudo que eu tenho na minha vida, são minhas duas neta, minha filha, o genro safado, mas a minha filha com as minhas neta, são tudo que eu tenho na minha vida e meu fio aí que tá jogado, mas essa foto representa tudo pra mim, a minha filha, minhas duas neta são as coisa mais linda que Deus já me pode me dá pra mim na minha vida antes de eu morre, é as minhas beleza, minhas joia rara, são tudo o que eu tenho na vida. São um significado importante pra mim, é uma coisa que jamais sairá da minha mente do meu coração, amo demais. Maior barato haha, oia ê! É linda essa Sthéfany aí, Janaina, oia... Maior barato, sim, isso aí é tudo que tenho no mundo. É tudo que eu tenho na vida meu filho, a minha família representa tudo pra mim” (E IV, US 27).

O sustento dos filhos para muitas das participantes da catação solidária é aspecto motivador à entrada na coleta de recicláveis, a fotografia a seguir desvela este cuidado que a participante Cíntia que atualmente é solteira, possui quatro filhos:



F 6 (Cíntia)

Coleta em minha vida... Tô nesse serviço por causa dos meus filho, se eu num tivesse filho ingual eu falo pra todo mundo, se eu não tivesse filho eu desistia no primeiro dia (E III, US 4).

No início do diálogo de entrevista, a mesma catadora da fotografia ressaltou que já foi auxiliar de padeiro, mas que há tempos estava desempregada, tendo encontrado como alternativa a coleta, mas que se não fosse por eles, já teria saído do emprego, ressaltando: “(...) estou precisando por causa de meus filhos, se não fosse por eles, já tinha abandonado” (E II, US 1).

Nesta outra fotografia, participante Aurora, que possui dois filhos e é solteira, ressalta que seu filho é o futuro do Brasil:



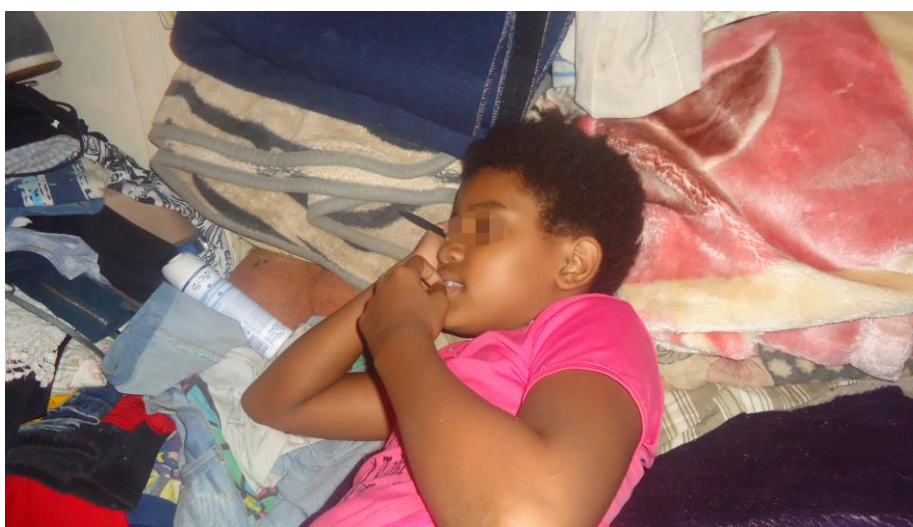
F 9 (Aurora)

Uhm, como que eu posso fazê... O Julinho é um menino esperto, sempre foi esperto desde quando nasceu, desde quando começo a anda, começo a anda com 11 meses, é um menino esperto, ingual a Lilian, a Lilian era meio lentina no começo, agora tá nota dez na escola, é o futuro do Brasil (E III, US 7).

Na fotografia anterior, em uma leitura iconográfica da imagem, temos um garoto ao centro da fotografia sentado com um caderno grande sobre suas pernas. Ele está acomodado sobre um amontoado de panos e coisas que preenchem todo o ambiente de fundo da fotografia. Atrás dele, há uma prateleira que já não possui mais repartições por terem sido tomadas por completo por objetos diversos, formando um amontoado tão

grande que chegam a fazer dela mesma, algo dentre os demais. Há um abajur no canto direito da imagem, improvisado com um tecido, que propicia à fotografia uma iluminação agradável criando um cenário de penumbra, aparentando um quarto.

Através de uma apreensão iconológica da fotografia, Renata vive neste quarto com seus dois filhos, chegando a possuir até mesmo a geladeira no ambiente. Apesar de dividir a casa com seu padrasto, busca ter sua individualidade e criar seus filhos independentemente. Através de suas fotografias, seu cuidado em manter os filhos bem, é uma prioridade em suas ambições: “Tipo assim, ingual o menino fala, que eu sou o pai e a mãe dele (...). Mil coisas pra consegui aquela coisa que ele pede (E III, US 6).



F 8 (Aurora)

(...) por isso eu tô aqui, e quero ser lição de vida, futuramente, quero se ingual minha mãe tá sendo, foi pra mim, eu quero que meus filhos, meus filhos achem a mesma coisa de mim, que minha mãe tá trabalhando no sol quente, ela tá ali, tá trabalhano, tá dano do bom e do melhor pra gente, se esforça, dá do bom e do melhor, pagano minha formatura de boa, num pedino nada pá ninguém emprestado, num roubano, num matano. Dá valor pra sua mãe enquanto tá viva, quando ela morre... Todo mundo esquece, só os filho que lembra, só isso mesmo. Fica a dica. (E III, US 9)

Os filhos geram força para prosseguir o dia a dia e enfrentar as adversidades com estratégias diversas, como na descrição a seguir de Laila, sobre sua fotografia abaixo: “Porque vendo aí, dá mais força ainda, dá mais vontade de trabaiá, né? ” (E VII, US 32).



F 20 (Laila)

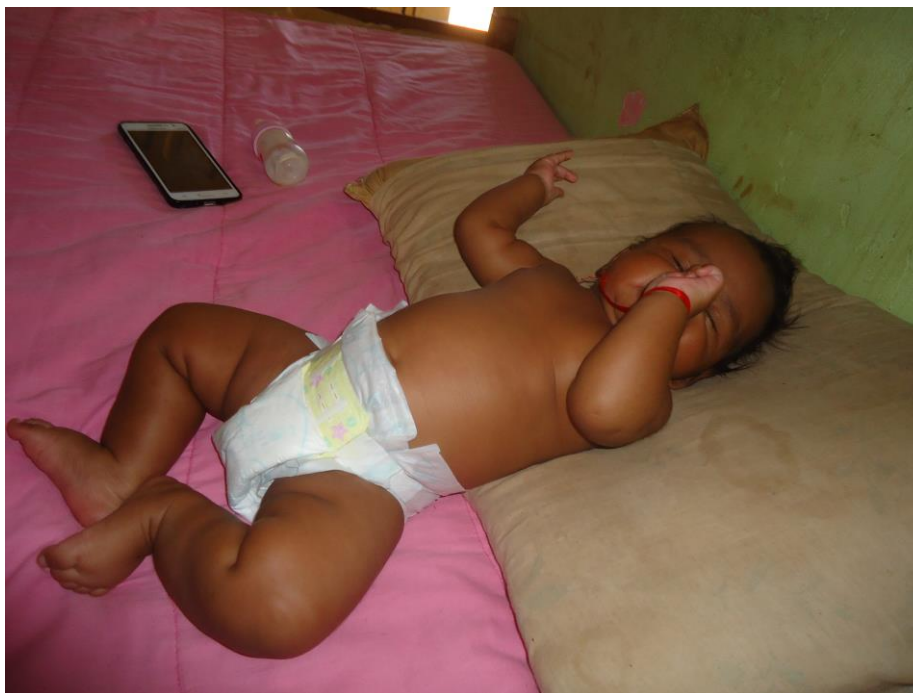
Em roda de conversa, ao verem as muitas fotografias de filhos/as e netos/as as participantes chegam a questionar a razão de tantas imagens contemplarem esta perspectiva familiar:

Nádila: Ain meu Deus. Samantha Guerra: Nossa meu Deus, que baby é esse? Paulina: Nossa, mas, só tem baby aqui também, óia só isso, pela amor de Deus. Raissa: É pra mostra que a coleta inspira a fazer filhos, eu falo procês, cês num acredita! Aurora: Nossa, tá aparecendo um berçário. Paulina: Tô de boa (Riso coletivo). Raissa: Quando eu tô cansada, achando que cê vai relaxá, aí...vem baby. (RC I, US 19)

Como podemos perceber, a participante Paulina, que possui dois filhos pequenos, ao fim do diálogo, chega a comentar que por ser mulher tem que arcar com as situações que a gravidez acarreta, o que impele a um período de vida não tão tranquilo quanto o esperado quando sem gravidez. A questão do gênero é algo muito presente na ação de coleta de recicláveis no interior da cooperativa, como muitas das mulheres que vão às ruas são solteiras e possuem filhos e filhas, os espaços de partilha ao longo da catação são permeados por temas que geram fortalecimento entre as catadoras, que se autoavaliam em comunhão para se valorizarem como mulheres.

É o que podemos observar através do depoimento de Laila ao significar a fotografia a seguir, dizendo que durante muito tempo cuidou sozinha de seus quatro

filhos, servindo de exemplo ao grupo quando se deparam com atitudes desvalorativas de maridos frente a alguma das participantes:



F 21 (Laila)

É tem que faze direito, que é nosso pão de cada dia, né Conrado? Quem tem fio pra cria é foda, né? Ainda mais a Bela, pronto, né? Que nem, tem mulhé assim, que fala assim, que sofre à toa, que nem a Laura (catadora), a Laura dizia assim “Ai eu não largô do meu marido porque eu não tenho como me virá sozinha” aí a Raissa disse “Lógico que cê tem! A Laila, a Laila largô de um nego, as fia dela era pequena”. Falei oxi! Jamais que eu vô fica sofreno e sendo que eu nunca dependi de home nenhum pra sobrevive, falei. Toda a vida eu trabaiei fih, pelos meus fio eu dô a cara pra bate mesmo, eu trabaio memo, tô nem veno, trabáio num mata ninguém, né Conrado? Num mata ninguém... Só trabalhá, pensa nos filhos, tô fazendo isso pelos meus filhos e pronto, né? Trabaio mesmo, não tenho dó não... Eu pagava meu aluguel todo mês certinho, sozinha, eu e Deus (E VII, US 35).

A violência existente nas intimidades amorosas, revelam o quanto as mulheres têm uma inserção diferente das dos homens na estrutura familiar e societal, e revelam o quanto o patriarcado e a violência simbólica contra a mulher são reflexos de uma mesma diferenciação elaborada para a manutenção das estruturas de poder. O patriarcado neste sentido, se assenta na compreensão da mulher a partir de diferentes sentidos, entre eles: “ser esposa, mãe, filha, cuidadora, entre os compromissos de ser fiel, companheira, amiga, boa mãe, dentre outros” (BANDEIRA, 2014, p. 458),

enquanto que seu registro na realidade, se dá de modo muito mais incisivo do que simbolicamente, o que através dos depoimentos das catadoras podemos inferir que mesmo quando não há o ato de violência corpórea, a mulher é passível de ser violentada, o que “equivale a dizer que a violência física e sexual está sendo mantida como forma de controle, já que se ancora na violência simbólica” (BANDEIRA, 2014, p. 459).

A questão da violência contra a mulher no interior familiar entre as catadoras não é algo estranho, e muitas vezes até corriqueiro, mas que pelas condições financeiras atreladas entre elas e os maridos, acabam por relevar situações desgastantes e até mesmo destrutivas. Uma das participantes, Samantha Guerra relata que suas queixas demoraram a serem ouvidas na própria delegacia da mulher, que após um período de espera, recebeu a separação do marido com a descrição de que ele deveria manter-se longe dela por dez metros de distância até mesmo:

Aí comecei a fazê faxina, trabalhando, morando com ele, cuidava do sítio onde morava com ele, aí depois não deu certo, começo a judia muito de mim, e eu trabalhava que nem num sei o quê, o cara num me dava um centavo, só judiava, só judiava, até que eu levei na delegacia das mulher quinhentas veis e saí fora. Aí eu se separei na delegacia das muié, 10 metro de distância (E IV, US 6).

Jasmim relata também a dificuldade que passou pelo casamento “Porque não é fácil fio, não é fácil, então... Eu me separei, né? Ele era muito violento né fio? Então, eu acho assim, entre o casamento, tem que te confiança entre um e outro, num adianta você te ni você e num tê na gente” (E VIII, US 1). Assim como ela, a participante Margarida diz de seu marido que não cooperava na manutenção das tarefas familiares:

Só eu trabalhando, quando o meu marido tava comigo, ele também não ajudo e atraso tudo, mai num tem problema não, fazia dezessete ano que tava junto, aí eu larguei. Eu larguei, aí nós voltamo ano passado, e agora eu larguei de novo, eu não quero mais não. Pra aguenta, carrega a casa sozinha eu carrego, aguenta ele do lado e num faze nada eu carrego sozinha. Ele é pai da Tainara e do Mathias (E X, US 1).

São diversas as problemáticas encontradas nos relacionamentos entre marido e mulher, e que se relacionam a questão financeira ou de partilha dos bens, como ressalta Raquel que não poderia sair da casa para não a perder ao marido:

Aí depois disso, meu ex-marido também bebia pinga, passou a me agredir mais ainda do que me agredia, né, eu num podia largar ele, porque eu morava já na minha casa onde meu filho reside hoje... (E VI, US 6)

O interior da casa, por ser um ambiente restrito e fortemente estruturado pelas emoções, as cargas simbólicas muitas vezes são potencializadas e acabam por terem reduzidas as cargas cognitivas de assimilação que as situações promovem. A violência doméstica, como ressalta Almeida (2007), é também resultado de configurações patriarcais da família, onde existem a subordinação das mulheres e crianças, em que podemos observar que:

(...) o processo de ocultamento da violência perpetuada no espaço protegido da casa, guarda intrínseca relação com a naturalização dessa forma de violência – facilmente mesclada ou superposta ao disciplinamento vinculado a práticas de socialização – com a sua codificação, potenciada por um espaço simbolicamente estruturado, tendo como corolário a escalada da impunidade (p. 25).

Sendo a família um campo de trocas simbólicas, as catadoras, assim como ao coletarem os recicláveis, realizam o anúncio da coleta seletiva solidária por onde passam e acabam por vivenciar situações que exemplificam outros princípios próprios a ações de conscientização sobre o cuidado com o meio ambiente vivido e de reutilização ou reuso de materiais. Neste sentido, vale ressaltar as falas de Nádila em roda de conversa, dizendo que construiu sua própria casa com materiais reutilizados de outras construções, com o auxílio colaborativo de mutirões para o trabalho:

Nádila: Foi, desde o chão assim. Teve que abrir vala, tudo com ele.
 Conrado: Vocês dois? Nádila: E algumas pessoas que ajudou, os amigos dele.
 Conrado: E o tijolo? Nádila: É, tava num terreno, no chão. É no Universal a casa.
 Conrado: E em quanto tempo vocês fizeram a casa? Nádila: Na verdade a gente ainda nem terminou, mas foi uns quatro meses. Mas todo dia, saia do serviço já ia pra lá, com criança, com janta pra fazê. Foi sem parar. Final de semana nós nem saia, era só lá.
 Luiz: E a construção, foi difícil fazer, financeiramente? Nádila: Ah, num foi fácil, mas, você tipo assim, tem que dar o primeiro passo, dá o início, entendeu? Cê iniciando uma pessoa vê, ah! Eu tenho isso, aí ti dá, entendeu? E assim vai indo.
 Luiz: Então teve muita gente contribuindo? Nádila: Teve muita ajuda.
 Luiz: E o trabalho? Nádila: De final de semana tinha o mutirão, aí a gente fazia o churrasco, entendeu, ia fazendo a casa e comendo, era só alegria haha! Até meu menininho ajudava, quando nós ía vê, num tem aqueles balde de água? A criança já tinha entrada, até a cachorra indo junto. Tipo assim, num tem a antiga Cideral? A gente começou lá, foi

limpar os tijolo, entendeu? Foi desde lá, aí ía um monte de gente limpar tijolo, aí cara deu o caminhão pa leva o, os tijolo, aí a gente foi começando a mexer no terreno. Aí ele trabalhava na Bertato e ganhou terra, aí foi onde a gente começou, entendeu, a mexer lá. Luiz: E o próprio tijolo vocês fizeram reaproveitamento? Nádila: Desde o tijolo, nossa mai limpamo tijolo hein, e ainda sobrou um monte. Conrado: E todos juntos, amigos? Nádila: Amigo, família, só a Aurora que não foi (RC I, US 3).

Em passagem de entrevista, Margarida relata que reutiliza materiais encontrados em meio à coleta, ou até mesmo doados por moradores:

Ó uma vez eu tava numa rua aqui embaixo tamém, pusero a parte um saco de arroz, comida de gato num saco fechado, eu falei tô co Policarpo (nome de seu gato) vô leva pra ele, era Whiska, o gato 'lavo a égua'. Era ração memo das boa, era Whiska, eu levei pra ele, ele comeu. Cê vê as coisa cá que o povo joga, e os perfume que o povo põe tamém, esses creme, andei catando um pouco, mas eu não posso usa o protetor, porque me dá coceira. É creme da Boticário, da Natura, do Avon sabe, é muita coisa. Sabe que eu catei né, eu catei e levo pra mim, aí se eu num usa ni mim, eu uso pra passa pano, ponho um pouco no banheiro depois que lava, ponho um poco na roupa pra bate na máquina, assim, os perfume né... Aí ajuda né, um perfume gostoso, xeroso (E X, US 20).

Eu junto, ganhei um espremador tamém, que tá funcionando, ganhei, a Toninha ganhou não quis e me deu, aí a mulher ligou e tá funcionando, então que dizê, tirano a parte que tem hora que dá vontade de voa nos pescoço dos outro, mas tem coisa boa tamém. Entendeu? Mai que o cara ficou fudido comigo, ficou hein, huuu... Ah ficou... Mais parte boa (E X, US 21).

Paulina, para falar sobre a dimensão de valores que a coleta seletiva promove e o quanto a atividade pode proporcionar para muitas vidas, relatou em entrevista sobre uma de suas conversas com seu filho, em que lhe falou de onde tira seu sustento, que é dos resíduos, dos recicláveis. Através desta noção, diz ao menino sobre a necessidade de sua família e da necessidade de valorizar a renda de sua casa, dizendo também de onde provem sua fonte de renda, e por mais que esteja atrelada à cata dos resíduos, o trabalho e a renda devem ser respeitados, ainda que muitas pessoas continuem tratando estes como lixo:

[...] esse dia meu filho falou assim pra mim, mãe me dá um real, eu falei pra ele, pra que cê que um real? Ele me falou assim, ah pra mim compra bolinha de gude, aí eu falei pra ele, cê acha que meu dinheiro vem do lixo? Aí ele falou assim, não. Eu falei assim, sabia que vem do

lixo?! Aí eu falei pra ele, vem do lixo, porque eu pego lixo, mas num é pra gasta à toa, né? (E V, US 9).

E com isto, diz ao seu filho sobre o valor e a dignidade que o trabalho provê para a vida e pode proporcionar para ela, incentivando ao garoto com isto, a valorizar e ver a importância dos objetos com que nos relacionamos no dia a dia:

Aí, eu falei pra ele que vô compra uma carteira pra ele, pra ele começa a guardar o dinheiro dele, pra ele começa a comprar o que for importante, o necessário, não bolinha de gude, sorvete, que nem ele pede pra compra, né? Um dia que ele quizé uma roupa ele vai pode compra, porque ele tem o dinheiro dele, eu num dô muito não, dô um real, dois real, que ele perde, vive perdendo, eu que acho na hora da faxina (E V, US 10).

Assumindo suas histórias, catadoras tomam sobre si o desenvolvimento pessoal e ininterrupto, contínuo, analisando suas práticas e experiências a partir do contexto em que vivem, não ignorando suas origens, adversidades e enfrentamentos, mas os compreendendo em resignificação. Pois como Weil (1996), ao discorrer sobre o enraizamento, diz:

Seria vão voltar as costas ao passado para pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que para construí-lo devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado (p. 418).

Ao rememorem e construírem narrativas, mais comprometidas estarão catadoras com seu movimento de historicização e mais possibilidades terão de desvelar suas conquistas em sentido do vir-a-ser, pautados historicamente em liberdade. Nisto a memória convida o olhar para o valor distintivo de ser das coisas, arraigados nos materiais existenciais de uma cultura em seus aspectos que elaboram as formas sociais do viver. Sobre o comportamento humano Fiori (1991, p. 91) nos diz, “é sempre direção para valores que não se reduzem ao fático, nem brotam do arbitrário. São históricos: implicadamente dados e conquistados”.

Os processos educativos encontrados nesta categoria se relacionam aos processos vividos pelas catadoras que as levaram à coleta seletiva, suas relações

familiares, bem como suas histórias por serem mulheres enfrentando o desemprego e muitas vezes, de modo independente, estarem suprimindo as necessidades e sustento de seus filhos/as. Ao rememorarem, apresentam em suas falas noções de atenção e cuidado com outrem, ressignificando os contextos que vivem através da geração de renda por meio da coleta seletiva solidária, demonstrando assim, estratégias de superação de situações-limites. Dentre os verbos que podemos destacar nesta categoria condizem com: Cuidar, Enfrentar, Amar, Superar, Esperar, Atentar, Resignificar, Imaginar.

6.2. Categoria B - A coleta seletiva solidária ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa.

As interpretações que geram a categoria “Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa”, surge de uma fala de Nádila ao ser questionada sobre a coleta seletiva solidária e abarcam os significados dados pelas catadoras à catação porta a porta, bem como, as potencialidades que despontam no relacionamento das cooperadas com as comunidades onde atuam.

Pra mim, a coleta significa muita coisa, que é da onde eu tiro meu ganha pão né? e a gente ajuda a deixar a cidade mais organizada, mais limpa, ajuda nas enchente, ajuda a natureza, o meio ambiente, né? Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa, entendeu? Tipo assim, é a convivência com o povo no dia a dia, porque cada dia você tá num lugar, conhece muitos lugares, muitas pessoas, que você nem imaginava que ia conhecer, entendeu? Faz várias amizade (E I, US 4).

A partir do compromisso firmado de catar porta a porta os recicláveis, catadoras cultivam parcerias para melhoria de suas vidas e da sociedade onde atuam, traçando sentidos amplos sobre a atividade realizada, “Ah coleta! Significa tudo, né? O nosso sustento, né? Que, ah, ajuda muito, ô, se num tivesse esse serviço, né? A limpeza na cidade, né? ” (E IX, US 5).

Pra mim, coleta seletiva solidária, significa menos lixo no planeta, assim, né? Tipo em Araraquara menos lixo, porque o que a gente pega de coleta, isso, isso ia pro lixo, imagina o tanto de lixo que num juntava, né? (E V, US 7).

Coleta seletiva solidária, ao meu modo de entende é... É solidária, por que? Por que é a população ajudando a gente a te uma renda, e a gente ajudano o pessoal a descarta os materiais que eles tem em casa, né? (E XI, US 14)

Ao falarem sobre a coleta seletiva solidária durante as entrevistas, foi muito comum as participantes trazerem em suas falas o próprio significado da prática que realizam, atrelando a ela dois aspectos de significação, um voltado à produção da renda como fruto do trabalho de coleta, e outro resultante deste que é o cuidado com a cidade, a transformando e limpando:

Pra mim no meu modo de ver, é muito importante isso na cidade, pra gente, principalmente porque hoje você num vê mais enchente aqui em Araraquara, ingual tinha ali no Beira rio mesmo, era muita enchente ali, levava muita casa, aqui, quando eu morava aqui perto do rio também, o rio transbordava não dava pra gente passa, de tanta garrafa que tinha, muito material reciclável e antigamente ninguém catava, aí foi só lança a coleta seletiva na cidade, então hoje em dia muitas pessoas vevi disso, né? É um trabalho digno, é um trabalho muito importante que essas pessoas também, né? que precisam, né? (E VI, US 19).

Na descrição da fotografia a seguir, a participante Jasmim declara sobre os benefícios que as catadoras promovem ao anunciarem a separação dos recicláveis, dizendo sua percepção da coleta seletiva solidária que abrange a noção da preservação ambiental que existe nesta ação, mas que não se esgota apenas no cuidado com os objetos descartados, atrelando a ela a possibilidade da geração de renda e melhoria de vida de muitas pessoas, elevando a condição sócio econômica de muitos/as. Deste modo, acaba por incluir outrem em seu discurso, e a responsabilidade sobre ele/a ao pensar a responsabilidade com a terra e meio em que se vive.

Nesta reflexão ainda, discrimina que a coleta acaba por influenciar no destino das próximas gerações, pois ao dar um destino correto aos resíduos, se valoriza também a própria produção trabalhosa destes recursos que são limitados, atrelando a isto o reconhecimento do trabalho empregado em suas produções que não devem ser destinados a um fim improdutivo, ignorado e descartado nos anteriormente chamados “lixões”, ressaltando assim, as alternativas de reuso destes materiais, como garrafas pet tornando-se casas, trazendo em sua narrativa, a própria reflexão que ao se reconhecer como viável a coleta de recicláveis, aprende-se também a valorizar os demais trabalhos:



F 22 (Jasmim)

Representa tudo, tudo, né? A nossa vida, sem ela o que seria o povo? Sem a coleta, como muitos chega e fala assim: hoje tem a coleta, mas antigamente o quê que a gente faria com esse lixo? Ia tudo pro lixão. E hoje, é... Um modo de vida, e de combate a... O desgaste né, de muita coisa que pode ser utilizado pro meio ambiente... Ser tirado do meio ambiente, muitas coisa que a gente pode coletá pra fazer um trabalho, muitos pega garrafa pra fazer derrete, o papelão essas coisa, pra utilizá novamente, pra possui novas coisas, né? Que se num tivesse essas coleta, essas coisa, seria tudo no lixão arquivado e jogado terra, né? Então ele tá sendo utilizado pra mantê, né? Mantê uma nova vida, que vai vim pros novos que vão vim. Que a gente num sabe o dia de amanhã, né? [...] Porque essas coisas iriam tudo pro lixo, e não taria recicrando tudo pra sê vendido, e num teria muito serviço, porque é abrindo a coleta que abriu o serviço, né fio? Porque aí, isso aí tá sendo utilizado pra muitas coisa, pra fazer casa que muita gente tá fazendo o estudo pra usa a garrafa pet, pra usa o papelão, pra fazer casa, né? Coisa que antigamente ia pra terra, né? E que hoje tá sendo útil pra alguma coisa, né? E a salvação do nosso emprego que continue, e que muitos valorize ao nosso emprego e valorize também o seu serviço, né? Ela representa união, que ó, cê pode vê que a própria pessoa, ela já leva ali na nossa coleta, né? Então quer dizer que ele dá valor ao que é uma coleta, né? Que ele mesmo proposta a separá, né? E mantê a sua coleta para com o seu povo, né? Muitos valoriza e num joga sujeira, papel higiênico, seus papel de higiene no meio da nossa coleta, fralda... Eu acho que eles também devia tê um pouco de consciência, que coleta é uma coisa, é reciclável, e não lixo, que é coisa pra lixeiro, que eles também são humano, como nós, tem o mesmo direito de respeito para com seu próximo, né? (E VIII, US 11, 12, 13).

Bosi (2003), ao refletir sobre os ensinamentos de Gandhi, traz a mensagem: “Somos todos limpadores” (p. 168), procurando demonstrar onde estão os resíduos produzidos no cotidiano, chamando a atenção assim, para os agentes secundários que na cultura do mercado realizam os serviços internos à cozinha, varrendo o chão, limpando os banheiros, coletando os recicláveis e outras atividades, que acabam por se curvar ante aos resíduos de outras pessoas. Com isto, a autora ressalta:

(...) cada um tem o dever de esconder seus detritos, de apagar os traços residuais de sua atividade, não agindo mal como as indústrias que lançam na natureza seus restos poluídos. Se a criança não lava seu prato (seria um abalo para a mentalidade burguesa se ela o fizesse), ao menos ela deveria ser consciente de que alguém estará lavando (*idem*, p. 168).

A mensagem de cuidado sobre os resíduos vai além da mera atenção sobre os objetos do cotidiano, mas uma verdadeira mudança, estaria no desvelamento das vidas

que lidam com os próprios resíduos de todos os tipos gerados pelo humano. A atividade de catação diária nas ruas implica no contato com a população e o constante convite à separação dos recicláveis, gerando ações mútuas entre catadoras e moradores que, ao se mobilizarem, refletem sobre a cidade e atuam na separação dos recicláveis, elaborando estratégias:

[...] eu num sei explicá... Eu num vô sabe explicá essa aí não. Eu acho assim, a coleta é tipo assim, é um serviço assim, pra, como eu posso dizê... Pra reciclagem, que é pra recicra materiais, e tem muitos que coloca recicrage junto com o lixo, e não é isso, é só reciclage. Acho que é isso. E o que ela representa... Por enquanto ela tá ajudando, tá ajudando bastante. (E II, US 3)

Eu só acho que as pessoa devia de ter mais consciência, né, não jogar vidro fora de caixa, não jogar lixo no meio da coleta, ou é lixo ou é coleta, se fô lixo, põe no lixo, se fô coleta, põe na coleta. O vidro, embala, porque memo que a gente usa luva, às vezes o vidro pode cortá até a luva, dependendo do vidro, é... Espelho, jogam muito espelho, lixo na coleta... Tê consciência do que é lixo e do que é coleta. O que, que nem, o que a pessoa, acha que é lixo põe no lixo, o que acha que é coleta, põe na coleta, num põe tudo misturado... Ah pra mim vai tudo misturado, eles que se virem lá pra separar, pra gente é difícil, às vezes põe lixo fedido, aí a gente é obrigado a ficá sentindo aquele cheiro... É ruim né, esse o único recado que eu quero dá é prás pessoas ter consciência né, do que fazem né... Se já que querem ajuda, ajuda da maneira certa, da maneira correta, né, num é, só vô ajuda mas eles que se vira... Já que quer ajudar, ajuda da forma correta, colocando só coleta, embalando os vidros, né, acho que é esse meu recado (E V, US 22).

Nesta fotografia seguinte, em uma leitura iconográfica há uma mulher segurando um balde do tamanho do tronco de seu corpo, despejando materiais recicláveis em uma *bag*. Pelo traje que utiliza, por ser um vestido colorido e não trajar nenhum recurso usado pelas catadoras como boné, luva e até mesmo não possuir traços de pele queimada pela exposição excessiva ao sol, podemos inferir ser uma moradora de um dos bairros em que a coleta atende apesar de não possível identificá-lo, já que o fundo todo desta imagem é feito de uma parede com cor amarelada, gasta pelo tempo e, com fissuras de musgo e cimento à vista. Esta fotografia foi tirada e apresentada na segunda roda de conversa pela participante Raquel, em sua leitura iconológica da imagem ela ressalta sobre, a necessidade da separação dos materiais orgânicos dos recicláveis, dizendo que os/as moradores/as do município poderiam ter mais consciência sobre esta ação que pode gerar muitas mudanças, dentre elas a criação de empregos e melhoria na

renda de muitas pessoas catadoras, atrelando diretamente a isso, o cuidado e atenção com o meio ambiente vivido na cidade.



F 37e (Raquel)

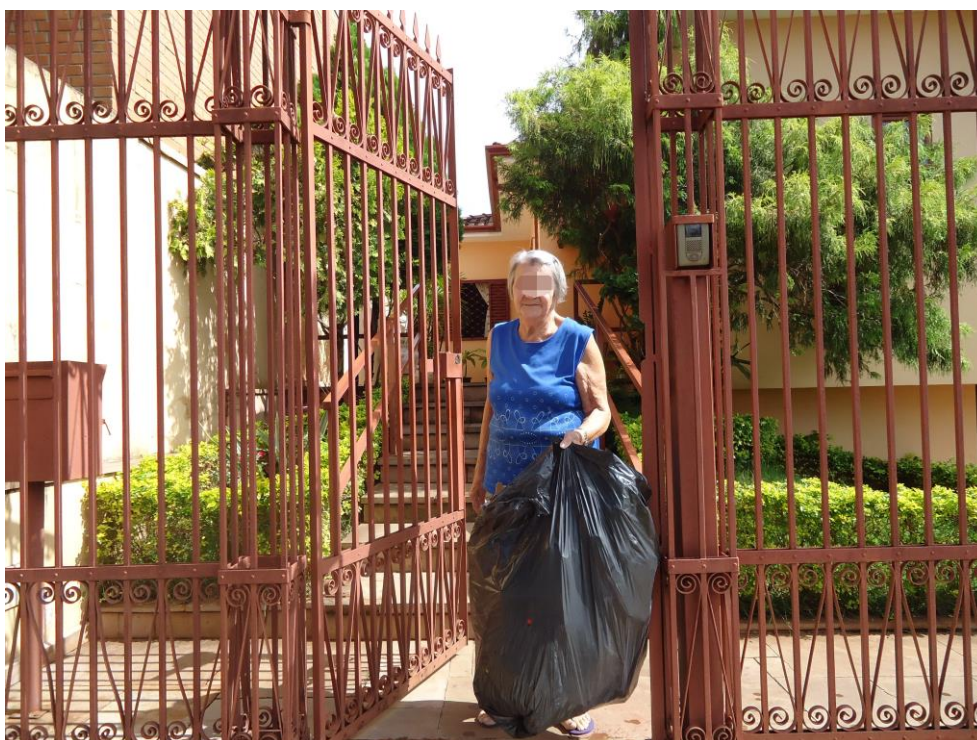
Raquel: Ah, o que eu diria é que se todo mundo tivesse consciência, e fizesse como ela tá fazendo, não tinha tanto material reciclável indo pro lixo, né? Só que a maioria das pessoas aqui de Araraquara num tem consciência. Mistura o orgânico com o reciclado e com isto quem perde na rua são a gente, né Conrado? E vai pro lixão, isso daí demora pra dissolve como todo mundo sabe, né? Então se passasse pra gente, seria mais, como que eu posso diz? A gente teria, um salário melhor, né? E bem pouco reciclado ia pro lixo, né? O que eu tenho a dizer dessa foto é isso (RC II, US 1).

Nos bairros coletados ao caminhar pelas ruas, criam-se aberturas às relações em ritmo espontâneo da vontade de estar ou não compartilhando. A presença no cotidiano dos bairros que as catadoras atendem, acaba oportunizando o convívio entre elas e os moradores, como no dizer de Margarida sobre uma senhora que a atende muito bem, oferecendo comida além de separar os seus materiais recicláveis de modo muito organizado:

Aí cê já sai lá naquela outra rua, a casa da muié é de esquina, e é madame, hein? pois a recicla dela é tudo lavada, ela dá a coleta e fala: ô Rô, cê espera aí que eu vô pega lanche pro cê tamém, lanche e suco.

E é madame hein? Sabe que ela não fala bem o português, é meio puxado, cê vê que ela num é daqui, uma loirona brancona. Ela tá vendendo a casa dela lá, ela falo: Que compra Rô? Mai nem se eu fazê tráfico de droga, compra uma casa dessa. Aí ela deu risada. Uma casa muito chic a dela, e é de esquina, sabe? Cê vê, sabe? Aquelas, tipo num é ardósia, é tipo uma pedra que eles põe muito bonita, é uma coisa fina memo, muito bonita a casa da mulher. E ela toda vez que eu vô ali, cata as recicla dela é tudo lavada. Tudo lavada. Tem gente que eu vô te conta viu. (E X, US 18)

Raquel resalta também bons tratos que recebe de moradores através da fotografia e diz:



F 16 (Raquel)

Essa senhora me atende muito bem, sabe? É meu amor, minha querida, tenha um pouquinho de paciência que eu ando um pouco devagarzinho, mas eu vou chegar lá. É e ela me agrada muito sabe? Ela me agrada muito porque eu também já tô ficando veinha, né? E às vezes, num futuro mais pra frente então as pessoas podem não ter paciência comigo ingual eu tenho com ela (E VI, US 21,22).

Através do respeito ao outro, aos mais velhos, e da partilha em grupo sobre os lugares na cidade que separam os recicláveis e de outros que não, abre-se a oportunidade de troca entre as catadoras de experiências no contato com a população, como no diálogo a seguir, em que Laila identifica moradores que não cooperam com coleta solidária separando bem seus materiais ao observar a rua em destaque na fotografia de Raquel:



F 17 (Raquel)

Raquel: Essa eu peguei de longe também. Laila: Ah aquela casa lá que mistura coleta co lixo lá, daquela casa que é feita dum tijolinho vermelho? Que ela sai com a toca branca pra fora. Raquel: É... Laila: Ah mais era mesmo, Arnaldo, eu marquei rapaiz! Na segunda-feira, eu falando com ele entrava pelum ouvido e saia pelo outro. É eu falei: cê é forgado né ô sinhozinho! E ele nem tchum, aí e ele entro lá dentro Raissa, e foi lá pega mais e joga dentro do bag. Conrado: Com lixo? Laila: É, folha, mato. Aí eu fui lá mais Raquel, num foi Raquel? Fui lá, Raquel segurou a sacolinha amarrei e joguei na calçada dele, peguei a bag e puxei até lá embaixo. É, imagina, a gente num leva lixo! Aí eu falei: Coisa feia, dando mau exemplo pros vizinho (RC I, US 28).

Raquel, em roda de conversa, ressalta às colegas que tem os/as moradores/as como clientes “Ah essas daí são minhas cliente lá da rua quatro. As cliente colaboradera” (RC I, US 25), dizendo na entrevista o significado da imagem anterior em que registrou uma moradora, dizendo através da fotografia que é atenciosa com a população durante sua passagem pelas ruas catando os recicláveis:

Ela também, ela é muito boazinha, ela... Eu deixo o bag na esquina, e ela fala pra mim que eu num preciso descer lá embaixo, que ela vai lá e sobe com um saco, que ela vai lá e coloca pra mim, entendeu? Ela falô que é melhor ela subi e já colocá o saco, porque pra ela é descida, e eu vou ter que desce e voltar com o saco denovo, ela falou “pode ficar aí querida”, eu fico lá e ela coloca o reciclável, é uma pessoa boa

ela, ela é empregada... É... Pergunta se a gente quer alguma coisa, uma água, um café, se já almoçou, sabe? É pessoas que a gente tem carinho né, e tem carinho pela gente também, todas as fotos que eu tirei sabe? (E VI, US 23)

O contato contínuo das catadoras com as pessoas que separam os recicláveis, desponta em cuidados mútuos de reconhecimento, como na situação descrita abaixo quando em roda de conversa ao olharem a fotografia de Raquel, uma das participantes responsável pelo roteiro de catação do grupo, se lembrou pela imagem da rua apresenta, de um morador parceiro na separação e que presenteia as catadoras ao longo das festas do ano e nos dias corriqueiros:

Raquel: Esse veinho ai é aquele que dá... que dá banana na (rua) quatro. Raissa: É ele dá banana, e final de ano... uhnmm, na páscoa ele dá bis, e no natal dá chocolate pra cada uma de nós que passa de lá. Aí ele espera passar todo mundo porque ele quer dar pra todas as menina. Aí ele fala pra mim, quando for a semana natal você põe uma catadora por vez pra mim dá, porque ele gosta de dá pra todo mundo. Ele lembra nós na páscoa e no natal (RC I, US 29).

O conhecimento tácito que catadoras possuem sobre a coleta seletiva, auxilia na compreensão de melhores maneiras de organizar estes materiais em condomínios e prédios. Ao visitar vários lugares, conhecem aqueles que separam bem os resíduos sólidos e, a partir do diagnóstico que elaboram na realização das tarefas do dia a dia na catação, criam-se oportunidades de sistematização das soluções encontradas por alguns lugares com sucesso na organização dos recicláveis, podendo servir de exemplo a outros que queiram se organizar também. Sobre isto, vale ressaltar que não existem modelos ou referenciais únicos para mobilização da população à separação dos recicláveis, levando em consideração a especificidade que cada localidade possui ao se tratar da separação dos resíduos, a qual envolve toda uma rede de valores sustentada por aspectos socioeconômicos e históricos específicos de cada região que tem de ser levados em conta.

Ao tratarmos das ações empreendidas pelas catadoras junto com os moradores dos diferentes bairros que entregam os recicláveis, envolve a possibilidade de uma mudança de olhar frente à comunidade de catadoras, não restringindo a reflexão sobre a separação e entrega dos resíduos, como uma benfeitoria a ser realizada somente ao grupo de catadoras, mas como uma possibilidade de abertura e entrada a uma motivação comunitária expressa nas ações destas mulheres. O que envolve pensarmos a partir da

abertura de todas comunidades existentes, ao encontrarem-se entre si almejando níveis de convivência éticas para uma formalização da moral (DUSSEL, ---) de cuidado à alteridade, e deste modo, seja possível organizar condições mais igualitárias em direitos e acesso ao bem viver entre todos/as.

A atividade de separação dos resíduos entre os munícipes é um primeiro passo à compreensão da necessidade de mudanças com relação aos tratos sobre os resíduos sólidos, mas que não se limitam a apenas isto, já que os contextos de organização de grupos de coleta seletiva ainda são marcados pela marginalidade com que certos grupos são tido, por elaborarem com muitos esforços a luta pela sobrevivência.

Nesta fotografia abaixo, Raissa apresenta um prédio que organiza muito bem os recicláveis. Ao falar sobre a fotografia traz o próprio significado para ela do que é a coleta seletiva, discriminando quais são os materiais recicláveis e aqueles que não são:



F 31 (Raissa)

Ah, essa imagem significa que a gente faz é a coleta, a coleta seletiva, significa que é a coleta dos materiais que são recicláveis, que não é pra população coloca o lixo orgânico, né? Que nem, madeira, colchão, buchinha de pia, população acha que é reciclável mas num é, então elas tem que coloca os materiais que são recicláveis, que são plásticos, papéis, papelão, metais, plástico em geral. E a gente também passa porta a porta, é uma maneira da gente ensina pra população o que vai e o que num vai, que nem roupa, sapato num vai na coleta seletiva, que é um material bem selecionado, né? Pra mostra que é um material bem selecionado, que o restante dos materiais tem um destino certo, que nem lâmpada, tem um destino certo, que é nos bolsões, é entulho, folhagem, é nos bolsões, colchão, é sofá, tem um lugar pra destina que

são os bolsões também, que a gente só leva o seletivo, que é o plástico, o papel, metal, papelão, isopor. [...] É um prédio, é o síndico que passa porta em porta falando, mas é seletivo assim porque são as pessoas que fazem a limpeza que separam, né? O pessoal do prédio que faz a limpeza que separa, separa direitinho pra gente ih lá e coleta (E XI, US 21, 22, 24).

Raissa em sua fala, descreve o valor de passar porta a porta das residências e que no contato com a população, ensinam a separar de modo correto os recicláveis. Sobre esta mesma imagem, mas em roda de conversa, as catadoras compartilham experiências sobre o reconhecimento de lugares compromissados na separação dos materiais e outros que deixam a desejar sobre a atividade:

Raissa: Aí é atrás da rua nove. É o prédio que dá o material mais limpo e organizado pra gente. Arnaldo: Aquele perto da odonto? Laís: Pra frente. Raissa: Aquele da nove, entre a Bonifácio e a Feijó (avenidas). Eles dá tudo organizado. Raquel: Tudo lavadinho. Luiz: Já estavam separados os recicláveis? Laís: É um quartinho que só tem reciclagem. Cíntia: Tem uns que cê vai pegá é comida misturado com coleta... Aurora: Sexta-feira mesmo né Paulina? Raquel: Fraldas... Fralda geriátrica. Paulina: Nossa, tem um com até cocô. Govana: Aquele da oito, aquele lá do quartinho era bem limpo, agora tem até.... Tinha até um coqueiro lá dentro (risos). Agora tá tendo muito lixo. Margarida: É uma paisagem... Aurora: No beco nem se fala... (RC III, US 6)

Paulina, procurando descrever o que compreende por coleta solidaria, e com isto, significar a palavra solidariedade na catação, apresenta a seguinte fotografia dizendo que ser solidário implica doar-se a outrem, utilizando o exemplo de uma empresa que doa muitos papelões apesar do grande espaço que ocupam no local, além da possibilidade de juntarem bichos como ratos e etc.



F 12 (Paulina)

Eu acho que essa foto escolhi pra mostra o que é a Cooperativa Acácia Solidária. O que é o solidarialismo, porque, ó, esse monte de caixa ele fica alí durante uma semana, que a gente pega de terça, e aí ajunta, de quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, até segunda, até a gente vim na quarta, pode junta bicho, pode junta rato, barata, mai acho que eles num tão ligando aí pra isso. Eu acho que eles tão ligando pra ajuda a coleta seletiva, porque molha chove, molha o papelão, molha o papel, fica pesado. Mas a gente toda quarta-feira a gente tá lá, pegando a coleta seletiva, e quando a gente num vai, tipo, quando as menina que, às vezes quando a Raissa põe uma menina que num sabe fazê, que esquece, eles liga pra ir busca, porque eles guardam pra gente, tipo, se fô um catador lá e fala, ah posso pegar? Eles num dão, porque é da coleta seletiva, eles já falam, então, eu acho que é isso (E V, US 20).

Vale ressaltar sobre esta imagem anterior também, a fala de Paulina quando diz da periodicidade que catam os recicláveis, passando pelo local que doa os papelões toda quarta-feira. Esta é uma característica importante das ações das catadoras, a presença no cotidiano da cidade que leva aos munícipes se compromissarem com a cooperativa e cada catadora que semanalmente chama à porta. Relação de cuidado que pode despontar em outros desvelamentos, como o de respeito ao meio ambiente ao acolher a cada participante da cooperativa como pessoa e profissional da coleta seletiva.

Em outra entrevista, a catadora Margarida relata um momento de conflito que passou nas ruas ao atender uma casa quando estava próximo a um catador autônomo que seguia à sua frente, nas mesmas ruas em que ela passava para catar todos os recicláveis que lhe interessasse como latinhas ou outros metais, mas que ao chegar em uma residência parceira da cooperativa, fez com que o morador, ao olhar a catadora cooperada logo atrás coletando apenas os recicláveis de menor valor, entrasse em conflito com o catador autônomo, dizendo para ele levar todo o reciclável ou nenhum, já que semanalmente Margarida o chama à sua porta para levar todo o material:

Ó no Universal (bairro), uma vez tamém, eu tava catano, aí o cara foi lá pra pega, aí o home falou assim: “Se ocê fô pega alguma coisa, cê leva tudo ou então cê não leva nada”, aí ele falou assim pro dono lá, “é, só que...” Aí o dono falou de mim, ele falou: “É então, ela ali vai leva tudo, eu, ele falou assim pro dono da casa: “Só que ela tem um salário fixo”, aí ele falou assim pro cara: “Então porque que cê tamém num arruma um serviço e num trabalha?” Eu ví que ia sai tapa, eu peguei ih ó (gesto com as mãos de ir embora), e falei, se ele leva tudo, eu não vô pegá. Aí a mulher do dono vinha vindo, e falô: “Não! Deixa bem ele leva”, a muié do dono da casa. Pra num arruma confusão, pra num arruma pra cabeça, porque o home tava engrossando com o cara lá, eu, “Cê pega e leva tudo, ou então num leva nada”. E a mulhé do home chego: “Não bem, deixa ele que leva”. Sorte do cara foi a mulhé hein? Ia dá um barraco ali hum... Eu vi ele na minha frente, falei, vô

vê né, se ele vai pega tudo. Só tava esperando pra num arrumá rolo. Pra num arrumá rolo por causa disso, segunda vez. (E X, US 16)

Apesar do reconhecimento por parte de muitos moradores, as catadoras relatam a falta de conhecimento e atenção por parte da população na separação dos recicláveis, como fala Margarida na citação logo abaixo, dizendo que esta ação deveria ser mais valorizada na sociedade. Com isto, cita em seguida o exemplo de dois lugares, um prédio que separa muito bem o material e outro em que ela mesma foi tratada muito mal pelo zelador de uma escola:

Tinha que dá mais valor pra isso, porquê, do que pra outras coisa, se você for ver mesmo tinha que dá valor pra isso. Tem gente que não tá nem aí, mistura lixo de banheiro com recicla, mistura fralda, papel higiênico sabe, vira um balaio de gato. Então, quê dize? Eu cato as coleta de certo lugar, eu abro tudo, que nem, quando eu tô na 14 aqui, tem aquele prédio alto da quatorze. Ali mesmo ali, é tudo separado ali, cê entra ali é assim ó, aqui é lixo perecível, e pra cá é a coleta, então quê dizê, ali é tudo limpinho, eu abro memo e devolvo tudo o saco pra mulhé, tudo com a boca aberta só vô virando na bag, ali é rapidinho. Agora, lá onde eu fui que o cara xingou, fui leva pra ele vê, ele num gostou, falo que se eu num tive contente: Pede a conta! Aí ele mandou eu toma no nariz, eu já ia taca a caixa na cara dele, aí eu deixei quieto, saí andando. (E X, US 5)

A participante Laís ao relatar da existência de alguns pontos fixos de coleta na cidade, como alguns prédios comprometidos com a separação e entrega dos recicláveis, diz também de outros lugares que não se comprometem com a separação dos resíduos, dizendo de situações de descaso com a presença das catadoras, remetendo a uma ocasião em que uma das participantes foi até mesmo insultada ao chamar a atenção de uma escola infantil, através de um porteiro, para que separassem melhor os recicláveis.



F 27 (Laís)

Aí é onde nós tem nossos pontos fixos, né? Os prédio, que a gente tem bastante ponto fixo, que é os prédio, dá bastante coleta, aí era onde a Raissa tava tirando, né? era na rua da Raissa aí, no bairro do Carmo. E como tinha bastante, ela chamou a gente pra ir lá, ajudar ela, a tirá de lá. E, é bem organizado, esse aí é bem organizadinho, as coleta bem limpinha, porque tem uns prédio... Nossa Senhora, que é bem desorganizado, não é limpo, ainda até na quinta-feira a Raquel foi catá ni um, ali no Morumbi, aí tinha fralda descartável, lixo assim, aí o porteiro xingou ela, mandou ela tomar no cú. É, ainda a gente vai reclamar o povo é malcriado, num gosta que a gente reclama, foi fala que... Pra separá mais melhor, que num pode leva lixo, né? Pra ele fala pros morador, ainda ele foi grosso com ela, malcriado, tem umas pessoa bem malcriada, mas faze o quê né, a gente tem que respeita né? Se não perde o serviço (E IX, US 10, 11).

Nesta fotografia seguinte, podemos ver uma mulher parada para a fotografia, ela não está colocando o saco preto na bag, mas toca ele em uma pose. Está bem vestida e veste uma sandália. Raquel que fotografou a cena diz que pediu para registrar a situação da entrega do reciclável e esta mulher a atendeu de pronto. A catadora relata que a moça retratada trabalha na casa que aparece ao fundo, mas que não a conhece. Ressalta com a fotografia, que a moça apesar de auxiliar nos afazeres domésticos, não tem receio de posar junto aos resíduos nem mesmo é dela, tendo um comportamento diferente de outras/os trabalhadoras/es domésticas por não mistura lixo orgânico com o reciclável.



F 18 (Raquel)

Essa daí eu não tenho muito o que falar dela não, ela é empregada também, trabalha lá no fundo, é que a foto ficou muito boa, ela às vez

ela vem abre o portão, põe o saco no portão e já entra correndo, então não dá nem tempo da gente conversa, né? Ela posou na foto. Ficou bonita ela colocando a reciclagem. Ela colaborando com a coleta seletiva, porque hoje em dia a maioria das empregada joga tudo misturado, porque a maioria por ali é empregada aí elas não separam, aí já não, é elas mesmas que separam, achei legal, na foto ela ficou bem, ela não teve nojo de colocá a mão assim sabe? Enquanto muitos, abrem o portão assim, e jogam, tem nojo do próprio lixo, né, e ela o reciclável não sendo dela, ela não teve nojo (E VI, US 24, 25).

Através de uma reflexão sobre a fotografia, a participante Jasmim se questiona se haveriam maneiras de se comunicar com a população para que, de maneira mais efetiva, separassem os resíduos com mais atenção e com isto se educasse a separação dos recicláveis:



F 23 (Jasmim)

Significa... uma moça muito boa, que ela sabe separa a sua coleta, e sabe separa o seu lixo, e como ela disse assim, se todo mundo se respeitasse, não pô as coisa de higiene pessoal com a coleta seletiva, e aprendesse, todo mundo, se tivesse um meio de comunicação, pra eles aprende a separa o seu próprio lixo, o que é o lixo é pro lixo, respeitando o seu lixeiro, e o seu coletor (E VIII, US 14)

Junto à esta mesma imagem, Jasmim observa que ao separar os recicláveis dos materiais orgânicos, promove-se o respeito aos trabalhadores que recolhem estes materiais, o que em sua concepção, deveriam de apenas serem chamados de lixeiros àquele que recolhe o material orgânico e que não se reciclam, e de coletor, aos que

catam os recicláveis. Promover o compromisso com a separação dos resíduos com a população é algo ainda a ser elaborado e promovido para que cheguemos a níveis consideráveis de transformação dos tratos aos resíduos.

Nas condições de uma urbanidade centrada apenas no mercado dos bens de consumo e de serviços, ignorando os meios de produção, distribuição e descarte dos objetos que moldam a cultura, estamos longe das decisões sobre o cotidiano, e de alternativas de ser para si com outrem criando perspectivas de vida mais pautadas no cuidado e atenção ao meio ambiente onde todos estaríamos implicados. O mercado e sua propaganda globalizada, privatiza o lugar social que vivemos e nos faz entregues ao consumo de tudo que produz, sem vínculos aos modos e maneiras com que foram criados e produzidos cada um dos materiais dispostos à circulação. Nesta organização mercadológica de todo produto e serviço, o sucesso se faz à margem de uma satisfação responsável com a coletividade e o todo dos quais os objetos fazem parte, levando as memórias a um movimento insensível à historicização, por serem tidas apenas como parte constituintes de um ambiente privado e particular, conclamando assim, a vida apenas à visualidade do que ela possa aparentar, suprimindo o passado e erguendo-se esvaziada de experiências, gerando na história uma tendência à intolerância, por ignorar diferentes formas sensíveis de conceber a existência, como ressalta Gonçalves Filho (1998)":

A este espírito de higiene e intolerância, que estende o juízo e a revisão em toda parte, das instituições aos interstícios dos pequenos encontros, a memória expõe, no contraponto, a amabilidade e a brandura ante os sabores, os aromas, as cores, as sonoridades, as formas essenciais de uma cultura: significantes de uma maneira de ser que a subjetividade e a intersubjetividade compuseram de modo inconsciente (p. 96).

Neste sentido, romper com a lógica de mercantilização da vida, perpassa compreender os mecanismos de produção social envolvidos nos diferentes processos de constituição de uma cultura, tendo em outrem uma dimensão intersubjetiva, o que nos leva a reconhecer nas ações mobilizadas por catadoras de materiais recicláveis, o reconhecimento dos descaminhos e divergências que a privatização de todos os serviços de natureza comum à cidadania e seu incentivo pode nos induzir. Pois ao entregar os direitos e deveres nas mãos do mercado, este tende a usar toda humanidade disponível

ao benefício próprio, em busca do lucro, ignorando toda condição de fazer cultural que toda a ação humana elabora ao agir no mundo.

Como exemplo de cuidado com a separação dos recicláveis, Paulina apresenta uma fotografia em que há uma mulher entregando um saco preto. Ela descreve que a pessoa que aparece na fotografia trabalha no local em que foi feito o registro da imagem, pois sua empregadora não mora em Araraquara e pela consciência que possui da necessidade da coleta seletiva, trás da cidade em que vive, os materiais para a cooperativa, já que por lá não existe esta iniciativa.



F 14 (Paulina)

Ela é empregada daqui, a patroa dela não é daqui, ela traz essa coleta da cidade dela para Araraquara, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, eu esqueci o nome da cidade que ela falou, não tem coleta seletiva, então ela guarda, de quinze em quinze dias ela traz a coleta pra gente aqui em Araraquara. De quinze em quinze dias. Ela na foto é a funcionária, aí a patroa dela trás de quinze em quinze dias a coleta pra gente, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, e dá pra empregada entregar pra gente. Achei muito interessante isso daí, porque tipo, até pessoas de outra cidade, acaba ajudando a cooperativa, que vem coleta de outra cidade, pra cooperativa de Araraquara. Eu achei muito interessante, legal da parte dela, né, ela não tem obrigação de tá trazendo, ela podia jogar no lixo dela lá, mas não, ela pensa no meio ambiente. E, ela não quer jogar no lixo uma coisa que pode ser reciclável, então ela traz para Araraquara, eu achei muito interessante esta foto, muito boa (E V, US 21).

A participante Jasmim, nesta outra fotografia, ressalta a qualidade do cuidado que a coleta seletiva possibilita com as demais gerações que virão ao mundo, por ser realizada:



F24 (Jasmim)

Limpeza né fio. Limpeza das nossa coleta seletiva, para um mundo melhor, que virão. Para os novos, que aprenderão com a nossa coleta, até os cachorro já estão aprendendo. Porque... Numa coleta, ele brinco com a garrafa e veio traze pra Margarida (...) Aí eu digo assim pra ele, bom menino, você está aprendendo como um ser humano a fazer a sua coleta (E VIII, US 15).

Apesar dos benefícios que a coleta seletiva traz para o presente e ao futuro dos locais onde é realizada, a falta de incentivo à organização de cooperativas de catadores/as tem caminhado junto à privatização de todos os serviços públicos. A falta de mobilização estatal por políticas públicas para o incentivo da promoção das culturas locais, voltam a organização estatal apenas à promoção de instituições que moldam o fazer humano em um único sentido, o do consumo atrelado ao mercado. Conforme a falta de incentivo e atenção por falta do poder público em atender às demandas de educação, saúde e acesso ao conhecimento de catadoras/es que hoje se articulam em cooperativas, acaba-se por enfraquecer e tornar vulnerável o serviço que realizam, ignorando as diversas ações nos âmbitos das localidades onde atuam, ao incentivarem o cuidado dos ambientes e atenção aos resíduos para sua diminuição.

Na seguinte fala de Aurora é possível notar suas impressões sobre a coleta seletiva solidária, dizendo que pelas condições desgastantes que a prática é realizada, não gostaria que seus filhos seguissem o mesmo ramo que ela:

O Rúbens e a Simone é o futuro do Brasil, que eu num quero pra mim, eu não quero pra eles. Ele fala assim, ah mãe quero trabalha na coleta. Não! Pode caça outro serviço que vocês... Tô ahn, se fô o caso pago até uma faculdade pra eles quando tive velhinha, fazendo faxina pa

um, faxina pa outro, pago os... Os orgulho dos meus filho. (E III, US 8d)

Não se promovendo dignidade ao trabalho de catadoras, com mais tardar ainda as comunidades apreenderão a considerá-las em respeito. São diversas as situações sofridas em meio à catação porta a porta em que faltam em respeito às catadoras, ou de conflitos entre cooperadas e catadoras informais, como nas palavras de Paulina ao dizer que seu dia a dia é: “(...) vim trabalha, leva xingos na rua, leva elogios. Assim é a vida” (E V, US 2). São vários os relatos de desrespeito à ação das catadoras no dia a dia:

(...) porque tem uns prédio... Nossa Senhora, que é bem desorganizado, não é limpo, ainda até na quinta-feira a Raquel foi catá ni um, ali no Morumbi, aí tinha fralda descartável, lixo assim, aí o porteiro xingou ela, mandou ela tomar no cú. É, ainda a gente vai reclamar o povo é malcriado, num gosta que a gente reclama, foi fala que... Pra separá mais melhor, que num pode leva lixo, né, pra ele fala pros morador, ainda ele foi grosso com ela, malcriado, tem umas pessoa bem malcriada, mas faze o quê né, a gente tem que respeita né, se não perde o serviço (E IX, US 11).

Para além desta recepção negativa por parte da população, a concorrência junto a catadores autônomos exemplifica a falta de atenção por parte do poder público em incentivar a organização dos moradores/as na separação dos recicláveis, já que a concorrência neste setor acaba por minar as oportunidades de se promover a colaboração entre todos/as na separação dos resíduos. Neste cenário em que o capital prevalece, através da obstinação pelo lucro, é retirada toda a dignidade dos seres sem se reconhecer a própria condição sensível e vulnerável a intempéries que a vida, através das solicitações que o mundo realiza, pode em nós efetivar.

Ignorar a população empobrecida que reinventa dia após dia as possibilidades de sobrevivência, como a encontrada na própria catação de recicláveis, é uma das anestésias que o capital elabora socialmente, criando invisibilidades sociais diversas. Ao ignorar a ação de catadoras/es informais, não incentivando a criação de cooperativas de coleta solidária muitos municípios incorrem no jogo político de favorecimento do mercado para o lucro sobre todas as instâncias do viver, entregando ao capital privado o domínio de regulação de todas as esferas do existir. A possibilidade de mudanças neste quadro envolve uma mobilização por parte de todos em se assumirem como parte desta conjectura, produtora de desigualdades, para sua transformação. Tornando assim, a necessidade da criação de ambientes cada vez mais democráticos, em que a equidade

perpassa o reconhecimento de outrem, possa vir a se tornar anseio de toda uma comunidade, onde o surgimento da pobreza, do abuso e da destruição da natureza, sejam erros a se corrigir. Elaboração que pode vir a ser, segundo Maturana (2005), compreendida como um acordo:

Cada vez que entramos num acordo para fazer algo juntos, de modo a não precisarmos nos controlar mutuamente, porque com aceitação e respeito pelo outro agimos com sinceridade, estamos numa conspiração ontológica. A democracia é uma conspiração ontológica que surge do desejo de viver juntos num país, em circunstâncias nas quais o mundo que trouxermos à mão no conviver será o mundo que viveremos juntos e que constituirá este país (p. 78).

Com isto, na atual situação, ainda necessária de diferentes superações ante a discriminação aos direitos e vida de catadoras, não se torna difícil entender, apesar da difícil – amarga - compreensão, das diferentes dificuldades que enfrentam junto à sociedade, como fica aparente através da reportagem do Jornal Tribuna Imprensa da cidade de Araraquara do dia 05/03/2016, que trata da situação local dos furtos aos recicláveis já coletados nas ruas, o que gera um grande rombo na renda mensal da cooperativa:

De acordo com Davi Teixeira Pinto, gestor de projetos da Acácia, não é possível estimar, mas os furtos desses materiais causam prejuízos financeiros à cooperativa. “O que é possível apontar é que perdermos 40 bags de 50 kg por dia. Cada sacolão sozinho custa R\$ 3”, explica o gestor. Assim, cada dois meses é preciso comprar 5 mil sacolões (MARTINS, 2016).

Dentre os processos educativos elaborados pelas catadoras na coleta seletiva porta a porta, em relação com a comunidade, abarcam competências que despontam no relacionamento com a comunidade e o compromisso com a sociedade. Nisto se evidenciam: a) o relacionamento do grupo de catadoras com os moradores dos bairros que estabelecem parcerias para melhoria de vida de ambos; b) a troca de informação com a comunidade que possibilita maior visibilidade do grupo pelos moradores dos bairros; c) o relacionamento com moradores, que garante a possibilidade de estratégias para melhor atendimento da coleta de materiais recicláveis nos bairros. Estes processos educativos, se enquadram a partir de verbos como Criar, Cooperar, Ensinar, Escutar, Esperar, Respeitar, Ousar e Interagir.

6.3. Categoria C - Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta.

Os processos educativos elaborados nesta categoria são provenientes dos relacionamentos entre catadoras ao se constituírem como comunidade de trabalho e emergem da organização diária da coleta seletiva porta a porta. Através das ações coletivas, catadoras alcançam direitos e se representam para a sociedade, o título que dá nome a esta categoria emerge dos dizeres de Raissa quando ao se referir à coleta solidária ressaltou: “Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta” (E XI, US 8).

Nesta categoria são desvelados processos vividos pelas catadoras ao promovem a competência de se educarem para a vida em comum união, como grupo de catadoras que ao se desenvolverem como comunidade, trocam saberes e compartilham experiências adquiridas na prática da coleta seletiva solidária. Catadoras que, ao realizarem suas ações, elaboram qualidade de vida para si e ao grupo com que convivem, projetando no dia a dia a condição de superar o estágio de “circuito dos objetos de posse para o círculo dos dons de troca e partilha” (BRANDÃO, 2005, p.35). Nesta prática, ao entenderem a vida a partir das experiências comunitárias construídas em interação umas com as outras, dinamizam o próprio bem viver através das atenções geradas no interior do grupo, onde superam processos individuais ou corporativos de conquista para se enxergarem como comunidade de catadoras.

Samantha Guerra, ao dizer sobre a fotografia que tirou, fala através deste registro sobre a apreensão de sentidos dados ao encontro entre as participantes catadoras:



F 11 (Samantha Rosa)

É eu chega no meu serviço, vê minhas amiga, minhas companheira, tudo sentada esperando o caminhão pra pega o bag, tudo organizada, sabendo que cada uma tem a sua vida pra cum... A sua luta pra fazê, pa cumpri com a sua vida. O trabalho, porque necessita duma renda pa pode sobrevive, eu me sinto feliz em ver elas assim, toda chegando, sentando, conversando, é o significado pra mim. Eu gosto delas, faz parte da nossa coleta, né? Faz parte do nosso grupo, da nossa família (E IV, US 26).

Em sua fala ela traz o significado de família ao grupo da coleta seletiva, compreendendo-o como parte de sua vida apesar das não serem consanguíneas, dizendo que acabam por formar um coletivo pela colaboração e laços de amizade que estabelecem entre todas. Em consequência das trocas que ocorrem no cotidiano interno ao grupo, a participante Paulina, expressou assim, a proximidade que as participantes do grupo de catação possuem:

Coleta solidária pra mim se resume em família, porque somos uma família, né, é unidos né, trabalhamos pra isso, pra limpa a cidade, pra um ajuda o outro. É com a coleta seletiva solidária que colocamos nosso sustento na mesa, colocamos nossa comida na mesa (E V, US 8).

Por meio das relações estabelecidas em grupo, catadoras enfrentam as problemáticas do trabalho, encontrando forças para realização das tarefas incumbidas individualmente. Amizade que também reconhecida e estabelecida, através das identificações encontradas pelo grupo no dia a dia, como no diálogo em roda de conversa sobre os termos a que se referir às amizades: “Cíntia: Aí é as amiga! Nádila: As parça?! Aurora: Que as amiga o que ô! As parça ô, para de graça ô! Samantha Guerra: Ai Senhor!²³”.

No discurso de Nádila sobre uma de suas fotografias ela diz sobre as duas amigas presentes na imagem, destacando a importância delas, pois as ajudam muitas vezes a ver vida com outros olhos, chegando a mudar até mesmo seu próprio humor para melhor, por reconhecer a possibilidade de satisfação sobre muitos momentos vividos.



F 2 (Nádila)

[...] são minhas amiga, minhas parcêra que fecha comigo, é tipo como se fosse uma irmã pra mim na coleta, entendeu? As duas tem muita importância pra mim. É as brincalhona, às vez cê tá assim, num dia pensativa que aconteceu alguma coisa, vem as duas palhacinha e te alegre, entendeu? Elas significa muita coisa pra mim. É uma família. (E I, US 6)

²³ “Parça” é uma expressão de gíria que remete a uma amizade sempre presente, uma companhia que conhece a realidade vivida por ambas pessoas amigas. O termo “amiga” utilizado por Cíntia em questão, remeteu para Aurora a algo relacionado a um mundo distante, ideal até mesmo, tendendo a soar no diálogo como algo meigo e excessivo de zelo.

Paulina, reforçando os laços de união entre ela e as demais participantes, apresentou a seguinte fotografia dizendo que a fotografia abaixo, representa união do grupo. Nela estão presentes duas de suas companheiras catadoras em um prédio, ponto fixo de coleta, colocando os materiais recicláveis separados pelo prédio em uma *bag*. Neste momento, cada um dos sacos plásticos em que o prédio armazenou os recicláveis e que na fotografia são brancos, são rasgados pelas catadoras para que façam uma rápida triagem, averiguando se existem resíduos orgânicos ou outros que não são acolhidos pela coleta, assim, se encontrados, são deixados nos devidos locais do próprio prédio para serem entregues ao serviço de coleta de resíduos a serem descartados no aterro municipal.



F 13 (Paulina)

Pra mim essa foto, representa a gente, mesmo na batalha a gente continua sorrindo, num trago problema de casa pro serviço, num levo esses problema do serviço pra casa, de casa eu deixo debaixo do travesseiro, do serviço eu deixo dentro do bag, no outro dia eu pego ele denovo (16). Eu, pra mim, isso aqui representa união, representa alegria de tá trabalhando, de tê como sustenta minha família, pra mim essa foto representa isso, união. Com as amigas, as “parça” do serviço de todo dia, e vamo que vamo (E V, US 16, 17).

Vale ressaltar nesta descrição de Paulina sobre sua própria foto, os pensamentos de compromisso com o trabalho cotidiano e com ele poder sustentar sua família. Relata também que não envolve as dificuldades vivenciadas com a família no dia a dia do trabalho, e vice-versa, ainda que ali também encontre as dificuldades a serem

enfrentadas entre as próprias amigas do trabalho e com a os/as moradores/as da cidade. Neste contexto de enfrentamento vivenciado no dia a dia, é oportuno olhar para o retrato *selfie* que a participante Raíssa, logo abaixo, que tirou de si mesma junto a uma sala com recicláveis muito bem organizados a serem entregues para a cooperativa. Sua declaração sobre a imagem é: “Pra hoje, sorrir, agradecer e prosseguir” (RC II, US 10). Esta frase pode ser interpretada como uma exaltação e anúncio do que deseja para si, às amigas que apreciam o retrato e aos munícipes, um sorriso de agradecimento pela oportunidade de adquirir com esforço e dignidade o sustento de toda sua casa, superação para além das adversidades que encontra. Esta fotografia por mais que dialogue com as outras categorias, o convívio com as participantes me levou a entendê-la nesta mesma, pois a alegria registrada de Raíssa não provém apenas da exibição de um ambiente limpo e organizado repleto de materiais recicláveis, mas que traduz a exuberância do trabalho, impossível de ser realizado de outra maneira com a graça que em grupo pode ser feito. Seu semblante exibe o encontro com o almejavél, de um saber de experiência feito, já concretizado, e que aspira a sua presença em um dia a dia seguro para criar seus quatro filhos, todos menores de idade, de modo independente, com garra e vontade de satisfação.

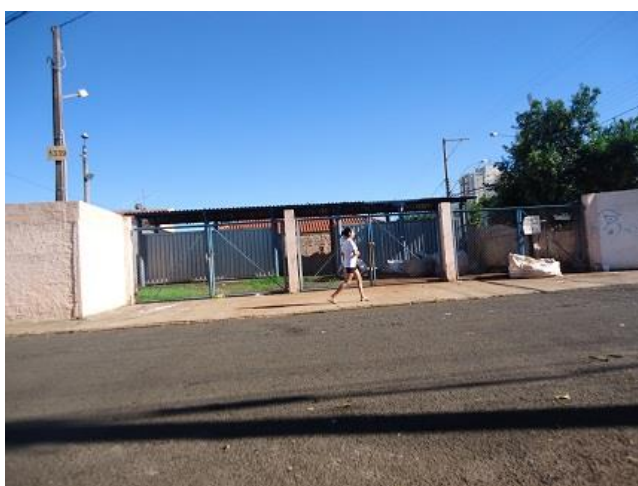


F 34e (Raíssa)

Nestas duas fotografias que seguem logo abaixo de Margarida, ela apresenta o local de encontro diário do grupo, o Eco Ponto, as duas fotografias estão reunidas em sequência pois os significados trazidos pela catadora, traçam sentidos muito próximos. Sobre elas, além de destacar a beleza que a impacta ao dizer que estão bonitas, ressalta que este sentimento que a fotografia desperta é proveniente do espaço registrado estar arrumado e organizado, pois a população vinha despejando muitos materiais não recicláveis no local, como madeiras que vieram se acumulando nos últimos tempos, gerando nos moradores da vizinhança insatisfação de ter o Eco Ponto próximo de suas casas.



F 28 (Margarida)



F 29 (Margarida)

A catadora ressalta, através de seu discurso sobre as fotografias, que tem havido uma maior atenção por parte da população em não despejar materiais não recicláveis neste espaço:

Muito bonita também, agora a gente tá mantendo arrumado também, né? Porque o DAAE queria fecha aqui. Aí aonde a gente ia troca de roupa, usa banheiro? Né? Não tem como. Ele queria fecha porque tavam colocando muito lixo aí também, alá madeira onde não é pra por. Entendeu? E tem gente que vinha dormi aqui, agora diminuiu mais, num tá vindo, num tá vindo. Já tem placa dizendo o que pode e o que num pode, mas num tá nem aí... Dá pra sabe que o espaço é da coleta seletiva. (E X, US 11)

O Eco Ponto além de ser um local de uso das catadoras deste grupo, com banheiro e local para que possam se organizar, é também um ponto de coleta dos recicláveis do bairro, pois os moradores podem deixar os materiais no local, através de uma pequena fresta na grade que desemboca em uma *bag*, deixada para esta finalidade. Por conviver nestes tempos com as catadoras, pude acompanhar algumas problemáticas da manutenção de limpeza do local, organizado pelas próprias catadoras no breve período da manhã, antes de saírem à catação. O local muitas vezes se encontra bagunçado pois muitos catadores autônomos entram neste espaço para remexer as bags ali deixadas ao procurarem por recicláveis mais valiosos, como metais, acabam por espalhar e revirar tudo que está disposto nos grandes sacos de ráfia. A participante em sua descrição da fotografia, chega a falar que o DAAE, cogitou fechar o local por motivo das reclamações de desorganização do Eco Ponto, já que ele é o órgão que responde pelo local através do contrato com a Acácia. Com isto, a cooperativa buscou retirar rapidamente com os caminhões, todos os materiais não recicláveis deixados pela população ali, os despejando em locais corretos, como os Pontos de Entrega Voluntários (PEVs) de entulho do município, gerando também uma maior mobilização do grupo. Nesta outra fotografia, a catadora Laís capta com outro foco o mesmo local:



F 26 (Laís)

É, aí é a hora que a gente chega né, que dá uma ajeitada no nosso lugar, onde nós se reúne, pra, nossa chegada de serviço, né? Que chega aí tá tudo meio bagunçado, a gente limpa, organiza, todo dia que a gente vem pra cá no barracão, a gente dá uma organizada, pra mantê sempre limpo o nosso lugar de serviço, né? O ambiente de trabalho [...]. É, às veis é pra chegar todo mundo e organizar todas juntas né, mas sempre tem as que chega mais primeiro, aí elas vão já ajeitando. Aí as outras lava o banheiro e assim vai. Cada dia uma (E IX, US 8, 9).

Em grupo as catadoras realizam a limpeza do local, se organizando coletivamente para distribuir as funções necessárias para cada participante apesar da não rigidez das funções, já que as que primeiro chegam ao local muitas vezes acabam por realizar as ações necessárias para o dia. A bagunça encontrada a cada manhã no Eco Ponto é diferente, pois como há apenas um portão de entrada que é fechado por cadeado, os catadores autônomos acabam por estragar, entupir, o cadeado para que se torne inutilizável e, assim, o local se mantenha aberto para o livre acesso deles, pois a constante necessidade de comprar rotineiramente cadeados gera um gasto dispendioso à cooperativa. Mesmo assim, o grupo busca alternativas para manter o local fechado durante estes períodos, até que sejam comprados novos cadeados, buscando manter o portão fechado como um sinal para a população de ser um local próprio ao grupo, inviabilizando assim a entrada de demais pessoas.

Nesta outra fotografia a participante Nádila apresenta o momento de separação das *bags* trazidas pelo caminhão. Sobre ela, a participante dá ênfase à união do grupo, por ser um período do dia em que todas estão reunidas e que após ele, cada uma das catadoras toma seu caminho de catação, muitas vezes os realizando sozinhas apesar dos encontros umas com as outras ao longo dos trechos. Durante a separação das *bags*, há uma colaboração entre todas para que não falte bag a nenhuma das participantes do grupo. Com isto, há também uma preocupação com os tamanhos das mesmas, pois algumas catadoras por possuírem mais idade, ou até mesmo, menos força, acabam por pegar sacolas menores, para que não deixem grandes sacolas enchidas pela metade, ou ao longo do fluxo da atividade, arrastar pelas ruas bags com peso maior que o possível.



F 3 (Nádila)

Ah isso daí é o momento que a gente separa os bags, né, pra ih pra rua, eu acho que é o momento que o grupo tá mais reunido, entendeu? Na separação do bag, porque depois cada um vai pro seu destino, é a união do grupo, entendeu? Porque aí tipo assim, tá todo mundo se você repará na foto, entendeu? A gente tá mais unido aqui, depois cada um pega sua rua e vai se distanciando, até acaba a rua, né? (E I, US 7).

A catadora Margarida diz também dos modos coletivos que as *bags* são distribuídas entre as participantes e soma a isto, o comentário que muitas das sacolas vão se deteriorando com o tempo, chegando a ficarem furadas e que para terem uma vida útil maior, acabam remendando as bags através de amarrações. Algumas das participantes chegam a carregar consigo tesouras grandes para fazer furos em lugares próximos aos buracos, para deste modo, improvisarem uma costura com auxílio de sacolinhas plásticas catadas ao longo dos trajetos, no lugar de fios ou linhas. Ao longo do histórico da cooperativa, os grupos de catação porta a porta chegaram a possuir carrinhos próprios para as bags, mas pela falta de praticidade que estes oferecem, seu uso foi descartado.



F30 (Margarida)

Ah o pessoal pegando os bag né, arrumano os bag pra trabalha. Arrumano os bag. É agora de manhã, ingual tá ali, arrumando os bag pra trabalha, faze as rua. Uma ajuda a outra. Num é muito fácil não, quando tá tudo com os fundo bão, ainda vai lá, quando tem que amarrá os bag, eu amarro no meio da rua, dô uma parada e amarro. Se não cai tudo, eles num guenta o asfalto, asfalto, né? Come tudo. Então a gente amarra tudo. Achei bonita foto, arrumando tudo. Bonito, né? (E X, US 12)

Após a separação das *bags*, em que as sacolas de rafia ficam todas organizadas ao serem colocadas uma dentro da outra, resultando em uma bag cheia por cada participante²⁴, e a coordenadora do grupo ter distribuído os roteiros a serem realizados no dia entre as catadoras, com todas reunidas junto ao caminhão, as *bags* são dispostas em sequência conforme a necessidade de entrada no baú do veículo automotor, contando que as primeiras a serem alocadas, serão as últimas a descerem, ou seja, ficarão em pontos mais distantes do local de saída para a catação conforme o roteiro recebido. Neste momento de organização das bags no baú do caminhão, há o auxílio dos cargueiros, que possuem funções junto ao transporte, como subir as sacolas cheias de recicláveis deixadas pelas catadoras ao longo dos trajetos para serem levadas à usina. Ao longo de um dia de catação, cada um dos quatro caminhões existentes na cooperativa realiza de quatro a cinco viagens para levar todas as bags cheias deixadas pelas ruas.

²⁴ A média utilizada para realização diária da catação por cada participante, é de onze bags.



F 4 (Cíntia)

Bom, aí foi agente colocando os bag no caminhão, pra gente podê já ih pra rua, porque aí é tipo assim, todo mundo ajudando a coloca os seus bag ali pra drento. Aí é tipo assim, a gente já separo os bag, pra gente pode ih pra rua né, ih pra rua podê começa a trabalha. Acho que é isso. Fico uma foto legal, bonita. Fazê como a Samantha Guerra fala “da hora”, fico da hora. Ainda falta turma aí ainda, falta gente, mas fico uma foto bonita. Fico uma foto “chic” essa daí (E II, US 4).

As participantes que possuem roteiros a serem realizados próximo ao local de saída para a catação, acabam seguindo direto a pé já com as bags sendo arrastadas pelo chão, anunciando em alta voz a palavra “coleta” para que os moradores entreguem os materiais separados. Os momentos de catação porta a porta muitas vezes são solitários, apesar das catadoras se encontrarem ao longo da coleta para auxílio uma das outras, compartilhando de situações diversas que fazem da catação um momento de satisfação também. Durante a entrevista individual Samantha Guerra destaca que aprecia estar com alguém ao longo do trabalho:

(...) quando a gente gosta duma amizade assim, e a gente tem uma amizade, a gente vem conversando, vem distraindo, e parece que as hora passa mais depressa. Eu me sinto muito sozinha nos trecho, quando eu tô com alguém eu gosto de prozeá, que às veiz eu vô com a Raquel, a gente conversa, espero ela vim lá do braço dela, é... Mó barato (E IV, US 27).

As participantes que possuem no dia um trajeto mais distante, até mesmo dois ou três quarteirões abaixo, aproveitam o caminhão para descer no ponto inicial de catação do dia,

pouando esforços. Durante o trajeto, o grupo fica todo reunido, muitas se sentam e acomodam nas *bags* esperando o ponto de descida chegar. Neste momento, as participantes se encontram umas com as outras em uma situação diferente, por estarem em grupo em um ambiente quase todo fechado com apenas uma porta aberta, pela qual a cidade é vista por uma fresta, como ressalta Raissa ao apresentar sua fotografia, dizendo que o caminhão é também como uma casa do grupo:



F 32 (Raissa)

É um momento de descontração das meninas da coleta, todo mundo se conversa, coloca a fofoca em dia, pra gente ih trabalha né? O caminhão é que nem se fosse uma casa nossa tamém, hehe, como se fosse a casa (E XI, US 25).

Nesta fotografia acima podemos perceber em análise iconográfica, duas mulheres sentadas em *bags*, elas fazem gestos para o fotógrafo e expressam com o rosto a intencionalidade de pose para a câmera, pode-se perceber também, uma terceira pessoa sentada, mas que não aparece na fotografia. Há na imagem o destaque de uma das participantes, pois se aproxima do foco central da fotografia e sobre ela está também um feicho de luz que estoura as cores, chamando a atenção para uma de suas mãos que está levantada, pois sobrepõe como sombra a luminosidade. Ao fundo delas outras duas pessoas estão em pé e se apoiam em paredes metálicas que oferecem um plano de fundo em perspectiva na imagem, o qual é enfatizado pela fresta de luz que entra pelo campo oposto da fotografia, criando através do teto o cenário de um grande caixote. Estas

mulheres que estão em um segundo plano da fotografia, se voltam para a fresta de luz que ilumina todo o local, desenhando-se no retrato como uma grande linha branca que culmina ao fundo do ambiente fotografado, que corta parte da imagem e separa outros dois corpos que se voltam para ela, esta linha clara proporciona movimento à imagem, chamando a atenção para outras bags que se encontram centralizadas na imagem. Sobre estas duas pessoas, separadas pelo feixe de luz com parte do corpo não captado pela fotografia, pode-se intuir serem duas mulheres já que usam calças *leggings* coladas ao corpo. As cores das camisetas de quase todos/as presentes na imagem se aproximam do amarelo e o verde claro, além de utilizarem mochilas nas costas.

Em linguagem iconológica, as participantes da cooperativa estão preparadas para descer em seus pontos de catação durante o trajeto no caminhão, as mochilas em que guardam os objetos pessoais já se encontra nas costas de cada participante e até mesmo, algumas delas estão de frente a porta do baú do caminhão para descerem nos locais corretos para realizarem a catação. Muitas delas na fotografia, conforme a norma da cooperativa, utilizam o uniforme da coleta seletiva já outras não, isto decorre pela falta destas camisetas, causada às vezes, pelo uso excessivo destas que chegam a formar buracos impossíveis de remendar, fazendo com que as participantes improvisem com outras roupas de cor semelhante, às vezes encontradas até mesmo dentre a coleta, não deixando deste modo, de serem identificadas nas ruas onde passam.

Ao olharem em roda de conversa esta fotografia anterior, as participantes se questionam sobre os gestos que a catadora Samantha Guerra realizou como pose:

Samantha Guerra: Olha eu aê sentada no caminhão, é a Samantha Guerra! Paulina: Ué, mas por que ela tá fazendo assim ó? (aponta com o gesto da mão que Samantha Guerra faz na foto) Raissa: Eu falei alguma coisa pra ela fazê isso dai. Laís: Tá vendo que ela num trabaia, só fica sentada! Raissa: Ela só manda toma no cú. Aurora: Não, mas ela num fez assim, ela fez assim (mostra com os gestos da mão o que Samantha Guerra apresentava na foto) Samantha Guerra: Eu fiz assim ó, assim ó (Samantha Guerra mostra ao grupo como fez e pousou na foto) Laís: Cês tão vendo que a Samantha Guerra não trabalha. Paulina: Aqui na sua mão ó (mostra o gesto). Aurora: Ó ela tá fazendo assim (mostra o gesto), três baiano correndo atrás do coco! Samantha Guerra: Isso mesmo, eu tava fazendo assim (mostra o gesto), assim pra Raissa, ó, três baiano correndo atrás do coco! (risos) (RC III, US 10).

O diálogo e respeito no interior do grupo é algo muito prezado, não à toa as participantes se questionam sobre os gestos de Samantha Guerra na fotografia. Em uma

outra passagem, esta mesma catadora reage sobre a fotografia de uma das participantes, dizendo sobre os relacionamentos do grupo através da imagem presente de uma catadora que deixou o grupo tempos atrás.

Samantha Guerra: Eita e essa coisa farsa aí também? (Risos coletivos)
 Aurora: Essa coisa farsa... Eta, essa Dona Samantha Guerra, mas tem uma linguinha também, viu? Samantha Guerra: A língua foi feita pa fala a verdade cara (aponta o dedo para Aurora). Aurora: Mai num precisa bota o dedo cara dos otro, desse jeito num trabalho hoje! Samantha Guerra: ela cuida do cú de todo mundo! Aurora: Até do meu tamém! Samantha Guerra: Então do que cê tá reclamando sua cagueta? (Ovação do grupo "ih") Aurora: Cagueta? Paulina: Eita vamo fazê um negócio de porrada ali? Olha aí vai sai a briga no gravador ali! Aurora: Se ela puxa o meu cabelo eu acabo ficando careca! Samantha Guerra: Filha! Eu não sô de puxa cabelo não, eu meto logo a faca! Conrado: Que isso gente calma! (RC III, US 3)

Os laços de amizade entre as participantes é algo importante para o grupo, pois através deles se respeitam e valorizam no cotidiano da catação. Na fotografia a seguir, em que há algumas catadoras caminhando pela rua juntas em um único sentido, arrastando *bags* sob o sol, a participante Cíntia destaca que a imagem significa a própria amizade e união do grupo:



F 5 (Cíntia)

Essa daí foi já a gente já indo já pra rua já, pra pra podê fazê a coletagem, então é tipo assim, como eu posso pegá pra explicá... Ah o significado assim da gente já pode tá indo já pra rua já né, pra gente já poder pegar, coletar o material, reciclável. Ela significa a amizade, a união do grupo... (E II, US 5).

Ao se valorizarem, geram estima umas às outras, se representando como comunidade de catadoras, o que desponta também em auxílio mútuo nas horas de catação porta a porta. Na fotografia a seguir a participante Samantha Guerra diz do cuidado com que acolhe os recicláveis da população e que ao ver o resultado de seu serviço através das muitas *bags* cheias em um dia de catação, sente a satisfação por realizar um trabalho competente e que pode ser bem avaliado pelas demais participantes da coleta:



F 10 (Samantha Rosa)

O significado meu, é que eu tô acolhendo o reciclado das pessoa, tô enchendo o bag, tô o que? Fazendo a coleta seletiva, tô trabalhando naquilo que foi destinado pra mim, enche os bag até em cima, uma recicragem decente, organizada. É o significado meu, é vê um bag assim, cheio de recicragem... reciclado. Num é? Lógico que é! Eu me sinto feliz de vê meu bag recheado, do meu serviço sê competido (E IV, US 25).

As relações entre as participantes são, muitas vezes, mediadas pelas maneiras com que são realizadas as tarefas. O desfalque ou a falta das participantes nas dinâmicas de catação prejudica o bom andamento da realização das tarefas diárias, acarretando também muitas vezes, um mal relacionamento entre todas. As relações afetivas construídas com muita atenção entre os/as participantes, podem vir a adquirir empatia e cuidados, porem quando não, deixam de existir. Em passagem de sua entrevista, a participante Laila para demonstrar o seu esmero em trabalhar corretamente, diz que o trabalho tem de ser feito adequadamente entre todas e fala que já precisou cobrir o erro de muitas pessoas, para que o grupo tivesse uma má recepção dos/as moradores/as, pois quando insatisfeitos com os serviços, chegam a ligar na usina da cooperativa, onde há o escritório, onde são realizadas as funções administrativas e demais serviços, como os de

triagem e beneficiamento dos recicláveis coletados: “Agora adianta, qui nem, eu faço uma rua, faço malfeita, os pessoal vai e liga pa usina (...). Ó, pode pergunta mermo pra Raissa, eu já fiz tanta cagada dos outro Conrado” (E VII, US 30).

O trabalho de catar nas ruas todos os dias exige um esforço que muitas vezes é esgotante, levando até mesmo a problemas generalizados. Este aspecto é também levado em conta na hora de distribuição dos roteiros a serem realizados por cada participante, caso alguma se encontre abatida ou até mesmo machucada. Na descrição abaixo, sendo classificada como uma categoria divergente, já que não fora apresentada em outros demais relatos, Margarida diz que vinha sentindo dores no corpo pelos esforços físicos que realiza na catação. O médico que a atendeu no pronto socorro, a disse que que a dor provém do nervo ciático. Relata também que caiu no chão durante a tarefa de catação, pois enroscou o pé em uma *bag*, perdendo o equilíbrio.

(...) quando eu pego peso, quando eu puxo muito, porque eu trabalho muito com a direita, porque eu sou destra, então ele falou que é do ciático, dói aqui e desce aqui, vem da coluna né. Eu caí nesse dia aí, porque eu enrosquei o pé na alça do bag. E eu fui pisa no chão e perdi o controle, mas eu acho que foi a anestesia que deu a reação, sabe quando cê pisa, se eu tivesse sem o óculo podia dá tontura, mas num deu, porque eu tava com ele, aí eu fiz assim, eu fui passa daqui pra lá, a perna fez assim, perdi o equilíbrio. (E X, US 6d)

Durante a catação, para evitar a realização de esforços em excesso, ou exceder os limites do corpo pelo gasto de energia ininterrupto debaixo do sol, as paradas para o descanso são momentos necessários para recompor o fôlego da caminhada que varia de acordo com a média de 4 quilômetros diários carregando recicláveis que chegam a ter pesos que variam de acordo com os materiais catados. Nestes momentos, as participantes se encontram em lugares combinados ou quando uma ou outra caminham em trajetos próximos e trocam lanches, muitas vezes trazidos de casa e outros até mesmo doados por moradores. O grupo também chega a fazer rateios para comprar salgados coletivamente. Na fotografia a seguir a participante Laís fala da amizade que possui com as demais catadoras e que através dos encontros para partilha, podem conversar um pouco e fortalecer os laços que são uma das coisas mais importantes a se ter na vida.



F 25 (Laís)

Ah, é... Um momento que a gente se reuniu, né, aí parou pra tomar um guaranazinho e bate um papo, uhm... Uma hora que é, a que a gente para, assim, e descansa. Uma hora boa, né? Onde de se reuni ali, conversa um pouco, né? É sempre bom, amizade é a coisa mais importante que tem, né? Aí é bom. Sempre tem uma paradinha, sempre elas que dá uma paradinha (E IX, US 7).

Nesta outra fotografia, em que a catadora apresenta as companheiras de catação em um destes momentos de descanso, à sombra de uma árvore, deitadas em cima das *bags* na rua, diz que a partilha dos alimentos gera vínculos no grupo e união entre as participantes, pois ajuntam os recursos para que todas possam se alimentar, o que a seu ver, por passarem tanto tempo compartilhando, as catadoras acabam por formar uma família em que todas se auxiliam. Ainda sobre a fotografia, a catadora ressalta em entrevista, que a alimentação foi algo que ainda não conseguiram conquistar através do trabalho e que em tempos atrás, a prefeitura entregava uma refeição em marmitta ao grupo, mas que atualmente não recebem este auxílio.



F 33 (Raissa)

Aí é o momento de descanso das meninas, o horário do almoço, igual àquela musiquinha que fala na creche, a hora do almoço é a hora mais feliz, né? hehe, a hora do almoço, a hora que as meninas descansam um pouquinho pra... É sempre uma união, né? Uma união uma com a outra, né? Cria um afinco muito grande, né? Um vínculo muito grande uma com a outra, né? Qui nem eu falo, a gente convive mais com o pessoal que a gente trabalha do que com a família mesmo, né? Tem mais tempo com o pessoal que a gente trabalha do que com a família, então se torna uma família, né? O alimento, é a única coisa que a gente não conquistou mais foi a marmitex, né? A prefeitura antigamente entregava o marmitex pra gente, entrou a outra gestão e tirou o marmitex. Então na hora do almoço cada uma traz a marmita da sua casa, ou então, a gente faz uma vaquinha e compra um pão, compra um lanche, e é até na hora do lanche, é solidário, cada um dá um pouquinho. Cada um ajunta um pouquinho (E XI, US 26, 27, 28).

Em cooperativa, as catadoras lutam por melhorias e avanços nas atividades que realizam cultivando a esperança por melhorias, como na própria remuneração “Aí a gente já começou a ganhar um dinheirinho, porque na época que eu entrei aqui eu recebia [...] cento e dez real de pagamento, né? E... Aí depois o pagamento foi pra

duzentos e dez, que era o aluguel da minha Nora quando meu filho tava preso (E VI, US 18). Atualmente cada cooperada recebe a média de um salário mínimo e junto a isto, outros benefícios: “Hoje em dia já tem, engravidou, tem a licença maternidade, ficou doente o INSS paga, porque a gente paga pra eles, então, já deu uma caminhada, uma bela caminhada já deu, nós vai chega lá dia um dia, nós chega, né?” (E V, US 13).

Nesta outra passagem de entrevista, a catadora Raissa descreve os avanços conseguidos pela cooperativa, como sendo vitórias coletivas gerando com isto, o reconhecimento das tarefas diárias por todas as participantes da coleta seletiva solidária: “(...) agora a gente também conquistou uma máquina de isopor, a gente tem como tritura o isopor que a gente pega, ah... temos tido conquistas, né? Conquistou bastante (E XI, US 23).

Catadoras, ao conviverem, partilham de enfrentamentos e esperanças, fortalecendo umas às outras nas dificuldades que o viver as impõe através dos cuidados umas com as outras, como diz a participante Raquel em uma passagem de entrevista, relatando que pede auxílio às companheiras quando não consegue fechar as contas do mês até mesmo:

Por isso que às vez eu peço dinheiro emprestado pra Samantha Guerra, quando não, tô pedindo pra Laila, às vezes falta as coisas na minha casa, que a Rosinha mesmo sabe, né? mas assim eu vô indo fio, com a graça de Deus né. É uma vida sofrida, fazê o que? A gente chega lá (E VI, US 11).

Através do trabalho cooperativo realizado, muitas famílias são empregadas, ação que aos olhos de Raissa é expressão também de uma das marcas de solidariedade realizada entre o próprio grupo: “Coleta seletiva solidária, é solidária por quê? Porque emprega hoje, tá empregano mais de 180 famílias, né? num tá desempregada mais de 180 familia. É solidária porque... a gente ajuda um ao outro, né?” (E XI, US 15).

Através do compromisso com o trabalho das participantes, a cooperativa pôde empreender melhorias nas suas ações e organização do trabalho, gerando através dos vínculos entre as participantes, melhores oportunidades de trabalho e emprego.

É significativo, é uma conquista que a gente teve, da gente se reorganiza, né? Porque a gente fazia a coleta assim, num era ‘porta a porta’, qualquer lugar que tinha material a gente pegava, agora não, agora a gente tem a mapeação dos bairros, a gente tem o dia certo pra passa em cada bairro, então eu acho que a gente progrediu bastante. Tem uma relação de amizade, cria até uma relação familiar, porque...

com o pessoal que você trabalha que você convive mais o dia a dia, né? (E XI, US 19)

Os processos educativos de catadoras relativos à prática da catação porta a porta, são elaborados no interagir do grupo, ao trocarem experiências umas com as outras, ajudam e são ajudadas; se atualizam frente às adversidades criando alternativas para melhor realizarem as tarefas como profissionais da reciclagem. Neste envolvimento sugerem mudanças, refletem e interagem, almejando melhorias no cenário de atuação para reconhecimento dos trabalhos que empreendem.

Através das interações que vivenciam como grupo ao coletar os recicláveis atuam de modo crítico, procurando compreender o que envolve toda a prática de coleta seletiva, questionando sobre os processos globais de catação dos recicláveis apesar de muitas vezes estarem restritas à catação porta a porta de residências.

Ao se saber em grupo e dialogar sobre a vida, são geradas práticas que legitimam a participação nos processos educativos internos ao coletivo. Em convívio durante a prática da coleta solidária, catadoras se representam à sociedade, sendo participantes de um grupo em movimento pelas ruas e avenidas da cidade que propaga a separação dos recicláveis, neste processo, o conviver não é apenas um deleite, feito pelo encontro, mas carrega marcas que estabelecem o registro de pertencimento próprio e particular aos que convivem.

Nesta dimensão de compartilhamento, são estabelecidas noções de valorização sobre a vida que em seu desenvolvimento, geram o sentido de aprimoramento pessoal e coletivo frente aos enfrentamentos diários do grupo. Estes processos educativos em comunhão, próprios ao grupo de catadores, se enquadram a partir de verbos como: Cooperar, Escutar, Esperar, Respeitar, Ousar e Interagir.

CONSIDERAÇÕES

Nesta pesquisa buscamos compreender os processos educativos que emergem da fotografia como uma possível linguagem para leitura e comunicação do mundo-vida de catadoras cooperadas de materiais recicláveis. Com este intuito, realizamos a inserção junto com um dos grupos de mulheres catadoras do município de Araraquara/SP, que fazem parte da Cooperativa Acácia de Coleta Seletiva. Durante o primeiro semestre de 2017, pudemos compartilhar, junto ao grupo formado por onze mulheres, momentos da prática da coleta seletiva de recicláveis porta a porta de residências, catando recicláveis através de uma convivência metodológica. Dialogamos com cada catadora e, em conjunto, realizamos suas ações diárias de trabalho, construindo laços de empatia. A partir destes momentos de diálogo, distribuimos câmeras fotográficas digitais a cada uma das participantes, que em unanimidade aceitaram participar da pesquisa.

Através das imagens fotográficas tiradas em diferentes momentos para além da catação, foi possível dialogar sobre o mundo experienciado por cada participante em sua particularidade nos diferentes espaços que habitam e os cuidados que realizam em cada um deles, desvelando assim, os afetos que as mobilizam no agir da prática de coleta seletiva solidária. Para tanto, ressaltamos a necessidade dos vínculos criados ao longo de todo o processo de pesquisar com as mulheres catadoras, que viabilizaram a possibilidade de trocas, ampliando saberes.

Junto com esta prática social e através das reflexões provenientes do referencial metodológico estudado e guiados pela metodologia fenomenológica, pudemos em intersubjetividade com o grupo de catadoras identificar três categorias que desvelam processos educativos que emergem das tramas do mundo-vida das participantes. A primeira categoria intitulada: “Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente... só Deus que sabe”, é atrelada às memórias que as levaram à coleta seletiva solidária, bem como sobre seus históricos particulares e as relações vividas no interior de suas famílias, nela pudemos compreender aspectos significativos na condução de suas vidas e que geram a confiança pela superação de desafios encontrados no dia a dia. A segunda categoria: “A coleta seletiva solidária ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa” provém dos relacionamentos do grupo de catadoras e a comunidade que atendem e convivem através da coleta seletiva, apresentando diferentes processos educativos que compreendemos que revelam

potencialidades na comunicação e empatia com os munícipes ao coletarem os recicláveis e ao incentivarem a prática da separação dos resíduos, assim como denunciam também a práticas que despontam em um comportamento negativo, de não separação dos recicláveis e de maus tratos a elas catadoras. A terceira categoria encontrada leva o título: “Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta”, se vincula aos processos educativos elaborados em convivência entre as catadoras, dinamizando a prática de catação no dia a dia e se fortalecendo como grupo de mulheres catadoras.

Neste processo, foi possível desvelar potencialidades que a fotografia possui no processo de pesquisar em diálogo intersubjetivo junto com grupos, em que os retratos criados, vêm tornar-se pano de fundo para reflexão sobre o contexto de existência tomando o entorno como problemática, sugerindo pelo diálogo através da imagem, a abertura à diferentes significados dados às suas práticas cotidianas. Aspecto oportuno, quando o fazer pesquisa se dá em comum união entre os/as participantes que idealizam o ato fotográfico, pesquisador e colaboradoras/es de pesquisa vinculados através de um compromisso ético pautado no diálogo, já que o que se encontra como destino deste fazer é a própria vida: “Ao se realizar trabalhos na busca do diálogo com o outro, tendo o compromisso ético e social como ponte de partida e chegada, aprende-se a convivência e, com ela, a gostar de si e da vida” (Oliveira, 2009, p. 318).

A fotografia neste estudo, assim, foi encontrada como uma intervenção de proposta metodológica, ao ser tomada no momento mesmo de sua produção como parte constituinte das complexas tramas de relações que as mulheres catadoras possuem com o contexto cultural em que vivem, de modo que ao compartilharem as imagens criadas, dinamizam o encontro consigo mesmas e com o mundo vivido, tornando possível a própria reflexão sobre este em suas diferentes práticas, tomando suas histórias em um constante processo de exercício crítico na construção de suas liberdades (FREIRE, 2014). Colaboração que em movimento intersubjetivo, ao dialogar em grupo ou individualmente sobre as fotografias criadas, cultivam suas representações e do coletivo, inaugurando possibilidades de análise da realidade vivida, fundando no respeito e cumplicidade entre todas, modos de engajamento na transformação de situações controversas de opressão entre participantes, para equidade.

Quanto às limitações encontradas ao realizar esta pesquisa, considero que houveram poucos momentos disponíveis para me encontrar com o grupo todo e realizar rodas de conversa mais estendida para nos alongarmos no diálogo. O tempo reduzido

que as catadoras possuem no dia a dia da catação, dificultaram a realização destas atividades, sendo que possuem apenas um dia na semana para descanso, além de que muitas das participantes, realiza ainda, uma jornada dupla nas tarefas do dia a dia para cuidar da casa e dos filhos.

Neste sentido, vale ressaltar que o diálogo com a cultura popular e de movimentos sociais, exige o contato com as pessoas ao dinamizarem suas experiências, para que não se abarque o vivido apenas pela superficialidade das representações, mas sim em sua integralidade, ou seja, nos diferentes aspectos que amparam um modo de viver e falar da vida.

Se ater às práticas sociais de grupos populares e de movimentos sociais, envolve a compreensão das bases materiais concretas em que são realizadas suas dinâmicas de vida. Pois se situam em diferentes níveis de exterioridade ao sistema hegemônico, amparando-se não na acumulação de bens materiais ou de valores, mas nas necessidades de lutas pela sobrevivência, pautadas em uma ética da alteridade, a qual solicita o outro não para a dependência, mas para os afetos. Para a apreensão de tais processos educativos e criativos elaborados em âmbitos de resistência pela manutenção do viver, não existe uma mensurabilidade temporal de convívio, muito menos seu entendimento estaria em um registro fotográfico fugaz, mas consiste em uma transformação de apreensão poética da vida, e que pode sim, pela partilha dos afetos sensíveis, mobilizados pela experiência intersubjetiva do cotidiano, transformar níveis materiais de existência para a liberdade.

A imaginação se encontra com a vida através da cultura e a materialidade de um lugar, através das pessoas ao exporem seus conhecimentos e valorizarem seus olhares frente ao mundo. Nisto, a memória possui importante papel, é nela que o passado se combina com o presente tomando o formato da consciência sobre o mundo, pois como sinaliza Husserl (1996), toda consciência é consciência de alguma coisa, e todo objeto tem sentido para nós sendo cúmplice da consciência perceptiva que dele tenhamos. Por isso a necessidade de se ater aos processos vividos e observá-los no constante movimento em que vão se produzindo e criando. Reconhecer as muitas histórias que levaram as mulheres catadoras à prática da coleta seletiva solidária, traz à luz os próprios sentidos que emanam desta prática, para além dos níveis de representação das visibilidades que venham a ter, para abarcarem os níveis dos sentimentos.

Para que mudanças significativas sejam propagadas no interior de diferentes grupos e sociedades, e rompam a lógica da colonialidade, as emoções da convivência

humana no discurso, na linguagem não podem ser negados, pois a partir delas se dá o viver humano. É no emocionar que surgem as disparidades, as amizades e inimizades, a vontade pela construção de um mundo cada vez mais democrático em que hajam espaços para os diferentes modos de se articular materialmente o viver envolve entender o vivido também em níveis da emoção, a partir do desejo de convivência e elaboração de projetos comuns e democráticos, pois como afirma Maturana (1998):

[...] a tarefa de criar uma democracia começa no espaço da emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual constinualmente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação ou abuso sistemático. Tal empreendimento é uma obra de arte, um produto do desejo da convivência democrática, não da razão. Se não aceitamos a presença do fluir emocional num discurso não o compreendemos, e se não nos ocupamos do propósito criativo do discurso democrático, se não nos inteiramos de que a democracia pertence ao desejo e não à razão, não seremos capazes de viver em democracia, porque lutaremos para impor a verdade. A democracia é uma conspiração para uma convivência na qual a pobreza, o abuso e a exploração são erros a serem corrigidos e são corrigidos porque se tem o desejo de fazê-lo. (MATURANA, 1998, p. 77).

O corpo não é passivo a todo processo vivido, mas é meio de contato com o mundo e outrem, somos corpo, e o imaginário que alimentamos é também componente de uma re-ação, pois organizamos nossas ações situando espaços-tempos compartilhados, constituindo perspectivas de mundo em que a intersubjetividade é um motor e alimento de toda esperança. Freire (2011) ao dizer esperança, a diz em responsabilidade com as necessárias mudanças, para que perspectivas negadas de se criarem em ação e reflexão deixem de ser discriminadas socioeconomicamente e impedidas de serem em comunhão, aspecto que não dispensa também a imaginação, que “[...] dando-se em torno da análise de sua realidade” (FREIRE, 2011, p.56) terminam por antecipar um “mundo mais bonito” (FREIRE, 2011, p. 56).

Pautar a superação dos mecanismos coloniais que impingiram a discriminação de práticas e saberes de grupos sociais diversos, e que no interior dos diferentes grupos atinge de modo opressivo as relações, decorre colocar em questionamento as histórias e mentalidades próprias dos períodos de colonização, e que atualmente são perpetrados pela colonialidade do poder, a qual ainda produz uma sociedade patriarcal e com traços de discriminação étnico-racial, bem como, difunde por meio do capitalismo neoliberal um modelo de desenvolvimento como sistema totalizante e global, determinando

desenvolvimentos tecnológicos e científicos baseados em uma lógica de produção pautada na obsolescência programada, geradora de cada vez mais resíduos.

Se faz necessário pensar, nos tempos atuais, a postura colonial que ainda é presente e sufoca modos diferenciados ao hegemônico de se pensar o viver, imobilizando e desestabilizando relações, ligando os afetos a níveis materiais ou compromissos fugidios, dos quais os gostos apenas afirmam condições sócio-econômicas apegadas ao consumo de bens e de visualidades, que fazem do cuidado entre os seres tornar-se cada vez mais escasso.

Em movimento reflexivo sobre os tempos atuais, indagar a palavra desenvolvimento, tão impregnada nos objetos tecnológicos, abarca visualizar em sua projeção moderna a própria revalorização do capital sobre todas as coisas. Trazer à luz suas táticas e revelar sua artimanha envolve a compreensão do que sua dissuasão tem feito sobre as relações humanas, as transformando e tencionando a adquirirem cada dia mais a mesma conotação de objetos, sendo vinculados à posse em detrimento a todo sentimento que possam ter, fazendo com que nesta contradição sejam esvaziados os anseios e valores comunitário que possamos ter frente ao mundo. Para superar esta condição de opressão, a qual repete na história as táticas da colonização, e nisto, seguir em busca da descolonização do viver, Freire (2011) nos alerta que uma proposta de embate para transformação envolve a necessidade de buscar coerências entre o vivido e o imaginado, entre a fala e as ações, movimento em que “nenhum colonizado, como individuo ou como nação, sela sua libertação, conquista ou reconquista sua identidade cultural sem assumir sua linguagem, seu discurso e por eles ser assumido” (FREIRE, 2011, p. 243).

Identificar processos educativos provenientes do fazer criativo de grupos populares, gera condições de localizar potencialidades da constituição de aspectos que promovem a ampliação simbólica de saberes e práticas, em sentido de elevação de expectativa esperançosa dos grupos, próximo daquilo que Santos (2004), vem chamando por sociologia das emergências, que consiste em:

[...] substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente através das atividades de cuidado (SANTOS, 2004, p. 794).

Ao se situar com as catadoras, apreendendo sobre o mundo vida que dinamizam, as fotografias por elas tiradas são como janelas que iluminam a visão, provocando reflexões sobre os tempos vividos, abrindo brechas nas representações que a cidade imprime à vida deste grupo. Ao serem criadas fotografias e dialogar sobre elas junto com as mulheres catadoras, torna-se possível a construção de diálogos sobre a própria reciclagem de materiais e a apreensão de seus mundo-vida, afirmando com isto, as bases que organizam suas trocas como mulheres organizadas em cooperativa, e que podem fortalecer, ao realizarem suas ações cada vez mais compartilhadas, a construção de um viver mais comunitário atrelado à busca de condições cada vez mais dignas de se viver, um Bem Viver. A partir destes anúncios, onde a colaboração é pauta de um labor diário, podemos visualizar a mudança que propõem com suas ações, que não se distanciam também de um apelo para a construção de contextos em que a saúde e a educação não sejam vistas como instituições atreladas a um viés mercadológico, nem o transporte de qualidade um bem amparado apenas em veículos privados e não coletivos.

Pela cumplicidade entre as participantes do grupo de catadoras, e a motivação que encontraram na atividade de fotografar para compartilhar imagens fotográficas, incentivado por elas, procurei por editais de financiamento para organizar um projeto expográfico das fotografias que criaram, e conseguimos através de um edital municipal de apoio à cultura, destinado à materialização de obras artísticas com a finalidade de compor a programação da Festa Municipal do Trabalhador de Araraquara, realizada no dia 1º de maio. Com este investimento, ganhamos um mil reais para materialização das fotografias. Assim, foi possível além de as revelar em grande tamanho, também emoldurar as fotografias que ficaram num formato de 40 x 60 cm. Junto às fotografias, cada participante elaborou uma frase que significasse a imagem, para acompanhar o retrato que produziu. O grupo de catadoras se mobilizou para estar na festa, apesar de algumas delas não poderem estar no dia da exposição, e no momento do evento tivemos acesso ao camarim com comes e bebes. Durante o dia da exposição, houve uma circulação grande de pessoas apreciando as fotografias, pois além delas, houveram muitas atrações culturais, como shows, danças e teatro. As participantes catadoras em muitos momentos do evento permaneceram próximas às fotografias e muitas vezes conversaram com os visitantes, houve também muitos familiares prestigiando a exposição.

Após esta primeira incursão em exposições, a mesma mostra foi selecionada para participar da XVI Semana de Ciências Sociais da Universidade do Estado de São

Paulo (UNESP) campus Araraquara, dos dias 30 a 03 de outubro, sendo as fotografias, expostas no saguão da biblioteca da Universidade. Atualmente, as fotografias estão em exposição no Museu da Imagem e do Som do Município de Araraquara desde novembro de 2017, com data agendada para serem expostas no museu municipal do mesmo município em fevereiro 2018. Além destas mostras, as fotografias e as catadoras participantes, também fizeram parte do encontro da Rede Anastácia de cooperativas de catadores da região interiorana de São Paulo, também ocorrido na cidade de Araraquara no dia 26 de outubro de 2016, ocorrido no centro de convenções municipal de Araraquara²⁵

Reconhecer o olhar daquelas que declamam diariamente o convite à separação dos recicláveis, e se situar com elas, nos possibilita ver em suas atitudes a produção de saberes que geram o próprio desenvolvimento e emancipação profissional, por propagarem valores e refletirem sobre estes. Catadoras representam não só alternativas ao sistema de produzir, usando menos água e energia, aproveitando os materiais já utilizados, mas, invertem a lógica das condições de produção, ao reelaborarem o capital pela força de trabalho coletivo, em autogestão, ou seja, todas podem participar da organização e das decisões do empreendimento, conforme haja cada vez mais um entendimento colaborativo, coletivo e de autogestão no interior da cooperativa, um maior engajamento por parte de todas/os que dele participam beneficiará a sua organização autogestionária.

Valorizar o trabalho e a dignidade de catadoras submetidas a décadas de descaso, em mudança para a condição de cooperadas, perpassa romper com a linha de assistencialismo, promovendo e reconhecendo a superação e auto-superação. Conhecer suas vidas, que muitas vezes vieram de um longo período de catação autônoma, nos dá possibilidade de vislumbrarmos a necessidade de mudanças necessárias por parte da governança, comprometida com níveis de transformações sociais e éticas, pelos direitos das trabalhadoras à uma vida digna.

Catadoras ao realizarem suas ações, empreendem dimensões de vida de qualidade para si, para o grupo, para a comunidade onde atuam, para o mundo, reciclam: energias, saberes, experiências, possibilidades de superação de um sistema forjado para o consumismo de bens para o exercício da troca, da partilha, do bem viver para todos e todas.

²⁵ As fotografias de registro das exposições estão nos anexos da dissertação.

REFERÊNCIAS

A CIDADE ON. **Furto de recicláveis da coleta seletiva vira caso de polícia.** Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/policia/NOT,2,2,1276658,Furto+de+reciclaveis+da+coleta+seletiva+vira+caso+de+policia.aspx>>. Acesso em: 20 dez 2017.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

ADAMETES, Cláudia M. **Catador(as) de lixo em trajetória: busca do lugar social.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, SP, 2006.

ALMEIDA, Suely S. Essa Violência mal-dita. In: _____. (Org.). **Violência de gênero e políticas públicas.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

ANDRADE, Carlos D. **Sentimento do mundo.** São Paulo: Companhia das letras, 2012.

AQUINO, Israel F. CASTILHO JR, Armando B. PIRES, Thyrza S. D. L. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. In: **Gestão e Produção**, v.16, nº1, jan – mar 2009. p. 15-24.

ARAÚJO-OLIVERA, Sônia S. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W. de; SOUSA, Fabiana R. (Org.) **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação.** São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 47-112.

ARROYO, João C. T.; SCHUCH, Flávio C. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário.** São Paulo: Perceu Abramo, 2006.

BARBOSA, Ana M. **Arte-educação: conflitos e acertos.** São Paulo, Max Limonad, 1984.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERGER, Jhon. **Modos de ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BESSEN, Gina R. **Coleta seletiva com inclusão de catadores: construção participativa de indicadores e índices de sustentabilidade.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP 2011.

BICUDO, Maria A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 65-88.

BOSI, Antônio P. A indústria da reciclagem: a organização capitalista do trabalho dos catadores. In: **Universidade e Sociedade**, Distrito federal, v. 19, nº 45, janeiro de 2010. p. 175-191.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Prefácio. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana. R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 11-18.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Câmara aprova política nacional de resíduos sólidos**. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/MEIO-AMBIENTE/145758-CAMARA-APROVA-POLITICA-NACIONAL-DE-RESIDUOS-SOLIDOS.html>>. Acesso em 05 janeiro 2018.

CANCLINI, Nestor G. Fotografia e ideologia: seus pontos comuns. In: **Feito na América Latina: II colóquio latino-americano de fotografia**. Tradução de Alencar Guimarães e Maria Aparecida Roncato. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987. p. 13-18.

CARTIER, Ruy; BARCELLOS, Christovam; HÜBNER, Cristiane; PORTO, Marcelo F. Vulnerabilidade social e risco ambiental: uma abordagem metodológica para avaliação de injustiça ambiental. **Caderno Saúde Pública**, v. 25, n. 12, p. 2695-2704, 2009.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM (CEMPRE). **Fichas técnicas: lata de alumínio**. Disponível em <<http://cempre.org.br/artigo-publicacao/ficha-tecnica/id/5/latas-de-aluminio>>. Acesso em 14 dez 2017a.

_____. **Fichas técnicas: pet**. Disponível em: <http://cempre.org.br/artigo-publicacao/ficha-tecnica/id/8/pet>. Acesso em 14 dez 2017b.

CORNIERI, Marina G. FRACALANZA, Ana P. Desafios do lixo em nossa sociedade. In: **Revista brasileira de ciências ambientais**, nº16, junho de 2010. p. 57-64

CHAUÍ, Marilena. Husserl: vida e obra. In: HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: sexta investigação. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

CHERFEM, Carolina O. **Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2014.

DAMÁSIO, João. **Análise do custo de geração de postos de trabalho na economia urbana para o segmento dos catadores de materiais recicláveis**, 2006. Disponível em: <<http://www.coletasolidaria.gov.br/menu/materialdeapoio/Analise%20do%20Custo%20de%20Geracao%20de%20Postos%20de%20Trabalho.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

DAMKE, Ilda R. **O processo de conhecimento na pedagogia da libertação**: as ideias de Freire, Fiori e Dussel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DEMAJOROVIC Jacques. LIMA Márcia. **Cadeia de reciclagem**: um olhar para os catadores. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

DIAS, Sonia; FERNANDEZ, Lucia. 2013. Waste Pickers – A gendered perspective. In: BLERTA, Cela; DANKELMAN, Irene; STERN, Jeffrey (Org.). **Powerful synergies: gender equality, economic development and environmental sustainability**. United Nations Development Programme, pp. 153-157.

DIAS, Sonia; MATOS, Marlise; OGANDO, Ana Carolina. Mujeres recicladoras: construyendo una agenda de género en las organizaciones de recicladores”. In: CASTELLANO, Fernando L. (org.). **Medio ambiente y desarrollo**: miradas feministas desde ambos hemisferios. Granada: Editorial Universidade de Granada, 2013. p. 221-240.

DOTTA. Rafaella. **A importância dos catadores já foi aceita, agora o debate é sobre a sua valorização**. Disponível <<http://www.mncr.org.br/artigos/201ca-importancia-dos-catadores-ja-foi-aceita-agora-o-debate-e-sobre-a-sua-valorizacao201d>> Acesso em 07/01/2018.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino americana III**: erótica e pedagógica. Piracicaba: Edições Loyola, 1977.

_____. **Método para uma filosofia da libertação**: superação analética da dialética Hegeliana. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. **Oito ensaios sobre américa-latina e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Autopercepción intelectual de um processo histórico. **Anthropos**. Barcelona/Espanha: projeto A. Ediciones, n. 180, p. 13-36, set/out. 1998.

_____. Alguns princípios para uma ética ecológica material de libertação (relações entre a vida na terra e a humanidade). In: PIXLEY, Jorge (Coord) **Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global**. Petrópolis: Vozes. 2003, p.23-35.

_____. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31; Número 1; Janeiro/Abril 2016, p.51-73.

_____. **Política nacional de de resíduos sólidos: agora é lei**. São Paulo, 2010. Disponível em < <http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos> > Acesso em: 27 dez 2017c.

COOPERATIVA ACÁCIA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.acaciacoleta.com/quem-somos/quem-somos/>>. Acesso em: 25 junho 2017.

_____. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.acaciacoleta.com.br/quem-somos/historico/>>. Acesso em: 25 junho 2017.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico: e outros ensaios**. 14º ed.,Campinas: Papirus, 2012.

EIGENHEER, Emílio. Lixo, vanitas e morte. julho-setembro 2015. Rio de Janeiro: **Revista brasileira de letras**. Entrevista concedida à revista.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIORI, Ernani Maria. **Textos escolhidos: v.I: Metafísica e história**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. **Textos escolhidos: v.II: Educação e política**. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FORD, Kyrtilene A. S. O meu destino é a gaveta: a fotografia extraviada. In: Costa, Robson Xavier da; Silva, Maria Betânia; Carvalho, Lívia Marques (Org.). **Pesquisas e metodologias em artes visuais**. João Pessoa: UFPB; [Recife]: Editora UFPE, 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros ensaios**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da esperança**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

GONÇALVES-DIAS; Sylmara L. F.; MENDONÇA, Patrícia M.; TEODÓSIO, Armindo S. S.; SANTOS, Maria C. L. *Frames de ação coletiva: uma análise da organização do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis no Brasil – MNCR*. In: Seminário Nacional sobre Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 3., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. p. 2007-2029.

GONÇALVES-DIAS, Sylmara L. F. **Catadores: uma perspectiva de sua inserção no campo da indústria de reciclagem**. Tese de doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental/Universidade de São Paulo, 2009.

GONÇALVES, Marilene P. **Do material reciclável sobreviver, resistir e dele uma identidade construir**. Dissertação de mestrado em política social. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

GONÇALVES FILHO, José M. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p.95-124.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz. (Org.). **Interfaces do lazer: educação trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. p. 54 - 108.

GOULART DE OLIVEIRA, Fabiana; LIMA, Francisco D. P. A. **Eficiência e solidariedade nas associações de catadores de materiais recicláveis**. Working Paper n.22, 2012.

GRIMBERG, Elibeth. BLAUTH, Patrícia. Coleta seletiva: Reciclando materiais, reciclando valores. **Instituto Pólis – Estudos, formação e Assessoria em Políticas Sociais**, São Paulo, nº 31, 1998. Disponível em: <polis.org.br/publicacoes/coleta-seletiva-reciclando-materiais-reciclando-valores/>. Acesso em: 23 dez 2017.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura S. MENESSES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

GUDYNAS, Eduardo. La ecología política del giro biocéntrico em la nueva constitución del Ecuador. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, nº 32, abril 2009, p. 34 - 46.

_____. Transições ao pós-extrativismo: sentidos, opções e âmbitos. DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). **Descolonizar o imaginário: debates**

sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 174-212.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. 4 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1987.

HOBSBAWM, Eric. Rumo ao milênio. In: **A era dos extremos**: O breve século XX, 1914-1991. 2ª Ed. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 537-562.

HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas: sexta investigação. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

INSTITUTO ETHOS. **Vínculos de negócios sustentáveis em resíduos sólidos**. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www3.ethos.org.br/cedoc/vinculos-de-negocios-sustentaveis-em-residuos-solidos-dezembro-2007/#.VfjHvPIVikp>>. Acesso em 12 set. 2016.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável** – Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf> Acesso em 22 dez 2017.

_____. **Relatório de pesquisa**: Pesquisa sobre Pagamento por Serviços Ambientais Urbanos para Gestão de Resíduos Sólidos. 2010. Disponível <http://www.mma.gov.br/estruturas/253/_arquivos/estudo_do_ipea_253.pdf> Acesso em 20 dez 2017.

JACOBI, Pedro R.; BESEN, Gina R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 71, p. 135-158, 2011.

KOSSOY, Borys. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 5 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LAJOLO, Roberto D. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis**: guia para implementação. São Paulo: Instituto Pesquisas Tecnológicas/SEBRAE, 2003.

LAYRARGUES, Philippe P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos. CASTRO, Ronaldo S. (Org). **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 87-155.

LEAL, Antonio C. et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Terra Livre**, São Paulo, v.18, nº 19, jul – dez 2012. p. 177-190.

LEFF, Enrique (Org.). **Justicia ambiental**: construcción y defensa de los nuevos derechos ambientales culturales y colectivos en América Latina. Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente, 2001.

_____. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 34, nº3, set - dez 2009. p. 17-24.

LOGAREZZI, Amadeu. Educação ambiental em resíduo: uma proposta de terminologia. In: CINQUETTI, Heloisa C. S. LOGAREZZI, Amadeu. **Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007a. p. 85-118.

_____. Educação ambiental em resíduo: o foco da abordagem. In: CINQUETTI, Heloisa C. S. LOGAREZZI, Amadeu. **Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007b. p. 119-144.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tábula Rasa**, Bogotá, nº09, jul – dez 2008. p. 73 – 101.

MAGERA, Marcos. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas: Átomo, 2003.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V; ESPÓSITO, Vitória C. H. (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2 ed. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 35- 46.

MARTINS, C. **Todos os dias duas toneladas de material são furtadas da Acácia**. Disponível em < <http://www.araraquara.com/noticias/noticiasinternaNOT.aspx?idnoticia=1040314>>. Acesso em: 10 julho 2016.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiésis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MEDEIROS, Luiza F. R.; MACÊDO, Kátia B. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?** *Psicologia & Sociedade*, 18 (2) pp 62-71; mai/ago de 2006.

MEJÍA, Marco R. Pós-fácio - la educación popular: una construcción colectiva desde el sur y desde abajo. In: STRECK, Danilo S; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 369-398.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MERLAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naiy, 2013.

MONTEIRO, José H. P. et al. **Manual de gerenciamento integrado de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: Ibam, 2001.

MORAES, Daniela G.S.V.M. **Políticas públicas municipais, trabalho e empreendimentos solidários na coleta seletiva: O caso da cooperativa Acácia em Araraquara (SP)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

MOURA FÉ, Carlos F. C. FARIA, Maurício S. Catadores de resíduos recicláveis: autogestão, economia solidária e tecnologias sociais. In: ZANIN, Maria. GUTIERREZ Rafaela F. (Orgs.). **Cooperativas de catadores: reflexões sobre práticas**. Clara Luz: São Carlos, 2011. p.15-36.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS. **Mulheres são maioria entre catadores de materiais recicláveis**. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acessado em: 10 abril 2018.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. 16 ed. São Paulo: Difel, 1983.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

O IMPARCIAL. **Quanto Acácia deveria receber pelo serviço social e ambiental que realiza?**. Disponível em <<http://www.jornaloimparcial.com.br/2016/noticias/quanto-a-acacia-deveria-receber-pelo-servico-social-e-ambiental-que-realiza>>. Acesso em 20 dez. 2017.

OLIVEIRA, Denise A. M. **Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis: estudo em uma cooperativa em Salvador-Bahia**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho. Universidade Federal da Bahia, Bahia, BA, 2011.

OLIVEIRA, Maria W.; STOTZ, Eduardo N. Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: Reunião anual da ANPEd, 27., 2004, Caxambú. **Anais...** “Sociedade, democracia e educação: qual Universidade?”. Caxambú: ANPEd, 2004. (CD-ROM).

OLIVEIRA, Maria W. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Caderno CEDES** (Impresso), v. 29, n.79, p. 309-321, 2009.

OLIVEIRA Maria W. et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014a. p. 29-46.

OLIVEIRA Maria W. et al. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014b. p. 113-142.

OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAIVA, Camila C. **As relíquias do lixo: mulheres catadoras e o engenhoso trabalho de cooperar e resistir**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2017.

PEREIRA, Mirlei F. V. (2010), “A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais e perspectivas em tempos de globalização”, **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22(2), 347-355.

PINHEL, Julio R.; ZANIN, Maria; MÔNACO, Graziela D. Catador de resíduos recicláveis: um perfil profissional em construção. In: **Cooperativas de catadores**: Reflexões sobre práticas. São Carlos: Clara luz, 2011. p. 53- 102.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84- 130.

REZENDE, Antonio M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RIPKA, Livia A. **Grande depósito de lixo do pacífico contém 87 mil toneladas de plástico**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/03/grande-deposito-de-lixo-do-pacifico-contem-87-mil-toneladas-de-plastico.shtml>>. Acessado em: 10/04/2018

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagógica dialógica. **Motriz**. V.15, p.987-995,2009.

RODRIGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In:

SAFIOTTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. WINFRIED, Nöth. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. p. 329-367.

_____. Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 01, jan – jun de 2001, p. 7-34.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777- 821.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 31- 83.

_____. Um ocidente não ocidentalista? a filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2010b. p. 519-562.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Luciane L. Consumo, hierarquias sociais e colonialidade econômica: na contramão de uma banalização da consciência. **Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo**, São Paulo, v. 2, nº 06, set – dez de 2015. p. 12-33.

SÉRGIO, Manuel. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SILVA, Petronilha B. G. Araújo-Oliveira Sonia S. Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. **Corredor de las ideas del cono sur: sociedade civil, democracia e integracion**. Montevideo, vol. VI. p. 1-8, 2004. Disponível em < http://www.corredordelasideas.org/v2/vi_corredor_ponencias3.htm > Acesso em: 05 mai 2017.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SIQUEIRA, Thais M. O. ASSAD, Maria L. R. C. L. Compostagem de resíduos sólidos urbanos no estado de São Paulo (Brasil). In: **Ambiente e sociedade**, São Paulo, v. 18, nº4, out-dez de 2015. p. 243-261

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

VALIM, Isabela. **Gênero e meio ambiente: dupla jornada de Injustiça ambiental em uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis**. Dissertação de

Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 1996.

VALLA, Victor Vicent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil: Ministério da Saúde, 2014. p. 35-48.

VILANOVA NETA, Maria A. Manejo de resíduos sólidos. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas de saneamento 2011**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv53096_cap9.pdf> Acesso em 12/05/2017.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WEIL, Simone (1943). O enraizamento. In: BOSI, Ecléa (Org.). **Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2.ed.ver. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, pp. 411-412.

WIRTH, Ioli G. **Mulheres na triagem, homens na prensa**: questões de gênero em cooperativas de catadores. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

ZANIN, Maria. MANCINI, Sandro D. **Resíduosplásticos e reciclagem**: aspectos gerais e tecnologia. São Carlos: EDUFSCAR, 2004

APÊNDICES

A. Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br



Termo de consentimento livre e esclarecido

1. Você está sendo convidada/o para participar da pesquisa em nível de mestrado intitulada “**Mulheres catadoras fotografando o mundo-vida, revelando processos educativos**” de autoria de Conrado Marques da Silva de Checchi, sob orientação do professor Doutor Luiz Gonçalves Junior, ambos vinculados à Universidade Federal de São Carlos pelo Programa de pós-graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas, na linha de pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos.
2. Você foi selecionada/o por ser participante de um dos grupos de catação porta a porta da “Cooperativa Acácia de catadores de materiais recicláveis de Araraquara”. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa em participar da pesquisa ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, não trará nenhum prejuízo para você no presente ou no futuro.
3. O objetivo geral dessa pesquisa é Identificar, descrever e compreender os processos educativos que são desvelados na intervenção realizada com catadoras da cooperativa Acácia de coleta seletiva, cuja linguagem fotográfica buscou possibilitar a comunicação e leitura crítica de seus mundos-vidas. Com isto, busca-se desvelar quais processos educativos são desencadeados pelo grupo durante a prática de catação porta a porta em sentido de autoria e planejamento de seus destinos.
4. Para o levantamento dos dados desta pesquisa lhe será emprestada uma câmera fotográfica digital, que ficará com você, podendo a levar para casa durante o transcorrer desta pesquisa. Ela lhe servirá para criações de imagens e registros que julgue responder à pergunta: “O que é isto: Catar materiais recicláveis solidariamente?”.

Durante os dias de atividade de coleta porta a porta, após uma semana que esteja com a câmera fotográfica digital, levarei o computador notebook para que apreciemos as imagens digitais criadas, e você selecionará algumas para revelação (impressão), porém apenas 3 fotografias servirão a este estudo e que serão apresentadas ao grupo todo.

5. Após a devolução de todas as câmeras fotográficas ao pesquisador, com as fotografias captadas por você e demais participantes serão realizadas algumas rodas de conversa, cerca de três encontros para apreciação das imagens obtidas e selecionadas por cada uma à apresentação. Neste momento todas poderão, havendo o interesse de cada autora, apresentar o conteúdo das imagens escolhidas, cabendo ao pesquisador apenas ressaltar aspectos das fotografias apreciadas como composição, enquadramento, influência da luz e recursos da máquina fotográfica, incentivando à prática de fotografar e analisar as imagens fotográficas. Este diálogo respeitoso em grupo, será registrado em filmagem audiovisual e sua transcrição fará parte da composição desta pesquisa.

6. Após estas etapas iniciais, o pesquisador realizará entrevista individual e isolada, com cada participante, em momento disponível, durante a catação porta a porta, para que, retomando as fotografias obtidas pela participante - que estarão em mãos no momento - realizemos diálogo que será gravado em áudio.

7. O pesquisador prevê durante todo o desenvolvimento da pesquisa, realizar o uso de diários de campo, para que anote reações, comportamentos, etc., para complemento e enriquecimento dos registros em áudio e visuais que serão obtidos.

8. Destaco que todas as imagens produzidas são de direito particular seu, para isso serão todas numeradas em arquivo digital e devolvidas por meio de mídia, gravadas em um CD ao fim da pesquisa, ou em momento anterior que as queira em mãos.

9. Todo o direito intelectual sobre as imagens fotográficas criadas, são de direito de seus autores. Para tanto, você autoriza sem ônus ou prejuízo, o uso de sua própria imagem e das fotografias obtidas nesta pesquisa, para publicação, difusão e exposição em diferentes meios de comunicação. Assim como, a divulgação em meio acadêmico-científicos e culturais, podendo ser divulgadas em congressos, simpósios, palestras e congêneres.

10. Notifico, afirmando seu consentimento, que para desenvolvimento desta pesquisa todos os dados obtidos, assim como as imagens fotográficas e registros audiovisuais, notas de campo e entrevistas, serão utilizados nos relatórios periódicos do projeto.

11. Para a preservação da imagem e identidade de transeuntes, que possam estar presentes nas fotografias obtidas, serão modificados através de recursos de edição de imagem sobre o semblante destes (um borrão será feito), de modo que não seja possível sua identificação.

12. Você terá que despende um tempo para criar fotografias, mas vale enfatizar que não há maneiras certas ou erradas de fotografar, ou respostas certas ou erradas sobre as conversas decorrentes, e o pesquisador poderá sempre auxiliar quando houver dúvidas. Para evitar qualquer alteração significativa na rotina, a entrevista e roda de conversa da presente pesquisa ocorrerão antes das saídas à catação porta a porta de recicláveis, ou em locais de encontro do grupo durante a atividade, em momento de pausa para descanso, havendo disponibilidade para isso.

13. Embora a entrevista e roda de conversa seja realizada da forma mais amena possível poderá gerar constrangimento (timidez, vergonha, nervosismo) e desconforto (dor de cabeça, tensão nervosa, choro, angústia, tristeza, estresse), uma vez que ao compartilhar informações pessoais e confidenciais através das imagens, você terá que expor sua vida profissional e pessoal. Para minimizar os riscos, o pesquisador declara total compromisso e respeito aos participantes, respeito aos cuidados éticos deste termo de consentimento, e para sigilo dos participantes e de suas identidades, em todo registro da pesquisa serão utilizados nomes fictícios de preferência e escolha das/os participantes. É interessante reforçar que a/o participante poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

14. Em relação aos benefícios desta pesquisa pode-se dizer que serão ensinadas algumas técnicas sobre composição fotográfica e a roda de conversa poderá contribuir para o bem estar e organização do grupo, bem como promover momento de reflexão sobre a atividade de catação realizada de modo cooperado. As imagens poderão ainda, impactar de forma positiva a valorização e o reconhecimento social da prática da coleta seletiva solidária por catadoras/es cooperadas/os e o movimento social que realizam, e contará com a devolutiva do pesquisador dos resultados obtidos, por meio do envio, em um arquivo digital, do trabalho final até o mês de março de 2018.

15. As informações obtidas dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a sua identificação.

16. A participação nesse projeto não implicará em ônus financeiro para você.

17. Você receberá uma cópia deste termo na qual consta o telefone e o endereço eletrônico da pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Conrado Marques da Silva de Checchi

RG: 45955767-1 / CPF: 370.111.128-63

Mestrando do PPGE/UFSCar, orientador Prof. Dr. Luiz Gonçalves Jr.

conradomarq@gmail.com / Fone: (16) 988286321

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km 235 – Caixa Postal 676 – CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone: (16) 3351-8111. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Assinatura da/o participante

RG: _____ / CPF: _____ / Fone: _____

Araraquara, ___/___/2017

B. Transcrição das entrevistas

Entrevista I Nádila - 29 de março de 2017

Conrado: Nádila, me conta um pouquinho de sua história, sua vida.

Nádila: Meu nome é Nádila, tenho 26 anos, tenho 3 filhos e sou casada (1). Trabalho na coleta faz uns 8 meses, que eu trabalho na coleta, conheci várias pessoas na rua, no dia a dia, coletando os material (2), e é isso.

Conrado: E você nasceu aonde Nádila?

Nádila: Nasci em Araraquara.

Conrado: E como você chegou na coleta?

Nádila: Ah, eu tava desempregada, meu marido também, aí a Aurora já trabalhava na coleta, e ela falou que tava precisando, aí eu peguei e fui conversar com a coordenadora, aí ela me contratou, depois de dois sábado que eu fui lá ela me contratou (3).

Conrado: Foram duas semanas, foi assim que começou então. Nádila, e o que é que significa, representa a coleta seletiva pra você?

Nádila: Pra mim, a coleta significa muita coisa, que é da onde eu tiro meu ganha pão né, e a gente ajuda a deixar a cidade mais organizada, mais limpa, ajuda nas enchente, ajuda a natureza, o meio ambiente né, é isso. Ela ajuda o meio ambiente é meu ganha pão, conhece muita pessoa, entendeu? Tipo assim, é a convivência com o povo no dia a dia, porque cada dia você tá num lugar, conhece muitos lugares, muitas pessoas, que você nem imaginava que ia conhecer, entendeu? Faz várias amizade (4), e é isso (risos).

Conrado: Que joia Nádila. Queria saber também qual o significado das três fotos selecionadas.

Nádila: O que significa pra mim as três fotos, né? A primeira foto é sentido da minha vida né, é a razão do meu viver, meus filhos, é tudo que eu tenho de mais importante na vida, por eles eu sou capaz de fazer qualquer coisa, entendeu? É o Éverton, Sônia e a Olívia. Tem a Sônia que tá com 4, a Olívia com 3, e o Everton que vai fazê 2. É eu meu marido, meus três filhos, cachorro, papagaio, tartaruga, pato, galinha, pato, pintinho e já era (risos) (5).

Conrado: Tem até um patinho?! Que gostoso hein, lá no Bairro Universal que você mora?

Nádila: Tem... É lá no Universal, vamos pra segunda foto. A Aurora e a Cíntia, são duas pessoas importantes pra mim na coleta, são minhas amiga, minhas parcêra que fecha comigo, é tipo como se fosse uma irmã pra mim na coleta, entendeu, as duas tem muita importância pra mim. É as brincalhona, às vez cê tá assim, num dia pensativa que aconteceu alguma coisa, vem as duas palhacinha e te alegre, entendeu? Elas significa muita coisa pra mim. É uma família (6).

Conrado: E nesta terceira imagem?

Nádila: Ah isso daí é o momento que a gente separa os bags, né, pra ih pra rua, eu acho que é o momento que o grupo tá mais reunido, entendeu? Na separação do bag, porque depois cada um vai pro seu destino, é a união do grupo, entendeu? Porque aí tipo assim, tá todo mundo se você repará na foto, entendeu? A gente tá mais unido aqui, depois cada um pega sua rua e vai se distanciando, até acaba a rua, né (7).

Conrado: Gostei muito da foto, parece até uma dança.

Nádila: Parece que os bag tá em movimento né, dependendo do jeito que cê olha... Pra tirá a foto ... Ah, eu gostei, né? Porque tipo assim, foi uma coisa, que eu mostrei que eu sou mãe, dona de casa depois de trabalhar na coleta entendeu? Eu gostei dessa primeira foto que eu tirei (8).

Conrado: Que ótimo... E nesta segunda?

Nádila: Essa daqui eu tirei de surpresa, eu gostei também (risos), essa, a terceira, foi tudo surpresa, ninguém sabia que eu tinha tirado.

Conrado: E o que você gostaria de acrescentar sobre tudo?

Nádila: Eu gostaria de pedir a colaboração das pessoas pra tá reciclando mais e mais, cada vez mais, pra ajuda o meio ambiente, aumenta a nossa renda, e é isso. Porque, é tipo assim, da coleta eu tiro meu ganha pão, quanto mais bag eu enche, mais a gente vai ganha, entendeu? (9)

Entrevista II Cíntia – 29de março de 2017

Conrado: Cíntia, me conta um pouquinho de sua história, sua história de vida.

Cíntia: Bem, minha história de vida, eu sou auxiliar de padeiro, fazia nove meses que eu estava desempregada, aí foi onde que eu entrei na coleta, estou aqui por motivo, assim, que estou precisando, por causa de meus filhos, se não fosse por eles já tinha abandonado. (1)

Conrado: Você é de Araraquara, nasceu aqui?

Cíntia: Sim, sou do ano de 1983, tenho 33 anos.

Conrado: Você terminou os estudos?

Cíntia: Não, parei na quarta série. Depois que cê casa e tem filho, aí que ocê num termina os estudo mais mesmo. Aí já num dá mais, e outra num tenho mais paciência mai pra isso. Até tentei, duas vezes lá no Sesi, mais num tive paciência, parei. Abandonei. (2)

Conrado: O que é isso, o que representa, significa em sua vida a coleta seletiva solidária?

Cíntia: Nossa Conrado, que pergunta difícil, eu num sei explicá. Eu num vô sabe explicá essa aí não. Eu acho assim, a coleta é tipo assim, é um serviço assim, pra, como eu posso dizê... Pra reciclagem, que é pra recicra materiais, e tem muitos que coloca recicrage junto com o lixo, e não é isso, é só reciclage. Acho que é isso. E o que ela representa... Por enquanto ela tá ajudando, tá ajudando bastante. (3)

Conrado: E qual o significado destas três fotos escolhidas:

Cíntia: Bom, aí foi a agente colocando os bag no caminhão, pra gente podê já ih pra rua, porque aí é tipo assim, todo mundo ajudando a coloca os seus bag ali pra dentro. Aí é tipo assim, a gente já separo os bag, pra gente pode ih pra rua né, ih pra rua podê começa a trabalha. Acho que é isso. Fico uma foto legal, bonita. Fazê como a Samantha Guerra fala “da hora”, fico da hora. Ainda falta turma aí ainda, falta gente, mas fico uma foto bonita. Fico uma foto chic essa daí. (4)

Conrado: Vamos para a segunda escolhida.

Cíntia: Essa daí foi já a gente já indo já pra rua já, pra pra podê fazê a coletagem, então é tipo assim, como eu posso pegá pra explicá... Ah o significado assim da gente já pode tá indo já pra rua já né, pra gente já poder pegar, coletar o material, reciclável. Ela significa a amizade, a união do grupo... que agora já não tem mais... (riso) (5)

Conrado: E essa terceira foto?

Cíntia: Essa terceira foto é o motivo de eu estar aqui hoje, porque se não fosse por eles, eu não estaria aqui hoje, eu acho que eu tava em casa se não fosse por eles (6), porque não é fácil, enfrenta sol quente, puxando esses bag pesado, chega em casa cheia de dor, num é fácil...(7) Se num fosse esse motivo... Não tinha motivação como essa. Sou solteira, namoro né? Tenho 4 filhos, a Suelen tem 16, a Rossana tem 10, o Gilberto tem 8, e essa pequenininha de 3 anos, Roseléia.

Conrado: Você mora em que bairro e vem como para a atividade?

Cíntia: Moro no São Rafael II, e venho de ônibus. Logo no comecinho eu vinha de bicicleta lá na usina aí pegava o caminhão e vinha até no trecho. Aí depois eu peguei, e

comecei a recarregar o cartão, então eu venho de ônibus, aí quando acaba e eu não tenho dinheiro, eu vou até lá na coleta, na usina. (9) Mas num é fácil não. Ainda logo nos primeiros dias pensei até em desistir, mas falei não, tem que enfrentar. Tem que ir, que por mim já tinha parado. (8)

Conrado: Quer deixar mais alguma mensagem?

Cíntia: Ah, coleta é união, coleta é união. Acho que é isso. (9)

Conrado: Obrigado Cíntia, valeu!

Entrevista III Aurora – 29 de março de 2017

Conrado: Aurora, me conta um pouco de sua trajetória de vida.

Aurora: Ahnm, como é que eu posso começa... Sou Aurora, tenho 31 anos, mãe de dois filho, Julinho e Lilian, era pra mim te três, perdi um com 7 mês de grávida, já sofri muito nessa vida, perdi minha mãe cedo. Tô aqui firmona por causa dos meus filho. Nasci, aqui em Araraquara na maternidade Gota de Leite, parece que na Gota de Leite, dia 12 do 12 de 85, tô com 31 anos (risos). (1)

Conrado: E como você entrou na coleta?

Aurora: Eu perguntava várias vezes pras pessoas, se tava precisando de gente, nunca... falavam que num tava precisando, até que um dia fui perguntar pruma menina que tava fazendo o beco, ela me informo, falo que tava precisando de gente, fui lá no lixão, entreguei o currículo lá na mão da Lara, daí quando eu virei as costa ela rasgou meu currículo, aí eu falei assim, se é na mão de Deus filho... Quando chego na hora, um dia a Samantha Guerra tava fazendo lá perto da minha casa, eu tava sentada na praça tão desanimada, eu falei pra ela... A você conversa com a coordenadora Raíssa, fui lá, di minha cara a tapa com ela, e no mesmo dia eu comecei a trabalha, já faz quase um ano que eu tô aqui, agora em abril faz um ano que eu tô aqui. (2) Eu estudei até a oitava série, se Deus quise o ano que vem eu volto a estuda de novo. (3)

Conrado: E o que significa, o que é isso, Coleta seletiva solidária em sua vida?

Aurora: Coleta em minha vida... Tô nesse serviço por causa dos meus filho, se eu num tivesse filho ingual eu falo pra todo mundo, se eu não tivesse filho eu desistia no primeiro dia. Cansativo é, mas no fundo no fundo é gratificante, no final do mês você tem seu dinheirinho no bolso, cê gasta no que você quise, ce compra as coisa pro seus filho, é isso. Resumindo, coleta pra mim é meus filho, tô aqui firme forte, por causa dos meus filho. Ela representa a união dos meus filho, com... Juntando o útil ao agradável, o tempo que eu não passo com eles, eu compenso na coleta, eu chego cansada mas, vendo eles brincando dano risada, passa até a canseira. (4)

Conrado: Vamos às fotografias selecionadas, qual o significado de cada uma delas?

Aurora: Tem a foto do meu filho, Julinho, quê que eu posso fala dele... O Julinho é meu orgulho de vida, minha razão de vivê, já passei maior bucado com eles ele já tá com 5 ano, é um menino esperto, resumindo, ele é tudo. A base da minha vida é ele, e minha filha Lilian, entendeu? Sem eles eu não posso fica, sem eles num posso vivê, se eles passa um tempo assim, longe de mim eu já fico preocupada... Num durmo direito, num se alimento também direito por causa deles. Eles são a razão da minha vida. (5)

Conrado: Vamos à segunda foto?

Aurora: Ahn, a Lilian, tamém é a mesma coisa do Julinho, é mesma coisa que... que é meu tudo, é... também sofri maior bucado com ela, sofri... Tive, ecampsi na gravidei dela, quase não aguentei até os nove meis já tava pedindo pra Deus, tirá logo a criança de dentro da barriga que eu num tava aguentano... Graças a Deus ela nasceu uma menina normal, normal, normal. Uma menina estudiosa, tem as fase das briguinha, nós tem, na fase da briguinha... Mas eu amo ela de coração, sem ela tamém num posso fica tamém, é isso, Lilian é minha vida, tá com nove ano. Estou solteiro agora, mas é... Tipo

assim, ingual o menino fala, que eu sou o pai e a mãe dele, sou pai e a mãe dele, que eu supro, quê que o pai deles num tão presente, eu tô suprindo agora, se ele pede tal coisa pra mim, eu faço é... Mil coisas pra consegui aquela coisa que ele pede. Não agora né, pede agora pra mim, depois mais tarde eu tento arruma, do jeito que eles pede, entendeu? (6)

Conrado: O que representa esta terceira imagem?

Aurora: Uhm, como que eu posso fazê... O Julinho é um menino esperto, sempre foi esperto desde quando nasceu, desde quando começo a anda, começo a anda com 11 meses, é um menino esperto, ingual a Lilian, a Lilian era meio lentinha no começo, agora tá nota dez na escola, é o futuro do Brasil. (7) O Julinho e a Lilian é o futuro do Brasil, que eu num quero pra mim, eu não quero pra eles, ele fala assim, ah mãe quero trabalha na coleta, não, pode caça outro serviço que vocês... Tô ahn, se fô o caso pago até uma faculdade pra eles quando tive velhinha, fazendo faxina pa um, faxina pa outro, pago os... Os orgulho dos meus filho. Só isso? (8)

Conrado: Aê Aurora!

Aurora: Quase num sai, quase num sai!

Conrado: Que deixa mais alguma mensagem?

Aurora: uhn, ingual eu quando eu perdi minha mãe quando eu tinha 16 ano, sempre eu falo pra todo mundo quem tem sua mãe, dá valor pra ela quando ela tá viva, quando ela morre, só quem lembra da mãe mesmo, só os filho, o pai num lembra, o tio num lembra, a tia num lembra, só os filho mesmo, por isso eu tô aqui, e quero ser lição de vida, futuramente, quero se ingual minha mãe tá sendo, foi pra mim, eu quero que meus filhos, meus filhos achem a mesma coisa de mim, que minha mãe tá trabalhando no sol quente, ela tá ali, tá trabalhano, tá dano do bom e do melhor pra gente, se esforça, dá do bom e do melhor, pagano minha formatura de boa, num pedino nada pá ninguém emprestado, num roubano, num matano. Dá valor pra sua mãe enquanto tá viva, quando ela morre, todo mundo esquece, só os filho que lembra, só isso mesmo. Fica a dica. (9)

Entrevista IV Samantha Guerra – 03 de abril de 2017

Conrado: Samantha Guerra, me conte um pouco da sua história de vida.

Samantha Guerra: Minha história de vida é que trabalho na coleta porque necessito deste serviço, porque não tenho outro emprego fixo, que registra na carteira, e esse é um serviço que não tem registro na carteira, mas como eu moro sozinha, dependo de trabalha naquilo que pode me sustenta, até eu consegui uma capacidade melhor. Nasci em Tupã, em 1959, dia 27 de novembro. Tenho dois filhos Sthéfany de 26 e Rodrigo de 30, duas netas. (1)

Conrado: As duas netas da Sthéfany.

Samantha Guerra: Do meu filho eu não sei se tenho neto, nós num convive junto. Mora aqui, mai... É viciado nas droga... eu não sei onde ele anda, não convive comigo porque num deu certo de nós mora junto não, eu tive que manda a polícia tira ele de dentro de casa, porque ele que batê ni mim, já bateu ni mim, eu fui para na UPA (unidade pronto atendimento), meche com cocaína e eu num tô com saco pra fica com fio com droga em casa não, tenho medo de ir pra cadeia. Então foi melhor a separação. Porque ele não quer sair da vida podrêra dele, quer ficar nessa vida podrêra dele. (2)

Conrado: A senhora já foi casada?

Samantha Guerra: Amigada, dezessete ano. Com o pai da Sthéfany eu morei onze ano com ele, e tive a Sthéfany, o Rodrigo eu tive ele em 86, não sei quem é o pai dele não, o importante é que eu tive ele. (3)

Conrado: A senhora estudou?

Samantha Guerra: Até a oitava série. Não pretendo prosseguir, não tenho mais condições, já sou véia (risos). (4)

Conrado: Qué isso Samantha Guerra, a senhora é muito jovem, e admiro muito, e como começou na coleta?

Samantha Guerra: Começou assim, eu pegava coleta na rua, eu era catadora, pra sobrevivê eu catava na rua, aí como a minha filha trabalhava na coleta, essa coleta que eu tô, tava precisando de uma pessoa na turma dela que é a da Raíssa, ela me indicou eu pra Raissa, aí a Raissa pegou eu eu to lá até hoje, já vai faze quase dois anos e a Sthéfany saiu, a Sthéfany fico três mês e eu já vai faze dois. (5)

Conrado: A senhora me disse que veio de Tupã uma vez, como a senhora chegou até Araraquara?

Samantha Guerra: Sai de casa com 17 ano, rodei o mundão até os 20 e poucos anos, eu e Deus, até que eu arrumei o pai da Sthéfany e fui mora com ele, morei com o pai dela 17 ano, ele é de Araraquara. E como foi... Isso aí não pode saí na mídia hein (risos), Deus me livre, se isso aí saí no site eu tô fudida, não, eu era da zona, morei na zona, parei na zona com 16 ano, aí fiquei até os vinte e poucos anos, conheci o pai da Sthéfany eu tinha uns trin... Não, eu tinha 29, conheci o pai da Sthéfany, e aí foi minha história, eu conheci ele na zona aí do cristo, aí nós se gostamos moramo 17 ano junto e tivemos a Sthéfany. Aí comecei a fazê faxina, trabalhando, morando com ele, cuidava do sítio onde morava com ele, aí depois não deu certo, começo a judia muito de mim, e eu trabalhava que nem num sei o quê, o cara num me dava um centavo, só judiava, só judiava, até que eu levei na delegacia das mulher quinhentas veis e saí fora. Aí eu se separei na delegacia das muié, 10 metro de distância. (6) Aí pra mim sobrevive, comecei a catá reciclagem pra rua, faz uma faxina aqui, uma faxina ali, passa roupa aqui, passa roupa ali, lavava roupa até de uns pessoal que tinha perto da minha casa, num lugar que vendia sesta básica, então eu pegava roupa deles pra lava, dos rapaiz, lavava, passava, e assim fui criando minha fia, até que ela arrumou o companheiro dela que é o Leandro, mora junto tem duas fia já, e eu entrei na coleta pra sobrevivê ainda mais, né, porque num tava dando nada na rua. Cê vendia os bag e num dava nada, chegava a chora, até que minha fia falô, mãe, a mãe qué entra no serviço comigo, na coleta? Só que a mãe vai ganha um salário, ah então demoro, aí eu tô na coleta. Mas jamais eu pratiquei outra coisa, roubei, matei, preferi ficar nessa vida que eu tô aí, trabalhando, sofrendo, mas lutando por mim mesmo. Sem precisar mexer nas coisa dos outro, sem fazer coisa errada. (7)

Conrado: Seu marido trabalhava com que Samantha Guerra?

Samantha Guerra: O pai da Sthéfany? É pedreiro profissional, pintor, tem casa própria. Ele não me deu nenhuma agúia pra mim não, ele deu pra fia dele, a casa que eu moro é dela, porque não fez nem escritura mininu, num tem nem escritura, num tem nada, eu tô ali como uma indigente, é dali pro cemitério, porque tá tudo no nome dele, num tem nada no nome dela, nem no meu, não fez nem escritura nem nada dali, é eu morre de hoje pra amanhã se ela num toma uma providência de fazê a escritura da casa, ela num vai te aquela casa também. É do ex-marido, e da outra mulhé que tá morando com ele, porque ela num toma providência de nada, eu não tenho condições de paga três mil reais, onde eu vô arruma três mil reais? Pra pagá a escritura, é três quatro mil a escritura daquela casa, eu sozinha num do conta de paga sozinha, não, ela tinha que me ajuda a paga metade. Mas ela não tem nem onde caí dura... E vô ficando ali, eu já fiz inscrição nas casinha pra vê seu eu pego uma casinha, pra mim pode tê o que é meu, is antes de eu morre. (8) Porque eu tinha ganhado uma casa no São Rafael, mai como a minha fia tava nas droga, no crack, ela tava entre a vida e a morte, e justamente quando eu peguei as chave da casinha, aí eu fui lá pra pegá a casinha, as chave, eu falei moço, eu vim foi

trazê os papel da casinha, por que? Porque entre minha filha e as casinha, eu prefiro a minha filha que eu gerei nove meis, e saiu de dentro de mim e eu cuidei e vou cuidar mais um pouco, porque minha filha tá no crack, tá quase morrendo, tá grávida da minha neta que é a Janaina que tem 5 anos. Eu salvei a vida da minha fia e a vida da minha neta. Se não ela tinha morrido e a minha neta tamém. Minha fia parecia um palito de fósforo dava dó, hoje que ela é gorda bonita e sarada, de tanto eu pedi pra Deus, ela saiu do crack, ela saiu do cigarro, ela num bebe mais, ela num fuma. (9)

Conrado: O marido ajuda também?

Samantha Guerra: Ah sim, vai nessa, uh... Quem ajudou foi a mãe, o cara continua nos crack dele e eu tirando a minha fia fora. Aí eu perdi minha casinha pra fica com ela, cuidei dela, cuidei da fia, na gravides depois que ganhou, eu que comprava leite, comprava as coisa pra Janaina, porque o cara não tava nem aí. E é o mesmo que tá com ela, até hoje ainda tá passando dificuldade e sô eu que levo comida pra ela, eu deixo de fica sem come pra leva comida pra ela. O meu armário menino, tá vazio ô, eu num vô menti pro cê não meu... Meu armário tá vazio (Samantha Guerra fala chorando). Por que que tá vazio? Por que eu recebo o pagamento e ao invés de eu cuidá de mim, que trabalha que nem uma filha da puta, eu vô lá vê se minha fia tá passando fome minhas neta, chega lá não tem nada, eu vô no mercado e gasto duzentos, duzentos e poco, tenho que pagar minha água minha luz e num vai sobrando nada pra mim. Tô chorando porque eu tô contando minhas coisa, é isso que tá acontecendo, (10) por que que eu tô na coleta? Porque eu preciso da coleta por enquanto, porque se eu arrumá outro serviço melhor, registrado na carteira eu ia, eu não tenho nada o que fala da coleta, eu gosto de trabalha na coleta, a única coisa que eu tenho que fala da coleta é que eles num dão valor na gente, não tem um registro na carteira, certo? Não tenho os meu direito na carteira, e se eu arrumá uma coisa melhor, eu vô sai, por que? Porque eu quero meus direito na carteira, se eu adoecê de hoje pra amanhã eu tenho meu direito na carteira, se eu fô mandada embora eu sei que eu tenho meus direito, do tanto de tempo que eu trabalhei, aí eu vô fica fazendo o quê? Trabalhando dois, ou três danos sem ter direito a nada? Cê pede a conta e sai com uma mão na frente e outra atrás, é esse o pobrema... (11) Tô sem gás, tô cozinhando na lenha, de pauzinho em pauzinho com 4 tijolinho. Porque eu não consigo o dinheiro do gás e quando eu recebo eu tenho que ajudar a Sthéfany. (12)

O marido dela... O marido dela faz um biquinho aqui, um biquinho ali, ele não tá na firma, é trinta conto ali, 20 aqui... Ah, dá licença! Pelo amor de Deus, o cara num serve nem pra procura um emprego nas firma, num se... Porque pensa assim comigo ó, cê tá desempregado, tudo bem, faz um bico aqui hoje, um bico ali, mas ô, tira um dia, dois dia na semana meu, vai na cidade, se arruma bem arrumado, num precisa ih qui nem um príncipe, mas bem arrumado, chega, vai se humilhando nas firma, vai falando que tem duas filha, que tá desempregado, que precisa mantê as duas fia, cuida das duas dia e da muié, o cara num faz nada só fica nessa chave, fazendo biquinho... Quando arruma firma num fica, sai. Esses tempo atrás ele tava na firma, num sei, ele começa a falta... Começa a dá faia o homi manda embora, ele num gosta de trabalha. (13)

Se eu levo comida pra ela, ele come também. Falei pra ela assim, quando eu morre, acabo a mordomia, cabo menino, acabo. Que nem, a páscoa vem vindo, ninguém tem dinheiro pra compra um ovo de páscoa pra menina, cê acha que isso aí é uma vida de uma pessoa? Eu como sô vó, que não tem onde caí dura encomendei um ovo de um kilo da Raíssa, pra dá pra família inteira, eu memo não vou come, aquele ovo é pra eles, um ovo de um kilo, dá pra eles cume, eu deixei de compra pra mim pra compra pra minha neta, porque minhas neta é tudo que eu tenho na minha vida. Minha filha, meu genro eu gosto dele, mas eu num gosto muito não. Não gosto assim porque ele num tá fazendo

aquilo que eu gostaria que um genro fizesse. Trabalhasse numa firma registrado, cuidasse da sua família, não fica numa dessa só fumando maconha, comprando maconha, ah vá, dá licença. Ganha vinte conto a primeira coisa que ele faz é compra maconha, num lembra nem de compra uma caixa de leite, primeiro... Uma verdura, uma banana, uma fruta. (14)

Eu só ajudo a Sthéfany porque eu amo muito ela, porque se não, eu não ajudava não. Mas eu sô uma mãe que eu gosto da minha fia, o meu fio eu não ajudo ele porque ele é sem vergonha, ele tinha tudo lá em casa, tinha roupa lavada, comida pronta, cama pra dormir tudo certinho, aí começo a bate ni mim, porque eu num gosto de droga, de cocaína, eu odeio crack ou cocaína, aí ele começo a quere fala, bate ni mim porque eu num concordo com essas coisa, então pra mim, ele num mora na minha casa não, porque ele vai acaba me levando pra cadeia e eu sô inocente, num mecho com isso. Ô, uma vez eu tava lá em casa e deixou quatro pino jogado no banheiro, se eu num vejo aquilo no meu banheiro, a polícia entra lá porque ele mora comigo, porque ele é manjado da polícia, polícia de repente entra lá dentro pra vê se tem alguma coisa errada lá, né, e me pega quatro pino, ele vai fala que é dele, vai nada, quem vai pra cadeia sô eu. (15)

Rodrigo num sai das droga, eu amo ele também, mas ele não sai das drogas, ele prefere fica andando qui nem esses povo aí, ele anda assim no meio da rua, qui nem essa menina que passou aqui... É o jeito que o Rodrigo anda, desse jeito aí. Mechendo nos bag, catando latinha pra vende. Pegando droga pra vende. Traficante andando atrás dele pra recebe. É que cê num conhece meu filho, ele é bunito pra caramba, ele é lindo. Só que tá nessa vida podre Conrado. Cê qué que eu faça o quê? Eu num posso fazê nada. Ele num que sai dessa vida, ele qué fica numa vida podre, que eu já falei pra ele que num tem futuro. Que eu já conversei com ele um dia aí ó... O ano passado eu encontrei com ele lá na praça, da rua 5, eu cheguei nele e falei, meu fio, sai dessa vida podre, que isso aí num é vida pro cê nem mais pra ninguém, sai disso aí, arruma um serviço, vai trabalha, aí depois você constrói seu pé de meia, ou aluga um quarto pro cê mora, ou te dô meu quarto, que eu moro sozinha, tenho um quarto pro cê mora lá. Que onde eu moro lá, tem um quarto pra ele mora. Mas eu quero que ele sai disso dai. Ele não sai então eu não quero. Não quero não, que ele vai joga eu na cadeia e eu já tô veia. Num vô fica numa cadeia, nunca passei por uma cadeia e nem quero passa. O que, eu nunca precisei, rouba ninguém, nem mata, nem trafica e nem nada, pra fica numa cadeia inocente, e sem fazê coisa errada, eu num quero. Ele que essa vida errada, então fica por aí memo. Num é? (16)

Tentô estrupa a irmã, a não, num quero esse moleque na minha casa não, ô, eu pus ele na cadeia porque ele tento transa com a minha filha, a Cíntia, ela num pode nem sabe que eu tô te contando, Deus me livre, isso aí num pode nem sai. Ele tento meche na minha fia, a Sthefany, quando ele morava comigo, eu pus ele na cadeia. Eu pus ele na cadeia, porque ele chego lá em cima, eu morava lá encima e ele também, aí ela morava lá embaixo pra te a privacidade dela sozinha, aí ela falo pra ele mora com ela, aí eu falei: Rodrigo você já tá morando aqui em cima com a mãe, cê continua aqui, não vai lá pra baixo não, e deixa sua irmã sozinha porque ela precisa te a privacidade dela, num é? Não, é teimoso, ele foi mora com ela lá embaixo. (17)

Conrado: Era um sobrado que a senhora morava?

Samantha Guerra: Era um sobrado que eu morava em cima, que é um lugar que aí depois cê vê, que era um sobrado lá encimão. Nós morava lá em cima, aí eu mandei ela lá embaixo, que tem banheiro lá embaixo, que tem banheiro e tudo, onde eu tô morando, aí ele veio mora com ela, aí ele chego ni mim lá em cima, e falou bem assim, levo o celular dele e falou assim: ô mãe, essa menina tá gostando de mim, ó o que ela escreveu

aqui eu te amo, que é a Sthéfany, eu falei ah, pela mor de Deus moleque, tenha misericórdia, essa menina é sua irmã, num é essa menina, é sua irmã, o sangue que você tem na veia, é o sangue que corre na minha veia e na veia dela, cês são irmão, cês num pode te um relacionamento, cês são irmão, teimo comigo, teimo comigo e fico lá morando com a Sthéfany e depois tento meche com a Sthéfany, aí vem a Sthéfany gritando lá do quartinho, chama a polícia pra mim, chama a polícia pra mim, a Sthéfany, eu falei pra quê? Esse Jhony, esse Jhony, que meche ni mim! É o Jhony, Jhony, que é o Rodrigo. E o Rodrigo querendo mata ela, e entra eu na confusão, pego nos cabelo dela, e começo a tampa a boca dela, e queria soca a cara dela, eu catei uma faca pra quere mata ele, ixi, nossa, que rolo. Aí eu falei, ô meu Pai do céu, eu já sei o que vô fazê. Fui lá na procuradoria, fui lá no fundo, conversei com todo mundo, no fórum, eu falei, eu quero que vocês tira o meu filho da minha casa urgente, porque se não eu vô acaba fazendo uma loucura. Ah por que, o que que tá acontecendo? Eu falei, o meu fio que transa com a minha fia, e ele sismo que vai fica com a minha fia, e eu não posso permiti isso, eu sô mãe dos dois, e os dois é irmão, e ele que bate até ni mim, por causa disso, eu num posso consenti uma coisa dessa, se não que mãe que sou eu, sou um monstro? Não, eu não sou um monstro, eu sou uma mãe que eu pari um filho nove mêis, e eu sei o filho que eu carreguei nove mêis, os dois, aí conversa vai conversa vem, pusero tudo os documento lá na procuradoria, e lá no fórum, nos fundo lá, aí foro de madrugada lá, cataro ele de madrugada ele lá no quartinho, ele fugiu! Foro pra cata ele, ele fugiu, e ela foi junto com ele! É, ela gostou dele, foi junto com ele... A polícia saiu da minha casa, porque foi o oficial de justiça ca polícia e tudo pra tira ele de lá, cabaro de sai de lá que num acho ninguém, eles viero e quebraro tudo a minha casa, os dois quebraro tudo a minha casa. Ela já tinha transado com ele, muleque, a sorte minha é que num fico grávida meu... Nossa, a sorte minha é que num fico grávida. Acho que ela num quis mais, ele insistiu de fica junto com ela, insistiu, aí que ela veio lá do quartinho, e eu num sabia disso, aí quando eu descobri, pus ele na cadeia, ele ficou oito ano preso, queriam mata ele, ele ficou no isolamento, os cara queriam mata, e os cara pensa em mata ele até hoje, os “irmão” (Partido Comando Capital-PCC), só que os “irmão” num mato ele ainda por causa de mim, porque falei pelamor de Deus, num faça isso, os irmão de tudo quanté lado (18).

Conrado: A senhora mora em que bairro mesmo Samantha Gerra?

Samantha Guerra: Jardim América. Aí os irmão de tudo quanté lado dissero assim, por consideração a você Samantha Guerra, que é uma batalhadeira, uma guerrera, a gente num vai mata seu fio não, mas se você falece, de hoje pra amanhã, a gente vai sim. Nós vai mata seu fio sim, só não vai mata porque cê tá viva, e num consentiu, mas se você morre morre de hoje pra amanhã, nós vai mata. Eu falei então, pelamor de Deus, não mate meu fio perto de mim não, deixa eu pra morre primeiro, porque se mata perto de mim, eu morro junto, porque apesar de tudo é meu fio né, aí ele fico preso na cadeia oito ano, eu ainda ia fazê visita pra ele, de tanta dó que eu tinha, levava comida, levava tudo as coisa, pedi perdão, ajoelho, choro, depois que ele cometeu tudo essas coisa aí com a irmã. Lá dentro da cadeia ele pediu perdão, choro, eu falei pra ele, meu fio eu te perdoô, mas quem tem que te perdoa mais ainda é Deus, Deus sabe o crime que ocê cometeu, você e sua irmã. Na coleta ninguém sabe dessa história. (19)

Ai Conrado, eu sô estorada, estorada não... Eu sô sofrida. (20)

Conrado: E se a senhora fosse me dizê, o que é isso, significa, representa, coleta seletiva solidária em sua vida?

Samantha Guerra: Coleta seletiva representa que o pessoal, tem que colocá sua coleta seletiva, pra fora, o que são os realmente o reciclado, é uma maneira de a gente ajuda a pessoa, e a pessoa ajuda nós que tá recolhendo. Tanto nós, tá limpando o ambiente

deles, a casa deles, nós tá recolhendo os reciclado deles, e eles tá ajudando a nós a tê uma renda, num é? (21) Só que eles tem que sabe, que nós pega reciclado, que eles tem que separa o reciclado da sujeira, porque orgânico é orgânico, e seletiva, é seletiva, que é o reciclado a recicragem seletiva. Que é o prástico, as coisa, que é mesmo o que num é lixo, agora o lixo eles tem que coloca pro orgânico, pro lixeiro, e pra nós o reciclado. (22) É uma forma de nós tê uma renda, e eles também tê seu ambiente limpo, sua casa limpa, evitando de pega uma dengue, alguma doença, por que, porque nós tamo trabalhando para ajuda a eles ter um ambiente limpo e eles tem que ajudar a nós tamém a organiza os reciclado. Que é a mesma coisa na minha casa, né, se eu fô separa as coisa, eu vô dá os reciclado pra quem fize a coleta na minha rua, e os lixo pro lixeiro. (23)

Então, é uma forma de nós sobrevivê com aquele salário, de nós tá fazendo a coleta, e ajudando o povo a limpa seus ambiente, a tê suas propriedade limpa. É uma renda né. (24)

Conrado: Quais os significados destas fotos Samantha Guerra, vamos à primeira fotografia, o que ela representa, significa pra senhora?

Samantha Guerra: O significado meu, é que eu tô acolhendo o reciclado das pessoa, tô enchendo o bag, tô o que? Fazendo a coleta seletiva, tô trabalhando naquilo que foi destinado pra mim, enche os bag até em cima, uma recicrage decente, organizada, é o significado meu, é vê um bag assim, cheio de recicragem... reciclado. Num é? Lógico que é! Eu me sinto feliz em vê meu bag recheado, do meu serviço se “competido”. (25)

Conrado: Vamos para a próxima?

Samantha Guerra: Vamos!

Conrado: Essa é a segunda fotografia, o que ela representa?

Samantha Guerra: Essa segunda imagem, o que representa pra mim essa segunda imagem... É eu chega no meu serviço, vê minhas amiga, minhas companheira, tudo sentada esperando o caminhão pra pega o bag, tudo organizada, sabendo que cada uma tem a sua vida pra cum... A sua luta pra fazê, pa cumpri com a sua vida. O trabalho porque necessita duma renda pa pode sobrevive, eu me sinto feliz em ver elas assim, toda chegando, sentando, conversando, é o significado pra mim. Eu gosto delas, faz parte da nossa coleta, né, faz parte do nosso grupo, da nossa família, cada um tem sua família, e tá lutando pra pode o quê? Ajuda sua própria família, ou se sustenta a si própria, que nem a Jasmim, eu, mais algumas por aí também que sobrevive pra pode se sustenta. (26)

Conrado: Linda a foto, ela tem perspectiva... Vai até lá o fundo.

Samantha Guerra: Chega até o barracão.

Conrado: É sua terceira imagem, o que ela representa, significa pra senhora Samantha Guerra?

Samantha Guerra: Essa foto significa pra mim, que é tudo que eu tenho na minha vida, são minhas duas neta, minha filha, o genro safado, mas a minha filha com as minhas neta, são tudo que eu tenho na minha vida e meu fio aí que tá jogado, mas essa foto representa tudo pra mim, a minha filha, minhas duas neta são as coisa mais linda que Deus já me pode me dá pra mim na minha vida antes de eu morre, é as minhas beleza, minhas joia rara, são tudo o que eu tenho na vida, são um significado importante pra mim, é uma coisa que jamais sairá da minha mente do meu coração, amo demais. Maior barato haha, oia é! É linda essa Sthéfany aí, Janaina, oia... Maior barato, sim, isso aí é tudo que tenho vida meu filho, a minha família representa tudo pra mim. (27)

Conrado: Essa pitiquinha tem quanto tempo?

Samantha Guerra: Ela vai fazê dois mês.

Conrado: E a Janaina tá com quanto?

Samantha Guerra: Vai fazê 6, tá com 5.

Conrado: E a Sthéfany vai fazê 27?

Samantha Guerra: Isso. Num sei se é 27 ou 26, uma coisa assim. É tudo que eu tenho na vida meu filho, a minha família representa tudo pra mim.

Conrado: Como é que chama a pequenina?

Samantha Guerra: Luísa e Janaina.

Conrado: Parabéns e obrigado Dona Samantha Guerra, por tantos ensinamentos, e por poder estar com a senhora aqui, dignifica meu dia... Poder catar materiais com a senhora, conhecer sua história.

Samantha Guerra: Eu que agradeço por todas oportunidades que você veio comigo nos trechos, é... Eu não chamei você pra vim comigo, pra pode me ajuda assim, cata coleta, sabe, porque eu trabalho sozinha, eu dô conta né, eu chamei você porque quando a gente gosta duma amizade assim, e a gente tem uma amizade, a gente vem conversando, vem distraindo, e parece que as hora passa mais depressa. Eu me sinto muito sozinha nos trechos, quando eu tô com alguém eu gosto de prozeá, que às vez eu vô com a Raquel, a gente conversa, espero ela vim lá do braço dela, é... Mó barato. (27)

Conrado: É Dona Samantha Guerra, obrigado, a senhora gostaria de colocar mais alguma coisa sobre as imagens, além de tudo que compartilhamos até aqui?

Samantha Guerra: Não, já falei o que eu queria... É... quando você vai com uma companheira você distrai a cabeça, é bom, é um serviço que às vez a gente tá com uma amiga, a gente para troca uma ideia, que nem eu trabalho muito com a Raquel, gosto muito da Raquel, gosto de todas, mas a que eu mais gosto na coleta é a Raíssa, a Lais, a Laila mais ou menos, a Raquel e a Margarida. Eu gosto de todas, mas as que mais eu me simpatizo assim, é com essas aí, mas, mais e mais, e mais, é Raíssa e Laís. As duas mora no meu coração, eu num sei sabe, quando eu arrumei esse serviço eu me senti assim, sabe... Me senti tão bem assim em conhece uma encarregada que nem a Raíssa, entendeu? (28)

Eu acho a Raíssa, uma super encarregada, pra mim eu não tenho queixa dela, eu não tenho o que falar mal dela, eu acho uma excelente encarregada, porque se ela me der uma ordi pra mim, eu sei que eu tenho que obedece a ordi dela, porque ela é mais supervisora do que eu, eu tenho que obedece ela porque ela tá me incentivando, ela tá me ensinando, ela num tá querendo forjá com a minha cara, querendo tirá sarro da minha cara, ela tá simplesmente me ensinando uma coisa que eu posso carrega pro resto da minha vida (29). Se um dia eu saí da coleta, eu sube pelo menos, fazê uma coisa que eu entrei pa trabalhá, que nem varre rua, eu já peguei a manhã de varre rua sem eu nunca trabaiá de varre rua, mas é a mesma coisa da coleta que eu trabaio seletiva. Cê pega uma rua, cê faz as rua e faz os braço, e você vai fazendo até o destino que foi desejado pra você faze, a rua, a varrê, é a mesma coisa de coleta. Porque a minha vizinha falo bem assim, ô Samantha Guerra, cê num que entra pra varre rua? Eu falei, por que, tá pegano? Aí a Maria falô assim, ela chama Maria, mora lá perto de casa, ela falou assim, ah tá pegano, o ano passado, se eu tivesse entrado já ia fazê um ano, eu num fui por quê? Porque eu tô na coleta, eu num sei, parece que eu fiquei na realidade... Num sei nem explicá... Aí eu falei assim, o Maria, falei bem assim pra Maria, ô Maria, a rua é assim, né, eu que falei, cê pega um quarteirão, que de esquina pro cê fazê, que nem na coleta, e vai fazendo tudo os braço e vai ino, até onde cê tem que ih. É cê nem entro pra fazê rua e já sabe! É desse jeito memo, e você nunca entro pra trabaia e já sabe. Se ocê entrá num precisa nem te ensina, já tem a prática. Eu já gravei na cabeça. Que eu vejo as mulher varrendo a rua, eu só presto atenção, porque eu venho de a pé. Peguei a manha, já peguei a manha, se eu varre... (30)

Conrado: E a senhora acabou não indo fazê a inscrição na prefeitura para varrer rua por quê?

Samantha Guerra: Não, foi o ano passado, eu já tava na coleta, e... Num sei... Tem hora que eu num tenho vontade de sai da coleta, tem hora que eu fico... Porque eu gosto da Raissa, da Laís, e, num sei, num sei o que que tá acontecendo. Mas eu pretendo sai sim, eu tenho que tirá esse pensamento da minha cabeça e vê uma coisa melhor pra mim, se eu consegui varrê rua, que vai pegá o mês que vem, disse que vão começa a pega currículo, eu vô leva, se chama eu vô sai. Vô senti saudade de todo mundo, mas eu vô procura uma melhora pra mim, que é o registro na carteira, posso varre rua até de noite, mas o registro na carteira. É mil e duzentos, quatrocentos de kit, vale transporte, eles dão até o vale transporte. (31d) Aqui não Conrado. Aqui ocê ganha oitocentos, mas cê tira do passe, você vai ó, o nosso salário era pra se novecentos, dizem que num ia aumentar nosso salário, diz que o nosso salário ia se o mesmo, que nós num tem nem o registro na carteira, que nós num tem nem como recrama, assim eu tô dizendo pro cê, mas fica entre nós. Ó, que dizê que oitocentos, tira o do passe, que eu ainda venho de a pé pra economizá o passe, porque se eu vinhé de ônibus, e vortá, ah meu fio, aí que eu num tenho salário mesmo, ajudando meu povo lá... Aí eu tô fudida, então o que que eu faço, eu venho a pé do jardim américa, até no barracão todo dia, todo santo dia, ih perante a Deus que me ilumina, só sábado que eu pego dois ônibus que lá no universal num dá pra ih de a pé, mas eu tô tentando, tô querendo, tô pensando em ih, saí de casa cinco hora. Aí eu pego o dinheiro do passe e pelo menos pra ih pa minha casa todo dia, sai o que, seiscentos e poco, num dá comida pa gente no trecho, passa fome, então, eu gosto da coleta, mas se eu consegui entra na rua, eu vô sai, porque eu vô te mais uma, umas coisa mais melhor do que na coleta. (32d)

Porque se esse povo aí do lixão, pelo menos tivesse registrado nós na carteira, ou cada trecho que nois trabalha, cada turma que tá no trecho pega lá e leva uma marmita pra você, cê come e descansa uns 15, 20 minuto, pega no batente de novo, ah... Nem isso num faz, nem uniforme num dá pra gente meu, ó a camiseta que eu tô hoje, tava guardada, tem que vim com camiseta que eu acho na coleta, diferente da coleta, ainda que eu sô trabalhadeira os outro me dá coleta mesmo sem a camiseta, num dá... Se eu consegui coisa melhor eu vô saí, a gente gosta da turma da coleta, mas se você acha coisa melhor pra você, que que cê vai fazê? Vai procura o melhor pra você num é? Que nem você, cê num tá estudando num falcudade, num sei aí, que que é que você vai fazê, então! Mestrado! Mas Deus, vai prepara coisa melhor pra você, porque eu creio que ele vai, ele já tá preparando, porque apesar dessa pesquisa, tudo isso que ocê tá fazendo na nossa coleta, já é um bom caminho andado, é daí pra melhor, ce vai vê ainda o que eu tô falando, vai chega lá na coleta e vai fala, nossa! Vô fala num acredi... Tô bem! Eu vô fala, eu num falei pro cê que cê ia fica bem? É, é daí pra melhor filho! Cê vai vê. É o que vai ajuda ocê isso aí! (33d)

Entrevista V Paulina - 10 de Abril de 2017

Conrado: Estou aqui com Paulina no dia de meu aniversário, 30 anos! Paulina, me conta um pouco sobre sua vida, sua trajetória.

Paulina: Parabéns! Eu nasci dia 16 de novembro de 1990, vou fazer 27 anos. Minha vida... Como posso dizê minha vida... Minha vida é meus filhos, minha família, meu marido, ai... Minha vida é acorda cedo, vir trabalha, quando chega em casa, mais serviço, busca as criança na creche, fazê janta, dá banho, por pra dormir, e ficá nessa rotina. De final de semana às vez passeia, pra quebra um pouco a rotina, né? essa é minha vida eu acho(1), ...Vim trabalha, leva xingos na rua, leva elogios. Assim é a vida (risos).(2)

Nasci aqui em Araraquara. Toda a minha família é daqui, da parte de minha mãe, da parte de meu pai é de Pernambuco, de longe, mas tem... Eles moram aqui, uns moram em Araraquara, outros em São Carlos, meu pai qui nem, em São Calos, outros tá lá em Pernambuco ainda, mas tamu perto. Fui domingo pra São Carlos, mas pra Pernambuco nunca fui.

Tenho dois filho abençoado, o Luca e o Sandro, o Luca vai fazê 6 anos, e o Sandro 2 aninhos. As minhas bênçãos, chamo eles de bênçãos, minhas joias. (3)

Conrado: E como você começou na coleta Paulina?

Paulina: Ah, eu comecei, cho eu ver... Meu filho nasceu em 2011, o Luca, eu entrei aqui em 2011... 2012, a primeira vez que eu entrei aqui, que foi o caso que eu tava te contando que ele pegou o começo de pneumonia, aí tive que saí, aí entrei em outro serviço, mas... A coleta eu acho que tá no meu sangue, então eu vortei pra coleta, agora em 2017... 20016, eu voltei pra cá. Que eu tava desempregada, daí precisando de serviço e meu marido conhece a Raissa, aí que ela tava precisando e... Uniu o útil ao agradável, né? Ela tava precisando e eu também, aí entrei aqui, e tô aqui faz um ano já. Um ano de coleta. (4)

Conrado: Seu marido trabalhou aqui em que ano já?

Paulina: Olha, a muito tempo atrás, eu tô com ele já faz nove anos, ah, uns 15 anos atrás... Por aí. Ele trabalhou primeiro com a Raíssa, aí depois ele me indicou pra trabalhar aqui, em 2011, aí agora em 2016 de novo ele me indicou. E deu tudo certo, graças a Deus. Eu que trouxe meu irmão, minha irmã, eu que indiquei eles também pra cooperativa. (5)

Conrado: Você estudou até que ano?

Paulina: Eu fiz só até o segundo só, não fiz o terceiro. Pretendo fazê faculdade de veterinária ainda, ou pediatria. As criança daqui a pouco vão tá tudo moço, aí eu vô podê terminar os estudo e paga minha faculdade. Aí vô fazê meu curso de veterinária ou pediatria, tô indecisa, se não nós estuda pros dois, se não fo um vai ser o outro. (6)

Conrado: Maravilhoso Paulina... Vamos à segunda pergunta, o que significa, representa... O que é isso pra você, coleta Seletiva Solidária?

Paulina: Pra mim, coleta seletiva solidária, significa menos lixo no planeta, assim, né? Tipo em Araraquara menos lixo, porque o que a gente pega de coleta, isso, isso ia pro lixo, imagina o tanto de lixo que num juntava, né? (7) É... é família, porque a gente somo uma família né? trabalha junto, sofre junto, é feliz junto, é... É um solidário com o outro, né? um ajuda o outro, se um precisa, o outro tá lá pra ajuda. É família, pra mim coleta seletiva, pra mim, solidária é família, é isso... Acho que é... Coleta solidária pra mim se resume em família, porque somos uma família, né? É unidos né, trabalhamos pra isso, pra limpa a cidade, pra um ajuda o outro, é com a coleta seletiva solidária que colocamos nosso sustento na mesa, colocamos nossa comida na mesa(8). Ainda esse dia meu filho falou assim pra mim, mãe me dá um real, eu falei pra ele, pra que cê que um real, ele me falou assim, ah pra mim compra bolinha de gude, aí eu falei pra ele, cê acha que meu dinheiro vem do lixo? Aí ele falou assim, não, eu falei assim, sabia que vem do lixo (risos)! Aí eu falei pra ele, vem do lixo, porque eu pego lixo, mas num é pra gasta à toa, né? (9) Aí eu falei pra ele que vô compra uma carteira pra ele, pra ele começa a guardar o dinheiro dele, pra ele começa a comprar o que foi importante, o necessário, não bolinha de gude, sorvete que nem ele pede pra compra, né, um dia que ele quis é um roupa ele vai pode compra porque ele tem o dinheiro dele, eu num dô muito não, dô um real, dois real, que ele perde, vive perdendo, eu que acho na hora da faxina. (10) Mas, coleta seletiva é isso aí, é família, é... (11) Nós na rua, pedindo para o povo, né? Guardar a coleta pra gente, que.... Se eles num precisa, se eles não utilizam, a gente utiliza né, a gente recicla o lixo deles, a gente recicla, a gente vive do lixo deles

(12). Coleta seletiva solidária é uma solidariedade é uma família, é união, temos que se... Eu acho que a gente tem que se unir mais, né? Cê mais forte, conquistar mais coisas, mas tamo no caminho, tamo indo, tamo no caminho ceto, tamo na estrada certa... Daqui um tempo nós chega lá, nós chega onde nós qué, né? Aumenta o salário, nós chega lá, num tá ruim... Num tá ruim o salário, num tá ruim, mas... Pode melhorá, mas tá bão, um dia nós chega lá. Os direitos, é que nem a Raíssa tava falando esses dia, quando a coleta começou, num tinha direito nenhum, a mulher engravidava num tinha licença maternidade, a pessoa ficava doente não tinha auxílio saúde. Hoje em dia já tem, engravidou, tem a licença maternidade, ficou doente o INSS paga, porque a gente paga pra eles, então, já deu uma caminhada, uma bela caminhada já deu, nós vai chega lá dia um dia, nós chega, né? (13)

Ainda quando a gente passa, muita gente fala óia se num fosse vocês, isso ia tudo pro lixo, ia tudo pro meio ambiente, polui, estraga a cidade, né, deixa a cidade mais feia né? Mas agora que cês passa, ai tem um destino certo pra coleta né? É lixo no lixo, reciclável no reciclável, e assim vai. É uma luta de todo dia. (14)

Conrado: Temos agora estas três fotos. O que estas três imagens, qual o significado destas três imagens pra você.

Paulina: A primeira imagem para mim, toda a casa que eu vô, eu chego sorrindo, eu um chego com cara fechada, mesmo que a pessoa num fala bom dia eu falo bom dia. (15)

Pra mim essa foto, representa a gente, mesmo na batalha, a gente continua sorrindo, num trago problema de casa pro serviço, num levo esses problema do serviço pra casa, de casa eu deixo debaixo do travesseiro, do serviço eu deixo dentro do bag, no outro dia eu pego ele denovo. (16) Eu pra mim, isso aqui representa união, representa alegria de tá trabalhando de tê como sustenta minha família, pra mim essa foto representa isso, união. Com as amigas, as “parça” do serviço de todo dia, e vamo que vamo. (17)

Conrado: E os materiais fotografados, tem alguma coisa que eles dizem através da imagem, e especificamente do lugar?

Paulina: Ah, eu acho que dizem assim, como que posso dizer, é deles que vem o nosso sustento, que vem... Deles que nós tiramos o nosso sustento, o sustento da família, é graças a esse prédio que temos coleta, porque tem muito prédio que num guarda, que num tem o quartinho. (18) Que nem, esse num tem o quartinho. É porque você pode ver que num tem um quartinho, cê foi lá, não é um quartinho, é só um quadrado assim, um espaço, um corredor, que aqui essas portas aqui ó, é tudo de condôminos, que guardam as coisas que num cabe em casa, eles guardam aqui, que você pode ver que na porta tem tudo os números dos apartamentos, então, aqui, se for ver, a gente a acaba até atrapalhando os condôminos a abrir as portas, mas eles não ligam, porque eles estão ajudando a gente na coleta seletiva, é, o certo era eles fazê um quartinho, mas enquanto não fica aí, mas eles guardam pra gente a coleta seletiva, e que é bastante, dá quase três bags, quatro bag. Eles separam bem aí, não tem lixo, o um dos que é mais limpinho, eles separam bem, tem alguns condôminos que lavam os potinhos de leite, eles lavam, é alguns, mas eles lavam, serviria de exemplo pra muitos prédios que só joga o lixo. (19)

Conrado: Este é qual prédio?

Paulina: Este daí é o da rua 8, é o pedacinho que a gente faz antes de ir pra oito, né.

Conrado: Joia! Vamos para a próxima imagem?

Paulina: Essa daí é lá no, como que chama... Ah meu Deus, também na rua 8, perto da biblioteca... Eu esqueci o nome, é um negócio que faz exame, é lá. Eles guardam essa caixas, só é caixas, esses sacos azuis, esses sacos azuis é tudo papel, mas a maioria que eles dão, é tudo caixas, caixa de suco, caixa que vem algum remédio, eles que guardam aí a gente abre o portão lá e pega e tira. Toda a quarta-feira que faz a oito, toda quarta-feira feira tem, tem dois bag, sai dois bag daqui, e tem que rasga, que nem essas caixas

aqui é dura a gente num rasga, mas o resto a gente rasga tudo, de tanta caixa que vem. Eu e a Laís, é de duas né que faz, porque é bastante caixa. Eu acho que essa foto foi escolhida pra mostra o que é a cooperativa acácia Solidária, o que é o solidarismo, porque, ó, esse monte de caixa ele fica alí durante uma semana, que a gente pega de terça, e aí ajunta, de quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, até segunda, até a gente vim na quarta, pode junta bicho, pode junta rato, barata, mai acho que eles num tão ligando aí pra isso, eu acho que eles tão ligando pra ajuda a coleta seletiva, porque molha chove, molha o papelão, molha o papel, fica pesado. Mas a gente toda quarta-feira a gente tá lá, pegando a coleta seletiva, e quando a gente num vai, tipo, quando as menina que, às vezes quando a Raíssa põe uma menina que num sabe fazê, que esquece, eles liga pra ir busca, porque eles guardam pra gente, tipo, se fô um catador lá e fala, ah posso pegar? Eles num dão, porque é da coleta seletiva, eles já falam, então, eu acho que é isso. (20)

Conrado: E da composição dela, você gostou?

Paulina: Eu gostei, desse monte de caixa, empilhado, uns sacos, é um desenho. Eu acho que tipo um quebra cabeça.

Conrado: Gostei também das cores, ficou a cor do papelão e alguns pontos azulados. Vamos para a próxima imagem?

Paulina: Essa daí também é na oito, é uma, essa moça aí, ela é empregada desse lugar aí que faz lápide pra cemitério, sabe? Ela é empregada daqui, a patroa dela não é daqui, ela traz essa coleta da cidade dela para Araraquara, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, eu esqueci o nome da cidade que ela falou, não tem coleta seletiva, então ela guarda, de quinze em quinze dias ela traz a coleta pra gente aqui em Araraquara. De quinze em quinze dias. Ela na foto é a funcionária, aí patroa dela trás de quinze em quinze dias a coleta pra gente, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, e dá pra empregada entregar pra gente.

Achei muito interessante isso daí, porque tipo, até pessoas de outra cidade, acaba ajudando a cooperativa, que vem coleta de outra cidade, pra cooperativa de Araraquara. Eu achei muito interessante, legal da parte dela, né, ela não tem obrigação de tá trazendo, ela podia jogar no lixo dela lá, mas não, ela pensa no meio ambiente. E, ela não quer jogar no lixo uma coisa que pode ser reciclável, então ela traz para Araraquara, eu achei muito interessante esta foto, muito boa. (21)

Conrado: Nossa, muito boa mesmo. Obrigado Paulina, um prazer poder compartilhar com você.

Paulina: Prazer é todo meu.

Conrado: Quer trazer mais alguma contribuição a este trabalho, sobre seus olhares?

Paulina: Eu só acho que as pessoa devia de ter mais consciência, né? Não jogar vidro fora de caixa, não jogar lixo no meio da coleta, ou é lixo ou é coleta, se fô lixo, põe no lixo, se fô coleta, põe na coleta. O vidro, embala, porque memo que a gente usa luva, às vezes o vidro pode cortá até a luva, dependendo do vidro, é... Espelho, jogam muito espelho, lixo na coleta... Tô consciência do que é lixo e do que é coleta. O que, que nem, o que a pessoa, acha que é lixo põe no lixo, o que acha que é coleta, põe na coleta, num põe tudo misturado... Ah pra mim vai tudo misturado, eles que se virem lá pra separar, pra gente é difícil, às vezes põe lixo fedido, aí a gente é obrigado a ficá sentindo aquele cheiro... É ruim, né? Esse o único recado que eu quero dá é prá pessoas ter consciência né, do que fazem né? Se já que querem ajuda, ajuda da maneira certa, da maneira correta, né, num é, só vô ajuda mas eles que se vira... Já que quer ajudar, ajuda da forma correta, colocando só coleta, embalando os vidros, né, acho que é esse meu recado.

Conrado: Demais Paulina, obrigado!

Entrevista VI Raquel – 17 de abril de 2017

Conrado: Raquel, me conta um pouco de sua história.

Raquel: Minha história, como assim? Minha história de vida? É dolo Samantha Guerra, ah, é sofrida ah. É bem sofrida... Do sofrimento cê qué sabe? Trabalhei muito pra cuidá dos meus filho, cortei muita cana, e... Também já vivi em porta de cadeia. Ah, não quero mais fala não (lágrimas). (1)

Conrado: Tá tudo bem Raquel, a senhora pode não querer falar. A senhora nasceu em Araraquara?

Raquel: Uhunm, nasci. Nasci em Araraquara, na santa casa, nasci com “Neufriti”, desde pequenininha sempre tive uma vida sofrida. É, é uma doença que dá no sangue. Tive um tumor no ouvido, tudo quando era criança, tive um filho matado com 15 anos. Aqui no Universal, onde a gente faz de sábado, lá que cresci. (2) Tive um casamento de 21 ano que acabô assim, depois que eu perdi meu filho... (3) Meu dia a dia é esse memo que ocê viu, num tem muita coisa assim, muitas coisas boa não... Mas tenho que erguer a mão pro céu e agradecâ à Deus, que ainda... Sô uma pessoa assim, que num desfaço de ninguém, gosto de conversar com todo mundo, de brincá... né? Tem as desavença da gente às veis aqui com umas pessoa, mas estes daí a gente vai levando, né? E coisa que eu também num gosto de ficá brigando cos otro, esse negócio de leva e trás, esse negócio de conversá de quem num gosto, sabe? Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente só Deus que sabe né? É isso aí... (4) Porque o que eu passei, se fosse outras pessoa assim, falo uma coisa pra ocê, tava andando pra rua cara, tava andando pra rua... Porque, na época que eu perdi meu filho, eu tava entrando em depressão, e minha mãe entro também, e as minhas irmãs sabe, elas se afastaram de mim... Se afastaram de mim então ficou eu e Deus, né, eu e Deus porque logo meu filho também foi preso, né, e minha nora tava grávida do meu minunu, esse que nasceu agora e vai fazê quinze ano, e eu fiquei praticamente sozinha, aí eu tive que trabalha pra cuida de minha Nora que tava grávida, pra dá conta de casa, cuida da outra menina, e eu me apeguei muito com Deus, sabe o Conrado, se não eu vô fala pra você, eu hoje... Eu não tava aqui não, eu fui pra trinta quilo, que oiavam pra mim e pensavam que em eu tava com HIV, aqui ni mim cresceu um osso assim, nossa foi muito sofrimento, muito, muito... (5) Aí depois disso, meu ex-marido também bebia pinga, passou a me agredir mais ainda do que me agredia, né, eu num podia larga ele porque, eu morava já na minha casa onde meu filho reside hoje, (6) e... Eu tinha que fica lá porque minha nora dependia de mim pra tudo, pra tudo, porque ela era de menor, ela já tinha seus dezoito anos mas não gostava de trabalhar, então eu tinha que me virá né, o filho na cadeia, com ela dentro de casa com nenêm pequeno, aí eu fiquei afastada do serviço, inventei que eu tava com probrema no braço, mas num era, é que eu já tava ficando meia doida mesmo, aí eu comecei a catá reciclagem na rua, catei reciclagem na rua dois ano pra eu pode mantê meu filho na cadeia, e pra mantê ela aqui fora, e com mais um salário que eu recebia do INSS pra pode ajuda, né? mas... (7) Graças a Deus tô aqui venci, Graças a Deus, né? (8)

Hoje eu moro com o Rogério, também tenho aquela vida boa tamém não, aquela vida que eu achava que ia tê sabe, totalmente diferente, ele... ele... usa cocaína sabe. Aí ele trabalha com o tio dele, o que ele pega de tarde, se ele pega sessenta reais ele me dá quarenta, pra eu me virá com os quarenta, e eu tenho que me virá e... E assim fio, eu vô levando a vida desse jeito. (9) E o filho dele é uma cobrança, só que, só que, só que, só que... E eu como não sei fala não, né? porque a mãe dele só dá duzentos reais ele acha que é tudo, que é os dois mil no caso, né? E eu tenho que me virar com duzentos reais (10) e... Por isso que às vez eu peço dinheiro emprestado pra Samantha Guerra, quando não, tô pedindo pra Laila, às vezes falta as coisas na minha casa, que a Samanthinha

mesmo sabe, né? Mas, assim eu vô indo fio, com a graça de Deus né? É uma vida sofrida, fazê o que? A gente chega lá. (11) Filhos tive três, os três de cesariana, um faleceu e outros dois são casados, o menino fez trinta dia 11 de abril, e a menina 32 dia 18 de outubro. E o outro se tivesse vivo, faria 28, dia 28 de março, o nome dele era Joaquim, o Romário o do meio, e Tina a mais velha. Tenho cinco netos, dois da minha menina e três do meu menino, o que morreu não teve. (12)

Conrado: A senhora nasceu em que data?

Raquel: Eu nasci em 1966, dia 29 de março, eu completei 51 anos agora dia 29 de março, hoje eu vô fala pra você, eu posso erguer a mão pro céu e agradecer a Deus, porque antes eu num dormia, que eu tive esse moleque aí o Romário, roubava, batia na minha Nora de noite, pulava na casa dos outros, e num tava nem aí sabe, pra ele a vida dos outro era carne e ... hoje eu vou fala procê, que... Hoje eu deito e durmo, tem hora que eu nem acredito que era aquele moleque, eu nem acredito... Hoje ele ainda fuma a maconha ainda sim, mas vô fala procê, ele fuma, mas ele trabalha, num meche em nada que num mais de ninguém, não trafica mais, né? Hoje eu vô fala pra você, hoje eu deito e durmo, hoje ele tem o carinho dele, tem a mulher dele, tem a motinho dele, né? Os amigos que ele tem é tudo gente de mais ou menos, de dinheiro, não é mais aqueles lixo que ele tinha pra trás antes, sabe, então hoje eu fico sussegada, eu fico tranquila, né? Tenho minha menina que mora lá perto da minha casa tamém, enche o saco um pouquinho, mai eu dô já uns gritinho que já fica bom já né? Dos contrário as coisa, já... Como diz a minh mãe, vai indo pela carruagem, né (risos)? É... mas é uma vida difícil. (13)

Conrado: E como foi esta mudança? Teve algum motivo, os filhos?

Raquel: De ver meu sofrimento, de ele ver meu sofrimento ele mudou, ele chegou ni mim ajoelhou e falou, Mãe essa..., ele saiu uma vez, teve a saidinha e depois saiu de uma vez, aí ele ajoelhou abraçou minhas pernas e falou mãe, ...esse daqui é o último ano que a mãe vai sofre, a mãe num vai sofre nunca mais em porta de cadeia, nem a mãe nem meus filho, eu num quero mais essa vida pra mim. Aí ele falou, a mãe me ajudou muito, gastou o que a mãe não tinha, né? Pra ajuda minha mulher e meus filhos aqui fora, eu hoje, agora é minha vez de retribuir. Eu falei, eu não quero nada de você, a única coisa que eu quero é que você seja uma pessoa de bem, um cidadão que você pode andar no meio de tudo mundo, mais nada, né? Aí foi, a mudança foi da água pro vinho. Se não eu já tinha... Agradeço a Deus todos os dias sabe, quando eu passo assim, que ele tá trabalhando no Florestano (serviço de limpeza urbana) né? Eu passo assim, e vejo meu filho trabalhando eu nem acredito, nem acredito, ó Senhor, será que é ele mesmo... Sabe o sol quente a mão tudo cheia de calo, nossa... Ê, ele fala pra mim, mãe, se eu tivesse escutado a mãe, eu num tinha passado por tudo que eu passei na minha vida, pego rebelião sabe? Levo tiro de borracha... Fico aí na Santa Casa internado, porque os home metero bala nele, daí lá perto do Mato Grosso, em Lavínia... (14) Mas eu num ia, mas minha nora tava lá, a cada quinze dia ela tava lá. Dois dias que ela ia, porque a visita era sábado e domingo, ela saia na sexta, visitava ele no sábado, visitava ele no domingo, saia de lá domingo à noite e chegava na segunda de manhã, cada ida dela eu pagava 600, 700 reais, em 2006, eu pegava 800 reais por causa do meu braço, do INSS. (15)

Conrado: A senhora estudou?

Raquel: Estudei até a quarta série, sei lê, sei escreve, sei conta... porque o estudo de antigamente não é ingual o de agora, né Conrado? Antigamente as professoras batia, elas pegava no pé, elas queria que você aprendesse, entendeu? Hoje, conta que eu sei, a Fernanda não sabe, quando ela vai fala o resultado eu até já falei. Ela fez até o terceiro...

A Tina minha já terminou o terceiro, o Romário meu paro no primeiro, esse que morreu parou na oitava, estudaro bastante eles também.(16)

Conrado: Quero te fazer uma segunda pergunta, o que é isso pra senhora Raquel, o que representa, significa Coleta Seletiva solidária?

Raquel: O que ela representa pra mim... Tipo assim, em que parte?

Conrado: O que é isso, Coleta Seletiva Solidária?

Raquel: Coleta Seletiva solidária, hã, é tipo este serviço que a gente tá fazendo, porque as pessoas mesmo, elas se solidária pra dá o material pra gente né? Então a gente não precisa tá implorando pra eles dá, então basto divulga então a comunidade se reuniu, e já, começo a solta o material pra gente, (17) e..., Aí a gente já começou a ganhar um dinheirinho, porque na época que eu entrei aqui eu recebia, que eu, ...não com a Raíssa, mas com a Leandra, eu recebia cento e dez real de pagamento, né? E... aí depois o pagamento foi pra duzentos e dez, que era o aluguel da minha nora quando meu filho tava preso, e o vale era cinquenta reais, né? Então, eu acho que de uma época pra cá, a coleta melhorou muito, melhorou bastante, né? Em parte de mate... de, de... pagamento, né? Melhorou bastante. Atrasava, ... O pagamento atrasava, nós recebiamos o pagamento e caia junto com o vale, né? (18) Pra mim... Pra mim no meu modo de ver, é muito importante isso na cidade, pra gente, principalmente porque hoje você num vê mais enchente aqui em Araraquara, ingual tinha ali no Beira rio mesmo, era muita enchente ali, levava muita casa, aqui, quando eu morava aqui perto do rio também, o rio transbordava não dava pra gente passa, de tanta garrafa que tinha, muito material reciclável e antigamente ninguém catava, aí foi só lança a coleta seletiva na cidade, então hoje em dia muitas pessoas vevi disso né? É um trabalho digno, é um trabalho muito importante que essas pessoas também né? que precisam né? (19) Coleta seletiva pra mim é isso aí, muitas pessoas não reconhecem, mas muitas agradecem, né? Tudo serviço é assim, uns reconhecem outros num reconhecem, aí se vê o nosso dia a dia na rua como é que é, meio difícil, meio complicado, mas é importante a gente tá ganhando o pão, né? Com dignidade. (20)

Conrado: Agora vamos para as imagens, temos as três escolhidas, qual o significado destas imagens Raquel?

Raquel: Essa senhora me atende muito bem, sabe? É meu amor, minha querida, tenha um pouquinho de paciência que eu ando um pouco devagarzinho, mas eu vou chegar lá. (21)

Conrado: Ela diz é?

Raquel: É, e ela me agrada muito sabe? Ela me agrada muito porque eu também já tô ficando veinha, né? E às vezes, num futuro mais pra frente então as pessoas podem não ter paciência comigo ingual eu tenho com ela. (22)

Conrado: Que legal, linda a foto, gostei muito. Vamos pra segunda foto?

Raquel: Ela também, ela é muito boazinha, ela... Eu deixo o bag na esquina, e ela fala pra mim que eu num preciso descer lá embaixo, que ela vai lá e sobe com um saco, que ela vai lá e coloca pra mim, entendeu? Ela falô que é melhor ela subi e já colocá o saco, porque pra ela é descida, e eu vou ter que desce e voltar com o saco denovo, ela falou “pode ficar aí querida”, eu fico lá e ela coloca o reciclável, é uma pessoa boa ela, ela é empregada... É, pergunta se a gente quer alguma coisa, uma água, um café, se já almoçou, sabe? É pessoas que a gente tem carinho né? E tem carinho pela gente também, todas as fotos que eu tirei, sabe? (23) Mas a imagem que ficou mais bonita foi a das três, que a da sua irmã saiu meio apagada... Ela num quis tirar (risos)

Conrado: Que legal Raquel, vamos para a próxima? O que você tem a dizer desta imagem?

Raquel: Essa daí eu não tenho muito o que falar dela não, ela é empregada também, trabalha lá no fundo, é que a foto ficou muito boa, ela às vez ela vem abre o portão, põe o saco no portão e já entra correndo, então não dá nem tempo da gente conversa, né? (24) Ela posou na foto. Ficou bonita ela colocando a reciclagem. Ela colaborando com a coleta seletiva, porque hoje em dia a maioria das empregada joga tudo misturado, porque a maioria por ali é empregada aí elas não separam, aí já não, é elas mesmas que separam, achei legal, na foto ela ficou bem, ela não teve nojo de colocá a mão assim sabe? Enquanto muitos, abrem o portão assim, e jogam, tem nojo do próprio lixo, né? E ela o reciclável não sendo dela, ela não teve nojo. (25)

Conrado: Que demais Raquel! Obrigado, aprendo muito com a Senhora e todo o grupo.

Raquel: Obrigado.

Entrevista VII Laila – 26 de abril de 2017

Conrado: Laila o que você me diria sobre suas fotos, qual a relação delas com a coleta?

Laila: Óia, agora tem que trabaiá drobado, é tem que trabaiá drobado, porque se não... A bichinha come em. Sabe quantos quilo ela tá? Tá com 11 quilos, 11 quilos é muita... (1) E pesa em Conrado, é que ela tá dormindo, senão eu ia pega ela pra você, ixi... Pesa né bonequinha, essa daqui pega ela: (apontando para outra filha sua mais velha que está próximo de nós) “Ai mãe, toma, toma, se não ela vai po chão” (Laila interpreta a fala da filha). O bicho pesa, ontem eu levei ela, o que? Foi pa toma vacina. Nossa Senhora, no carrinho, mai... têm que tá com ele mais eu, se não, que quando eu pego ela assim, o braço dói, né? Ai eu rapidinho ponho ela no carrinho, pá não derrubá ela de volta, poque, se caí no chão, pronto... mais...

Conrado: Laila eu pensei em já fazer a entrevista com você, pode ser?

Laila: Pode ser tamém, pode.

Conrado: São três perguntinhas, me conta um pouco da sua história? O que você me diz?

Laila: Qui nem assim... da coleta?

Conrado: Ah da sua vida...

Laila: Inteira? Espera aí viu... isso que eu tenho uma...eu já venho (entrou em sua casa pois ouviu a filha chamar).

Laila: Óia aqui, essa é safada viu, essa é triste (sai com a cachorra de dentro da casa). Ela é meia traíra ela, se a pessoa bobia ela morde, bicha é folgada. É, que nem quando eu morava no bairro Hortencias... quem a Roselea tem o que? Tinha uns... ela agora tá cum 13, tinha uns... uns 9 por aí, quela lá é mais nova, né (se refere a suas duas filhas que nos acompanha, ouvindo a conversa)? A pequena. Aí, otra que nem... sempre eu trabaiei cum a Raissa, tudo na coleta. Aí depois eu sai, bati na Gilsamara, sai. Aí eu falei pra Raissa que ia, e saí. (2) Aí eu arrumei, fui, fui faze um bico na cachaçaria, aí da cachaçaria, ai eu peguei... o moço mando eu leva a cartera no outro dia, pra trabaia registrado, ai eu fui. (3) Num fazia o que? Já dois ano, né? Roselea, dois ano já que eu tava na cachaçaria, aí o dono da casa lá, pediu pa arrumá né? Que tava, chovia, sabe? Escorria pela parede, aí eu falei cum ele, ele pergunto “Você tem outra moradia?”, eu disse, “eu tenho, tenho meus irmão”, né? Na casa do meu irmão era grande, ele tinha otra no fundo, aí eu fui pra lá, tudo, daí de boa (4). Aí fazia o que, já fazia seis meis Conrado, o pai dela me traia... Ô. inté aí, tudo bem. Aí eu comecei, sabe a desconfiá do jeito dele, aí eu xingava ele, ele nem... ficava calado (5). Aí depois... a gente, arrumei uma casa lá embaixo de novo, né Roselea? A gente mudo pra lá, lá que ele começo saí cum essa muié, e ela morava do meu lado assim ó. Aí eu cheguei na cachaçaria, conversei cum as menina, ai antes da gente começa a trabaiá, que a gente tinha um horário de janta, né? Uma hora, aí que vê, aí eu peguei chamei a menina no banheiro,

ela se chama Andreia, aí a gente se infio dento do banheiro eu e ela, se trancamo no banheiro, aí como meu célula era de 3 chip e o dela era de dois, eu peguei o chip dela e coloquei no meu, inverti. Aí ela começo a conversa cum ele, e ele começo se solta, porque ela morava, quando ela ia pro serviço, ela passava de frente onde ele trabalhava, aí ela começo a conversa cum ele, ele começo sabe, se soltá? Aí nisso depois do horário, a gente correu e o chip dela fico no meu celular, e o indiota retornô, aí quando ele retornô, aí era eu, aí ele conheceu minha voz, comecei xinga ele, aí ele desligô o célula. Quando foi umas três horas ele ligou de volta, pensando que a.... o chip tarra cum a menina, aí tarra cumigo, aí eu comecei xinga ele, aí foi quando ele disse assim (interpretando o ex-marido) “É, eu num vô menti mais não” e disse assim “A, eu arrumei uma mulhé” eu digo, “nossa cê arrumo uma mulhé?”. Aí sabe, assim, eu fiquei... aí depois eu fiquei assim... “uma mulhé...”. Aí depois eu disse assim, ah arrumo uma coisa melhor di que eu, né? aí nem liguei tamém. Aí depois Conrado, eu perguntei a ele, ele me ligo no meu chip, aí eu perguntei a ele depois quem era, aí eu perguntei o nome dela, aí o idiota fala... Uma nóia Conrado do céu, uma tribufu, os pessoal fala que a Raissa é gorda né, ela dá duas da Raissa, é feia em... e ela é assim é, ela é folgada, tudo dela é estraga o casamento dos outro. E as mulhé lá tinha medo dela, aí eu fui no portão dela, eu cheguei, aí eu xinguei ele... (6) Aí eu disse assim, eu vô pega ônibus no terminal, né? Esperei, nada, aí depois eu decidi, eu não vô espera ônibus nenhum.

Conrado: Ele tava lá?

Laila: Tava em casa

Conrado: Na casa dela?

Laila: Não, tava em casa. Aí eu falei pra ele assim, a é, antes de eu chega, cê sai de dentro de casa, ele disse assim “Ah eu não vô saí, cê não é mulhé de me tira daqui” então nós vamo vê se... se você não sai por bem vai sai por mal... se você não sai vivo, cê sai morto. Aí eu disse assim, vo na Honda (ponto de moto taxi) pega uma moto, não tinha moto nenhuma, aí eu cortei ali pela zona ali, sai, subi, fui embora, aí passava os carro, os carro buzina, aí eu cheguei lá embaixo na Cultrale (indústria), eu sentei, eu vô senta aqui, aí eu sentei, aí ele tava passando com a moto do outro lado da Honda (mototáxi honda), aí eu gritei, ele fez o balão lá em cima e desceu, aí ele pergunto o que tava acontecêno, aí eu falei, ele disse “Ai moça mas não fique assim não”, né?. Aí ele disse “Cê tem filho?” eu digo, tenho, aí ele disse assim, “Mas não faz nada não, cê pensa nos seus filho”, eu digo nada, mas ele vai me paga (7). Aí sabe o que ele fazia, ele trancava as menina, ele esperava as menina dormi, ele trancava as menina pá pude sai pra casa da vadia. Que vê, ele vai apanha hoje, aí eu cheguei lá, tinha... tava di férias, daí eu recebi meu pagamento, meu vale e minhas férias, eu digo, não vô pega meu dinheiro, vô pega lá dentro, vô pega na cartera dele, aí eu cheguei que ele nem viu, tirei o tênis e entrei de pontinha de pé. Eu tinha lavado uma blusa nova da Arengo (empresa de construção civil) e uma calça dele, eu rasguei a blusa dele todinha com a faca e joguei lá no chão pa ele vê. Aí eu entrei pa dentro, quando ele me viu, ele se assustou, eu digo me dá dinheiro pá eu paga a moto, aí ele me deu a cartera dele inteira, tá aí, ele penso que eu não ia fazê nada, né? Aí eu paguei o moço, aí eu pensando que o moço tinha indo embora, ele fico na esquina, o rapaz, aí tá, fico... Aí eu cheguei lá dentro, eu tava, eu tinha uma puta unhona assim ó, peguei nisso aqui dele assim (pescoço), aí do jeito que ele empurro, aí rasgo assim, aí ele veio encima de mim, não sei o que tinha lá no chão acho que água, que o chão lá era de piso, né? Aí ele me empurro, eu escorreguei cai em cima da cama, aí ele correu, aí eu peguei... aí veio na minha ideia de pega o facão; lá era muro grande, fechado o portão, né? Conrado do céu, se tivesse, eu tinha picado ele todinho de facão... eu acabei pegando e joguei ainda, pego assim ó (passou ao lado do braço) aí ele correu, correu lá pra frentona, eu corri atrás dele, eu

peguei ele, estorei o celulé dele no chão... aí ele correu de novo, eu peguei um pedaço de pau, aí depois, ai ele correu pa casa, aí eu peguei ele dentro de casa de novo. Aí as menina correu tudo pro meio da rua, aí a Thainá a Sandrinha sento lá na sargeta. E nisso eu já tinha ido lá na casa dela, ela morava assim do lado, sabe assim (descrevendo com gestos) essa é a minha e aqui é a dela. Eu fui lá, dava cada pesada no portão dela, o muro balançava... e tu... saísse? (me perguntando). Chamô os home pá ela podê saí pa fora. Por falta de uma, chego seis viatura. As menina disse “mãe a polícia” eu digo, que se foda, tô nem aí não, já que é pa fude eu acabo com o resto . E ela não saiu pa fora, depois que ela viu a sirene da polícia ligada, né? Aí ela saiu pá fora, quis se cresce na frente dos home, eu digo, é? Vai apanha aqui mesmo agora. (8) Aí ela saiu começo a xingá, o policial pergunto o que tava aconteceno, aí nisso, as menina foi e chamo meus irmão, nisso aí eu vi quando meu irmão veio, desceu com o carro e subiu na calçada, paro o carro em cima da calçada, atrás da viatura e nisso as minhas irmã veio subindo também...

Conrado: Prá ajuda aparta...

Laila: Aí o policial pergunto, aí eu falei, aí o policial pergunto “mas quem que é a esposa dele?” Aí minha irmã disse “é ela aqui” o policial xingo ela em...peguei ela pelos cabelo ... aí do jeito que eu desci...

Conrado: Vocês duas se pegaram?

Laila: Ô.

Conrado: E sua irmã?

Laila: Eu e a baranga que ele tava saindo. Sabe assim, do jeito que eu desci assim Conrado, o policial nem me viu, do jeito que eu desci peguei ela e meti a faca, não quis nem sabe, que se foda, cê não tava tirando onda, agora você vai tirá onda. Aí o policial “segura, segura” (9) aí a policial me seguro, aí chamava ele (o ex-marido) assim “vem aqui, vem aqui pa baxo né”, ele lá na esquina, ele disse “num vô não, ela é doida” e o policial disse “agora é doida né?” aí o oto diz assim “vem aqui o vagabundo safado, vem aqui”. Xingo ele também, aí ele disse “num vô não policial”, “tô mandando você desce aqui, ou cê que que eu suba aí?”. Aí ela, “aí, mas não xinga ele não” o policial disse assim “cê cala a boca também, sua vagabunda”, aí eu falano, “ô moço, a vida dela aqui é estraga com o casamento dos outro”... e as mulhé tem medo dela, só qui nem eu falei pra ela, ela é gorda mas não é duas não, não tenho medo dela.(10)

Conrado: Machucou muito ela a facada?

Laila: Pego assim aqui (mostrando onde foi)? Uma faca desse tamanho assim ô de açougue, essas faca branca.

Conrado: Ficou sangrando tudo...

Laila: O policial... ela, “vô pro UPA”, o policial disse “Cê vai fica aí, vai fica aí pra vc aprende”.

Conrado: O policial estava sozinho?

Laila: Não, tinha um monte

Conrado: Você fez isso na frente de todo mundo?

Laila: Ô, já que cê é então, vadia...

Conrado: Foi pesada a facada?

Laila: Foi nada. Aí o policial falo pra ela “se morre pelo menos ela tá limpando o mundo”. Eu falei mermo, se ela começa com muita graça, dole outra por cima.

Conrado: E eles não fizeram nada com você?

Laila: Não, porque ela tava errada, né? Aí eu falei mermo, ela começa a tirá onda, começa a fazê graça, eu falei tira a vaia agora. Aí minha irmã disse assim pra ela, assim “a gente vai te pega, não vai fica só nisso, só essa facadinha que ela te deu, a gente vai te pega”. As minhas irmã falo na frente do policial, “Sabe o que a gente vai faze com

você talarico aqui no Hortencias (bairro Afastado da cidade de Araraquara) você sabe como a banda toca, né? Num vai se só você, vai se com ele também”. Ixi... os menino queria bate nele. (11)

Conrado: Ele teve que mudar de lá?

Laila: Ele mudô, tá morano... Logo ele mudô, tava lá no Yolanda, aí agora a mulhé dele ganho as casinha.

Conrado: Que é a mesma?

Laila: Não, é outra já, aí tá morando lá no Vale Verde, perto do Selmi Dey, aí tá lá. Aí eu falei, aí ela.... aí passo, aí o policial disse assim na frente dela “Você é bonita, cê é nova e outra, dexa o canto da cama esfria não, põe outro... E dexa ele começa anarquia aqui que ai cês liga pra gente, ai cê pode liga pra gente, cê falano seu nome, a gente vem, a gente sabe o porquê que foi, aí eu vô pega ele e sei como a banda vai toca com ele, a gente leva ele lá pro canavial e desce-lê o cacete”. Aí ele disse assim pra mim e pro policial, que ele não que tira as coisa dele daqui de dentro da casa. O policial “Ô se tira ele tem até amanhã, amanhã não, até de manhã pra tira, ele vai tirá”. Ai eu fui, ai.... eu sô ruim Conrado, sabe o quê que eu aprontei? Eu não dormi esse dia, que eu já tinha chegado era o quê? Uma três horas da manhã.

Conrado: Tudo isso aconteceu que horas?

Laila: tudo isso, até chega em casa de moto é rapidinho né. Nesse dia eu sai da Cachaçaria era duas horas da manhã.

Conrado: Nossa, foi tudo de madrugada?

Laila: Foi tudo de madrugada. Aí eu cheguei em casa era três horas em pontinho, ai até acaba tudo aqui era umas quatro horas. Aí eu digo, que vê, aí ele disse que não ia tirá, aí como o policial deu até de manhã, de manhã ele foi trabalha, aí eu arrumei as rôpa dele e deixei lá no canto, dentro das... falei pras menina, se o vagabundo chegá primeiro de que eu, joga as rôpa dele pra fora. Aí a pequena disse “a tá mãe, eu já ponho já” e a pequena pego a rôpa dele ponho assim, sabe, de traz do portão, aí fico. Aí ele, ele foi, ele chego, aí eu fui lá no serviço dele, aí o moço lá, não sabia, né? Do b.o. (boletim de ocorrência), dexô eu entra lá no prédio. Aí eu fui, aí ele pergunto “Cê é o que do Maurício?”, sou esposa, tinha o meu nome lá mesmo, que vê, vô pega ele agora, lá dentro no serviço dele, lá dentro do prédio. Aí fico, aí fui, Conrado, quando ele me viu ele mudo de cor, ele tava sentado, ele levanto, ai já cheguei dando um bicudo nele. Tem um irmão meu que trabalhava junto com ele, meu irmão entro no meio, eu tamém empurrei meu irmão, xinguei meu irmão tamém. Aí dei uns tapa na cara dele, todo mundo olhando. Aí o colega dele disse assim “Eu te falei que isso não ía dá certo, eu te avisei, cê não me escuto”.

Mai ô Conrado, mai eu acho que ele, ele tava tentando, foi quando ele veio pedi perdão, ele tava tentando, sabe... (12)

Conrado: Reconciliar?

Laila: É, e outra, ele, eu acho que tinha alguém que tinha visto alguma... ele com ela, porque ele tava tentando conta pra mim, mas só que ele tava com medo, ele tava com medo, acho que alguém viu e disse “Se você não conta pra Laila, eu vô chega aí e vô conta” já fazia tempo e, ele tava com medo, ela ligava pra ele, ele teve que troca umas três vezes de chip, vixi... Aí, ela ligava, ele atendia xingava ela, falava assim que acabô, que ela acabo o casamento dele de dez ano, né? Que ele tinha as filha dele pra cria, essa mulhé deu trabalhão. Aí depois do acontecido, aí foi uma sobrinha minha em casa, ela tava grávida, aí ela disse assim, ela tinha almoçado lá, depois ela disse “Ai, vô embora” eu digo, não, vamo, eu vô te leva ali no ponto, porque minha casa era assim (faz gesto para mostrar a casa) e o ponto era, o quê? Um pouquinho pra baxo de casa. Aí nisso o ônibus tava vino, e eu vi ela sabe, ela em pé, assim, dando em cima do motorista, um

vestidinho amarrado assim tomara-que-caia no pescoço, e ela não tinha me visto. Que vê, ela vai se lasca, eu vô pega ela aqui na frente de todo mundo. Aí eu escondi assim, detrás do muro assim, eu só esperei, quando ela desceu assim, boto o pé assim, no premero dregau do ônibus, eu grudei nela pelos cabelo arrastei pra baxo... (13)

Conrado: Nossa Laila!

Laila: Ô, saí arrastano, aí o motorista bem na frente do ônibus, e pra tira o ônibus dali, tava na frente do ônibus. Peguei ela pelos cabelo, bati a cabeça dela no ônibus, e o motorista gritano “ajuda gente, ajuda aqui, ajuda aqui”.

Conrado: Mas por que? Ela tinha feito o quê assim?

Laila: Nada, por desaforo, que ela tava mandando recado pela menina dela, pa dá recado pras minha né?

Conrado: Do que assim, exatamente?

Laila: Ela tava dizendo assim, “aí fala pa dá recado lá pas menina da Laila, que eu vô pega a Laila, vô mata a Laila, vô bate”

Conrado: Mas por que tudo isso?

Laila: Porque ela queria ele.

Conrado: Ah! O seu marido seu ex-marido?

Laila: É, eu digo, é beleza, ela sabe onde eu moro. Aí eu cheguei, disse, aí eu lembrei a ela, você lembra? Não lembra? Que você ficava me mandando recado sua puta, safada. Aí saí Arrastano ela, e os menino “bate Laila, bate Laila”. Aí os zoto ía entra no meio do ônibus, aí os menino gritô lá de baxo: “Ninguém vai entra não, dexa aí, ela não mexeu? Agora ela vai leva. A menina trabalhando e o safado saia com essa nojenta”. Aí foram chama a minha irmã de novo, e minha irmã subiu, aí ela correu pra dentro da casa do meu irmão, aí taquei-lê o tijolo, pego assim nela, corto... (14)

Conrado: Foi pra UPA, deu ponto...

Laila: Foi pá UPA de novo, e ela dentro da casa do meu irmão, aí chamaro o SAMU, eu digo, chame o chame o SAMU não, manda ela chama a polícia, porque da outra vez ela não chamou a polícia? Manda ela chama a polícia de novo. Aí ela gritava lá dentro “Eu vô te pega”. Aí minha irmã entro lá dentro e pego ela, saiu arrastano no meio da rua, de novo. Aí saiu arrastano pro meio da rua. (15)

Conrado: Tudo do Hortencias lá.

Laila: Tudo. Aí minha irmã, a gente ía amarra ela e ía leva no meio do mato, ía joga pimenta nela. Aí o zoto, a família dela “Não, Não, dexa pra lá” eu digo, dexa pra lá?

Conrado: Joga pimenta no rosto?

Laila: Em tudo, no corpo dela interinho. A gente ía amarra ela no pé da arvore. (16)

Conrado: Que idade ela tem?

Laila: Ela é bem velha em, bem regaçada ela é

Conrado: E já tinha acontecido tudo isso com o seu marido fazia quanto tempo?

Laila: Já fazia uns seis meses, por aí já. Aí ela foi e mudo depois do Hortencias. Tamém aí Rafael tava falano que ela já volto, depois que eu sai de lá, ela volto pra lá.

Conrado: Mas hoje já mudo a vida, né?

Laila: Já. Quinem essa que ele arrumo agora, tamém dá trabaio, heim?

Conrado: E hoje você já tá com o Walisson, não?

Laila: Ele xingava quando eu comecei sai com o Walisson, xingava. Eu tinha pedido o divórcio a ele, aí eu tava lá de frente da casa de meu irmão, de baixo dum pé de árvore com as menina lá, né? Aí eu senti o celular vibra, eu sentei em cima do celular e senti, quando eu olhei era ele. Eu atendi, ele me xingando “Aí cê que divórcio pá se casa com aquele nanico, aquele branquelo safado?”. Eu falei pra ele, vai ô traíra. Ele disse “Traíra é você”. É eu né? Falei pra ele “é eu mesmo, traíra é u cê seu folgado”. (17)

Conrado: Laila e você veio do Maranhão?

Laila: Nasci em Pernambuco.

Conrado: Em que ano você veio para cá?

Laila: Quando eu vim aqui, tinha o que, tinha nove anos, nove anos de idade.

Conrado: Nove anos quando veio para São Paulo, você veio com quem Laila?

Laila: Vim com meu pai e minha mãe

Conrado: e eles, estão vivos?

Laila: Não, minha mãe morreu premeiro que meu pai

Laila: Minha mãe morreu novinha. (18) Acho que minha mãe é muito mais nova de que Dona Samantha Guerra, muito mais nova de que Dona Samantha Guerra é...

Conrado: Morreu com menos de cinquenta?

Laila: Morreu. Ela era Morena, que nem... não tem a Roselea (aponta para sua filha), a Roselea se parece com ela, você tá vendo a Roselea. Aí ela era morena forte, né? Grandona ela, ela era mais alta de que meu pai ainda, meu pai era altão, mais alta de que meu pai ainda. Meu pai já era mais velho do que ela.

Conrado: Tinha uns 70 anos?

Laila: Tinha por aí. Porque meu pai tinha diabete né. Tinha diabete tinha... Ele, que nem, os médico fala pra ele come, sabe assim, aí ele num comia.

Conrado: E sua mãe?

Laila: Minha mãe dava conselho pra ela, mas entrava por um ouvido e saia pelo outro. Ele chupava manga.

Conrado: Comia tudo com doce.

Laila: Chupava manga, quem lá no Pernambuco tem bastante manga, era manga, água de coco, caju, vixi...

Conrado: E você teve muitos irmãos?

Laila: Ixi tenho um monte viu

Conrado: E vieram muitos para cá?

Laila: Tem um casal ainda lá no Pernambuco, o resto tá tudo aqui no Hortências.

Conrado: Quantos irmãos?

Laila: Ixi, vô fala a verdade pra você, tem mais de doze irmãos, mais de doze. Tem um que mora aqui no Vitória De Santi, tem um que mora ali no Del Rey (bairros periféricos de Araraquara), tem bastante...

Conrado: Você é a caçula?

Laila: Eu sou a caçula. Aí tem a caçula dos homens, que é o meu irmão que ele é crente, pastor. (19)

Conrado: Lá no Hortências?

Laila: Lá no Hortências. Tem bastante em, tem um monte, tem um monte, um monte. E uma vez, uma vez eu trabaiei com a Raissa (coleta seletiva solidária), aí teve uma, ela é noiada né, aí pego, veio grita comigo no meio da rua. Como eu já num presto, aí eu falei pra ela, cheguei perto dela assim, a Raissa ainda vivia cum o pai da menina dela, com o Rodriguez ainda, eu cheguei perto dela assim “você não sabe fala baxo? Tudo você é grita com os outro no meio da rua”. Aí ela começo se cresce, eu falei para ela, eu num tenho medo de você não ô, cê tá noiada? Não tenho medo de noiada não, vai. Aí ela veio dá na minha cara, aí eu afastei pra traz um passo. Aí eu falei, ó Raissa ela vai apanha, aí a Raissa “Para gente!”. Aí eu ia senta, ela veio de novo, só que ela dessa vez ela acerto “a então é assim? Então agora você vai leva”. Eu peguei ela por assim (mostrando com o corpo), joguei no chão, aí a Raissa gritando o Rodriguez, o Rodriguez veio, entro no meio. (20)

Conrado: Quem que é o Rodriguez?

Laila: Era o marido da Raissa

Conrado: Também catava material?

Laila: Catava, era cargueiro

Conrado: Ele tava perto do caminhão?

Laila: O caminhão tava parado pegando as *bag*, né? Ele tava na rua. Aí a Raissa “vem aqui, tira aqui, tira aqui, tira aqui, tira aqui”. Aí o Rodriguez veio, aí o Rodriguez me tirô. Aí ela levantô, aí ela veio de novo. Aí a Raissa: “Para Cráudia”. Aí ela: “Aí eu vou mata ela” (se referindo à Laila).

Conrado: Vocês se conheciam?

Laila: “Qui se vai mata o que? Você não mata nem sua fome ô imundícia, passa fome do caraio”. Aí ela veio de novo, eu digo óia. Aí a Raissa “Sai Laila daí”. Aí eu comecei a arrudia o Rodriguez assim, pra num bate nela. Aí depois ela veio, aí ela pegô assim no meu cabelo, aí eu meti-lhe o murro, o Rodriguez passo na frente, pego no Rodriguez também. Aí o Rodriguez disse assim ó “ Aí tá veno, eu fui entra no meio, apanhei tamém, tá veno, tá veno!”. (21)

Conrado: Esse foi um momento, uma passagem da coleta, isso já faz quantos anos já?

Laila: Isso já faz tempo. Da primeira vez que eu entrei. Ó que nem cê viu naquele dia lá, lá no Laranjal né, que começo assim... Fui que nem dia de hoje, hoje é quarta. Aí eu fui às 13h, desda hora que Seu João parô aqui, que aquele cargueiro que entro, ele tinha falado pro Seu João que precisava ir no correio abri conta dia de semana. Conrado, vê só, Seu João falo pra ele assim, pra ele não ih que ía atrasa o caminhão. O caminhão já tinha atrasado, que tinha furado o pneu, pra ele não ih, e eu ía pra rua faze rua (catar recicláveis) e depois fazê carga (no caminhão). Aí ele disse assim “Ah, mas é rapidinho”, seu João disse, “não é rapidinho, pra abri conta não é”. Aí ele foi, o Seu João assubiô, foi, ele desceu do caminhão e foi. Aí chego no barracão, Raissa tinha que saí mais cedo, aí eu perguntei pra Laís, “cadê Raissa, Laís?”, aí a Laís disse “A Raissa tinha que saí mais cedo Laila” Aí a Raissa foi às 10 e 11h, nesse dia aí tamém.

Aí o Seu João dexa as *bag* na rua. Aí dia de hoje é dia de pega garrafa, aí foro lá num ponto fixo lá, o Walisson pego um monte de garrafa sozinho, jogo dentro da *bag* e boto dentro do caminhão com o Seu João. E nisso já tinha *bag* na rua...

Conrado: É onde pegam as garrafas?

Laila: É no braço da catorze.

Conrado: Tem um bar lá, não é?

Laila: É, um restaurante, né? É lá mesmo. Aí, aí tá, aí eu vi o caminhão, aí eu via Seu João desce do caminhão e ajuda, sabe, o Walisson ergue a *bag*. Aí nisso eu tinha tirado sete *bag* de um prédio ali da treze. Aí, eu digo, tá, aí eu esperei o caminhão chegá, aí eu ajudei o Seu João, ele tava brabo, aí Seu João falô, né? Aí Seu João já tinha ligado pra Raissa. Aí eu ajudei o Walisson (cargueiro e marido de Laila) fazê a metade de uma carga, aí eu voltei pra rua de novo (catar porta a porta), fazia um pouco da carga e voltava pra rua de novo e assim eu fui fazendo. Fui enchendo, fui enchendo, fui enchendo, aí tá. Aí depois de enche o caminhão o Arnaldo (coordenador da cooperativa) ligo pro Seu João, aí Seu João falô: “Não, mas a Laila fez assim, a Laila fazia a rua e fazia a carga, fazia rua e fazia carga”. Aí tá, aí as menina... a irmã dele (cargueiro novo) ligô pra mim, falando assim pra eu dá o recado, eu falei, eu não vô dá recado pra ninguém. Eu falei, ele sabe o horário do serviço dele e não era pra ele te saído do caminhão. (22) “Aí mais tarde ele tá lá na praça da nove lá” (cargueiro novo). Eu digo, que praça o que ô, era pra ele desce lá pa nove, lá pa deixa as *bag* cheia lá. Seu João disse assim que deu, umas mais de mil volta lá, ele disse assim que não vai ficá dando volta não, ela já ligo pro Arnaldo. Aí ela “Ah, mas dá o recado pra ele?”. Eu não sô pombo correio, não vô dá recado pra ninguém, ele sabe do serviço dele, ele saiu porque ele quis, Seu João falo que não era pra sai. Aí eu desliguei o celular. Aí o celular toco de novo, era ela, eu não atendi e fico tocando dentro da bolsa. (23) Aí depois, aí quando

chego na usina a Raissa ligô, Walisson atendeu, aí a Raissa tava braba com ele. Aí a Raissa falo pro Walisson pega uma advertência lá na usina, que o Arnaldo já tinha feito (24). Aí, sabe aonde ele tava, depois Conrado, que todo mundo fez as ruas, a Raquel ainda veio de encontro comigo ainda que a minha tava atrasada, por motivo do caminhão, né? Aí atrasei. Aí depois eu fui lá pa oito lá onde a Laís tava, pá eu ih pá oito. (25) Aí a irmã dele “Ah, mas meu irmão precisa do serviço”. Eu digo, estão, já que ele precisava do serviço, ele não tinha saído. Que a Raissa dá os dia certo pra pessoa abri conta, ele não abriu conta logo porque ele não quis. (26) Aí agora fica fazendo essa cagada aí e agora eu sô obrigada a faze rua e ih pro caminhão? Aí eu fui, aí eu disse assim, só que eu vô fala pra Raissa, falei memo. Aí dela chega na Raissa, sabe aonde, com quem ele tava? Na rua nove do outro lado na contramão, junto com os nória, aonde que Seu João ía vê ele? (27) Ele disse pro Seu João assim “Aí eu vi o senhor passando por aqui, mas nem dava tempo de corre”. Usando droga, que ele usa droga, ô Conrado. Eu falei pra Raissa, falei na cara das irmã. Aí, dela falá como eu falei, ela aumento. Aí ele (cargueiro novo) veio pergunta pra mim no barracão no sábado, aí eu falei assim ó, só falei que você tava com os nória do outro lado da rua, da nove, mas não foi verdade? Ele “Aí, mas não pode fala isso”. Eu digo, que se foda, quem usa droga é ocê fio, num é eu não, não devo nada pra você não (28). Aí a Raissa monto na caminhão, aí eu falei pra Raissa, eu disse, quando eu chegá lá vô pergunta. Aí foi a hora que eu disse... paga lá pra mim lá... Aí eu falei pra Raissa, eu disse, só que quando eu chega lá eu vô pergunta... (Uma das filhas trouxe a netinha de colo para Laila segurar) Ó o tamanho Conrado.

Conrado: Que benção em... é fortaleza.

Laila: Óia eu Conrado, óia Eu.

Conrado: E Bela, colo da vó é tão bom hein...

Laila: Pega lá o paninho pra limpa a boca dela.

Conrado: Você então, ó tem três meninas e um menino, qual é? A Roselea

Laila: E a Rosácea que foi pra escola

Conrado: e a Roselea tá com quanto?

Jasmim: 12

Conrado: E a Rosácea?

Jasmim: 13

Laila: E a Isa fez 14

Alguém: Não, fez 16

Conrado: E Rafael, tá com 18 agora?

Laila: É.

Conrado: Bem Laila, agora uma segunda pergunta, o que significa, na sua vida, a coleta seletiva solidaria?

Laila: Bastante coisa, né? Ó se não fosse né, Nossa? Que nem, o desemprego tá foda hein, que nem eu falo pra Raissa lá, das outra lá, as outra...que nem ela fala da rua, sabe, não faz rua direito que nem ela manda, aí os pessoal liga pro Arnaldo. Aí quando tem reunião, aí o Arnaldo xinga ela sabe. Eu tava falando pra ela, não fez a rua direito fi, manda embora, né, Conrado? Tem tanta gente, quê que trabalha, que tá precisano, enquanto ela... a Raissa já deu muita chance, mas manda embora. Qui nem, se fala mal dela, Conrado, eu falei “manda embora”, não deu valô fi, “manda vaza”, né? (29)

Conrado: Então representa o sustento...

Laila: Não é. Agora adianta, qui nem, eu faço uma rua, faço mal feita, os pessoal vai e liga pa usina. Aí quem atende é Arnaldo, que é do celular dele, que logo liga, cai no celular dele. Ele não que sabe quem fez a rua. Ó, pode pergunta mermo pra Raissa, eu já fiz tanta cagada dos outro Conrado. Aqui mesmo, o pessoal tudo me conhece, ó essa

semana, na segunda eu tirei... trouxeram um bag, vinheram aqui pegaram um bag, encheram e truxeram, aí eu mandei Raquel dexá aí, aí de frente. Isso foi, a Raissa, passo numa segunda, e elas não grita. Que nem aquela que entro, a que eu ia bate nela naquele dia que a Raissa num dexo, ela não grita, a Nádila não grita, a Aurora não grita. Só quem grita é dona Samantha Guerra, Raquel, essa senhora que entro... a Maria, a Laís e a Paulina, só, porque as outras três.... Vai aí na nove de quinta feira pra você vê. (30)

Conrado: O que você me diria que representa essa fotografia?

F 19

Laila: Deixa eu vê... essa daqui, essa daqui, essa daqui. Ah dá força, né? Pra trabaia, né? (31)

F 20

Conrado: e essa segunda imagem?

Laila: Também, né? Porque vendo aí, dá mais força ainda, dá mais vontade de trabaia, né? (32)

F 21

Conrado: Essa outra? Tem alguma coisa que você gostaria de dizer? Que mensagem você deixaria sobre isso que te move, os sentimentos?

Laila: Que nem, a coleta agora é nosso pão de cada dia, né? Aí tem que faze direitinho... (33) Que nem, teve reunião, foi sexta-feira da assebréia lá, a gente... Eu fui e tinha que vota né, primeiro, no jeito que meu nome já tava lá, né? (34) É tem que faze direito, que é nosso pão de cada dia, né Conrado? Quem tem fio pra cria é foda, né? Ainda mais a Bela, pronto, né? Que nem, tem mulhé assim, que fala assim, que sofre à toa, que nem, uma vez já falei pra Raissa... que nem a Larissa, a Larissa dizia assim “Ai eu não largo do meu marido porque eu não tenho como me virá sozinha” aí a Raissa disse “Lógico que cê tem! A Laila, a Laila largô de um nego, as fia dela era pequena”, falei oxi, jamais que eu vô fica sofreno, e sendo que eu nunca dependi de home nenhum pra sobrevive, falei, toda a vida eu trabaiei fih, pelos meus fio eu do a cara pra bate mesmo, eu trabaio memo, tô nem veno, trabaio num mata ninguém, né Conrado? Num mata ninguém... Só trabalhá, pensa nos filhos, tô fazendo isso pelos meus filhos, e pronto, né? Trabaio mesmo, não tenho dó não... Eu pagava meu aluguel todo mês certinho, sozinha, eu e Deus (35)

Conrado: as quatro criança pra cria...

Laila: Ô, graças a Deus não passo fome, tá tudo vivo aí, só tê força de coragem né? Pra trabaia. Que nem o pai dessa daqui quano a Rosácea tava grávida ela falo pra ele, ele disse assim que num era dele, que num queria nem sabe, aí depois que a menina nasceu tudo, ele quereno que ela levasse lá, eu digo num vai, mas num vai mesmo, num vai. Aí eu falei pra ele, ainda dei um coro nele e falei pra ele, vê se erra a menina hein. (36) Uma que o Walisson cuida como se fosse dele, é tá registrado no nome dele, né? Tá no nome dele. Aí a Rosácea... a mãe do bebê: “era pra mãe tê registrado ela no nome da mãe”, aí ela disse assim, “a então já que mãe cuida dela, então ela não é minha, ela é da mãe, e outra, já que a mãe... se mais pra frente a mãe quis é, passa ela no nome da mãe”. Que nem eu conversei já com o meu advogado, né? Aí o advogado mando espera mais um pouco que ele vai conversa com o juiz pá tira do nome da Rosácea pá passa pro meu, ela disse “nem eu me cuido, nem eu me sustento, como eu vo sustenta a Bela? De que jeito?” Aí depois ele saiu falano: “ai, meu pai ajudo a Rosácea”. Aí a Rosácea encontro ele, a Rosácea disse “onde que teu pai me ajudo? Se não fosse minha mãe, eu tinha morrido de fome com a menina ai ô”. (37)

Conrado: Ele nunca ajudou em nada?

Laila: Nada, nada, nada. Aí eu falei pra ela ô... ele (pai genético da Bel) disse “aí, eu vô lá vê”, e eu disse, “vai lá vê, vai, vai que cê vai apanha de novo”. Eu falei pra ela, fala pra ele esquece a Bela, “vê se erra ela”.

Conrado: Foram quantos anos de casamento o primeiro?

Laila: Com o pai dela?

Conrado: É

Laila: Eu vivi dez anos, dez anos casada. É o pai da Rosácea... que é a pretinha e a Roselea e o Pai da Rosácea é o mermo pai. Aí foi, foi esses dez anos aí.

Conrado: Quanta vitória, os quatro filhos mais a neta. Obrigado Laila.

Entrevista VIII Jasmim – 09 de maio de 2017

Conrado: Jasmim tenho aprendido um pouco a cada dia com a senhora na coleta, queria te perguntar para realizar a entrevista, vou ligar o gravador. Me fale um pouco de sua vida:

Jasmim: Porque não é fácil fio, não é fácil, então... Eu me separei, né? Ele era muito violento né fio? Então, eu acho assim, entre o casamento, tem que te confiança entre um e outro, num adianta você te ni você e num tê na gente, tem do medidor da água, da luz, eu acho que uma pessoa, ela já ti conhece por vivê né? Quando você conhece uma pessoa que ela é pura, você casa com ela, você já sabe que ela não foi usada. E depois joga na cara que a gente não é nem nada, porque tirou eu da casa de meus pais? Porque era mentira, num é? Porque se eu fosse daquelas, ele já tava com uns par de chifre que num tinha onde, num é? Como todas as menina fala, a fila anda, num é? Mas acho assim, que não, eu acho que a gente terminou um casamento, mas o respeito continua, que aquele papel nunca vai se desfeito, tá como separado, tomo como sortera? Tô, mas, nunca mais é aquela coisa, cê entendeu filho? É aquela mancha. Eu não sei se cê tá entendendo, então, por isso que eu falava pro meu sobrinho, dei muito conselho, só que num, num quis ouvir, né fio? Entro por um ouvido e saiu pelo outro. Achava que isso nunca ia acontece com ele, entendeu? Então eu dizia assim, fio, hoje você tá de pé amanhã se tá caído, vem uma mão e te levanta, cê vai lá e cai de novo, vem outra e te levanta, então, você tem que praticamente ver se é isso mesmo, num adianta anos e anos que ocês tão namorando, porque eles são novo, num são? São praticamente umas criança, tanto ele como ela. Eu era uma criança quando casei, eu tinha de 10 pa 11 anos, porque ele teve que dá idade que até meu pai e minha mãe teve que assina, pra gente se casá, da idade dele passou pra mim, sei lá que jeito que o juiz faz né, que meu pai e minha mãe teve que assiná. Me arrependo até hoje fio. (1)

Conheci ele em frente da minha casa, meu primo veio em minha casa, tava eu a Carmem, a Sueli, tava as menina me convidando pra saí, pra ir no barril, lembra ali na rua 2? Conheci ele aqui em frente da minha casa. Ele era muitos anos, era bem mais velho do que eu, mas meu primo veio atrás das minha colega, e trouxe esse indivíduo (risos), que até hoje me arrendo de tê casado, por isso que eu digo, nem tudo... (2) Primeiramente! É um conselho de uma burra, mas qui nem eu dizia pro meu sobrinho, primeiro você tem que compra uma casa, ou um terreno que você se ache, construí, porque você mora com parente, é a pior coisa que existe na vida, acaba com teu casamento, se destrói, qui nem eu disse pra ele, o filho não faça isso, compra uma casa, viva com ela sem casa, porque depois que casô no papel, estragou, viva, assim, namorano, se divertino dos seu modo, porque o meu modo era aquele assim, depois de casada, sempre foi essa a regra minha, agora desses de hoje em dia num sei como é que é, se já vão pra cama, hoje nem sabe quem que é, nem da onde veio, né? Como eu falava pra ele, filho, mulher tem bastante, home também tem bastante, tanto que você

põe chifre ela põe também, né, mas vocês tem que se conhece, comprando suas casa, ih comprando seu móvel, ih vivendo suas vida, porque namorá é uma coisa fio, caso é outra, muda muito viu, dei muito conseio, minha vizinha veio fala que esses dia ele veio atrás de mim, porque ele tá arrependido, porque ele não ouviu o meu conselho, aí eu encontrei o meu irmão, porque eu tava na quatro, aí desci aquele pedaço que vai dá no poupa tempo, ele tava no branco, meu sobrinho mexeu comigo, o outro irmão dele, e falo que ele tá sumido, que tá morando com meu irmão, mas num tá dando satisfação nem nada, e eu tava até com medo de ele fazê alguma besteira. Ultimamente quando eu vi ele, ele tava falando de morte, e uma vez ele também coisô, que ela quase mato ele né. Então por isso que a gente tem que conhece fio, num é porque você tá apaixonado, alguma coisa sabe, caiu naquela ilusão. Depois que casa, aí ocê vai vê, aí depois duns tempo a gente vai conversá, aí você vai fala assim, você tinha toda razão, se eu tivesse ouvido não tinha caído nesta bestei, então quando ele quer conselho ele volta aqui (riso).

(3)

Conrado: A senhora nasceu aqui em Araraquara Jasmim, Em que ano nasceu?

Jasmim: Nasci dia 20 de março, de 69. Então estou com 47, 48... 49 anos... Deve ser essa faixa. Não... 48 eu acho, né? Eu acho que nasci em casa, os antigo não fazia isso, filho em hospital. Era assim, o meu pai, ele tinha uma pratina, ele trabalhava, ele era construtor de obra, ele que fez o Lupo (fábrica de meias e cuecas) então ele viajava muito, tanto é que cê vê os modelo dessa casa, quando você vim com mais tempo, eu vô te leva lá na casinha do fundo que eu vô te mostra os modelo de desenho dessa casa, dos detalhes, essas coisa aí que ainda tá lá. Ele mesmo fez, no papel, mediu, e passou no coiso, da prefeitura, então lá tem os marceneiro os carpinteiro tudo né, então ele corto e fez, e os home só deu o termino né, com aquela peça lá, ou ele mesmo que deu porque ele contava pra gente que era ele né, então eu tenho certeza que era meu pai porque ele era muito capaz, e... E ele era muito procurado, mesmo depois de morto, minha mãe não concordava, porque muita gente procurava ele. Aí ela falou assim, só se você for procurar ele no cemitério, na quadra. (4)

A minha vida foi muito sofrida fio, uma que eu num pude estuda porque eu pensava nos outro, cê entendeu? Eu acho que, meu pai foi, com esses pobrema de ele trabalho de marceneiro, carpinteiro, tudo, que ele era construtor de obra, ele teve uma alergia muito grande de meche com cal, cimento, então começo a aparece umas mancha nele, e o médico proibiu ele de trabalha em construção de obra. Mas ele trabalhou muitos anos né. Nossa vida foi muito sofrida, sabe? A gente teve que trabalha desde pequena, eu trabalhava de babá, pra Bia, que é na segunda casa de vim de lá pra cá, que ela morava ali, então, meu pai tinha pobrema na perna, que depois de tanto ele trabalha, subia e descia escada com aqueles coiso, que antigamente num tinha aquele coisinho que... né? depois que construiu aqui, ele inventou, né? As roldaninha, aí desgasto aqui o osso (fêmur), e ele pôs platina, um tanto assim de platina, que ele mancava da perna, e a gente trabalhava pra ele num ih, sabe? Aí era luta pra ele aposenta, porque cê sabe, hoje é difícil pra aposentar, né? Aposenta um bêbado, mas num aposenta um trabalhador, né? Cê concorda comigo? Um bêbado ele tem chance, é só ele toma vergonha e ir trabalhar, né? (5)

Então eu tive que trabalhar desde criança, antigamente a gente ia pra roça, minha mãe ia pra roça, e acompanhava minha mãe que ela ajudava meu pai, né? Porque ele era operário, a gente ia no café, naqueles algodão, então ela levava todos filho, que era aqui no antigo bar... Era um bar... Do que chamava lá...? Era aqui, aqui da esquina, era um caminhão que há muitos anos de boia fria, que era caminhão, e ia todas as criança lá trabalha. Meus pais eram de Américo, ainda tenho muito parente ali em Américo, mas pegavam a gente aqui no boia fria, era ali o ponto dele, fixo. E entregava ali, também,

saia de madrugada e depois ia pra escola tamém, porque antigamente num tinha, né? De manhã, passava a hora do almoço e ia pra escola. Ia pra escola e voltava. Então meu pai falou assim, ou sai ela ou sai ocê pra trabalha, então como era assim, me achava mais velha do que a outra, fui trabalha pra dar lugar pra ela, e hoje eu me arrependo, porque eu devia ter estudado e deixado ela pasta que nem eu, sabe? (risos) Ela estudou até a oitava. (6)

Conrado: E seu outro irmão estudou?

Jasmim: O Toninho estudou até a quinta, mas ele é profissional, ele que fez esta pastelaria, ele é construtor de obra que nem meu pai, sabe a pastelaria aqui da sete? Foi ele que fez. Essa casa de tijolo à vista, que tem virando ali, foi ele que fez tamém. Eu estudei até à quinta, aí eu dormia na sala de aula, porque aí eu fui trabalhar ali no mercadão, que num era registrado, no Walter Confeccções, que hoje é fechado, né? Num era registrada. Depois eu fui pra Shabam, lá era aprendiz de costureira, puz botão, as lapela, é... Cê conferia a perna uma com a outra, pra passar pra máquina, era pra refazer ela, entendeu? Aí depois de muitos anos eu fui pra prefeitura, que aí quando eu casei, ele num deixou eu mais trabalhar, né? Eu trabalhei um bom tempo, aí eu tava grávida d'meu menino, aí ele num deixou eu mais trabalhar, porque um mês depois que eu saí faliu... Antes que eu tivesse ficado, trabalhado, e ficado com meus pais. (07)

Depois de muitos anos, que meu filho já tava grandinho, que eu me separei, quando ele já tava mocinho, já tava na oitava série. Aí foi aonde ele escolheu, porque o pai, né? Que o pai dava de tudo, comprou ele, né? Comprou os dois, né? Porque o dinheiro compra tudo, nego fala que não, mas... Um já tá com 22, o Willian, e ela 20, a Aline Cristina. A minha menina, ajuda esses médico pra operá cabeça, é enfermeira padrão, e ele é vendedor de bebida, daquela bebida lá, eu esqueci o nome, e ele trabalha em *barman*. Hoje já tenho um neto do menino, o Willian. Nós moramos no bairro Jardim Bairro e no Jardim América, que foi quando nos separamos. Depois de tudo eu entrei na frente de trabalho, que é trabalha na rua de carpi, de coisa, mas eu fui trabalha lá no Parque Pinheirinho, onde, eu não sabia que é lá no pinheiro que é o coiso de... O lugar de fazê as pranta de casa, fica tudo lá, perto do canil, onde faz as operação de cachorro, sabe? Aí depois eles me promovero do escritório, do escritório me promovero pra piscina, eu limpava o banheiro das piscina. Depois me promovero pra porteira das piscina. Aí sorte que só fica um ano né, depois daí cê tem que fica desempregada um ano desempregado, pra depois pode volta de novo, pra dar chance pra outro fazê, cê fica seis meses, depois mais seis meses, até dá um ano, né? Aí depois cê tem que sair pra dá chance pra um outro, e depois esperá um ano pra coisa, foi aí que eu entrei na "Orc", aí eu trabalhei sete ano lá. Trabalhando na Lupo. Varrendo a seção e lavando o banheiro, recolhendo o lixo. Tedde Orc (*Work*), hoje é Tede Orc, mas era Orc, que ela era bem aqui embaixo. Nessa época eu morava com meus pais, na época da prefeitura também, de tudo. (8)

Conrado: E me conte mais de sua vida Jasmim.

Jasmim: (risos) Aihn, fio, minha vida é triste, cê chora, é muito duro, fio, por isso que eu falo pensa bem, porque o casamento é o estrago da vida, viu? Pra muitos, nego fala assim, mas cê vê muitos hoje se divorciando, muita violência, o homem num aceita que a mulher larga, essas coisa, sabe, porque eles faz tudo na ocorrência. Na ocorrência é assim, começo a namorá, namora um ano dois ano, três ano, quatro cinco ano, acha que conhece, vai pra balada, se acha que já tá pronto pra casa, num tem uma casa, num tem nada, joga na balada, como que se é, como que se diz, pra você entender melhor a minha jogada, você... Casa entre "aspas" e vai mora no fundo da casa de seu pai, e faz uma casinha, mora lá de aluguel, vai pagando a água a luz, imposto, ajudando a repartir a despesa. Sempre vai tê algum deles, padrasto, ou mãe ou irmã, que num vai aceita,

sempre vai pô uma confusão e vai dá aquela briga no seu casal, vai acaba no quê, na separação. Porque eu fui mora no fundo da casa de minha sogra, eu fiz uma casa lá no fundo, que tanto valorizou a minha casa, como a dela, né? A nossa tinha mais valor que a mulher se apaixonou pela minha casa, que essas é minha loucura, eu sô assim, meio espantada (risos), mas, eu me arrependo... Não arrependo dos meu filhos, arrependo que eu não devia ter tido eles com esse home, por isso que a gente fala, cê vive 20, eu vivi há 17 ano, há 19 ano com uma pessoa que cê num conhece, e namorei 7 ano pensando que eu conhecia. Num era nada daquilo, muda fio, muda, você sabia que muda? Quando vocês tão namorando é uma coisa, quando vocês casa, você conhece entre quatro paredes, você conhece o outro lado. O sofrimento faz a vida né fio, aí cê aprende a num cair mais né. Depois que cê cai a primeira vez, cê só cai na segunda se você for... Gostá da burrice mesmo, né. Vida, sofrida... (9)

Conrado: Jasmim, e o que representa, significa isso, coleta seletiva solidária em sua vida?

Jasmim: Significa, que foi um meio do abismo, que quando eu perdi meu serviço, que era registrada, e fiquei desempregada, e... Aí eu conheci a coleta, foi aonde eu me abriguei, né, foi uma família, entre “aspas”, e... Foi um modo de sobreviver, porque a cooperativa foi a melhor coisa que fizeram pra podê dá serviço pra aqueles que não tem. Que o sofrimento faz a gente sofre muito, sabe? É sofrido, é, num tem serviço fácil né, mas se num fosse ele, o que seria do povo, desempregado? Pelo menos tem como pagar sua água, sua luz, seu imposto, sua despesa, num é? Porque se num tivesse ele, cê taria na rua né? Que se ocê num paga sua luz, sua água, seu imposto, cê tá tudo cortado, num é? Foi uma vida que ele trouxe, foi a melhor coisa que eles armaram esse negócio pra podê dá emprego, né. Não no modo dos outros, né? Mas no meu, foi a melhor coisa que eles fizeram, pode empregar as pessoas que necessita de verdade, né? que tem vontade de trabalhar né? (10)

Representa tudo, tudo, né? A nossa vida, sem ela o que seria, o povo? Sem a coleta, como muitos chega e fala assim, hoje tem a coleta, mas antigamente o quê que a gente faria com esse lixo? Ia tudo pro lixão. E hoje, é... Um modo de vida, e de combate a... O desgaste né, de muita coisa que pode ser utilizado pro meio ambiente... Ser tirado do meio ambiente, muitas coisa que a gente pode coletar pra fazer um trabalho, muitos pega garrafa pra fazer derrete, o papelão essas coisa, pra utilizar novamente, pra possui novas coisas, né? Que se num tivesse essas coleta, essas coisa, seria tudo no lixão arquivado e jogado terra, né? Então ele tá sendo utilizado pra manter né? Manter uma nova vida, que vai vim pros novos que vão vim. Que a gente num sabe o dia de amanhã, né? Isso só pertence a Deus né, mas enquanto a gente tá vendo, foi a melhor coisa, porque como todo mundo fala, né? Hoje a coleta é a melhor coisa, porque não fica indo pro lixo, ele é reciclável, tem o meio de ele ir, né? De ser revendido novamente, né? dando trabalho pra muito povo, pra muitas pessoas, que necessitam, né? O quê seria sem a coleta? Como muitos diz: quê seria sem a coleta? Porque essas coisas iriam tudo pro lixo, e não taria reciclando tudo pra ser vendido, e num teria muito serviço, porque é abrindo a coleta que abriu o serviço, né fio, porque aí isso aí tá sendo utilizado pra muitas coisa, pra fazer casa que muita gente tá fazendo o estudo pra usar a garrafa pet, pra usar o papelão, pra fazer casa, né? coisa que antigamente ia pra terra né, e que hoje tá sendo útil pra alguma coisa, né? E a salvação do nosso emprego que continue, e que muitos valorize ao nosso emprego e valorize também o seu serviço, né? (11)

Conrado: Agora vamos para mais uma questão Jasmim, o quê que estas imagens escolhidas representam? Esta primeira fotografia, o que ela significa?

Jasmim: Ela representa união, que ó, cê pode vê que a própria pessoa, ela já leva ali na nossa coleta, né? Então quer dizer que ele dá valor ao que é uma coleta, né? Que ele

mesmo proposta a separá, né? E mantê a sua coleta para com o seu povo, né? (12) Muitos valoriza e num joga sujeira, papel higiênico, seus papel de higiene no meio da nossa coleta, fralda... Eu acho que eles também devia tê um pouco de consciência, que coleta é uma coisa, é reciclável, e não lixo, que é coisa pra lixeiro, que eles também são humano, como nós, tem o mesmo direito de respeito para com seu próximo, né. (13)

Conrado: Que ótimo, e essa segunda foto, o que ela significa?

Jasmim: Significa... Uma moça muito boa, que ela sabe separa a sua coleta, e sabe separa o seu lixo, e como ela disse assim, se todo mundo se respeitasse, não pô as coisa de higiene pessoal com a coleta seletiva, e aprendesse, todo mundo, se tivesse um meio de comunicação, pra eles aprende a separa o seu próprio lixo, o que é o lixo é pro lixo, respeitando o seu lixeiro, e o seu coletor. (14)

Conrado: Uma foto muito boa Jasmim.

Jasmim: Gosto Conrado?

Conrado: Gostei sim Jasmim. Parabéns, você gostou também?

Jasmim: Ficou bonita sim, pra quem não sabe fazê nada né fio...

Conrado: Que isso Jasmim? Olha só tudo que você me disse sobre o que faz!

Jasmim: Sabe nada fio, foi uma coisa por Deus, sabe? Porque a gente mesmo, não sabe faz nada né fio... Se não fô guiado por Ele a gente não sabe fazê nada, né fio? Nói num vem nem no mundo se Ele num permiti, né fio?

Conrado: Excelente... E esta outra imagem, o que ela representa, significa?

Jasmim: Limpeza né fio. Limpeza das nossa coleta seletiva, para um mundo melhor, que virão. Para os novos, que aprenderão com a nossa coleta, até os cachorro já estão aprendendo. Porque... Numa coleta, ele brinco com a garrafa e veio traze pra Margarida, então quer dizer, que ele brincou bastante e ele sabia que aquilo era uma coleta, como que ele veio e entregou pra nós? Né? tem um cachorrinho ali na rua do São Geraldo que ele vê eu gritando lá em cima, ele já tá lá apavorando o dono pra ih pô a coleta, mas ele que tá com a patinha em cima da coleta, aí eu digo assim pra ele, bom menino, você está aprendendo como um ser humano a fazer a sua coleta. (15)

Conrado: Essa rua você faz sozinha?

Jasmim: Com a Raíssa... Ela é uma boa patroa, uma boa chefe, ela é tudo né, porque ela que me deu um emprego, quando ela me viu na pior, me enxergou. (16)

Conrado: Muito bom Jasmim, excelente. É isso, foram estas três perguntas. Muito rico.

Entrevista IX Laís - 15 de maio de 2017

Conrado: Laís, me conta um pouco de sua história, sua trajetória de vida.

Laís: É, já faz 10 anos que eu trabalho aqui, tenho uma filha, eh e é o meu sustento, eu gosto de trabalhar aqui, nasci em Araraquara em 1985, minha filha está com 14 anos de idade. (1)

Conrado: Você terminou os estudos?

Laís: Estudei até a oitava, aí depois eu fiquei grávida e parei, aí depois não quis mais voltar a estudas, eu estudava no Culturato (Escola Estadual de primeiro e segundo grau), sempre morei no Santana, com minha mãe.(2) Meu marido mora junto comigo, ele foi morar comigo. Eu tenho uma casinha, eu ganhei da prefeitura lá do São Rafael, aí é que meu pai tá aqui doente então eu tô aqui com eles, mas eu moro lá um pouco, um pouco aqui, eu vivo um pouco em cada lugar, se eu fico aqui meu marido fica aqui comigo. Ele trabalha de servente de pedreiro, tem 35 anos, estamos juntos desde que fiquei grávida, amigo, né? (3) É... A vida vai bem, tem as dificuldades né, mas vai levando (risos), mas vai passando. Meus pais tão bem. Eles que construíram a casa onde estão, eles que fez. (4)

Conrado: E você está com 32 anos? Eu nasci em 87, temos idade próxima.

Laís: Não, vou fazer 32, tenho 31 agora.

Conrado: Esta foi a primeira pergunta, a segunda é esta: O que é isto, coleta seletiva solidária em sua vida:

Laís: Ah, significa tudo né, o nosso sustento né, que... Ah ajuda muito, o... Se num tivesse esse serviço né, a limpeza na cidade, né? (5) Ah... É um serviço bão. É, é o sustento de muitas família, né? Se num fosse esse servicinho né, muita gente taria desempregada às veis, né? Ah, acho que é isso. (6)

Conrado: Joia! Vamos às fotos escolhidas. Temos esta primeira foto, o que ela significa esta foto?

Laís: Ah, é... Um momento que a gente se reuniu, né? Aí parou pra tomar um guaranázinho e bate um papo, uhm... Uma hora que é, a que a gente para assim, e descansa uma hora boa, né? Onde de se reuni ali, conversa um pouco, né? É sempre bom, amizade é a coisa mais importante que tem, né? Aí é bom. Sempre tem uma paradinha (risos), sempre elas que dá uma paradinha. (7)

Conrado: Quer falar mais alguma coisa sobre ela?

Laís: Acho que não (risos)

Conrado: Então vamos à segunda foto, o que ela representa pra você Laís?

Laís: É, aí é a hora que a gente chega né, que dá uma ajeitada no nosso lugar, onde nós se reúne, pra, nossa chegada de serviço, né? Que chega aí tá tudo meio bagunçado, a gente limpa, organiza, todo dia que a gente vem pra cá no barracão, a gente dá uma organizada, pra mantê sempre limpro o nosso lugar de serviço, né? O ambiente de trabalho. Sempre tá meio sujo porque o pessoal vem e joga a coleta aqui né, então aqui é um ponto onde o pessoal vem e põe a coleta, aí a gente chega e organiza né. As pessoas entram aí só se a gente tá aqui agora, e o pessoal entra e põe a coleta ali, né? Se não, de final de semana eles joga ali por cima do portão. Aí toda... De segunda feira é o dia que mais tem coleta aqui né, que de final de semana o povo vem e entrega, né? aí de segunda é o dia que tem mais, aí a gente chega e organiza, as menina já chego e organizou ó. (8)

Conrado: E como vocês se organizam pra limpar?

Laís: É, às veis é pra chegar todo mundo e organizar todas juntas né, mas sempre tem as que chega mais primeiro, aí elas vão já ajeitando. Aí as outras lava o banheiro e assim vai. Cada dia uma. (9)

Conrado: E esta terceira imagem?

Laís: Aí é onde nós tem nossos pontos fixos, né? Os prédio, que a gente tem bastante ponto fixo, que é os prédio, dá bastante coleta, aí era onde a Raissa tava tirando, né? Era na rua da Raissa aí, no bairro do Carmo. E como tinha bastante, ela chamou a gente pra ir lá, ajudar ela, a tirá de lá.

Conrado: É um prédio que separa o reciclável em um quartinho?

Laís: É, é bem organizado, esse aí é bem organizadinho, as coleta bem limpinha, porque tem uns prédio Nossa Senhora, que é bem desorganizado, não é limpo, ainda até na quinta-feira a Margarida foi catá ni um, ali no Morumbi, aí tinha fralda descartável, lixo assim, aí o porteiro xingou ela, mandou ela tomar no cú. É ainda a gente vai reclamar o povo é malcriado num gosta que a gente reclama, foi fala que... Pra separá mais melhor, que num pode leva lixo, né? Pra ele fala pros morador, ainda ele foi grosso com ela, malcriado, tem umas pessoa bem malcriada, mas faze o quê né? A gente tem que respeita né? se não perde o serviço. Mas é isso. (11)

Conrado: Obrigado Laís, muito importante tudo isso que trouxe.

Laís: Ah, eu não tenho muita ideia boa.

Conrado: Qué isso, foi ótima! Gostaria de deixar mais um recado?

Laís: Ah, que eu gosto aqui do serviço, eu gosto de todas, é um serviço gostoso, que eu gosto de todo mundo do serviço (risos). (12)

Conrado: Obrigado Laís.

Entrevista X Margarida – 15 de maio de 2017

Conrado: Margarida me conta um pouco de sua história de vida.

Margarida: Da minha vida? Ah eu larguei do meu marido, tô sozinha, tá tudo danado, vô saí dali também, porque a mulher que a casa, que ela disse que vai por o sobrinho, o neto, sei lá quem, que é advogado, pra tira eu dali. Eu tô vendo algum outro lugar, nem que fô pra guarda as coisa e a gente dormi em outro canto. Que eu dei uma atrasada no aluguel, né? Só eu trabalhando, quando o meu marido tava comigo, ele também não ajuda e atraso tudo, mai num tem problema não, fazia dezessete ano que tava junto, aí eu larguei. Eu larguei, aí nós voltamo ano passado, e agora eu larguei de novo, eu não quero mais não. Pra aguenta, carrega a casa sozinha eu carrego, aguenta ele do lado e num faze nada eu carrego sozinha. Ele é pai da Adriana e do Jurandir. (1)

Eu não nasci aqui, eu nasci em Leme, fui criada aqui. Eu vim com sete anos, minha mãe morreu eu tinha sete, quando acabo de morre, a minha vô escreveu pra cá, pra minha tia daqui busca eu lá. Que eu ia ser adotada por uma pessoa muito bem de vida, mas a pessoa queria eu, e não a minha irmã, entendeu? Então pra fica uma rica e uma pobre, fico as duas na merda. Eu ia se adotada por gente bem de vida memo, aí eu fiquei pobre, como cê vê, a gente é pobre. É... mas eu, era pra tê um estudo bom, assim, se fosse pra eu pega pra estuda, ou tivesse ficado lá também, era pra eu tê uma faculdade boa. Minha irmã morreu também, morava com meu sobrinho que vai fazê 14, faz três ano agora... Morreu de pingaiada, de cirrose, ela tinha 53, eu tenho 46, ela 53. É... eu estudei até a oitava série, parei no primeiro, parei na oitava. Tenho três filhos, o Rúbens, Jurandir e Adriana, de 17, 16, e Tainara vai fazê 12 no meio do ano, que ela é de junho. É isso aí, tá comigo os três. (2)

Com sete ano eu vim pra Araraquara, a gente moro no Melhado e depois nois fomo pro Selmi Dei, porque minha tia pegou casa no Selmi Dei. Fui criada no Selmi Dei bem dizê, quando tinha só os três, primeiro setor, o um, o dois e o três. Faz tempo que eu tenho ali, então eu morei ali. Eu num casei, eu morei junto... Se arrependimento matasse, eu num tinha ajuntado era nada, tinha ficado sozinha, eu hein, de bucha... Muito rolo, dor de cabeça, né? Então eu sai. O primeiro, o Rúbens com o Zéca, o Jurandir com a Adriana, do Cido. Eu nasci em três do quatro de 71. (3)

Conrado: E como você chegou aqui na coleta?

Margarida: Eu já trabalhei aqui uma vez, eu peguei e saí, porque eu fui cuidadora de idoso, né? Aí eu saí, como eu tinha arrumado. Aí depois o véio morreu, eu vortei pra cá de novo. Primeira vez que eu trabalhei aqui eu fiquei seis mês, agora já vai fazê um ano, janeiro, fevereiro, março abril, maio, um ano e quatro meis. Passo rapidim. Eu vim arrumá um serviço aqui embaixo com uma mulher, a mulher já tinha arrumado, aí a Raquel falou: Conversa com a Raíssa, Margarida, vê se tá pegando! Aí a Raíssa falo que tava precisando, aí eu fiquei. Sai porque eu tinha arrumado serviço de cuidadora de idoso. Tenho registro na carteira, eu não fiz curso, assumi sem nada, peguei direto. (4)

Conrado: Margarida, e me diga, o que é isto, o que representa, significa coleta seletiva solidária em sua vida?

Margarida: Ah representa muita coisa né, porque é uma coisa que tem gente que não dá valor, cê ocê para pra pensa, tinha que se... Tinha que dá mais valor pra isso, porquê, do que pra outras coisa, se você for ver mesmo tinha que dá valor pra isso. Tem gente que não tá nem aí, mistura lixo de banheiro com recicla, mistura fralda, papel higiênico sabe, vira um balaio de gato. Então, quê dizê? Eu cato as coleta de certo lugar, eu abro

tudo, que nem, quando eu tô na 14 aqui, tem aquele prédio alto da quatorze. Ali mesmo ali, é tudo separado ali, cê entra ali é assim ó, aqui é lixo perecível, e pra cá é a coleta, então qué dizê, ali é tudo limpinho, eu abro memo e devolvo tudo o saco pra mulhé, tudo com a boca aberta só vô virando na bag, ali é rapidinho. Agora, lá onde eu fui que o cara xingou, fui leva pra ele vê, ele num gostou, falo que se eu num tive contente: Pede a conta! Aí ele mandou eu toma no nariz, eu já ia taca a caixa na cara dele, aí eu deixei quieto, saí andando. (5)

Conrado: Essa dor que você tem sentido é relacionada a quê?

Margarida: Eu não sei se é quando eu pego peso, quando eu puxo muito, porque eu trabalho muito com a direita, porque eu sou destra, então ele falou que é do ciático, dói aqui e desce aqui, vem da coluna né. Eu caí nesse dia aí, porque eu enrosquei o pé na alça do bag. E eu fui pisa no chão e perdi o controle, mas eu acho que foi a anestesia que deu a reação, sabe quando cê pisa, se eu tivesse sem o óculo podia dá tontura, mas num deu, porque eu tava com ele, aí eu fiz assim, eu fui passa daqui pra lá, a perna fez assim, perdi o equilíbrio. (6)

Conrado: Você tinha ido ao médico e tomado injeção então?

Margarida: Eu fui sexta feira só que eu fui. Aí eu comprei a dipirona, comprei... Qué vê o que eu comprei? Comprei um monte de bagulho que ele falo, que ele passo, comprei memo. Comprei esse daqui ó (mostrando os remédios tirados da mochila), não esse daqui é da vizinha que ela me deu. Comprei esse daqui. (7)

Conrado: Meloxicam, nossa.

Margarida: Aí eu comprei dipirona, e tomei esse daqui, que ela falou que era bão. Miofibrax, ela me deu, tomei. Aí ela me deu dipirona na veia, deu uma melhoradinha. Em vista que eu tava, eu tô melhor, mas mesmo assim eu ainda tenho que pisar devagar, se não é capaz de eu cai, tô melhor.

Agora eu preciso arrumá uma casa, porque aquela lá a mulher tá pedindo, que eu ia sortá tudo, mas ela tá pedindo que ela qué a casa, então eu vô dá a casa pra ela, é dela, vô entregá.

Conrado: Você que sustenta a casa toda? Os filhos estão estudando, os três?

Margarida: Eu que sustento a casa. Tem dia que vai na escola, o outro também vai, tem dia que qué, vai, e eu também não pego no pé, porque tá vendo que a coisa não tá fácil, e aí sem estudo piorô. Eu nem falo nada. Qué ir vai, porque se fosse pequenininho, eu levava, mas num é... Mas, aí tá bão. (8) A coleta representa bastante coisa né, o ganha pão nosso de cada dia, bastante coisa, é que tem gente que não dá importância, se você fô vê mesmo, tinha que dá importância mas num dá. E do resto tá tudo bem. (9)

Conrado: Vamos passar para as fotos Margarida? Temos três fotos que você escolheu, esta primeira, o que ela representa, significa?

Margarida: Ah é que eu vi a pessoa passando em frente aqui o barracão né, e olhou só, num pegou nada e nem pois também que eu vi. Tava passando pelo jeito. Achei bonita a foto, uma imagem bonita a foto, tudo organizado, tudo arrumadinho. Muito organizado, tá bonita essa foto aí. (10)

Conrado: E essa outra foto Margarida, o que ela significa?

Margarida: Também tá muito bonita. Deve de tá fazendo caminhada, né? Muito bonita também, agora a gente tá mantendo arrumado também, né? Porque o DAAE queria fecha aqui. Aí, aonde a gente ia troca de roupa, usa banheiro? Né? Não tem como. Ele queria fecha porque tavam colocando muito lixo aí também, alá madeira onde não é pra por. Entendeu? E tem gente que vinha dormi aqui, agora diminuiu mais, num tá vindo, num tá vindo. Já tem placa dizendo o que pode e o que num pode, mas num tá nem aí... Dá pra sabe que o espaço é da coleta seletiva. (11)

Conrado: Quer chamar a atenção de mais alguma coisa sobre esta imagem?

Margarida: Tá bonita a imagem viu. Tá bonita mesmo.

Conrado: E esta terceira fotografia Margarida, o que ela representa?

Margarida: Ah o pessoal pegando os bag né, arrumano os bag pra trabalha. Arrumano os bag. É agora de manhã, ingual tá ali, arrumando os bag pra trabalha, faze as rua. Uma ajuda a outra. Num é muito fácil não, quando tá tudo com os fundo bão, ainda vai lá, quando tem que amarrá os bag, eu amarro no meio da rua, dô uma parada e amarro. Se não cai tudo, eles num guenta o asfalto, asfalto né, come tudo. Então a gente amarra tudo. Achei bonita foto, arrumando tudo. Bonito né? (12)

Conrado: Obrigado Margarida, quer deixar mais alguma mensagem pra este trabalho?

Margarida: Ah, que todo mundo tem que tê consciência do que é a coleta seletiva, do que é lixo, do que num é, deu rolo comigo co cara lá por causa disso, porque eu catei as caixa cheia de fralda de merda de criança e levei pra ele vê, ele num gostou. Ele queimou o pé comigo, só que ele levo sorte que fui eu, porque se ele pega outro que é explosivo, já tinha dado mais coisa, né? Ah tinha. Aí ele mandou eu praquele lugar tudo, daí eu, ah... Deixa que manda. Ele num é nem síndico, se ele fosse síndico tava na rua tamém. Piorô porque ele num é tamém, ele é da firma terciarizada, então porque ele tá se doendo? Se ele como porteiro, num é cargo dele? Ele num tem que dá palpite, ele tem que pega e fazê certo. Aí eu fiquei queta. (13) Prédio ali da quatorze a coleta é tudo lavada. Tudo, aquelas vasilha de leite, requeijão, vasilha de comida, sabe aqueles negócio de... é... Aqueles negócio descartável lá, de... papel alumínio, tudo lavado, eles põe o reciclável tudo pra cá e as coisa do caminhão leva, que é o caminhão do lixo do lado de lá. Então que dizê o que, que ali cê só tem o trabalho, de por no bag e leva, num precisa abri nada, tá tudo aberto, eu vô catando e vô jogando. É rapidinho, aqui na quatorze, pra lá do fórum, só dá grã fino ali hein, deixa tudo em ordem. (14) Aonde eu fui aí, mistura tudo né, joga tudo pro chão, acho que é o seguinte, se você vai cata o que cê qué, então deixa organizado pro outro que vai vim catá o resto, que nem na rua, tem um monte de coleta na rua, os catador, cata só o que interessa, tem muita gente que fala isso pra mim também ó, Margarida, se eles levasse tudo eu num ia nem faze questão, mas eles vão fazê assim, e realmente, e joga tudo pro chão. Uma vez na treze, tava latinha na bag eu acho, tava latinha, aí eu tava lá pra frente, e o bag tava caído, aí eu olhei pra traz, alguém deve tê mexido, tava tudo esparramado, eu vortei pra traz, pra treze e catei tudo, eu tava lá na frente e voltei pra traz, aí eu peguei e puz tudo num bag, num é bag deste tamanho, é um pouco maior, tudo no chão, fui lá catei e arrumei. Porque a pessoa qué o que interessa, latinha, ferro, num sei o que, num sei o que, panela, né agora, cata, catô... Mais num bagunça tudo né. Muita gente tem reclamação por causa disso, que o catador vai e cata o que interessa, o resto ele larga ali. (15)

Ó no Universal (bairro), uma vez tamém, eu tava catano, aí o cara foi lá pra pega, aí o home falou assim, se ocê fô pega alguma coisa, cê leva tudo ou então cê não leva nada, aí ele falou assim pro dono lá, é, só que... Aí o dono falou de mim, ele falou: É então, ela ali vai leva tudo, eu, ele falou assim pro dono da casa, só que ela tem um salário fixo, aí ele falou assim pro cara, então porque que cê tamém num arruma um serviço e num trabalha? Eu ví que ia sai tapa, eu peguei ih ó (gesto com as mãos, de ir embora), e falei, se ele leva tudo, eu não vô pegá. Aí a mulher do dono vinha vindo, e falô, não! Deixa bem, ele leva, a muié do dono da casa. Pra num arruma confusão, pra num arruma pra cabeça. Porque o home tava engrossando com o cara lá, eu, cê pega e leva tudo, ou então num leva nada. E a mulhé do home chego: Não bem, deixa ele que leva. Sorte do cara foi a mulhé hein, ia dá um barraco ali hunm... Eu vi ele na minha frente, falei, vô vê né, se ele vai pega tudo. Só tava esperando pra num arrumá rolo. Pra num arrumá rolo por causa disso, segunda vez. (16) Primeira vez foi lá ná... Nos estudante, ah o cara ficou fudido comigo, ficou memo, levei as cacha cheia de fralda de merda lá

ele num gostou, e trouxe a caixa de vorta, levei e trouxe, levei pra ele vê e trouxe de volta, aí ele pegou e pediu o telefone da firma, eu passei o telefone pra ele, porque ele achou que eu num ia tê corage de passa pelo que eu entendi. Aí eu tamém... O nome da firma é essa. E aí eu falei, meu encarregado mora aqui embaixo, cê qué que eu vô lá tamém? Falei, cê que sabe... Porquê se ele fosse um pouco calmo, ele podia fala não, cê tá certa, da outra vez eu vô fazê melhor pra você assim, assim, assim. Ele já mandô eu toma no nariz e eu num gostei do negócio, que eu acho que ocê deve trata as pessoa com educação, sem recebe também, entendeu? Mas já que ele num quis, e ele num qué mais eu lá não, ele num vai dá coleta mais. Eu fui fala pra ele, se ele não é porteiro, por quê que ele tava no lugar do porteiro tamém? Qué dizê, ele ia pô no meu nariz, eu ia pô no nariz dele, eu falei: Escuta, por quê que ele num é porteiro ele tá se doeno, se eu vim pra conversa com o sindico? Num era com ele o negócio, era com o outro. Num tô nem vendo. Se fô pra assina uma advertência, eu falo pro dirigente, então é o seguinte, na hora que ele fala pra bota merda pra pô no bag, eu vô pega e soca tudo, aí chega lá, cês resorve lá. (17) Por que a gente faz o possível pra separá, porque tem gente que põe chinelo, papel higiênico, bolsa, eu vô catá, cê entendeu, pra num arrumá furduncio tamém, mais daí eu ponho tudo a parte, eu ponho numa sacola e ponho do lado. Porque tem gente, não, tem gente que realmente dá tudo lavado, tem uma madame tamém na quatorze, cê que vê, cê sobe, pá treze e entra tipo numa ruinha assim, sabe, tipo de um bequinho, lá no final da quatorze. Aí cê já sai lá naquela outra rua, a casa da muié é de esquina, e é madame hein, pois a recicla dela é tudo lavada, ela dá a coleta e fala o Rô, cê espera aí que eu vô pega lanche pro cê tamém, lanche e suco. E é madame hein, sabe que ela não fala bem o português, é meio puxado, cê vê que ela num é daqui, uma loirona brancona. Ela tá vendendo a casa dela lá, ela falo que compra Rô, mai nem se eu fazê tráfico de droga, compra uma casa dessa. Aí ela deu risada. Uma casa muito chic a dela, e é de esquina, sabe, cê vê sabe aquelas, tipo num é ardósia, é tipo uma pedra que eles põe muito bonita, é uma coisa fina memo, muito bonita a casa da mulher. E ela toda vez que eu vô ali, cata as recicla dela é tudo lavada. Tudo lavada. Tem gente que eu vô te conta viu. (18)

Porque tem gente que faz as coisa com gosto, tem outras que já num faz, faz só por interesse. Então a coisa já não vira, é... Ele falo pra mim... O cara falo assim, é se não tá contente pede a conta, aí eu falei pra ele, então, se ocê num fizé a coisa com vontade a coisa também não anda. Ou ele também não gostou por causa disso né, mai num tô nem vendo. Agora, se ocê tá na rua pro cê cata o lixo perecível, então cê vai cata o perecível, cê num vai meche com o reciclável, se ocê tá pra cata o reciclável, cê vai cata o reciclado. (19)

Ó uma vez eu tava numa rua aqui embaixo tamém, pusero a parte um saco de arroz, comida de gato num saco fechado, eu falei tô co Policarpo vô leva pra ele, era Whiska, o gato lavo a égua. Era ração memo, das boa, era Whiska, eu levei pra ele, ele comeu. Cê vê as coisa cá que o povo joga, e os perfume que o povo põe tamém, esses creme, andei catando um pouco, mas eu não posso usa o protetor, porque me dá coceira. É creme da Boticário, da Natura, do Avon sabe, é muita coisa. Sabe que eu catei né, eu catei e levo pra mim, aí se eu num usa ni mim, eu uso pra passa pano, ponho um pouco no banheiro depois que lava, ponho um poco na roupa pra bate na máquina, assim, os perfume né... Aí ajuda né, um perfume gostoso, xeroso. (20)

Conrado: Você ajunta umas coisas em sua casa?

Margarida: Eu junto, ganhei um espremedor tamém, que tá funcionando, ganhei, a Aurora ganhou não quis e me deu, aí a mulher ligou e tá funcionando, então que dizê, tirano a parte que tem hora que dá vontade de voa nos pescoço dos outro, mas tem coisa

boa também. Entendeu? Mai que o cara ficou fudido comigo, ficou hein, huuu... Ah ficou... Mais parte boa. (21)

Agora eu preciso arruma uma casa e entrega aquela casa alí pra véia, porque ela vai pô no advogado, eu falei pra num pô que eu já tô saindo, ela vai por... Ela que sabe, que por pôe. Eu vô sai dali do mesmo jeito, num tem problema. Ah gosto, mas num falo questão não, se tiver um outro lugar pra mora eu também moro, num sô assim. Podia pega aquelas casa lá da prefeitura, mas num consegui, porque eu me inscrevi agora, há pouco tempo, eu num sabia que tinha que renova e num peguei, eu num peguei, fiquei sem, dizem que teve gente que invadiu né, eu num queria invadi, eu queria fazê tudo organizado, entendeu? (22)

Conrado: O pessoal vê a casa pronta e já pula dentro? É uma luta... Obrigado Margarida, gostei muito de todo depoimento, e troca.

Margarida: Exatamente. De nada.

Entrevista XI Raissa - 24 de maio de 2017

Conrado: Como o trabalho fala um pouco da foto na vida, me conta um pouco de sua história Raissa.

Raissa: Minha história... Uhm, meu nome é Raissa, tenho 37 anos, mãe de 4 filhos, sendo a Joyce de 15 anos, Rayla de 12 anos, o Raul de 5 anos e a Aninha de 3 anos; solteira, cuido dos meus filhos sozinha, trabalho na coleta seletiva a mais de 12 anos, trabalho com este serviço, gosto muito do que faço, e... Sou de Araraquara, minha família também é de Araraquara. Uhm, já fui casada três vezes, mas num deu certo...

(1) Ah, tenho esperança que onde eu trabalho a gente cresça mais ainda, eu acho que meu, o trabalho que eu faço, é uma conscientização pra população, ajuda o meio ambiente, ajuda as pessoas a se conscientiza que desse material que eu trabalho a gente consegue tira uma renda. (2) Sou muito agradecida pelo trabalho que eu tenho, que devido esse trabalho, eu consigo faze a criação dos meus filhos, (3) e gosto de todas que eu trabalho, trabalho junto com todas, (4) é um trabalho que ao mesmo tempo é cansativo, mas é divertido, conhece bastante pessoas, ahn, é isso só... (5) Sô de bem com a vida, apesar dos problemas, a gente tem que prossegui, problema todo mundo tem, desde rico ao mais pobre, então tem que prossegui e tenta solucioná-los, né? (6)

Ah! Eu fiz até o segundo grau completo, eu fiz, segundo grau completo, queria ter feito uma faculdade só que eu não consegui, porque fui mãe, não muito cedo, né, eu tive minha primeira filha fazia três meses pra eu faze 21 anos, mas aí veio... Com 21 ano eu já tive a primeira filha, aí teve, já começo as dificuldades, porque aí tinha alguém pra sustenta, aí veio a segunda filha e ficou mais difícil ainda, aí veio o terceiro e ficou mais complicado, daí veio o quarto aí complicou tudo. Mas ainda tenho esperança que eu vou volta, nem se for uma faculdade, mas faze um curso técnico, né, vamo vê se ano que vem eu consigo esse espaço, que aí as criança já tá maiorzinha já, vou começar a me reorganizar né, porque ultimamente eu tô vivendo só para os meu filhos né, eu tenho que pensa a começa a vive pra mim também né, não ser só mãe 24 por 48, que nem falam aí né, começa a vive pra mim também né. Vamo vê se consigo... Num é? O que eu queria faze mesmo era curso técnico de enfermagem. Vamo vê se eu consigo ano que vem entra pra faze. Nem que for por particular, reorganizar as contas, aí quem sabe eu consigo, pagas meu curso com o meu trabalho né, com o meu trabalho. (7) Eu já falei, eu gosto muito do que eu faço, e tamo aí na luta. (8)

Conrado: E como foi que você começou na coleta?

Raissa: Ahn eu comecei na coleta porque eu fiquei desempregada, aí tinha aqui o ecoponto, aí eu vim vê como que era que funcionava o serviço, e primeiramente eu

entrei pra te uma renda, né? (9) Pra te uma renda porque quando a gente começou a trabalha, a gente num ganhava um salário mínimo, aí eu trabalhava e ganhava oitenta reais por mês, só, aí depois a prefeitura de Araraquara viu que ia começa a dá certo a coleta seletiva, entro numa parceria com a Usina Zanin, e a Usina Zanin forneceu pra gente uma caminhonete, uma D20, a gente começo a trabalha com uma D20, aí logo nós ganhamo um caminhão, igual, tipo ao caminhão de lixo orgânico da cidade, aí começamo a amplia a coleta aí se ajuntamo com a Cooperativa Acácia, que agora é uma cooperativa só, e foi aí que foi tendo melhorias. (10) Aí quando eu entrei pra trabalha eu fiquei grávida da minha menina de 12 anos, não tinha direito a salário maternidade, porque a gente não pagava INSS, eu vinha trabalha com a minha filha porque não tinha vaga na creche. (11) Aí agora a gente conquistou tudo isso, né? A gente conquistou, pelo menos a gente ganhou um salário mínimo, a gente... A cooperativa paga o INSS pra gente, que nem agora muitas mulheres consegue sai de licença maternidade, auxílio doença, teve gente até que já conseguiu até se aposenta já, né? Eu acho que a gente já teve, já progrediu bastante do que a gente era antes, né? Agora tem um salário fixo, aí a gente tem o adiantamento do rateio nosso porque a gente fala que é um rateio né, a gente tem o adianta... Tem o salárinho nosso todo dia 10, aí dia 20 tem o nosso rateio, ah eu acho que a gente já conquistou bastante e tem muito ainda a conquista, né? Tem muita coisa pra conquista ainda. (12)

Conrado: E foi em que ano que você entrou aqui no ecoponto?

Raissa: É, que eu entrei aqui no ecoponto foi, aí a ampliação da cidade toda, com os grupo, foi em 2005, e eu entrei em 2002, tô fazendo este trabalho desde 2002, em 2005 que firmo a coleta seletiva na cidade, 15 anos já, nesse trabalho. (13)

Conrado: Raissa, vou fazer uma outra pergunta, o que é que representa, significa, bem... O que é isto coleta seletiva solidária?

Raissa: Coleta seletiva solidária, ao meu modo de entende é... É solidária por que? Por que é a população ajudando a gente a te uma renda, e a gente ajudano o pessoal a descarta os materiais que eles tem em casa, né? (14) Coleta seletiva solidária, é solidária por que? Porque emprega hoje, tá empregano mais de 180 famílias, né, num tá desempregada mais de 180 família. É solidária porque... A gente ajuda um ao outro, né? (15) É uma cooperativa que ajuda um ao outro, ah... Se solidariza tanto com os cooperados, quanto a população né? A população em um tudo. Solidária porque ajuda a gente, tanto na renda, quanto... (16) E é um serviço que a gente aprende muita coisa né, tem coisa assim que a gente num sabe, que a gente num conhece, cê vai conversando com as pessoas, ou a pessoa vai conversando com você, cê vai sabendo de mais coisas né, as pessoas se solidariza a entrega o material pra gente, e a gente se solidariza em pega, busca esse material,(17) e eu acho que ajuda muita gente né, na renda, é solidária porque teve muita gente que passou por aqui que já foi usuário de droga, foi... Alcoólatra e na cooperativa mesmo a gente encaminhou, pra essa pessoa se recupera, a é isso... (18)

Conrado: Você acha que esse contato do grupo com a população, em bairros certos, com um grupo firmado se relacionando com a população, é significativo?

Raissa: É significativo, é uma conquista que a gente teve, da gente se reorganiza, né, porque a gente fazia a coleta assim, num era porta a porta, qualquer ligar que tinha material a gente pegava, agora não, agora a gente tem a mapeação dos bairros, a gente tem o dia certo pra passa em cada bairro, então eu acho que a gente progrediu bastante. Tem uma relação de amizade, cria até uma relação familiar, porque... Com o pessoal que você trabalha que você convive mais o dia a dia né, você convive mais o dia a dia, né? (19) A cooperativa hoje conta com 184 cooperados, e aqui no porta a porta, você tem convivência com as pessoas, a pessoa vai criando afinco, aí a pessoa vê, não, passa

toda a semana, aí pessoa já vai tendo aquele o... A população tem aquele compromisso, e a gente tem aquele compromisso com a população de passa, né? (20)

Conrado: E vamos à terceira parte de nossa entrevista, com as imagens. O que as fotografias representam? Vamos começar com a primeira:

Raissa: Ah, essa imagem significa que a gente faz, é, a coleta, a coleta seletiva, significa que é a coleta dos materiais que são recicláveis, que não é pra população coloca o lixo orgânico, né. Que nem, madeira, colchão, buchinha de pia, população acha que é reciclável mas num é, então elas tem que coloca os materiais que são recicláveis que são plásticos, papéis, papelão, metais, plástico em geral (21), e pra... E a gente também passa porta a porta, e a gente, é uma maneira da gente ensina pra população o que vai e o que num vai, que nem roupa, sapato num vai na coleta seletiva, que é uma material bem selecionado, né. Pra mostra que é um material bem selecionado, que o restante dos materiais tem um destino certo, que nem lâmpada, tem um destino certo, que é nos bolsões, é entulho, folhagem, é nos bolsões, colchão, é sofá, tem um lugar pra destina que são os bolsões também, que a gente só leva o seletivo, que é o plástico, o papel, metal, papelão, isopor, (22) agora a gente também conquistou uma máquina de isopor, a gente tem como tritura o isopor que a gente pega, ah temos tido conquistas né? Conquistou bastante. (23)

Conrado: Nossa, muitas vitórias... E está muito bem organizado o reciclável, é um prédio?

Raissa: É um prédio, é o síndico que passa porta em porta falando, mas é seletivo assim porque são as pessoas que fazem a limpeza que separam, né? O pessoal do prédio que faz a limpeza que separa, separa direitinho pra gente ih lá e coleta. (24)

Conrado: Demais Raissa, vamos para a próxima fotografia, o que ela representa?

Raissa: É um momento de descontração das meninas da coleta, todo mundo se conversa, coloca a fofoca em dia, pra gente ih trabalha né? O caminhão é que nem se fosse uma casa nossa também, hehe, como se fosse a casa. (25)

Conrado: E nesta terceira fotografia?

Raissa: Aí é o momento de descanso das meninas, o horário do almoço, igual àquela musiquinha que fala na creche, a hora do almoço é a hora mais feliz, né? hehe, a hora do almoço, a hora que as meninas descansam um pouquinho pra... É sempre uma união né, uma união uma com a outra, né? Cria um afinco muito grande né, um vínculo muito grande uma com a outra, né? Qui nem eu falo, a gente convive mais com o pessoal que a gente trabalha do que com a família mesmo, né? Tem mais tempo com o pessoal que a gente trabalha do que com a família, então se torna uma família né? (26)

Conrado: E o alimento?

Raissa: O alimento, a única coisa que a gente não conquistou mais foi a marmitex né, a prefeitura antigamente entregava o marmitex pra gente, entrou a outra gestão e tirou o marmitex, (27) então na hora do almoço cada uma traz a marmita da sua casa, ou então, a gente faz uma vaquinha e compra um pão, compra um lanche, e é até na hora do lanche, é solidário, cada um dá um pouquinho. Cada um ajunta um pouquinho. (28)

Conrado: Muitas lindas e significativas as fotos Raissa, seu olhar... Quer colocar mais alguma coisa, sobre esta conversa, a minha participação nos trabalhos?

Raissa: Não... Sobre a convivência as menina, ainda quando você não vem as menina, aí o Conrado não vai vim hoje? Acostumo já... Já entro na família já (risos). (29)

Conrado: Que isso! (risos) Espero cooperar bastante através deste trabalho, obrigado demais!

C. Transcrição das rodas de conversa

Roda de Conversa I - 27/03/2017

Presentes: Aurora; Samantha Guerra; Paulina; Raquel; Jasmim; Laís; Margarida; Raissa, Laila; Cíntia; Nádila.

Apresentaram fotos: Nádila, Samantha Guerra, Laila, Raquel, Laís, Cíntia.

Luiz: Vamos juntar um pouco mais, e feche a tela do computador para que todas as pessoas possam ver a tela do computador, porque agora ficou menor o espaço de projeção. Ajunta mais um pouquinho e aumenta o calor humano.

Samantha Guerra: Num tá aquele calor.

Conrado: E quem gostaria de começar para que todas vejam suas fotografias?

Cíntia: A Aurora!

Aurora: Por que Aurora?! Não (risos)!

Laís: A Nádila que gosta de falar.

Margarida: Vai lá Samantha Guerra!

Raissa: A Paulina!

Samantha Guerra: Quem é o primeiro pessoal, quem é o primeiro?!

Conrado: Eu vou falar como estão as disposições das pastas aqui do computador primeiro. Tem a Raquel, a Nádila, Laís.

Aurora: Tá em ordem alfabética.

Raissa: Então vai em ordem alfabética.

Conrado: Quer começar Raissa? Então a Raissa começa!

Raissa: Não, não tenho fotos.

Conrado: Tem, tem sim, fotos ótimas!

Luiz: Tá demorando estas fotos, tem fotos boas!

Conrado: Vem Nádila, manda brasa!

Nádila: Ah, eu não sei fala muitas coisas.

Fotografias Nádila

F 1

Samantha Guerra: Ai qui chic! Nossa!

Aurora: Ain cê é bixo do mato? Fala!

Samantha Guerra: Conrado dá pra tirar foto daí? (Samantha Guerra documenta a atividade da manhã com a câmera, e queria saber se era possível fotografar a imagem do computador).

Conrado: Sim, acho que dá sim.

Conrado: E quem são essas 3 crianças da foto?

Aurora: Vai Nádila, fala, num é hora de chora não!

Luiz: Olhe, Quem são essas crianças lindas?

Nádila: Meus bebês.

Paulina: Os herdeiros das contas.

Luiz: E onde elas estão?

Nádila: Na minha casa.

Conrado: Gostei muito da imagem, ela tem movimento, as crianças não estão colocadas só centro da imagem, paradas ali.

Luiz: Estão bem alegres.

Nádila: Ó o tamanho do beijo do nego. Parece que a abeia picou o beicinho dele. (1)

Aurora: E essa foto aí Nádila o que representa pra você?

Nádila: A união da família, o amor!

Aurora: Mas aí tá faltando os outros dois aí...

Luiz: A que está mais escondidinha, quem é?

Nádila: A Maria Eduarda.

Aurora: A arteira, terrorista. (2)

Conrado: Seu companheiro, como ele chama mesmo?

Nádila: É o Everton.

Conrado: Vocês que construíram a casa?

Nádila: Foi, desde o chão assim. Teve que abrir vala, tudo com ele.

Conrado: Vocês dois?

Nádila: E algumas pessoas que ajudou, os amigos dele.

Conrado: E o tijolo?

Nádila: É, tava num terreno, no chão. É no Universal a casa.

Conrado: E em quanto tempo vocês fizeram a casa?

Nádila: Na verdade a gente ainda nem terminou, mas foi uns quatro meses. Mas todo dia, saia do serviço já ia pra lá, com criança, com janta pra fazê. Foi sem parar. Final de semana nós nem saia, era só lá.

Luiz: E a construção, foi difícil fazer, financeiramente?

Nádila: Ah, num foi fácil, mas, você tipo assim, tem que dar o primeiro passo, dá o início, entendeu? Cê iniciando uma pessoa vê, ah! Eu tenho isso, aí ti dá, entendeu? E assim vai indo.

Luiz: Então teve muita gente contribuindo?

Nádila: Teve muita ajuda.

Luiz: E o trabalho?

Nádila: De final de semana tinha o mutirão, aí a gente fazia o churrasco, entendeu, ia fazendo a casa e comendo, era só alegria haha! Até meu menininho ajudava, quando nós ía vê, num tem aqueles balde de água? A criança já tinha entrada, até a cachorra indo junto. Tipo assim, num tem a antiga Cideral? A gente começou lá, foi limpar os tijolo, entendeu? Foi desde lá, aí ía um monte de gente limpar tijolo, aí cara deu o caminhão pa leva o os tijolo, aí a gente foi começando a mexer no terreno. Aí ele trabalhava na Bertato e ganhou terra, aí foi onde a gente começou, entendeu, a mexer lá.

Luiz: E o próprio tijolo vocês fizeram reaproveitamento?

Nádila: Desde o tijolo, nossa mai limpamo tijolo hein, e ainda sobrou um monte.

Conrado: E todos juntos, amigos?

Nádila: Amigo, família, só a Aurora que não foi. (3)

Conrado: Nádila, você quer ressaltar alguma coisa nas fotos, nas primeiras e nestas?

Nádila: Se eu queria ressaltar alguma coisa? Que eu amo meus filho, que tipo assim, eles são tudo, são a minha razão de viver, entendeu?

Paulina: Num chora não.

Aurora: Num chora não, que o papel aqui tá pouco! Num inventa de chorar agora, não!

Todas/os: Risadas

Nádila: A minha família, meus filho é muito importante pra mim.

Conrado: E são lindos hein!

Nádila: Puxou pra mãe.

Aurora: Só que não.

Paulina: Num exagera tamém.

Nádila: É a Maria Eduarda, se encaixou direitinho na foto. (4) Agora passa pra Aurora.

Luiz: E esta foto aí?

Nádila: Esta foto é a gente separando as bag.

Paulina: De terça-feira.

Luiz: De terça-feira vocês fazem separação do material?

Nádila: Não, quando o caminhão chega, a gente pega os bag e, aqui a gente tava separando os material para ir pra rua.

Conrado: Eu gostei muito desta imagem.

Nádila: Ninguém tava esperando a foto. (5)

F 3

Conrado: Tem mais uma aqui, e essa imagem?

Cíntia: Nossa, e quem conseguiu pegar essa proza aí?

Nádila: É a Aurora e a Cíntia. As duas mais artera da coleta.

Aurora: E o que você fala da foto, fala?

Nádila: Ah que a foto ficou chic, as modelo ajuda e é isso aí! Como que a Samantha Guerra fala... “Maior barato mano!”

Todas/os: Risadas. (6)

Nádila: Agora a Laís.

Conrado: Bem, a Nádila tirou mais fotos, mas vamos passar para a próxima, podemos passar para suas fotografias dona Samantha Guerra?

Aurora: Depois o que vai acontecer com as fotos ô Conrado?

Conrado: Vou devolver a cada uma as fotos reveladas e em CD, como eu as tinha falado quando entreguei o termo de consentimento, elas também vão compor a pesquisa, mas claro que apenas as que vocês queiram que esteja.

Luiz: Vai que em uma delas tenha o maridão, e o povo gostar do marido de vocês.

Aurora: Aí a gente sai na faca!

Nádila: Óia a Aurora, cai na faca! (Risos)

Paulina: Tinha que vir de onde veio memo. Tinha que tê vindo lá do Maranhão! (7)

Fotografias Samantha Guerra

F 10

Conrado: Aqui uma obra de arte, uma escultura! O papelão saindo da bag!

Raissa: A hora que o caminhão chega não tem mais! (risos)

Samantha Guerra: Aí é minha bag, reflecto de coleta.

Aurora: Mentira!

Luiz: Isso tudo é de um dia só?

Raissa: É de um quarteirão, não?

Samantha Guerra: Aí é só de um braço.

Paulina: Às vez é só de uma casa, dependendo.

Samantha Guerra: É depende, tem casa que só uma casa dá um bag cheio.

Conrado: Uma bag bem cheia.

Samantha Guerra: Neste dia você me acompanhou Conrado.

Aurora: Representou neste dia, pode pá! (8)

Samantha Guerra: Eu tirei perto da casa da Dona Diana. Ain, eu amo essa véinha, ela é um barato! Nossa eu amo ela, deixou eu tirar uma foto dela pra trazer na reciclagem até.

Raissa: Dona Diana

Luiz: Isto é toda semana que ela traz a reciclagem?

Samantha Guerra: Toda sexta-feira, quando faz a 14. Tem vez que ela não tem.

Raissa: Ela mora sozinha.

Laís: Ela é vizinha da Raissa. (9)

Conrado: Aqui tem muita terceira idade no bairro do Carmo e São José.
Samantha Guerra: Pode passar a foto.

F 11

Conrado: E esta daqui da Samantha Guerra.

Raquel: Que lindo!

Raissa: A Jasmim está em todas também!

Nádila: Jasmim num perde uma!

Jasmim: Mas eu tô fugindo!

Laís: Fica fugindo mai tá! (10)

Samantha Guerra: Bom dia! (Respondendo a Arnaldo que chega próximo ao grupo cumprimentando todas/os)

Arnaldo: Olá bom dia!

Nádila: O colírio chegou!

Raissa: Num fala assim que ele é vergonhoso.

Samantha Guerra: Você vai vê o colírio. Fica falando do colírio que ocê vai ver só!

(Dona Samantha Guerra se levanta em meio a ovação e risos de todas pela presença de Arnaldo, e com a câmera se aproxima dele para fotografá-lo).

Samantha Guerra: Vô tira uma foto do meu patrão, oxê!

Nádila: Oloco, falô que é o Apolo da coleta!

Samantha Guerra: Lógico, tem que sai na foto!

Raissa e participantes: Tem café. Fica à vontade.

Aurora: Ele tá de regime, não come essas coisas de gordura saturada.

Nádila: Tem até bolo de cenoura.

Arnaldo: Ó... o leite é desnatado!

Conrado: Você explora muito bem o enquadramento, centraliza a Jasmim e toda a volta dela ficou como um respiro. Em fotografia a gente pode pensar sempre deste jeito a imagem, se colocamos muito uma coisa de um lado, sempre haverá outras do outro, que criam um peso contrário, cria movimento. O que a senhora tem pra falar desta imagem?

Paulina: É a alegoria da coleta!

Samantha Guerra: Eu tenho pá fala é que eu tirei esta foto, porque eu acho importante a nossa união entre a nossa coleta.

Todas/os: Aê!!! (Palmas, Ovação) (11)

Conrado: Próxima foto.

F 12

Laís: É a netinha!

Samantha Guerra: Cabô de nascer, vai fazê um mês dia 28 agora, amanhã. Essa foto aí representa a família que eu mais amo na minha vida, é tudo que eu tenho.

Aurora: Viva a família! (Toda/os em ovação “ê!”)

Luiz: E esta netinha como se chama?

Samantha Guerra: Ketlyn Vitória

Laís: E a outra?

Samantha Guerra: Maria Clara, a filha Cíntia.

Luiz: E tá na casa da senhora?

Samantha Guerra: Tá na casa dela, no quarto. (12)

Samantha Guerra: Mora aí também meu genro sem vergonha, que fica na geladeira (risos coletivos).

Aurora: Como chama o cachorro da Samantha Guerra? O...

Samantha Guerra: O neguinho?

Aurora: Não, o...

Luiz: O genro sempre tá na geladeira... (risos)

Samantha Guerra: Só come! Mas eu moro numa casa mal acabada num quartinho. Eu era, eu era, catadora de reciclado, então eu tinha reciclado na minha casa, depois que eu comecei a trabalhar eu parei. (13). Na minha residência eu moro com Deus, sozinha. Ela é mal acabada, mas eu moro com Deus.

Conrado: Não, tava muito bem arrumadinha quando eu a visitei! A senhora fez uma horta agora né Dona Samantha Guerra?

Samantha Guerra: Tem horta não fio! Tem só quintal na minha casa! (14)

Laís: É grande não?

Samantha Guerra: Tem um sobrado lá no fundo.

Aurora: Cabe lá uma festa no final do ano.

Samantha Guerra: Lá no fundo é sobrado.

Nádila: Fazê lá uma Rave, tchu tchã tchá, tchu! (15) Vai ô Conrado, próximo comentário.

Samantha Guerra: Ainda não fiz horta.

Conrado: Tem uns cachorrinhos, não?.

Samantha Guerra: É, é minhas benção que eu trouxe lá do Universal que ia ser jogado lá na linha do trêm.

Nádila: Misericórdia.

Samantha Guerra: É eu levei dentro do ônibus dentro de uma caixinha de sapato. Aí eu fui de ônibus, porque eu venho todo dia de a pé pra cá, eu venho lá do Jardim-América todo dia de a pé pra cá. Eu tirei uma foto de uma paisagem outro dia no caminho. Eu vi uma paisagem, uma folhagem, me inspiro de tira uma foto de uma árvore.

Nádila: Tinha o muso inspirador.

Raissa: Uhm de onde veio a inspiração.

Paulina: Mas num tinha nenhum home atrás da árvore não?

Raissa: Ele tava escondido atrás da moita.

Samantha Guerra: Num tem ninguém não ô. Eu gostei da paisagem, das flor lá.

Luiz: Na verdade vocês são muito importantes para manter a paisagem, a reciclagem ajuda muito na manutenção das paisagens e da natureza. (16)

Conrado: A senhora anda quantos quilômetros Dona Samantha Guerra pra chegar até aqui?

Samantha Guerra: Ah eu nem conto fio, se eu contá eu fico no caminho. (risos coletivos). Eu saio da minha casa 5:30 horas, 20 para às 6, pra tá aqui 7:15 horas. (17)

Raissa: Pra chega no eco-ponto. Esse lugar que a gente tá que tá sempre limpo, tá sempre sujo pra limpa denovo.

Samantha Guerra: A gente limpa deixa tudo organizado, e quando chega tá tudo desorganizado. Eu mesmo bati uma outra foto aí pra mostra que nós limpa realmente.

(18)

(Laila se achega ao grupo, e pergunta do café da manhã)

Conrado: Fique à vontade Laila, tem bolinho de minha mamãe! Vamos com suas fotos Laila, que acha?

Fotografias Laila

F 19

Nádila: Ain meu Deus.

Samantha Guerra: Nossa meu Deus, que baby é esse?

Paulina: Nossa mas, só tem baby aqui também óia só isso, pela amor de Deus.

Raissa: É pra mostra que a coleta inspira a fazer filhos, eu falo procês, cês num acredita!

Aurora: Nossa, tá aparecendo um berçário.

Paulina: Tô de boa (Riso coletivo).

Raissa: Quando eu tô cansada, achando que cê vai relaxá, aí...Vem baby. (19)

Laila: Aí é minha filhinha.

Jasmim: Que cê acha Laila. Sua vida né?

Laila: É a Rebeca.

Jasmim: Sua vida né?

Laila: Ô, por essa daí vou até no fim do mundo, fih.

Conrado: Sua netinha?

Paulina: Por isso que eu num roubei ela até hoje.

Aurora: Cê mora no fim do mundo mêmo.

Luiz: Como chama a netinha?

Laila: Eebecca.

Conrado: Laila quando me entregou a câmara disse, “aí vai a Bela, queria te mostrar” (20).

F 20

Raissa: Aí é as duas vida dela.

Nádila: A vidona e o vidinho. (21)

(Dona Samantha Guerra com a câmara fotográfica registrando o momento)

Samantha Guerra: ô Laila você num se importa de tirar foto sua não né?

Laila: Não, não Dona Samantha Guerra.

Samantha Guerra: É que o Conrado vai leva isso pro projeto.

Laila: Mas num vai fazê macumba com ela não, né?

Samantha Guerra: Se incherga menina! Eu tenho é Deus, num tenho... (22)

Conrado: Estas fotos foram da Laila, tirou 4 fotos.

Laís: Só tem da família. Ahnmm.

Raissa: Então quer dizer resumindo, as foto que a gente vimo todo mundo acha que a coleta é uma família. (23)

Luiz: Esta foto é em sua casa Laila? E é seu filho ali?

Laís: Não ali é o marido e a netinha. Ele trabalha aqui, mas tá escondido ali no caminhão.

Samantha Guerra: O Glauber não gosta que bate foto dele.

F21

Laila: É. Arnaldo, olha a postura da nega.

Arnaldo: Nossa, e quanto ela está pesando? Tá grande a menina hein.

Laila: Ainda tenho que pesar ela hoje, como ela tem que tomar vacina, hoje eu peso.

Raissa: Tamém, dá mingau pra criança de 4 mês. Daqui a pouco a criança vira um “bolostro”.

Laila: Mas ela experimentô, fez um chichi e começou a gritá na minha mão, ah qué um mingau mesmo! (24)

Fotografias Raquel

F 16

Conrado: Agora são fotos da Raquel!

Raquel: Ah essas daí são minhas cliente lá da rua 4. As cliente colaboradera (risos coletivo) (25).

Nádila: Tem mais cliente...

Luiz: E tem bastante gente que vocês conhecem? Garantido que entrega o reciclável?

Raquel: Tem, tem sim.

Samantha Guerra: A maioria num dá pros catador, dá pra nós.

Cíntia: tem umas que deixa já deixa o material dentro da casa, e quando gente passa só leva pra fora (26).

Conrado: A senhora mora com quem Raquel?

Raquel: Com meu marido e enteado.

Paulina: Ó a família.

Laís: É o Augusto.

Raquel: É, o Augusto!

Conrado: O Augusto é o seu...

Raquel: Enteado.

Raissa: É o filho, filho. É ocê que cuida, nossa como ele está parecido com o Leonardo!

Raquel: Há oito anos já (27).

F 17

Raquel: Essa eu peguei de longe também.

Laila: Ah aquele casa lá que mistura coleta co lixo, lá daquela casa que é feita dum tijolinho vermelho? Que ela sai com a toca branca pra fora.

Raquel: É...

Laila: Ah mais era mesmo, Arnaldo, eu marquei rapaiz! Na segunda-feira, eu falando com ele entrava pelum ouvido e saia pelo outro. É eu falei: cê é forjado né ô sinhozinho! E ele nem tchum, aí e ele entro lá dentro Raissa, e foi lá pega mais e jogo dentro do bag.

Conrado: Com lixo?

Laila: É, folha, mato. Aí eu fui lá mais Raquel, num foi Raquel? Fui lá Raquel segurou a sacolinha, amarrei e joguei na calçada dele, peguei a bag e puxei até lá embaixo. É, imagina, a gente num leva lixo! Ai eu falei: Coisa feia, dando mau exemplo pros vizinho (28).

Raquel: Esse veinho ai é aquele que dá... que dá banana na (rua) quatro.

Raissa: É ele dá banana, e final de ano... uhnmm, na páscoa ele dá bis, e no natal dá chocolate pra cada uma de nós que passa de lá. Aí ele espera passar todo mundo porque ele quer dar pra todas as menina. Aí ele fala mim, quando for a semana natal você põe uma por vez pra mim dá, porque ele gosta de dá pra todo mundo. Ele lembra nós na páscoa e no natal.

Raquel: Ele colocou a coleta e saiu, num deixou tirar.

Paulina: Pegou de perfil (29).

F 18

Raquel: Esta também é na rua quatro. É de uma casona! Acho que é cozinheira (30).

Luiz: Estas fotos são de quem?

Conrado: Todas da Raquel. Bem, agora vamos para outras imagens.

Esther: Põe da Laís!

Samantha Guerra: Laís! Vamo vê a da Laís (aplaudindo)!

Fotografias Laís

F 25

Laís: Aí foi o dia da limpeza, ah não...

Nádila: Foi no dia das mulheres.

Paulina: Que nós ganhou dois guaraná.

Laís: Aí nós parô um pouco pra bebê o guaraná.

Nádila: Pra num esquentar e devolver o vidro do home (31).

Conrado: Teve que força ele a dá o guaraná.

Aurora: É num é todo dia... Agora só o ano que vem.

Laís: Num é toda semana.

Raissa: Onde que é?

Nádila: É o Turco alí da nove.

Laís: Que a gente faz de quarta.

Raissa: Ah! Tá! O véinho do queijo. (32)

Laís: Foi o dia que cê abandonou nós e veio fazer aqui a quatorze.

Raissa: Vim ajuda minha amiga, saiu quase cinco hora da tarde da rua (33).

Paulina: Ah esse é o Turco (risos)

Laís: Esse é o turco que dá o guaraná.

Paulina: É uma vez no ano, ainda porque nós insistiu que ele deu.

Laís: Ele é muito ruim (risos).

Aurora: Ele quando dá pra gente, quando deu salgado tava estragado...

Laís: Ela parada tomando guaraná.

Esther: Foi dia das mulhé!

Paulina: E foi aí que nós ganhâmo dois guaraná .

Conrado: O Turcão do bar tinha dado o refrigerante, não?

Esther: É foi ele que deu, cê tava junto num tava (Conrado)?

Paulina: É ele deu.

Laís: Foi, foi ele que deu.

Aurora: Por isso que fechou o tempo naquele dia.

Esther: Só deu pras mulheres e o Conrado que tava junto (34).

Paulina: É, que ele num bebe guaraná.

Raissa: Essas daí é as gordelícia, só para pa comê essa gente. (35)

F 26

Conrado: Aqui é o eco-ponto.

Laís: É o eco-ponto.

Aurora: É o fluxo, fluxo da rua de todo dia.

Laís: A Margarida limpou todo o eco-ponto.

Nádila: A Margarida no ponto de encontro.

Luiz: Tá a prova aí que tá limpando mesmo.

Laís: Que chega todo dia de manhã e limpa.

Raissa: Se a vizinha fala que nós num limpa... é... (36).

Laís: Aí foi no dia da limpeza lá na... Lá no trator, lá longe.

Paulina: Aquele dia eu tava com uma camisa branca, que nossa! Saí com a blusa preta.

Laís: Nesse dia encheu o caminhão. (37)

Nádila: Vamo deixa pra quem não comeu... (se referindo à comida na mesa)

Cíntia: Só vô tampa a panela porque tá aberta!

Nádila: Tô zuando!

Cíntia: Mais fica à vontade, pode cumê que eu deixo.

Nádila: Não, num quero não, Deus abençoe.

Conrado: Não, mas tem bastante ainda, tem que acaba com isso aí!

Aurora: Num começa não, pelo amor de Deus, respeita os visitante!

Raissa: A Raquel, a Margarida e a Aurora (se referindo à imagem). A Dona Samantha Guerra só qué ir com o Conrado.

Nádila: O Conrado tá até famoso na doze.

Laís: Ele chega, e já qué fazê a rua com ele.

Samantha Guerra: Eu considero ele uma pessoa sensacional, com respeito. (ovação em grupo)

Conrado: Eu que a diga dona Samantha Guerra.

Raissa: Uma moça na doze disse, nossa cês tão pondo um moço bunito pra trabaiá agora (risos)

Aurora: Trabáia sempre cum nós Conrado.

Laís: Ele ajuda a gente, ajuda a gente a puxa a bag.

Raissa: Ah ele vem fazê o projeto, mai entra no trabaio com a gente. (38)

F 27

Laís: Aí é a Raissa catando no prédio. Ela fez uma pose... (risos)

Raissa: Mentira que eu nem vi você coisando. Aí é pra ver que a coordenadora trabáia memo.

Laís: É pra ver que ela só fica fazendo pose (risos).

Aurora: Num fala assim que ela pode.

Raissa: É, é, eu nem vi ela tirando! (risos)

Laís: Ela só fica fazendo pose pra eu tirá foto!

Aurora: Ah mentirosa! (risos) (39)

Raissa: ah!....

Laís: Aí ó, ele num apagou não! (risos)

Nádila: Cê falou que tinha apagado (Conrado).

Conrado: Poxa, desculpe, mas eu tinha colocado a foto até pro fim, da próxima eu não vou deixar passar. Mas é da Laís esta imagem!

Laís: A Nádila pediu para ele apagar e ele não apagou (risos).

Nádila: Deleta agora esta imagem!

Conrado: Mas é da Laís esta imagem.

Aurora: Ah tá! Ah tá!

Laís: É num pode apagar, eu num queria que apagasse...

Nádila: Mas é eu e a Raissa, num é a Laís (40).

Laís: Nesse dia, quando nós acabô o serviço, paramu na casa da Laila ali pra toma uma água.

Laila: Tomá água?!

Aurora: Acabá com a dispensa!

Paulina: Só ofereceu água.

Laila: Só agua Paulina?!

Paulina: Cê nem ofereceu linguiça... (41)

Conrado: Agora, é isso.

Nádila: Agora outra né?

Conrado: O que vocês acham meninas, vamos prosseguir mais um pouquinho?

Aurora: Arnaldo que manda fio, se ele fala pra ficá sentada a gente senta.

Arnaldo: Eu que mando... ah tá...

Aurora: Se quis é coloca minhas imagens aí também eu comento.

Luiz: Então acha as dela aí também!

Laís: Ah é que ela tá quereno, vê ela!

Aurora: Num foi eu que tirei só, foi os menino lá em casa, meus fio.

Conrado: Ó, agora é 9:05 horas, o duro é que a Aurora entregou hoje as fotos.

Laís: Ah, a da Aurora não tem...

Conrado: Vamos colocar as da Cíntia?

Paulina: Os outro só tirá do cê dormindo, o cê só dorme! (risos)

Aurora: Eu nasci dormindo!

Nádila: Calma, Calma!

Fotografias Cíntia

Conrado: Bem, vamo lá então. Agora da Cíntia.

Aurora: Se for a minha, vai tê que deletá um monte de coisa. Eu dormindo em cima da cama, roncando, a criança pego a câmera e tiro um monte de foto. E o Ryan que também tava com a câmera.

Conrado: Ok Aurora, fazemos a sua em uma próxima roda de conversa.

F 4

Cíntia: Aí nois tava colocando as bag pra podê ih trabalhaiá, juntando as bag pra pô no caminhão. Ou seja, ih pra rua. (42)

Conrado: Essa ficou muito boa!

Aurora: A impressão é que a Jasmim está em quase todas, e você (Raissa), está em quase todas!

Raissa: É porque eu sô fotogênica, eu sô gordinha, mas eu sô fotogênica “bem”.(43)

F 5

Cíntia: Aí é as amiga!

Nádila: As parça?!

Aurora: Que as amiga o que ô! As parça ô, para de graça ô!

Samantha Guerra: Ai Senhor! (Exclamando cansada).

Aurora: Aí só dá pra ver as língua e os dente!

Laila: Ah cala boca! Só ocê que fala, ninguém escuta nada véi! Fica quieta aí imundiça! (44)

Cíntia: Aí nós tava indo pro trecho. (risos) Ué, indo pra rua! Indo pra rua! (45)

F 6

Cíntia: Essa aí é minha princesinha.

Paulina: A piôio!

Aurora: A terrorista!

Nádila: É a Bela?

Cíntia: É terrorista, e bota terrorista nisso. É, é a Bela.

Conrado: É sua filha única?

Cíntia: Não, tem mais três! (risos).

Aurora: E mais um que tá vindo!

Cíntia: Essa aí é a pior! A caçula, chama Bela, a foto é em minha casa.

Aurora: Essa aí bota fogo em casa e põe a culpa no irmão mais velho. (46)

Conrado: Com seus irmãos na coleta, não podem cuidar para você das crianças hein?

Cíntia: É... A família, somos o trio, trio parada-dura.

Aurora: trigêmeos Patati, o Patatá e o Patatinhos, os trigêmeos. (risos)

Raissa: Apagaro a luz... (47)

Conrado: São nove e quinze meninas, que vocês acham?

Raissa: Faltam mais quantas pastas?

Laís: Ainda faltam a Jasmim, a Margarida num tiro, vai falta a Jasmim e a Aurora.

Raissa: deixa pra outra vez, aí cê traz café de novo.

Laila: É, pode ser. Pode ser.

Aurora: Ah, o Arnaldo que manda fio, se fala pra nós fica sentada, nós senta, eles que dão o veredito.

Arnaldo: Ah! (48)

Nádila: Depende da hora, porque depois o sol vai esquentando.

Samantha Guerra: Tem que dá tempo de fazê a rua querido, antes dos catador, se não a nossa coleta vai pro saco. (49)

Luiz: Vemos de marcar uma outra ocasião, porque talvez prejudique o trabalho por motivo do sol. Vamos ver de cada uma escolher três fotos para o próximo encontro.

Conrado: MeLailas temos de acabar com o pão, o bolo e tudo mais.

Laila: (Em conversa paralela) Aurora imundiça, você usou minha blusa e nem lavou cachorra!

Aurora: Do mesmo jeito que você colocou na minha mochila eu trouxe ela.

Luiz: Uma salma de palmas pela atividade! (palmas e ovação coletiva)

Aurora: Viva Conrado!

Conrado: Viva vocês hein!

Margarida: Obrigado!

Aurora: Sem você nós não somos nada! (risos)

Margarida: E sem nós eles não são também!

Conrado: Isso mesmo!

Aurora: E sem a coleta a gente num vive.

Raissa: O bom que é ele vem fazê o projeto e trabalha com a gente na rua.

Paulina: Seu Luiz perguntou quem vai pagar o salário do Conrado?

Laila: A Aurora!

Aurora: Eu não tô pagando nem as contas de casa!

Raissa: Ah é com quem ele trabaia mais? Com a Samantha Guerra. Vou falar pra Helena que chamaram um cooperado pra ajuda nós e esqueceram de pagar.

Conrado: Parabéns meninas, obrigado por tudo e por poder participar aqui com vocês!

Samantha Guerra: Parabéns pra você pelo excelente café que poporcionou pra nós, e por tudo que cê fez por nós. Deus te abençoe ricamente. Que você consiga o seu projeto, que você já conseguiu!

Nádila: uhuuu!

Conrado: Assim seja!

Roda de Conversa II - 26/04/2017

Presentes: Aurora; Samantha Guerra; Paulina; Raquel; Laís; Margarida; Raissa; Nádila.

Apresentaram: Aurora; Samantha Guerra; Paulina; Raquel; Laís; Margarida; Raissa; Nádila.

Conrado: O que você diz sobre a foto que você escolheu para a exposição?

F 37e

Raquel: Ah, o que eu diria é que se todo mundo tivesse consciência, e fizesse como ela tá fazendo, não tinha tanto material reciclável indo pro lixo, né? Só que a maioria das pessoas aqui de Araraquara num tem consciência. Mistura o orgânico com o reciclado e com isto quem perde na rua são a gente, né Conrado? E vai pro lixão, isso daí demora pra dissolve como todo mundo sabe, né? Então se passasse pra gente, seria mais, como que eu posso dizê? A gente teria, um salário melhor, né? E bem pouco reciclado ia pro lixo, né? O que eu tenho a dize dessa foto é isso. (1)

F 30e

Margarida: Eu acho que se o pessoal fizesse corretamente, né? A reciclagem, a gente num perderia muito tempo em separá na rua, porque eu separo muita coisa, tem lixo que eu vô e abro o saco e vejo o quê que tem, tem coleta então eu vô tirano tudo. Tudo que dá pra eu tirá eu tiro. O pessoal devia tê consciência do que é reciclado do que é orgânico, né? Que... Num pode mistura as duas coisas. Aí nós teríamos, né? Uma renda, né? Até melhorzinha. Só isso só. (2)

F 3

Nádila: Coleta solidária, o futuro está em suas mãos. (3)

F 35e

Laís: Ah, depois de trabalha tanto, uma paradinha prum lanche! (Risos). Uma reuniãozinha básica prum lanchinho. União tomando um lanchinho. (4)

Paulina: Unidos venceremos! (5)

F 36e

Paulina: Esta foto representa a coleta. É o fundamento do nosso trabalho, né? Nossos materiais recicláveis. É a coleta seletiva. É isso aí. (6)

Nádila: Recicle para um Brasil melhor! (7)

F 9

Aurora: É o amor da minha vida!

Paulina: Por que você não escolheu outra foto, em que estivessem os dois? Você não tem outro filho? (8)

F 11

Samantha Guerra: Esta imagem representa pra mim, nós mulheres batalhadora, batalhando para o futuro e a geração do país. (9)

F 34e

Raissa: Uhm, deixa eu ver. Pra hoje, sorrir, agradecer e prosseguir. (10)

Roda de Conversa III – 17-05-2017

Presentes: Aurora; Samantha Guerra; Paulina; Raquel; Jasmim; Laís; Margarida; Raissa.

Apresentaram fotos: Paulina, Raissa, Jasmim, Margarida.

Fotografias Paulina

Conrado: Bem pessoal, está dando pra ver as imagens aí minha gente? Vamos começar pelas fotos da Paulina.

F 12

Samantha Guerra: O que vai se anunciado aí nesse evento?

Conrado: Essa foto tem um bom significado pelo que você me relatou outro dia.

Paulina: É no laboratório, no São Lucas.

Raissa: É... No São Lucas.

Paulina: Pode tá chuva, pode tá sol, tá lá eles guardam os recicláveis, tá lá. É no prédio que nós vai fazê hoje. (1)

F 13

Paulina: Ai como sô linda! Ai, ma-ma-mamãe quelida!

Samantha Guerra: Ai tamo achegada, tamo achegada! De que persona é essas fotos aí?

Paulina: É minha!

Conrado: Bem temos aqui as fotos da Paulina. O que diz desta foto Paulina?

Paulina: Que eu sô linda e maravilhosa, olha minhas fotos (risos de todas)! E eu achei que era parceria uma das que tá aí, mai num é não.

Conrado: Uia só é isso então, caraca mano! Sério? Que mais?

Paulina: Ih, essa daí abafa o caso!

Aurora: Quem é que tava ali?

Laís: Não leva o bafo pro Arnaldo.

Paulina: Abafa o caso, abafa o caso. (2)

Samantha Guerra: Eita e essa coisa farsa aí também? (Risos coletivos)

Aurora: Essa coisa farsa... Eta, essa Dona Samantha Guerra, mas tem uma linguinha também, viu?

Samantha Guerra: A língua foi feita pa fala a verdade cara (aponta o dedo para Aurora).

Aurora: Mai num precisa bota o dedo cara dos otro, desse jeito num trabalho hoje!

Samantha Guerra: Ela cuida do cú de todo mundo!

Aurora: Até do meu tamém!

Samantha Guerra: Então do que cê tá reclamando sua cagueta? (Ovação do grupo "Ih")

Aurora: Cagueta?

Paulina: Eita vamo fazê um negócio de porrada ali? Olha aí vai sai a briga no gravador ali!

Aurora: Se ela puxa o meu cabelo eu acabo ficando careca!

Samantha Guerra: Filha! Eu não sô de puxa cabelo não, eu meto logo a faca!

Conrado: Que isso gente calma! (3)

F 14

Paulina: Isso daí significa carregamos o serviço nas costa.

Laís: É cê vê, nós leva até as coisa nas costa pros outro num robá... (4)

Aurora: Porque só ela? Eu também quero comenta as foto também!

Paulina: As foto é minha filha da puta.

Laís: As foto é dela ó.

Aurora: Ué mai a gente comenta também fia, ué.

Conrado: Tem que comenta mesmo pessoal.

Cíntia: O Arnaldo tá na rua viu gente!

Samantha Guerra: De novo? Ih... Nossa pelo amor de Deus hein!

Conrado: Mas eu acho que ele vem aí também.

Laís: Já saiu de lá cedo?

Aurora: Deixa ele anda, deixa... Misericórdia, ainda bem que eu num peguei latinha.

Raissa: Ah? (5)

Fotografias Raissa**F 31**

Raissa: Aí é atrás da rua nove. É o prédio que dá o material mais limpo e organizado pra gente.

Arnaldo: Aquele perto da odonto?

Laís: Pra frente.

Raissa: Aquele da nove, entre a Bonifácio e a Feijó (avenidas). Eles dá tudo organizado.

Raquel: Tudo lavadinho.

Luiz: Já estavam separadas os recicláveis?

Laís: É um quartinho que só tem reciclagem,

Cíntia: Tem uns que cê vai pegá é comida misturado com coleta...

Aurora: Sexta-feira mesmo né Paulina?

Raquel: Fraldas... Fralda geriátrica.

Paulina: Nossa, tem um com até cocô.

Govana: Aquele da oito, aquele lá do quartinho era bem limpo, agora tem até... Tinha até um coqueiro lá dentro (risos). Agora tá tendo muito lixo.

Margarida: É uma paisagem...

Aurora: No beco nem se fala... (6).

F 32

Samantha Guerra: Esta daí não é a Raissa, é eu.

Laís: Não, mas é a da máquina da Raissa. Foi a Raissa que tirou.

Samantha Guerra: Ah, a Raissa tirou dentro do caminhão, a lá!

Laís: Aí nós tava indo pra catação, aí o caminhão dá uma carona até ali embaixo, pra gente descer no ponto. Levanta mão pra descer no ponto (risos). Ah! É a Raissa que tem que falar!

Raissa: É, cê fala que é vice coordenadora, então tá falando.

Laís: Eu não...

Arnaldo: É suplente né, Raissa... (7)

Conrado: A Raissa vai comentando agora. E aí Raissa?

Paulina: Ó a Larissa (se referindo à foto).

Raissa: Essa foto aí é das meninas já esperando parar em ponto, cada uma desce, mas já dentro do caminhão já começa a bagunça, já é zuera, desde cedo já começa zuando (8).

Conrado: Neste dia a Laila tinha colocado uma caixa de som.

Aurora: Conrado, para de fala, ó o Arnaldo aí! (risos). Ele vai pensa que nós num trabaia.

Raissa: E começo todo mundo a dançá...

Paulina: É tava todo mundo dando trabaio no trabaio (risos).

Raissa: Num é que nós num trabaia, é nós que leva mais material. Por isso que tem bastante material, porque a gente é alegre! (9).

Samantha Guerra: Olha eu aê sentada no caminhão, é a Samantha Guerra!

Paulina: Ué, mas por que ela tá fazendo assim ó? (aponta com o gesto da mão que Samantha Guerra faz na foto)

Raissa: Eu falei alguma coisa pra ela fez isso dai.

Laís: Tá vendo que ela num trabaia, só fica sentada!

Raissa: Ela só manda toma no cú.

Aurora: Não mas ela num fez assim, ela fez assim (mostra com os gestos da mão o que Samantha Guerra apresentava na foto)

Samantha Guerra: Eu fiz assim ó, assim ó (Samantha Guerra mostra ao grupo como fez e pousou na foto)

Laís: Cês tão vendo que a Samantha Guerra não trabalha.

Paulina: Aqui na sua mão ó.

Aurora: Ó ela tá fazendo assim (representa com gestos a pose na fotografia). Três baiano correndo atrás do coco!

Samantha Guerra: Isso mesmo, eu tava fazendo assim (representa com gestos a pose na fotografia), assim ó pra Raissa. Três baiano correndo atrás do coco! (risos). (10)

Raissa: Aí é a alegria de ir pra rua todo dia. (11)

Laís: Nós tamo nas fotos da Paulina ainda?

Conrado: Não, agora nós fomos para as fotos da Raissa.

F 33

Laís: A Nádila levada.

Raissa: Aí é a hora que as gordelícia come e fica depois morrendo tudo, e não quer ir mais trabalhar.

Aurora: Uma dano coragem pra outra.

Laila: Uma dano coragem pra outra (risos).

Aurora: Vai fulano, levanta! Não deixa eu, deita mais um poquinho.

Raissa: Eu fico, vâmo gente trabaiá, elas deita... Vamo gente, os catador vão pegá tudo.

Não Raissa... Nós tá tudo cansada... Come, come, depois num guenta trabaiá.

Laís: Não... mas aí a gente já tinha feito metade das rua.

Raissa: Essa foto aí é a coordenadora falando, vamo gente, vamo trabaiá, e tá todo mundo deitado! A coordenadora fala, fala e ninguém escuta. A Laís tá até roncando lá atrás. (12)

Ah lá ó! Ó fragrante! Tá vendo, só come coisa natural!

Jasmim: E a coca?! E a coca?!

Conrado: É tudo cliente da Neuza que trás os salgados. Ela leva o salgado aonde o grupo tá, e ainda segura o pagamento pro mês seguinte!

Aurora: Isso que é ativo.

Laís: E divide ainda! (13)

Conrado: Bom dia Seu João, Glauber (participantes do caminhão).

Laís: Ninguém tirou do nosso terrorista! (Se referindo ao Seu Luiz).

Paulina: Quem num tirou?!

Samantha Guerra: Ele num deixa tirá.

Paulina: Ele cobra até.

Seu Luiz: Eu pago R\$100 para quem tirar a foto minha.

Conrado: Tem sim, a Cíntia conseguiu a imagem dele.

Paulina: Conrado mostra a foto, e pode pagar aqui Seu Luiz!

Raquel: Ó pessoal pode chegar no café da manhã, tem buraco quente, bolinho de cenoura.

Glauber: Hu... Buraco quente...

Aurora: Isso é lá do nosso interior.

Samantha Guerra: A farça deitada aí ó. (14)

Aurora: Momento da preguiça. Acabo de come, dá preguiça.

Raissa: Aí é as gulosa que compra sargado, depois num sabe trabaiá porque pesa.

Aurora: Mando bem aí ó, anota aí!

Paulina: Onde é isso aí, é numa escola?

Raissa: Num sei onde nós tá aí não. Num lembro não.

Paulina: Ah! Alí perto do Vitor (escola Vitor Lacorte)

Samantha Guerra: deitô, deito e, só no salgadinho.

Paulina: Ah! Lá mesmo onde a gente comprou um salgadinho. No Vitão alí. (15)

Raissa: É salgado, momento do lanchinho. É... e que tão tirando também o nosso, porque num é pra ficar parado.

Conrado: Sério?

Paulina: É, num pode mais, tem que passa fome na rua.

Aurora: Por que a gente tá levando lanchinho de reserva (se referindo ao lanche que levei para comermos juntos)

Raquel: Por isso que eles ficaro olhando a hora que eu e Maria vai comê bolacha.

Samantha Guerra: E hoje ele vai ficá olhando a Samantha Guerra comendo sanduíche na praça!

Raquel: A coordenação...

Aurora: Nunca dero lanchinho, agora que a gente tá comendo, tem que parar de comer.

Paulina: Conrado, cê que é parça deles, conversa lá mano, fala que precisa dos lanchinho das menina.

Laís: E fala pra eles que a gente não cata latinha não. Eles que pega nós com a latinha...
(16)

Raissa: Aí é eu apresentando as bicho preguiça.

Conrado: Tá dando pra ver aí pessoal? (vozes: sim!)

Paulina: Num tá dando pra ver eu, coisa preta cara.

Aurora: Eu sumi! (17)

Fotografias Jasmim

F 22

Conrado: Está bem, então agora vamos lá para a próxima pessoa.

Paulina: (Cantando) Vamo acordá esse prédio, fazer inveja pro povo... A gente tem que trabalha!

Conrado: Então vamos às fotos da Jasmim! E esta foto Jasmim?

Jasmim: É nossa coleta.

Paulina: Nosso EcoPonto. (18)

F 23

Jasmim: Até o povo ajuda na coleta. Muitos têm respeito pela coleta, e pela coleta somente. Contribuindo com a coleta. (19)

F 24

Conrado: Nesta outra imagem?

Jasmim: Coleta é tudo, né? Ajudando ao nosso ganha pão. (20)

Conrado: Muito bom Jasmim. Vamos ver, ainda faltam as fotos da Cíntia, da Margarida também.

Samantha Guerra: deixa as fotos dela pro outro chá de cozinha.

Fotografias Margarida

F 28

Conrado: Vamos às da Margarida. O que você diz desta sua foto Margarida?

Margarida: Ah, eu achei bonita a imagem.

Conrado: Ficou realmente, tem o movimento do sol.

Raquel: Mas quem que tá ali na frente?

Conrado: É a senhora!

Raquel: Ah meu Deus!

Margarida: É você! (21)

F 29

Conrado: Você lembra das suas fotos Margarida?

Margarida: Mais ou menos, esta daí também é bonita.

Conrado: E além da beleza, tem algo a dizer?

Margarida: Ah, que é bonita, que eu gostei também. (22)

F 30

Margarida: É bonita também, é legal.

Conrado: Muito boa mesmo.

Margarida: Gostei! (23)

Raquel: Já falaram já?

Conrado: Margarida, você quer ressaltar mais alguma coisa sobre as fotografias? Pude perceber algumas pessoas que passam todos os dias aqui em frente ao EcoPonto, muito interessante isto.

Margarida: Legal.

Conrado: Hoje foi mais rápido (as meninas ao longo da conversa com Margarida, foram deixando a roda de conversa para ir ao caminhão ou caminho de coleta).

D. Análise ideográfica - Entrevistas

Entrevista Nádila – Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
Meu nome é Nádila, tenho 26 anos, tenho 3 filhos e sou casada. (1)	Se apresenta dizendo a idade, 26 anos, que é mãe de três filhos pequenos e casada. (1)
Trabalho na coleta, faz uns 8 meses que eu trabalho na coleta, conheci várias pessoas na rua, no dia a dia, coletando os material. (2)	Está há quase um ano na coleta, e que tem conhecido muitas pessoas nesta atividade. (2)
Ah, eu tava desempregada, meu marido também, aí a Aurora já trabalhava na coleta, e ela falou que tava precisando, aí eu peguei e fui conversar com a coordenadora, aí ela me contratou, depois de dois sábado que eu fui lá ela me contratou. (3)	Ingressou na catação por estarem ela e seu marido desempregados. Conheceu a coleta como alternativa de renda, por meio de uma amiga que já trabalhava com a cooperativa. (3)
Pra mim, a coleta significa muita coisa, que é da onde eu tiro meu ganha pão né, e a gente ajuda a deixar a cidade mais organizada, mais limpa, ajuda nas enchente, ajuda a natureza, o meio ambiente né. Ela ajuda o meio ambiente, é meu ganha pão e conhece muita pessoa, entendeu? [...] Tipo assim, é a convivência com o povo no dia a dia, porque cada dia você tá num lugar, conhece muitos lugares, muitas pessoas, que você nem imaginava que ia conhecer, entendeu? Faz várias amizade. (4)	A coleta seletiva significa muita coisa, como a possibilidade de dar sustento à família, além de auxiliar na limpeza da cidade. Nesta atividade conhece muitas pessoas e lugares, o que possibilita expandir o campo de visão e mediação com o mundo. (4)
F 1 O que significa pra mim as três fotos, né? A primeira foto é sentido da minha vida né, é a razão do meu viver, meus filhos, é tudo que eu tenho de mais importante na vida, por eles eu sou capaz de fazer qualquer coisa, entendeu? É o Alípio, Sônia e a Olívia. Tem a Sônia que tá com 4, a Olívia com 3, e o Everton que vai fazê 2. É eu meu marido, meus três filhos, cachorro, papagaio, tartaruga, pato, galinha, pato, pintinho e já era (risos) (5).	Sua família é a razão de seu viver. É casada e tem três filhos pequenos, duas meninas de 4 e 3 anos, e um menino de 2 anos, além de vários animais como galinha, pato, tartaruga, cachorros e pássaro. (5)
F 2 A Aurora e a Cíntia, são duas pessoas importantes pra mim na coleta, são	Relata sobre os laços afetivos construídos no dia a dia com as cooperadas. Amizades que auxiliam na superação de

<p>minhas amiga, minhas parcêra que fecha comigo, é tipo como se fosse uma irmã pra mim na coleta, entendeu, as duas tem muita importância pra mim. É as brincalhona, às vez cê tá assim, num dia pensativa que aconteceu alguma coisa, vem as duas palhacinha e te alegra, entendeu? Elas significa muita coisa pra mim. É uma família. (6)</p>	<p>obstáculos, as considerando família, pelo cuidado que exercem uma para com a outra. (6)</p>
<p>F 3 Ah isso daí é o momento que a gente separa os bags, né, pra ih pra rua, eu acho que é o momento que o grupo tá mais reunido, entendeu? Na separação do bag, porque depois cada um vai pro seu destino, é a união do grupo, entendeu? Porque aí tipo assim, tá todo mundo se você repará na foto, entendeu? A gente tá mais unido aqui, depois cada um pega sua rua e vai se distanciando, até acaba a rua, né. (7)</p>	<p>Há o momento de reunião do grupo, importante para união das integrantes no cotidiano. Tempo do encontro em que se fortalecem nas amizades e se organizam para realizar o trabalho, feito também de etapas individuais. (7)</p>
<p>Porque tipo assim, foi uma coisa, que eu mostrei que eu sou mãe, dona de casa depois de trabalhar na coleta entendeu? Eu gostei dessa primeira foto que eu tirei. (8)</p>	<p>Gostou de registrar a fotografia e apresentar para mostrar às companheiras de trabalho que é mãe e “dona de casa” além da atividade de catação na rua. (8)</p>
<p>Eu gostaria de pedir a colaboração das pessoas pra tá reciclando mais e mais, cada vez mais, pra ajuda o meio ambiente, aumenta a nossa renda, e é isso. Porque, é tipo assim, da coleta eu tiro meu ganha pão, quanto mais bag eu enche, mais a gente vai ganha, entendeu? (9)</p>	<p>Pede colaboração dos munícipes para que reciclem os materiais, dizendo da implicação que esta ação possui tanto para o meio ambiente de toda a cidade, quanto para a geração de renda, sustento para muitas famílias. (9)</p>

Entrevista Cíntia – Análise Ideográfica

Unidade Significado	Redução Fenomenológica
<p>Bem, minha história de vida, eu sou auxiliar de padeiro, fazia nove meses que eu estava desempregada, aí foi onde que eu entrei na coleta, estou aqui por motivo, assim... Que estou precisando, por causa de meus filhos, se não fosse por eles, já tinha abandonado. (1)</p>	<p>Diz que atuou como auxiliar de padeiro e entrou na coleta porque estava desempregada já há 9 meses, e como possui filhos para cuidar e não pode permanecer sem renda, ingressou na coleta seletiva solidária. (1)</p>
<p>[...]sou do ano de 1983, tenho 33 anos, parei os estudos na quarta série. Depois que cê casa e tem filho, aí que ocê num termina os estudo mais mesmo. Aí já</p>	<p>Possui trinta e três anos e tem o primeiro grau incompleto. Já tentou duas vezes terminar os estudos, mas não conseguiu terminar, já que possui filhos e foi</p>

<p>num dá mais, e outra num tenho mais paciência mai pra isso. Até tentei, duas vezes lá no Sesi, mais num tive paciência, parei. Abandonei. (2)</p>	<p>casada, tendo outras preocupações para se atentar. (2)</p>
<p>[...] eu num sei explicá... Eu num vô sabe explicá essa aí não. Eu acho assim, a coleta é tipo assim, é um serviço assim, pra, como eu posso dizê... Pra reciclagem, que é pra recicra materiais, e tem muitos que coloca recicrage junto com o lixo, e não é isso, é só reciclage. Acho que é isso. E o que ela representa... Por enquanto ela tá ajudando, tá ajudando bastante. (3)</p>	<p>A coleta seletiva é um serviço que propõe à sociedade uma maneira de reciclar os materiais, mas mesmo assim a população mistura os resíduos orgânicos aos recicláveis. Relata que este serviço está lhe ajudando bastante. (3)</p>
<p>F 4 Bom, aí foi a agente colocando os bag no caminhão, pra gente podê já ih pra rua, porque aí é tipo assim, todo mundo ajudando a coloca os seus bag ali pra drento. Aí é tipo assim, a gente já separo os bag, pra gente pode ih pra rua né, ih pra rua podê começa a trabalha. Acho que é isso. Fico uma foto legal, bonita. Fazê como a Samantha Guerra fala “da hora”, fico da hora. Ainda falta turma aí ainda, falta gente, mas fico uma foto bonita. Fico uma foto “chic” essa daí. (4)</p>	<p>Há um momento em que todas separam juntas as bags que irão utilizar no dia, e todas se ajudam a subi-las no caminhão, para seguir cada participante, ao seu caminho, trecho de coleta do dia. Na imagem retratada faltam algumas pessoas, mas ficou uma foto agradável, bonita, uma foto “chic”. (4)</p>
<p>F 5 Essa daí foi já a gente já indo já pra rua já, pra pra podê fazê a coletagem, então é tipo assim, como eu posso pegá pra explicá... Ah o significado assim da gente já pode tá indo já pra rua já né, pra gente já poder pegar, coletar o material, reciclável. Ela significa a amizade, a união do grupo... que agora já não tem mais... (5)</p>	<p>Nesta imagem, o grupo está indo para a rua catar os recicláveis, e o significado da imagem é a amizade, união do grupo para realizar esta tarefa, mas que pelos desentendimentos de alguns momentos, deixam de ser sentidos. (5)</p>
<p>F 6 Essa terceira foto é o motivo de eu estar aqui hoje, porque se não fosse por eles, eu não estaria aqui hoje, eu acho que eu tava em casa se não fosse por eles. (6)</p>	<p>Está na coleta seletiva por motivo que tem que sustentar sua casa e filhos, pois se não os tivesse não estaria nesta atividade. (6)</p>
<p>[...] porque não é fácil, enfrenta sol quente, puxando esses bag pesado, chega em casa cheia de dor, num é fácil... (7)</p>	<p>Vê na atividade muitas dificuldades a serem enfrentadas, como o sol quente, puxar a bag pesada cheia de materiais e em decorrência disto, sentir dores ao chegar em casa. (7)</p>
<p>Se num fosse esse motivo... Não tinha motivação como essa. Sou solteira,</p>	<p>A razão de estar na coleta seletiva solidária são os quatro filhos que tem de</p>

namoro né... Tenho 4 filhos, Suelen tem 16, a Rossana tem 10, o Gilberto tem 8, e essa pequenininha de 3 anos, Roseléia. (8)	sustentar já que é solteira, são três crianças e uma adolescente. (8)
Moro no São Rafael II, e venho de ônibus. Logo no comecinho eu vinha de bicicleta lá na usina aí pegava o caminhão e vinha até no trecho. Aí depois eu peguei e comecei a recarregar o cartão, então eu venho de ônibus, aí quando acaba e eu não tenho dinheiro, eu vou até lá na coleta, na usina. (9)	Mora em um bairro periférico do município, chegou a vir de bicicleta às atividades de catação, mas depois começou a pegar carona com o caminhão que saía da usina da Acácia, já que mora próximo. Como não é oferecido vale transporte, pega algumas vezes ônibus, mas delimita um valor certo a este gasto, não extrapolando. (9)
Mas num é fácil não. Ainda logo nos primeiros dias pensei até em desistir, mas falei não, tem que enfrentar. Tem que ir, que por mim já tinha parado. (8)	Sente muita dificuldade na realização das tarefas da catação, e por ela já teria parado, fazendo da atividade uma condição de superação. (8)
Ah, coleta é união, coleta é união. Acho que é isso. (9)	Vê a coleta como o resultado da união entre pessoas. (9)

Entrevista Aurora – Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
Sou Aurora, tenho 31 anos, mãe de dois filhos, Ryan e Rafaela, era pra mim te três, perdi um com 7 mês de grávida, já sofri muito nessa vida, perdi minha mãe cedo. Tô aqui firmona por causa dos meus filhos. Nasci, aqui em Araraquara na maternidade Gota de Leite, parece que na Gota de Leite, dia doze do doze de 1985, tô com 31 anos. (1)	Relata que possui 31 anos, nasceu em Araraquara e é mãe de duas crianças, perdeu uma ainda na gestação. Está na coleta seletiva solidária por motivo de seus filhos, para os sustentar. Diz que já sofreu muito na vida. (1)
Eu perguntava várias vezes pras pessoas, se tava precisando de gente, nunca... falavam que num tava precisando, até que um dia fui perguntar pruma menina que tava fazendo o beco, ela me informo, falo que tava precisando de gente, fui lá no lixão, entreguei o currículo lá na mão da Lara, dai quando eu virei as costa ela rasgou meu currículo, aí eu falei assim, se é na mão de Deus filho... Quando chego na hora, um dia a Samantha Gerra tava fazendo lá perto da minha casa, eu tava sentada na praça tão desanimada, eu falei pra ela... A você conversa com a coordenadora Raíssa, fui lá, di minha cara a tapa com ela, e no mesmo dia eu comecei a trabalha, já faz quase um ano	Procurou trabalhar na coleta seletiva, tentando por várias vezes ingressar na atividade, mas todas sem sucesso. Até que um dia conversando com a coordenadora de um dos grupos, iniciou na atividade e já faz um ano que cata recicláveis cooperadamente. (2)

<p>que eu tô aqui, agora em abril faz um ano que eu tô aqui. (2)</p>	
<p>Eu estudei até a oitava série, se Deus quise o ano que vem eu volto a estudar de novo. (3)</p>	<p>Completo o primeiro grau nos estudos, e pretende retomar os estudos. (3)</p>
<p>Coleta em minha vida... Tô nesse serviço por causa dos meus filhos, se eu não tivesse filho eu não estaria aqui pra todo mundo, se eu não tivesse filho eu desistia no primeiro dia. Cansativo é, mas no fundo no fundo, é gratificante, no final do mês você tem seu dinheirinho no bolso, você gasta no que você quiser, você compra as coisas pro seu filho, é isso. Resumindo, coleta pra mim é meus filhos, tô aqui firme forte, por causa dos meus filhos. Ela representa a união dos meus filhos, com... Juntando o útil ao agradável, o tempo que eu não passo com eles, eu compenso na coleta, eu chego cansada mas, vendo eles brincando dançando risada, passa até a canseira. (4)</p>	<p>Está na coleta por motivo de seus filhos, e se não tivesse filhos não estaria nesta atividade, pois é cansativa. Se sente gratificada pelo trabalho que realiza ao receber seu salário mensal, e dignificada por poder comprar para ela e seus filhos necessitam. Resume que coleta seletiva são seus filhos, e representa sua união com eles pelo sustento que pode prover à sua família. (4)</p>
<p>F 7 Tem a foto do meu filho, Julinho, que eu posso falar dele... O Julinho é meu orgulho de vida, minha razão de viver, já passei maior buço com ele, ele já tá com 5 anos, é um menino esperto, resumindo, ele é tudo. A base da minha vida é ele e minha filha Lilian, entendeu? Sem eles eu não posso ficar, sem eles não posso viver, se eles passam um tempo assim, longe de mim eu já fico preocupada... Num durmo direito, num se alimentar também direito por causa deles. Eles são a razão da minha vida. (5)</p>	<p>Diz de seu filho mais novo, que tem 5 anos, e que é a razão de seu viver, fala com isto de sua outra filha de 12 anos, que também é sentida da mesma forma. (5)</p>
<p>F 8 Ahn, a Lilian, também é a mesma coisa do Julinho, é a mesma coisa que... que é meu tudo, é... também sofri maior buço com ela, sofri... Tive, “ecampi” na gravidez dela, quase não aguentei até os nove meses, já tava pedindo pra Deus tirar logo a criança de dentro da barriga que eu não tava aguentando... Graças a Deus ela nasceu uma menina normal, normal, normal. Uma menina estudiosa, tem a fase das briguinhas, nós temos, na fase da briguinha... Mas eu amo ela de coração,</p>	<p>Fala de sua filha mais velha, que já sofreu muito com ela, tanto na gravidez em que adoeceu, mas agradece a Deus que sua filha nasceu bem. É solteira agora, e cuida de ambos os filhos, fazendo o papel de pai e mãe juntos, procurando realizar as vontades dos filhos, e se desdobrando para comprar as coisas que necessitam. (6)</p>

<p>sem ela também num posso fica também, é isso, Rafaela é minha vida, tá com nove ano. Estou solteira agora, mas é... Tipo assim, igual o menino fala, que eu sou o pai e a mãe dele, sou pai e a mãe dele, que eu supro, quê que o pai deles num tão presente, eu tô suprindo agora, se ele pede tal coisa pra mim, eu faço é... Mil coisas pra consegui aquela coisa que ele pede. Não agora né, pede agora pra mim, depois mais tarde eu tento arruma, do jeito que eles pede, entendeu? (6)</p>	
<p>F 9 Uhm, como que eu posso fazê... O Julinho é um menino esperto, sempre foi esperto desde quando nasceu, desde quando começo a anda, começo a anda com 11 meses, é um menino esperto, igual a <u>Lilian</u>, a <u>Lilian</u> era meio lentinha no começo, agora tá nota dez na escola, é o futuro do Brasil. (7)</p>	<p>Seu filho mais novo desde quando nasceu é um menino esperto, tendo começado a andar quanto tinha onze meses. Ressalta as diferenças entre os filhos no período inicial de aprendizagem, e que sua filha mais velha hoje vai muito bem na escola. (7)</p>
<p>O Julinho e a Lilian é o futuro do Brasil, que eu num quero pra mim, eu não quero pra eles. Ele fala assim, ah mãe quero trabalha na coleta... Não! Pode caça outro serviço que vocês... Tô ahn, se fô o caso pago até uma faculdade pra eles quando tive velhinha, fazendo faxina pa um, faxina pa outro, pago os... Os orgulho dos meus filho. Só isso? (8)</p>	<p>Seus filhos são o futuro do Brasil, e que quer o melhor para eles. Assim, não quer que eles sejam futuros catadores de recicláveis, e que se for preciso, pagará os estudos dos dois, se desdobrando no trabalho fazendo faxinas como serviço para pagar objetivos que lhe deem orgulho a ela mesma e a eles. (8)</p>
<p>[...] igual eu quando eu perdi minha mãe quando eu tinha 16 ano, sempre eu falo pra todo mundo quem tem sua mãe, dá valor pra ela quando ela tá viva, quando ela morre, só quem lembra da mãe mesmo, só os filho, o pai num lembra, o tio num lembra, a tia num lembra, só os filho mesmo, por isso eu tô aqui, e quero ser lição de vida, futuramente, quero se igual minha mãe tá sendo, foi pra mim, eu quero que meus filhos, meus filhos achem a mesma coisa de mim, que minha mãe tá trabalhando no sol quente, ela tá ali, tá trabalhano, tá dano do bom e do melhor pra gente, se esforça, dá do bom e do melhor, pagano minha formatura de boa, num pedino nada pá ninguém emprestado, num roubano, num matano. Dá valor pra sua mãe enquanto tá viva,</p>	<p>Ressalta a importância da mãe na vida de toda gente, e que perdeu sua quando possuía 16 anos. Indica que a mãe é lembrada apenas pelos seus filhos e por mais ninguém, tanto pai, tios ou tias, e com isso quer deixar boas lembrança a seus filhos, como a de ter sido uma mãe trabalhadora, que buscava cuidar bem de seus filhos, se esforçando para não precisar depender de ninguém. Aconselha a necessidade de valorização das mães, por seus filhos, pois um dia quando estas falecerem, ficam só as lembranças e apenas os filhos sentem sua partida. (9)</p>

quando ela morre... Todo mundo esquece, só os filho que lembra, só isso mesmo. Fica a dica. (9)	
---	--

Entrevista Samantha Guerra – Análise ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
Minha história de vida é que trabalho na coleta porque necessito deste serviço, porque não tenho outro emprego fixo que registra na carteira, e esse é um serviço que não tem registro na carteira, mas como eu moro sozinha, dependo de trabalha naquilo que pode me sustenta, até eu consegui uma capacidade melhor. Nasci em Tupã, em 1959, dia 27 de novembro. Tenho dois filhos Sthéfany de 26 e Leandro de 30, duas netas. (1)	Guerra Samantha possui 58 anos, e teve dois filhos, um rapaz de 30, e uma mulher de 26. Está na coleta porque necessita de um emprego para se sustentar, apesar de buscar algum emprego que tenha registro na carteira. (1)
Do meu filho eu não sei se tenho neto, nós num convive junto. É viciado nas droga... eu não sei onde ele anda, não convive comigo porque num deu certo de nós mora junto não, eu tive que manda a polícia tira ele de dentro de casa, porque ele que bate ni mim, já bateu ni mim, eu fui para na UPA (unidade pronto atendimento). Mexe com cocaína e eu num tô com saco pra fica com fio com droga em casa não, tenho medo de ir pra cadeia. Então foi melhor a separação. Porque ele não quer sair da vida podrêra dele, quer ficar nessa vida podrêra dele. (2)	O filho não mora com ela, já tiveram muitas complicações no convívio, pois é usuário de drogas e violentou Samantha Guerra. Ela sente receio de ser incriminada por algo que não compactua. (2)
Amigada, dezessete ano. Com o pai da Sthéfany eu morei onze ano com ele, e tive a Sthéfany, o Leandro eu tive ele em 86, não sei quem é o pai dele não, o importante é que eu tive ele. (3)	Os pais dos filhos são de diferentes pessoas, e conviveu longos anos com o pai da filha, e apesar de não saber quem foi o pai do filho, sente-se satisfeita em ter tido o filho. (3)
(A senhora estudou?) Até a oitava série. Não pretendo prosseguir, não tenho mais condições, já sou véia –Risos. (4)	Estudou o primário, mas não pretende concluir, pois sente-se com idade avançada. (4)
Começou assim, eu pegava coleta na rua, eu era catadora, pra sobrevivê eu catava na rua, aí como a minha filha trabalhava na coleta, essa coleta que eu tô, tava precisando de uma pessoa na turma dela que é a da Raíssa, ela me indicou eu pra Raíssa, aí a Raíssa pegou eu eu to lá até hoje, já vai faze quase dois anos e a	Entrou na coleta solidária por já catar recicláveis independentemente, e por indicação da filha ingressou na cooperativa há quase dois anos. (5)

<p>Sthéfany saiu, a Sthéfany fico três mês e eu já vai faze dois. (5)</p>	
<p>Sai de casa com 17 ano, rodei o mundão até os 20 e poucos anos, eu e Deus, até que eu arrumei o pai da Sthefany e fui mora com ele, morei com o pai dela 17 ano, ele é de Araraquara. E como foi... Isso aí não pode saí na mídia hein, Deus me livre, se isso aí saí no site eu tô fudida, não, eu era da zona, morei na zona, parei na zona com 16 ano, aí fiquei até os vinte e poucos anos, conheci o pai da Sthefany eu tinha uns trin... Não, eu tinha 29, conheci o pai da Sthefany, e aí foi minha história, eu conheci ele na zona aí do cristo, aí nós se gostamos, moramo 17 ano junto e tivemos a Sthefany. Aí comecei a fazê faxina, trabalhando, morando com ele, cuidava do sítio onde morava com ele, aí depois não deu certo, começo a judia muito de mim, e eu trabalhava que nem num sei o quê, o cara num me dava um centavo, só judiava, só judiava, até que eu levei na delegacia das mulher quinhentas veis e saí fora. Aí eu se separei na delegacia das muié, 10 metro de distância. (6)</p>	<p>Saiu de casa aos dezessete anos, trabalhando como profissional do sexo, viajou por muitos lugares e conheceu o pai de sua filha mais nova, com quem morou junto durante 17 anos, mas que após um período de partilha, começou a violentar muito e não cooperava com o sustento de casa e nos trabalhos da vida rural que levavam, Guerra Samantha realizava trabalho dobrado, fazendo “faxinas” também. Assim, entrou na justiça, após muitas tentativas na delegacia da mulher, e hoje é separada de modo que o marido não pode chegar a 10 metros dela. (6)</p>
<p>Aí pra mim sobrevive, comecei a catá reciclagem pra rua, faz uma faxina aqui, uma faxina ali, passa roupa aqui, passa roupa ali, lavava roupa até de uns pessoal que tinha perto da minha casa, num lugar que vendia sexta básica, então eu pegava roupa deles pra lava, dos rapaiz, lavava, passava, e assim fui criando minha fia, até que ela arrumou o companheiro dela que é o Leandro, mora junto tem duas fia já, e eu entrei na coleta pra sobrevivê ainda mais, né, porque num tava dando nada na rua. Cê vendia os bag e num dava nada chegava a chorá, até que minha fia falô, mãe, a mãe qué entra no serviço comigo, na coleta? Só que a mãe vai ganha um salário, ah então demoro, aí eu tô na coleta. Mas jamais eu pratiquei outra coisa, roubei, matei, preferi ficar nessa vida que eu tô aí, trabalhando, sofrendo, mas lutando por mim mesmo. Sem precisar mexer nas coisa dos outro, sem fazer coisa errada. (7)</p>	<p>Começou a catar recicláveis para sobreviver, continuando a fazer faxinas e passando roupas para os vizinhos. Criou a filha deste modo, até a filha crescer e se casar com o atual companheiro, com quem tem duas filhas. Guerra Samantha entrou na coleta solidária para uma melhor renda, pois de modo independente, não estava dando renda possível, e exigia muito esforço. Ressalta que nunca se envolveu com meios ilícitos para adquirir renda. (7)</p>

<p>O pai da Sthéfany? É pedreiro profissional, pintor, tem casa própria. Ele não me deu nenhuma agúia pra mim não, ele deu pra fia dele, a casa que eu moro é dela, porque não fez nem escritura mininu, num tem nem escritura, num tem nada, eu tô ali como uma indigente, é dali pro cemitério, porque tá tudo no nome dele, num tem nada no nome dela, nem no meu, não fez nem escritura nem nada dali, é eu morre de hoje pra amanhã se ela num toma uma providência de fazê a escritura da casa, ela num vai tê aquela casa também. É do ex-marido, e da outra mulhé que tá morando com ele, porque ela num toma providência de nada, eu não tenho condições de paga três mil reais, onde eu vô arruma três mil reais? Pra pagá a escritura, é três quatro mil a escritura daquela casa, eu sozinha num do conta de paga sozinha, não, ela tinha que me ajuda a paga metade. Mas ela não tem nem onde caí dura... E vô ficando ali, eu já fiz inscrição nas casinha pra vê seu eu pego uma casinha, pra mim pode tê o que é meu, isso antes de eu morre. (8)</p>	<p>Guerra Samantha mora em residência dada pelo ex-marido à filha, mas ainda procura ser sorteada na prefeitura para ter casa própria. Pois onde mora, a escritura ainda não foi repassada ao nome da filha, o que a cria insegurança de não possuir um teto, e também da filha um dia perder o local já que não possuem dinheiro suficiente para registrar o imóvel. Ressalta também que seu ex-marido, atualmente casado com outra pessoa, nunca lhe ajudou com nada. (8)</p>
<p>Porque eu tinha ganhado uma casa no São Rafael, mai como a minha fia tava nas droga, no crack, ela tava entre a vida e a morte, e justamente quando eu peguei as chave da casinha, aí eu fui lá pra pegá a casinha, as chave, eu falei moço, eu vim foi trazê os papel da casinha, por que? Porque entre minha filha e as casinha, eu prefiro a minha filha que eu gerei nove meis, e saiu de dentro de mim e eu cuidei e vou cuidar mais um pouco, porque minha filha tá no crack, tá quase morrendo, tá grávida da minha neta que é a Janaina que tem 5 anos. Eu salvei a vida da minha fia e a vida da minha neta. Se não ela tinha morrido e a minha neta tamém. Minha fia parecia um palito de fósforo dava dó, hoje que ela é gorda bonita e sarada, de tanto eu pedi pra Deus, ela saiu do crack, ela saiu do cigarro, ela num bebe mais, ela num fuma. (9)</p>	<p>Ressalta que já foi sorteada com uma casa popular doada pela prefeitura, mas passou a residência para a família de sua filha, pois queria cuidar dela, que estava junto com o marido, imersa nos vícios, e precisavam de um teto. Com isto vê que seus esforços renderam frutos, e o cuidado com a filha hoje lhe dá satisfação, por vê-la com saúde e longe das drogas. (9)</p>
<p>Ah sim, vai nessa, uh... Quem ajudou foi a mãe, o cara continua nos crack dele e</p>	<p>O marido da filha não ajuda financeiramente, é usuário de drogas</p>

<p>eu tirando a minha fia fora. Aí eu perdi minha casinha pra fica com ela, cuidei dela, cuidei da fia, na gravides depois que ganhou, eu que comprava leite, comprava as coisa pra Janaina, porque o cara não tava nem aí. E é o mesmo que tá com ela, até hoje ainda tá passando dificuldade e sô eu que levo comida pra ela, eu deixo de fica sem come pra leva comida pra ela. O meu armário menino, tá vazio ô, eu num vô menti pro cê não meu... Meu armário tá vazio... Por que que tá vazio? Por que eu recebo o pagamento e ao invés de eu cuidá de mim, que trabalha que nem uma filha da puta, eu vô lá vê se minha fia tá passando fome minhas neta, chega lá não tem nada, eu vô no mercado e gasto duzentos, duzentos e poco, tenho que pagar minha água minha luz e num vai sobrando nada pra mim. Tô chorando porque eu tô contando minhas coisa, é isso que tá acontecendo. (10d)</p>	<p>ainda. Guerra Samantha destaca que auxilia a filha e as netas, tirando de sua própria renda, para dar à elas sustento, passando por isso, momentos difíceis, de necessidade, e fome até mesmo. Ao relatar a situação de sua dispensa, chega a chorar. (10)</p>
<p>Por que que eu tô na coleta? Porque eu preciso da coleta por enquanto, porque se eu arrumá outro serviço melhor, registrado na carteira eu ia, eu não tenho nada o que fala da coleta, eu gosto de trabalha na coleta, a única coisa que eu tenho que fala da coleta é que eles num dão valor na gente, não tem um registro na carteira, certo? Não tenho os meu direito na carteira, e se eu arrumá uma coisa melhor, eu vô sai, por que? Porque eu quero meus direito na carteira, se eu adoecê de hoje pra amanhã eu tenho meu direito na carteira, se eu fô mandada embora eu sei que eu tenho meus direito, do tanto de tempo que eu trabalhei, aí eu vô fica fazendo o quê? Trabalhando dois, ou três anos sem ter direito a nada? Cê pede a conta e sai com uma mão na frente e outra atrás, é esse o pobrema... (11)</p>	<p>Destaca que está na coleta solidária porque precisa, é de onde tira seu sustento e aprecia trabalhar nela, mas procura um lugar que reconheça seu esforço com direitos trabalhistas, através de carteira de trabalho assinada. Com isso, por possuir idade avançada, tem receio de adoecer e não possuir auxílio, e também não possuir uma aposentadoria. (11d)</p>
<p>Tô sem gás, tô cozinhando na lenha, de pauzinho em pauzinho com 4 tijolinho. Porque eu não consigo o dinheiro do gás e quando eu recebo eu tenho que ajudar a Sthéfany. (12)</p>	<p>Relata que cozinha hoje de maneira rudimentar, improvisando um forno no chão de sua casa, pois não possui dinheiro para comprar gás em sua casa. (12)</p>
<p>O marido dela... O marido dela faz um biquinho aqui, um biquinho ali, ele não tá na firma, é trinta conto ali, 20 aqui... Ah,</p>	<p>Fala do marido da filha, que não ajuda financeiramente na casa, desempregado não investe esforços para se manter em</p>

<p>dá licença! Pelo amor de Deus, o cara num serve nem pra procura um emprego nas firma, num se... Porque pensa assim comigo ó, cê tá desempregado, tudo bem, faz um bico aqui hoje, um bico ali, mas ô, tira um dia, dois dia na semana meu, vai na cidade, se arruma bem arrumado, num precisa ih qui nem um príncipe, mas bem arrumado, chega, vai se humilhando nas firma, vai falando que tem duas filha, que tá desempregado, que precisa mantê as duas fia, cuida das duas fia e da muié. O cara num faz nada só fica nessa chave, fazendo biquinho... Quando arruma firma num fica, sai. Esses tempo atrás ele tava na firma, num sei, ele começa a falta... Começa a dá faia o homi manda embora, ele num gosta de trabalha. (13)</p>	<p>empregos e também não corre atrás de outros. Ela dá conselhos aos rapaz para que corra atrás de empregos, de roupa arrumada e tudo mais, mas chega a conclusões que ele não gosta de trabalhar. (13)</p>
<p>Se eu levo comida pra ela, ele come também. Falei pra ela assim, quando eu morre, acabo a mordomia, cabo menino, acabo. Que nem, a páscoa vem vindo, ninguém tem dinheiro pra compra um ovo de páscoa pra menina, cê acha que isso aí é uma vida de uma pessoa? Eu, como sô vó, que não tem onde caí dura encomendei um ovo de um kilo da Raíssa, pra dá pra família inteira, eu memo não vou come, aquele ovo é pra eles, um ovo de um kilo dá pra eles cume, eu deixei de compra pra mim pra compra pra minha neta, porque minhas neta é tudo que eu tenho na minha vida. Minha filha, meu genro eu gosto dele, mas eu num gosto muito não. Não gosto assim porque ele num tá fazendo aquilo que eu gostaria que um genro fizesse. Trabalhasse numa firma registrado, cuidasse da sua família, não fica numa dessa só fumando maconha, comprando maconha, ah vá, dá licença. Ganha vinte conto a primeira coisa que ele faz é compra maconha, num lembra nem de compra uma caixa de leite, primeiro... Uma verdura, uma banana, uma fruta. (14)</p>	<p>Usa suas finanças para auxiliar a casa de sua filha. Relata ter comprado um ovo de páscoa à sua neta, e que todos poderão desfrutar. Diz que gosta de seu genro, mas gostaria ainda mais se ele buscasse suprir as necessidades da família dele, e não que se apoiasse nos vícios apenas. (14)</p>
<p>Eu só ajudo a Sthéfany porque eu amo muito ela, porque se não, eu não ajudava não. Mas eu sô uma mãe que eu gosto da minha fia. O meu fio eu não ajudo ele</p>	<p>Ama a filha, e a quer ajudar. Já o filho, por ser viciado e a violentar, pela falta de consenso sobre o uso e porte de drogas, não quer convívio com o rapaz que já é</p>

<p>porque ele é sem vergonha, ele tinha tudo lá em casa, tinha roupa lavada, comida pronta, cama pra dormir tudo certinho, aí começo a bate ni mim porque eu num gosto de droga, de cocaína, eu odeio crack ou cocaína, aí ele começo a quere fala, bate ni mim porque eu num concordo com essas coisa, então pra mim, ele num mora na minha casa não, porque ele vai acaba me levando pra cadeia e eu sô inocente, num mecho com isso. Ô, uma vez eu tava lá em casa e deixou quatro pino jogado no banheiro, se eu num vejo aquilo no meu banheiro, a polícia entra lá porque ele mora comigo, porque ele é manjado da polícia, polícia de repente entra lá dentro pra vê se tem alguma coisa errada lá, né? E me pega quatro pino, ele vai fala que é dele? Vai nada, quem vai pra cadeia sô eu. (15)</p>	<p>conhecido pela polícia. Pois tem medo de ser incriminada por algo que não fez, e não faz parte de sua vida. (15)</p>
<p>Rodrigo num sai das droga, eu amo ele também, mas ele não sai das drogas, ele prefere fica andando qui nem esses povo aí, ele anda assim no meio da rua, qui nem essa menina que passou aqui... É o jeito que o Rodrigo anda, desse jeito aí. Mexendo nos bag, catando latinha pra vende. Pegando droga pra vende. Traficante andando atrás dele pra recebe. É que cê num conhece meu filho, ele é bunito pra caramba, ele é lindo. Só que tá nessa vida podre Conrado. Cê qué que eu faça o quê? Eu num posso fazê nada. Ele num que sai dessa vida, ele qué fica numa vida podre, que eu já falei pra ele que num tem futuro. Que eu já conversei com ele um dia aí ó... O ano passado eu encontrei com ele lá na praça, da rua 5, eu cheguei nele e falei, meu fio, sai dessa vida podre, que isso aí num é vida pro cê nem mais pra ninguém, sai disso aí, arruma um serviço, vai trabalha, aí depois você constrói seu pé de meia, ou aluga um quarto pro cê mora, ou te dô meu quarto, que eu moro sozinha, tenho um quarto pro cê mora lá. Que onde eu moro lá, tem um quarto pra ele mora. Mas eu quero que ele sai disso dai. Ele não sai, então eu não quero. Não quero não, que ele vai joga eu na cadeia e eu já tô veia.</p>	<p>Ama o filho, mas pela situação de ser usuário não quer convívio. Ressalta que o rapaz anda como andarilho, catando reciclagem para sobreviver, e morando nas ruas. Já buscou conscientizar o rapaz a uma vida melhor, dizendo das possibilidade de morar com ela, mas ele não quer mudanças, o que pode a colocar em vulnerabilidade. (16)</p>

<p>Num vô fica numa cadeia, nunca passei por uma cadeia e nem quero passa. O que... Eu nunca precisei, rouba ninguém, nem mata, nem trafica e nem nada, pra fica numa cadeia inocente, e sem fazê coisa errada, eu num quero. Ele que essa vida errada, então fica por aí memo. Num é? (16)</p>	
<p>Tentô estrupa a irmã, ah não! Num quero esse moleque na minha casa não. Ô... Eu pus ele na cadeia porque ele tento transa com a minha filha, a Sthéfany, ela num pode nem sabe que eu tô te contando, Deus me livre, isso aí num pode nem sai. Ele tento meche na minha fia, a Sthéfany, quando ele morava comigo, eu pus ele na cadeia. Eu pus ele na cadeia, porque ele chego lá em cima, eu morava lá encima e ele também, aí ela morava lá embaixo pra te a privacidade dela sozinha, aí ela falo pra ele mora com ela, aí eu falei Rodrigo, você já tá morando aqui em cima com a mãe, cê continua aqui, não vai lá pra baixo não, e deixa sua irmã sozinha porque ela precisa te a privacidade dela, num é? Não... É teimoso, ele foi mora com ela lá embaixo. (17)</p>	<p>Diz de uma situação que o filho tentou abusar sexualmente de irmã, e que nesta situação acabou por colocar o garoto na cadeia. (17)</p>
<p>Era um sobrado que eu morava em cima, que é um lugar que aí depois cê vê, que era um sobrado lá encimão. Nós morava lá em cima, aí eu mandei ela lá embaixo, que tem banheiro lá embaixo, que tem banheiro e tudo, onde eu tô morando, aí ele veio mora com ela, aí ele chego ni mim lá em cima, e falou bem assim, levo o celular dele e falou assim: ô mãe, essa menina tá gostando de mim, ó o que ela escreveu aqui eu te amo, que é a Sthéfany, eu falei ah, pel'amor de Deus moleque! Tenha misericórdia, essa menina é sua irmã! Num é essa menina, é sua irmã! O sangue que você tem na veia, é o sangue que corre na minha veia e na veia dela, cês são irmão, cês num pode te um relacionamento, cês são irmão! Teimo comigo, teimo comigo e fico lá morando com a Sthéfany e depois tento meche com a Sthéfany, aí vem a Sthéfany gritando lá do quartinho, chama a polícia pra mim, chama a polícia pra mim, a</p>	<p>Todos moravam juntos, e como a casa era um sobrado, a menina morou embaixo sozinha para ter sua privacidade e o rapaz no andar de cima com a mãe. Mas o rapaz começou a morar com a irmã, e relatou do relacionamento afetivo, como casal que estavam tendo. Guerra Samantha os advertiu, respondendo com seu cuidado de mãe, até que em um momento, a garota anunciou o abuso do irmão, criando uma situação desconfortável com toda a família, que após a medida tomada pela mãe em denunciar o filho à polícia, ambos os filhos quebraram toda a casa toda sua. O rapaz ficou preso durante 8 anos, e por ameaças, precisou durante a reclusão, ficar em regime isolado. (18)</p>

Sthéfany, eu falei pra quê? Esse Jack, esse Jack, que meche ni mim! É o Jack, Jack, que é o Rodrigo. E o Rodrigo querendo mata ela, e entra eu na confusão, pego nos cabelo dela, e começo a tampa a boca dela, e queria soca a cara dela, eu catei uma faca pra quere mata ele, ixi, nossa, que rolo... Aí eu falei, ô meu Pai do céu, eu já sei o que vô fazê. Fui lá na procuradoria, fui lá no fundo, conversei com todo mundo, no fórum, eu falei, eu quero que vocês tira o meu filho da minha casa urgente, porque se não eu vô acaba fazendo uma loucura. Ah por que, o que que tá acontecendo? Eu falei, o meu fio que transa com a minha fia, e ele sismo que vai fica com a minha fia, e eu não posso permiti isso, eu sô mãe dos dois, e os dois é irmão, e ele que bate até ni mim, por causa disso, eu num posso consenti uma coisa dessa, se não que mãe que sou eu, sou um monstro? Não, eu não sou um monstro, eu sou uma mãe que eu pari um filho nove mêis, e eu sei o filho que eu carreguei nove mêis, os dois, aí conversa vai conversa vem, pusero tudo os documento lá na procuradoria, e lá no fórum, nos fundo lá, aí foro de madrugada lá, cataro ele de madrugada ele lá no quartinho, ele fugiu! Foro pra cata ele, ele fugiu, e ela foi junto com ele! É, ela gostou dele, foi junto com ele... A polícia saiu da minha casa, porque foi o oficial de justiça ca polícia e tudo pra tira ele de lá, cabaro de sai de lá que num acho ninguém, eles viero e quebraro tudo a minha casa, os dois quebraro tudo a minha casa. Ela já tinha transado com ele muleque, a sorte minha é que num fico grávida meu... Nossa, a sorte minha é que num fico grávida. Acho que ela num quis mais, ele insistiu de fica junto com ela, insistiu, aí que ela veio lá do quartinho, e eu num sabia disso, aí quando eu descobri, pus ele na cadeia, ele ficou oito ano preso, queriam mata ele, ele ficou no isolamento, os cara queriam mata, e os cara pensa em mata ele até hoje, os “irmão”, só que os “irmão” num mato ele ainda por causa de

<p>mim, porque falei pel'amor de Deus, num faça isso, os "irmão" de tudo quanté lado. (18)</p>	
<p>Jardim América. Aí os irmão de tudo quanté lado dissero assim, por consideração a você Samantha Gerra, que é uma batalhadora, uma guerrera, a gente num vai mata seu fio não, mas se você falece, de hoje pra amanhã, a gente vai sim. Nós vai mata seu fio sim, só não vai mata porque cê tá viva, e num consentiu, mas se você morre, morre de hoje pra amanhã, nós vai mata. Eu falei então, pel'amor de Deus, não mate meu fio perto de mim não, deixa eu pra morre primeiro, porque se mata perto de mim, eu morro junto, porque apesar de tudo é meu fio né, aí ele fico preso na cadeia oito ano, eu ainda ia fazê visita pra ele, de tanta dó que eu tinha, levava comida, levava tudo as coisa, pediu perdão, ajoelho, choro, depois que ele cometeu tudo essas coisa aí com a irmã. Lá dentro da cadeia ele pediu perdão, choro. Eu falei pra ele, meu fio eu te perdoô, mas quem tem que te perdoa mais ainda é Deus, Deus sabe o crime que ocê cometeu, você e sua irmã. Na coleta ninguém sabe dessa história. (19)</p>	<p>O filho fora ameaçado de morte por participantes do crime organizado, o Primeiro comando da Capital (PCC), chamados por "irmão", mas que por respeito à mãe não mataram o rapaz. Arrependido do que fez, pediu desculpas à mãe, que cuidava ainda do filho, indo à cadeia o visitar. (19)</p>
<p>Ai Conrado, eu sô estorada... Estorada não. Eu sô sofrida. (20)</p>	<p>Diz que sua vida é sofrida, por isso seu comportamento pautado em imediatos e de sensibilidade exacerbada. (20)</p>
<p>Coleta seletiva representa que o pessoal, tem que colocá sua coleta seletiva, pra fora, o que são os realmente o reciclado, é uma maneira de a gente ajuda a pessoa, e a pessoa ajuda nós que tá recolhendo. Tanto nós, tá limpando o ambiente deles, a casa deles, nós tá recolhendo os reciclado deles, e eles tá ajudando a nós a tê uma renda, num é? (21)</p>	<p>A coleta seletiva é feita da reciprocidade entre catadoras e moradores, dos primeiros que adquirem renda com o material e os segundos, que por separarem os recicláveis possuem um meia ambiente mais saudável, limpo. (21)</p>
<p>Só que eles tem que sabe, que nós pega reciclado, que eles tem que separa o reciclado da sujeira, porque orgânico é orgânico, e seletiva, é seletiva que é o reciclado, a recicragem seletiva. Que é o prático, as coisa que é mesmo o que num é lixo, agora o lixo eles tem que coloca pro orgânico, pro lixeiro, e pra</p>	<p>Classifica o que é material reciclável, e que a coleta seletiva solidária é destinada apenas a alguns materiais, os recicláveis, e que a população tem de se conscientizar, sobre os destinos corretos que devem ser dados aos resíduos. (22)</p>

nóis o reciclado. (22)	
É uma forma de nóis tê uma renda, e eles também tê seu ambiente limpo, sua casa limpa, evitando de pega uma dengue, alguma doença, por que? Porque nóis tamo trabalhando para ajuda a eles ter um ambiente limpo e eles tem que ajudar a nóis tamém a organiza os reciclado. Que é a mesma coisa na minha casa, né, se eu fô separa as coisa, eu vô dá os reciclado pra quem fize a coleta na minha rua, e os lixo pro lixeiro. (23)	Ressalta o papel das catadoras para manutenção de um ambiente urbano mais saudável e limpo, e que a atuação das catadoras é realizada conjuntamente à mobilização da população consciente, que separa os materiais recicláveis dos resíduos orgânicos. (23)
Então, é uma forma de nóis sobrevivê com aquele salário, de nóis tá fazendo a coleta, e ajudando o povo a limpa seus ambiente, a tê suas propriedade limpa. É uma renda né. (24)	A coleta seletiva é uma ação coletiva, enquanto catadoras obtem renda pelos materiais, os moradores, tem uma cidade mais limpa. (24)
F 10 O significado meu, é que eu tô acolhendo o reciclado das pessoa, tô enchendo o bag, tô o que? Fazendo a coleta seletiva, tô trabalhando naquilo que foi destinado pra mim, enche os bag até em cima, uma recicrage decente, organizada, é o significado meu, é vê um bag assim, cheio de recicragem... reciclado. Num é? Lógico que é! Eu me sinto feliz em vê meu bag recheado, do meu serviço sê competido. (25)	Declara a satisfação que tem em realizar seu trabalho com presteza e dedicação. E que a imagem da bag cheia, é evidencia do bom trabalho que faz. (25)
F 11 Essa segunda imagem, o que representa pra mim essa segunda imagem... É eu chega no meu serviço, vê minhas amiga, minhas companheira, tudo sentada esperando o caminhão pra pega o bag, tudo organizada, sabendo que cada uma tem a sua vida pra cum... A sua luta pra fazê, pa cumpri com a sua vida. O trabalho, porque necessita duma renda pa pode sobrevive, eu me sinto feliz em ver elas assim, toda chegando, sentando, conversando, é o significado pra mim. Eu gosto delas, faz parte da nossa coleta, né? Faz parte do nosso grupo, da nossa família, cada um tem sua família, e tá lutando pra pode o quê? Ajuda sua própria família, ou se sustenta a si própria, que nem a Jasmim, eu, mais algumas por aí também, que sobrevive	Relata que seu trabalho é feito também do encontro com as amigas, que estão lutando como ela, organizadas para realizar o trabalho do dia. O encontro com as companheiras gera satisfação, e o trabalho que realizam dá sustento à família ou à própria vida delas, como a de algumas participantes sozinhas, além de dar firmeza para enfrentar adversidades. (26)

pra pode se sustenta. (26)	
<p>F 12</p> <p>Essa foto significa pra mim, que é tudo que eu tenho na minha vida, são minhas duas neta, minha filha, o genro safado, mas a minha filha com as minhas neta, são tudo que eu tenho na minha vida e meu fio aí que tá jogado, mas essa foto representa tudo pra mim, a minha filha, minhas duas neta são as coisa mais linda que Deus já me pode me dá pra mim na minha vida antes de eu morre, é as minhas beleza, minhas joia rara, são tudo o que eu tenho na vida. São um significado importante pra mim, é uma coisa que jamais sairá da minha mente do meu coração, amo demais. Maior barato haha, oia ê! É linda essa Sthéfany aí, Janaina, oia... Maior barato, sim, isso aí é tudo que tenho no mundo. É tudo que eu tenho na vida meu filho, a minha família representa tudo pra mim. (27)</p>	<p>Diz que sua família é tudo que possui, e é a razão de seu viver, pois ama e quer muito bem, sua família representa sua própria vida. (27)</p>
<p>Eu que agradeço por todas oportunidades que você veio comigo nos trecho, é... Eu não chamei você pra vim comigo pra pode me ajuda assim, cata coleta, sabe, porque eu trabalho sozinha, eu dô conta né, eu chamei você porque quando a gente gosta duma amizade assim, e a gente tem uma amizade, a gente vem conversando, vem distraindo, e parece que as hora passa mais depressa. Eu me sinto muito sozinha nos trecho, quando eu tô com alguém eu gosto de prozeá, que às veiz eu vô com a Raquel, a gente conversa, espero ela vim lá do braço dela, é... Mó barato. (27)</p>	<p>Agradece minha participação (pesquisador) e ajuda nas atividades de catação, e que minha disposição fez com que construíssemos uma amizade. E as amizades ajudam na atividade de catação, pois ao realizar junto com alguém, o tempo de trabalho passa mais rápido, pois conversar gera distração. (27)</p>
<p>É... quando você vai com uma companheira você distrai a cabeça, é bom, é um serviço que às veiz a gente tá com uma amiga, a gente para troca uma ideia, que nem eu trabalho muito com a Raquel, gosto muito da Raquel, gosto de todas, mas a que eu mais gosto na coleta é a Raíssa, a Laís, a Laila mais ou menos, a Raquel e a Margarida. Eu gosto de todas, mas as que mais eu me simpatizo assim, é com essas aí, mas, mais e mais, e mais, é Raíssa e Laís. As duas mora no</p>	<p>Se sente grata pelas amizades que construiu no trabalho, mas que se identifica mais ainda, com as encarregadas do grupo, pois as admira. Estar catando recicláveis com amigas distrai, e isto gera satisfação. (28)</p>

<p>meu coração, eu num sei sabe, quando eu arrumei esse serviço eu me senti assim, sabe... Me senti tão bem assim em conhece uma encarregada que nem a Raíssa, entendeu? (28)</p>	
<p>Eu acho a Raissa, uma super encarregada, pra mim eu não tenho queixa dela, eu não tenho o que falar mal dela, eu acho uma excelente encarregada, porque se ela me der uma ordi pra mim, eu sei que eu tenho que obedece a ordi dela, porque ela é mais supervisora do que eu, eu tenho que obedece ela porque ela tá me incentivando, ela tá me ensinando, ela num tá quereno forgá com a minha cara, querendo tirá sarro da minha cara, ela tá simplesmente me ensinando uma coisa que eu posso carrega pro resto da minha vida. (29)</p>	<p>Admira a gestora do grupo pois sabe que as chamadas de atenção que pode receber delas, é para seu bem, pois está sempre aprendendo com elas, em todos os momentos, até mesmo com suas ordens. (29)</p>
<p>Se um dia eu saí da coleta, eu subé pelo menos fazê uma coisa, que eu entrei pa trabalha, que nem varre rua, eu já peguei a manha de varre rua sem eu nunca trabaiá de varre rua, mas é a mesma coisa da coleta que eu trabaio, seletiva. Cê pega uma rua, cê faz as rua e faz os braço, e você vai fazendo até o destino que foi desejado pra você faze, a rua, a varrê, é a mesma coisa de coleta. Porque a minha vizinha falo bem assim, ô Samantha Guerra, cê num que entra pra varre rua? Eu falei, por que, tá pegano? Aí a Maria falô assim, ela chama Maria, mora lá perto de casa, ela falou assim, ah tá pegano, o ano passado, se eu tivesse entrado já ia fazê um ano, eu num fui por quê? Porque eu tô na coleta, eu num sei, parece que eu fiquei na realidade... Num sei nem expriçá... Aí eu falei assim, o Maria, falei bem assim pra Maria, ô Maria, a rua é assim, né, eu que falei, cê pega um quarteirão, que de esquina pro cê fazê, que nem na coleta, e vai fazendo tudo os braço e vai ino, até onde cê tem que ih. É cê nem entro pra fazê rua e já sabe! É desse jeito memo, e você nunca entro pra trabaia e já sabe. Se ocê entrá num precisa nem te ensina, já tem a prática. Eu já gravei na cabeça. Que eu vejo as mulher varrendo a rua, eu só</p>	<p>Adquiriu conhecimentos por estar na coleta seletiva, como se organizar em grupo para cobrir a cidade em alguma outra função, como varrer rua. Sua amiga a convidou para entrar neste outro serviço, pois já possui o conhecimento adequado para esta outra atividade. (30)</p>

<p>presto atenção, porque eu venho de a pé. Peguei a manha, já, peguei a manha, se eu varre... (30)</p>	
<p>Não, foi o ano passado, eu já tava na coleta, e... Num sei... Tem hora que eu num tenho vontade de sai da coleta, tem hora que eu fico... Porque eu gosto da Raíssa, da Laís, e, num sei, num sei o que que tá acontecendo. Mas eu pretendo sai sim, eu tenho que tirá esse pensamento da minha cabeça e vê uma coisa melhor pra mim, se eu consegui varrê rua, que vai pegá o mês que vem, disse que vão começa a pega currículo, eu vô leva, se chama eu vô sai. Vô senti saudade de todo mundo, mas eu vô procura uma melhora pra mim, que é o registro na carteira, posso varre rua até de noite, mas o registro na carteira. É mil e duzentos, quatrocentos de kit, vale transporte, eles dão até o vale transporte. (31d)</p>	<p>Sua vontade em participar da coleta seletiva solidária, oscila, e pensa em sair da atividade, pois quer ter carteira assinada e outros benefícios que a atividade solidária não garante, como um vale alimentação e salário, maiores, além do vale transporte. (31d)</p>
<p>Aqui não Conrado. Aqui ocê ganha oitocentos, mas cê tira do passe, você vai ó, o nosso salário era pra se novecentos, dizem que num ia aumentar nosso salário, dizem que o nosso salário ia se o mesmo, que nós num tem nem o registro na carteira, que nós num tem nem como reclama, assim eu tô dizendo pro cê, mas fica entre nós. Ó, que dizê que oitocentos, tira o do passe, que eu ainda venho de a pé pra economizá o passe, porque se eu vinhé de ônibus, e vortá, ah meu fio, aí que eu num tenho salário mesmo, ajudando meu povo lá... Aí eu tô fudida, então o que que eu faço, eu venho a pé do Jardim América, até no barracão todo dia, todo santo dia, ih perante a Deus que me ilumina, só sábado que eu pego dois ônibus que lá no universal num dá pra ih de a pé, mas eu tô tentando, tô querendo, tô pensando em ih, saí de casa cinco hora. Aí eu pego o dinheiro do passe e pelo menos pra ih pa minha casa todo dia, sai o que, seiscentos e poco, num dá comida pa gente no trecho, passa fome, então, eu gosto da coleta, mas se eu consegui entra na rua, eu vô sai, porque eu vô te mais uma, umas coisa mais melhor do que na coleta. (32d)</p>	<p>Diz dos poucos benefícios que tem na coleta, e que gosta da atividade, mas pelas condições de não haver vale transporte nem alimentação durante a atividade, o trabalho fica difícil de ser realizado, pois descontando este dinheiro do salário que não chega ao valor do mínimo, decai muito no final do mês. Declara das alternativas encontradas para ter um dinheiro a mais no fim do mês, como ir à pé para o local do trabalho, tendo de realizar grande esforço. (32d)</p>

<p>Porque se esse povo aí do lixão, pelo menos tivesse registrado nós na carteira, ou cada trecho que nós trabalha, cada turma que tá no trecho pega lá e leva uma marmita pra você, cê come e descansa uns 15, 20 minuto, pega no batente de novo, ah... Nem isso num faz, nem uniforme num dá pra gente meu, ó a camiseta que eu tô hoje, tava guardada, tem que vim com camiseta que eu acho na coleta, diferente da coleta, ainda que eu sô trabalhadeira os outro me dá coleta mesmo sem a camiseta, num dá... Se eu consegui coisa melhor eu vô saí, a gente gosta da turma da coleta, mas se você acha coisa melhor pra você, que que cê vai fazê? Vai procura o melhor pra você num é? Que nem você, cê num tá estudando num falcudade, num sei aí, que que é que você vai fazê, então! Mestrado! Mas Deus, vai prepara coisa melhor pra você, porque eu creio que ele vai, ele já tá preparando, porque apesar dessa pesquisa, tudo isso que ocê tá fazendo na nossa coleta, já é um bom caminho andado, é daí pra melhor, ce vai vê ainda o que eu tô falando, vai chega lá na coleta e vai fala, nossa! Vô fala num credi... Tô bem! Eu vô fala, eu num falei pro cê que cê ia fica bem? É, é daí pra melhor filho! Cê vai vê. É o que vai ajuda ocê isso aí! (33)</p>	<p>Relata que possui poucos benefícios no trabalho de coleta, apesar de gostar das ações, se sente desmotivada por não ter um alimento durante o trabalho, além de não receber o uniforme, tendo que realizar alternativas, como pegar roupas que encontra na própria coleta seletiva. E com isto, procura algo melhor, dá exemplo desta pesquisa que realizo, dizendo que eu estou procurando algo melhor para trabalhar, e que irei conseguir. (33d)</p>
---	--

Entrevista Paulina – Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
<p>Eu nasci dia 16 de novembro de 1990, vou fazer 27 anos. Minha vida... Como posso dizê minha vida... Minha vida é meus filhos, minha família, meu marido, ai... Minha vida é acorda cedo, vir trabalha, quando chega em casa, mais serviço, busca as criança na creche, fazê janta, dá banho, por pra dormir, e ficá nessa rotina. De final de semana às vez passeá, pra quebra um pouco a rotina né, essa é minha vida eu acho. (1)</p>	<p>Relata sua idade, jovem, 26 anos e que sua vida é seus filhos, ser esposa, e estar em seu cotidiano de trabalhadora e cuidadora da família. Gosta de passear aos finais de semana para ver a vida com outros olhos e pensamentos. (1)</p>
<p>[...] vim trabalha, leva xingos na rua, leva elogios. Assim é a vida. (2)</p>	<p>Se conforma com seu trabalho como catadora, que lhe rende elogios e insultos.</p>

	(2)
Nasci aqui em Araraquara. Toda a minha família é daqui, da parte de minha mãe, da parte de meu pai é de Pernambuco, de longe, mas tem... Eles moram aqui, uns moram em Araraquara, outros em São Carlos, meu pai qui nem, em São Calos, outros tá lá em Pernambuco ainda, mas tamu perto. Fui domingo pra São Carlos, mas pra Pernambuco nunca fui. Tenho dois filho abençoado, o Luca e o Sandro, o Luca vai fazê 6 anos, e o Sandro 2 aninhos. As minhas bênçãos, chamo eles de bênçãos, minhas joias. (3)	É de família de migrantes por parte de pai. Mantém relação próxima com familiares de localidades ao redor. Se agrada e é feliz por ser mãe de dois filhos, que estão no período da infância, 6 e 2 anos. (3)
Ah, eu comecei, d'cho eu ver... Meu filho nasceu em 2011, o Luca, eu entrei aqui em 2011... 2012, a primeira vez que eu entrei aqui, que foi o caso que eu tava te contando que ele pegou o começo de pneumonia, aí tive que saí, aí entrei em outro serviço, mas... A coleta eu acho que tá no meu sangue, então eu vortei pra coleta, agora em 2017... 2016, eu voltei pra cá. Que eu tava desempregada, daí precisando de serviço e meu marido conhece a Raíssa, aí que ela tava precisando e... Uniu o útil ao agradável, né? Ela tava precisando e eu também, aí entrei aqui, e tô aqui faz um ano já. Um ano de coleta. (4)	Entre idas e vindas na atividade de catar recicláveis, se reconhece e valoriza como cooperada, atuante na coleta seletiva solidária. Ingressou na atividade por motivos do desemprego, e influência de seu marido, que também já esteve nesta atividade. (4)
Olha, há muito tempo atrás meu marido trabalhou aqui, eu tô com ele já faz nove anos, ah, uns 15 anos atrás... Por aí. Ele trabalhou primeiro com a Raíssa, aí depois ele me indicou pra trabalhar aqui, em 2011, aí agora em 2016 de novo ele me indicou. E deu tudo certo, graças a Deus. Eu que trouxe meu irmão, minha irmã, eu que indiquei eles também pra cooperativa. (5)	Por se agradar da coleta seletiva solidária, e ingressar rapidamente na atividade por indicação de seu marido à coordenadora do grupo, trouxe para o ramo também seus dois irmãos e sua mãe, que estavam desempregados. (5)
Eu fiz só até o segundo só, não fiz o terceiro. Pretendo fazê faculdade de veterinária ainda, ou pediatria. As criança daqui a pouco vão tá tudo moço, aí eu vô podê terminar os estudo e paga minha faculdade. Aí vô fazê meu curso de veterinária ou pediatria, tô indecisa, se não nós estuda pros dois, se não fô um vai ser o outro. (6)	Não concluiu o colegial, mas pretende ainda cursar uma faculdade, investir em sua formação. Espera o momento certo para isso, quando seus filhos estiverem mais independentes. (6)

<p>Pra mim, coleta seletiva solidária, significa menos lixo no planeta, assim, né? Tipo em Araraquara menos lixo, porque o que a gente pega de coleta, isso, isso ia pro lixo, imagina o tanto de lixo que num juntava, né? (7)</p>	<p>Relaciona a coleta seletiva solidária ao cuidado com meio ambiente. (7)</p>
<p>É... É família, porque a gente somo uma família né, trabalha junto, sofre junto, é feliz junto, é... É um solidário com o outro, né, um ajuda o outro, se um precisa, o outro tá lá pra ajuda. É família, pra mim coleta seletiva, pra mim, solidária é família, é isso... Acho que é... Coleta solidária pra mim se resume em família, porque somos uma família, né? É unidos né, trabalhamos pra isso, pra limpa a cidade, pra um ajuda o outro. É com a coleta seletiva solidária que colocamos nosso sustento na mesa, colocamos nossa comida na mesa. (8)</p>	<p>Remete a ação de catar recicláveis cooperativamente à formação de laços de relacionamento entre sociedade e catadoras. Descrevendo o grupo de catação como “família”, em que todos se unem para limpar a cidade e também prover o sustento de suas famílias, vivendo e partilhando dimensões comunitárias. (8)</p>
<p>Ainda esse dia meu filho falou assim pra mim, mãe me dá um real, eu falei pra ele, pra que cê que um real? Ele me falou assim, ah pra mim compra bolinha de gude, aí eu falei pra ele, cê acha que meu dinheiro vem do lixo? Aí ele falou assim, não. Eu falei assim, sabia que vem do lixo! Aí eu falei pra ele, vem do lixo, porque eu pego lixo, mas num é pra gasta a toa, né? (9)</p>	<p>Conta da ressignificação dos resíduos sólidos que sua atuação como catadora de recicláveis solidária imprime na sociedade atualmente, e no interior de sua própria casa, pois através dos recicláveis provê o sustento de sua família. (9)</p>
<p>Aí, eu falei pra ele que vô compra uma carteira pra ele, pra ele começa a guardar o dinheiro dele, pra ele começa a comprar o que foi importante, o necessário, não bolinha de gude, sorvete, que nem ele pede pra compra, né, um dia que ele quizé uma roupa ele vai pode compra, porque ele tem o dinheiro dele, eu num dô muito não, dô um real, dois real, que ele perde, vive perdendo, eu que acho na hora da faxina. (10)</p>	<p>Diz, através de um diálogo que teve com o filho, sobre o valor e a dignidade que o trabalho provê para a vida, proporcionando significar a importância dos objetos com que nos relacionamos no dia a dia. (10)</p>
<p>Mas, coleta seletiva é isso aí, é família, é... (11)</p>	<p>A coleta seletiva é “família”, união entre as/os cooperadas/os. (11)</p>
<p>Nóis na rua, pedindo para o povo, né? Guardar a coleta pra gente, que.... Se eles num precisa, se eles não utilizam, a gente utiliza né, a gente recicla o lixo deles, a gente recicla, a gente vive do lixo deles. (12)</p>	<p>Coleta seletiva solidária é feita pelas/os cooperadas/os em movimento na rua convidando os/as munícipes a reciclarem seus materiais, pois a partir destes, o grupo de constitui renda. (12)</p>

<p>Coleta seletiva solidária é uma solidariedade é uma família, é união, temos que se... Eu acho que a gente tem que se unir mais, né, se mais forte, conquistar mais coisas, mas tamo no caminho, tamo indo, tamo no caminho certo, tamo na estrada certa... Daqui um tempo nós chega lá, nós chega onde nós qué, né? Aumenta o salário, nós chega lá, num tá ruim... Num tá ruim o salário, num tá ruim mas... Pode melhorá, mas tá bão, um dia nós chega lá. Os direitos, é que nem a Raíssa tava falando esses dia, quando a coleta começou num tinha direito nenhum, a mulher engravidava num tinha licença maternidade, a pessoa ficava doente não tinha auxílio saúde. Hoje em dia já tem, engravidou, tem a licença maternidade, ficou doente o INSS paga, porque a gente paga pra eles, então, já deu uma caminhada, uma bela caminhada já deu, nós vai chega lá dia um dia, nós chega, né? (13)</p>	<p>Ressalta que o grupo de catadoras/es pode se fortalecer ainda mais, se unindo e buscando por mais conquistas, como alguns direitos trabalhistas já conseguidos, há ainda muitos outros a serem alcançados, bem como uma melhor remuneração. (13)</p>
<p>Ainda quando a gente passa, muita gente fala, óia se num fosse vocês isso ia tudo pro lixo, ia tudo pro meio ambiente, polui, estraga a cidade, né, deixa a cidade mais feia né, mas agora que cês passa, aí tem um destino certo pra coleta né, é lixo no lixo, reciclável no reciclável, e assim vai. É uma luta de todo dia. (14)</p>	<p>Relata a luta que é ser catadora, e o papel fundamental que possuem na divulgação da prática de separação dos resíduos sólidos, e na conscientização da população sobre a necessidade da reciclagem dos resíduos para um melhor bem viver de todas/os. (14)</p>
<p>F 12 A primeira imagem para mim, toda a casa que eu vô, eu chego sorrindo, eu num chego com cara fechada, mesmo que a pessoa num fala bom dia eu falo bom dia. (15)</p>	<p>Relata a abordagem que realiza em cada casa que vai para coletar os recicláveis, recebendo a cada morador/a com sorrisos e dizendo bom dia. (15)</p>
<p>Pra mim essa foto, representa a gente, mesmo na batalha a gente continua sorrindo, num trago problema de casa pro serviço, num levo esses problema do serviço pra casa, de casa eu deixo debaixo do travesseiro, do serviço eu deixo dentro do bag, no outro dia eu pego ele denovo. (16)</p>	<p>Diz que o fundamento da coleta seletiva solidária é a união, laços de amizade que fortalecem para o enfrentamento das adversidades do dia a dia, dentro de casa e no trabalho. (16)</p>
<p>Eu, pra mim, isso aqui representa união, representa alegria de tá trabalhando, de tê como sustenta minha família, pra mim</p>	<p>Através do convívio e mobilização entre as cooperadas, ressalta que se motivam para superação das condições de falta de</p>

<p>essa foto representa isso, união. Com as amigas, as “parça” do serviço de todo dia, e vamo que vamo. (17)</p>	<p>emprego, proporcionando o sustento de suas famílias. (17)</p>
<p>[...] como que posso dizer, é deles que vem o nosso sustento, que vem... Deles que nós tiramos o nosso sustento, o sustento da família, é graças a esse prédio que temos coleta, porque tem muito prédio que num guarda, que num tem o quartinho. (18)</p>	<p>Fala da necessidade do compromisso da população em separar diariamente os resíduos, e entrega-los às cooperadas. E que cada vez mais a população se conscientizando desta necessidade, melhores condições para esta ação serão promovidas, como os quartinhos de resíduos presente em alguns prédios. (18)</p>
<p>Que nem, esse prédio num tem o quartinho. É porque você pode ver que num tem um quartinho, cê foi lá, não é um quartinho, é só um quadrado assim, um espaço, um corredor, que aqui essas portas aqui ó, é tudo de condôminos, que guardam as coisas que num cabe em casa, eles guardam aqui, que você pode ver que na porta tem tudo os números dos apartamentos, então, aqui, se for ver, a gente a acaba até atrapalhando os condôminos a abrir as portas, mas eles não ligam, porque eles estão ajudando a gente na coleta seletiva, é, o certo era eles faz um quartinho, mas enquanto não, fica aí. Mas eles guardam pra gente a coleta seletiva, e que é bastante, dá quase três bags, quatro bag. Eles separam bem aí, não tem lixo, é um dos que é mais limpinho, eles separam bem, tem alguns condôminos que lavam os potinhos de leite, eles lavam, é alguns, mas eles lavam, serviria de exemplo pra muitos prédios que só joga o lixo. (19)</p>	<p>Relata do compromisso existente por parte de alguns locais, pontos fixos de coleta, como alguns prédios, que mesmo não possuindo um local adequado para depositar o reciclável, organizam um espaço para separação e entrega às catadoras. Compromisso que é reflexo até mesmo nas maneiras de separar o reciclável, limpos, lavados e não amassados, mas dobrados e organizados, prontos para serem levados pelas catadoras. (19)</p>
<p>F 13 Toda a quarta-feira que faz a rua oito, toda quarta-feira feira tem, tem dois bag, sai dois bag daqui, e tem que rasga, que nem essas caixas aqui é dura, a gente num rasga, mas o resto a gente rasga tudo, de tanta caixa que vem. Eu e a Laís, é de duas né que faz, porque é bastante caixa. Eu acho que essa foto escolhi pra mostra o que é a Cooperativa Acácia Solidária, o que é o solidarismo, porque, ó, esse monte de caixa ele fica alí durante uma semana, que a gente pega de terça, e aí junta, de quarta, quinta, sexta,</p>	<p>O compromisso da coleta seletiva solidária, está na assiduidade da catação em passar nos locais toda a semana, nos dias combinados e assiduamente. E também no comprometimento mútuo por parte dos que separam os recicláveis, aspecto que faz da coleta seletiva, ser solidária, diferente dos tratos com catadores informais, que não estabelecem muitas vezes uma rotina de catação. A solidariedade neste sentido, está nos vínculos entre a população e a cooperativa. (20)</p>

<p>sábado, domingo, até segunda, até a gente vim na quarta, pode junta bicho, pode junta rato, barata, mai acho que eles num tão ligando aí pra isso, eu acho que eles tão ligando pra ajuda a coleta seletiva, porque molha chove, molha o papelão, molha o papel, fica pesado. Mas a gente toda quarta-feira a gente tá lá, pegando a coleta seletiva, e quando a gente num vai, tipo, quando as menina que, às vezes quando a Raissa põe uma menina que num sabe fazê, que esquece, eles liga pra ir busca, porque eles guardam pra gente, tipo, se fô um catador lá e fala, ah posso pegar? Eles num dão, porque é da coleta seletiva, eles já falam, então, eu acho que é isso. (20)</p>	
<p>F 14 Essa daí também é na oito, é uma, essa moça aí, ela é empregada desse lugar aí que faz lápide pra cemitério, sabe? Ela é empregada daqui, a patroa dela não é daqui, ela traz essa coleta da cidade dela para Araraquara, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, eu esqueci o nome da cidade que ela falou, não tem coleta seletiva, então ela guarda, de quinze em quinze dias ela traz a coleta pra gente aqui em Araraquara. De quinze em quinze dias. Ela na foto é a funcionária, aí a patroa dela trás de quinze em quinze dias a coleta pra gente, porque na cidade dela não tem coleta seletiva, e dá pra empregada entregar pra gente. Achei muito interessante isso daí, porque tipo, até pessoas de outra cidade, acaba ajudando a cooperativa, que vem coleta de outra cidade, pra cooperativa de Araraquara. Eu achei muito interessante, legal da parte dela, né, ela não tem obrigação de tá trazendo, ela podia jogar no lixo dela lá, mas não, ela pensa no meio ambiente. E, ela não quer jogar no lixo uma coisa que pode ser reciclável, então ela traz para Araraquara, eu achei muito interessante esta foto, muito boa. (21)</p>	<p>Dá o depoimento do compromisso estabelecido entre uma comerciante e as cooperadas, por trazer seus recicláveis da cidade vizinha em que mora para entregar às catadoras, já que no seu município não existe este serviço. Compromisso que valoriza a saúde planetária, já que menos resíduos serão jogados como lixos, sem retorno à sociedade, que despendeu de energia para um dia produzi-lo. (21)</p>
<p>Eu só acho que as pessoa devia de ter mais consciência, né? não jogar vidro fora de caixa, não jogar lixo no meio da</p>	<p>Faz um convite à população se conscientizar mais à respeito da separação de resíduos, para não misturar</p>

<p>coleta, ou é lixo ou é coleta, se fô lixo, põe no lixo, se fô coleta, põe na coleta. O vidro, embala, porque memo que a gente usa luva, às vezes o vidro pode cortá até a luva, dependendo do vidro, é... Espelho, jogam muito espelho, lixo na coleta... Tê consciência do que é lixo e do que é coleta. O que, que nem, o que a pessoa, acha que é lixo põe no lixo, o que acha que é coleta, põe na coleta, num põe tudo misturado... Ah pra mim vai tudo misturado, eles que se virem lá pra separar, pra gente é difícil, às vezes põe lixo fedido, aí a gente é obrigado a ficá sentindo aquele cheiro... É ruim, né? Esse o único recado que eu quero dá é prás pessoas ter consciência né, do que fazem, né? Se já que querem ajuda, ajuda da maneira certa, da maneira correta, né, num é, só vô ajuda mas eles que se vira... Já que quer ajudar, ajuda da forma correta, colocando só coleta, embalando os vidros, né, acho que é esse meu recado. (22)</p>	<p>aos recicláveis aquilo que não pode ser processado novamente e retornar à sociedade, como os orgânicos. E que todas/os podem separar os recicláveis com cuidado, não jogando vidros de qualquer maneira, mas os embalando para que não venham a machucar a alguém durante a catação, bem como ressalta a necessidade do cuidado em não jogar orgânicos com os recicláveis, pois nisto acabam por desvalorizar o serviço de coleta que está sendo realizado. (22)</p>
---	---

Entrevista Raquel – Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
<p>Minha história de vida? É dolo Samantha Guerra, ah, é sofrida ah... É bem sofrida... Do sofrimento cê qué sabe? Trabalhei muito pra cuidá dos meus filho, cortei muita cana, e também já vivi em porta de cadeia. Ah, não quero mais fala não (lágrimas). (1)</p>	<p>Comenta do sofrimento de sua vida, da luta pela sobrevivência para suprir suas necessidades e de sua família, trabalhando em subempregos, bem como a adversidade de ter de ir à cadeia por motivos familiares. Neste momento ela começou a chorar. (1)</p>
<p>Nasci em Araraquara, na santa casa, nasci com “Neufriti”, desde pequenininha sempre tive uma vida sofrida... É uma doença que dá no sangue. Tive um tumor no ouvido, tudo quando era criança, tive um filho matado com 15 anos. Aqui no Universal, onde a gente faz de sábado. Lá que cresci. (2)</p>	<p>Diz dos problemas de saúde que enfrentou durante a infância, como uma doença de sangue e um tumor no ouvido. Junto ao relato desta adversidade sofrida, diz do assassinato de seu filho ainda na juventude no mesmo local que ela sempre viveu e cresceu, um bairro da periferia da cidade de Araraquara, e que pelo crescimento da cidade, nos últimos anos não possui índices de criminalidade como há alguns anos atrás. (2)</p>
<p>Tive um casamento de 21 ano que acabô assim... Depois que eu perdi meu filho... (3)</p>	<p>Seu casamento que terminou de repente, à revelia de sua vontade na época, quando comentava deste ocorrido fez</p>

	gesto em movimento com as mãos expressando velocidade do ocorrido, situação vivida em momento simultâneo à morte de seu filho. (3)
<p>Meu dia a dia é esse memo que ocê viu, num tem muita coisa assim, muitas coisas boa não... Mas tenho que erguer a mão pro céu e agradece à Deus, que ainda... Sô uma pessoa assim, que num desfaço de ninguém, gosto de conversar com todo mundo, de brincá... né? Tem as desavença da gente, às veis aqui com umas pessoa, mas estes daí a gente vai levando, né? E coisa que eu também num gosto é de ficá brigando cos otro, esse negócio de leva e trás, esse negócio de conversá de quem num gosto, sabe? Meu dia a dia é este, sempre sorrindo, sempre brincando, dentro da gente só Deus que sabe né? É isso aí... (4)</p>	<p>Se remete ao seu cotidiano dizendo da constante presença de adversidades a serem enfrentadas, mas agradece à Deus, remetendo à fé a graça por superar as dificuldades, e viver a vida de bem com as pessoas a sua volta. Relatando com isto, que preza se relacionar afetuosamente, levando estima à todas e todos, apesar dos enfrentamentos e desavenças que a vida constantemente lhe propõe, e que emocionalmente a fragiliza. Enfatiza com isto a maturidade com que trata os relacionamentos, não se abalando por qualquer coisa ou promovendo discórdia. (4)</p>
<p>Porque o que eu passei, se fosse outras pessoa assim, falo uma coisa pra ocê, tava andando pra rua cara, tava andando pra rua... Porque na época que eu perdi meu filho, eu tava entrando em depressão, e minha mãe entro também, e as minhas irmãs sabe, elas se afastaram de mim... Se afastaram de mim então ficou eu e Deus, né, eu e Deus porque logo meu filho também foi preso, né, e minha nora tava grávida do meu minunu, esse que nasceu agora e vai fazê quinze ano, e eu fiquei praticamente sozinha, aí eu tive que trabalha pra cuida de minha Nora que tava grávida, pra dá conta de casa, cuida da outra menina, e eu me apeguei muito com Deus, sabe o Conrado, se não, eu vô fala pra você, eu hoje... Eu não tava aqui não, eu fui pra trinta quilo, que oiavam pra mim e pensavam que em eu tava com HIV, aqui ni mim cresceu um osso assim, nossa foi muito sofrimento, muito, muito... (5)</p>	<p>Relata de momentos difíceis de sua vida, em que esteve depressiva e cuidando de sua casa, sua filha e da nora grávida, logo após o assassinato de um de seus filhos e de outro ter sido preso. Tempos de muita solidão pois sua família se distanciou, sendo discriminada por acreditarem que possuía aids, pois emagrecera muito. Remete a Deus a possibilidade de ter superado toda a situação, tendo se apegado muito à fé neste período de tribulação, dizendo que poderia ter perdido a sanidade pela desilusão que sentira. (5)</p>
<p>Aí depois disso, meu ex-marido também bebia pinga, passou a me agredir mais ainda do que me agredia, né, eu num podia larga ele, porque eu morava já na minha casa onde meu filho reside hoje... (6)</p>	<p>Comenta do relacionamento difícil com o marido, que era alcólatra e a violentava, mas que não o podia deixar, por motivo de possuírem uma residência e não querer perdê-la. (6)</p>

<p>Eu tinha que fica lá porque minha nora dependia de mim pra tudo, pra tudo, porque ela era de menor, ela já tinha seus dezoito anos mas não gostava de trabalhar, então eu tinha que me virá né, o filho na cadeia, com ela dentro de casa com nenê pequeno, aí eu fiquei afastada do serviço, inventei que eu tava com problema no braço, mas num era, é que eu já tava ficando meia doida mesmo, aí eu comecei a catá reciclagem na rua, catei reciclagem na rua dois ano pra eu pode mantê meu filho na cadeia, e pra mantê ela aqui fora, e com mais um salário que eu recebia do INSS pra pode ajuda, né? mas... (7)</p>	<p>Dependência familiar sobre ela, como a de sua nora grávida que não gostava de trabalhar, companheira seu filho preso. Pelas adversidades, e necessidade de cuidado com o neto que nascera, se afastou do serviço, inventando situação que pudesse legitimar as faltas do serviço, como uma dor no braço. Retirada do serviço, começou a catar latinha nas ruas, somando ao valor ganho nas vendas, a ajuda do INSS. (7)</p>
<p>Graças a Deus tô aqui venci, Graças a Deus, né. (8)</p>	<p>Remete a Deus a superação desta condição de imobilismo frente as adversidades que a fizera se sentir oprimida. (8)</p>
<p>Hoje eu moro com o Rafael, também tenho aquela vida boa tamém não, aquela vida que eu achava que ia tê sabe, totalmente diferente. Ele... Ele... usa cocaína sabe. Aí ele trabalha com o tio dele. O que ele pega de tarde, se ele pega sessenta reais, ele me dá quarenta pra eu me virá com os quarenta, e eu tenho que me virá e... E assim fio, eu vô levando a vida desse jeito. (9)</p>	<p>Diz da desilusão ainda sentida pela imaginação que possuía sobre sua vida sonhada. Comentando junto a isto, a falta de companheirismo de seu marido atual, que possui vício em cocaína, e não colabora integralmente com suas finanças na manutenção da casa e dos sonhos de ambos. (9)</p>
<p>E o Filho dele é uma cobrança, só qué, só qué, só qué, só qué... E eu como não sei fala “não” né? porque a mãe dele só dá duzentos reais ele acha que é tudo, que é os dois mil no caso, né? e eu tenho que me virar com duzentos reais. (10)</p>	<p>Fala do filho do marido, seu enteado que a pede muitas coisas, e que apesar dela não receber auxílio integral da mãe biológica na pensão dada ao garoto, se desdobra para corresponder e comprar as petições. (10)</p>
<p>Por isso que às vez eu peço dinheiro emprestado pra Samantha, quando não, tô pedindo pra Laila, às vezes falta as coisas na minha casa, que a Rosinha mesmo sabe, né? mas assim eu vô indo fio, com a graça de Deus né. É uma vida sofrida, fazê o que? A gente chega lá. (11)</p>	<p>Comenta do auxílio das amigas com suas finanças. E agradece a Deus a possibilidade de seguir em frente, superando as adversidades e almejando um futuro melhor. (11)</p>
<p>Filhos tive três, os três de cesariana, um faleceu e outros dois são casados, o menino fez 30 dia onze de abril, e a menina 32 dia dezoito de outubro. E o outro se tivesse vivo, faria 28, dia vinte oito de março, o nome dele era Joaquim,</p>	<p>Teve três filhos, realizou cesariana para o nascimento de todos. Atualmente a menina e o rapaz possuem maior idade, e já lhe deram 5 netos, menos o que faleceu ainda adolescente. (12)</p>

<p>o Romário o do meio, e Tina a mais velha. Tenho cinco netos, dois da minha menina e três do meu menino, o que morreu não teve. (12)</p>	
<p>Eu nasci em 1966, dia vinte nove de março, eu completei 51 anos agora, hoje eu vô fala pra você, eu posso erguer a mão pro céu e agradecer a Deus, porque antes eu num dormia... Que eu tive esse moleque aí o Romário, roubava, batia na minha Nora de noite, pulava na casa dos outros, e num tava nem aí, sabe, pra ele a vida dos outro era carne e... Hoje eu vou fala procê, que... Hoje eu deito e durmo, tem hora que eu nem acredito que era aquele moleque, eu nem acredito... Hoje ele ainda fuma a maconha ainda sim, mas vô fala procê, ele fuma, mas ele trabalha, num meche em nada que num... Mais de ninguém, não trafica mais, né. Hoje eu vô fala pra você, hoje eu deito e durmo, hoje ele tem o carrinho dele, tem a mulher dele, tem a motinho dele, né, os amigos que ele tem é tudo gente de mais ou menos, de dinheiro, não é mais aqueles lixo que ele tinha pra trás antes, sabe, então hoje eu fico sussegada, eu fico tranquila, né, tenho minha menina que mora lá perto da minha casa tamém, enche o saco um pouquinho, mai eu dô já uns gritinho que já fica bom já né... Dos contrário as coisa já... Como diz a minha mãe, vai indo pela carruagem né. É... mas é uma vida difícil. (13)</p>	<p>As relações com seu filho e filha, hoje está muito bem apesar das dificuldades, e enfatiza o mal-estar e preocupação que já passara com seu filho do meio, tempos atrás, quando fora preso por envolvimento com tráfico de drogas e ter estado imerso em uma vida criminosa, à margem da sociedade. Mas, que atualmente trabalha em uma firma de limpeza da cidade e sustenta sua própria casa, não se envolvendo com criminalidade. (13)</p>
<p>De ver meu sofrimento, de ele ver meu sofrimento ele mudou, ele chegou ni mim ajoelhou e falou, Mãe essa..., ele saiu uma vez, teve a saidinha e depois saiu de uma vez, aí ele ajoelhou abraçou minhas pernas e falou mãe, esse daqui é o último ano que a mãe vai sofre, a mãe num vai sofre nunca mais em porta de cadeia, nem a mãe nem meus filho, eu num quero mais essa vida pra mim. Aí ele falou, a mãe me ajudou muito, gastou o que a mãe não tinha, né, pra ajuda minha mulher e meus filhos aqui fora, eu hoje, agora é minha vez de retribuir. Eu falei, eu não quero nada de você, a única coisa que eu quero é que você seja uma pessoa</p>	<p>Relata da relação com o filho do meio, que ela conta ter lhe dado muita preocupação e mal estar, mas que atualmente foi transformada resultado do compromisso que teve em buscar cuidar do rapaz e de sua família. Cuidado que gerou frutos e mudança de perspectiva de vida do filho. (14)</p>

<p>de bem, um cidadão que você pode andar no meio de tudo mundo, mais nada, né. Aí foi, a mudança foi da água pro vinho. Se não eu já tinha... Agradeço a Deus todos os dias sabe, quando eu passo assim, que ele tá trabalhando no Florestano, no serviço de limpeza da cidade né, eu passo assim, e vejo meu filho trabalhando eu nem acredito, nem acredito, ó Senhor, será que é ele mesmo... Sabe o sol quente a mão tudo cheia de calo, nossa... E, ele fala pra mim, mãe, se eu tivesse escutado a mãe, eu num tinha passado por tudo que eu passei na minha vida... Pego rebelião sabe? Levo tiro de borracha... Fico aí na Santa Casa internado, porque os home metero bala nele, lá perto do Mato Grosso, em Lavínia... (14)</p>	
<p>Mas eu num ia lá, mas minha nora tava, a cada quinze dia, ela tava lá. Dois dias que ela ia, porque a visita era sábado e domingo, ela saia na sexta, visitava ele no sábado, visitava ele no domingo, saia de lá domingo à noite e chegava na segunda de manhã, cada ida dela eu pagava seiscentos, setecentos reais, em 2006 eu pegava oitocentos reais por causa do meu braço, do INSS. (15)</p>	<p>Envolvimento com a família em todos os aspectos, principalmente no âmbito do sustento financeiro. (15)</p>
<p>Estudei até a quarta série, sei lê, sei escreve, sei conta... Porque o estudo de antigamente não é ingual o de agora, né Conrado, antigamente as professoras batia, elas pegava no pé, elas queria que você aprendesse, entendeu? Hoje, conta que eu sei, a Farnanda não sabe, quando ela vai fala o resultado eu até já falei. Ela fez até o terceiro... A Tina minha, já terminou o terceiro, o Romário meu paro no primeiro, esse que morreu parou na oitava. Estudaro bastante eles também. (16)</p>	<p>Cuidou para que todos os filhos estudassem, e apesar de ter estudado menos anos que todos eles, tem mais desenvoltura nos conhecimentos passados pela escola que sua filha, que cursou até o terceiro colegial. Ressalta que a escola tempos atrás se importava em ensinar conteúdos, muito mais que atualmente. (16)</p>
<p>Coleta Seletiva solidária, hã... É tipo este serviço que a gente tá fazendo, porque as pessoas mesmo, elas é solidária pra dá o material pra gente né? então a gente não precisa tá implorando pra eles dá. Então bastô divulga, então a comunidade se reuniu, e já começo a solta o material pra</p>	<p>Compreende a coleta seletiva solidária como um serviço feito com a participação da comunidade, que se solidariza em entregar o reciclável. (17)</p>

gente. (17)	
<p>Aí a gente já começou a ganhar um dinheirinho, porque na época que eu entrei aqui eu recebia, que eu... Não com a Raíssa, mas com a Leandra, eu recebia cento e dez real de pagamento, né, e... Aí depois o pagamento foi pra duzentos e dez, que era o aluguel da minha Nora quando meu filho tava preso, e o vale era cinquenta reais, né? Então, eu acho que de uma época pra cá, a coleta melhorou muito, melhorou bastante, né, em parte de material... de, de... pagamento, né, melhorou bastante. Atrasava, ... O pagamento atrasava, nós recebiamos o pagamento e caía junto com o vale, né. (18)</p>	<p>O grupo de coleta solidária conseguiu uma remuneração cada vez melhor, com o aumento de materiais entregues pela população. Uma coisa implica a outra, o que trouxe melhores condições de vida e sustento para ela e sua família. (18)</p>
<p>Pra mim... Pra mim no meu modo de ver, é muito importante isso na cidade, pra gente, principalmente porque hoje você num vê mais enchente aqui em Araraquara, ingual tinha ali no Beira Rio mesmo, era muita enchente ali, levava muita casa, aqui, quando eu morava aqui perto do rio também, o rio transbordava não dava pra gente passa, de tanta garrafa que tinha, muito material reciclável e antigamente ninguém catava, aí foi só lança a coleta seletiva na cidade, então hoje em dia muitas pessoas veem disso né, é um trabalho digno, é um trabalho muito importante que essas pessoas também né, que precisam né? (19)</p>	<p>Ressalta a importância da coleta seletiva solidária na cidade, pela melhoria ao meio ambiente que proporciona, reduzindo agravantes que causam mal estar urbano como enchentes. Faz ligação ao sucesso da catção solidária à possibilidade de geração de renda à muitas pessoas, como um trabalho digno. (19)</p>
<p>Coleta seletiva pra mim é isso aí, muitas pessoas não reconhecem, mas muitas agradecem, né? Tudo serviço é assim, uns reconhecem outros num reconhecem, aí cê vê o nosso dia a dia na rua como é que é, meio difícil, meio complicado, mas é importante a gente tá ganhando o pão, né, com dignidade. (20)</p>	<p>Diz da falta de reconhecimento do serviço de coleta seletiva na cidade por parte da população, apesar de haverem aqueles que valorizam o serviço feito. Diz também que o dia a dia da atividade é complicado, difícil pela falta de suporte ao estar na rua, mas que é um trabalho digno, pois gera o sustento de sua vida. (20)</p>
<p>F 16 Essa senhora me atende muito bem, sabe? É meu amor, minha querida, tenha um pouquinho de paciência que eu ando um pouco devagarzinho, mas eu vou chegar lá. (21)</p>	<p>A coleta seletiva solidária porta a porta é reconhecida pela população através dos envolvimento das catadoras com as/os moradoras/es, que constroem relações pautadas no compromisso da entrega dos materiais reciclados. (21)</p>
<p>É e ela me agrada muito sabe? Ela me</p>	<p>Reciprocidade entre catadores e</p>

<p>agrada muito porque eu também já tô ficando veinha, né... E às vezes, num futuro mais pra frente então as pessoas podem não ter paciência comigo ingual eu tenho com ela. (22)</p>	<p>munícipes, no ato de separar a coleta seletiva por parte de uns, e de catar o reciclável de outros, aspecto que promove a cidadania por parte de todos. (22)</p>
<p>F 17 Ela também, ela é muito boazinha, ela... Eu deixo o bag na esquina, e ela fala pra mim que eu num preciso descer lá embaixo, que ela vai lá e sobe com um saco, que ela vai lá e coloca pra mim, entendeu? Ela falô que é melhor ela subi e já colocá o saco, porque pra ela é descida, e eu vou ter que desce e voltar com o saco denovo, ela falou “pode ficar aí querida”, eu fico lá e ela coloca o reciclável, é uma pessoa boa ela, ela é empregada... É... Pergunta se a gente quer alguma coisa, uma água, um café, se já almoçou, sabe? É pessoas que a gente tem carinho né, e tem carinho pela gente também, todas as fotos que eu tirei sabe? (23)</p>	<p>Auxílio por parte da população que reconhece o serviço realizado pelas catadoras, oferecendo alimento e água, além da entrega do reciclável. Aspectos que demonstram vínculo entre os munícipes e as catadoras. (23)</p>
<p>F 18 Essa daí eu não tenho muito o que falar dela não, ela é empregada também, trabalha lá no fundo, é que a foto ficou muito boa, ela às vez ela vem abre o portão, põe o saco no portão e já entra correndo, então não dá nem tempo da gente conversa, né? (24)</p>	<p>O reconhecimento de cada morador que entrega seu material reciclável com as catadoras porta a porta, e os tratos que estabelecem no cotidiano, de maior ou menor vínculos e diálogos. (24)</p>
<p>Ela posou na foto. Ficou bonita ela colocando a reciclagem. Ela colaborando com a coleta seletiva, porque hoje em dia a maioria das empregada joga tudo misturado, porque a maioria por ali é empregada aí elas não separam, aí já não, é elas mesmas que separam, achei legal, na foto ela ficou bem, ela não teve nojo de colocá a mão assim sabe? Enquanto muitos, abrem o portão assim, e jogam, tem nojo do próprio lixo, né, e ela o reciclável não sendo dela, ela não teve nojo. (25)</p>	<p>Fala da falta de conhecimento por parte da população sobre reciclagem de materiais e o serviço de coleta seletiva solidária, bem como os sentidos ainda dados a estes materiais por parte da população que o caracteriza como lixo, misturando recicláveis ao resíduo orgânico. E a necessidade de todas/os se relacionarem com os resíduos que produzem para promoção de um meio ambiente saudável em que todos estejam implicados, catadoras/es e moradoras/es. (25)</p>

Entrevista Laila – Análise Ideográfica

Unidade de significado	Redução fenomenológica
Laila: Óia, agora tem que trabaiá	A catadora relata que tem que trabalhar

<p>drobado, é, tem que trabaia drobado, porque se não... A bichinha come em. Sabe quantos quilo ela tá? Tá com 11 quilos, 11 quilos é muita... (1)</p>	<p>dobrado por conta de sua neta que nasceu a poucos dias e que a mãe ainda é adolescente e não trabalha. (1)</p>
<p>Aí, outra que nem... sempre eu trabaiei cum a Raissa, tudo na coleta. Aí depois eu sai bati na Gilsamara, sai. Aí eu falei pra Raissa que ia, e saí. (2)</p>	<p>Relata que já havia trabalhado anos antes na cooperativa, mas saiu depois de agredir fisicamente outra cooperada. Após um período, voltou a este serviço novamente. A partir deste relato, podemos perceber a fluidez que acontece no trabalho de coleta seletiva. (2)</p>
<p>Aí eu arrumei, fui, fui faze um bico na cachaçaria, aí da cachaçaria, ai eu peguei... o moço mando eu leva a cartera no outro dia, pra trabaia registrado, ai eu fui. (3)</p>	<p>Relata que trabalhou em uma cachaçaria como atendente, sendo registrada em carteira de trabalho. (3)</p>
<p>Num fazia o que? Já dois ano, né? Roselea, dois ano já que eu tava na cachaçaria, aí o dono da casa lá, pediu pa arrumá né? Que tava, chovia, sabe? Escorria pela parede, aí eu falei cum ele, ele pergunto “Você tem outra moradia?”, eu disse, “eu tenho, tenho meus irmão”, né? Na casa do meu irmão era grande, ele tinha outra no fundo, aí eu fui pra lá, tudo, daí de boa. (4)</p>	<p>A catadora diz de uma situação que precisou mudar da casa que alugava, pois haviam muitas goteiras nela, tendo que passar por reformar. Assim, foi para a casa de seu irmão, que solidariamente a recebeu com sua família toda. Estes auxílios, sutis no interior da família, fortalecem os laços de afetos e segurança que a família oferece em seus significados. (4)</p>
<p>Aí fazia o que, já fazia seis meis Conrado, o pai dela me traia... Ô. inté aí, tudo bem. Aí eu comecei, sabe a desconfiá do jeito dele, aí eu xingava ele, ele nem... ficava calado. (5)</p>	<p>A catadora relata que percebeu a mudança no comportamento do marido, que não correspondia com suas demonstrações afetivas, particulares e próprias ao relacionamento dos dois. (5)</p>
<p>Aí depois eu disse assim, ah arrumo uma coisa melhor di que eu, né? Aí nem liguei tamém. Aí depois Conrado, eu perguntei a ele, ele me ligô no meu chip, aí eu perguntei a ele depois quem era, aí eu perguntei o nome dela, aí o idiota fala... Uma nória Conrado do céu, uma tribufu, os pessoal fala que a Raissa é gorda né, ela dá duas da Raissa, é feia em... e ela é assim é, ela é folgada, tudo dela é estraga o casamento dos outro. E as mulhé lá tinha medo dela, aí eu fui no portão dela, eu cheguei, aí eu xinguei ele. (6)</p>	<p>A participante diz que conheceu a pessoa com que o marido também se relacionava, traindo os acordos afetivos entre ambos. Com isto, procurou medir as qualidades entre ela e a outra mulher, discriminando a outra, e dizendo que esta causava medo nas pessoas do bairro pelo comportamento tendencioso de se interessar por homens casados. (6)</p>
<p>(...) ele disse “Aí moça mas não fique assim não”, né?. Aí ele disse “Cê tem filho?” eu digo, tenho, aí ele disse assim, “Mas não faz nada não, cê pensa nos seus filho”, eu digo nada, mas ele vai me</p>	<p>O valor que os filhos possuem na constituição familiar, e na organização dos sentimentos, pelos cuidados que eles geram, acabam por influenciar em muitas tomadas de decisão. Com isto, o motoboy</p>

paga. (7)	que prestava serviços à catadora, apelou para este sentimento para que a entrevistada se acalmasse na ocasião relatada. (7)
As menina disse “mãe a polícia” eu digo, que se foda, tô nem aí não, já que é pa fude eu acabo com o resto. E ela não saiu pa fora, depois que ela viu a sirene da polícia ligada, né? Aí ela saiu pá fora, quis se cresce na frente dos home, eu digo, é? Vai apanha aqui mesmo agora. (8)	A polícia representa um órgão regulador das convivências quando a pressão de um relacionamento interpessoal perde os limites do respeito, apelando à violência corpórea. Conforme o relato da participante, a presença da polícia, não se mostrou estranha ou até mesmo limitadora do agir imoral e violento. (8)
Laila: Eu e a baranga que ele tava saindo. Sabe assim, do jeito que eu descí assim Conrado, o policial nem me viu, do jeito que eu descí peguei ela e meti a faca, não quis nem sabe, que se foda, cê não tava tirando onda, agora você vai tirá onda. Aí o policial: “segura, segura”. (9)	A participante relata um estado inebriado pela necessidade do ataque e violência acima de qualquer condição sensível que a poderia controlar, o que desvela uma satisfação pelo ápice da intencionalidade da agressão, buscada com anseio pelo desfalecimento de outrem. Cenário muito significativo para compreensão das dimensões afetivas da participante. (9)
(...) aí eu falano, “ô moço, a vida dela aqui é estraga com o casamento dos outro”... e as mulhé tem medo dela, só qui nem eu falei pra ela, ela é gorda mas não é duas não, não tenho medo dela. (10)	A participante relata sua percepção da outra pessoa presente em sua narração, a discriminando como gorda, e que pela aparência gera medo nas pessoas, pois é uma pessoa grande, e neste sentido, possui maior probabilidade em agredir outra pessoa. (10)
As minhas irmã falo na frente do policial: “Sabe o que a gente vai faze com você talarico aqui no Hortencias (bairro Afastado da cidade de Araraquara) você sabe como a banda toca, né? Num vai se só você, vai se com ele também”. Ixi... os menino queria bate nele. (11)	A participante diz que sua família segue, assim como reproduzem o comportamento propagado no bairro em que vivem, que é de agredir pessoas mal-intencionadas e, principalmente aquelas que interferem em relacionamento alheio. (11)
Aí eu fui, aí ele pergunto “Cê é o que do Maurício?”, sou esposa, tinha o meu nome lá mesmo, que vê, vô pega ele agora, lá dentro no serviço dele, lá dentro do prédio. Aí fico, aí fui, Conrado, quando ele me viu ele mudo de cor, ele tava sentado, ele levanto, ai já cheguei dando um bicudo nele. Tem um irmão meu que trabalhava junto com ele, meu irmão entro no meio, eu tamém empurrei meu irmão, xinguei meu irmão tamém. Aí dei uns tapa na cara dele, todo mundo olhando. Aí o colega dele disse assim “Eu te falei que isso não ía dá certo, eu te	A participante relata a necessidade que possuiu de agredir seu ex-marido nos vários lugares que ele convivia, passando assim pelo local de trabalho também. Relata com isto, os conselhos que seu ex-marido recebeu de amigos, com alertas para que se valesse pelos valores da família, e tratos com a esposa, não a traindo. Ela chega a citar situações que o ex-marido tentou reconciações. (12)

<p>avisei, cê não me escuto”.</p> <p>Mai ô Conrado, mai eu acho que ele, ele tava tentando, foi quando ele veio pedi perdão, ele tava tentando, sabe... (12)</p>	
<p>Aí nisso o ônibus tava vno, e eu vi ela sabe, ela em pé, assim, dando em cima do motorista, um vestidinho amarrado assim tomara-que-caia no pescoço, e ela não tinha me visto. Que vê, ela vai se lasca, eu vô pega ela aqui na frente de todo mundo. Aí eu escondi assim, detrás do muro assim, eu só esperei, quando ela desceu assim, boto o pé assim, no premero dregau do ônibus, eu grudei nela pelos cabelo arrastei pra baxo... (13)</p>	<p>A catadora, prossegue no relato, dizendo assim, do quão impactante foi o desvencilhar com seu marido em sua vida, mostrando em sua fala, as muitas vezes que precisou impactar também a vida da outra mulher com quem o marido se relacionava. Assim, ela descreve em seu discurso, mais outra situação em que violentou esta mesma mulher. (13)</p>
<p>Ô, saí arrastano, aí o motorista bem na frente do ônibus, e pra tira o ônibus dali, tava na frente do ônibus. Peguei ela pelos cabelo, bati a cabeça dela no ônibus, e o motorista gritano “ajuda gente, ajuda aqui, ajuda aqui”.</p> <p>Conrado: Mas por que? Ela tinha feito o quê assim?</p> <p>Laila: Nada, por desaforo, que ela tava mandando recado pela menina dela, pa dá recado pras minha né?</p> <p>Conrado: Do que assim, exatamente?</p> <p>Laila: Ela tava dizendo assim, “aí fala pa dá recado lá pas menina da Laila, que eu vô pega a Laila, vô mata a Laila, vô bate”</p> <p>Conrado: Mas por que tudo isso?</p> <p>Laila: Porque ela queria ele.</p> <p>Conrado: Ah! O seu marido seu ex-marido?</p> <p>Laila: É, eu digo, é beleza, ela sabe onde eu moro. Aí eu cheguei, disse, aí eu lembrei a ela, você lembra? Não lembra? Que você ficava me mandando recado sua puta, safada. Aí saí Arrastano ela, e os menino “bate Laila, bate Laila”. Aí os zoto ía entra no meio do ônibus, aí os menino gritô lá de baxo: “Ninguém vai entra não, dexa aí, ela não mexeu? Agora ela vai leva. A menina trabalhando e o safado saia com essa nojenta”. Aí foram chama a minha irmã de novo, e minha irmã subiu, aí ela correu pra dentro da casa do meu irmão, ai taquei-lê o tijolo,</p>	<p>A catadora prossegue narrando a descrição da situação de violência com a vizinha. Com isto, chego ao entendimento do quanto a família é uma entidade que é, e precisa ser valorizada no cotidiano da participante e o quanto que a ânsia pela violência que ela apresenta, possui um valor simbólico não apenas para promover uma condição estável entre seus pares, mas, que me leva a compreender sob as impressões da participante, a visualização da violência física (através do ato corpóreo) como um ritual particular e mediador da expressão de todos os demais afetos. Em sua fala, diz do comportamento de outros moradores do bairro, que a deixaram brigar, sem intervir ou buscar apartar a situação. (14)</p>

pego assim nela, corto... (14)	
<p>Foi pá UPA de novo, e ela dentro da casa do meu irmão, aí chamaro o SAMU, eu digo, chame o chame o SAMU não, manda ela chama a polícia, porque da outra vez ela não chamou a polícia? Manda ela chama a polícia de novo. Aí ela gritava lá dentro “Eu vô te pega”. Aí minha irmã entro lá dentro e pego ela, saiu arrastano no meio da rua, de novo. Aí saiu arrastano pro meio da rua. (15)</p>	<p>A catadora prossegue dizendo sobre como ocorreu a violência entre ela e a outra pessoa que seu ex-marido se relacionava. Dizendo com isto, de sua família que também expressa os afetos de modo similar ao da narradora. (15)</p>
<p>Tudo. Aí minha irmã, a gente ía amarra ela e ía leva no meio do mato, ía joga pimenta nela. Aí o zoto, a família dela “Não, Não, dexa pra lá” eu digo, dexa pra lá?</p> <p>Conrado: Joga pimenta no rosto?</p> <p>Laila: Em tudo, no corpo dela interinho. A gente ía amarra ela no pé da arvore. (16)</p>	<p>A catadora fala de suas pretensões com esta mulher com quem brigou. Relata que ainda tinha a intenção de machucá-la de outras maneiras. (16)</p>
<p>Conrado: E hoje você já tá com o Walisson, não?</p> <p>Laila: Ele xingava quando eu comecei sai com o Walisson, xingava. Eu tinha pedido o divórcio a ele, aí eu tava lá de frente da casa de meu irmão, de baixo dum pé de árvore com as menina lá, né? Aí eu senti o celular vibra, eu sentei em cima do celular e senti, quando eu olhei era ele. Eu atendi, ele me xingando “Aí cê que divórcio pá se casa com aquele nanico, aquele branquelo safado?”. Eu falei pra ele, vai ô traíra. Ele disse “Traíra é você”. É eu né? Falei pra ele “é eu mesmo, traíra é u cê seu folgado”. (17)</p>	<p>Diz neste trecho, do quanto as relações são mediadas por significados dados entre as pessoas que trocam sentimentos, e que a discriminação negativa entre os que convivem é algo destrutivo das relações. Diz que o marido a chamou de traíra, mas que ela mesma é quem enxergava nele o significado de traíra, ou seja, aquele que trai os tratos estabelecidos em um relacionamento. A participante, narra as situações, descrevendo os lugares de diálogo, e que o ex-marido, procurando inferiorizar o seu relacionamento atual, discriminou o atual companheiro da catadora. (17)</p>
<p>Laila: Nasci em Pernambuco.</p> <p>Conrado: Em que ano você veio para cá?</p> <p>Laila: Quando eu vim aqui, tinha o que, tinha nove anos, nove anos de idade.</p> <p>Conrado: Nove anos quando veio para são Paulo, você veio com quem Laila?</p> <p>Laila: Vim com meu pai e minha mãe</p> <p>Conrado: e eles, estão vivos?</p> <p>Laila: Não, minha mãe morreu premero que meu pai</p> <p>Laila: Minha mãe morreu novinha. (18)</p>	<p>Grande parte da família da catadora mora atualmente em Araraquara, mas todos são migrantes, vieram do nordeste estado de Pernambuco, tendo perdido sua mãe ainda na adolescência, pois partira ainda com pouca idade. (18)</p>
<p>Conrado: E você teve muitos irmãos?</p> <p>Laila: Ixi tenho um monte viu</p>	<p>A catadora relata que possui cerca de doze irmãos, e um que é pastor. (19)</p>

<p>Conrado: E vieram muitos para cá?</p> <p>Laila: Tem um casal ainda lá no Pernambuco, o resto tá tudo aqui no Hortências.</p> <p>Conrado: Quantos irmãos?</p> <p>Laila: Ixi, vô fala a verdade pra você, tem mais de doze irmãos, mais de doze. Tem um que mora aqui no Vitório De Santi, tem um que mora ali no Del Rey (bairros periféricos de Araraquara), tem bastante...</p> <p>Conrado: Você é a caçula?</p> <p>Laila: Eu sou a caçula. Aí tem a caçula dos homens, que é o meu irmão que ele é crente, pastor.</p> <p>Laila: Lá no Hortências. Tem bastante em, tem um monte, tem um monte, um monte. (19)</p>	
<p>E uma vez, uma vez eu trabaiei com a Raissa (coleta seletiva solidária), aí teve uma, ela é noiada né? aí pego, veio grita comigo no meio da rua. Como eu já num presto, aí eu falei pra ela, cheguei perto dela assim, a Raissa ainda vivia cum o pai da menina dela, com o Rodriguez ainda, eu cheguei perto dela assim “você não sabe fala baxo? Tudo você é grita com os outro no meio da rua”. Aí ela começo se cresce, eu falei para ela, eu num tenho medo de você não ô, cê tá noiada? Não tenho medo de noiada não, vai. Aí ela veio dá na minha cara, aí eu afastei pra traz um passo. Aí eu falei, ó Raissa ela vai apanha, aí a Raissa “Para gente!”. Aí eu ia senta, ela veio de novo, só que ela dessa vez ela acerto “a então é assim? Então agora você vai leva”. Eu peguei ela por assim (mostrando com o corpo), joguei no chão, aí a Raissa gritando o Rodriguez, o Rodriguez veio, entro no meio. (20)</p>	<p>A participante entrevistada prossegue contanto outros ocorridos em sua passagem pela coleta seletiva solidária que envolveram a violência entre ela e outra catadora. Assim, ela narra o enfrentamento que teve com uma participante que em sua descrição era dependente química e gritava com as demais participantes do coletivo. Descreve assim, o conflito corpóreo que teve com esta participante, que acabou envolvendo a coordenadora do grupo e o marido dela, que procuraram apartar a violência entre ambas. (20)</p>
<p>Laila: “Qui se vai mata o que? Você não mata nem sua fome ô imundícia, passa fome do caraio”. Aí ela veio de novo, eu digo óia. Aí a Raissa “Sai Laila daí”. Aí eu comecei a arrudia o Rodriguez assim, pra num bate nela. Aí depois ela veio, aí ela pegô assim no meu cabelo, aí eu metilhe o murro, o Rodriguez passo na frente,</p>	<p>A participante discrimina a pessoa com quem teve conflitos, como uma pessoa carente das necessidades básicas, o que a inferioriza em sua descrição. Ao falar deste momento significativo de sua passagem pela coleta solidária, dá ênfase a aspectos que movem seu viver no cotidiano da catação e que refletem sua</p>

<p>pego no Rodriguez também. Aí o Rodriguez disse assim ó “ Aí tá veno, eu fui entra no meio, apanhei tamém, tá veno, tá veno!”. (21)</p>	<p>ação no interior do grupo. Apreciando sua participação a partir destes momentos que se revelam como extremos, e exemplares de seu agir intencional e significativo no cotidiano. (21)</p>
<p>Aí, eu digo, tá, aí eu esperei o caminhão chegá, aí eu ajudei o Seu João, ele tava brabo, aí Seu João falô, né? Aí Seu João já tinha ligado pra Raissa. Aí eu ajudei o Walisson (cargueiro e marido de Laila) fazê a metade de uma carga, aí eu voltei pra rua de novo (catar porta a porta), fazia um pouco da carga e voltava pra rua de novo e assim eu fui fazendo. Fui enchendo, fui enchendo, fui enchendo, aí tá. Aí depois de enche o caminhão o Arnaldo (coordenador da cooperativa) ligo pro Seu João, aí Seu João falô: “Não, mas a Laila fez assim, a Laila fazia a rua e fazia a carga, fazia rua e fazia carga”. Aí tá, aí as menina... a irmã dele (cargueiro novo) ligô pra mim, falando assim pra eu dá o recado, eu falei, eu não vô dá recado pra ninguém. Eu falei, ele sabe o horário do serviço dele e não era pra ele te saído do caminhão. (22)</p>	<p>A participante conta sobre uma situação em que teve de auxiliar os cargueiros do pela falta de um dos participantes que ficam no caminhão. Assim teve de realizar a função de catação porta a porta, e a do rapaz faltoso, se prejudicando. (22)</p>
<p>“Aí mais tarde ele tá lá na praça da nove lá” (cargueiro novo). Eu digo, que praça o que ô, era pra ele desce lá pa nove, lá pa deixa as <i>bag</i> cheia lá. Seu João disse assim que deu, umas mais de mil volta lá, ele disse assim que não vai ficá dando volta não, ela já ligo pro Arnaldo. Aí ela “Ah, mas dá o recado pra ele?”. Eu não sô pombo correio, não vô dá recado pra ninguém, ele sabe do serviço dele, ele saiu porque ele quis, Seu João falo que não era pra sai. Aí eu desliguei o celular. Aí o celular toco de novo, era ela, eu não atendi e fico tocando dentro da bolsa. (23)</p>	<p>As relações entre os e as participantes da coleta solidária é feita também de tratos individuais entre elas. O desfalque ou a falta das/os participantes nas dinâmicas de catação, prejudica o bom andamento da realização das tarefas diárias, acarretando também muitas vezes, um mal relacionamento entre todas/os. Como no caso do cargueiro ter faltado, e Laila ter de fazer o trabalho do rapaz. As relações construídas, ajudam para que o grupo se organize sem a necessidade de intervenções dos coordenadores que tratam com medidas incisivas com os erros, distribuindo advertências. As relações afetivas construídas com muita atenção entre os/as participantes, podem vir a adquirir empatia e cuidados, porem quando não, deixam de existir, como no caso que Laila apresenta de ter recebido pedidos das irmãs do cargueiro para que o ajudasse, não delatando o rapaz e que entedesse a necessidade dele, porém não obtiveram sucesso ao pedido. (23)</p>

<p>Aí depois, aí quando chego na usina a Raissa ligô, Walisson atendeu, aí a Raissa tava braba com ele. Aí a Raissa falo pro Walisson pega uma advertência lá na usina, que o Arnaldo já tinha feito (24)</p>	<p>As advertências são ações práticas que a coordenação da cooperativa encontrou para organizar o trabalho das/os cooperadas/os. No caso, a participante diz que o rapaz faltoso do trabalho recebeu uma advertência. (24)</p>
<p>(...) depois Conrado, que todo mundo fez as ruas, a Raquel ainda veio de encontro comigo, ainda que a minha tava atrasada, por motivo do caminhão, né? Aí atrasei. Aí depois eu fui lá pa oito lá onde a Laís tava, pá eu ih pá oito. (25)</p>	<p>As catadoras se auxiliam para que todas terminem conjuntamente o trabalho, e assim, uma ou outra ultrapasse o teto de horas planejado ao trabalho diário. (25)</p>
<p>Que a Raissa dá os dia certo pra pessoa abri conta, ele não abriu conta logo porque ele não quis. (26)</p>	<p>A coordenadora de grupo tem a função de determinar as folgas de cada participante, ou até mesmo trajetos menores de trabalho diário para realização de coisas como ir ao banco. (26)</p>
<p>Aí agora fica fazendo essa cagada aí e agora eu sô obrigada a faze rua e ih pro caminhão? Aí eu fui, aí eu disse assim, só que eu vô fala pra Raissa, falei memo. Aí dela chega na Raissa, sabe aonde, com quem ele tava? Na rua nove do outro lado na contramão, junto com os nóia, aonde que Seu João ía vê ele? (27)</p>	<p>A catadora relata que não quer cooperar com ações que julgue incorretas no grupo, muito menos quando estas lhe prejudicam. (27)</p>
<p>Aí ele (cargueiro novo) veio pergunta pra mim no barracão no sábado, aí eu falei assim ó, só falei que você tava com os nóia do outro lado da rua, da nove, mas não foi verdade? Ele “Ai... Mas não pode fala isso”. Eu digo, que se foda, quem usa droga é ocê fio, num é eu não, não devo nada pra você não. (28)</p>	<p>A participante vê que os tratos e combinados presentes no coletivo tem de ser cumpridos por todos, e que os desvios aos padrões de conduta devem ser anunciados entre todos os participantes. (28)</p>
<p>Laila: Bastante coisa, né? Ó se não fosse né, Nossa? Que nem, o desemprego tá foda hein, que nem eu falo pra Raissa lá, das outra lá, as outra...que nem ela fala da rua, sabe, não faz rua direito que nem ela manda, aí os pessoal liga pro Arnaldo. Aí quando tem reunião, aí o Arnaldo xinga ela sabe. Eu tava falando pra ela, não fez a rua direito fih, manda embora, né, Conrado? Tem tanta gente, quê que trabalha, que tá precisano, enquanto ela... a Raissa já deu muita chance, mas manda embora. Qui nem, se fala mal dela, Conrado, eu falei “manda embora”, não deu valô fi, “manda vaza”, né? (29)</p>	<p>A catadora acredita que o bom desempenho no trabalho é também um esmero com a própria situação profissional, que tem de ser cuidada e feita da melhor maneira possível, já que o desemprego tem sido alto nestes tempos. A participante descreve e enxerga uma hierarquia bem marcada no interior da cooperativa feita de mandos e desmandos. Assim, relata que os subordinados tem que corresponder com aquilo que é pedido, e quem não estiver disposto, ou disponível, que seja retirado do grupo. (29)</p>

<p>Laila: Não é. Agora adianta, qui nem, eu faço uma rua, faço mal feita, os pessoal vai e liga pa usina. Aí quem atende é Arnaldo, que é do celular dele, que logo liga, cai no celular dele. Ele não que sabe quem fez a rua. Ó, pode pergunta mermo pra Raissa, eu já fiz tanta cagada dos outro Conrado. Aqui mesmo, o pessoal tudo me conhece, ó essa semana, na segunda eu tirei... trouxeram um <i>bag</i>, vinheram aqui pegaram um <i>bag</i>, encheram e truxeram, aí eu mandei Raquel dexá aí, aí de frente. Isso foi, a Raissa, passo numa segunda, e elas não grita. Que nem aquela que entro, a que eu ia bate nela naquele dia que a Raissa num dexo, ela não grita, a Nádila não grita, a Aurora não grita. Só quem grita é dona Samantha Guerra, Raquel, essa senhora que entro... a Maria, a Laís e a Paulina, só, porque as outras três.... Vai aí na nove de quinta feira pra você vê. (30)</p>	<p>A catadora relata situações de erro das participantes e que acabaram sobrando para ela resolver já que está há alguns anos no ramo da catação. Com isto, demonstra seu esmero em realizar de maneira bem feita seu trabalho, com compromisso, e que está atenta aos erros das demais participantes. Destacando os erros das demais, descreve seu bom senso e efetividade, que tem de ser valorizada por todas. (30)</p>
<p>F 19 Laila: Deixa eu vê... essa daqui, essa daqui, essa daqui. Ah dá força, né? Pra trabaiá, né? (31)</p>	<p>Diz que sua família, sua neta que está na fotografia, dá motivação e força para ela trabalhar e se esforçar para sustentar sua família no cotidiano. (31)</p>
<p>F 20 Laila: Também, né? Porque vendo aí, dá mais força ainda, dá mais vontade de trabaiá, né? (32)</p>	<p>A vontade de trabalhar é resultado de forças externas à própria prática que em si tem suas motivações, mas que se olhada na proximidade das lutas de cada catadora, como com Laila, as particularidades desvelam onde estão os ânimos que movem o agir intencional de cada participante. (32)</p>
<p>F 21 Laila: Que nem, a coleta agora é nosso pão de cada dia, né? Aí tem que faze direitinho... (33)</p>	<p>A coleta seletiva é provedora do sustento de sua casa, e é onde ela se aplica todos os dias para provisão das necessidades. Ou seja, ao se aplicar em seu trabalho, valoriza a si mesmo, buscando resplandecer seus olhares e proceder frente ao mundo. (33)</p>
<p>Que nem, teve reunião, foi sexta-feira da assemebréia lá, a gente... Eu fui e tinha que vota né, primeiro, no jeito que meu nome já tava lá, né? (34)</p>	<p>Relata a organização da cooperativa, e que se elegeu para um cargo de coordenação, não sendo uma opção direta dela lançar seu nome, mas reconhecimento de participação que pode colocá-la em evidência para concorrer a uma outra atividade interna. (34)</p>
<p>É tem que faze direito, que é nosso pão</p>	<p>Relata sua luta de trabalhar e enfrentar as</p>

<p>de cada dia, né Conrado? Quem tem fio pra cria é foda, né? Ainda mais a Bela, pronto, né? Que nem, tem mulhé assim, que fala assim, que sofre à toa, que nem, uma vez já falei pra Raissa... que nem a Laura (catadora), a Laura dizia assim “Ai eu não largo do meu marido porque eu não tenho como me virá sozinha” aí a Raissa disse “Lógico que cê tem! A Laila, a Laila largô de um nego, as fia dela era pequena”, falei oxi, jamais que eu vô fica sofreno, e sendo que eu nunca dependi de home nenhum pra sobrevive, falei, toda a vida eu trabaiei fih, pelos meus fio eu do a cara pra bate mesmo, eu trabaio memo, tô nem veno, trabaio num mata ninguém, né Conrado? Num mata ninguém... Só trabalhá, pensa nos filhos, tô fazendo isso pelos meus filhos, e pronto, né? Trabaio mesmo, não tenho dó não... Eu pagava meu aluguel todo mês certinho, sozinha, eu e Deus (35)</p>	<p>dificuldades como mulher e mãe, não precisando de auxílios muitas vezes de marido. Com isto diz de sua força, que pode ser um exemplo a muitas outras catadoras mulheres e que se vêem na dependência de um casamento para se sustentar. (35)</p>
<p>Laila: Ô, graças a Deus não passo fome, tá tudo vivo aí, só tê força de coragem né? Pra trabaia. Que nem o pai dessa daqui quando a Rosácea tava grávida ela falô pra ele, ele disse assim que num era dele, que num queria nem sabe, aí depois que a menina nasceu tudo, ele quereno que ela levasse lá, eu digo num vai, mas num vai mesmo, num vai. Aí eu falei pra ele, ainda dei um coro nele e falei pra ele, vô se erra a menina hein. (36)</p>	<p>Para justificar sua força, diz de sua neta, quem o pai durante a gravidez se recusou a aceitar a filha. Como resposta a este comportamento do garoto, ainda menor de idade, a catadora impôs que ele não a visse após nascida e não concebesse a bebê como sua filha. (36)</p>
<p>Uma que o Walisson cuida como se fosse dele, é tá registrado no nome dele, né? Tá no nome dele. Aí a Rosácea... a mãe do bebê: “era pra mãe tê registrado ela no nome da mãe”, aí ela disse assim, “a então já que mãe cuida dela, então ela não é minha, ela é da mãe, e outra, já que a mãe... se mais pra frente a mãe quis é, passa ela no nome da mãe”. Que nem eu conversei já com o meu advogado, né? Aí o advogado mando espera mais um pouco que ele vai conversa com o juiz pá tira do nome da Rosácea pá passa pro meu, ela disse “nem eu me cuido, nem eu me sustento, como eu vo sustenta a Bela? De que jeito?” Aí depois ele saiu falano: “aí, meu pai ajudou a Rosácea”. Aí a Rosácea</p>	<p>A bebê foi registrada com o nome do marido da catadora, e sua filha quer também registrar a criança com o nome da avó, pois ela é menor de idade e não conseguirá cuidar da criança, ou seja, arcar com as despesas necessárias. O rapaz pai biológico, buscou recorrer à mãe do bebê, mas teve insucesso já que não ajudara na gestação. (37)</p>

encontro ele, a Rosácea disse “onde que teu pai me ajudado? Se não fosse minha mãe, eu tinha morrido de fome com a menina aí ô”. (37)

Entrevista Jasmim - Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
<p>Porque não é fácil fio, não é fácil, então... Eu me separei, né? Ele era muito violento né fio? Então, eu acho assim, entre o casamento, tem que te confiança entre um e outro, num adianta você te ni você e num tê na gente, tem do medidor da água, da luz, eu acho que uma pessoa, ela já ti conhece por vivê né? Quando você conhece uma pessoa que ela é pura, você casa com ela, você já sabe que ela não foi usada. E depois joga na cara que a gente não é nem nada, porque tirou eu da casa de meus pais? Porque era mentira, num é? Porque se eu fosse daquelas, ele já tava com uns par de chifre que num tinha onde, num é? Como todas as menina fala, a fila anda, num é? Mas acho assim, que não, eu acho que a gente terminou um casamento, mas o respeito continua, que aquele papel nunca vai se desfeito, tá como separado, tomo como sortera? Tô, mas, nunca mais é aquela coisa, cê entendeu filho? É aquela mancha. Eu não sei se cê tá entendendo, então, por isso que eu falava pro meu sobrinho, dei muito conselho, só que num, num quis ouvir, né fio? Entro por um ouvido e saiu pelo outro. Achava que isso nunca ia acontece com ele, entendeu? Então eu dizia assim, fio, hoje você tá de pé amanhã se tá caído, vem uma mão e te levanta, cê vai lá e cai de novo, vem outra e te levanta, então, você tem que praticamente ver se é isso mesmo, num adianta anos e anos que ocês tão namorando, porque eles são novo, num são? São praticamente umas criança, tanto ele como ela. Eu era uma criança quando casei, eu tinha de 10 pa 11 anos, porque ele teve que dá idade que até meu pai e minha mãe teve que assina, pra gente se casá, da idade dele passou pra</p>	<p>Diz de sua vida, que não é fácil, e relata sobre seu casamento que seu marido era violento e iniciou quando ainda era menor de idade, mas que um dia se acabou. Fala do arrependimento de ter se casado e de suas impressões sobre a necessidade da união matrimonial, e como tem de ser feita. Atualmente dá conselhos ao seu sobrinho quanto à escolha da parceira. (1)</p>

<p>mim, sei lá que jeito que o juiz faiz né, que meu pai e minha mãe teve que assiná. Me arrependo até hoje fio. (1)</p>	
<p>Conheci ele em frente da minha casa, meu primo veio em minha casa, tava eu a Carmem, a Sueli, tava as menina me convidando pra saí, pra ir no barril, lembra ali na rua 2? Conheci ele aqui em frente da minha casa. Ele era muitos anos, era bem mais velho do que eu, mas meu primo veio atrás das minha colega, e trouxe esse indivíduo (risos), que até hoje me arrendo de tê casado, por isso que eu digo, nem tudo... (2)</p>	<p>Diz como conheceu seu ex-marido, ainda quando era criança, através de um primo que a apresentou, e que se arrepende de ter casado. (2)</p>
<p>Primeiramente! É um conselho de uma burra, mas qui nem eu dizia pro meu sobrinho, primeiro você tem que compra uma casa, ou um terreno que você se ache, construí, porque você mora com parente, é a pior coisa que existe na vida, acaba com teu casamento, se destrói, qui nem eu disse pra ele: O filho não faça isso, compra uma casa, viva com ela sem casá, porque depois que casô no papel, estragou, viva, assim, namorano, se divertino dos seu modo. Porque o meu modo era aquele assim, depois de casada... Sempre foi essa a regra minha, agora desses de hoje em dia num sei como é que é, se já vão pra cama, hoje nem sabe quem que é, nem da onde veio, né? Como eu falava pra ele: Filho, mulher tem bastante, home também tem bastante, tanto que você põe chifre ela põe também, né? Mas vocês tem que se conhece, comprando suas casa, ih comprando seu móvel, ih vivendo suas vida, porque namorá é uma coisa fio, caso é outra, muda muito viu, dei muito conseio. Minha vizinha veio fala que esses dia ele veio atrás de mim, porque ele tá arrependido, porque ele não ouviu o meu conselho, aí eu encontrei o meu irmão, porque eu tava na quatro, aí descí aquele pedaço que vai dá no poupa tempo, ele tava no banco, meu sobrinho mexeu comigo - o outro irmão dele, e falo que ele tá sumido, que tá morando com meu irmão, mas num tá dando satisfação nem nada, e eu tava até com</p>	<p>Diz de como era o casamento tempos atrás, e no que se tornou nos dias de hoje, as diferenças. Atualmente aconselha seu sobrinho, que pretende se casar, mas não tem ouvido seus conselhos, o que o tem levado até à depressão. (3)</p>

<p>medo de ele fazê alguma besteira. Ultimamente quando eu vi ele, ele tava falando de morte, e uma vez ele também coisô, que ela quase mato ele né. Então por isso que a gente tem que conhece fio, num é porque você tá apaixonado, alguma coisa sabe, caiu naquela ilusão. Depois que casa, aí ocê vai vê, aí depois duns tempo a gente vai conversá, aí você vai fala assim, você tinha toda razão, se eu tivesse ouvido não tinha caído nesta besteira, então quando ele quer conselho ele volta aqui (riso). (3)</p>	
<p>Nasci dia 20 de março, de 69. Então estou com 47, 48... 49 anos... Deve ser essa faixa. Não... 48 eu acho, né? Eu acho que nasci em casa, os antigo não fazia isso, filho em hospital. Era assim, o meu pai, ele tinha uma pratina, ele trabalhava, ele era construtor de obra, ele que fez o Lupo (fábrica de meias e cuecas) então ele viajava muito, tanto é que cê vê os modelo dessa casa, quando você vim com mais tempo, eu vô te leva lá na casinha do fundo que eu vô te mostra os modelo de desenho dessa casa, dos detalhes, essas coisa aí que ainda tá lá. Ele mesmo fez, no papel, mediu, e passou no coiso, da prefeitura, então lá tem os marceneiro os carpinteiro tudo né, então ele corto e fez, e os home só deu o termino né, com aquela peça lá, ou ele mesmo que deu porque ele contava pra gente que era ele né, então eu tenho certeza que era meu pai porque ele era muito capaz, e... E ele era muito procurado, mesmo depois de morto, minha mãe não concordava, porque muita gente procurava ele. Aí ela falou assim, só se você for procurar ele no cemitério, na quadra. (4)</p>	<p>Conta o ano que nasceu, mas não tem certeza de sua idade. Diz de seu pai, que era construtor de obras muito procurado e por isso viajava muito, ele mesmo que construiu a casa em que ela mora. (4)</p>
<p>A minha vida foi muito sofrida fio, uma que eu num pude estuda porque eu pensava nos outro, cê entendeu? Eu acho que, meu pai foi, com esses pobrema de ele trabalho de marceneiro, carpinteiro, tudo, que ele era construtor de obra, ele teve uma alergia muito grande de meche com cal, cimento, então começo a aparece umas mancha nele, e o médico</p>	<p>Relata sobre a vida que classifica como sofrida, e de seu pai que adoeceu por motivo do trabalho, intoxicado com a calda construção civil, e teve também o desgaste das pernas precisando colocar platina no fêmur, o que levou a todos da casa a terem de trabalhar também. Ela mesma, foi ser babá de vizinhos. (5)</p>

<p>proibiu ele de trabalha em construção de obra. Mas ele trabalhou muitos anos né. Nossa vida foi muito sofrida, sabe? A gente teve que trabalha desde pequena, eu trabalhava de babá, pra Bia, que é na segunda casa de vim de lá pra cá, que ela morava ali, então, meu pai tinha pobrema na perna, que depois de tanto ele trabalha, subia e descia escada com aqueles coiso, que antigamente num tinha aquele coisinho que... né? Depois que construiu aqui, ele inventou né? As roldaninha, aí desgasto aqui o osso (fêmur), e ele pôs platina, um tanto assim de platina, que ele mancava da perna, e a gente trabalhava pra ele num ih, sabe? Aí era luta pra ele aposenta, porque cê sabe, hoje é difícil pra aposentar, né? Aposenta um bêbado, mas num aposenta um trabalhador, né? Cê concorda comigo? Um bêbado ele tem chance, é só ele toma vergonha e ir trabalhar, né? (5)</p>	
<p>Então eu tive que trabalhar desde criança, antigamente a gente ia pra roça, minha mãe ia pra roça, e acompanhava minha mãe que ela ajudava meu pai, né? Porque ele era operário, a gente ia no café, naqueles algodão, então ela levava todos filho, que era aqui no antigo bar... era um bar... Do que chamava lá...? Era aqui, aqui da esquina, era um caminhão que há muitos anos de boia fria, que era caminhão, e ia todas as criança lá trabalha. Meus pais eram de Américo, ainda tenho muito parente ali em Américo, mas pegavam a gente aqui no boia fria, era ali o ponto dele, fixo. E entregava ali, também, saia de madrugada e depois ia pra escola tamém, porque antigamente num tinha, né? De manhã, passava a hora do almoço e ia pra escola. Ia pra escola e voltava. Então meu pai falou assim, ou sai ela ou sai ocê pra trabalha, então como era assim, me achava mais velha do que a outra, fui trabalha pra dar lugar pra ela, e hoje eu me arrependo, porque eu devia ter estudado e deixado ela pasta que nem eu, sabe? (risos) Ela estudou até a oitava. (6)</p>	<p>Relata que em sua infância, teve de trabalhar desde cedo, acompanhando a mãe na lavoura de cana-de-açúcar e de café, junto com outros boias frias. Muitas crianças iam à lavoura. Sua família é de uma cidade próxima, pequena e com muitos trabalhadores rurais, chamada Américo-Brasiliense, e que possui muitos parentes por lá. Como seu pai teve de parar de trabalhar, uma das duas filhas apenas é que poderia ir à escola, pois a outra deveria ajudar em casa financeiramente, trabalhando. Jasmin, por se considerar com mais idade que a irmã, foi trabalhar, mas se arrepende de ter perdido a oportunidade dos estudos. (6)</p>
<p>O Toninho estudou até a quinta, mas ele</p>	<p>Seu irmão Toninho estudou até a quinta</p>

<p>é profissional, ele que fez esta pastelaria, ele é construtor de obra que nem meu pai, sabe a pastelaria aqui da sete? Foi ele que fez. Essa casa de tijolo à vista, que tem virando ali, foi ele que fez também. Eu estudei até à quinta, aí eu dormia na sala de aula, porque aí eu fui trabalhar ali no mercadão, que num era registrado, no Walter Confeções, que hoje é fechado, né? Num era registrada. Depois eu fui pra Shabam, lá era aprendiz de costureira, puz botão, as lapela, é... Cê conferia a perna uma com a outra, pra passar pra máquina, era pra refazer ela, entendeu? Aí depois de muitos anos eu fui pra prefeitura, que aí quando eu casei, ele num deixou eu mais trabalhar, né? Eu trabalhei um bom tempo, aí eu tava grávida d'meu menino, aí ele num deixou eu mais trabalhar, porque um mês depois que eu saí faliu... Antes que eu tivesse ficado, trabalhado, e ficado com meus pais. (7)</p>	<p>série, mas como trabalha com construção civil, sempre possuiu emprego. Ela poderem, trabalhou em alguns lugares quando pequena, sem carteira assinada, e após realizar atividades em uma micro indústria de confecção como menor aprendiz, foi efetivada, mas teve de parar de trabalhar quando ficou grávida, pois seu marido não a queria trabalhando. Relata que em algum momento trabalhou na prefeitura, mas que na verdade preferia não ter casado, e permanecido na casa de sua mãe e trabalhando. (7)</p>
<p>Depois de muitos anos, que meu filho já tava grandinho, que eu me separei, quando ele já tava mocinho, já tava na oitava série. Aí foi aonde ele escolheu, porque o pai, né? Que o pai dava de tudo, comprou ele, né? Comprou os dois, né? Porque o dinheiro compra tudo, nego fala que não, mas... Um já tá com 22, o Willian, e ela 20, a Aline Cristina. A minha menina, ajuda esses médico pra operá cabeça, é enfermeira padrão, e ele é vendedor de bebida, daquela bebida lá, eu esqueci o nome, e ele trabalha em <i>barman</i>. Hoje já tenho um neto do menino, o Willian. Nós moramos no bairro Jardim Bairro e no Jardim América, que foi quando nos separamos. Depois de tudo eu entrei na frente de trabalho, que é trabalha na rua de carpi, de coisa, mas eu fui trabalha lá no Parque Pinheirinho, onde, eu não sabia que é lá no pinheiro que é o coiso de... o lugar de fazê as pranta de casa, fica tudo lá, perto do canil, onde faz as operação de cachorro, sabe? Aí depois eles me promovero do escritório, do escritório me promovero pra piscina, eu limpava o</p>	<p>Conta que seus filhos escolheram ficar com o pai, já que ele tinha dinheiro para os dar coisas, chega a dizer que o dinheiro compra tudo. Os dois filhos são formados e já trabalham, e possui um neto do rapaz. Após divorciada ingressou em serviços de limpeza pela prefeitura, e de firma terceirizada. (8)</p>

<p>banheiro das piscina. Depois me promovero pra porteira das piscina. Aí sorte que só fica um ano né, depois dali cê tem que fica desempregada um ano desempregado, pra depois pode volta de novo, pra dar chance pra outro fazê, cê fica seis meses, depois mais seis meses, até dá um ano, né? Aí depois cê tem que sair pra dá chance pra um outro, e depois esperá um ano pra coisa, foi aí que eu entrei na “Orc”, aí eu trabalhei sete ano lá. Trabalhando na Lupo. Varrendo a seção e lavando o banheiro, recolhendo o lixo. Tedde Orc (<i>Work</i>), hoje é Tede Orc, mas era Orc, que ela era bem aqui embaixo. Nessa época eu morava com meus pais, na época da prefeitura também, de tudo. (8)</p>	
<p>Aihn, fio, minha vida é triste, cê chora, é muito duro, fio, por isso que eu falo pensa bem, porque o casamento é o estrago da vida, viu? Pra muitos, nego fala assim, mas cê vê muitos hoje se divorciando, muita violência, o homem num aceita que a mulher larga, essas coisa, sabe, porque eles faz tudo na ocorrência. Na ocorrência é assim, começo a namorá, namora um ano dois ano, três ano, quatro cinco ano, acha que conhece, vai pra balada, se acha que já tá pronto pra casa, num tem uma casa, num tem nada, joga na balada, como que se é, como que se diz, pra você entender melhor a minha jogada, você... Casa entre “aspas” e vai mora no fundo da casa de seu pai, e faz uma casinha, mora lá de aluguel, vai pagando a água a luz, imposto, ajudando a repartir a despesa. Sempre vai tê algum deles, padrasto, ou mãe ou irmã, que num vai aceita, sempre vai pô uma confusão e vai dá aquela briga no seu casal, vai acaba no quê, na separação. Porque eu fui mora no fundo da casa de minha sogra, eu fiz uma casa lá no fundo, que tanto valorizou a minha casa, como a dela, né? A nossa tinha mais valor que a mulher se apaixonou pela minha casa, que essas é minha loucura, eu sô assim, meio espavantada (risos), mas, eu me arrependo... Não arrependo</p>	<p>Diz que sua vida foi dura e triste. Fala do casamento, que tudo acontece sem uma percepção das coisas que estão ocorrendo, e que muitos homens agem com violência com as mulheres quando elas não querem mais prosseguir com o relacionamento. Relata que após casada foi morar nos fundos da casa da sogra, e que construiu uma boa casa, mas que se arrepende do que viveu, apenas de seus filhos que não. Jasmim diz que o casamento é algo a se ter cuidado, tem de ser realizado de maneira cuidadosa, pois durante o namoro, as pessoas se apresentam de uma maneira, mas depois de casados, podem mudar. (9)</p>

<p>dos meu filhos, arrependo que eu não devia ter tido eles com esse home, por isso que a gente fala, cê vive 20, eu vivi há 17 ano, há 19 ano com uma pessoa que cê num conhece, e namorei 7 ano pensando que eu conhecia. Num era nada daquilo, muda fio, muda, você sabia que muda? Quando vocês tão namorando é uma coisa, quando vocês casa, você conhece entre quatro paredes, você conhece o outro lado. O sofrimento faz a vida né fio, aí cê aprende a num cair mais né. Depois que cê cai a primeira vez, cê só cai na segunda se você for... Gostá da burrice mesmo, né. Vida, sofrida... (9)</p>	
<p>F 22 Significa, que foi um meio do abismo, que quando eu perdi meu serviço, que era registrada, e fiquei desempregada, e... Aí eu conheci a coleta, foi aonde eu me abriguei, né, foi uma família, entre “aspas”, e... Foi um modo de sobreviver, porque a cooperativa foi a melhor coisa que fizeram pra podê dá serviço pra aqueles que não tem. Que o sofrimento faz a gente sofre muito, sabe? É sofrido, é, num tem serviço fácil né, mas se num fosse ele, o que seria do povo, desempregado? Pelo menos tem como pagar sua água, sua luz, seu imposto, sua despesa, num é? Porque se num tivesse ele, cê taria na rua né? Que se ocê num paga sua luz, sua água, seu imposto, cê tá tudo cortado, num é? Foi uma vida que ele trouxe, foi a melhor coisa que eles armaram esse negócio pra podê dá emprego, né? Não no modo dos outros, né? Mas no meu, foi a melhor coisa que eles fizeram, pode empregar as pessoas que necessita de verdade, né? que tem vontade de trabalhá, né? (10)</p>	<p>Vê na coleta seletiva uma saída para o desemprego, e que nesta atividade encontrou a solução para o desamparo do desemprego que é desesperador. Acredita que a coleta seletiva solidária é um auxílio, a comparando em sua vida, como um abrigo que encontrou, a descrevendo como família. Pois se não houvesse este emprego, talvez estaria na rua, mas ali tem como pagar suas contas de água, luz, e a dispensa do mês. (10)</p>
<p>Representa tudo, tudo, né? A nossa vida, sem ela o que seria, o povo? Sem a coleta, como muitos chega e fala assim, hoje tem a coleta, mas antigamente o quê que a gente faria com esse lixo? Ia tudo pro lixão. E hoje, é... Um modo de vida, e de combate a... O desgaste né, de muita coisa que pode ser utilizado pro meio ambiente... Ser tirado do meio ambiente,</p>	<p>A coleta solidária representa tudo, e sem ela o povo sentiria. Através da coleta seletiva os resíduos começam a ter um destino correto, retirado do meio ambiente para se renovar em muitos outros destinos, como a construção de casas até mesmo. A coleta acaba por influenciar no destino das próximas gerações pelo cuidado que realiza ao</p>

<p>muitas coisa que a gente pode coletá pra fazer um trabalho, muitos pega garrafa pra fazê derrete, o papelão essas coisa, pra utilizá novamente, pra possui novas coisas, né? Que se num tivesse essas coleta, essas coisa, seria tudo no lixão arquivado e jogado terra, né? Então ele tá sendo utilizado pra mantê né? Mantê uma nova vida, que vai vim pros novos que vão vim. Que a gente num sabe o dia de amanhã, né? Isso só pertence a Deus, né? Mas enquanto a gente tá vendo, foi a melhor coisa, porque como todo mundo fala, né? Hoje a coleta é a melhor coisa, porque não fica indo pro lixo, ele é reciclável, tem o meio de ele ir, né? De ser revendido novamente, né? dando trabalho pra muito povo, pra muitas pessoas, que necessitam, né? O quê seria sem a coleta? Como muitos diz: quê seria sem a coleta? Porque essas coisas iriam tudo pro lixo, e não taria recicrando tudo pra sê vendido, e num teria muito serviço, porque é abrindo a coleta que abriu o serviço, né fio, porque aí isso aí tá sendo utilizado pra muitas coisa, pra fazê casa que muita gente tá fazendo o estudo pra usa a garrafa pet, pra usa o papelão, pra fazê casa, né? coisa que antigamente ia pra terra né, e que hoje tá sendo útil pra alguma coisa, né? E a salvação do nosso emprego que continue, e que muitos valorize ao nosso emprego e valorize também o seu serviço, né? (11)</p>	<p>reciclar os materiais que poderiam ir para o lixo, além de garantir emprego para muitas famílias. Valorizando o trabalho da coleta, aprende-se a valorizar os demais trabalhos também. (11)</p>
<p>Ela representa união, que ó, cê pode vê que a própria pessoa, ela já leva ali na nossa coleta, né? Então quer dizer que ele dá valor ao que é uma coleta, né? Que ele mesmo proposta a separá, né? E mantê a sua coleta para com o seu povo, né? (12)</p>	<p>Coleta seletiva solidária quer dizer união, pois mobiliza catadores e sociedade a cuidarem dos destinos corretos a serem dados aos resíduos produzidos no cotidiano. (12)</p>
<p>Muitos valoriza e num joga sujeira, papel higiênico, seus papel de higiene no meio da nossa coleta, fralda... Eu acho que eles também devia tê um pouco de consciência, que coleta é uma coisa, é reciclável, e não lixo, que é coisa pra lixeiro, que eles também são humano, como nós, tem o mesmo direito de respeito para com seu próximo, né? (13)</p>	<p>Relata que existem pessoas que dão o destino correto, mas que ainda falta conscientização por parte da população que acaba misturando resíduos não recicláveis à coleta, o que representa um desrespeito à atividade de catação. (13)</p>

<p>F 23</p> <p>Significa... Uma moça muito boa, que ela sabe separa a sua coleta, e sabe separa o seu lixo, e como ela disse assim, se todo mundo se respeitasse, não pô as coisa de higiene pessoal com a coleta seletiva, e aprendesse, todo mundo, se tivesse um meio de comunicação, pra eles aprende a separa o seu próprio lixo, o que é o lixo é pro lixo, respeitando o seu lixeiro, e o seu coletor. (14)</p>	<p>Vê que a prática de separar os resíduos é uma atividade de respeito aos seus coletores, e indaga sobre um meio de comunicação para ensinar a população a separar de modo correto os resíduos. (14)</p>
<p>F 24</p> <p>Limpeza né fio. Limpeza das nossa coleta seletiva, para um mundo melhor, que virão. Para os novos, que aprenderão com a nossa coleta, até os cachorro já estão aprendendo. Porque... Numa coleta, ele brinco com a garrafa e veio traze pra Margarida, então quer dizer, que ele brincou bastante e ele sabia que aquilo era uma coleta, como que ele veio e entregou pra nós? Né? tem um cachorrinho ali na rua do São Geraldo que ele vê eu gritando lá em cima, ele já tá lá apavorando o dono pra ih pô a coleta, mas ele que tá com a patinha em cima da coleta, aí eu digo assim pra ele, bom menino, você está aprendendo como um ser humano a fazer a sua coleta. (15)</p>	<p>Vê que a coleta seletiva solidária tem um compromisso com as futuras gerações, e sua atuação na coleta seletiva educa aos moradores a separarem os reciclados. Compara esta atuação de ensino, no contato com os moradores, dizendo dos cachorrinhos que brincam com os recicláveis. (15)</p>
<p>Ela é uma boa patroa, uma boa chefe, ela é tudo né, porque ela que me deu um emprego, quando ela me viu na pior, me enxergou. (16)</p>	<p>Relata de sua relação com a coordenadora do grupo, que a tem como uma patroa querida, pois a empregou em um momento que tudo estava difícil. (16)</p>

Entrevista Laís – Análise Ideográfica

Unidade de Significado	Redução Fenomenológica
<p>É... Já faz 10 anos que eu trabalho aqui, tenho uma filha, e é o meu sustento, eu gosto de trabalhar aqui, nasci em Araraquara em 1985, minha filha está com 14 anos de idade. (1)</p>	<p>Diz que está com 31 anos e tem uma filha adolescente, com 14 anos. Gosta de trabalhar na coleta seletiva pois dali tira o seu sustento. (1)</p>
<p>Estudei até a oitava, aí depois eu fiquei grávida e parei, aí depois não quis mais voltar a estudar, eu estudava no Culturato, sempre morei no Santana com minha mãe. (2)</p>	<p>Estudou o primário completo, mas engravidou e teve que parar os estudos. Sempre morou no bairro Santana, periférico do município e estudou em escola estadual. (2)</p>

<p>Meu marido mora junto comigo, ele foi morar comigo. Eu tenho uma casinha, eu ganhei da prefeitura lá do São Rafael, aí é que meu pai tá aqui doente então eu tô aqui com eles, mas eu moro lá um pouco, um pouco aqui, eu vivo um pouco em cada lugar, se eu fico aqui, meu marido fica aqui comigo. Ele trabalha de servente de pedreiro, tem 35 anos, estamos juntos desde que fiquei grávida, amigo, né? (3)</p>	<p>Mora com seu marido, que é pedreiro e tem 35 anos, em uma casa ganhada da prefeitura em bairro periférico, mas também mora na casa de seus pais, como no início da gravidez. Acompanha atualmente seu pai que está doente. (3)</p>
<p>É... A vida vai bem, tem as dificuldades né, mas vai levando (risos), mas vai passando. Meus pais tão bem. Eles que construíram a casa onde estão, eles que fez. (4)</p>	<p>Diz que sua vida vai bem apesar das dificuldades, e comenta que os pais que construíram a casa em que vivem. (4)</p>
<p>Ah coleta? significa tudo né, o nosso sustento né, que... Ah ajuda muito, o... Se num tivesse esse serviço né, a limpeza na cidade, né? (5)</p>	<p>A coleta significa tudo, pois desta atividade que vem seu sustento. Ressalta também sobre a limpeza que gera na cidade. (5)</p>
<p>Ah... É um serviço bom. É, é o sustento de muitas família, né, se num fosse esse servicinho né, muita gente taria desempregada às veis, né? Ah, acho que é isso. (6)</p>	<p>É um serviço bom, pois traz sustento a muitas famílias que estavam sem renda, e que existem muitas pessoas desempregadas. (6)</p>
<p>F 25 Ah, é... Um momento que a gente se reuniu, né, aí parou pra tomar um guaranazinho e bate um papo, uhm... Uma hora que é, a que a gente para assim, e descansa. Uma hora boa né? Onde de se reuni ali, conversa um pouco né? É sempre bom, amizade é a coisa mais importante que tem, né? Aí é bom. Sempre tem uma paradinha, sempre elas que dá uma paradinha. (7)</p>	<p>Ressalta a necessidade e valor da amizade, como uma das coisas mais importante na vida, e que durante o trabalho há os momentos de parada para descanso em que se encontram e tomam um lanche compartilhado. Tempo escolhido coletivamente para desfrute de todas participantes. (7)</p>
<p>F 26 É, aí é a hora que a gente chega né, que dá uma ajeitada no nosso lugar, onde nós se reúne, pra, nossa chegada de serviço, né? Que chega aí tá tudo meio bagunçado, a gente limpa, organiza, todo dia que a gente vem pra cá no barracão, a gente dá uma organizada, pra mantê sempre limpo o nosso lugar de serviço, né? o ambiente de trabalho. Sempre tá meio sujo porque o pessoal vem e joga a coleta aqui né, então aqui é um ponto onde o pessoal vem e põe a coleta, aí a</p>	<p>O grupo de catação se preocupa com a manutenção do espaço de trabalho organizado, local onde se reúnem para partir para a catação do dia. Espaço em que a população larga seus recicláveis e os joga fora do local adequado ao despejo, por isso o local fica muitas vezes com aparência desarrumada. Isso ocorre principalmente nos finais de semana, quando o grupo não está presente para organizar o espaço. (8)</p>

<p>gente chega e organiza, né? As pessoas entram aí só se a gente tá aqui agora, e o pessoal entra e põe a coleta ali né, se não, de final de semana eles joga ali por cima do portão. Aí toda... De segunda feira é o dia que mais tem coleta aqui né, que de final de semana o povo vem e entrega, né? Aí de segunda é o dia que tem mais, aí a gente chega e organiza, as menina já chego e organizou ó. (8)</p>	
<p>É, às veis é pra chegar todo mundo e organizar todas juntas né, mas sempre tem as que chega mais primeiro, aí elas vão já ajitando. Aí as outras lava o banheiro e assim vai. Cada dia uma. (9)</p>	<p>O grupo se organiza internamente para cumprir com a função de limpeza do espaço. (9)</p>
<p>F 27 Aí é onde nós tem nossos pontos fixos, né? os prédio, que a gente tem bastante ponto fixo, que é os prédio, dá bastante coleta, aí era onde a Raissa tava tirando né, era na rua da Raissa aí, no bairro do Carmo. E como tinha bastante, ela chamou a gente pra ir lá, ajudar ela, a tirá de lá. (10)</p>	<p>Existem os pontos fixos de coleta na cidade, como os prédios comprometidos com a separação dos resíduos sólidos. As cooperadas se auxiliam mutuamente durante a catação, fortalecendo aquelas que possuem como meta a meta do dia, pontos e ruas que entregam mais recicláveis. (10)</p>
<p>E, é bem organizado, esse aí é bem organizadinho, as coleta bem limpinha, porque tem uns prédio... Nossa Senhora, que é bem desorganizado, não é limpo, ainda até na quinta-feira a Raquel foi catá ni um, ali no Morumbi, aí tinha fralda descartável, lixo assim, aí o porteiro xingou ela, mandou ela tomar no cú. É, ainda a gente vai reclamar o povo é malcriado, num gosta que a gente reclama, foi fala que... Pra separá mais melhor, que num pode leva lixo, né? Pra ele fala pros morador, ainda ele foi grosso com ela, malcriado, tem umas pessoa bem malcriada, mas faze o quê né, a gente tem que respeita né? Se não perde o serviço. (11)</p>	<p>Há lugares que separam e entregam os materiais recicláveis muito bem organizados e limpos. Em contraposição há outros que misturam resíduos orgânicos em meio aos recicláveis e até mesmo ao serem avisados pelas catadoras para separarem os resíduos, as recebem com desrespeito. Relata que há ainda parcela da população que não as recebe bem, até mesmo com xingamentos, mas que procuram respeitar a todos, para manutenção do serviço. (11)</p>
<p>Ah, que eu gosto aqui do serviço, eu gosto de todas, é um serviço gostoso, que eu gosto de todo mundo do serviço. (12)</p>	<p>Relata que gosta do trabalho que realiza, e que gosta de todas e todos que participam com ela nesta atividade. (12)</p>

Entrevista Margarida - Análise Ideográfica

Unidade de significado	Redução Fenomenológica
Da minha vida? Ah eu larguei do meu	Ao dizer de sua vida, relata que largou do

<p>marido, tô sozinha, tá tudo danado, vô saí dali também, porque a mulher qué a casa, que ela disse que vai pôr o sobrinho, o neto, sei lá quem, que é advogado, pra tira eu dali. Eu tô vendo algum outro lugar, nem que fô pra guarda as coisa e a gente dormi em outro canto. Que eu dei uma atrasada no aluguel, né? Só eu trabalhando, quando o meu marido tava comigo, ele também não ajudo e atraso tudo, mai num tem problema não, fazia dezessete ano que tava junto, aí eu larguei. Eu larguei, aí nós voltamo ano passado, e agora eu larguei de novo, eu não quero mais não. Pra aguenta, carrega a casa sozinha eu carrego, aguenta ele do lado e num faze nada eu carrego sozinha. Ele é pai da Tainara e do Mathias. (1)</p>	<p>marido após ter tentado reatar por uma segunda vez a relação, e que está passando por dificuldades com sua casa, pois será despejada por não ter pago alguns meses de aluguel. Só ela trabalha na casa, e seu marido não a ajudava nas despesas, por isso prefere ficar só do que com o pai de dois de seus filhos. (1)</p>
<p>Eu não nasci aqui, eu nasci em Leme, fui criada aqui. Eu vim com sete anos, minha mãe morreu eu tinha sete, quando acabo de morre, a minha vô escreveu pra cá, pra minha tia daqui busca eu lá. Que eu ia ser adotada por uma pessoa muito bem de vida, mas a pessoa queria eu, e não a minha irmã, entendeu? Então pra fica uma rica e uma pobre, fico as duas na merda. Eu ia se adotada por gente bem de vida memo, aí eu fiquei pobre, como cê vê, a gente é pobre. É... mas eu, era pra tê um estudo bom, assim, se fosse pra eu pega pra estuda, ou tivesse ficado lá também, era pra eu tê uma faculdade boa. Minha irmã morreu também, morava com meu sobrinho que vai fazê 14, faz três ano agora... Morreu de pingaiada, de cirrose, ela tinha 53, eu tenho 46, ela 53. É... eu estudei até a oitava série, parei no primeiro, parei na oitava. Tenho três filhos, o Rúbens, Wesley e Adriana, de 17, 16, e Tainara vai fazê 12 no meio do ano, que ela é de junho. É isso aí, tá comigo os três. (2)</p>	<p>Nasceu em outra cidade, Leme, e como sua mãe morrera quando ela tinha 7 anos, precisou ser adotada pela tia que morava aqui em Araraquara. Relata que seria adotada por uma família rica, mas como só queriam ela, não sua irmã, as duas ficaram com a tia, que também não possui uma condição financeira favorável a um bom cuidado para educação das duas. Sua irmã morreu de cirrose, por vício ao álcool, e deixou seu sobrinho de 3 anos. Diz que tem 46 anos e que estudou até a oitava série, e possui três filhos, de 17, 16 e 12 anos respectivamente, e que moram com ela.</p>
<p>Com sete ano eu vim pra Araraquara, a gente moro no Melhado e depois nois fomo pro Selmi Dei, porque minha tia pegou casa no Selmi Dei. Fui criada no Selmi Dei bem dizê, quando tinha só os três, primeiro setor, o um, o dois e o três. Faz tempo que eu tenho ali, então eu</p>	<p>Veio para Araraquara com 7 anos, e sempre morou no bairro de periferia do município, Selmi Dei. Ela não casou, apenas morou junto, mas se arrepende disto, e teria vivido só, pois vê muito trabalho e conflito no casamento. Teve dois companheiros, o primeiro que lhe</p>

<p>morei ali. Eu num casei, eu morei junto... Se arrependimento matasse, eu num tinha ajuntado era nada, tinha ficado sozinha, eu hein, de bucha... Muito rolo, dor de cabeça, né? Então eu sai. O primeiro, o Rúbens com o Zéca, o Jurandir com a Adriana, do Cido. Eu nasci em três do quatro de 71. (3)</p>	<p>deu um filho, e outro, que lhe deu dois. Relata também que nasceu no dia 03 de abril de 1971. (3)</p>
<p>Eu já trabalhei aqui uma vez, eu peguei e saí, porque eu fui cuidadora de idoso, né? Aí eu saí, como eu tinha arrumado. Aí depois o véio morreu, eu vortei pra cá de novo. Primeira vez que eu trabalhei aqui eu fiquei seis mês, agora já vai fazê um ano, janeiro, fevereiro, março abril, maio, um ano e quatro meis. Passo rapidim. Eu vim arrumá um serviço aqui embaixo com uma mulher, a mulher já tinha arrumado, aí a Raquel falou: Conversa com a Raísa, Margarida, vê se tá pegando! Aí a Raísa falô que tava precisando, aí eu fiquei. Sai porque eu tinha arrumado serviço de cuidadora de idoso. Tenho registro na carteira, eu não fiz curso, assumi sem nada, peguei direto. (4)</p>	<p>Já trabalhou na coleta seletiva em outro momento, durante 6 meses, mas como pode trabalhar como cuidadora de idoso, apesar de não ter curso, tem o registro deste trabalho na carteira, e acabou saindo, e voltando há um ano quando o idoso que cuidava faleceu. Uma amiga catadora a disse para conversar com a coordenadora do grupo e assim conseguiu o emprego. (4)</p>
<p>Ah representa muita coisa né, porque é uma coisa que tem gente que não dá valor, cê ocê para pra pensa, tinha que se... Tinha que dá mais valor pra isso, porquê, do que pra outras coisa, se você for ver mesmo tinha que dá valor pra isso. Tem gente que não tá nem aí, mistura lixo de banheiro com recicla, mistura fralda, papel higiênico sabe, vira um balaio de gato. Então, quê dizê? Eu cato as coleta de certo lugar, eu abro tudo, que nem, quando eu tô na 14 aqui, tem aquele prédio alto da quatorze. Ali mesmo ali, é tudo separado ali, cê entra ali é assim ó, aqui é lixo perecível, e pra cá é a coleta, então qué dizê, ali é tudo limpinho, eu abro memo e devolvo tudo o saco pra mulhé, tudo com a boca aberta só vô virando na bag, ali é rapidinho. Agora, lá onde eu fui que o cara xingou, fui leva pra ele vê, ele num gostou, falo que se eu num tive contente: Pede a conta! Aí ele mandou eu toma no nariz, eu já ia taca a caixa na cara dele, aí eu</p>	<p>A coleta seletiva representa muita coisa, mas tem muitas pessoas que não valorizam, misturando resíduos perecíveis junto aos recicláveis. Relata que em sua ação de catar os recicláveis, abre os sacos para ver o que há, e separar na medida do possível, o que é reciclável daquilo que não é. Cita o exemplo de um prédio em que os recicláveis são muito bem separados, e de outro lugar em que foi agredida verbalmente, por buscar conversar com o cidadão que entregou resíduos não recicláveis para ela, ficando desconcertada com a situação. (5)</p>

deixei quieto, saí andando. (5)	
[...] quando eu pego peso, quando eu puxo muito, porque eu trabalho muito com a direita, porque eu sou destra, então ele falou que é do ciático, dói aqui e desce aqui, vem da coluna né. Eu caí nesse dia aí, porque eu enrosquei o pé na alça do bag. E eu fui pisa no chão e perdi o controle, mas eu acho que foi a anestesia que deu a reação, sabe quando cê pisa, se eu tivesse sem o óculo podia dá tontura, mas num deu, porque eu tava com ele, aí eu fiz assim, eu fui passa daqui pra lá, a perna fez assim, perdi o equilíbrio. (6)	Tem sentido dores no corpo pelos esforços físicos que realiza na catação. O médico a disse que que a dor provém do nervo ciático. Relata também que caiu no chão, durante a discussão com o munícipe, pois enroscou o pé na bag, perdendo o equilíbrio. (6d)
Eu fui sexta feira só que eu fui. Aí eu comprei a dipirona, comprei... Qué vê o que eu comprei? Comprei um monte de bagulho que ele falo, que ele passo, comprei memo. Comprei esse daqui ó (mostrando os remédios tirados da mochila), não esse daqui é da vizinha que ela me deu. Comprei esse daqui. (7)	Relata que foi ao médico e comprou muitos medicamentos, ao mostrá-los, tirou também um que ganhara da vizinha. (7)
Agora eu preciso arrumá uma casa, porque aquela lá a mulher tá pedino, que eu ia sorta tudo, mas ela tá pedindo que ela qué a casa, então eu vô dá a casa pra ela, é dela, vô entregá. [...] Eu que sustento a casa. Tem dia que vai, o outro também vai, tem dia que qué, vai, e eu também não pego no pé, porque tá vendo que a coisa não tá fácil, e aí sem estudo piorô. Eu nem falo nada. Qué ir vai, porque se fosse pequenininho, eu levava, mas num é... Mas, aí tá bão. (8)	Ela que sustenta a casa, e seus filhos que decidem se querem ir à escola ou não, não fica pegando no pé, pois acha que não são mais pequeninos. (8)
A coleta representa bastante coisa né, o ganha pão nosso de cada dia, bastante coisa, é que tem gente que não dá importância, se você fô vê mesmo, tinha que dá importância mas num dá. E do resto tá tudo bem. (9)	A coleta seletiva solidária representa muita coisa, mas existem muitas pessoas que não a valorizam. (9)
F 28 Ah é que eu vi a pessoa passando em frente aqui o barracão né, e olhou só, num pegou nada e nem pois também que eu vi. Tava passando pelo jeito. Achei bonita a foto, uma imagem bonita a foto, tudo organizado, tudo arrumadinho.	Tirou a foto do barracão, e ressalta que ele estava todo limpo, o que fez da imagem bonita aos seus olhos. Diz também que o transeunte, não colocou nada no barracão, nem tirou, apenas olhou para ele. (10)

<p>Muito organizado, tá bonita essa foto aí. (10)</p>	
<p>F 29 Também tá muito bonita. Deve de tá fazendo caminhada, né? Muito bonita também, agora a gente tá mantendo arrumado também, né? Porque o DAAE queria fecha aqui. Aí aonde a gente ia troca de roupa, usa banheiro? Né? Não tem como. Ele queria fecha porque tavam colocando muito lixo aí também, alá madeira onde não é pra por. Entendeu? E tem gente que vinha dormi aqui, agora diminuiu mais, num tá vindo, num tá vindo. Já tem placa dizendo o que pode e o que num pode, mas num tá nem aí... Dá pra sabe que o espaço é da coleta seletiva. (11)</p>	<p>Diz que a fotografia está bonita, pois o local está arrumado, e tem sido mantido assim, pois o DAAE tinha interesse em retirar o barracão da cooperativa, alegando que estava sempre desarrumado. O que prejudicaria o grupo. Haviam pessoas dormindo alí dentro e bagunçando o local. Mas que agora pararam com isto, colocaram placa para avisar sobre a coleta. (11)</p>
<p>F 30. Ah o pessoal pegando os bag né, arrumano os bag pra trabalha. Arrumano os bag. É agora de manhã, ingual tá ali, arrumando os bag pra trabalha, faze as rua. Uma ajuda a outra. Num é muito fácil não, quando tá tudo com os fundo bão, ainda vai lá, quando tem que amarrá os bag, eu amarro no meio da rua, dô uma parada e amarro. Se não cai tudo, eles num guenta o asfalto, asfalto né, come tudo. Então a gente amarra tudo. Achei bonita foto, arrumando tudo. Bonito né? (12)</p>	<p>As participantes cooperam umas com as outras na arrumação das bags. Muitas vezes não é fácil esta organização, pois as bags se estragam nas ruas, pelo arraste, e há necessidade de amarrá-las. (12)</p>
<p>Ah, que todo mundo tem que tê consciência do que é a coleta seletiva, do que é lixo, do que num é, deu rolo comigo co cara lá por causa disso, porque eu catei as caixa cheia de fralda de merda de criança e levei pra ele vê, ele num gostou. Ele queimou o pé comigo, só que ele levo sorte que fui eu, porque se ele pega outro que é explosivo, já tinha dado mais coisa, né? Ah tinha. Aí ele mandou eu praquele lugar tudo, daí eu, ah... Deixa que manda. Ele num é nem síndico, se ele fosse síndico tava na rua tamém. Piorô porque ele num é tamém, ele é da firma terciarizada, então porque ele tá se doendo? Se ele como porteiro, num é cargo dele? Ele num tem que dá palpite,</p>	<p>Há um descaso com as ações das catadoras, como no caso que relata de ter recebido desaforo por ter ido avisar um funcionário de um prédio para que separasse os recicláveis de outros resíduos. (13)</p>

<p>ele tem que pega e fazê certo. Aí eu fiquei queta. (13)</p>	
<p>Prédio ali da quatorze a coleta é tudo lavada. Tudo, aquelas vasilha de leite, requeijão, vasilha de comida, sabe aqueles negócio de... é... Aqueles negócio descartável lá, de... papel alumínio, tudo lavado, eles põe o reciclável tudo pra cá e as coisa do caminhão leva, que é o caminhão do lixo do lado de lá. Então que dize o que, que ali cê só tem o trabalho, de por no bag e leva, num precisa abri nada, tá tudo aberto, eu vô catando e vô jogando. É rapidinho, aqui na quatorze, pra lá do fórum, só dá grã fino ali hein, deixa tudo em ordem. (14)</p>	<p>Há lugares que os recicláveis estão prontos para a coleta, como em alguns prédios, Margarida cita um que existe na rua 14. (14)</p>
<p>Aonde eu fui aí, mistura tudo né, joga tudo pro chão, acho que é o seguinte, se você vai cata o que cê qué, então deixa organizado pro outro que vai vim catá o resto, que nem na rua, tem um monte de coleta na rua, os catador, cata só o que interessa, tem muita gente que fala isso pra mim também ó, Margarida, se eles levasse tudo eu num ia nem faze questão, mas eles vão fazê assim, e realmente, e joga tudo pro chão. Uma vez na treze, tava latinha na bag eu acho, tava latinha, aí eu tava lá pra frente, e o bag tava caído, aí eu olhei pra traz, alguém deve tê mexido, tava tudo esparramado, eu vortei pra traz, pra treze e catei tudo, eu tava lá na frente e voltei pra traz, aí eu peguei e puz tudo num bag, num é bag deste tamanho, é um pouco maior, tudo no chão, fui lá catei e arrumei. Porque a pessoa qué o que interessa, latinha, ferro, num sei o que, num sei o que, panela, né agora, cata, catô... Mais num bagunça tudo né. Muita gente tem reclamação por causa disso, que o catador vai e cata o que interessa, o resto ele larga ali. (15)</p>	<p>Existem catadores independentes que remexem as bags para catarem o que interessa à eles, como latinhas e metais, e muitos, nesta atividade esparramam o que foi coletado pelas catadoras nas bags. Margarida, chama a atenção para que estas pessoas, se quiserem revirar as bags, assim o façam, mas não sujem as ruas. Diz de uma vez que retornou catando recicláveis, em um trajeto todo que já havia realizado a coleta, pois quando os resíduos se esparramam pelo chão, muitos munícipes reclamam, ligando para a cooperativa. (15)</p>
<p>Ó no Universal (bairro), uma vez tamém, eu tava catano, aí o cara foi lá pra pega, aí o home falou assim, se ocê fô pega alguma coisa, cê leva tudo ou então cê não leva nada, aí ele falou assim pro dono lá, é, só que... Aí o dono falou de mim, ele falou: É então, ela ali vai leva tudo, eu, ele falou assim pro dono da</p>	<p>Relata de uma situação sofrida com uma discussão entre um morador e um catador informal. Ela diz que esperava o catador independente levar o que lhe interessava, quando o dono dos recicláveis, que acabara de os levar à frente de sua casa, impediu o catador os pegar, alegando que ele não levaria todos os materiais</p>

<p>casa, só que ela tem um salário fixo, aí ele falou assim pro cara, então porque que cê tamém num arruma um serviço e num trabalha? Eu ví que ia sai tapa, eu peguei ih ó (gesto com as mãos, de ir embora), e falei, se ele leva tudo, eu não vô pegá. Aí a mulher do dono vinha vindo, e falô, não! Deixa bem, ele leva, a muié do dono da casa. Pra num arruma confusão, pra num arruma pra cabeça. Porque o home tava engrossando com o cara lá, eu, cê pega e leva tudo, ou então num leva nada. E a mulhé do home chego: Não bem, deixa ele que leva. Sorte do cara foi a mulhé hein, ia dá um barraco ali hunm... Eu vi ele na minha frente, falei, vô vê né, se ele vai pega tudo. Só tava esperando pra num arrumá rolo. Pra num arrumá rolo por causa disso, segunda vez. (16)</p>	<p>dispostos, e se quisesse os recicláveis que fosse trabalhar na cooperativa. O catador independente alegou que Margarida tinha um salário fixo. Neste momento a esposa do morador apareceu e apaziguou os ânimos dos dois homens. Margarida apenas observou a situação, mas não se impôs frente o catador autônomo. (16)</p>
<p>Primeira vez foi lá ná... Nos estudante, ah o cara ficou fudido comigo, ficou memo, levei as cacha cheia de fralda de merda lá ele num gostou, e trouxe a caixa de vorta, levei e trouxe, levei pra ele vê e trouxe de volta, aí ele pego e pediu o telefone da firma, eu passei o telefone pra ele, porque ele achou que eu num ia tê corage de passa pelo que eu entendi. Aí eu tamém... O nome da firma é essa. E aí eu falei, meu encarregado mora aqui embaixo, cê qué que eu vô lá tamém? Falei, cê que sabe... Porquê se ele fosse um pouco calmo, ele podia fala não, cê tá certa, da outra vez eu vô fazê melhor pra você assim, assim, assim. Ele já mandô eu toma no nariz e eu num gostei do negócio, que eu acho que ocê deve trata as pessoa com educação, sem recebe tamém, entendeu? Mas já que ele num quis, e ele num qué mais eu lá não, ele num vai dá coleta mais. Eu fui fala pra ele, se ele não é porteiro, por quê que ele tava no lugar do porteiro tamém? Qué dizê, ele ia pô no meu nariz, eu ia pô no nariz dele, eu falei: Escuta, por quê que ele num é porteiro ele tá se doeno, se eu vim pra conversa com o sindico? Num era com ele o negócio, era com o outro. Num tô nem vendo. Se fô pra assina uma</p>	<p>Diz de uma situação em uma escola, em que um zelador terceirizado misturou os recicláveis junto com resíduos perecíveis, e de sanitários. E que não teve êxito no diálogo com o funcionário, que a agrediu verbalmente e a quis prejudicar. Disse também que assinaria uma advertência se fosse preciso, mas que isso acarretaria em retaliação por parte dela, mudando sua atitude de cuidado ao catar os recicláveis, separando material por material, os recicláveis daqueles não são. (17)</p>

<p>advertência, eu falo pro dirigente, então é o seguinte, na hora que ele fala pra bota merda pra pô no bag, eu vô pega e soca tudo, aí chega lá, cês resorve lá. (17)</p>	
<p>Por que a gente faz o possível pra separá, porque tem gente que põe chinelo, papel higiênico, bolsa, eu vô catá, cê entendeu, pra num arrumá furduncio tamém, mais daí eu ponho tudo a parte, eu ponho numa sacola e ponho do lado. Porque tem gente, não, tem gente que realmente dá tudo lavado, tem uma madame tamém na quatorze, cê que vê, cê sobe, pá treze e entra tipo numa ruinha assim, sabe, tipo de um bequinho, lá no final da quatorze. Aí cê já sai lá naquela outra rua, a casa da muié é de esquina, e é madame hein, pois a recicla dela é tudo lavada, ela dá a coleta e fala o Rô, cê espera aí que eu vô pega lanche pro cê tamém, lanche e suco. E é madame hein, sabe que ela não fala bem o português, é meio puxado, cê vê que ela num é daqui, uma loirona brancona. Ela tá vendendo a casa dela lá, ela falo que compra Rô, mai nem se eu fazê tráfico de droga, compra uma casa dessa. Aí ela deu risada. Uma casa muito chic a dela, e é de esquina, sabe, cê vê sabe aquelas, tipo num é ardósia, é tipo uma pedra que eles põe muito bonita, é uma coisa fina memo, muito bonita a casa da mulher. E ela toda vez que eu vô ali, cata as recicla dela é tudo lavada. Tudo lavada. Tem gente que eu vô te conta viu. (18)</p>	<p>Relata que o grupo faz o possível para separar os recicláveis daquilo que não é, pois a população ainda coloca materiais que não são próprios à reciclagem. Diz de uma moradora, que do dia a dia da catação, se relaciona, e que ela apesar de ter uma casa grande, separa corretamente seus resíduos. (18)</p>
<p>Porque tem gente que faz as coisa com gosto, tem outras que já num faz, faz só por interesse. Então a coisa já não vira, é... Ele falo pra mim... O cara falo assim, é se não tá contente pede a conta, aí eu falei pra ele, então, se ocê num fizé a coisa com vontade a coisa também não anda. Ou ele também não gostou por causa disso né, mai num tô nem vendo. Agora, se ocê tá na rua pro cê cata o lixo perecível, então cê vai cata o perecível, cê num vai meche com o reciclável, se ocê tá pra cata o reciclável, cê vai cata o reciclado. (19)</p>	<p>Há uma implicação mútua na atividade da coleta seletiva, que é a reciprocidade entre moradores e catadores na separação dos recicláveis, pois ambos tem de realizar de modo correto, e Margarida alerta isto ao homem que a insultou, dizendo que a infelicidade da não separação não era falta dela, pois as coisas podem não ser assim, pensamento diferente do que o rapaz à recomendou, dizendo à ela pedir a conta se estivesse insatisfeita. (19)</p>
<p>Ó uma vez eu tava numa rua aqui</p>	<p>Relata que encontra objetos na</p>

<p>embaixo tamém, pusero a parte um saco de arroz, comida de gato num saco fechado, eu falei tô co Policarpo vô leva pra ele, era Whiska, o gato lavo a égua. Era ração memo, das boa, era Whiska, eu levei pra ele, ele comeu. Cê vê as coisa cá que o povo joga, e os perfume que o povo põe tamém, esses creme, andei catando um pouco, mas eu não posso usa o protetor, porque me dá coceira. É creme da Boticário, da Natura, do Avon sabe, é muita coisa. Sabe que eu catei né, eu catei e levo pra mim, aí se eu num usa ni mim, eu uso pra passa pano, ponho um pouco no banheiro depois que lava, ponho um poco na roupa pra bate na máquina, assim, os perfume né... Aí ajuda né, um perfume gostoso, xeroso. (20)</p>	<p>reciclagem bons para uso, e que os utiliza na medida do possível, como uma vez que encontrou ração boa para seu gato, e aproveitou para o levar, além de outras coisas como perfumes, que se até mesmo não a agrada para uso pessoal, os utiliza para limpeza, reinventando o uso. (20)</p>
<p>Eu junto, ganhei um espremedor tamém, que tá funcionando, ganhei, a Aurora ganhou não quis e me deu, aí a mulher ligou e tá funcionando, então que dizê, tirano a parte que tem hora que dá vontade de voa nos pescoço dos outro, mas tem coisa boa tamém. Entendeu? Mai que o cara ficou fudido comigo, ficou hein, huuu... Ah ficou... Mais parte boa. (21)</p>	<p>Relata que ganha muitas coisas na coleta e chega a juntar algumas, cita uma situação que ganhou um espremedor de laranja funcionando da amiga catadora, que também havia ganho de uma moradora, mas não o quis. Com isto, diz que existem momentos bons com a população e outros nem tanto. (21)</p>
<p>Agora eu preciso arruma uma casa e entrega aquela casa alí pra véia, porque ela vai pô no advogado, eu falei pra num pô que eu já tô saindo, ela vai por... Ela que sabe, qué por põe. Eu vô sai dali do mesmo jeito, num tem problema. Ah gosto, mas num falo questão não, se tiver um outro lugar pra mora eu tamém moro, num sô assim. Podia pega aquelas casa lá da prefeitura, mas num consegui, porque eu me inscrevi agora, há pouco tempo, eu num sabia que tinha que renova e num peguei, eu num peguei, fiquei sem, dizem que teve gente que invadiu né, eu num queria invadi, eu queria fazê tudo organizado, entendeu? (22)</p>	<p>Fala da responsabilidade que possui em cuidar de sua casa, pagando os aluguéis, mas que mesmo assim, procura sair da morada, irá tentar pegar as casas da prefeitura, já se inscreveu para ser sorteada e que haviam pessoas invadindo as casas, mas deste modo não se interessa, quer fazer de modo organizado. (22)</p>

Entrevista Raissa – Análise Ideográfica

Unidade de significado	Redução Fenomenológica
-------------------------------	-------------------------------

<p>Da minha vida? Ah eu larguei do meu marido, tô sozinha, tá tudo danado, vô sai dali também, porque a mulher que a casa, que ela disse que vai pôr o sobrinho, o neto, sei lá quem, que é advogado, pra tira eu dali. Eu tô vendo algum outro lugar, nem que fô pra guarda as coisa e a gente dormi em outro canto. Que eu dei uma atrasada no aluguel, né? Só eu trabalhando, quando o meu marido tava comigo, ele também não ajudo e atraso tudo, mai num tem problema não, fazia dezessete ano que tava junto, aí eu larguei. Eu larguei, aí nós voltamo ano passado, e agora eu larguei de novo, eu não quero mais não. Pra aguenta, carrega a casa sozinha eu carrego, aguenta ele do lado e num faze nada eu carrego sozinha. Ele é pai da Tainara e do Mathias. (1)</p>	<p>Ao dizer de sua vida, relata que largou do marido após ter tentado reatar por uma segunda vez a relação, e que está passando por dificuldades com sua casa, pois será despejada por não ter pago alguns meses de aluguel. Só ela trabalha na casa, e seu marido não a ajudava nas despesas, por isso prefere ficar só do que com o pai de dois de seus filhos. (1)</p>
<p>Eu não nasci aqui, eu nasci em Leme, fui criada aqui. Eu vim com sete anos, minha mãe morreu eu tinha sete, quando acabo de morre, a minha vô escreveu pra cá, pra minha tia daqui busca eu lá. Que eu ia ser adotada por uma pessoa muito bem de vida, mas a pessoa queria eu, e não a minha irmã, entendeu? Então pra fica uma rica e uma pobre, fico as duas na merda. Eu ia se adotada por gente bem de vida memo, aí eu fiquei pobre, como cê vê, a gente é pobre. É... mas eu, era pra tê um estudo bom, assim, se fosse pra eu pega pra estuda, ou tivesse ficado lá também, era pra eu tê uma faculdade boa. Minha irmã morreu também, morava com meu sobrinho que vai fazê 14, faz três ano agora... Morreu de pingaiada, de cirrose, ela tinha 53, eu tenho 46, ela 53. É... eu estudei até a oitava série, parei no primeiro, parei na oitava. Tenho três filhos, o Rúbens, Wesley e Adriana, de 17, 16, e Tainara vai fazê 12 no meio do ano, que ela é de junho. É isso aí, tá comigo os três. (2)</p>	<p>Nasceu em outra cidade, Leme, e como sua mãe morrera quando ela tinha 7 anos, precisou ser adotada pela tia que morava aqui em Araraquara. Relata que seria adotada por uma família rica, mas como só queriam ela, não sua irmã, as duas ficaram com a tia, que também não possui uma condição financeira favorável a um bom cuidado para educação das duas. Sua irmã morreu de cirrose, por vício ao álcool, e deixou seu sobrinho de 3 anos. Diz que tem 46 anos e que estudou até a oitava série, e possui três filhos, de 17, 16 e 12 anos respectivamente, e que moram com ela.</p>
<p>Com sete ano eu vim pra Araraquara, a gente moro no Melhado e depois nois fomo pro Selmi Dei, porque minha tia pegou casa no Selmi Dei. Fui criada no Selmi Dei bem dizê, quando tinha só os três, primeiro setor, o um, o dois e o três.</p>	<p>Veio para Araraquara com 7 anos, e sempre morou no bairro de periferia do município, Selmi Dei. Ela não casou, apenas morou junto, mas se arrepende disto, e teria vivido só, pois vê muito trabalho e conflito no casamento. Teve</p>

<p>Faz tempo que eu tenho ali, então eu morei ali. Eu num casei, eu morei junto... Se arrependimento matasse, eu num tinha ajuntado era nada, tinha ficado sozinha, eu hein, de bucha... Muito rolo, dor de cabeça, né? Então eu sai. O primeiro, o Rúbens com o Zéca, o Jurandir com a Adriana, do Cido. Eu nasci em três do quatro de 71. (3)</p>	<p>dois companheiros, o primeiro que lhe deu um filho, e outro, que lhe deu dois. Relata também que nasceu no dia 03 de abril de 1971. (3)</p>
<p>Eu já trabalhei aqui uma vez, eu peguei e saí, porque eu fui cuidadora de idoso, né? Aí eu saí, como eu tinha arrumado. Aí depois o véio morreu, eu vortei pra cá de novo. Primeira vez que eu trabalhei aqui eu fiquei seis mês, agora já vai fazê um ano, janeiro, fevereiro, março abril, maio, um ano e quatro meis. Passo rapidim. Eu vim arrumá um serviço aqui embaixo com uma mulher, a mulher já tinha arrumado, aí a Raquel falou: Conversa com a Raísa, Margarida, vê se tá pegando! Aí a Raísa falô que tava precisando, aí eu fiquei. Sai porque eu tinha arrumado serviço de cuidadora de idoso. Tenho registro na carteira, eu não fiz curso, assumi sem nada, peguei direto. (4)</p>	<p>Já trabalhou na coleta seletiva em outro momento, durante 6 meses, mas como pode trabalhar como cuidadora de idoso, apesar de não ter curso, tem o registro deste trabalho na carteira, e acabou saindo, e voltando há um ano quando o idoso que cuidava faleceu. Uma amiga catadora a disse para conversar com a coordenadora do grupo e assim conseguiu o emprego. (4)</p>
<p>Ah representa muita coisa né, porque é uma coisa que tem gente que não dá valor, cê ocê para pra pensa, tinha que se... Tinha que dá mais valor pra isso, porquê, do que pra outras coisa, se você for ver mesmo tinha que dá valor pra isso. Tem gente que não tá nem aí, mistura lixo de banheiro com recicla, mistura fralda, papel higiênico sabe, vira um balaio de gato. Então, quê dizê? Eu cato as coleta de certo lugar, eu abro tudo, que nem, quando eu tô na 14 aqui, tem aquele prédio alto da quatorze. Ali mesmo ali, é tudo separado ali, cê entra ali é assim ó, aqui é lixo perecível, e pra cá é a coleta, então qué dizê, ali é tudo limpinho, eu abro memo e devolvo tudo o saco pra mulhé, tudo com a boca aberta só vô virando na bag, ali é rapidinho. Agora, lá onde eu fui que o cara xingou, fui leva pra ele vê, ele num gostou, falo que se eu num tive contente: Pede a conta! Aí ele mandou eu toma no nariz,</p>	<p>A coleta seletiva representa muita coisa, mas tem muitas pessoas que não valorizam, misturando resíduos perecíveis junto aos recicláveis. Relata que em sua ação de catar os recicláveis, abre os sacos para ver o que há, e separar na medida do possível, o que é reciclável daquilo que não é. Cita o exemplo de um prédio em que os recicláveis são muito bem separados, e de outro lugar em que foi agredida verbalmente, por buscar conversar com o cidadão que entregou resíduos não recicláveis para ela, ficando desconcertada com a situação. (5)</p>

<p>eu já ia taca a caixa na cara dele, aí eu deixei quieto, saí andando. (5)</p>	
<p>[...] quando eu pego peso, quando eu puxo muito, porque eu trabalho muito com a direita, porque eu sou destra, então ele falou que é do ciático, dói aqui e desce aqui, vem da coluna né. Eu caí nesse dia aí, porque eu enrosquei o pé na alça do bag. E eu fui pisa no chão e perdi o controle, mas eu acho que foi a anestesia que deu a reação, sabe quando cê pisa, se eu tivesse sem o óculo podia dá tontura, mas num deu, porque eu tava com ele, aí eu fiz assim, eu fui passa daqui pra lá, a perna fez assim, perdi o equilíbrio. (6)</p>	<p>Tem sentido dores no corpo pelos esforços físicos que realiza na catação. O médico a disse que que a dor provém do nervo ciático. Relata também que caiu no chão, durante a discussão com o munícipe, pois enroscou o pé na bag, perdendo o equilíbrio. (6d)</p>
<p>Eu fui sexta feira só que eu fui. Aí eu comprei a dipirona, comprei... Qué vê o que eu comprei? Comprei um monte de bagulho que ele falo, que ele passo, comprei memo. Comprei esse daqui ó (mostrando os remédios tirados da mochila), não esse daqui é da vizinha que ela me deu. Comprei esse daqui. (7)</p>	<p>Relata que foi ao médico e comprou muitos medicamentos, ao mostrá-los, tirou também um que ganhara da vizinha. (7)</p>
<p>Agora eu preciso arrumá uma casa, porque aquela lá a mulher tá pedino, que eu ia sorta tudo, mas ela tá pedindo que ela qué a casa, então eu vô dá a casa pra ela, é dela, vô entregá. [...] Eu que sustento a casa. Tem dia que vai, o outro também vai, tem dia que qué, vai, e eu também não pego no pé, porque tá vendo que a coisa não tá fácil, e aí sem estudo piorô. Eu nem falo nada. Qué ir vai, porque se fosse pequenininho, eu levava, mas num é... Mas, aí tá bão. (8)</p>	<p>Ela que sustenta a casa, e seus filhos que decidem se querem ir à escola ou não, não fica pegando no pé, pois acha que não são mais pequeninos. (8)</p>
<p>A coleta representa bastante coisa né, o ganha pão nosso de cada dia, bastante coisa, é que tem gente que não dá importância, se você fô vê mesmo, tinha que dá importância mas num dá. E do resto tá tudo bem. (9)</p>	<p>A coleta seletiva solidária representa muita coisa, mas existem muitas pessoas que não a valorizam. (9)</p>
<p>F 31 Ah é que eu vi a pessoa passando em frente aqui o barracão né, e olhou só, num pegou nada e nem pois também que eu vi. Tava passando pelo jeito. Achei bonita a foto, uma imagem bonita a foto, tudo organizado, tudo arrumadinho.</p>	<p>Tirou a foto do barracão, e ressalta que ele estava todo limpo, o que fez da imagem bonita aos seus olhos. Diz também que o transeunte, não colocou nada no barracão, nem tirou, apenas olhou para ele. (10)</p>

<p>Muito organizado, tá bonita essa foto aí. (10)</p>	
<p>F 32 Também tá muito bonita. Deve de tá fazendo caminhada, né? Muito bonita também, agora a gente tá mantendo arrumado também, né? Porque o DAAE queria fecha aqui. Aí aonde a gente ia troca de roupa, usa banheiro? Né? Não tem como. Ele queria fecha porque tavam colocando muito lixo aí também, alá madeira onde não é pra por. Entendeu? E tem gente que vinha dormi aqui, agora diminuiu mais, num tá vindo, num tá vindo. Já tem placa dizendo o que pode e o que num pode, mas num tá nem aí... Dá pra sabe que o espaço é da coleta seletiva. (11)</p>	<p>Diz que a fotografia está bonita, pois o local está arrumado, e tem sido mantido assim, pois o DAAE tinha interesse em retirar o barracão da cooperativa, alegando que estava sempre desarrumado. O que prejudicaria o grupo. Haviam pessoas dormindo alí dentro e bagunçando o local. Mas que agora pararam com isto, colocaram placa para avisar sobre a coleta. (11)</p>
<p>F 33 Ah o pessoal pegando os bag né, arrumano os bag pra trabalha. Arrumano os bag. É agora de manhã, ingual tá ali, arrumando os bag pra trabalha, faze as rua. Uma ajuda a outra. Num é muito fácil não, quando tá tudo com os fundo bão, ainda vai lá, quando tem que amarrá os bag, eu amarro no meio da rua, dô uma parada e amarro. Se não cai tudo, eles num guenta o asfalto, asfalto né, come tudo. Então a gente amarra tudo. Achei bonita foto, arrumando tudo. Bonito né? (12)</p>	<p>As participantes cooperam umas com as outras na arrumação das bags. Muitas vezes não é fácil esta organização, pois as bags se estragam nas ruas, pelo arraste, e há necessidade de amarrá-las. (12)</p>
<p>Ah, que todo mundo tem que tê consciência do que é a coleta seletiva, do que é lixo, do que num é, deu rolo comigo co cara lá por causa disso, porque eu catei as caixa cheia de fralda de merda de criança e levei pra ele vê, ele num gostou. Ele queimou o pé comigo, só que ele levo sorte que fui eu, porque se ele pega outro que é explosivo, já tinha dado mais coisa, né? Ah tinha. Aí ele mandou eu praquele lugar tudo, daí eu, ah... Deixa que manda. Ele num é nem síndico, se ele fosse síndico tava na rua tamém. Piorô porque ele num é tamém, ele é da firma terciarizada, então porque ele tá se doendo? Se ele como porteiro, num é cargo dele? Ele num tem que dá palpite,</p>	<p>Há um descaso com as ações das catadoras, como no caso que relata de ter recebido desaforo por ter ido avisar um funcionário de um prédio para que separasse os recicláveis de outros resíduos. (13)</p>

<p>ele tem que pega e fazê certo. Aí eu fiquei queta. (13)</p>	
<p>Prédio ali da quatorze a coleta é tudo lavada. Tudo, aquelas vasilha de leite, requeijão, vasilha de comida, sabe aqueles negócio de... é... Aqueles negócio descartável lá, de... papel alumínio, tudo lavado, eles põe o reciclável tudo pra cá e as coisa do caminhão leva, que é o caminhão do lixo do lado de lá. Então que dize o que, que ali cê só tem o trabalho, de por no bag e leva, num precisa abri nada, tá tudo aberto, eu vô catando e vô jogando. É rapidinho, aqui na quatorze, pra lá do fórum, só dá grã fino ali hein, deixa tudo em ordem. (14)</p>	<p>Há lugares que os recicláveis estão prontos para a coleta, como em alguns prédios, Margarida cita um que existe na rua 14. (14)</p>
<p>Aonde eu fui aí, mistura tudo né, joga tudo pro chão, acho que é o seguinte, se você vai cata o que cê qué, então deixa organizado pro outro que vai vim catá o resto, que nem na rua, tem um monte de coleta na rua, os catador, cata só o que interessa, tem muita gente que fala isso pra mim também ó, Margarida, se eles levasse tudo eu num ia nem faze questão, mas eles vão fazê assim, e realmente, e joga tudo pro chão. Uma vez na treze, tava latinha na bag eu acho, tava latinha, aí eu tava lá pra frente, e o bag tava caído, aí eu olhei pra traz, alguém deve tê mexido, tava tudo esparramado, eu vortei pra traz, pra treze e catei tudo, eu tava lá na frente e voltei pra traz, aí eu peguei e puz tudo num bag, num é bag deste tamanho, é um pouco maior, tudo no chão, fui lá catei e arrumei. Porque a pessoa qué o que interessa, latinha, ferro, num sei o que, num sei o que, panela, né agora, cata, catô... Mais num bagunça tudo né. Muita gente tem reclamação por causa disso, que o catador vai e cata o que interessa, o resto ele larga ali. (15)</p>	<p>Existem catadores independentes que remexem as bags para catarem o que interessa à eles, como latinhas e metais, e muitos, nesta atividade esparramam o que foi coletado pelas catadoras nas bags. Margarida, chama a atenção para que estas pessoas, se quiserem revirar as bags, assim o façam, mas não sujem as ruas. Diz de uma vez que retornou catando recicláveis, em um trajeto todo que já havia realizado a coleta, pois quando os resíduos se esparramam pelo chão, muitos munícipes reclamam, ligando para a cooperativa. (15)</p>
<p>Ó no Universal (bairro), uma vez tamém, eu tava catano, aí o cara foi lá pra pega, aí o home falou assim, se ocê fô pega alguma coisa, cê leva tudo ou então cê não leva nada, aí ele falou assim pro dono lá, é, só que... Aí o dono falou de mim, ele falou: É então, ela ali vai leva tudo, eu, ele falou assim pro dono da</p>	<p>Relata de uma situação sofrida com uma discussão entre um morador e um catador informal. Ela diz que esperava o catador independente levar o que lhe interessava, quando o dono dos recicláveis, que acabara de os levar à frente de sua casa, impediu o catador os pegar, alegando que ele não levaria todos os materiais</p>

<p>casa, só que ela tem um salário fixo, aí ele falou assim pro cara, então porque que cê tamém num arruma um serviço e num trabalha? Eu ví que ia sai tapa, eu peguei ih ó (gesto com as mãos, de ir embora), e falei, se ele leva tudo, eu não vô pegá. Aí a mulher do dono vinha vindo, e falô, não! Deixa bem, ele leva, a muié do dono da casa. Pra num arruma confusão, pra num arruma pra cabeça. Porque o home tava engrossando com o cara lá, eu, cê pega e leva tudo, ou então num leva nada. E a mulhé do home chego: Não bem, deixa ele que leva. Sorte do cara foi a mulhé hein, ia dá um barraco ali hunm... Eu vi ele na minha frente, falei, vô vê né, se ele vai pega tudo. Só tava esperando pra num arrumá rolo. Pra num arrumá rolo por causa disso, segunda vez. (16)</p>	<p>dispostos, e se quisesse os recicláveis que fosse trabalhar na cooperativa. O catador independente alegou que Margarida tinha um salário fixo. Neste momento a esposa do morador apareceu e apaziguou os ânimos dos dois homens. Margarida apenas observou a situação, mas não se impôs frente o catador autônomo. (16)</p>
<p>Primeira vez foi lá ná... Nos estudante, ah o cara ficou fudido comigo, ficou memo, levei as cacha cheia de fralda de merda lá ele num gostou, e trouxe a caixa de vorta, levei e trouxe, levei pra ele vê e trouxe de volta, aí ele pego e pediu o telefone da firma, eu passei o telefone pra ele, porque ele achou que eu num ia tê corage de passa pelo que eu entendi. Aí eu tamém... O nome da firma é essa. E aí eu falei, meu encarregado mora aqui embaixo, cê qué que eu vô lá tamém? Falei, cê que sabe... Porquê se ele fosse um pouco calmo, ele podia fala não, cê tá certa, da outra vez eu vô fazê melhor pra você assim, assim, assim. Ele já mandô eu toma no nariz e eu num gostei do negócio, que eu acho que ocê deve trata as pessoa com educação, sem recebe também, entendeu? Mas já que ele num quis, e ele num qué mais eu lá não, ele num vai dá coleta mais. Eu fui fala pra ele, se ele não é porteiro, por qué que ele tava no lugar do porteiro tamém? Qué dizê, ele ia pô no meu nariz, eu ia pô no nariz dele, eu falei: Escuta, por qué que ele num é porteiro ele tá se doeno, se eu vim pra conversa com o sindico? Num era com ele o negócio, era com o outro. Num tô nem vendo. Se fô pra assina uma</p>	<p>Diz de uma situação em uma escola, em que um zelador terceirizado misturou os recicláveis junto com resíduos perecíveis, e de sanitários. E que não teve êxito no diálogo com o funcionário, que a agrediu verbalmente e a quis prejudicar. Disse também que assinaria uma advertência se fosse preciso, mas que isso acarretaria em retaliação por parte dela, mudando sua atitude de cuidado ao catar os recicláveis, separando material por material, os recicláveis daqueles não são. (17)</p>

<p>advertência, eu falo pro dirigente, então é o seguinte, na hora que ele fala pra bota merda pra pô no bag, eu vô pega e soca tudo, aí chega lá, cês resorve lá. (17)</p>	
<p>Por que a gente faz o possível pra separá, porque tem gente que põe chinelo, papel higiênico, bolsa, eu vô catá, cê entendeu, pra num arrumá furduncio tamém, mais daí eu ponho tudo a parte, eu ponho numa sacola e ponho do lado. Porque tem gente, não, tem gente que realmente dá tudo lavado, tem uma madame tamém na quatorze, cê que vê, cê sobe, pá treze e entra tipo numa ruinha assim, sabe, tipo de um bequinho, lá no final da quatorze. Aí cê já sai lá naquela outra rua, a casa da muié é de esquina, e é madame hein, pois a recicla dela é tudo lavada, ela dá a coleta e fala o Rô, cê espera aí que eu vô pega lanche pro cê tamém, lanche e suco. E é madame hein, sabe que ela não fala bem o português, é meio puxado, cê vê que ela num é daqui, uma loirona brancona. Ela tá vendendo a casa dela lá, ela falo que compra Rô, mai nem se eu fazê tráfico de droga, compra uma casa dessa. Aí ela deu risada. Uma casa muito chic a dela, e é de esquina, sabe, cê vê sabe aquelas, tipo num é ardósia, é tipo uma pedra que eles põe muito bonita, é uma coisa fina memo, muito bonita a casa da mulher. E ela toda vez que eu vô ali, cata as recicla dela é tudo lavada. Tudo lavada. Tem gente que eu vô te conta viu. (18)</p>	<p>Relata que o grupo faz o possível para separar os recicláveis daquilo que não é, pois a população ainda coloca materiais que não são próprios à reciclagem. Diz de uma moradora, que do dia a dia da catação, se relaciona, e que ela apesar de ter uma casa grande, separa corretamente seus resíduos. (18)</p>
<p>Porque tem gente que faz as coisa com gosto, tem outras que já num faz, faz só por interesse. Então a coisa já não vira, é... Ele falo pra mim... O cara falo assim, é se não tá contente pede a conta, aí eu falei pra ele, então, se ocê num fizé a coisa com vontade a coisa também não anda. Ou ele também não gostou por causa disso né, mai num tô nem vendo. Agora, se ocê tá na rua pro cê cata o lixo perecível, então cê vai cata o perecível, cê num vai meche com o reciclável, se ocê tá pra cata o reciclável, cê vai cata o reciclado. (19)</p>	<p>Há uma implicação mútua na atividade da coleta seletiva, que é a reciprocidade entre moradores e catadores na separação dos recicláveis, pois ambos tem de realizar de modo correto, e Margarida alerta isto ao homem que a insultou, dizendo que a infelicidade da não separação não era falta dela, pois as coisas podem não ser assim, pensamento diferente do que o rapaz à recomendou, dizendo à ela pedir a conta se estivesse insatisfeita. (19)</p>
<p>Ó uma vez eu tava numa rua aqui</p>	<p>Relata que encontra objetos na</p>

<p>embaixo tamém, pusero a parte um saco de arroz, comida de gato num saco fechado, eu falei tô co Policarpo vô leva pra ele, era Whiska, o gato lavo a égua. Era ração memo, das boa, era Whiska, eu levei pra ele, ele comeu. Cê vê as coisa cá que o povo joga, e os perfume que o povo põe tamém, esses creme, andei catando um pouco, mas eu não posso usa o protetor, porque me dá coceira. É creme da Boticário, da Natura, do Avon sabe, é muita coisa. Sabe que eu catei né, eu catei e levo pra mim, aí se eu num usa ni mim, eu uso pra passa pano, ponho um pouco no banheiro depois que lava, ponho um poco na roupa pra bate na máquina, assim, os perfume né... Aí ajuda né, um perfume gostoso, xeroso. (20)</p>	<p>reciclagem bons para uso, e que os utiliza na medida do possível, como uma vez que encontrou ração boa para seu gato, e aproveitou para o levar, além de outras coisas como perfumes, que se até mesmo não a agrada para uso pessoal, os utiliza para limpeza, reinventando o uso. (20)</p>
<p>Eu junto, ganhei um espremedor tamém, que tá funcionando, ganhei, a Aurora ganhou não quis e me deu, aí a mulher ligou e tá funcionando, então que dizê, tirano a parte que tem hora que dá vontade de voa nos pescoço dos outro, mas tem coisa boa tamém. Entendeu? Mai que o cara ficou fudido comigo, ficou hein, huuu... Ah ficou... Mais parte boa. (21)</p>	<p>Relata que ganha muitas coisas na coleta e chega a ajuntar algumas, cita uma situação que ganhou um espremedor de laranja funcionando da amiga catadora, que também havia ganho de uma moradora, mas não o quis. Com isto, diz que existem momentos bons com a população e outros nem tanto. (21)</p>
<p>Agora eu preciso arruma uma casa e entrega aquela casa alí pra véia, porque ela vai pô no advogado, eu falei pra num pô que eu já tô saindo, ela vai por... Ela que sabe, qué por põe. Eu vô sai dali do mesmo jeito, num tem problema. Ah gosto, mas num falo questão não, se tiver um outro lugar pra mora eu tamém moro, num sô assim. Podia pega aquelas casa lá da prefeitura, mas num consegui, porque eu me inscrevi agora, há pouco tempo, eu num sabia que tinha que renova e num peguei, eu num peguei, fiquei sem, dizem que teve gente que invadiu né, eu num queria invadi, eu queria fazê tudo organizado, entendeu? (22)</p>	<p>Fala da responsabilidade que possui em cuidar de sua casa, pagando os aluguéis, mas que mesmo assim, procura sair da morada, irá tentar pegar as casas da prefeitura, já se inscreveu para ser sorteada e que haviam pessoas invadindo as casas, mas deste modo não se interessa, quer fazer de modo organizado. (22)</p>

E. Análise ideográfica - Rodas de Conversa

Roda de Conversa I – Análise ideográfica

Unidade de significado	Redução Fenomenológica
<p>Conrado: E quem são essas 3 crianças da foto?</p> <p>Aurora: Vai Nádila, fala, num é hora de chora não!</p> <p>Luiz: Olhe, Quem são essas crianças lindas?</p> <p>Nádila: Meus bebês.</p> <p>Paulina: Os herdeiros das contas.</p> <p>Luiz: E onde elas estão?</p> <p>Nádila: Na minha casa.</p> <p>Conrado: Gostei muito da imagem, ela tem movimento, as crianças não estão colocadas só centro da imagem, paradas ali.</p> <p>Luiz: Estão bem alegres.</p> <p>Nádila: Ó o tamanho do beijo do nego. Parece que a abeia picou o beicinho dele. (1)</p>	<p>A participante relata que os presentes na fotografia são seus filhos, indicando que serão herdeiros das contas bancárias abertas que ainda possuem contas a pagar. Ao olhar a imagem ressalta a beleza de um dos filhos, dizendo que parecia ter sido picado por uma abelha. Uma das participantes presentes na roda, remete a fotografia a um sentimento intenso, dizendo que criadora da foto não deveria chorar ao ver e falar sobre ela. (1)</p>
<p>Aurora: E essa foto aí Nádila o que representa pra você?</p> <p>Nádila: A união da família, o amor!</p> <p>Aurora: Mas aí tá faltando os outros dois aí...</p> <p>Luiz: A que está mais escondidinha, quem é?</p> <p>Nádila: A Maria Eduarda.</p> <p>Aurora: A arteira, terrorista. (2)</p>	<p>Descreve que a fotografia expressa a união familiar, condição que contem em si o significado do amor. Uma das participantes presente questiona a falta da presença dos pais da família. Ao ser questionada sobre uma das filhas presentes na fotografia a catadora ressalta que esta é uma criança arteira, expressando assim seu carinho pela filha. (2)</p>
<p>Conrado: Vocês que construíram a casa?</p> <p>Nádila: Foi, desde o chão assim. Teve que abrir vala, tudo com ele.</p> <p>Conrado: Vocês dois?</p> <p>Nádila: E algumas pessoas que ajudou, os amigos dele.</p> <p>Conrado: E o tijolo?</p> <p>Nádila: É, tava num terreno, no chão. É no Universal a casa.</p> <p>Conrado: E em quanto tempo vocês fizeram a casa?</p> <p>Nádila: Na verdade a gente ainda nem terminou, mas foi uns quatro meses. Mas</p>	<p>A participante relata que construiu a casa junto com o marido e amigos. Os materiais foram reutilizados de outras construções e doados conforme a necessidade e a boa vontade de outras pessoas que acabaram contribuindo. Tudo foi realizado com o auxílio e a presença de pessoas próximas, através de mutirões e doações e reaproveitamento de peças que chegaram a sobrar até mesmo, como os tijolos. Todos presentes na casa participaram, até mesmo os filhos. Ressaltou também que sentiu a falta de uma das amigas presentes na roda de</p>

<p>todo dia, saia do serviço já ia pra lá, com criança, com janta pra fazê. Foi sem parar. Final de semana nós nem saia, era só lá.</p> <p>Luiz: E a construção, foi difícil fazer, financeiramente?</p> <p>Nádila: Ah, num foi fácil, mas, você tipo assim, tem que dar o primeiro passo, dá o início, entendeu? Cê iniciando uma pessoa vê, ah! Eu tenho isso, aí ti dá, entendeu? E assim vai indo.</p> <p>Luiz: Então teve muita gente contribuindo?</p> <p>Nádila: Teve muita ajuda.</p> <p>Luiz: E o trabalho?</p> <p>Nádila: De final de semana tinha o mutirão, aí a gente fazia o churrasco, entendeu, ia fazendo a casa e comendo, era só alegria haha! Até meu menininho ajudava, quando nós ía vê, num tem aqueles balde de água? A criança já tinha entrada, até a cachorra indo junto. Tipo assim, num tem a antiga Cideral? A gente começou lá, foi limpar os tijolo, entendeu? Foi desde lá, aí ía um monte de gente limpar tijolo, aí cara deu o caminhão pa leva o os tijolo, aí a gente foi começando a mexer no terreno. Aí ele trabalhava na Bertato e ganhou terra, aí foi onde a gente começou, entendeu, a mexer lá.</p> <p>Luiz: E o próprio tijolo vocês fizeram reaproveitamento?</p> <p>Nádila: Desde o tijolo, nossa mai limpamo tijolo hein, e ainda sobrou um monte.</p> <p>Conrado: E todos juntos, amigos?</p> <p>Nádila: Amigo, família, só a Aurora que não foi. (3)</p>	<p>conversa. (3)</p>
<p>Conrado: Nádila, você quer ressaltar alguma coisa nas fotos, nas primeiras e nestas?</p> <p>Nádila: Se eu queria ressaltar alguma coisa? Que eu amo meus filho, que tipo assim, eles são tudo, são a minha razão de viver, entendeu?</p> <p>Paulina: Num chora não.</p> <p>Aurora: Num chora não, que o papel aqui tá pouco! Num inventa de chorar agora, não!</p> <p>Todas/os: Risadas</p> <p>Nádila: A minha família, meus filho é</p>	<p>A participante diz que ama seus filhos e que são a razão de seu viver pois são muito importantes para ela. Para dizer que gostou da fotografia, resalta sua filha que achou um pequeno canto na imagem para aparecer. Uma das catadoras presentes diz para ela não se emocionar, e com ironia falou que possuem pouco papel higiênico ali no EcoPonto e que não poderiam desperdiçar, caso houvesse a necessidade de limpar lágrimas de emoção.(4)</p>

<p>muito importante pra mim. Conrado: E são lindos hein! Nádila: Puxou pra mãe. Aurora: Só que não. Paulina: Num exagera tamém. Nádila: É a Maria Eduarda, se encaixou direitinho na foto. (4)</p>	
<p>Luiz: E esta foto aí? Nádila: Esta foto é a gente separando as bag. Paulina: De terça-feira. Luiz: De terça-feira você fazem separação do material? Nádila: Não, quando o caminhão chega, a gente pega os bag e aqui a gente tava separando os material para ir pra rua. Conrado: Eu gostei muito desta imagem. Nádila: Ninguém tava esperando a foto. (5)</p>	<p>A participante fotógrafa diz que a imagem se refere ao momento de separação das bags para ir para a catação porta a porta. Momento em que todas estão juntas. (5)</p>
<p>Cíntia: Nossa, e quem conseguiu pegar essa proza aí? Nádila: É a Aurora e a Cíntia. As duas mais artera da coleta. Aurora: E o que você fala da foto, fala? Nádila: Ah que a foto ficou chic, as modelo ajuda e é isso aí! Como que a Samantha Guerra fala... “Maior barato mano!” Todas/os: Risadas. (6)</p>	<p>A fotógrafa diz que as participantes que aparecem na fotografia são duas pessoas arteras, significando com isto, que são duas pessoas amáveis e por quem tem apreço. Falou também que gostou da fotografia pois as amigas da foto são bonitas e que fazem a imagem ser agradável aos seus olhos, utilizando uma expressão interna ao grupo “maior barato mano”. (6)</p>
<p>Aurora: Depois o que vai acontecer com as fotos ô Conrado? Conrado: Vou devolver a cada uma as fotos reveladas e em CD, como eu as tinha falado quando entreguei o termo de consentimento, elas também vão compor a pesquisa, mas claro que apenas as que vocês queiram que esteja. Luiz: Vai que em uma delas tenha o maridão, e o povo gostar do marido de vocês. Aurora: Aí a gente sai na faca! Nádila: Óia a Aurora, cai na faca! (Risos) Paulina: Tinha que vir de onde veio memo. Tinha que tê vindo lá do Maranhão! (7)</p>	<p>Em grupo, uma das catadoras questiona o que aconteceriam com as fotos entregues. Ao que lhe foi respondido que seriam devolvidas à cada fotógrafa além de compor ao trabalho de pesquisa em andamento. Um dos presentes na roda, diz sobre a possível presença dos maridos nas fotografias, o que causaria exposição das famílias onde quer que fossem veiculadas as imagens, o que provocou como resposta a emoção de conflito e a necessidade da briga com aqueles que ousassem agir contra esta entidade, fundamentada nos laços do marido com a esposa. A participante que expressou a necessidade da violência foi rechaçada por outra, sendo discriminada de nordestina, por vir do Maranhão, recebendo pela atitude na fala, uma carga de estereótipos criados para negatizar este</p>

<p>Conrado: Aqui uma obra de arte, uma escultura! O papelão saindo da bag!</p> <p>Raissa: A hora que o caminhão chega não tem mais! (risos)</p> <p>Samantha Guerra: Aí é minha bag, reflecto de coleta.</p> <p>Aurora: Mentira!</p> <p>Luiz: Isso tudo é de um dia só?</p> <p>Raissa: É de um quarteirão, não?</p> <p>Samantha Guerra: Aí é só de um braço.</p> <p>Paulina: Às vez é só de uma casa, dependendo.</p> <p>Samantha Guerra: É depende, tem casa que só uma casa dá um bag cheio.</p> <p>Conrado: Uma bag bem cheia.</p> <p>Samantha Guerra: Neste dia você me acompanhou.</p> <p>Aurora: Representou neste dia, pode pá! (8)</p>	<p>povo e discriminá-lo. (7)</p> <p>A participante diz que a imagem apresenta sua bag cheia de material coletado, que até mesmo transborda os limites de enchimento. Outra catadora presente, diz da problemática existente de outros catadores autônomos pegarem o material coletado deixado pelas ruas nas bags para o caminhão da cooperativa levar. A fotógrafa ressalta que muitas vezes todo o material apresentado na imagem é de apenas uma casa ou quarteirão coletado. Ela diz também que eu, pesquisador, ajudei neste dia, e uma das demais participantes da roda diz que o dia foi produtivo e um exemplo às todas presentes, representando muito bem o trabalho. (8).</p>
<p>Eu tirei perto da casa da Dona Diana. Ain, eu amo essa véinha, ela é um barato! Nossa eu amo ela, deixou eu tirar uma foto dela pra trazer na reciclagem até.</p> <p>Raissa: Dona Diana</p> <p>Luiz: Isto é toda semana que ela traz a reciclagem?</p> <p>Samantha Guerra: Toda sexta-feira, quando faz a 14. Tem vez que ela não tem.</p> <p>Raissa: Ela mora sozinha.</p> <p>Laís: Ela é vizinha da Raissa. (9)</p>	<p>A catadora diz que gosta e se relaciona fraternalmente com moradores do bairro, como a que vive próximo ao local onde foi tirada a fotografia e que também é conhecida por outras participantes. Outra participante ressalta que apesar dela ser idosa, mora sozinha. (9)</p>
<p>Conrado: E esta daqui da Samantha Guerra.</p> <p>Raquel: Que lindo!</p> <p>Raissa: A Jasmim está em todas tamém!</p> <p>Nádila: Jasmim num perde uma!</p> <p>Jasmim: Mas eu tô fugindo!</p> <p>Laís: Fica fugindo mai tá! (10)</p>	<p>As participantes da roda de conversa observam a presença de uma das catadoras em muitas das fotos obtidas pelas participantes. A catadora em destaque nas imagens ressalta que está sempre fugindo, mas é possível compreender que sua presença é querida junto às participantes. (10)</p>
<p>Conrado: Você explora muito bem o enquadramento, centraliza a Jasmim e toda a volta dela ficou como um respiro. Em fotografia a gente pode pensar sempre deste jeito a imagem, se colocamos muito uma coisa de um lado, sempre haverá outras do outro, que criam um peso contrário, cria movimento. O que a senhora</p>	<p>A fotógrafa diz que a fotografia em destaque ressalta a união de todas as catadoras presentes no grupo, e que este princípio é muito importante para todas ali, algo que orienta as ações do grupo e que a imagem pode ser compreendida como uma “alegoria”, ou seja, um modo expressivo das ideias e os pensamentos</p>

<p>tem pra falar desta imagem? Paulina: É a alegoria da coleta! Samantha Guerra: Eu tenho pá fala é que eu tirei esta foto, porque eu acho importante a nossa união entre a nossa coleta. Todas/os: Aê!!! (Palmas, Ovação) (11)</p>	<p>apresentar serem apresentados. (11)</p>
<p>Laís: É a netinha! Samantha Guerra: Cabô de nascer, vai fazê um mês dia 28 agora, amanhã. Essa foto aí representa a família que eu mais amo na minha vida, é tudo que eu tenho. Aurora: Viva a família! (Toda/os em ovação “ê!”) Luiz: E esta netinha como se chama? Samantha Guerra: Ketlyn Vitória Laís: E a outra? Samantha Guerra: Maria Clara, a filha Cíntia. Luiz: E tá na casa da senhora? Samantha Guerra: Tá na casa dela, no quarto. (12)</p>	<p>A participante ressalta que a representação da imagem significa tudo que possui na vida, sua família. Ressalta que a entidade é expressão do amor. A família para esta catadora e muitas delas expressa o amor, já que no momento da fala sobre a imagem, muitas delas exaltam os dizeres com um ovação. O cenário da fotografia é questionado, pois as pessoas presentes na fotografia estão em um quarto. (12)</p>
<p>Samantha Guerra: Mas eu moro numa casa mal acabada num quartinho. Eu era, eu era, catadora de reciclado, então eu tinha reciclado na minha casa, depois que eu comecei a trabalhar eu parei. (13)</p>	<p>A catadora ressalta que sua casa foi construída com poucos recursos e materiais reaproveitados. Mostra alguns objetos como a geladeira que está para fora da casa. Diz junto a isso, que era catadora independente e reunia os materiais em sua casa, mas agora com a cooperativa, não necessita alocar os materiais em sua residência. (13)</p>
<p>Na minha residência eu moro com Deus, sozinha. Ela é mal acabada, mas eu moro com Deus. Conrado: Não, tava muito bem arrumadinha quando eu a visitei! A senhora fez uma horta agora né Dona Samantha Guerra? Samantha Guerra: Tem horta não fio! Tem só quintal na minha casa! (14)</p>	<p>Diz que não mora sozinha, mas com Deus, ressalta também que é uma pessoa de fé apesar de tudo, até mesmo da aparência de sua casa sem acabamentos finos. Sua casa possui um quintal grande. (14)</p>
<p>Laís: É grande não? Samantha Guerra: Tem um sobrado lá no fundo. Aurora: Cabe lá uma festa no final do ano. Samantha Guerra: Lá no fundo é sobrado. Nádila: Fazê lá uma Rave, tchu tchã tchá,</p>	<p>Uma das participantes ao apreciar a imagem infere, pela proximidade que possui com a fotógrafa que seria possível realizar um encontro das catadoras ali no espaço. (15)</p>

tchu! (15)	
<p>Samantha Guerra: É eu levei dentro do ônibus dentro de uma caixinha de sapato. Aí eu fui de ônibus, porque eu venho todo dia de a pé pra cá, eu venho lá do Jardim-América todo dia de a pé pra cá. Eu tirei uma foto de uma paisagem outro dia no caminho. Eu vi uma paisagem, uma folhagem, me inspiro de tira uma foto de uma árvore.</p> <p>Nádila: Tinha o muso inspirador.</p> <p>Raissa: Uhm de onde veio a inspiração.</p> <p>Paulina: Mas num tinha nenhum home atrás da árvore não?</p> <p>Raissa: Ele tava escondido atrás da moita.</p> <p>Samantha Guerra: Num tem ninguém não ô. Eu gostei da paisagem, das flor lá.</p> <p>Luiz: Na verdade vocês são muito importantes para manter a paisagem, a reciclagem ajuda muito na manutenção das paisagens e da natureza. (16)</p>	<p>A fotógrafa diz que durante sua caminhada diária de ida ao EcoPonto, encontrou uma bela paisagem junto a uma árvore, se inspirando pela folhagem que ela apresentava. As demais catadoras presentes questionaram a participante, perguntando se haveria algum homem próximo à árvore, já que a imagem lhe trouxera tanta inspiração pela beleza. A fotógrafa negou a pergunta. (16)</p>
<p>Conrado: A senhora anda quantos quilômetros Dona Samantha Guerra pra chegar até aqui?</p> <p>Samantha Guerra: Ah eu nem conto fio, se eu contá eu fico no caminho. (risos). Eu saio da minha casa 5:30 horas, 20 para às 6, pra tá aqui 7:15 horas. (17)</p>	<p>A catadora fotógrafa, relata que caminha durante uma hora e quarenta e cinco minutos para chegar ao trabalho todos os dias, pois a renda mensal não possibilita realizar o trajeto de ônibus. (17)</p>
<p>Raissa: Pra chega no eco-ponto. Esse lugar que a gente tá que tá sempre limpo, tá sempre sujo pra limpa denovo.</p> <p>Samantha Guerra: A gente limpa deixa tudo organizado, e quando chega tá tudo desorganizado. Eu mesmo bati uma outra foto aí pra mostra que nós limpa realmente. (18)</p>	<p>Ressalta que o EcoPonto está muitas vezes desorganizado por motivo que a população muitas vezes joga recicláveis ali no espaço sem preocupação da ordem do exato local de descarte. Para provar que o grupo de catadoras limpam diariamente o espaço, tirou uma foto para o apresentar limpo, como procuram o deixar. (18)</p>
<p>Nádila: Ain meu Deus.</p> <p>Samantha Guerra: Nossa meu Deus, que baby é esse?</p> <p>Paulina: Nossa mas, só tem baby aqui também óia só isso, pela amor de Deus.</p> <p>Raissa: É pra mostra que a coleta inspira a fazer filhos, eu falo procês, cês num acredita!</p> <p>Aurora: Nossa, tá aparecendo um berçário.</p> <p>Paulina: Tô de boa (Riso coletivo).</p> <p>Raissa: Quando eu tô cansada, achando que</p>	<p>Com a fotografia de um bebê as participantes da roda de conversa exclamam a satisfação pela beleza que ele apresenta. Outras ressaltam o esforço de cuidado que acarreta um filho, e até mesmo a não vontade em ter filhos. Uma das catadoras ainda, diz da constante ocorrência da geração de filhos entre as catadoras. (19)</p>

cê vai relaxá, aí...Vem baby. (19)	
<p>Laila: Aí é minha filhinha. Jasmim: Que cê acha Laila. Sua vida né? Laila: É a Rebeca. Jasmim: Sua vida né? Laila: Ô, por essa daí vou até no fim do mundo, fi. Conrado: Sua netinha? Paulina: Por isso que eu num roubei ela até hoje. Aurora: Cê mora no fim do mundo mêmo. Luiz: Como chama a netinha? Laila: Rebeca. Conrado: Laila quando me entregou a câmara disse, “aí vai a Rebeca, queria te mostrar” (20).</p>	<p>A catadora fotografa diz que para a bebê que aparece na imagem, se desprende de qualquer necessidade ou zelo que possua para garantir da vida que acabara de nascer. Uma das participantes da roda questiona, se não seria o bebê a própria vida da fotógrafa. (20).</p>
<p>Raissa: Aí é as duas vida dela. Nádila: A vidona e o vidinho. (21)</p>	<p>As participantes da roda de conversa dizem que a fotografia apresentada em que estão seu marido e a netinha bebê, representam ambos a própria vida da catadora. Ou seja o amor a si, e aquilo que provê a satisfação. (21)</p>
<p>Samantha Guerra: ô Laila você num se importa de tirar foto sua não né? Laila: Não, não Dona Samantha Guerra. Samantha Guerra: É que o Conrado vai leva isso pro projeto. Laila: Mas num vai fazê macumba com ela não, né? Samantha Guerra: Se incherga menina! Eu tenho é Deus, num tenho... (22)</p>	<p>Uma das participantes da roda que tira fotos do momento de diálogo em roda, questiona a catadora fotógrafa da fotografia que está sendo apreciada por todas/os, se poderia fotografar a tela do computador com o bebê. A resposta é que sim, ao menos que fosse para realizar algum rito existente em religião afro brasileira estereotipada em sentido pejorativo como macumba. Impelindo este sentido, a fotógrafa da roda de conversa diz que não faria isto, pois tem orientação de fé comum, que expressa os estereótipos construídos na história. Referencial de fé aceito e pautado na diferenciação para valorização de uns em detrimentos dos outros, no caso aqui, a inferiorização da matriz africana, intensamente explorada ao longo da história e a valorização de um Deus ocidental. (22)</p>
<p>Conrado: Estas fotos foram da Laila, tirou 4 fotos. Laís: Só tem da família. Ahmmm. Raissa: Então quer dizer resumindo, as foto que a gente vimo todo mundo acha que a</p>	<p>Uma das participantes diz que através das fotos podemos chegar à conclusão que a coleta é uma família. (23)</p>

coleta é uma família. (23)	
<p>Laila: É. Arnaldo, olha a postura da nega. Arnaldo: Nossa, e quanto ela está pesando? Tá grande a menina hein. Laila: Ainda tenho que pesar ela hoje, como ela tem que tomar vacina, hoje eu peso. Raissa: Tamém, dá mingau pra criança de 4 mês. Daqui a pouco a criança vira um “bolostro”. Laila: Mas ela experimentô, fez um chichi e começou a gritá na minha mão, ah qué um mingau mesmo! (24)</p>	<p>A catadora fotógrafa diz que sua neta está forte e saudável. Outra participante da roda ressalta que deve-se ter cuidado com a alimentação, pois esta pode criar um sobrepeso na criança. (24)</p>
<p>Conrado: Agora são fotos da Raquel! Raquel: Ah essas daí são minhas cliente lá da rua 4. As cliente colaboradera (risos). (25)</p>	<p>A catadora fotografa, ressalta que suas fotografias apresentam os moradores que separam o recicláveis. Ela os chama de clientes. (25)</p>
<p>Esther: Tem mais cliente. Luiz: E tem bastante gente que vocês conhecem? Garantido que entrega o reciclável? Raquel: Tem, tem sim. Samantha Guerra: A maioria num dá pros catador, dá pra nós. Cíntia: Tem umas que deixa já deixa o material dentro da casa, e quando gente passa só leva pra fora. (26)</p>	<p>Através das fotografias dos moradores, as catadoras relatam que há moradores compromissados com a coleta seletiva e que chegam até mesmo a separar logo pela manhã os materiais para que seja prática a catação, não os destinando aos catadores autônomos. (26)</p>
<p>Conrado: A senhora mora com quem Raquel? Raquel: Com meu marido e enteado. Paulina: Ó a família. Laís: É o Augusto. Raquel: É, o Augusto! Conrado: O Augusto é o seu... Raquel: Enteado. Raissa: É o filho, filho. É ocê que cuida, nossa ele está parecido com o Leonardo! Raquel: Há oito anos já. (27)</p>	<p>A catadora relata que mora atualmente com seu marido e enteado. As participantes da roda dizem que filho enteado torna-se um filho, a partir do momento que é cuidado por outra pessoa que o adota, e assim tem que ser acatado. A catadora ressalta que há oito anos está casada com seu atual marido e que o filho dele tem crescido bastante. (27)</p>
<p>Raquel: Essa eu peguei de longe também. Laila: Ah aquele casa lá que mistura coleta co lixo, lá daquela casa que é feita dum tijolinho vermelho? Que ela sai com a toca branca pra fora. Raquel: É... Laila: Ah mais era mesmo, Arnaldo, eu marquei rapaiz! Na segunda-feira, eu</p>	<p>Uma das catadoras reconhece a pessoa que está entregando a coleta através da fotografia e descreve o local onde é localizado. Após isto, diz que ali entregam reciclável misturado com lixo, e que em um momento específico, chegou a pegar sacolas plásticas e separar o reciclável do lixo em frente ao morador, dizendo à ele o que separar, pois da maneira que estava</p>

<p>falando com ele entrava pelum ouvido e saia pelo outro. É eu falei: cê é forgado né ô sinhozinho! E ele nem tchum, aí e ele entro lá dentro Raissa, e foi lá pega mais e jogo dentro do bag.</p> <p>Conrado: Com lixo?</p> <p>Laila: É, folha, mato. Aí eu fui lá mais Raquel, num foi Raquel? Fui lá, Raquel segurou a sacolinha amarrei e joguei na calçada dele, peguei a bag e puxei até lá embaixo. É, imagina, a gente num leva lixo! Ai eu falei: Coisa feia, dando mau exemplo pros vizinho. (28)</p>	<p>fazendo era errada e dava assim desta maneira mal exemplo às demais pessoas. (28)</p>
<p>Raquel: Esse veinho ai é aquele que dá... que dá banana na (rua) quatro.</p> <p>Raissa: É ele dá banana, e final de ano... uhnmm, na páscoa ele dá bis, e no natal dá chocolate pra cada uma de nós que passa de lá. Aí ele espera passar todo mundo porque ele quer dar pra todas as menina. Aí ele fala mim, quando for a semana natal você põe uma por vez pra mim dá, porque ele gosta de dá pra todo mundo. Ele lembra nós na páscoa e no natal.</p> <p>Raquel: Ele colocou a coleta e saiu, num deixou tirar foto.</p> <p>Paulina: Pegou de perfil. (29)</p>	<p>Através da imagem de um senhor com idade avançada entregando os recicláveis, lembram-se de qual morador é, apesar de apenas aparecer de costas na fotografia, as catadoras presentes no diálogo, se lembram dele, pois durante as festas do ano ele dá presentes às participantes, além de frutas, como bananas, ao longo do ano todo. Este senhor chega, conforme o relato da coordenadora do grupo, a pedir para que durante datas especiais de festa, cada dia uma das catadoras, possam fazer a rua em que ele mora, para que presenteie a todas. (29)</p>
<p>Raquel: Esta também é na rua quatro. É de uma casona! Acho que é cozinheira. (30)</p>	<p>Através da rua, e das vestimentas, a catadora fotógrafa identifica as pessoas que entregam os recicláveis, se é morador ou trabalha na casa coletada. (30)</p>
<p>Laís: Aí foi o dia da limpeza, ah não... Nádila: Foi no dia das mulheres. Paulina: Que nós ganhou dois guaraná. Laís: Aí nós parô um pouco pra bebê o guaraná. Nádila: Pra num esquentar e devolver o vidro do home. (31)</p>	<p>As catadoras se relacionam com os moradores das rotas que realizam a coleta dos recicláveis, na fotografia, há representado um dia que ganharam refrigerantes de um dono de bar por ser dia das mulheres(31)</p>
<p>Conrado: Teve que força ele a dá o guaraná. Aurora: É num é todo dia... Agora só o ano que vem. Laís: Num é toda semana. Raissa: Onde que é? Nádila: É o Turco alí da nove. Laís: Que a gente faz de quarta. Raissa: Ah! Tá! O véinho do queijo.</p>	<p>Há uma colaboração diária entre todas as participantes para que todas terminem a tarefa do dia. Através deste diálogo sobre a fotografia é possível notar os laços afetivos das relações criadas entre as participantes, que lembram até mesmo as movimentações internas ao grupo e realizadas para que toda a catação ocorra. (32)</p>

(32)	
<p>Laís: Foi o dia que cê abandonou nós e veio fazer aqui a quatorze.</p> <p>Raissa: Vim ajuda minha amiga, saiu quase cinco hora da tarde da rua. (33)</p>	<p>Uma das catadoras se lembra das movimentações do grupo, e que sentiu falta da presença de uma participante, que não esteve presente para auxiliar outra catadora em suas tarefas. Esta ação é muito comum entre as catadoras, pois se auxiliam para que todas alcancem as metas diárias. (33)</p>
<p>Laís: Ela parada tomando guaraná.</p> <p>Esther: Foi dia das mulhé!</p> <p>Paulina: E foi aí que nós ganhâmo dois guaraná.</p> <p>Conrado: O Turcão do bar tinha dado o refrigerante, não?</p> <p>Esther: É foi ele que deu, cê tava junto num tava (Conrado)?</p> <p>Paulina: É ele deu.</p> <p>Laís: Foi, foi ele que deu.</p> <p>Aurora: Por isso que fechou o tempo naquele dia.</p> <p>Esther: Só deu pras mulheres e o Conrado que tava junto. (34)</p>	<p>A imagem demonstra um certo relacionamento coletivo com a vizinhança e as vendas ou bares da localidade. A parada de lanche é um momento realizado muitas vezes de modo coletivo, em que apesar da preocupação de cumprir com as metas estipuladas do dia por todas as participantes catadoras, há a oportunidade de partilhar o lanche. Elas ressaltam que o dono do bar que está na rota da coleta, nunca lhes dá nada, mas que no dia das mulheres, ganharam refrigerantes do vendedor. (34)</p>
<p>Raissa: Essas daí é as gordelícia, só para pa comê essa gente. (35)</p>	<p>Uma das catadoras que aprecia a fotografia, diz que as participantes são todas gordinhas, e que param no trajeto apenas quando é para comer. (35)</p>
<p>Conrado: Aqui é o eco-ponto.</p> <p>Laís: É o eco-ponto.</p> <p>Aurora: É o fluxo, fluxo da rua de todo dia.</p> <p>Laís: A Margarida limpou todo o eco-ponto.</p> <p>Nádila: A Margarida no ponto de encontro.</p> <p>Luiz: Tá a prova aí que tá limpando mesmo.</p> <p>Laís: Que chega todo dia de manhã e limpa.</p> <p>Raissa: Se a vizinha fala que nós num limpa... é... (36)</p>	<p>A fotografa resalta o EcoPonto, e que no dia uma das participantes havia o organizado. A fotografia serviu como um documento para comprovar que o grupo mantém limpo o espaço, apesar das reclamações que os vizinhos realizam ao EcoPonto. (36)</p>
<p>Laís: Aí foi no dia da limpeza lá na... Lá no trator, lá longe.</p> <p>Paulina: Aquele dia eu tava com uma camisa branca que nossa! Saí com a blusa preta.</p> <p>Laís: Nesse dia encheu o caminhão. (37)</p>	<p>A fotografia remete todas a um dia diferente na catação dos recicláveis, pois todas foram juntas a uma empresa que vendia tratores que haviam muitos recicláveis. Por isso sujaram muito as roupas. As camisas com identificação da cooperativa é um problema na organização das participantes, pois não</p>

	<p>possuem muitas camisetas, e por rapidamente estragarem, o grupo tem de usar durante muito tempo as mesmas roupas, que vão criando buracos e desbotando. (37)</p>
<p>Raissa: A Raquel, a Margarida e a Aurora (se referindo à imagem). A Dona Samantha Guerra só que ir com o Conrado. Nádila: O Conrado tá até famoso na doze. Laís: Ele chega, e já que fazê a rua com ele. Samantha Guerra: Eu considero ele uma pessoa sensacional, com respeito. (ovação em grupo) Conrado: Eu que a diga dona Samantha Guerra. Raissa: Uma moça na doze disse, nossa cês tão pondo um moço bunito pra trabaia agora (risos) Aurora: Trabáia sempre cum nós Conrado. Laís: Ele ajuda a gente, ajuda a gente a puxa a bag. Raissa: Ah ele vem fazê o projeto, mai entra no trabaio com a gente. (38)</p>	<p>A catadora fotógrafa descreve quem está na fotografia e ressalta minha presença junto à catação, dizendo com isto que observa como coordenadora, as posturas dos e das participantes presente no grupo. (38)</p>
<p>Laís: Aí é a Raissa catando no prédio. Ela fez uma pose... (risos) Raissa: Mentira que eu nem vi você coisando. Aí é pra ver que a coordenadora trabáia memo. Laís: É pra ver que ela só fica fazendo pose (risos). Aurora: Num fala assim que ela pode. Raissa: É, é, eu nem vi ela tirando! (risos) Laís: Ela só fica fazendo pose pra eu tirá foto! Aurora: Ah mentirosa! (risos). (39)</p>	<p>As participantes relatam uma proximidade no relacionamento através da fotografia, pois a catadora fotógrafa diz que a pessoa na imagem, pousou para ser fotografada. No entanto, a fotografia foi tirada de surpresa. A retratada na imagem diz que a fotografia é um documento que ela, apesar de coordenadora, trabalha como todas as demais. (39)</p>
<p>Raissa: ah!.... Laís: Aí ó, ele num apagou não! (risos) Nádila: Cê falou que tinha apagado (Conrado). Conrado: Poxa, desculpe, mas eu tinha colocado a foto até pro fim, da próxima eu não vou deixar passar. Mas é da Laís esta imagem! Laís: A Nádila pediu para ele apagar e ele não apagou (risos). Nádila: Deleta agora esta imagem!</p>	<p>Muitas vezes a fotografia é indesejada por não apresentar as definições de beleza que a pessoa representada almeja, o que gera um desconforto sobre a recepção da fotografia, como nesta situação, que a fotógrafa não queria que a foto da amiga fotografada fosse deletada. (40)</p>

<p>Conrado: Mas é da Laís esta imagem. Aurora: Ah tá! Ah tá! Laís: É num pode apagar, eu num queria que apagasse... Nádila: Mas é eu e a Raissa, num é a Laís. (40)</p>	
<p>Laís: Aí é a Rebeca, quando nós acabô o serviço, paramu na casa da Laila ali pra toma uma água. Laila: Tomá água?! Aurora: Acabá com a dispensa! Paulina: Só ofereceu água. Laila: Só agua Paulina?! Paulina: Cê nem ofereceu linguíça... (41)</p>	<p>Através da fotografia a catadora relata a proximidade que possuem entre elas como grupo, pois ao fim da catação pararam na casa de uma das participantes para tomar água, e acabaram até mesmo almoçando, que nos dizeres da moradora, acabaram com a dispensa de alimentos. (41)</p>
<p>Cíntia: Aí nois tava colocando as bag pra podê ih trabalháí, juntando as bag pra pô no caminhão. Ou seja, ih pra rua. (42)</p>	<p>A fotógrafa apresenta com a imagem um momento coletivo e cotidiano do grupo que após separar as bags, as colocam no caminhão. (42)</p>
<p>Conrado: Essa ficou muito boa! Aurora: A impressão é que a Jasmim está em quase todas, e você (Raissa), está em quase todas! Raissa: É porque eu sô fotogênica, eu sô gordinha, mas eu sô fotogênica “bem”. (43)</p>	<p>Uma das participantes diz que duas catadoras do grupo, estão presentes em muitas das fotografias apreciadas. E uma das que aprecem muito, diz que é fotogênica. (43)</p>
<p>Cíntia: Aí é as amiga! Nádila: As parça?! Aurora: Que as amiga o que ô! As parça ô, para de graça ô! Samantha Guerra: Ai Senhor! (Exclamando cansada). Aurora: Aí só dá pra ver as língua e os dente! Laila: Ah cala boca! Só ocê que fala, ninguém escuta nada véi! Fica quieta aí imundaça! (44)</p>	<p>A fotógrafa diz que a fotografia apresenta suas amigas, mas que para outra participante, as companheiras de trabalho e do dia a dia tem de serem chamadas de “parça”, como uma expressão de gíria, que expressa a parceria do dia a dia. Junto a isso, a mesma catadora acaba ressaltando a cor das fotografadas, dizendo que por serem negras, não era possível vê-las. Neste momento outra participante a rechaçou, pedindo para que se calasse. (44)</p>
<p>Cíntia: Aí nós tava indo pro trecho. (risos) Ué, indo pra rua! Indo pra rua! (45)</p>	<p>A fotógrafa catadora chama a catação de trecho, o que gera risos nas participantes. (45)</p>
<p>Cíntia: Essa aí é minha princesinha. Paulina: A piôio! Aurora: A terrorista! Nádila: É a Manu? Cíntia: É terrorista, e bota terrorista nisso. É, é a Manu. Conrado: É sua filha única? Cíntia: Não, tem mais três! (risos)</p>	<p>A participante fotografa, apresenta sua filha na fotografia, e a chama de terrorista, dizendo carinhosamente assim que é agitada. Relata também que possui mais outros três filhos. (46)</p>

<p>Aurora: E mais um que tá vindo! Cíntia: Essa aí é a pior! A caçula, chama Manuele, a foto é em minha casa. Aurora: Essa aí bota fogo em casa e põe a culpa no irmão mais velho. (46)</p>	
<p>Conrado: Conrado: Com seus irmãos na coleta, não podem cuidar para você das crianças hein? Cíntia: É... A família, essa aí é o trio, trio parada-dura. Aurora: trigêmeos Patati, o Patatá e o Patatinhos, os trigêmeos. Raissa: Apagaro a luz. (47)</p>	<p>A fotografa catadora apresenta seus irmãos também participantes da coleta solidária, dizendo que formam um trio. Há neste momento a enunciação de uma participante com dizeres de discriminação da cor negra de toda a família fotografada. (47)</p>
<p>Conrado: São nove e quinze meninas, que vocês acham? Raissa: Faltam mais quantas pastas? Laís: Ainda faltam a Jasmim, a Margarida num tiro, vai falta a Jasmim e a Aurora. Raissa: deixa pra outra vez, aí cê traz café de novo. Laila: É, pode ser. Pode ser. Aurora: Ah, o Arnaldo que manda fio, se falá pra nós fica sentada, nós senta, eles que dão o veredito. Arnaldo: Ah! (48)</p>	<p>O coordenador da cooperativa que está conosco é evidenciado como um gestor dos sins ou ños sobre as decisões coletivas. O que remeteu toda a atividade a uma perspectiva faltosa de autogestão. (48)</p>
<p>Nádila: Depende da hora, porque depois o sol vai esquentando. Samantha Guerra: Tem que dá tempo de fazê a rua querido, antes dos catador, se não a nossa coleta vai pro saco. (49)</p>	<p>Uma das participantes ressalta a necessidade de catar logo pela manhã os recicláveis por dois motivos, um são os catadores autônomos que pegam os recicláveis separados pelos moradores antes da coleta solidária, outro é o sol, que acaba causando uma situação desconfortável e até mesmo perigosa pelas queimaduras. (49)</p>

Roda de Conversa II - Análise Ideográfica

Unidade de significado	Redução Fenomenológica
<p>F 37e Raquel: Ah, o que eu diria é que se todo mundo tivesse consciência, e fizesse como ela tá fazendo, não tinha tanto material reciclável indo pro lixo, né? Só que a maioria das pessoas aqui de Araraquara num tem consciência. Mistura o orgânico com o reciclado e com isto quem perde na rua são a gente,</p>	<p>A catadora fala sobre a separação dos materiais recicláveis dos orgânicos, dizendo que as pessoas moradoras do município poderiam ter mais consciência sobre esta ação que gera muitas mudanças. Pois através da separação e entrega dos recicláveis, criam-se empregos e melhoria na renda de muitas pessoas catadoras, além do cuidado e</p>

<p>né Conrado? E vai pro lixão, isso daí demora pra dissolve como todo mundo sabe, né? Então se passasse pra gente, seria mais, como que eu posso diz? A gente teria, um salário melhor, né? E bem pouco reciclado ia pro lixo, né? O que eu tenho a dize dessa foto é isso. (1)</p>	<p>maior atenção com o meio ambiente da cidade. (1)</p>
<p>F 30e Margarida: Eu acho que se o pessoal fizesse corretamente, né? A reciclagem; a gente num perderia muito tempo em separá na rua, porque eu separo muita coisa, tem lixo que eu vô e abro o saco e vejo o quê que tem, tem coleta então eu vô tirano tudo. Tudo que dá pra eu tirá eu tiro. O pessoal devia tê consciência do que é reciclado do que é orgânico, né? Que... Num pode mistura as duas coisas. Aí nós teríamos, né? Uma renda, né? Até melhorzinha. Só isso só. (2)</p>	<p>A participante diz sobre sua atuação de catadora de recicláveis que se preocupa em separar corretamente os materiais orgânicos dos recicláveis, ainda que os próprios munícipes não separem corretamente os rejeitos quando entregues à cooperativa. Esta falta de atenção na separação dos recicláveis, gera muito desgaste aos catadores ao realizarem seus serviços corretamente, além da impossibilidade de uma melhoria na renda. (2)</p>
<p>F 3 Nádila: Coleta solidária, o futuro está em suas mãos. (3)</p>	<p>A coleta seletiva gera o cuidado com o futuro do meio ambiente vivido. (3)</p>
<p>F 35e Laís: Ah, depois de trabalha tanto, uma paradinha prum lanche! (risos coletivo). Uma reuniãozinha básica prum lanchinho. União tomando um lachinho. (4)</p>	<p>O trabalho de coleta seletiva é realizado solidariamente, princípio que gera a colaboração e ajuda entre os participantes. A catadora ressalta a necessidade de momentos de troca e diálogo ao longo do trabalho coletivo que gera ânimo e força para prosseguir na atuação da coleta seletiva. (4)</p>
<p>Paulina: Unidos venceremos! (5)</p>	<p>A união entre as participantes é algo fundamental para superação das adversidades vividas em um ambiente insalubre de trabalho, bem como há a necessidade de mobilização por parte da população para que o serviço exista seja realizado de modo coerente. (5)</p>
<p>F 36e Paulina: Esta foto representa a coleta. É o fundamento do nosso trabalho, né? Nossos materiais recicláveis. É a coleta seletiva. É isso aí. (6)</p>	<p>A coleta seletiva é pautada na separação e entrega dos recicláveis à cooperativa de catadoras/es. (6)</p>
<p>Nádila: Recicle para um Brasil melhor! (7)</p>	<p>A proposta da reciclagem cria condições para melhoria do meio-ambientes. (7)</p>
<p>F 9 Aurora: É o amor da minha vida! Paulina: Por que você não escolheu outra</p>	<p>As catadoras possuem um histórico de muitos enfrentamentos, muitas delas são mulheres e possuem filhos, o que</p>

foto, em que estivessem os dois? Você não tem outro filho? (8)	dificulta a entrada no mercado de trabalho. (8)
F 11 Samantha Guerra: Esta imagem representa pra mim, nós mulheres batalhadora, batalhando para o futuro e a geração do país. (9)	A catação de recicláveis é realizada através da ação de muitas mulheres, que lutam pela sobrevivência suas e de suas famílias, enfrentando muitas dificuldades, e que através da superação do desemprego acabam por promover também o cuidado ao meio ambiente. (9)
F 34e Raissa: Uhm, deixa eu ver. Pra hoje, sorrir, agradecer e prosseguir. (10)	A catadora expressa a satisfação em poder trabalhar na catação, agradecendo àqueles que separam os recicláveis e tendo esperança por tempos melhores a todos. (10)

Roda de Conversa III – Análise Ideográfica

Unidade de significado	Redução Fenomenológica
Paulina: É no laboratório, no São Lucas. Raissa: É... No São Lucas. Paulina: Pode tá chuva, pode tá sol, tá lá eles guardam os recicláveis, tá lá. É no prédio que nós vai fazê hoje. (1)	A catadora diz que o local fotografado é parceiro na separação de recicláveis, sendo um exemplo na separação, pois mesmo durante períodos de chuva seu material é separado. (1)
Paulina: Ai como sô linda! Ai, ma-ma-mamãe querida! Samantha Guerra: Ai tamo achegada, tamo achegada! De que persona é essas fotos aí? Paulina: É minha! Conrado: Bem temos aqui as fotos da Paulina. O que diz desta foto Paulina? Paulina: Que eu sô linda e maravilhosa, olha minhas fotos (risos de todas)! E eu achei que era parceria uma das que tá aí, mai num é não. Conrado: Uia só é isso então, caraca mano! Sério? Que mais? Paulina: Ih, essa daí abafa o caso! Aurora: Quem é que tava ali? Laís: Não leva o bafo pro Arnaldo. Paulina: Abafa o caso, abafa o caso. (2)	A participante e fotógrafa da imagem vista, aprecia a fotografia tirada dizendo que é linda, mas ao se remeter à uma das pessoas que está pousando para o registro, não quer falar mais nada, apenas diz que achava que era uma boa companheira de trabalho e que agora já não é mais. O silêncio demonstra que houve uma exclusão de uma das participantes da fotografia entre o grupo. A fotógrafa prossegue pedindo para que não fosse nada repassado à frente com relação à exclusão de uma das participantes. (2)
Samantha Guerra: Eita e essa coisa farsa aí também? (Risos coletivos) Aurora: Essa coisa farsa... Eta, essa Dona Samantha Guerra, mas tem uma linguinha também, viu? Samantha Guerra: A língua foi feita pa	O coletivo é incitado a falar sobre uma das participantes que recentemente saiu deste grupo de catação e que já na foto anterior foi alvo de discursos pejorativos, assunto que foi até mesmo deixado de lado. A fotografia acarretou uma situação

<p>fala a verdade cara (aponta o dedo para Aurora).</p> <p>Aurora: Mai num precisa bota o dedo cara dos otro, desse jeito num trabalho hoje!</p> <p>Samantha Guerra: Ela cuida do cú de todo mundo!</p> <p>Aurora: Até do meu tamém!</p> <p>Samantha Guerra: Então do que cê tá reclamando sua cagueta? (Ovação do grupo “Ih”)</p> <p>Aurora: Cagueta?</p> <p>Paulina: Eita vamo fazê um negócio de porrada ali? Olha aí vai sai a briga no gravador ali!</p> <p>Aurora: Se ela puxa o meu cabelo eu acabo ficando careca!</p> <p>Samantha Guerra: Filha! Eu não sô de puxa cabelo não, eu meto logo a faca!</p> <p>Conrado: Que isso gente calma! (3)</p>	<p>de conflito no grupo por mais que promovida através de modo satírico entre as que falavam, já que não tinham a pretensão da violência, pois apesar das próprias situações adversas que ocorrem no dia a dia das participantes, não existem impeditivos de levarem a cabo o discurso. (3)</p>
<p>Paulina: Isso daí significa carregamos o serviço nas costas.</p> <p>Laís: É cê vê, nós leva até as coisa nas costa pros outro num robá... (4)</p>	<p>A participante fotógrafa diz que os recicláveis são catados por autônomos nas ruas antes mesmo de serem levados pela cooperativa, ou quando estão já nas bags lotadas de recicláveis. A participante satiriza dizendo que tem que os levar nas costas para que não se percam, ou sejam em seu modo de ver: “roubados”, criando com a situação uma brincadeira, já que não seria possível realizar isto, carregar nas costas. (4)</p>
<p>Cíntia: O Arnaldo tá na rua viu gente!</p> <p>Samantha Guerra: De novo? Ih... Nossa pelo amor de Deus hein!</p> <p>Conrado: Mas eu acho que ele vem aí também.</p> <p>Laís: Já saiu de lá cedo?</p> <p>Aurora: Deixa ele anda, deixa... Misericórdia, ainda bem que eu num peguei latinha.</p> <p>Raissa: Ah? (5)</p>	<p>As participantes relatam que o coordenador da cooperativa está andando nas ruas neste dia, o que causa um estranhamento nas participantes pela supervisão do serviço e como houveram proibições de catar latinhas separado para vender de modo independente, há o risco da advertência caso ocorra uma abordagem pelas ruas. (5)</p>
<p>Raissa: Aí é atrás da rua nove. É o prédio que dá o material mais limpo e organizado pra gente.</p> <p>Arnaldo: Aquele perto da odonto?</p> <p>Laís: Pra frente.</p> <p>Raissa: Aquele da nove, entre a</p>	<p>Pela fotografia de um quartinho com recicláveis todos organizados e separados, a catadora fotógrafa diz de um prédio que organiza muito bem os recicláveis para que a cooperativa leve os materiais. Com isto, acabam conversando sobre outros prédios que não separam os</p>

<p>Bonifácio e a Feijó (avenidas). Eles dá tudo organizado.</p> <p>Raquel: Tudo lavadinho.</p> <p>Luiz: Já estavam separados os recicláveis?</p> <p>Laís: É um quartinho que só tem reciclagem,</p> <p>Cíntia: Tem uns que cê vai pegá é comida misturado com coleta...</p> <p>Aurora: Sexta-feira mesmo né Paulina?</p> <p>Raquel: Fraldas... Fralda geriátrica.</p> <p>Paulina: Nossa, tem um com até cocô.</p> <p>Govana: Aquele da oito, aquele lá do quartinho era bem limpo, agora tem até... Tinha até um coqueiro lá dentro (risos). Agora tá tendo muito lixo.</p> <p>Margarida: É uma paisagem...</p> <p>Aurora: No beco nem se fala... (6)</p>	<p>materiais, deixando os recicláveis misturados com materiais orgânicos. (6)</p>
<p>Samantha Guerra: Esta daí não é a Raissa, é eu.</p> <p>Laís: Não, mas é a da máquina da Raissa. Foi a Raissa que tirou.</p> <p>Samantha Guerra: Ah, a Raissa tirou dentro do caminhão, a lá!</p> <p>Laís: Aí nós tava indo pra catação, aí o caminhão dá uma carona até ali embaixo, pra gente descer no ponto. Levanta mão pra descer no ponto (risos). Ah! É a Raissa que tem que falar!</p> <p>Raissa: É, cê fala que é vice coordenadora, então tá falando.</p> <p>Laís: Eu não...</p> <p>Arnaldo: É suplente né, Raissa... (7)</p>	<p>Há uma hierarquia no grupo, e é a coordenadora que organiza os trajetos a serem realizados por cada participante no dia. Há também a catadora suplente, que neste momento de apreciação das imagens, relatava o que havia na fotografia tirada pela coordenadora que também é catadora. Ela disse sobre o caminhão que auxilia a chegada aos lugares de catação, mas logo parou de comentar para que a fotógrafa coordenadora pudesse falar. (7)</p>
<p>Paulina: Ó a Larissa (se referindo à foto).</p> <p>Raissa: Essa foto aí é das meninas já esperando parar em ponto, cada uma desce, mas já dentro do caminhão já começa a bagunça, já é zuera, desde cedo já começa zuando (8)</p>	<p>A catadora fotógrafa ressalta que todas vão para o início da catação nas ruas com o auxílio do caminhão. Nesta fotografia a catadora coordenadora ressaltou que já no caminhão as participantes se divertem e compartilham momentos. (8)</p>
<p>Conrado: Neste dia a Laila tinha colocado uma caixa de som.</p> <p>Aurora: Conrado, para de fala, ó o Arnaldo aí! (risos). Ele vai pensa que nós num trabaia.</p> <p>Raissa: E começo todo mundo a dançá...</p> <p>Paulina: É tava todo mundo dando trabaio no trabaio (risos).</p>	<p>Assim como há uma hierarquia interna do grupo de catadoras, há também a de organização da cooperativa, e como o representante estava presente no diálogo, uma das participantes ressaltou em tom de brincadeira, a necessidade da atenção para que ele não pensasse que não havia o rigor do trabalho no grupo. Situação</p>

<p>Raissa: Num é que nós num trabaia, é nós que leva mais material. Por isso que tem bastante material, porque a gente é alegre! (9)</p>	<p>que levou à catadora coordenadora do grupo ressaltar a necessidade da alegria para se trabalhar satisfeito. (9)</p>
<p>Samantha Guerra: Olha eu aê sentada no caminhão, é a Samantha Guerra! Paulina: Ué, mas por que ela tá fazendo assim ó? (aponta com o gesto da mão que Samantha Guerra faz na foto) Raissa: Eu falei alguma coisa pra ela fazê isso dai. Laís: Tá vendo que ela num trabaia, só fica sentada! Raissa: Ela só manda toma no cú. Aurora: Não, mas ela num fez assim, ela fez assim (mostra com os gestos da mão o que Samantha Guerra apresentava na foto) Samantha Guerra: Eu fiz assim ó, assim ó (Samantha Guerra mostra ao grupo como fez e pousou na foto) Laís: Cês tão vendo que a Samantha Guerra não trabalha. Paulina: Aqui na sua mão ó. Aurora: Ó ela tá fazendo assim (representa com gestos a pose na fotografia). Três baiano correndo atrás do coco! Samantha Guerra: Isso mesmo, eu tava fazendo assim (representa com gestos a pose na fotografia), assim ó pra Raissa. Três baiano correndo atrás do coco! (risos). (10)</p>	<p>A participante que apareceu na fotografia descontrai com o grupo dizendo de sua presença e gesto que diz alguma mensagem através das mãos. O grupo debate que gesto seria este que ela está fazendo, pois na visão de algumas participantes se assemelha a gestos ofensivos. (10)</p>
<p>Raissa: Aí é a alegria de ir pra rua todo dia. (11)</p>	<p>A catadora fotógrafa diz que a imagem se traduz em alegria por poder trabalhar na rua catando recicláveis. (11)</p>
<p>Raissa: Aí é a hora que as gordelícia come e fica depois morrendo tudo, e não quer ir mais trabalhar. Aurora: Uma dano coragem pra outra. Laila: Uma dano coragem pra outra (risos). Aurora: Vai fulano, levanta! Não deixa eu deita mais um poquinho... Raissa: Eu fico “vâmo gente trabaiá”, elas deita... “Vamo gente, os catador vão pegá tudo”. Não Raissa... Nós tá tudo cansada... Come, come, depois num</p>	<p>A fotografia da participante apresenta o descanso após o lanche, momento que as catadoras chegam a deitar até mesmo no chão. A fotógrafa, também coordenadora, resalta em tom de brincadeira que nestes momentos chama as participantes para trabalhar, mas que não recebe muita atenção do grupo que quer descansar. Uma das catadoras ressaltou que todas já haviam catado grande parte do reciclável neste dia. (12)</p>

<p>guenta trabaiá. Laís: Não... mas aí a gente já tinha feito metade das rua. Raissa: Essa foto aí é a coordenadora falando, vamo gente, vamo trabaiá, e tá todo mundo deitado! A coordenadora fala, fala e ninguém escuta. A Laís tá até roncando lá atrás. (12)</p>	
<p>Raissa: Ah lá ó! Ó fragrante! Tá vendo, só come coisa natural! Jasmim: E a coca?! E a coca?! Conrado: É tudo cliente da Neuza que traz os salgados. Ela leva o salgado aonde o grupo tá e ainda segura o pagamento pro mês seguinte! Aurora: Isso que é ativo. Laís: E divide ainda! (13)</p>	<p>A fotógrafa ressalta com a imagem o alimento que normalmente é consumido pelas participantes, um salgado frito com refrigerante. Na conversa dizem que são clientes de uma vendedora de salgados que até mesmo parcela o pagamento. (13)</p>
<p>Samantha Guerra: A farça deitada aí ó. (14)</p>	<p>Uma das participantes da roda ao ver uma catadora que se ausentou do grupo, a discrimina. (14)</p>
<p>Aurora: Momento da preguiça. Acabo de come, dá preguiça. Raissa: Aí é as gulosa que compra sargado, depois num sabe trabaiá porque pesa. Aurora: Mando bem aí ó, anota aí! Paulina: Onde é isso aí, é numa escola? Raissa: Num sei onde nós tá aí não. Num lembro não. Paulina: Ah! Alí perto do Vitor (escola estadual Vitor Lacorte) Samantha Guerra: deito, deito e, só no salgadinho. Paulina: Ah! Lá mesmo onde a gente comprou um salgadinho. No Vitão alí. (15)</p>	<p>Ao observar a rua presente na fotografia, as participantes logo se rememoram onde estão, pois reconhecem os lugares que passam no cotidiano. A imagem apresenta o grupo sentado descansando ainda durante a catação comendo salgados fritos. (15)</p>
<p>Raissa: É salgado, momento do lanchinho. É... e que tão tirando também o nosso, porque num é pra ficar parado. Conrado: Sério? Paulina: É, num pode mais, tem que passa fome na rua. Aurora: Por que a gente tá levando lanchinho de reserva (se referindo ao lanche que levei para comermos juntos) Raquel: Por isso que eles ficaro olhando a hora que eu e Maria vai comê bolacha</p>	<p>Há uma preocupação no grupo com as vistorias que a coordenação da cooperativa tem realizado nas ruas, abordando as próprias catadoras para averiguar se estão separando latinhas para vender independentemente. Junto a isto, há uma intenção de proibir também as paradas para lanche durante a catação. Causas que tem provocado uma reivindicação latente no grupo pelo auxílio alimentação, pois não lhes é dado refeição alguma durante o trabalho,</p>

<p>(a coordenação).</p> <p>Samantha Guerra: E hoje ele vai ficar olhando a Samantha Guerra comendo sanduíche na praça!</p> <p>Raquel: A coordenação...</p> <p>Aurora: Nunca dero lanchinho, agora que a gente tá comendo, tem que parar de comer.</p> <p>Paulina: Conrado, cê que é parça deles, conversa lá mano, fala que precisa dos lanchinho das menina.</p> <p>Laís: E fala pra eles que a gente não cata latinha não. Eles que pega nós com a latinha... (16)</p>	<p>fazendo com que o grupo tenha de arcar com esta necessidade, além do auxílio transporte, tendo em vista que a maioria delas mora na periferia do município. Como as catadoras acreditam que eu tenha acesso à coordenadoria, por ser pesquisador, uma das participantes solicita minha intervenção para que haja pelo menos o lanche para o grupo. (16)</p>
<p>Raissa: Aí é eu apresentando as bichopreguiça.</p> <p>Conrado: Tá dando pra ver aí pessoal? (vozes: sim!)</p> <p>Paulina: Num tá dando pra ver eu, coisa preta cara.</p> <p>Aurora: Eu sumi! (17)</p>	<p>A fotógrafa diz que sua fotografia <i>selfie</i> com as demais catadoras, apresenta o grupo em momento de descanso, e de maneira irônica as chama de bichopreguiça. Junto a isto, outras participantes, satirizam suas presenças na fotografia por motivo da coloração das peles. (17)</p>
<p>Jasmim: É nossa coleta.</p> <p>Paulina: Nosso EcoPonto. (18)</p>	<p>A participante se refere ao espaço que estão como local da coleta, a nossa coleta, referindo-se ao espaço coletivo, que também dá unidade ao grupo. (18)</p>
<p>Jasmim: Até o povo ajuda na coleta. Muitos tem respeito pela coleta e pela coleta somente, contribuindo com a coleta. (19)</p>	<p>A catadora relata em sua fotografia, o respeito que muitas pessoas têm sobre os materiais recicláveis, mas que muitas vezes esta atitude, não abrange o respeito aos próprios catadores, restringindo a atenção apenas aos materiais. (19)</p>
<p>Jasmim: Coleta é tudo, né? Ajudando ao nosso ganha pão. (20)</p>	<p>A catadora fotógrafa diz que a coleta é muita coisa em sua vida, pois provê o sustento diário. (20)</p>
<p>Margarida: Ah, eu achei bonita a imagem.</p> <p>Conrado: Ficou realmente, tem o movimento do sol.</p> <p>Raquel: Mas quem que tá ali na frente?</p> <p>Conrado: É a senhora!</p> <p>Raquel: Ah meu Deus!</p> <p>Margarida: É você! (21)</p>	<p>A participante diz que sua fotografia ficou bonita, pois se agradou dela. Outra catadora que está na fotografia, se sente evidenciada entre o grupo através da imagem. (21)</p>
<p>Conrado: Você lembra das suas fotos Margarida?</p> <p>Margarida: Mais ou menos, esta daí também é bonita.</p>	<p>A catadora fotógrafa ressalta em poucas palavras que gostou da imagem, dizendo que esta possui beleza. (22)</p>

Conrado: E além da beleza, tem algo a dizer? Margarida: Ah, que é bonita, que eu gostei também. (22)	
Margarida: É bonita também, é legal. Conrado: Muito boa mesmo. Margarida: Gostei! (23)	A catadora gostou de sua foto, dizendo que está legal a imagem. (23)

ANEXO I - Parecer consubstanciado do CEP

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Catação fotográfica: Experiência estética de coletoras/es de materiais recicláveis cooperadas/os

Pesquisador: CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64748417.7.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.020.899

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "Catação fotográfica: Experiência estética de coletoras/es de materiais recicláveis cooperadas/os" foi contextualizado em revisão bibliográfica, demonstrando sua relevância científica para sociedade.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador esclarece no TCLE que o objetivo principal é "compreender quais as contribuições da prática da fotografia entre um grupo de catadoras/es de materiais recicláveis cooperados/as, através da criação de fotos, bem como a apreciação e contextualização de fotografias em roda de conversa. Com isto, busca-se desvelar que processos educativos são desencadeados pelo grupo, ao criar e compartilhar imagens, em sentido de autoria e planejamento de seus destinos, organizados em prática social solidária. Identificar também, que ações realizadas de modo intersubjetivo, apresentam dimensões de transformação de mundo."

Assim, o objetivo da pesquisa foi apresentado no TCLE e no projeto de pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, o pesquisador aponta que "Embora a entrevista e roda de conversa seja

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 2.020.899

realizada da forma mais amena possível poderá gerar constrangimento (timidez, vergonha, nervosismo) e desconforto (dor de cabeça, tensão nervosa, choro, angústia, tristeza, estresse), uma vez que ao compartilhar informações pessoais e confidenciais através das imagens, você terá que expor sua vida profissional e pessoal. Para minimizar os riscos, o pesquisador declara total compromisso e respeito aos participantes, respeito aos cuidados éticos deste termo de consentimento, e para sigilo dos participantes e de suas identidades, em todo registro da pesquisa serão utilizados nomes fictícios de preferência e escolha das/os participantes. É interessante reforçar que a/o participante poderá retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa".

No que se refere aos benefícios, o pesquisador informa que "serão ensinadas algumas técnicas sobre composição fotográfica e a roda de conversa poderá contribuir para o bem estar e organização do grupo, bem como promover momento de reflexão sobre a atividade de catação realizada de modo cooperado. As imagens poderão ainda, impactar de forma positiva a valorização e o reconhecimento social da prática da coleta seletiva solidária por catadoras/es cooperadas/os e o movimento social que realizam, e contará com a devolutiva do pesquisador dos resultados obtidos, por meio do envio, em um arquivo digital, do trabalho final até o mês de fevereiro de 2018."

Assim, os riscos mínimos foram apresentados e os benefícios citados no TCLe e no projeto de pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os documentos anexados e TCLe atendem às recomendações da Resolução 466/2012.

Cabe ressaltar que o pesquisador esclareceu pendências sobre o uso da imagem dos participantes, no TCLe, tais como:

"8. Destaco que todas as imagens produzidas são de direito particular seu, para isso serão todas numeradas em arquivo digital e devolvidas por meio de mídia, gravadas em um CD ao fim da pesquisa, ou em momento anterior que as queira em mãos.

9. Todo o direito intelectual sobre as imagens fotográficas criadas, são de direito de seus autores. Para tanto, você autoriza sem ônus ou prejuízo, o uso de sua própria imagem e das fotografias obtidas nesta pesquisa, para publicação, difusão e exposição em diferentes meios de comunicação. Assim como, a divulgação em meio acadêmico-científicos e culturais, podendo ser

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 2.020.899

divulgadas em congressos, simpósios, palestras e congêneres.

10. Notifico, afirmando seu consentimento, que para desenvolvimento desta pesquisa, todos os dados obtidos, assim como as imagens fotográficas e registros audiovisuais, notas de campo e entrevistas, serão utilizados nos relatórios periódicos do projeto.

11. Para a preservação da imagem e identidade de transeuntes, que possam estar presentes nas fotografias obtidas, serão modificados através de recursos de edição de imagem o semblante destes (um borrão será feito), de modo que não seja possível sua identificação."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE e demais anexos contemplam as sugestões apontadas na 1a submissão ao CEP e, portanto, atendem às orientações dadas pela Resolução 466/2012.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa apresentou os documentos exigidos e outros que esclareceram as dúvidas feitas na 1a submissão.

Esses documentos contemplam as orientações dadas pela Resolução 466/2012.

Considerado aprovado por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_857307.pdf	20/03/2017 17:07:30		Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencias.pdf	20/03/2017 17:06:41	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.pdf	20/03/2017 17:04:47	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 2.020.899

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.pdf	20/03/2017 17:04:08	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa.pdf	03/02/2017 11:11:07	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_Instituicao.pdf	03/02/2017 11:08:26	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada_Projeto_Plataforma_Br.pdf	03/02/2017 11:05:18	CONRADO MARQUES DA SILVA DE CHECCHI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 18 de Abril de 2017

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO II – Exposições fotográficas

Festa do Trabalhador de Araraquara, dia 1º de Maio 2017, praça Scalamandré Sobrinho - em frente ao estádio municipal do time de futebol Ferroviária:



Encontro da Rede Anástácia de Cooperativas de Catadores/as – integra
Catadores/as de 11 municípios de São Paulo - dia 26 de outubro de 2017, no Centro de
convenções internacional de Araraquara Dr. Nelson Barbieri:

